UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

TATIANE CRISTINA BECHER

ANACAONA –
RESILIÊNCIA FEMININA À OCUPAÇÃO EUROPEIA NO CARIBE:
RESSIGNIFICAÇÕES DA ATUAÇÃO AUTÓCTONE FEMININA NA COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

CASCAVEL – PR
2025

TATIANE CRISTINA BECHER

ANACAONA –
RESILIÊNCIA FEMININA À OCUPAÇÃO EUROPEIA NO CARIBE:
RESSIGNIFICAÇÕES DA ATUAÇÃO AUTÓCTONE FEMININA NA COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e à Universidade de Vigo – em convênio de cotutela – como requisito à obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade, pela Unioeste/Cascavel-PR-Brasil, e ao Programa de Doutorado em Estudos Literários da Faculdade de Filologia e Tradução, pela UVigo/Vigo-Espanha.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Coorientador: Prof. Dr. Burghard Baltrusch

CASCAVEL – PR
2025

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Becher, Tatiane Cristina
Anacaona - resiliência feminina à ocupação europeia no Caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina / Tatiane Cristina Becher; orientador Gilmei Francisco Fleck; coorientador Burghard Baltrusch. -- Cascavel, 2025.
382 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Ressignificações do passado. 2. Literatura Comparada. 3. Anacaona. 4. Colonização da América. I. Fleck, Gilmei Francisco, orient. II. Baltrusch, Burghard, coorient. III. Título.

TATIANE CRISTINA BECHER

Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no Caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
GILMEI FRANCISCO FLECK
Data: 03/02/2025 11:14:20-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientador(a) - Gilmei Francisco Fleck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

BALTRUSCH BURGHARD - X2106667M
Assinado de forma digital por BALTRUSCH BURGHARD - X2106667M
Dados: 2025.02.07 17:00:22 +01'00'

Coorientador - Burghard Baltrusch

Universidade de Vigo (UVIGO)

Documento assinado digitalmente
CLARICE CRISTINA CORBARI
Data: 07/02/2025 09:44:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Clarice Cristina Corbari

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
PHELIPE DE LIMA CERDEIRA
Data: 06/02/2025 21:35:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Phelipe de Lima Cerdeira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Documento assinado digitalmente
LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS
Data: 06/02/2025 19:57:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Liliane Lemos Santana Barreiros

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Documento assinado digitalmente
LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA
Data: 06/02/2025 20:09:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Luiza Helena Oliveira da Silva

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Documento assinado digitalmente
MARIA DA PENHA CASADO ALVES
Data: 05/02/2025 09:39:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Maria da Penha Casado Alves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Documento assinado digitalmente
CRISTIAN JAVIER LOPEZ
Data: 06/02/2025 20:30:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Cristian Javier Lopez

Universidade de Pernambuco (UPE)

Cascavel, 7 de fevereiro de 2025

A todas as mulheres que, assim como Anacaona, foram silenciadas em suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Aos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil e da UVigo/Vigo-Espanha.

À CAPES, pela bolsa de doutorado e, também, à bolsa especial de doutorado sanduíche na UVigo/Vigo-Espanha.

À banca de Qualificação, pela disposição e contribuições essenciais à tese.

Ao meu orientador, Gilmei Francisco Fleck, quem me ajudou e me ensinou tanto ao longo destes anos e me possibilitou conhecer, crescer e aprender com as ressignificações da história de Anacaona e da América Latina.

Aos meus coorientadores da UVigo/Vigo-Espanha, Burghard Baltrusch e Iolanda Galanes Santos, pelo acolhimento, ensinamentos e vivências nas tramas da filologia e da hermenêutica, e por nos terem oportunizado a experiência de estudos na UVigo.

A todas/todos as/os professoras/professores que me motivaram a seguir a carreira acadêmica e docente.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, por me acolherem e me apoiarem durante este doutorado.

À minha família e amigas/amigos, pelo apoio e compreensão ao longo de mais uma jornada acadêmica e por iluminarem minha vida.

À minha psicóloga, Camila Colombo, pelo apoio terapêutico nos últimos 10 anos, que também foi crucial para que eu alcançasse mais este objetivo.

À minha sócia e amiga Quézia e à nossa equipe Espanglesas, pelo apoio e por tantos momentos de alegria, aprendizado e parceria, pois a ajuda de vocês significou muito neste percurso.

A todas as minhas alunas e alunos, pela compreensão em todas as vezes em que precisei me ausentar, por alegrarem os meus dias e me encherem de orgulho.

History, despite its wrenching pain, cannot be unlived, but if faced with courage, need not be lived again.

(Maya Angelou, 1993).

BECHER, Tatiane Cristina. *Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no caribe*: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina. 382f. Tese. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel - UVigo/Vigo-Espanha, 2025.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck e Coorientador: Prof. Dr. Burghard Baltrusch

RESUMO

Os estudos contemporâneos sobre romances históricos voltam-se às ressignificações literárias de figuras e cenários enunciados em discursos historiográficos tradicionais. Muitos deles estão sendo produzidos no contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", vinculado ao PPGL-Unioeste/Cascavel-PR, espaço no qual esta pesquisa está inserida, em cotutela com a UVigo/Vigo-Espanha. Assim, nesta tese, procuramos comprovar que as ressignificações ficcionais da figura de Anacaona, cacica taína da ilha de Guanahaní (batizada por Colombo como *La Española*, em 1492), refletem a atuação dessa autóctone como figura feminina de empoderamento e enfrentamento perante a colonização e a exploração hispânica em território americano. Para tanto, estabelecemos aproximações e divergências entre fontes históricas – produzidas por europeus à época dos acontecimentos – e as narrativas híbridas de história e ficção que trazem à luz a figura dessa autóctone. Nosso objetivo é o de evidenciar como a atuação de resistência dessa líder foi manipulada em registros historiográficos, escritos sob uma perspectiva hegemônica europeia. Partimos das constatações de que os registros históricos sobre a "conquista" da América são território exclusivo da discursividade masculina europeia, excluindo-se, assim, ao máximo, a relevância das mulheres, ainda mais daquelas autóctones resilientes – sendo a literatura um espaço de ressignificações a tais personagens. As narrativas híbridas que dão protagonismos à Anacaona são: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana; *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla; *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Por outro lado, temos o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), de Cristóvão Colombo, *De Orbo Novo* ([1530] 1912), de Pietro Martire d'Anghiera, e *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), de Frei Bartolomeu de Las Casas. Esses são alguns dos registros de sujeitos que participaram dos eventos históricos que apresentam a atuação de Anacaona. Amparamo-nos em pressupostos de autores como Le Goff (1978) e Burke (1992), sobre a nova história; Carvalhal (2006), Coutinho (2004) e Nitrini (2000), no que concerne à literatura comparada; Aínsa (1991), Hutcheon (1991), Menton (1993), Weinhardt (1994), Fernández Prieto (2003), Fleck (2007; 2017), Márquez Rodríguez (1991) e Esteves (2007, 2010), sobre o romance histórico; Candido (2007), Rosenfeld (2007), Brait (1985) e Genette (2007), no que diz respeito à configuração da personagem ficcional e à análise da diegese. Nosso estudo revela que a atuação de Anacaona foi minimizada na documentação produzida pelos colonizadores que não registraram a dimensão da resiliência dessa mulher frente ao poderio colonizador, e que a literatura contemporânea tem sido responsável pela revitalização das imagens dessa guerreira. Essa arte é um meio profícuo de ampliação de horizontes sobre o passado de subjugação dos povos latino-americanos, um caminho à descolonização.
PALAVRAS-CHAVE: Ressignificações do passado; Literatura Comparada; Anacaona; Colonização da América; Romance histórico contemporâneo de mediação.

BECHER, Tatiane Cristina. **Anacaona – female resilience towards European occupation in the Caribbean:** resignifications of the autochthonous female acts in the colonization of Latin America. 382pp. Thesis. (PhD in Languages/Literature). State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel - UVigo/Vigo-Espanha, 2025. Tutor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck, and Cotutor: Prof. Dr. Burghard Baltrusch

ABSTRACT

Current studies on historical novels focus on the literary resignifications of figures and scenarios mentioned in traditional historiographical discourses. Many of them are being produced in the context of the Research Group “Remeanings of the past in America: reading, writing, and translation of history and fiction hybrid genres – approaches to decolonization”, associated with the Languages and Literature post-graduation program (PPGL) -Unioeste/Cascavel-PR, space in which this research is inserted, in co-supervision with UVigo/Vigo-Spain. Thus, in this thesis, we seek to prove that the fictional resignifications of the figure of Anacaona, a Taíno chief from the island of Guanahaní (named by Columbus as *La Española*, in 1492), reflect the actions of this native as a female figure of empowerment and confrontation in the face of colonization and Hispanic exploration in American territory. To this end, we establish approximations and divergences between historical sources – produced by Europeans at the time of the events – and the hybrid narratives of history and fiction that bring to light the figure of this native. Our objective is to highlight how this leader's resistance actions were manipulated in historiographic records, written from a European hegemonic perspective. We start from the findings that historical records about the “conquest” of America are the exclusive territory of European male discursivity, thus excluding, as much as possible, the relevance of women, especially resilient autochthones – with literature being a space for the rereadings of such characters. The hybrid narratives that give prominence to Anacaona are: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), by Francisco José Orellana; *Anacaona y las tormentas* (1994), by Luis Dario Bernal Pinilla; Anacaona, golden flower (2015), by Edwidge Danticat; *Anacaona: the last princess of the Caribbean* (2017), by Jordi Díez Rojas. Additionally, we have the *Journal* (1492-1493) and the *Letters* (1493-1495), by Christopher Columbus, *Decades of the New World* ([1530] 1912), by Peter Martyr Anghiera, and *A short account of the destruction of the Indies* ([1552] 2011), by Fray Bartolomé de Las Casas. These are some of the records of subjects who participated in the historical events that present Anacaona’s actions. We rely on assumptions from authors such as Le Goff (1978) and Burke (1992), about the new history; Carvalhal (2006), Coutinho (2004) and Nitrini (2000), regarding comparative literature; Aínsa (1991), Hutcheon (1991), Menton (1993), Weinhardt (1994), Fernández Prieto (2003), Fleck (2007; 2017), Márquez Rodríguez (1991) and Esteves (2007; 2010), about the historical novel; Candido (2007), Rosenfeld (2007), Brait (1985) and Genette (2007), about the configuration of the fictional character and the analysis of the diegesis. Our study reveals that Anacaona's role was minimized in the documentation produced by colonizers who did not record the extent of this woman's resilience in the face of colonizing power and that contemporary literature has been responsible for revitalizing the images of this warrior. This art is a fruitful means of expanding horizons on the past subjugation of Latin American peoples, a path to decolonization.

KEYWORDS: Resignifications of the past; Comparative Literature; Anacaona; Colonization of America; Contemporary historical romance of mediation.

BECHER, Tatiane Cristina. **Anacaona – resiliencia femenina a la ocupación europea en el Caribe:** resignificaciones de la actuación femenina autóctona en la colonización de América Latina. 382p. Tesis. (Doctorado en Letras). Universidad Estatal del Oeste de Paraná – UNIOESTE, Cascavel/UVigo/Vigo-Espanha, 2025.
Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck y Co-director: Prof. Dr. Burghard Baltrusch

RESUMEN

Los estudios actuales sobre la novela histórica se centran en las resignificaciones literarias de figuras y escenarios mencionados en los discursos historiográficos tradicionales. Muchos de ellos están siendo producidos en el contexto del Grupo de Investigación "Resignificaciones del pasado en América: procesos de lectura, escritura y traducción de géneros híbridos de historia y ficción – caminos hacia la descolonización", vinculado al Programa de Posgrado en Letras (PPGL) – Unioeste/Cascavel-PR, espacio en el que se inserta esta investigación, en cotutela con UVigo/Vigo-Espanha. Así, en esta tesis buscamos demostrar que las resignificaciones ficticias de la figura de Anacaona, cacique taína de la isla de Guanahaní (bautizada por Colón como *La Española*, en 1492), reflejan la actuación de esta indígena como figura femenina de empoderamiento y confrontación frente a la colonización y exploración hispana en territorio americano. Para ello, establecemos similitudes y divergencias entre las fuentes históricas –producidas por europeos en el momento de los hechos – y las narrativas híbridas de historia y ficción que sacan la luz la figura de esta nativa. Nuestro objetivo es resaltar cómo las acciones de resistencia de esta líder fueron manipuladas en registros historiográficos, escritos desde una perspectiva hegemónica europea. Partimos de los hallazgos de que los registros históricos sobre la "conquista" de América son territorio exclusivo de la discursividad masculina europea, excluyendo así, en la medida de lo posible, la relevancia de las mujeres, más aún de las indígenas resilientes – siendo la literatura un espacio para resignificaciones a tales personajes. Las narrativas híbridas que dan protagonismo a Anacaona son: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Darío Bernal Pinilla; Anacaona, *flor dorada* (2015), por Edwidge Danticat; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Por otro lado, tenemos el *Diario* (1492-1493) y las *Cartas* (1493-1495), de Cristóbal Colón, *Décadas del nuevo mundo* ([1530] 1912), de Pedro Mártir de Anglería, y *Brevísima relación de la destruición de las Indias* ([1552] 2011), de Frei Bartolomé de Las Casas. Estos son algunos de los registros de sujetos que participaron en los hechos históricos que presentan las acciones de Anacaona. Nos basamos en supuestos de autores como Le Goff (1978) y Burke (1992), sobre la nueva historia; Carvalhal (2006), Coutinho (2004) y Nitrini (2000), sobre literatura comparada; Aínsa (1991), Hutcheon (1991), Menton (1993), Weinhardt (1994), Fernández Prieto (2003), Fleck (2007; 2017), Márquez Rodríguez (1991) y Esteves (2007, 2010), sobre la novela histórica; Candido (2007), Rosenfeld (2007), Brait (1985) y Genette (2007), en lo que respecta a la configuración del personaje de ficción y el análisis de la diégesis. Nuestro estudio revela que el papel de Anacaona fue minimizado en la documentación producida por los colonizadores que no registraron el alcance de la resiliencia de esta mujer frente al poder colonizador y que la literatura contemporánea se ha encargado de revitalizar las imágenes de esta guerrera. Este arte es un medio fructífero para ampliar horizontes sobre el pasado de sometimiento de los pueblos latinoamericanos, un camino hacia la descolonización.

PALABRAS-CLAVE: Resignificaciones del pasado; Literatura comparada; Anacaona; Colonización de América; Novela histórica contemporánea de mediación.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Trajetória do gênero romance histórico: do romantismo aos dias atuais, segundo Fleck (2017) 142

Quadro 2 – Produções romanescas sobre Cristóvão Colombo na Literatura Espanhola 166

Quadro 3 – Produções romanescas sobre Cristóvão Colombo na Literatura Hispano-americana e seus antecedentes sobre a “conquista” da América 171

Quadro 4 – Pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a “Poética do ‘descobrimento’” 174

Quadro 5 – Pesquisas sobre o estudo de romances históricos contemporâneos de mediação que se voltam à figura da mulher, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização” 179

Quadro 6 – Pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos que tratam da atuação da mulher na “conquista” e colonização da América 184

Quadro 7 – Romances históricos nos quais a cacica taína Anacaona é configurada como personagem de extração histórica 195

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14
1 AS PRIMEIRAS VISÕES DISCURSIVAS EUROPEIAS SOBRE A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA: ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIAS 32
1.1 DAS FONTES DA TRADIÇÃO ÀS POSSIBILIDADES PLURAIS DA NOVA HISTÓRIA: O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO E SUAS VERTENTES – EMBATES IDEOLÓGICOS E METODOLÓGICOS.....38
1.1.1 *O Diário de Bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo – o discurso da maravilha – e as *Cartas* de relação (1493-1495) da segunda viagem – o princípio dos conflitos: da euforia do "descobrimento" às agruras dos enfrentamentos 57
1.1.2 Pietro Martire d'Anghiera (1530) e Bartolomeu de Las Casas (1552): os discursos históricos sobre Anacaona.....95
1.2 A COLONIALIDADE, A DESCOLONIZAÇÃO E A DECOLONIALIDADE: ENFRENTAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE 114
1.2.1 A colonialidade imposta à América: aculturação e territorialização do espaço-imaginário 118
1.2.2 O processo de descolonização política: embates, enfrentamentos e negociações 124
1.2.3 A decolonialidade: resistências e enfrentamentos às reminiscências colonialistas na América Latina.....131
2 O ROMANCE HISTÓRICO: DIÁLOGOS ENTRE A TRADIÇÃO/COLONIALISTA E OS ENFRENTAMENTOS IDEOLÓGICOS/DESCONSTRUCIONISTAS RUMO À DECOLONIALIDADE 136
2.1 DA TRADIÇÃO ROMANESCA EXALTADORA DO PASSADO ÀS RESSIGNIFICAÇÕES CRÍTICAS DA CONTEMPORANEIDADE: AS FASES E MODALIDADES DO ROMANCE HISTÓRICO 140
2.1.1 História e literatura em seus paradigmas clássicos e tradicionais: a exaltação de heróis e suas ações.....144

2.1.2 Rupturas e enfrentamentos: do tradicionalismo às revisões discursivas – o caminho à mediação 159

3 ANACAONA – RESILIÊNCIA FEMININA À OCUPAÇÃO EUROPEIA NO CARIBE: RESSIGNIFICAÇÕES DA ATUAÇÃO AUTÓCTONE FEMININA NA COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA 183

3.1 REPRESENTAÇÕES DE ANACAONA NO UNIVERSO FICCIONAL IBEROAMERICANO: DA MEMÓRIA COLETIVA EXALTADORA DA "CONQUISTA" À RESILIÊNCIA DA DECOLONIALIDADE 193

3.1.1 *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana: enfrentamentos, desavenças e heroísmos na "conquista" da América 198

3.1.2 *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla: as batalhas da líder taína 257

3.1.3 *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat: uma releitura da história da Rainha Flor de Ouro 282

3.1.4 *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas: uma trajetória da princesa guerreira 298

3.2 ANACAONA: FIGURAÇÕES LITERÁRIAS DE RESILIÊNCIA FEMININA – AS OUTRAS FACES DA MULHER NA "CONQUISTA" DA AMÉRICA 342

CONSIDERAÇÕES FINAIS 358

REFERÊNCIAS 368

APÊNDICE A – Pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos contemporâneos de mediação 378

INTRODUÇÃO

Os estudos decoloniais, surgidos no âmbito dos países antes colonizados pela Espanha na América, têm ganhado relevância nas últimas décadas – a partir de teóricos como Enrique Dussel (1994), Aníbal Quijano (1992), Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (2007), Walter D. Mignolo (2007, 2017), Catherine Walsh (2009), entre outros –, em especial, pela revisitação e ressignificação de diversas problemáticas histórico-sociais instauradas nas ciências sociais latino-americanas. Isso acontece, com muita frequência, em relação ao que, outrora, fora estabelecido como historiografia tradicional, proveniente do discurso hegemônico europeu sobre a época conhecida como o "descobrimento" e a "conquista" da América.

Essa versão europeia da história da América, concebida como a "celebratória da modernidade – ou seja, a retórica da salvação e da novidade, baseada nas conquistas europeias durante o Renascimento" (Mignolo, 2017, p. 4) –, e produzida pelos "conquistadores" – entre cronistas, soldados, religiosos e aventureiros –, majoritariamente reconhecida como a versão oficializada, foi instituída, primeiramente, mediante os registros sobre os acontecimentos dos séculos XV e XVI, realizados pelos sujeitos detentores do poder da escrita. De maneira geral, os autores desses legados foram homens europeus que buscavam novas rotas e tratados de comércio com o Oriente, propulsionavam a conversão dos autóctones, ou se aventuravam em busca de tesouros movidos pelas novidades anunciadas sobre as terras "descobertas" além do Atlântico. Esses homens reportavam aos monarcas ou aos amigos conhecidos de seus reinos os frutos de suas expedições, de suas empresas catequizadoras e de suas aventuras em diferentes gêneros textuais correntes à época, entre eles cartas, tratados, crônicas, diários, relatos, requerimentos, petições, etc.

Há, no entanto, uma série de questões problemáticas sobre esse discurso histórico tradicional e seu caráter hegemônico, que se apoiou, restritamente, nesses materiais escritos pelos historiadores europeus da época da colonização e os considerou fontes autênticas, de forma que não se registrou a perspectiva daqueles que foram colonizados pelas potências europeias da época. Ocultavam-se, assim, nessas fontes, as vivências dos integrantes das nações originárias que se enfrentaram

com os invasores de suas terras. Na área da literatura, as narrativas híbridas de história e ficção ocupam-se desses questionamentos, ao mesmo tempo em que as pesquisas sobre o romance histórico, a partir de um viés decolonialista, trazem à luz essas obras híbridas e a maneira como nelas se faz uso de estratégias escriturais para ressignificar a história, fixada nas fontes materiais, e a identidade americana, por séculos impregnada da pretensa essência colonial da unidade e pureza. Tal estudo configura uma das células entre as mais produtivas e profícuas no contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da Unioeste/Cascavel-PR, como evidenciamos ao longo deste estudo. Essa equipe de trabalho e estudos já vem, ao longo de 10 anos, cultivando, também, relações internacionais com a UVigo-Vigo/Espanha, universidade europeia que albergou o pós-doutoramento em literatura comparada e tradução do líder do Grupo de Pesquisa, em 2014/2015. Este foi, gradativamente, da mesma forma, abrindo essas portas aos seus colegas e orientandos, como é o nosso caso, tanto na estadia de doutorado sanduíche na instituição galega, em 2024, quanto no processo de cotutela desta tese.

Os romances históricos críticos, que reconfiguram ou ressignificam personagens, acontecimentos e cenários já enunciados pelo discurso historiográfico tradicional rankeano, possibilitam diferentes visões e versões para os discursos da história hegemônica sob a qual o passado da América foi consignado. Isso ocorre na arte literária, por meio do cruzamento do discurso histórico e das premissas da ficção. Tais premissas buscam, hodiernamente, contemplar, também, a visão dos colonizados, explorados, escravizados e invisibilizados nas fontes consagradas pela historiografia tradicional de cunho eurocêntrico. Nesse sentido, a essência do romance histórico, independente da modalidade[1] à qual se vincula, constitui-se como

[1] Quando, nesta tese, utilizamos as taxionomias que se voltam à classificação dos romances históricos em diferentes modalidades, empregamos as lexias propostas por Fleck (2017), em detrimento de várias outras, também, disponíveis no âmbito da crítica e possíveis de serem empregadas nesse sentido. Nos estudos sobre a trajetória do romance histórico, elaborados por Fleck (2017), o crítico propõe dois grupos principais de romances históricos: o acrítico e o crítico; três fases: a acrítica, a crítica/desconstrucionista e a crítica/mediadora. Toda essa produção, o crítico organiza em 5 distintas modalidades de expressão do romance histórico: o romance histórico clássico scottiano, o romance histórico tradicional (inseridos na primeira fase), o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica (são expressões da segunda fase) e o romance histórico contemporâneo de mediação (que integra o conjunto dos romances híbridos da terceira fase). Neste estudo, valemo-nos dessas taxonomias de Fleck (2017) para nos referir às diferentes modalidades de expressão que o

uma narrativa artística híbrida de história e ficção que, como defende Milton (1992a, p. 183), "[...] não invade as dependências alheias. Antes, apresenta-se, muitas vezes, como um especial colaborador que, ao conferir dimensão simbólica à história, enseja novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações".

Assim, a primeira fase da trajetória do romance histórico tem início durante o romantismo europeu, com a obra *Waverley* (1814), e se consolida com o romance *Ivanhoé* (1819), ambos do escocês Walter Scott, pioneiro na amalgamação intencional de elementos ficcionais e históricos no romance. Desde seu surgimento, o romance histórico modificou-se, significativamente, ao longo de suas diferentes fases. Estudiosos como o uruguaio Fernando Aínsa (1991), a canadense Linda Hutcheon (1991), o estadunidense Seymour Menton (1993), os brasileiros Marilene Weinhardt (1994), Antônio Roberto Esteves (2010), Gilmei Francisco Fleck (2017), a espanhola Celia Fernández Prieto (2003), entre outros, têm colocado à disposição dos pesquisadores pressupostos teóricos que nos permitem acompanhar a trajetória dessas narrativas híbridas desde suas primeiras ocorrências, no romantismo europeu, até os nossos dias.

Fleck (2017) aponta, em seus estudos, para momentos distintos na trajetória das relações entre os discursos histórico e ficcional – períodos de união, separação e conciliação, com ressalvas –, sendo essas fases diferenciadas de acordo com o ambiente no qual nascem as possibilidades diversas de escrita híbrida de história e ficção, tais como epopeias, crônicas, relações, o romance histórico e suas transformações que, na atualidade, constituem modalidades diferentes. O autor estabelece três fases para expressões do romance histórico: a primeira, de caráter acrítico; a segunda, crítica/desconstrucionista; e a terceira, crítica/mediadora. Dentro dessas fases, podemos identificar cinco modalidades de produções híbridas: o romance histórico clássico scottiano, o romance histórico tradicional, o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica e o romance histórico contemporâneo de mediação.

Fleck (2017) classifica os romances pertencentes à primeira fase como romances acríticos, cujas produções alcançam os períodos literários do romantismo, do realismo e se estendem até a atualidade, no contexto do pós-*boom* latino-

gênero tem desenvolvido ao longo dos séculos. Tais conceitos são, ao longo deste texto, revisitados e, muitas vezes, esclarecidos.

americano. Nessa primeira fase, de acordo com Fleck (2017), encontram-se a modalidade do romance histórico clássico scottiano (cujo marco inicial deu-se com a obra *Waverley*, por Walter Scott, em 1814, e deixou de ser recorrente em meados do século XX) e a modalidade do romance histórico tradicional, que derivou da clássica após as primeiras décadas de seu surgimento (produzida desde o romantismo até os dias de hoje). Na América, segundo Fleck (2027), só temos um exemplar de romance histórico da modalidade clássica scottiana: *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay* (1840)[2], do estadunidense James Fenimore Cooper. Já na modalidade tradicional, Fleck (2017) menciona que há uma vasta produção que alcança o século XXI, como, por exemplo, o romance *A caravela dos insensatos: uma viagem pela renascença* (2006)[3], do brasileiro Paulo Novaes.

Na segunda fase da trajetória do romance histórico estabelecida por Fleck (2017), encontram-se as modalidades críticas/desconstrucionistas. Estas integram as obras experimentalistas decorrentes da nova narrativa latino-americana (1940), cujo auge ocorre no *boom* latino-americano (décadas de 1960 e 1970). Nesse contexto, temos as modalidades do novo romance histórico latino-americano, implementado em 1930, com a obra *Mi Simón Bolívar*[4], do colombiano Fernando Gonzáles Ochoa, e consolidado desde 1949, com *El reino de este mundo*[5], de Alejo Carpentier (essa

---

[2] A dissertação *O Colombo que nasceu na América: figurações do self made man na literatura estadunidense – o romantismo de J. F. Cooper em Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay (1840)* (2022), desenvolvida por Jorge Antônio Berndt, no contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", faz um paralelo entre as obras *Waveley* (1814), *Ivanhoé* (1819), ambas de Walter Scott, e *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay* (1840), de James F. Cooper, que evidencia o projeto nacionalista de Cooper – a construção da imagem do *self made man* – na adoção do modelo scottiano de romance histórico. Recomendamos a leitura desse texto. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6466. Acesso em: 27 set. 2023.

[3] Na obra *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*, Fleck (2017, p. 133-149) apresenta uma análise desse romance e destaca, nela, a ideologia colonialista e o discurso laudatório em relação às ações do "descobrimento" da América em produções que alcançam o século XXI.

[4] Essa obra foi *corpus* de estudo e análise da dissertação do pesquisador Hugo Eliecer Dorado Mendez, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. A pesquisa foi intitulada: *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção* (2021). Para aprofundamento do assunto, indicamos a leitura da pesquisa, que está disponível em: https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6101?show=full. Acesso em: 30 out. 2023. Esse estudo foi publicado, também, em formato de livro, com o título *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*, pela editora Pedro & João Editores, em 2022, e encontra-se disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2022/07/EBOOK_Nuestro-Bolivar.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

[5] Para conhecer melhor os impactos dessa obra como ruptura com as modalidades anteriores e como romance que consolida a segunda fase do gênero, recomendamos a leitura da dissertação *Revolução*

modalidade é produzida até os dias de hoje), e a metaficção historiográfica, modalidade de escrita híbrida considerada, por Fleck (2017), a mais radical e desconstrucionista do gênero (é, igualmente, escrita ainda atualmente). Exemplos de produção dessa modalidade, no contexto das escritas do novo romance histórico latino-americano em língua inglesa na América, é o romance *The Aztec chronicles: the true history of Christopher Columbus as narrated by Quilaztli of Texcoco* (1995)[6], de Joseph P. Sánchez; na literatura hispano-americana, destacam-se obras como *Perros del paraíso* (1983)[7], do argentino Abel Posse e *Cristóbal Nonato* (1987)[8], do mexicano Carlos Fuentes; e, no âmbito da literatura brasileira, Fleck (2021) destaca, nessa modalidade e dentro da temática do "descobrimento" e "conquista" da América, o romance *Terra Papagalli* (2000)[9], de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.

Haitiana: da história às perspectivas ficcionais – El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende, de Tatiane Tonet, defendida em 2018, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR. Tal estudo, assim como o nosso, está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". A dissertação encontra-se disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3677. Acesso em: 26 ago. 2024.

[6] As pesquisadoras Thiana Nunes Cella e Ana Maria Klock apresentam uma análise dessa obra, em seu artigo *A ressignificação do discurso histórico sobre Cristóvão Colombo sob a ótica de Joseph Sánchez em The aztec chronicles: the true history of Christopher Columbus, as narrated by Quilaztli of Texcoco (1995)*, publicado na Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS, v. 10, n. 19, p. 31 – 52, jan./jun. 2019. Disponível em: https://revistarascunhos.ufms.br/files/2020/01/Rascunhos_v_10_n_19.pdf. Acesso em: 26 ago. 2024.

[7] A dissertação *Ressignificações do passado na trilogia de Abel Posse (1978; 1983; 1992) – da crítica desconstrucionista do novo romance histórico ao romance histórico contemporâneo de mediação,* de Jucélia H. de Oliveira Pires, defendida na Unioeste/Cascavel, em 2021 – estudo realizado no contexto do Grupo de Pesquisa "ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" – é recomendada aos que buscam conhecer as especificidades dessa modalidade de romance histórico crítico/desconstrucionista. Estudo disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5403. Acesso em: 26 ago. 2024.

[8] Fleck e Estivil escrevem sobre os traços polifônicos, dialógicos e metaficcionais neste novo romance histórico de características metaficcionais, no artigo *Metaficção e polifonia: recursos narrativos presentes em Cristóbal Nonato (1987), de Carlos Fuentes*, publicado na Revista de Literatura, História e Memória, Cascavel/PR, v. 4, n. 4, 2008. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/1204/991. Acesso em: 26 ago. 2024.

[9] As obras *Terra Papagalli* (1997), de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, e *Meu Querido Canibal* (2010), de Antonio Torres, foram *corpus* de pesquisa e análise da tese intitulada *Escritas antropofágicas na América latina: releituras da história pela ficção* (2017), defendida pelo pesquisador Bernardo Antonio Gasparotto, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, com a orientação do Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. A pesquisa está disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3497. Acesso em: 26 ago. 2024.

Na mais desconstrucionista das escritas híbridas de história e ficção, a metaficção historiográfica, *The memoirs of Christopher Columbus* (1987)[10], do estadunidense Stephen Marlowe, é representativa das escritas em língua inglesa; no âmbito hispano-americano, a obra *Vigilia del Almirante*[11] (1992), de Augusto Roa Bastos, que, do mesmo modo que a obra de Marlowe (1987), ressignifica os eventos do "descobrimento" da América e sua personagem principal – Cristóvão Colombo –, é destaque nessa modalidade; e, na literatura brasileira, contamos com *Meu Querido Canibal* (2010)[12], de Antônio Torres, que apresenta inusitadas versões da "conquista" das terras brasileiras na disputa entre franceses, portugueses e habitantes originários na "Confederação dos Tamoios" (1554-1567).

A terceira fase, crítica/mediadora, engloba a produção do romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade cuja denominação foi cunhada por Fleck (2007; 2017). De acordo com o pesquisador, ela surgiu na década de 1980, em decorrência dos enfrentamentos do pós-*boom* em relação à complexidade das produções do *boom*[13]. Na América anglo-saxônica, no contexto da temática do "descobrimento" e "conquista" da América, os estudos de Fleck (2017; 2021)

---

[10] Essa obra, considerada por Fleck (2017) como uma "metaficção historiográfica plena", compõe o *corpus* de análise de sua tese: *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas* (2008), defendida na UNESP/Assis-SP, Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/103668. Acesso em: 26 ago. 2024. Sua análise desse romance integra também a obra *Imagens escriturais de Cristóvão Colombo*: *um oceano entre nós – vozes das diferentes margens* (2021). Disponível para leitura e consulta em: https://www.editoranavegando.com/imagens-escriturais. Acesso em: 26 ago. 2024.

[11] Recomendamos a leitura da dissertação *Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: uma leitura de Vigilia del Almirante (1992) e Carta del fin mundo (1998)*, de Bernardo Antônio Gasparotto, defendida em 2011, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR, a qual evidencia a importância dessa metaficção historiográfica, como via de mudanças significativas nas perspectivas sob as quais a temática do "descobrimento" da América era apresentada, para as literaturas hispânicas. Esse estudo, assim como o nosso, está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". A dissertação encontra-se disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501. Acesso em: 26 ago. 2024.

[12] Este romance, como mencionamos antes, integra o *corpus* de estudo de doutorado de Bernardo Antônio Gasparotto, disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3497. Acesso em: 26 ago. 2024.

[13] Para uma compreensão mais ampla sobre a passagem do *boom* para o pós-*boom* e a inserção do gênero romance histórico nesse contexto de transição e as necessárias adequações no gênero, recomendamos a leitura da tese *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*, de Ana Maria Klock, defendida em 2021, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR. A mencionada tese está disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661. Acesso em: 26 ago. 2024. Esse estudo, assim como o nosso, está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização".

destacam, nessa modalidade, a obra *The discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his wife's version* (1994)[14], da estadunidense Paula DiPerna; nas expressões da literatura brasileira, o autor destaca as obras *Desmundo* (1996)[15], de Ana Miranda, e *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas* (2001)[16], de Maria José Silveira. No contexto da literatura em língua espanhola da América, muitas são as obras contemporâneas que se vinculam às prerrogativas dessa modalidade do romance histórico e, entre elas, destacamos as que integram a maior parte do *corpus* de estudo de nossa tese, cujas análises procedemos ao longo deste texto.

Conforme define Fleck (2017), essa modalidade crítica/mediadora, que inaugura a terceira fase da trajetória do gênero, amalgama algumas características intrínsecas das escritas tradicionais – nesta tese, exemplificada pela obra *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana –, da primeira fase das escritas híbridas de história e ficção, e outras típicas de produções altamente críticas/desconstrucionistas, da segunda fase do gênero. Essa mediação origina uma releitura crítica do passado a partir de narrativas mais lineares e ancoradas na verossimilhança que as consagradas escritas experimentalistas do período do *boom* haviam abandonado. Isso ocorre porque, em sua tessitura, dispensa-se o tratamento de experimentalismo linguístico e estrutural, muito cultivado nos romances desconstrucionistas, para que se faça uso de visões centradas em personagens antes subjugadas ou excluídas dos relatos historiográficos, ou personagens metonímicas desses contingentes, em relatos lineares, construídos por meio de uma linguagem bastante acessível ao leitor comum.

---

[14] Kawashita e Fleck analisam esse romance, sob o paradigma do romance histórico contemporâneo de mediação, como uma das únicas narrativas de autoria feminina sobre a temática histórica de Cristóvão Colombo e a "Poética do 'Descobrimento'", no artigo *Outros olhares sobre o passado em The discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version (1994),* de Paula DiPerna*,* publicado na Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), São Luís, v. 4, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/233162090. Acesso em: 26 ago. 2024.

[15] A dissertação *A inserção da mulher europeia na "conquista" do "Novo Mundo" – perspectivas literárias* (2017), de Beatrice Uber*,* defendida na Unioeste/Cascavel-PR, no contexto das pesquisas realizadas no Grupo "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", inclui esse romance no *corpus* de análise. Estudo disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471. Acesso em: 26 ago. 2024.

[16] Na dissertação *Entre mulheres, uma história: um olhar literário à colonização brasileira em A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*[16], (2019), desenvolvida no contexto das pesquisas do Grupo "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", por Patrícia Oliveira, faz-se um estudo relevante dessa obra e se destaca, nela, as peculiaridades de romance histórico contemporâneo de mediação. Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690. Acesso em: 26 ago. 2024.

Na América Latina de meados do século XX, a escrita de romances históricos, inserida no âmbito da nova narrativa latino-americana, estabeleceu uma ruptura com relação aos seus modelos anteriores, conforme apontam estudiosos como Aínsa (1991), Menton (1993), Esteves (2007), Fernández Prieto (2003) e Fleck (2017). Desde a publicação do primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl*[17]*,* em 1826, esse gênero narrativo híbrido tem encontrado, no contexto latino-americano, realidades representativas de personagens históricas que foram subjugadas pelo discurso histórico hegemônico europeu. Isso possibilitou à literatura criar espaços para a manifestação dessas figuras ex-cêntricas – na concepção de Hutcheon (1991) –, excluídas ou silenciadas pelas narrativas hegemônicas da historiografia tradicional.

É nesse contexto que encontramos uma das poucas figuras históricas femininas representativas de liderança e enfrentamento perante a colonização europeia na América: a cacica taína chamada Anacaona, uma nativa aborígene que foi enforcada e teve grande parte de sua comunidade dizimada, em 1503, pelos exploradores espanhóis. O contingente de exploradores, praticamente, exterminou a população nativa da ilha de Guanahaní/"*La Española*", em expedições que garantiram o domínio desse território para a coroa espanhola durante o processo de colonização da América, iniciado em 1492, quando Cristóvão Colombo aportou nessa ilha, pela primeira vez, em sua tentativa pioneira de chegar às Índias pela via Oeste. A pesquisadora Catharina V. de Vallejo (2015) detalha que "*a la muerte de su hermano (suceso del que no se tiene detalles), Anacaona, ya cacica de Maguana por la muerte de Caonabo, también llega a ser cacica de Xaragua – otro gran evento de su vida, sin duda, aunque tampoco quedan fuentes documentales de ello*[18]" (Vallejo, 2015, p. 24).

Apresentamos, portanto, a hipótese de que a atuação de Anacaona, uma figura representativa de poder feminino e de resistência do povo taíno, foi subjugada e, muitas vezes, excluída, ou minimizada, pelos registros da história tradicional

[17] Obra de autoria anônima, escrita no México, publicada na Filadélfia, em 1826, e traduzida ao português do Brasil, pela primeira vez, por Gilmei Francisco Fleck, em 2020. Nela, narra-se o encontro e os enfrentamentos entre os conquistadores europeus – liderados por Hernán Cortés – e as civilizações americanas nativas – comandadas pelo jovem tlascalteca, Xicoténcatl, protagonista e herói do romance. Recomendamos, sobre essa temática, a leitura da dissertação de Leila Shaí Del Pozo Gonzáles (2017*): Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452. Acesso em: 9 out. 2024.

[18] Nossa tradução: Com a morte de seu irmão (fato sobre qual não temos detalhes), Anacaona, já chefe de Maguana pela morte de Caonabó, torna-se também chefe de Xaraguá – outro grande acontecimento de sua vida, sem dúvida, embora não haja fontes documentais sobre ele (Vallejo, 2015, p. 24).

rankeana, ao não ter sido representada nas fontes escriturais feitas à época como uma figura significativa de embate perante as condutas exploratórias dos navegantes hispânicos que chegaram à América em 1492. Nesta tese, procuramos revelar, pelo exame a algumas dessas fontes históricas e às releituras ficcionais dessas pelo romance histórico, em suas modalidades tradicional e contemporâneo de mediação, que as lutas, as resistências e os confrontos dos nativos frente às ações de subjugação e exploração dos colonizadores espanhóis deram-se, em primeira instância, pela reação, rebeldia e enfrentamentos bélicos liderados pelo cacique Caonabó – marido de Anacaona – e, em seguida, pela própria cacica taína Anacaona, da ilha de Guanahaní – batizada de "*La Española*", por Colombo, em 1492 e, mais tarde, território insular que acabou abrigando as atuais nações do Haiti e da República Dominicana.

Desse modo, evidenciamos, neste texto, como a atuação de resistência dessa líder foi manipulada nos registros historiográficos, escritos sob uma perspectiva hegemônica masculina europeia, a qual, frequentemente, subjugou ou excluiu a representatividade que a personagem teve no passado histórico da América. A literatura, por meio de narrativas híbridas de história e ficção, permite-nos revisitar esse passado e ressignificar a imagem e as ações de figuras históricas como a de Anacaona. Isso ocorre na arte literária a partir da eleição de diferentes perspectivas ficcionais que dão protagonismo à nativa taína que liderou, após o seu marido ser aprisionado e morrer, os enfrentamentos bélicos com os colonizadores espanhóis.

Tais atos de resistência custaram à líder nativa taína a própria vida, assim como, anteriormente, aconteceu com seu marido, o cacique Caonabó (também grafado, em diferentes documentos, como Cahonaboa/Caunaboa), a quem, mais tarde, substituiu no comando de seu povo e na revolta contra os invasores. Anacaona foi derrotada, em 1503, durante os enfrentamentos com os espanhóis, e enforcada como insurgente e rebelde, sem figurar nos anais da história da "conquista" da América com a devida representatividade, como personagem feminina resiliente, determinada a defender a soberania de sua ilha e a liberdade de seu povo, mesmo se, para isso, tivesse que lutar até a morte, como, de fato, o fez.

Dessa maneira, esta pesquisa volta-se ao processo histórico da "conquista" da América pela coroa espanhola e suas ressignificações pelo romance histórico, em especial, aos períodos da primeira e segunda viagens de Colombo ao nosso

continente – período entre 1492 e 1493 – quando se estabeleceram os primeiros contatos entre os espanhóis, liderados pelo marinheiro, e os habitantes nativos taínos da Ilha de Guanahaní. Volta-se, também, aos primeiros anos seguintes a esses eventos, quando ocorre a ocupação do território por tropas espanholas e ocorrem os primeiros enfrentamentos dessas tropas com as comunidades originárias, que lutam contra os invasores europeus para defender sua soberania.

Para tal recorte, estabelecemos algumas hipóteses. Entre elas, além da já explicitada, está a de que os romances históricos atribuem à literatura a capacidade de revisitar o passado, reestabelecer algumas alegorias, atribuir pontos de vista anteriormente inexistentes para um mesmo evento da história para, dessa forma, ressignificar aquilo que foi registrado pelos colonizadores sob os signos da “conquista” e da “vitória” frente à “barbárie” dos nativos americanos.

Do mesmo modo, cogitamos a hipótese de que, com relação à história da colonização da América, o novo romance histórico latino-americano, em especial, teve um papel fundamental nas ressignificações literárias de figuras históricas que fizeram parte do período conhecido como a colonização da América Latina. Entre elas, figuram sujeitos apagados nos registros oficiais, ou minimizados por suas ações incômodas ao poder estabelecido, como o caso de rebeldes, insurgentes, guerreiros dispostos a defender a posse de seus territórios, como o exemplo que aqui trazemos, da autóctone Anacaona, ou do líder nativo tlazcalteca Xicoténcatl – ficcionalizado no primeiro romance histórico latino-americano do ano de 1826 –, que se enfrentou com o grupo liderado por Hernán Cortés na luta pelo domínio do império asteca.

Nesse sentido, vemos como possível, também, a hipótese de que Anacaona tenha representado um símbolo feminino de poder e resistência que não poderia figurar nos registros oficiais, uma vez que estes apenas exaltavam os feitos dos “conquistadores”, homens brancos europeus que precisavam se impor a tudo e a todos e não poderiam ser desafiados, enfrentados e insubordinados por uma mulher. Isso pode ter ocorrido porque foi Anacaona quem liderou seu povo após a segunda viagem de retorno de Colombo à ilha, em 1493, após a execução de seu marido, Caonabó.

Esse fato deu-se por Caonabó ter sido considerado, por Colombo, o responsável pelo desaparecimento, ou morte, dos tripulantes da nau *Santa María*, e por ter ateado fogo ao assentamento espanhol “*La Navidad”*. Colombo havia deixado

esses tripulantes na ilha ao regressar à Espanha após a primeira viagem que fizera rumo às Índias Ocidentais, pois a sua embarcação – a *Santa María* – tinha naufragado e não havia espaço para todos na única caravela que ainda estava à disposição – já que uma delas, nesse momento, também estava desaparecida. Quando acontece, nos anos seguintes, a ocupação definitiva da ilha por tropas espanholas, é a cacica Anacaona quem lidera a revolta e os enfrentamentos dos nativos aos invasores.

E, por último, como hipótese, temos as afirmações de estudiosos da área da história e da ficção, como Beatriz Pastor (1983), Edmund O'Gorman (2012) e Celia Fernández Prieto (2003), as quais postulam que o discurso dos "conquistadores" espanhóis sobre os acontecimentos na América era manipulado para criar uma imagem edificante deles mesmos perante a monarquia espanhola.

Tal fato revela-se, entre outros modos, nas contraditórias modalizações da linguagem, em versões diferenciadas sobre os mesmos eventos e no apagamento da atuação dos autóctones em registros históricos, em especial naqueles sobre a personagem Anacaona e as circunstâncias de sua condenação – aspectos presentes e elucidados nas escritas oficializadas que abordamos neste estudo.

A nativa taína Anacaona figura como personagem de extração histórica nos seguintes romances históricos: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), escrito em língua espanhola, por Francisco José Orellana, proveniente de Granada, um município da Espanha; *Anacaona y las tormentas* (1994), escrito em língua espanhola, por Luis Dario Bernal Pinilla, autor colombiano; *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, autora haitiana, cujo romance está escrito em língua inglesa; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas, espanhol, residente na República Dominicana, cujo texto foi escrito em língua espanhola. Menções à Anacaona são feitas, também, em outros escritos literários, mas não com o potencial dessas obras híbridas que selecionamos como *corpus* de estudo desta tese.

Essas obras ficcionais, além do *Diário de Bordo* (1492-1493) de Colombo sobre sua primeira viagem e as *Cartas* (1493-1495) que informam sobre a sua segunda viagem, os escritos de Pietro Martire d'Anghiera, em *De Orbo Novo* ([1530] 1912) e a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), do Frei Bartolomeu de Las Casas, constituem o *corpus* de análise comparativa desta tese. Os últimos configuram-se como registros oficiais da história da colonização da América.

Eles foram incorporados ao nosso estudo por apresentarem a atuação de Anacaona sob distintas perspectivas, provenientes de sujeitos que participaram dos eventos históricos aos quais nos voltamos em nossas análises.

Diante disso, e com o intuito de viabilizar os argumentos desta pesquisa, algumas ações, como nossos objetivos gerais e específicos, foram planejadas e, entre elas, destacamos, como objetivo geral, analisar os registros históricos que mencionam a figura da líder nativa taína Anacaona em comparação às ressignificações ficcionais dessa personagem em obras romanescas que a representam como protagonista ou personagem histórica. Desse modo, procuramos estabelecer semelhanças e diferenças entre as narrativas históricas e ficcionais existentes sobre a autóctone, para, assim, demonstrar como sua figura é ressignificada na literatura e, também, para dar visibilidade a essa personagem feminina, figura representante da resistência perante a colonização europeia nas Américas, que permaneceu, por séculos, obscurecida, marginalizada, omitida pelo discurso historiográfico hegemônico eurocentrista e tradicional.

Estabelecemos, para tanto, alguns procedimentos e ações para nos auxiliarem na confirmação das hipóteses que sustentam nossa tese. Nosso primeiro objetivo específico consiste em comparar dados bibliográficos históricos que fazem menção à autóctone Anacaona e sua atuação como chefe de uma comunidade taína durante o período de estabelecimento das colônias espanholas na América, por meio de documentos como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* da segunda viagem à América (1493-1495), de Cristóvão Colombo, e escritos de outros historiadores da época, com o intuito de possibilitar posteriores cotejos entre essas menções históricas e as configurações literárias da personagem.

O segundo objetivo específico estabelecido em nosso estudo é compreender a trajetória do gênero romance histórico, em suas diferentes fases e modalidades e em paralelo com as transformações ocorridas no discurso historiográfico. Isso nos possibilita detectar as técnicas escriturais e as possíveis intenções de escrita nos textos aos quais nos voltamos nesta investigação.

Como terceiro objetivo específico, procuramos abordar os romances históricos que ficcionalizam a imagem de Anacaona na literatura adulta, por meio da leitura comparativa das obras que compõem nosso *corpus* literário e dos registros que fazem parte do nosso *corpus* de extração histórica. Temos, com isso, o intuito de revelar de

que maneira essas obras convergem ou divergem entre si na construção dessa personagem e de sua atuação como uma figura feminina de poder participante da história da América Latina.

Com relação à metodologia seguida nesta investigação, podemos classificá-la como uma pesquisa qualitativa interpretativista, pois trabalhamos com interpretações das ações sociais que nosso objeto de estudo envolve e com os possíveis significados atribuídos a essas ações na sociedade – como o processo de descolonização, ainda necessário, na América Latina e a atuação feminina na história latino-americana, com o cultivo do pensamento decolonial e suas possíveis ações frente à resistência colonialista, ainda remanescente nas sociedades latino-americanas.

Nossa pesquisa também se classifica como bibliográfica e documental, posicionando-nos de maneira ativa perante o *corpus* de análise. Apresentamos reflexões teóricas embasadas na intenção de buscar compreender e interpretar os fenômenos sociais inseridos no contexto do estudo. A base teórico-metodológica utilizada nesta investigação fundamenta-se nas teorias sobre o romance histórico, os preceitos da literatura comparada, a configuração da personagem ficcional, os preceitos da nova história e os estudos sobre a colonização, a colonialidade, a descolonização e a decolonialidade.

Sob uma perspectiva de embasamento com respeito às escritas da história, os pressupostos de Jacques Le Goff (1978), Carlo Ginzburg (1989), Peter Burke (1992) e Hayden White (2010) serão essenciais para o respaldo teórico sobre a nova história e a micro-história, pois nos revelam as atuais relações entre as correntes renovadoras da historiografia e a literatura crítica da América Latina. Para compreender como a perspectiva teórica desta investigação insere-se nos estudos da literatura comparada, baseamo-nos em autores como Sandra Nitrini (2000), Eduardo Coutinho (2004), Tânia Franco Carvalhal (2006), Zulma Palermo (2011), entre outros. Ainda que, nesta pesquisa, não nos dediquemos, diretamente, às teorias da crítica feminista, algumas teóricas oferecem-nos relevantes pressupostos no que concerne o papel da mulher na sociedade, como Potthast (2010), Federici (2017) e Vergès (2020). A autora Martínez Miguélez (1994) volta-se, especificamente, à imagem da mulher autóctone.

Com relação ao romance histórico e, também, de maneira mais específica, às modalidades do romance histórico tradicional, do novo romance histórico latino-americano e do romance histórico contemporâneo de mediação, encontramos

respaldo em autores como Fernando Aínsa (1991), Alexis Márquez Rodríguez (1991), Seymour Menton (1993), Marilene Weinhardt (1994), Celia Fernández Prieto (2003), Antônio Roberto Esteves (2007, 2010), Gilmei Francisco Fleck (2007; 2017; 2021), Leila Shaí Del Pozo Gonzáles (2017), dentre outros. Para compreender a configuração da personagem ficcional, baseamo-nos em autores como Antonio Candido (2007), Anatol Rosenfeld (2007), Beth Brait (1985) e Gérard Genette (2007).

O presente estudo insere-se no conjunto de ações do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" e na Linha de Pesquisa "Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados", vinculadas, também, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste. Esta pesquisa também está inserida no contexto do Programa de Doutoramento em Estudos Literários da Faculdade de Filologia e Tradução da Universidade de Vigo (UVigo), na Espanha, sob a cotutela do professor doutor Burghard Baltrusch, diretor do departamento de Filologia Galega e Latina da UVigo.

Esses espaços primam pelos estudos que buscam trazer à tona, na atualidade, aspectos literários que revisam os documentos históricos produzidos pelos "conquistadores" sobre os períodos do "descobrimento", "conquista" e colonização da América e revelam outras perspectivas do passado a partir das visões dos conquistados. Tais visões conduzem à – ainda necessária – descolonização mental, do imaginário e da formação identitária dos povos latino-americanos e ao pensamento decolonial, para, assim, valorizarem a constituição híbrida e mestiça dos povos americanos.

É nesse sentido que esta investigação se configura como uma contribuição auspiciosa aos estudos sobre o romance histórico latino-americano e as vias de descolonização que essa escrita híbrida enseja. Nesse contexto, as ressignificações ficcionais de Anacaona apresentam uma nova perspectiva da história da colonização hispânica na América, contando a trajetória de uma mulher nativa que foi enforcada e teve a maioria dos integrantes de sua comunidade executada pelos espanhóis. Este estudo justifica-se, portanto, pela importância de oportunizar espaço à voz dessa figura representativa de nossa história latino-americana, que esteve subjugada e, praticamente, ignorada até então, por uma visão eurocentrista que muito se refletiu, também, na literatura.

Para além disso, esta pesquisa justifica-se, ainda, pela escassa existência de outros estudos que evidenciem o apagamento das mulheres autóctones na história da América Latina perante a invasão espanhola. Nossa investigação propõe a reterritorialização do espaço imaginário das comunidades latino-americanas, para que um senso de identidade seja construído, e o fortalecimento de uma memória coletiva que considere as atitudes de resistências e os valores dos povos originários contra a colonização da América.

Para dar conta das intenções aqui expostas, esta tese encontra-se dividida em três seções principais. Na primeira delas, “As primeiras visões discursivas europeias sobre a colonização americana: enfrentamentos e resistências”, apresentamos o contexto histórico referente à Anacaona e sua comunidade taína e à chegada dos espanhóis na América, de forma a ressaltar a atuação autóctone feminina na história da colonização.

Desse modo, nesta primeira seção, aprofundamos a investigação bibliográfica, com uma revisitação aos pressupostos de Jacques Le Goff (1978), Peter Burke (1991, 1992), Hayden White (2010) e Fleck (2017), que se voltam à escrita da história como ciência e do romance histórico como gênero híbrido de história e ficção. A revisitação aos conceitos e às teorias está estruturada na subseção: 1.1. “Das fontes da tradição às possibilidades plurais da nova história: o discurso historiográfico e suas vertentes – embates ideológicos e metodológicos”. Esta, por sua vez – pela especificidade de cada tópico nela inserido – encontra-se organizada nos tópicos 1.1.1: “O *Diário de Bordo* (1492-1493) de Cristóvão Colombo – o discurso da maravilha – e as *Cartas* de relação (1493-1495) da segunda viagem – o princípio dos conflitos: da euforia do “descobrimento” às agruras dos enfrentamentos” e 1.1.2: “Pietro Martire d’Anghiera (1530) e Bartolomeu de Las Casas (1552): os discursos históricos sobre Anacaona”.

São nesses espaços de nosso texto que os pressupostos acima mencionados são postos em diálogo com o nosso *corpus* documental, por meio da leitura e da análise dos registros históricos que o integram – os escritos de historiadores que registraram a atuação hispânica na América durante o período da colonização, como Cristóvão Colombo, Pietro Martire d’Anghiera e Frei Bartolomeu de Las Casas, além de outras referências de estudiosos e historiadores que nos servem como suporte para análise. Elucidamos, a partir de tais registros, menções feitas à personagem, cuja

configuração buscamos analisar, atentando-nos às manipulações dos discursos verificadas em cada perspectiva apresentada.

Na sequência, ainda nessa primeira seção, apresentamos a subseção 1.2: “A colonialidade, a descolonização e a decolonialidade: enfrentamentos da contemporaneidade”. Nela, revisitamos os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade, nas escritas de Dussel (1994), Quijano (1992), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Mignolo (2007, 2017), Walsh (2009), Dorado Mendez e Fleck (2022). Essas, por sua vez, dialogam tanto com a escrita do discurso historiográfico como com a trajetória das escritas híbridas de história e ficção.

Na segunda seção, “O romance histórico: diálogos entre a tradição/colonialista e os enfrentamentos ideológicos/desconstrucionistas rumo à decolonialidade”, voltamo-nos à trajetória das fases e às diferentes modalidades do romance histórico, em diálogo com as transformações ocorridas ao longo dos séculos na escrita do discurso historiográfico, por meio das subseções 2.1: “Da tradição romanesca exaltadora do passado às ressignificações críticas da contemporaneidade: as fases e modalidades do romance histórico” e 2.2: “Relações entre os diferentes paradigmas históricos e as fases do romance histórico: os caminhos convergentes e divergentes”.

Essas reflexões auxiliam-nos na compreensão das diferentes fases e modalidades pelas quais o romance histórico passou, diretamente influenciadas pelas intenções de cada estilo e ferramentas de escrita – as quais provêm, também, entre outros aspectos, do contexto histórico-social em que cada autor estava inserido ao produzir esse gênero literário híbrido. Tal compreensão possibilita-nos, ainda, analisar, com maior clareza, as intenções de escrita das obras em que Anacaona figura como personagem da diegese.

Na terceira seção, intitulada “Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no Caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina”, apresentamos, em um primeiro momento, a subseção 3.1 – “Representações de Anacaona no universo ficcional ibero-americano: da memória coletiva à resiliência da decolonialidade”. Essa subseção, por incluir a diversidade do nosso *corpus*, encontra-se subdivida em tópicos que nos possibilitam tratar, de forma adequada e organizada, cada uma de nossas abordagens nesse momento da escrita do texto.

Dentro dessa mesma subseção 3.1, abordamos, em subdivisões organizadas na sequência do texto, nosso *corpus* formado de romances históricos para o público adulto. Apresentamos, assim, em um apartado específico para cada obra, as análises comparativas dos romances históricos que ficcionalizam a figura de Anacaona.

Nesse momento do texto, traçamos comparações com os registros históricos elucidados na primeira seção da tese – assim como os diálogos desse *corpus* com a teoria revisitada sobre o romance histórico, as vertentes da história e os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade. Essa ação é realizada com o intuito de confirmar nossa tese por meio das análises realizadas e das comparações estabelecidas. Dessa maneira, buscamos evidenciar a subjugação da atuação de Anacaona na historiografia tradicional, de cunho hegemônico e patriarcal, e elucidar a maneira como as literaturas hispânicas do século XIX, do XX e início do século XXI revisitam sua história e a de seus povos e ressignificam a imagem da América Latina no imaginário coletivo.

Aprofundamos, nesta parte da tese, nossa análise comparativa das obras: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, sobre a qual discorremos na subseção 3.1.1; *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla, cuja abordagem corresponde à subseção 3.1.2; *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, que compreende a subseção 3.1.3; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas, que tem sua análise efetuada na subseção 3.1.4.

Nesses momentos da escrita, nossas reflexões se voltam à compreensão do discurso ficcional que corrobora ou ressignifica o passado colonial hispano-americano por meio da configuração da personagem Anacaona. Desse modo, a cada um dos romances que compõem o nosso *corpus*, destinamos uma das subseções desta terceira seção de nosso texto.

Apresentamos, ainda, uma última subseção, a 3.2, cujo título é “Anacaona: figurações literárias de resiliência feminina – as outras faces da mulher na “conquista” da América”, na qual traçamos comparações entre as obras analisadas anteriormente e os documentos que fazem parte de nosso *corpus*, para revelar de que maneira diferentes obras colaboram ou diferem entre si na criação da imagem fictícia dessa autóctone em narrativas híbridas de história e ficção. Com isso, demonstramos os enfrentamentos ou a concatenação entre essas ficcionalizações e as teorias

decoloniais, tendo em vista a maneira como a diegese e as personagens dessas obras são construídas.

Esta pesquisa representa uma importante etapa para as possíveis ressignificações da autóctone Anacaona sob uma perspectiva descolonizadora e decolonial, ao trazer luz à sua representatividade como líder feminina para a formação da identidade latino-americana e ao disseminar sua importância na história de nosso continente para além do território do Haiti e da República Dominicana, locais em que o reconhecimento de sua figura sobrevive e onde Anacaona ainda é considerada "rainha de seu povo". Isso ocorre apesar de discursos conflitantes com sua história ainda persistirem em decorrência dessa historiografia tradicional, produzida sob um viés hegemônico, a qual aqui problematizamos a partir da figuração da personagem Anacaona, seja na historiografia, seja na arte literária.

Esperamos, com a realização desta pesquisa, do mesmo modo, aproximar a população leitora brasileira da história de resiliência dessa personagem histórica taína que lutou até à morte para defender a soberania do seu território e a liberdade de sua comunidade – do mesmo modo como ocorreu com o líder tlazcalteca, Xicoténcatl, no México, que se opôs, terminantemente, à invasão espanhola no império asteca; ou o nativo guarani, Sepé Tiaraju[19], com suas lutas em defesa de sua comunidade nativa Guarani, no Sul do Brasil – para que sua existência seja ressignificada e sua história, conhecida e valorizada pelo contingente resiliente da atualidade.

Consideramos essas como vias de descolonização possíveis às sociedades hodiernas da América Latina, que podem ser implementadas pelo conhecimento e pela leitura dos romances históricos críticos latino-americanos. Para isso, nossa tese está construída como um dos pilares dessa necessária transformação em nossas sociedades estratificadas e ainda com fortes reminiscências de colonialismo.

[19] A luta desse nativo brasileiro guarani é revisitada, de forma crítica/mediadora, no romance *Sepé Tiaraju: romance histórico dos sete povos das missões*, de Alcy Cheuiche (1984). Recomendamos a leitura dessa obra para os que se interessam pelas ações dos nativos no período da colonização. Cheuiche (1984) faz um primoroso processo de reconstrução das Missões Jesuítas do sul do Brasil, com ênfase nas reduções dos Sete Povos das Missões nas fronteiras com o Paraguai e o Uruguai.

1 AS PRIMEIRAS VISÕES DISCURSIVAS EUROPEIAS SOBRE A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA: ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIAS

Nesta primeira seção da tese, propomos, a princípio, uma aproximação ao nosso *corpus* documental, para dele extrairmos aqueles comentários que dizem respeito à época em que os fatos por nós revisitados aconteceram, ou seja, o final do século XV e início do XVI. É nesse tempo histórico que ocorre a viagem de Colombo rumo às Índias, via Oeste, cruzando o Atlântico, e ocorre, assim, o primeiro encontro entre sua tripulação e os habitantes da comunidade taína, no Caribe, bem como as consequências imediatas desse encontro nos anos seguintes. Nesse sentido, examinamos, brevemente, os pressupostos da história tradicional e as propostas atuais da nova história e suas relações com as fases e modalidades do romance histórico, a fim de estabelecer como as duas grandes áreas narrativas que se ocupam do passado têm registrado esses acontecimentos que marcaram o início da era moderna, ou da retórica da modernidade/civilidade, conforme defende Mignolo (2007a).

Rastreamos, nesta parte do texto, alguns dos registros mais importantes produzidos à época das primeiras relações entre a América e a Europa, considerados fontes da historiografia tradicional, em busca de informações, ou de vestígios, ao menos, sobre a existência e as atuações da nativa Anacaona. Tal intento pode nos revelar tanto a elucidação sobre o passado dessa autóctone taína, que se enfrentou com os colonizadores espanhóis, quanto a ignorância dos europeus sobre sua relevância, ou ainda, o intencional apagamento de sua figura nos registros feitos à posterioridade.

Conforme expressa Todorov (1996, p. 6), "[...] nenhuma [data] é mais indicada para marcar o início da era moderna do que o ano de 1492, o ano em que Colombo atravessa o Oceano Atlântico". A ideia de "modernidade" é derivada dessa narrativa europeia que ressalta conquistas nacionais como a do "descobrimento" da América por Colombo. Mignolo (2017)[20], porém, considera esse um conceito complexo, uma vez que o ponto de origem para a definição desse marco na história é originário da

[20] Artigo publicado em 2017, na Revista Brasileira De Ciências Sociais, v. 32, n. 94, que apresenta a introdução da obra *The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options* (Mignolo, 2011), traduzida por Marco Oliveira. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 ago. 2024.

própria Europa, com a pretensão de celebrar as conquistas das sociedades ocidentais, ao mesmo tempo em que se esconde o seu lado mais escuro: a colonialidade.

A colonização, portanto, é constitutiva da modernidade, ou seja, não existe modernidade sem colonialidade. A noção de "colonialidade" é explicada por Quijano (1992) como a dominação direta, política, social e cultural que os europeus empreenderam sobre as populações "conquistadas"/subjugadas em diferentes continentes, em especial na América, na Ásia e na África. É nesse sentido que Mignolo (2017) estabelece o coletivo modernidade/colonialidade. Segundo o autor, "o pensamento e a ação descoloniais surgiram e se desdobraram, do século XVI em diante, como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados" (Mignolo, 2017, p. 2).

É por isso que muitos autores da área dos estudos descoloniais/decoloniais consideram que os conceitos de modernidade/pós-modernidade, definidos pela narrativa histórica de origem europeia, não são adequados ao contexto americano. Enrique Dussel (1994) define tal fenômeno como o "mito da modernidade". Construído em torno do discurso eurocentrista, em sua obra *1492 – El encubrimiento del otro*, Dussel (1994) apresenta, em contraposição, o conceito de "transmodernidade" como um projeto de superação da modernidade. Os pressupostos de Dussel (1994) corroboram nossa investigação no campo dos estudos descoloniais/decoloniais, pois, ao pesquisar os resquícios histórico-sociais da formação imaginária coletiva de personagens históricas como Anacaona, a partir de um viés descolonialista/decolonialista, apresentamos uma nova maneira de superação às resistências sociais que continuam existindo em decorrência das empreitadas coloniais dos séculos XV e XVI. Uma exemplificação dessas consequências colonialistas é o uso de termos como "conquistadores" e "Novo Mundo", recorrentes até os dias de hoje, porém provenientes de um registro histórico unilateral. As teorias descoloniais/decoloniais, emergentes apenas nas últimas décadas, inauguraram as iniciativas para revelar discursos que haviam sido, até então, ocultados pelos registros oficiais.

Diante desse contexto, buscamos, na presente seção, rastrear as menções feitas à Anacaona e ao seu marido Caonabó nos documentos produzidos à época dos

primeiros intensos conflitos entre os colonizadores, que tudo fizeram para se apossar da ilha na qual viviam os nativos taínos e subjugar a população autóctone e a resistência desses povos diante das ações invasoras dos recém-chegados europeus. A importância desses "inoportunos" habitantes originários – que causam problemas à ambição espanhola na "conquista" do território – gera registros mínimos, inevitáveis, no relato hegemônico de tomada de posse do território, pois eles resistiram à invasão, à subjugação e ao comando dos forasteiros e lutaram pela manutenção de suas terras, sua cultura, suas vidas.

Isso gerou situações nas quais os "conquistadores" tiveram que, necessariamente, reportar-se aos seus superiores na Europa. Uma dessas ocasiões aconteceu, por exemplo, com Colombo – com o *Diário de Bordo* (1492-1493), na primeira viagem, as *Cartas* e o *Memorial* da segunda (1493-1495) e outros documentos das demais viagens –, com Cortés, pela escrita de *As Cartas de Relaciones* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), entre vários outros cronistas e historiadores a serviço das coroas nas colônias ou na própria corte europeia.

Muito do que se sabe, hoje, sobre a "conquista" europeia em solo americano desde a expansão marítima, a partir do século XV, foi propagado por meio dos registros históricos de navegantes, cronistas, historiadores, viajantes e exploradores, que evidenciam as ações dos europeus diretamente inseridos nesse contexto. Nesse sentido, cabe mencionar que a posse da ferramenta de escrita era exclusiva, naquele momento, de alguns dos colonizadores. As comunidades ágrafas do Caribe cultivavam, à época, sua história, suas tradições, lendas, costumes e crenças, amparadas nas tradições orais e em registros não alfabéticos que podem ter passado despercebidos, mesmo estando muito presentes no cotidiano desses povos.

Esse aspecto distintivo das culturas que se enfrentaram naquele momento histórico possibilita a Greenblatt (1991) analisar os efeitos que esse choque entre duas modalidades de registro das experiências vividas causou nas ações subsequentes ao momento primeiro de enfrentamento. O alcance e a disparidade entre tais formas de cultivo da memória coletiva são considerados causas, entre outras, que possibilitaram o domínio dos europeus sobre a grande maioria das nações originárias. Greenblat (1991, p. 11) esclarece que

> […] *the absence of writing determined the predominance of ritual over improvisation and cyclical time over linear time* […]. *The unlettered*

> *peoples of the New World could not bring the strangers into focus; conceptual inadequacy severely impeded, indeed virtually precluded, an accurate perception of the other.* […] *That led to disastrous misperceptions and miscalculations in the face of the conquistadores. That culture that possessed writing could accurately represent to itself (and hence strategically manipulate) the culture without writing, but the reverse was not true. For in possessing the ability to write, The Europeans possessed* […] *an unmistakably superior representational technology*[21]*.*

Nessa circunstância, essa "tecnologia representacional superior" materializou-se em documentos históricos como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), da segunda viagem de Cristóvão Colombo, e as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés, ambos a serviço da coroa espanhola, entre muitos outros. Por meio deles, perpetuaram-se, ao longo dos séculos, aquelas imagens dos nativos e dos acontecimentos durante o período de subjugação das comunidades originárias das Américas, os quais foram selecionados e propagados pelos próprios "conquistadores". Esses são apenas alguns dos registros reconhecidos como escritas oficiais, que foram produzidos à época dos conflitos primeiros entre o contingente europeu que aqui chegava e os habitantes nativos que defenderam sua liberdade e a posse do seu território.

Tais documentos relatam a história dos primeiros contatos entre os povos europeus e os das comunidades originárias do território em disputa, desde o princípio pacífico até as guerras de "conquista" dos impérios nativos, registradas sob a ótica dos estrangeiros. Contudo, levantamos, sobre esse contexto, a seguinte interrogação: serão esses registros oficiais, de fato, as únicas formas de conceber esse passado de colonização da América?

A memória dos povos nativos do continente americano foi, durante muito tempo, territorializada, contaminada pelo influxo europeu e contada a partir de um viés eurocêntrico, perpetrado pela escrita, que prevalece ao longo dos séculos, em detrimento das narrativas orais, seguramente, repassadas nas comunidades

[21] Nossa tradução: A ausência da escrita determinou a predominância do ritual sobre a improvisação e do tempo cíclico sobre o tempo linear [...]. Os povos iletrados do Novo Mundo não conseguiram focalizar os estranhos; a inadequação conceitual severamente impediu – de fato, praticamente impossibilitou – uma percepção precisa do outro [...] Isso conduziu a percepções desastrosas e inadequadas e a cálculos equivocados em face dos conquistadores. Aquela cultura que possuía um sistema de escrita pôde, de forma adequada, representar para si (e, portanto, estrategicamente manipular) a cultura que não possuía, mas o processo inverso não se deu. Por possuírem a habilidade da escrita, os europeus possuíam, também, uma inequívoca tecnologia representacional superior (Greenblat, 1991, p. 11).

originárias, mas, majoritariamente, apagadas com o fluir do tempo pelo processo de aculturação aqui implementado. As instituições oficiais europeias valeram-se desses registros, enquanto as comunidades nativas americanas mantiveram, na medida do possível, a sua memória ancestral, que muito perdeu devido aos genocídios cometidos contra elas, as suas crenças, costumes e línguas. Esse registro perene ocorreu apenas sob a perspectiva que deu voz ao homem branco, europeu "conquistador" – que, à época, dominava a técnica da escrita –, silenciando aqueles que foram subjugados e, com frequência, desprezando todo o contingente que não estava do lado do poder, entre eles, as figuras femininas que fizeram parte dessa história. Esteves (2007), ao analisar quatro romances históricos brasileiros diferentes, que centralizam seu protagonismo em figuras femininas, julga ser esta uma maneira de desafiar as formas tradicionais de pensamento totalizante, no qual o homem costumava ser a fonte individual do sentido ou da ação.

Apesar de ter sido uma das poucas figuras históricas representativas de liderança feminina da América na época da colonização – pelo que sabemos dos registros oficiais –, pouco se conhece sobre Anacaona, líder da comunidade de Xaraguá, do povo taíno, na Ilha de Guanahaní/"*La Española*", até o momento de sua execução pelos colonizadores espanhóis. As menções à autóctone em documentos históricos são ínfimas.

Sua história tornou-se uma lenda, o que levou alguns literatos contemporâneos a representações da nativa em obras híbridas que podem ser concebidas como romances históricos, mais especificamente nas modalidades críticas do gênero. Isto ocorre por essas obras apresentarem uma ficcionalização crítica protagônica da personagem histórica Anacaona e seus feitos como chefe de seu povo quando do retorno dos espanhóis à sua ilha, em 1493. Contudo, a primeira representação ficcional da cacica taína que encontramos, até o momento – *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* – foi produzida ainda no século XIX, em 1860, escrita pelo espanhol Francisco José Orellana. Sobre essa e as demais representações ficcionais de Anacaona discorremos mais adiante neste texto.

No contexto da ocupação do território caribenho pelos espanhóis, sabe-se que o retorno de Colombo à Guanahaní/"*La Española*" dá-se em busca dos 39

marinheiros[22] que havia abandonado ali ao regressar à Espanha, depois de sua primeira chegada à ilha. O cacique Caonabó, esposo de Anacaona, é considerado o culpado da morte dos espanhóis, sendo preso e, segundo uma das versões aqui contempladas, acaba morrendo na tentativa de Colombo enviá-lo à Espanha. Daí surgem os subsequentes embates derivados desse acontecimento e do próprio processo de subjugação iniciado pelos espanhóis na ocasião da efetiva posse do território. É nesse contexto, no qual também morre seu irmão Bohechio, que Anacaona assume a liderança de seu povo e lidera os enfrentamentos contra os invasores.

Figuras como a de Anacaona, que fizeram parte da história das Américas, são trazidas à tona a partir de um viés da nova história chamado "história vista de baixo" (Sharpe, 1992), que retrata personagens postos à margem, excluídos ou silenciados dos registros oficiais, como o caso de nativos da América que se enfrentaram com a colonização, corroborando a formação da identidade híbrida e mestiça dos povos americanos. Essa corrente da nova história intenta revogar os relatos unívocos dos "conquistadores" e revelar, também, as perspectivas daqueles que foram subjugados, colonizados, silenciados.

Ao longo de nossa tese, encontramos respaldo, também, na pesquisa de Catharina V. de Vallejo, que constituiu sua obra *Anacaona: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización* (2015) e representa uma fonte crucial ao nosso estudo. Vallejo é uma pesquisadora holandesa, residente no Canadá, onde realiza seus estudos e concluiu o doutorado em Filosofia, na Universidade de Montreal. Ela se casou com um médico dominicano, Horacio Vallejo Botello, o que motivou seu interesse e o início de suas investigações sobre a literatura dominicana, em especial aquela escrita por mulheres nos séculos XIX e XX.

A pesquisadora atua como docente na Universidade de Concordia, no Canadá, onde empreende suas pesquisas, vinculadas à República Dominicana e a Cuba, locais onde seus trabalhos sobre escritoras da época colonial são amplamente

[22] Sobre a quantidade de colonizadores espanhóis que ficaram em *La Navidad,* na primeira viagem de regresso de Colombo à Espanha, existem, nos registros da historiografia oficial, controvérsias sobre esse número. Apontamos este possível montante com base nas investigações de Varella (1997, p. 316): "*Los puntos de vista de Colón sobre la muerte de los 39 españoles que dejó en la Navidad cambian con el tiempo y sus conveniencias*". Nossa tradução: A opinião de Colombo sobre a morte dos 39 espanhóis que deixou para trás em *La Navidad* muda com o tempo e com as suas conveniências (Varella, 1997, p. 316).

reconhecidos. Em 2015, Vallejo publicou essa extensa obra sobre Anacaona – que, também, utilizamos como base teórica para as análises contidas nesta tese –, na qual, por meio de uma minuciosa investigação histórica, analisa, a partir de distintas perspectivas, o mito da cacica de Xaraguá, assim como os textos que fazem alusão à sua figura, desde os cronistas da época da colonização até os dias de hoje. Isso é feito com o intuito de revelar facetas pouco conhecidas sobre a autóctone, porém de grande interesse literário e histórico.

Apresentamos, ainda nessa perspectiva revisionista das teorias sobre o passado da América contidas nesta seção e em nosso estudo, a continuação da revisitação aos documentos históricos mencionados, algumas perspectivas desse nosso passado colonial e suas extensões ao presente, com abordagem a conceitos como os de colonização, descolonização e decolonialidade, a partir das reflexões de diferentes estudiosos.

Desse modo, na sequência, voltamo-nos, primeiramente, ao *corpus* documental desta tese – aos registros que são fontes primárias para o estudo da história sobre o "descobrimento" e a colonização da América – e, assim, discorremos sobre como essas escritas, que emitem juízos sobre o passado, foram produzidas ao longo do tempo.

1.1 DAS FONTES DA TRADIÇÃO ÀS POSSIBILIDADES PLURAIS DA NOVA HISTÓRIA: O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO E SUAS VERTENTES – EMBATES IDEOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

Nesta subseção, depois de considerarmos a influência e a permanência de estigmas, valores e significados provenientes da escrita unilateral, produzida pelos "conquistadores" europeus sobre a história da América durante o período da colonização, procedemos à leitura e à análise dos documentos históricos que compõem a parte documental do *corpus* de nossa pesquisa. Esses textos foram produzidos pelos sujeitos envolvidos nos acontecimentos e constituem-se em relatos em forma de Diários, Cartas, Memoriais, Proclamas, entre outros gêneros de escritas do final do século XV e início do XVI, dos quais se têm ainda resquícios ou mesmo a sua totalidade nos dias de hoje. Isso torna tais materialidades fontes históricas

autênticas, documentos que evidenciam o ocorrido no passado, desde uma perspectiva positivista da história tradicional. Trata-se de escritas, muitas vezes, incorporadas ou parodiadas no discurso ficcional, em um processo de intertextualidade (Kristeva, 1974) ou mesmo de transtextualidade (Genette, 2007)[23], como adiante evidenciamos.

Para tanto, explicitamos também, ao longo desta subseção, alguns embates ideológicos e metodológicos que são relevantes para nossa pesquisa, como os pressupostos que dão suporte ao que se reconhece como a "nova história" e a "história tradicional", com base em autores como Jacques Le Goff (1978), Peter Burke (1991, 1992), Hayden White (2010), entre outros.

Peter Burke, em *A escrita da história* (1992), estabelece distinções entre a nova história e a história antiga, tradicional, também denominada "rankeana". Segundo Fleck (2017, p. 28), o historiador alemão Leopold Ranke (1795-1886) – considerado o inaugurador da história em sua fase de ciência – atribuiu a essa história tradicional "a tarefa de revelar os fatos tal qual eles se deram – *wie es eigentlich gewesen ist* (como de fato ocorreu)". Ranke, como historiador oficial da casa de Brandemburgo, defendia a utilização de uma metodologia científica, de cunho positivista, para o estudo histórico, a fim de romper os laços, até então comuns, com a literatura.

Barros (2013, p. 978-979) explica que, no início do século XIX, "Ranke e os primeiros historicistas conseguiram impor o estatuto científico ao novo tipo de historiografia profissional que pretendiam apresentar como um modelo a ser seguido", sendo que essa base metodológica comum auxiliou a fundação do historicismo, particularmente a escola histórica alemã. Um dos elementos que embasou essa historiografia, que então se postulava como positivista, foi a coleta de documentação e constituição de novos tipos de fontes – na época de Ranke, essencialmente arquivísticas, ligadas à política, às instâncias institucionais e à diplomática. Além disso, a análise dos documentos levava em consideração diversas instâncias, como a autenticidade, a veracidade e os modos de análise da própria informação, os quais se tornariam, gradualmente, mais sofisticados.

Barros (2013) alude à importância de compreendermos como essa atenção meticulosa ao documento e essa obsessão arquivística embasaram o funcionamento

[23] Utilizamos, nesta pesquisa, a tradução realizada por Fernando Cabral Martins, publicada em 2007, que apresenta um ensaio extraído da obra *Figures-III*, de Gérard Genette, publicada em 1972.

da historiografia profissional, cujos intentos tratavam de “[...] trazer realmente a fonte histórica para um novo lugar na História: não mais ilustrativo, mas demonstrativo. Entre todos os historicistas, o pioneirismo de Ranke nesta direção foi particularmente importante” (Barros, 2013, p. 979). A partir de Ranke, surgiram perguntas que, até então, nunca haviam sido feitas por outros historiadores, assim como regras que regiam um método de análise dos documentos. Alguns exemplos dessas perguntas que começaram a ser feitas no trabalho analítico – que podem parecer lugar-comum nos dias de hoje – são: quem é efetivamente o autor do documento? Qual seu contexto? O autor é sincero nas afirmações que apresenta? As informações transmitidas são precisas e verdadeiras? A posição do autor do documento permite-lhe dispor de informações fidedignas? O documento é autêntico? Como o documento foi transmitido e conservado?[24] O positivismo alemão primava pela verdade do documento e ressaltava a escrita como fonte privilegiada.

Os intentos pioneiros de Ranke e de outros historiadores que colaboraram para esse novo método de crítica documental desempenharam especial importância para que, ao invés de remeter um documento apenas ao nome de seu autor, fosse buscado entender o contexto de produção desse registro. Nessa tentativa, porém, questões como “o autor é sincero sobre o que registra?” ou “as informações registradas são verdadeiras?” faziam uso de termos como “verdade” e “sinceridade”, os quais não poderiam ser considerados métricas de avaliação devido à natureza subjetiva que carregam. Ainda que o exame documental fosse aprofundado, a tentativa de assegurar uma representação da “verdade” por meio desses escritos mostra-se intangível.

No fim do século XIX, segundo Barros (2013), quando o paradigma do historicismo se completa, já não se considera plausível a ideia de “neutralidade”. No entanto, Ranke ainda fala nesta neutralidade, o que se considera um de seus posicionamentos historiográficos mais controversos e faz com que muitos o classifiquem como um positivista, ainda que isso não seja um consenso. A partir das contribuições de Ranke, o documento histórico começa a ser visto como um objeto atravessado por um discurso que o historiador deve desmontar, criticar, abordar com certa desconfiança, o que corresponde ao primeiro movimento para reconhecer que

[24] Barros expõe um esquema com essas novas perguntas que constituíram o novo método de crítica documental, na página 983 de seu artigo *Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico* (2013).

essas fontes textuais são produzidas por seres humanos que dispõem de valores e interesses.

Esse foi o primeiro passo em direção ao reconhecimento do relativismo humano, embora isso signifique que o historiador também possui interesses e subjetividades. No entanto, o avanço foi realizado apenas por historicistas relativistas da segunda metade do século XIX: “o reconhecimento de que mesmo o historiador está incontornavelmente preso ao seu ponto de vista” (Barros, 2013, p. 1000).

Fleck (2017) ressalta a impossibilidade dessa suposta narrativa neutra, imparcial e objetiva perante os acontecimentos do passado, pretendida pela corrente historiográfica proposta e defendida por Ranke no início do século XIX. Isso permite à ficção preencher os espaços deixados por esse discurso e essa visão, ao se dar nela espaço para manifestações de outras vozes anteriormente ocultadas pelo discurso hegemônico historiográfico escrito por europeus, como foi o caso da história da “conquista” das Américas.

Segundo Fleck (2017), a historiografia tradicional positivista, hegemônica, buscava um discurso legitimador para estabelecer os “fatos” tal qual eles ocorreram, sendo esse o papel que diferenciava a história da literatura, com base nos pressupostos de Leopold Ranke. A tentativa da história tradicional positivista de “mostrar” os acontecimentos da história como “de fato” eles ocorreram é mediada, nas palavras de Fleck (2017), por um discurso elaborado por um narrador: “Há, portanto, na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa” (Fleck, 2017, p. 29).

Para White (2010), a relação entre a escrita da história e a escrita literária passou a ser problemática a partir do século XIX, quando o conceito de história foi reformulado. Antes, desde os pensamentos expostos pelo filósofo grego Aristóteles, acreditava-se que a história e a literatura eram áreas completamente distintas: enquanto a primeira se ocupava do mundo real, a segunda tratava do que era considerado possível. Agora, a literatura assume um papel de descobrir uma dimensão da realidade até então desconhecida pelos historiadores, a partir de técnicas escriturais que destituíram a autoridade do estilo de escrita simples ou realista da história. Segundo o autor,

> […] *la historia es uno de los "otros" de la literatura en la medida en que es entendida como identificable con la ficción. Porque la historia desea hacer afirmaciones verdaderas acerca del mundo real, no sobre un mundo imaginario o ilusorio. En segundo lugar, la historia es el otro de la literatura en la medida en que la literatura es entendida como identificable con la figuración, el lenguaje figurativo, y la metáfora, en lugar del habla literal, la aserción no ambigua, y la emisión libre o poética (en lugar de restringida)*[25] (White, 2010, p. 204).

Desde Heródoto de Helicarnaso (século V a.C.), considerado o pai da história, a literatura já era fonte para o conhecimento da história. No entanto, o positivismo do século XIX criou estratégias discursivas em torno da verdade histórica. Essa tentativa de fazer afirmações "verdadeiras" sobre o mundo, anteriormente atribuída à história, estabeleceu impasses teóricos, pois os registros que embasaram a historiografia tradicional eurocentrista provêm de discursos particulares, representantes de perspectivas unilaterais. É o caso da história da colonização europeia na América, cujos escritos preservados até os dias de hoje são, majoritariamente, provenientes de homens brancos europeus, que estavam, de alguma forma, relacionados à monarquia da época; ou, então, ao clero, em sua tentativa de, junto ao poder político da época, catequizar os habitantes originários, e, assim, participaram desses acontecimentos, envolveram-se neles.

Por meio desses questionamentos com relação ao que se concebe como uma escrita objetiva da história, a vertente da "nova história" estabelece-se, conforme explica Burke (1992), como uma reação deliberada contra o paradigma tradicional, conhecido como "história rankeana", sendo que

> [...] poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para 42ocês42vi-lo, mas para assinalar que ele tem sido com freqüência – com muita freqüência – considerado *a* maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido com uma dentre várias abordagens possíveis do passado (Burke, 1992, p. 10).

O surgimento da nova história configura uma ação antagônica à visão da história tradicional, cultivada desde a sua concepção, no início do século XIX, até as

[25] Nossa tradução: A história é um dos "outros" da literatura, na medida em que é entendida como identificável com a ficção. Porque a história deseja fazer afirmações verdadeiras sobre o mundo real, não sobre um mundo imaginário ou ilusório. Em segundo lugar, a história é o outro da literatura na medida em que a literatura é entendida como identificável com a figuração, a asserção, a linguagem figurativa e a metáfora, no lugar da fala literal, a asserção não ambígua e a emissão livre ou poética (no lugar da restrita) (White, 2010, p. 204).

rupturas que nela se operaram a partir da segunda década do século XX. Na obra *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*, Burke ([1990] 1991) relata que grande parte do que existe de mais inovador, notável e significativo no campo da historiografia surgiu na França do século XX. A nova história – *La nouvelle histoire* – deriva de um pequeno grupo associado à revista *Annales*, fundada em 1929. Embora o termo "Escola dos Annales" seja, frequentemente, utilizado para se referir a este grupo, por enfatizar o que possuem em comum, seus membros, muitas vezes, negam sua existência e realçam suas diferentes contribuições individuais.

Ainda conforme Burke (1991), os principais membros deste grupo são Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie. Outros quatro historiadores importantes são Ernest Labrousse, Pierre Vilar, Maurice Agulhon e Michel Vovelle, cuja aproximação com uma visão marxista da história coloca-os fora desse núcleo do grupo. Outros nomes importantes são Roland Mousnier e Michel Foucault.

Burke (1991) explica que a revista foi fundada para promover um novo tipo de história e continua encorajando inovações. Um dos motrizes principais da revista é a substituição da narrativa tradicional de acontecimentos por uma história-problema, que envolva a história de todas as atividades humanas, e não apenas a história política, e que conte com a colaboração de outras disciplinas – como geografia, sociologia, psicologia, economia, linguística, antropologia social, entre outras –, como menciona Le Goff (1990, p. 35), com um "olhar para o vizinho, com a esperança de fazer que dialoguem os 'irmãos que se ignoram'".

Para Fleck (2017), a busca por uma narrativa absolutamente objetiva que registrasse os acontecimentos do passado pela corrente tradicional da historiografia mostra-se, com o passar do tempo, cada vez menos possível e sustentável, pois se evidencia o caráter de construção discursiva da escrita em qualquer âmbito, por meio dos estudos sobre narratologia, além das investigações sobre a linguagem e a leitura provenientes da corrente pós-estruturalista.

Segundo Fernández Prieto (2003), essa etapa da história tradicional tem cedido espaço a outras visões que concebem diferentes funções aos historiadores, uma vez que "*la voz monolítica y monológica de la Historia, que ocultaba sus dependencias ideológicas, sus servidumbres hacia el Poder, bajo la coartada de la objetividad de*

datos y documentos, ha sido sustituida por múltiples voces y diversos enfoques[26]" (Fernández Prieto, 2003, p. 147).

Para distinguir as principais características divergentes entre a história tradicional e a nova história, Burke (1992, p. 10-16) elenca seis pontos, que sumarizamos a seguir:

1) Para o paradigma tradicional, a história ocupa-se, essencialmente, das questões políticas, enquanto a nova história passou a se interessar por, praticamente, toda a atividade humana, embasando-se na premissa filosófica de que a realidade é social ou culturalmente constituída;

2) Os historiadores tradicionais tratam a escrita da história como uma narrativa dos acontecimentos ("história dos acontecimentos"), enquanto a nova história preocupa-se com a análise das estruturas ("história das estruturas[27]");

3) A história tradicional erige-se desde uma visão de cima, centralizada nos grandes feitos dos homens importantes – estadistas, generais, eclesiásticos – sendo destinado, ao restante da humanidade, um papel secundário no drama da história. Já os novos historiadores preocupam-se com a "história vista de baixo" (Sharpe, 1992), ou seja, com as opiniões e experiências das pessoas comuns, dando atenção à história da cultura popular;

4) Segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos, a partir das contribuições de Ranke quanto às limitações das fontes narrativas (crônicas) e à necessidade de basear a história em registros oficializados pelo governo e preservados em arquivos. O preço desse posicionamento foi, no entanto, a negligência de outras fontes de evidências sobre as ocorrências do passado. O movimento da "história vista de baixo" trouxe à tona as limitações desse tipo de documento, pois tais registros oficiais necessitam ser suplementados por

[26] Nossa tradução: A voz monolítica e monológica da História, que ocultava suas dependências ideológicas, suas servidões ao Poder, sob o álibi da objetividade dos dados e documentos, foi substituída por múltiplas vozes e diferentes abordagens (Fernández Prieto, 2003, p. 147).

[27] Segundo Burke (1992), desde o iluminismo, a hipótese de que a história escrita deveria ser uma narrativa dos acontecimentos já recebia críticas de estudiosos como Voltaire e John Millar. Na Grã-Bretanha, Lewis Namier e R. H. Tawney sugeriram, no início do século XX, que o historiador deveria analisar as "estruturas" ao invés de narrar os acontecimentos. Na França, a rejeição da "história dos acontecimentos" em prol da "história das estruturas" era um dos pilares da chamada "Escola dos *Annales*", para estudiosos como Lucien Febvre e Fernand Braudel, que, assim como Millar, encaravam os acontecimentos como a superfície do oceano da história, significativos apenas pelo que podiam revelar das correntes mais profundas. "Se a história popular permanecesse fiel à tradição da narrativa, a história acadêmica tornar-se-ia cada vez mais preocupada com os problemas e com as estruturas" (Burke, 1992, p. 328).

outros tipos de fonte para reconstruir as atitudes daqueles considerados hereges ou rebeldes;

5) Diferentemente do paradigma tradicional, os historiadores da nova história prezam por uma variedade de questionamentos para responder a qualquer indagação, que compreenda tanto movimentos coletivos quanto ações individuais, tendências e acontecimentos, defendendo a premissa de que existem várias respostas a perguntas como: por que os preços na Espanha do século dezesseis se elevaram?

6) Os historiadores tradicionais concebem a história como objetiva, sendo função do historiador apresentar aos leitores os fatos, ou, segundo a frase amplamente citada de Ranke, expor “como eles realmente aconteceram”. Atualmente, este ideal é considerado irrealista.

Nas palavras de Burke (1992, p. 15),

> [...] o relativismo cultural obviamente se aplica, tanto à própria escrita da história, quanto a seus chamados objetos. Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra.

Tal relativismo cultural permeou os registros da historiografia tradicional sobre a expansão marítima e territorial dos centros de poder durante o período da colonização europeia da América. Os escritos que se tornaram registros oficializados foram, majoritariamente, produzidos por homens brancos europeus, que participaram ou entrevistaram participantes das viagens exploratórias à América, a serviço de monarcas como os reis católicos, Isabel, de Castela, e Fernando II, de Aragão, no intento de exaltar as conquistas de seus reinos. Ou seja, esses documentos não refletem uma “realidade”, mas, sim, uma percepção de mundo manifestada desde este lugar de escrita, influenciada por uma cultura na qual estes escritores estavam inseridos e pelos estereótipos que esta cultura carrega, além das intenções de exaltação que motivavam tais registros.

Devemos considerar, nas análises de documentos da história tradicional que fazem parte dos estudos decoloniais, a questão do escritor e do receptor destes textos. No caso desta pesquisa, quando analisamos os escritos de Cristóvão Colombo, por exemplo, precisamos nos atentar às intenções desses registros, pois, o destinatário oficial de seu *Diário de Bordo* ([1492-1493], 1997) e um dos destinatários

de suas *Cartas* ([1493-1495], 1997) era uma mulher no poder: a rainha Isabel, de Castela. Além de relatar seus feitos na América para uma monarca, Colombo também sabia que esses relatos seriam publicados para todos os que queriam saber o que havia sido "descoberto" no "Novo Mundo"[28]. Essas condições levam-nos a questionar quais modalizações foram empregadas nos escritos dos navegantes, cronistas, viajantes que participaram da escrita daqueles documentos considerados fontes autênticas para a história tradicional hegemônica europeia, como Cristóvão Colombo, Hernán Cortés, Francisco López de Gómara, Pietro Martire d'Anghiera, dentre outros que relatavam os "descobrimentos" no continente americano para os monarcas que financiavam tais expedições.

Nesse âmbito da nova história, é significativo ver, também, como os historiadores dessa tendência de estudo sobre os acontecimentos do passado concebem os documentos, os registros, as fontes nas quais a história tradicional ancora a sua perspectiva. O historiador francês Jacques Le Goff, na obra *A Nova História* ([1978] 1990), comenta essa tarefa do historiador, apontando que

> [...] é preciso desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção. Quem detinha, numa sociedade do passado, a produção dos testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se os documentos da história? [...] Ao mesmo tempo, é preciso delimitar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios, quanto sobre os cheios que sobreviveram (Le Goff, [1978] 1990, p. 54).

Assim, a nova história não menospreza as fontes consagradas, os documentos conservados, os vestígios, indícios e outros possíveis materiais que podem revelar certos aspectos sobre o que ocorreu no passado, mas passou a ser outro o tratamento dispensado ao arsenal que sustenta a corrente tradicional da história. Da mesma forma como procedemos com a análise de um texto literário – que, para uma ampla

[28] Nas pesquisas do Grupo "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradição de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", escolhemos utilizar as expressões "descobrimento", "Novo Mundo", "Velho Mundo" e "conquista" demarcados com aspas como um intento descolonizador/decolonial do nosso próprio uso da linguagem, pois discordamos de tais terminologias, que se tornaram comuns pelo discurso historiográfico tradicional, no qual historiadores e cronistas europeus estabeleceram, nos registros da época da colonização do continente americano, o uso desses vocábulos enquanto escreviam com fins específicos que contribuíssem às conquistas dos impérios para os quais trabalhavam. Consideramos essas demarcações de grande importância, pois, até os dias de hoje, tais nomenclaturas utilizadas pelos colonizadores ainda circulam em nossa sociedade, sem esforços de questionamento, como aqui o fazemos.

dimensão de suas significações, precisa ser lido dentro do contexto de sua produção, contemplar aspectos que evidenciam o *lócus* enunciativo dessa produção e de seu produtor, o manejo da linguagem na construção do discurso –, também o fazem, atualmente, os historiadores com essa parte materializada de seu *corpus* de estudo. Tais procedimentos são algumas das vias de aproximação hodierna entre a literatura e a história, entre os estudos literários e os estudos historiográficos, que ficam evidentes na posição do historiador Tairon Villi (2023, p. 8) que, em sua defesa, manifesta que

> [...] a literatura ficcional, com a sua capacidade maior de simbolizar do que a da historiografia, oferece uma abordagem potencialmente mais contundente de penetrar no pavimento das sensibilidades, sobretudo em relação à necessidade de narração acerca dos eventos e períodos traumáticos. E é justamente nesse aspecto que a literatura se apresenta como uma importante aliada e ferramenta heurística para a história, pois esta – há anos – discute as formas de narrar o trauma sem chegar a resultados muito satisfatórios.

Destacamos, ainda, dentre os pressupostos da nova história, a ruptura que tal vertente estabeleceu com o paradigma tradicional no que concerne ao fato de termos uma história escrita a partir de uma visão “de cima”, centralizada nos feitos de nomes e acontecimentos exaltados e heroificados pela parcela dominadora, “conquistadora” e exploradora dos potenciais materiais e humanos de um território, como é o caso do passado da América. Essa perspectiva de vivências sobre o passado, evidenciada a partir dos sujeitos emudecidos, marginalizados e alijados dos registros oficializados, é a mais contemplada nas escritas híbridas de história e ficção na atualidade. Desse modo, vemos um profícuo diálogo entre as expectativas da nova história e as ressignificações do passado pela ficção contemporânea.

Podemos citar, como exemplos representativos dessa manipulação do discurso histórico, os feitos do navegante Cristóvão Colombo (1451-1506) e do colonizador Hernán Cortés (1485-1547) na história do “descobrimento” e “conquista” da América, anexando-a, em grande parte, ao domínio dos reis católicos, Fernando e Isabel, no final do século XV e primeiras décadas do século XVI. Nos registros feitos sobre essas ações do passado – alguns realizados pelo próprio punho das personagens em questão – os habitantes nativos foram configurados, inicialmente, como inocentes, sem tecnologias e crenças, aptos a se converterem facilmente à religião católica e,

depois, como bárbaros selvagens que deveriam ser exterminados devido às suas crenças, hábitos e costumes.

Os sujeitos colonizados e, muitas vezes, escravizados ou massacrados por homens como Colombo e Cortés, foram, em sua maioria, subtraídos das narrativas da história ou utilizados como matéria para a autoexaltação dos feitos da "conquista" pelos próprios sujeitos no exercício do poder colonizador e catequizador. A lógica da colonização previa, pois, em primeira instância, a tomada do território daqueles a quem ele pertencia e a consequente aculturação (pela imposição das crenças do catolicismo e pelos valores, costumes e hábitos cultivados na Europa), se não a dominação, exploração e extermínio do povos originários (por meio da imposição do poder monárquico espanhol, da escravização, da exploração de suas potencialidades e do emprego da violência e das artilharias bélicas desconhecidas dos povos nativos).

Desse processo de colonização territorial, política, cultural e linguística deriva o que Dussel (1994) denomina "o mito da modernidade", quando se refere à classificação que os historiadores atribuíram à era "moderna", cujo início, oficialmente registrado, remete à época da colonização. Segundo Dussel (1994), o mito da modernidade foi construído pelo discurso do próprio colonizador, que se refere à sua cultura como superior, mais desenvolvida, o que implica que a cultura alheia é inferior, rude, bárbara. A dominação exercida sobre o outro é, assim, considerada, na narrativa do dominador, uma emancipação, uma civilização, que desenvolve ou moderniza. "*En esto consiste el 'mito de la modernidad', en un victimar al inocente (al Otro) declarándolo causa culpable de su propia victimación, y atribuyéndose el sujeto moderno plena inocencia con respecto al acto victimario*[29]" (Dussel, 1994, p. 86).

Isso confere às figuras subjugadas no processo de colonização, e silenciadas ou minimizadas na escrita da história, a configuração de "ex-cêntricas", na definição de Hutcheon (1991), ou seja, são personagens da história que foram rejeitadas ou esquecidas nas narrativas hegemônicas. Um exemplo de figuras ocultadas por muitos dos registros oficiais é Anacaona, personagem histórica à qual nos voltamos nesta pesquisa.

[29] Nossa tradução: É nisso que consiste o "mito da modernidade", em uma vitimização do inocente (o Outro), declarando-o culpado de sua própria vitimização, e atribuindo ao sujeito moderno plena inocência em relação ao ato vitimizador (Dussel, 1994, p. 86).

Para além dos preceitos da nova história, previamente explorados em nosso texto, nossa pesquisa está relacionada, também, com a vertente da "história cultural", a qual apresenta, segundo Burke[30] (2005), duas abordagens opostas, porém complementares: uma interna, que se ocupa das questões no interior da disciplina; e outra externa, que se volta à relação entre as ações dos historiadores e o tempo em que vivem. A abordagem interna contrapõe-se à maneira como vertentes anteriores estudavam o passado sem considerar algo difícil e importante de se entender. O historiador cultural considera artes do passado antes desprezadas por outros historiadores e oferece destaque, em contrapartida, a "culturas" inteiras, em lugar da atual fragmentação da disciplina em especialistas de histórias de mulheres, negócios, diplomacia, guerra, etc. A abordagem externa, por sua vez, associa a ascensão da história cultural a uma "virada cultural" mais ampla, que engloba termos de ciência política, geografia, psicologia, economia, antropologia, arqueologia e "estudos culturais".

Pesavento (2003) descreve a história cultural como uma reinvenção do passado, construída na nossa contemporaneidade, na qual as ciências humanas encontram seus pressupostos em discussão. Apesar das críticas e ataques, houve, a partir dessas discussões, uma clara transformação da história. Sobre essa mudança, a pesquisadora questiona: "é possível uma história dessa mudança na História, que assumiu a forma de História Cultural?" (Pesavento, 2003, p. 16). Não há, de fato, uma definição formada para a história cultural. Burke (2005) apresenta, como possível solução para o problema da definição de história cultural, a possibilidade de deslocar a atenção dos objetos para os métodos de estudo. Enquanto alguns historiadores culturais descrevem seu trabalho como uma procura de significado, outros concentram-se nas práticas e representações. Alguns consideram seus objetivos essencialmente descritivos, ou creem que a história cultural pode e deve ser estabelecida como uma narrativa. "O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações" (Burke, 2005, p. 10), sendo que os símbolos podem ser encontrados em qualquer lugar, de forma consciente ou não, porém a abordagem do passado, em termos de simbolismo, é apenas uma entre outras.

[30] A obra original *What is cultural history?* foi publicada por Peter Burke em 1937. Utilizamos, para nossa pesquisa, a tradução feita por Sérgio Goes de Paula, de 2005.

Segundo Pesavento (2003), esse terreno comum entre os historiadores culturais é a ideia de resgate dos sentidos conferidos ao mundo, manifestados por meio de palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. A história cultural opera nas fronteiras do conhecimento ao se situar no limiar entre real e não real, utilizando-se do imaginário como uma instância para além dessas distinções. A autora ressalta que a especificidade da história é a tentativa de resgate das formas de ação, mudanças e representações construídas no passado. É necessário apontar, porém, a bagagem que o historiador traz consigo – "espécie de capital específico, de conhecimentos adquiridos em paralelo ao objeto a ser analisado, conteúdos estes que fazem parte daquilo que se convenciona chamar de referencial de contingência" (Pesavento, 2003, p. 109). A história estabelece diálogos ausentes de hierarquização ou territorialização com seus novos parceiros – provenientes de áreas como a literatura, antropologia, arte, arquitetura, urbanismo, psicologia e psicanálise –, com os quais apresenta um tema/objeto comum, abordado a partir de diferentes discursos e pontos de vista sobre o real.

Burke (2005) esclarece que a ideia de "cultura popular" se originou na mesma época e lugar que a de "história cultural", na Alemanha, no final do século XVIII. Os intelectuais de classe média interessaram-se pelas canções, contos populares, danças, rituais, artes e ofícios. No entanto, a história da cultura popular foi deixada aos amantes de antiguidades, entusiastas do folclore e antropólogos. Apenas na década de 1960, foi estudada por um grupo de historiadores, em especial – mas não apenas –, anglófonos. O estudo mais influente da década de 1960 foi *A formação da classe operária inglesa*, no qual Edward Thompson, em 1963, analisa o lugar da cultura popular no processo de mudanças econômicas e políticas na formação dessa classe. Thompson influenciou Raphael Samuel, fundador do movimento "*History Workshop*", de 1960. Com seus inúmeros artigos e seminários, Samuel inspirou muitas pessoas a escrever história – inclusive história cultural – "a partir de baixo". Foi nesse momento que a inovadora publicação *Annales*, de historiadores franceses – como o medievalista Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, os quais forneceram importantes subsídios para a história da cultura popular –, trouxe contribuições aos estudos de seus colegas de outros países.

Existem duas explicações principais para o momento em que a história da cultura popular surge. Burke (2005) explica que uma delas é "interna", na qual aqueles

que estão “dentro” reagem às problemáticas das abordagens anteriores, em especial, à história cultural na qual as pessoas comuns são deixadas de lado, e à história política e econômica, nas quais a cultura é deixada de lado. A outra razão é “externa” e está relacionada à ascensão dos “estudos culturais” na Grã-Bretanha, na década de 1960. O sucesso internacional do movimento pró-estudos culturais indica que ele supriu uma demanda existente e representou uma crítica à ênfase para a alta cultura tradicional.

Não obstante, a história da cultura popular colocou problemas que foram se tornando cada vez mais visíveis. Burke (2005) detalha que Burckhardt, em seu livro sobre a Grécia, defendia a confiabilidade relativa das conclusões de historiadores culturais. Ele afirmava que a história política da Grécia era regrada de incertezas, pois os gregos, frequentemente, exageravam ou mentiam, ao contrário da história cultural, a qual apresenta um grau primário de certeza, pois consiste, de forma geral, em materiais gerados de maneira não intencional, sem interesse específico e de forma involuntária pelas fontes e monumentos. No que tange à confiabilidade relativa, Burke (2005) defende que Burckhardt tinha alguma razão em suas afirmações. Nas suas palavras:

> Seu argumento em favor do testemunho “involuntário” também é convincente: testemunhas do passado podem nos dizer coisas que não sabiam que sabiam. De qualquer forma, não seria correto supor que, digamos, os romances e as pinturas sejam sempre desinteressados, livres de paixão ou de propaganda. Como seus colegas de história política ou econômica, os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar uma ação (Burke, 2005, p. 33).

Quer dizer, não podemos, nem mesmo nos estudos sobre a cultura popular, supor a existência de uma neutralidade de intenções que perpassam qualquer tipo de produção, inclusive as artísticas e/ou literárias. É nesse sentido, inclusive, que as novas vertentes da história, como a nova história, deixam de tentar representar uma “verdade” para, ao invés disso, tentar mostrar que, segundo Burke (1992), “tudo tem uma história”, pois a realidade é constituída social ou culturalmente. Essa é uma das premissas basilares de nosso estudo, ao analisarmos tanto materiais históricos quanto ficcionais sobre a figura da cacica Anacaona. Não propomos, aqui, descobrir uma versão mais próxima a uma suposta realidade sobre o que aconteceu com essa

mulher, pois, com base em nossos estudos, não acreditamos na possibilidade de expressar o que poderia ser chamado de “realidade” ou “verdade”, algo intangível, ainda que essa tentativa tenha sido assumida pela história tradicional. Nossa proposta é, na realidade, refletir sobre a construção da imagem dessa líder taína ao longo dos anos e sobre as influências de suas representações em nossa sociedade no decorrer dos séculos. As novas vertentes da história, como a história cultural e a nova história, oferecem material teórico e suporte para nossas pretensões.

Outra vertente desse campo de estudo, também basilar às nossas análises, é a micro-história italiana, de Carlo Ginzburg (1989). Sua obra foi disruptiva para a maneira de se pensar em história, pois estabeleceu diálogos com diferentes ciências, como as sociais e as humanas, a mencionar a antropologia e a filosofia. Trata-se de uma intervenção ativa, com o intento de inverter as tradicionais relações de subordinação da história com relação à produção dos meios de conhecimento. Seus estudos tiveram início na Itália, no século XIX, a partir de heresias e configurações culturais alternativas do final da Idade Média e do início da Idade Moderna. As rupturas estabelecidas por Ginzburg relacionam-se com a construção de novos objetivos como a feitiçaria, a metamorfose animal, os ritos de fertilidade, a iconografia, etc. Tais elementos refletem o foco principal do trabalho de Ginzburg: valorizar aquilo que foi marginalizado, as práticas protagonizadas pelos grupos menores e excluídos.

Ginzburg (1989) problematiza a oposição paradigmática centro/periferia. Ainda que o conceito de “periferia” possa apresentar uma aparente neutralidade, com uma menor carga de implicações valorativas, ele não é isento de ciladas, uma vez que, “se o centro é por definição o lugar da criação artística e periferia significa simplesmente afastamento do centro, não resta senão considerar a periferia como sinônimo de atraso artístico, e o jogo está feito” (Ginzburg, 1989, p. 6). Trata-se, como se nota, de uma tautologia que apaga as dificuldades ao invés de as resolver. E diante de uma época de imperialismos e subimperialismos, o problema da dominação simbólica atinge-nos em cheio. Nesse nexo centro/periferia, a Itália é considerada, pelo autor, um laboratório privilegiado, por diferentes razões, sobretudo geográficas. Sua localização e a quantidade de estradas romanas, além dos inúmeros centros urbanos e da fragmentação política do país depois da guerra greco-gótica, aumentaram a diversificação e a abundância de comunicações. Repensar a produção artística

italiana do ponto de vista das relações entre centro e periferia, sobretudo nas pinturas, significa repensar toda a história da Itália.

Ginzburg (1989) reitera o poder de persuasão e domínio por meio de imagens na relação, nunca pacífica, entre centro e periferia. Essas imagens podem ser representadas por estátuas ou pinturas, por exemplo. Tal relação de domínio pode acontecer, também, pela destruição de imagens, como aconteceu em batalhas simbólicas nas quais autoridades políticas ou religiosas impunham suas imagens em detrimento dos símbolos pertencentes a uma cultura autóctone. Ginzburg (1989) especifica, no excerto apresentado a seguir, diferentes maneiras pelas quais essas relações de domínio podem ser perpetuadas:

> A adopção obrigatória de modelos estilísticos e iconográficos provenientes do centro, a elaboração no centro de códigos estilísticos diferenciados, válidos uns para a metrópole e outros para a periferia, o sequestro dos bens simbólicos do país dominado, o fluxo dos melhores talentos da periferia para o centro e o fluxo, em sentido inverso, de produtos de elevado potencial simbólico do centro para a periferia – tudo isto são formas episódicas em que se manifestam os modos de dominação (Ginzburg, 1989, p. 74).

Além dessa compreensão das relações de dominação e submissão entre o centro e a periferia, a micro-história proposta por Ginzburg (1989) preocupa-se, ainda, com temas do privado, do pessoal e do vivido, propostos com veemência pelo movimento feminista, o que não caracteriza apenas uma coincidência, “visto que as mulheres foram indubitavelmente o grupo que tem pago os custos mais elevados pelo desenvolvimento da história humana” (Ginzburg, 1989, p. 172). A relação cada vez mais estreita entre história e antropologia é um sintoma dessa consciência. A antropologia ofereceu aos historiadores uma gama de temas amplamente subjugados no passado, como as relações de parentesco, a cultura material, os rituais simbólicos e mágicos. A ideia de uma história universal sucumbe graças ao fim da ilusão etnocêntrica. Para o autor, apenas uma antropologia impregnada de história, ou uma história impregnada de antropologia, tornará possível repensar a aventura plurimilenária da espécie humana.

Com relação ao material de análise desta investigação, para além dos documentos previamente mencionados, que compõem nosso *corpus* – o *Diário de Bordo* ([1492-1493], 1997) e as *Cartas* ([1493-1495], 1997), de Cristóvão Colombo – valemo-nos, também, para sustentar nossas análises, de algumas das informações

copiladas por Thacher (1903) que, da mesma forma como os pressupostos da história tradicional, respaldam nossas hipóteses de que as escritas oficializadas sobre o passado da América foram realizadas por homens que buscavam a própria exaltação diante dos seus soberanos. Nesse processo, a participação das mulheres foi apagada ou minimizada, como é o caso da resiliência de Anacaona frente aos dominadores espanhóis. A lógica europeia adotada para ler o mundo não admitia que a mulher ocupasse lugares de poder e, por isso, aquelas que ocupavam um lugar de destaque eram vistas como exóticas, fora do lugar.

Os excertos selecionados dos documentos destacados para esta investigação nos auxiliam a estabelecer comparações entre os dados bibliográficos históricos que fazem menção à autóctone Anacaona e à sua atuação como chefe de uma comunidade taína durante o período de estabelecimento das colônias espanholas na América. Esse procedimento leva-nos a compreender melhor como se deu a atuação de Anacaona na história da "conquista" da América e como essa autóctone foi figurada na historiografia. Isso se deu, conforme verificamos, a partir de vieses distintos, tanto daqueles que foram protagonistas de seus escritos quanto de historiadores que fizeram o trabalho de recompilar esses documentos.

A leitura e as análises de tais documentos possibilitam os cotejos que buscamos estabelecer entre as menções históricas à figura de Anacaona, efetuados à época dos acontecimentos, e as configurações literárias dessa personagem que, na sequência, são, da mesma forma, lidos e analisados. Esse processo pode levar-nos à constatação de nossa tese: de que as lutas, os confrontos e os movimentos de resistência dos nativos perante os feitos exploratórios dos colonizadores espanhóis na América deram-se, em um primeiro âmbito, por atitudes de liderança, reação e enfrentamento, sob o comando da cacica taína Anacaona, da ilha de Guanahaní – batizada de "*La Española*", por Colombo, em 1492. Apresentamos, portanto, a hipótese de que Anacaona tenha representado um símbolo do poder de liderança feminino e de resistência do povo taíno, porém, suas ações foram minimizadas ou, ainda, excluídas dos registros da história tradicional hegemônica europeia. Nossa ação, portanto, consiste em trazer à memória parte desse processo pretérito, cujas reminiscências seguem atuantes em muitos setores das nações latino-americanas pela extensão que o colonialismo alcançou nessas comunidades.

Fleck (2017) aponta que o processo de tomada de posse do território americano, pelas monarquias europeias no século XV e XVI, não foi apenas um processo de territorialização geográfica, mas, fortemente, também psicológico e cultural, que estendeu o domínio europeu sobre o imaginário americano, sobre as mentes dos povos originários, em ações conjuntas entre o poder monárquico e o eclesiástico. Por isso, o pesquisador defende a necessidade, na atualidade, de ações que levem à desterritorialização do espaço e do imaginário colonialista, por meio de revisões jurídicas legais sobre a posse e dominação do território e de estudos que levem ao conhecimento das culturas que deram origem às atuais sociedades constituídas nas antigas colônias.

O apagamento da figura de Anacaona é uma das representações latentes desse domínio do imaginário europeu, que perdura nas nações latino-americanas. Suas ficcionalizações críticas e de mediação no universo literário são tentativas de romper com essa territorialização do espaço e do imaginário com preceitos colonialistas, sobre a qual Fleck (2017) escreve, da mesma maneira que investigações decoloniais/descoloniais intentam fazer. Desse modo, os projetos estéticos literários decoloniais e os estudos decoloniais são ações, em primeira instância, de desterritorialização, de descolonização das mentes, do imaginário e das identidades latino-americanas.

Além disso, como aponta Fleck (2017), necessitamos, ainda hoje, de ações de reterritorialização do espaço imaginário dos povos latino-americanos. Essas podem, segundo o estudioso, ocorrer, entre outras ações, por meio das ressignificações do passado pela ficção, pela ação revisionista da nova história, pela valorização da cultura e da identidade híbrida e mestiça que deu forma às sociedades contemporâneas da América Latina e pela formação de leitores críticos no âmbito da América Latina.

Sobre o processo de “desumanização” da figura do nativo do “Novo Mundo” ao longo da colonização, Silvia Federici, em sua obra *Calibã e a bruxa* (2017) – na qual explica o fenômeno conhecido como “caça às bruxas”, que funcionou como um instrumento de opressão à mulher enquanto ser reprodutor – reflete sobre como essa subversão da imagem das comunidades indígenas serviu como instrumento de dominação, também, para os colonizadores na América. Nas palavras da autora,

> [...] ao definir as populações indígenas como canibais, adoradores do diabo e sodomitas, os espanhóis respaldaram a ficção de que a conquista não foi uma busca desenfreada por ouro e prata, mas uma missão de conversão – uma alegação que, em 1508, ajudou a Coroa espanhola a obter a benção papal e a autoridade absoluta da Igreja na América. Tal alegação também eliminou aos olhos do mundo, e possivelmente dos próprios colonizadores, qualquer sanção contra as atrocidades que pudessem cometer contra os índios, funcionando assim como uma licença para matar, independentemente do que as possíveis vítimas pudessem fazer (Federici, 2017, p. 360-361).

Pesquisas sobre figuras participantes da história da América, que foram subjugadas pela visão perspectivada de exploradores como Colombo, fazem parte do repertório de estudos que fixa essa desconstrução do discurso enaltecedor, previamente estabelecido sobre nomes como os do marinheiro. Assim como o documento que relata as atrocidades cometidas por Colombo na América, figuras como Anacaona mantiveram-se ocultadas na história durante séculos. Trazê-las à luz da memória hodierna é, pois, tanto desterritorializar quanto reterritorializar o espaço imaginário latino-americano pela revitalização de figuras resilientes da história dos povos originários da América.

Apesar de ser reconhecida, localmente, nos territórios do Haiti e da República Dominicana, a história de Anacaona não figura no imaginário coletivo latino-americano. Ou seja, mesmo tendo sido uma líder nativa representativa da resiliência feminina em nosso continente, pouco ou nada se conhece sobre a sua atuação na história da América para além dos territórios do Haiti e da República Dominicana.

Dentro da temática da “conquista” da América, eleita para estudo nesta tese, nossa pesquisa concentra-se, primeiramente, nos episódios de 1492 e 1493 – registrados, em primeira instância, no *Diário* de Colombo, da primeira viagem, e em *Cartas* de relação, da segunda. Tais acontecimentos, de acordo com as narrativas dessa documentação, têm como protagonistas históricos Cristóvão Colombo e sua tripulação. Vejamos, na sequência, como o marinheiro registrou esses acontecimentos e como são configurados neles as personagens taínas que nos interessam.

1.1.1 *O Diário de Bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo – o discurso da maravilha – e as *Cartas* de relação (1493-1495) da segunda viagem – o princípio dos conflitos: da euforia do "descobrimento" às agruras dos enfrentamentos

Após discorrermos sobre a escrita da história tradicional, produzida sob a perspectiva unilateral de colonizadores europeus na época da colonização da América, e sobre embates ideológicos e metodológicos pertinentes a essa temática – como os pressupostos da "nova história" e da "história tradicional" – aprofundamo-nos, aqui, mais especificamente, em alguns dos documentos sobre esse período histórico que ganharam maior visibilidade: o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* de relação (1493-1495), de Cristóvão Colombo, a quem a "descoberta" do continente americano foi atribuída pela historiografia tradicional e pelos mecanismos de manipulação desses registros, propagados a favor dos intentos da corte espanhola da época. A leitura e as análises desses documentos – inseridos no contexto da historiografia tradicional da qual nos valemos, neste momento, para trazer à memória essa versão específica do passado – possibilitam os cotejos que buscamos estabelecer entre as menções históricas à figura de Anacaona – restritas a essa vertente da historiografia –, efetuados à época dos acontecimentos, e as configurações literárias contemporâneas dessa personagem que, na sequência, são, da mesma forma, lidos e analisados.

Os trechos a seguir, selecionados dos documentos em destaque nesta investigação, auxiliam-nos a estabelecer as comparações entre os dados bibliográficos históricos que fazem menção ao cacique Caonabó e à autóctone Anacaona, sua esposa, e a atuação deles como chefes de uma comunidade taína durante o período de estabelecimento das colônias espanholas na América. Nossa intenção é, pois, trazer à memória hodierna aquilo que se registrou na história tradicional sobre a personagem e suas ações, para, adiante, confrontar essas informações com a releitura do passado pela ficção. Esse procedimento leva-nos a compreender como se deu a atuação tanto de Caonabó como de Anacaona na história da "conquista" da América – sob o olhar dos espanhóis – e como esses autóctones foram figurados na historiografia de cunho tradicional, com base, primordialmente, na documentação aqui examinada.

Alguns dos documentos mais amplamente conhecidos sobre a história da "conquista" da América são os escritos de Cristóvão Colombo (1451-1506), marinheiro europeu, de origem ainda incerta – sendo a mais aceita entre os estudiosos a teoria de que fosse italiano –, que realizou diversas expedições marítimas e, finalmente, pôs-se a serviço da coroa espanhola. As viagens de Colombo, propostas aos reis católicos como uma rota alternativa às Índias, pela via Oeste, estabeleceram os primeiros contatos de que se tem registro entre povos europeus e os povos nativos do Caribe, da América do Norte (Porto Rico, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas), da América Central (Cuba, Haiti, República Dominicana, Honduras, Nicarágua, Antigua e Barbuda, Jamaica, Costa Rica e Panamá) e da América do Sul (Venezuela, Trinidad e Tobago).

Cristóvão Colombo foi um dos exploradores mais exaltados pela historiografia tradicional europeia. O navegante empreendeu quatro expedições marítimas a serviço da coroa espanhola e foi um dos primeiros europeus[31] a estabelecer contato com os povos nativos do território americano. Sabemos, pelos documentos analisados, que Colombo desembarcou, pela primeira vez, em território americano na ilha de Guanahaní, região da atual República Dominicana e do Haiti, em 12 de outubro de 1492, com três embarcações, em uma expedição patrocinada pelos reis católicos, a rainha Isabel, de Castela, e o rei Fernando II, de Aragão. É esse o acontecimento que Todorov (1996) assinala como o início da era moderna. O período anterior à chegada de Colombo à América foi reconhecido, pela historiografia tradicional, como período pré-colombiano. O explorador regressou ao reino espanhol em 1493, levando consigo alguns nativos que haviam sido capturados, amostras da flora e da fauna e poucas peças de ouro trocadas com os nativos por objetos comuns aos marinheiros.

Depois disso, Colombo realizou outras três expedições à América, explorando as Pequenas Antilhas, em 1493, Trindade e a costa norte da América do Sul, em 1498, e a costa leste da América Central, em 1502. Ele atribui o nome de "índios" aos habitantes nativos das terras que encontrou por, supostamente, ter acreditado, durante todo esse período, que havia chegado às Índias.

---

[31] Apesar de Colombo ter sido o primeiro a registrar tal feito, um estudo publicado na revista *Antiquity*, em 2023, apresenta evidências de que os vikings chegaram à América cerca de 500 anos antes de Colombo. O artigo está disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/antiquity/article/abs/timber-imports-to-norse-greenland-lifeline-or-luxury/DDE8F93A03FF674195796FAED57A020E. Acesso em: 13 set. 2024.

No *Diário de Bordo* ([1492-1493] 1997) – concebido como relato detalhado feito à rainha Isabel, de Castela, sobre a viagem proposta por Colombo ao Cipango e à Cathay (Japão e China), pela via Oeste, no final do século XV, relata-se, de fato, a primeira vez que o marinheiro e sua tripulação pisaram em terras do nosso continente, em 12 de outubro de 1492. Nessa ocasião, as três embarcações – *Pinta*, *Niña* e *Santa María* –, que saíram do porto de Palos, no sul da Espanha, em 03 de agosto de 1492, chegaram à ilha de Guanahaní. Essa ilha era significativamente povoada pela comunidade/etnia taína[32], cuja população é descrita como pacífica, generosa e amigável no registro do *Diário de Bordo*[33] de Colombo, no fragmento abaixo destacado:

> *A las dos oras después de media noche pareçió la tierra, de la cual estarían dos leguas.* […] *temporizando hasta el día viernes que llegaron a una isleta de los lucayos, que se llamava en lengua de indios Guanahaní. Luego vieron gente desnuda, y el Almirante salió a tierra en la barca armada y Martín Alonso Pinçón y Viceinte Anes, su hermano, que era capitán de la Niña.* […] *Luego se ayuntó allí mucha gente de la isla. Esto que se sigue son palabras formales del Almirante en su libro de su primera navegación y descubrimiento d'estas Indias.*[34] *"Yo", dize él, "porque nos tuviesen mucha amistad, porque cognosçí que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra sancta fe con amor que no por fuerça*[35] (Varela, 1997, p. 110).

[32] Segundo Poole (2011), a etnia taína originou-se entre as tribos Arawak, provenientes do delta do rio Orinoco, na Venezuela, e se espalharam pelas Antilhas, por volta de 400 a.C. Os taínos, ao se misturarem com povos já estabelecidos no Caribe, desenvolveram comunidades autossuficientes na ilha de Guanahaní, na Jamaica e no leste de Cuba, em Porto Rico, nas Ilhas Virgens e nas Bahamas.

[33] Usamos a edição do *Diário de bordo* de Colombo da obra *Cristóbal Colón: textos y documentos completos* (1997), organizada pela pesquisadora espanhola Consuelo Varela, que dispõe dos textos e documentos escritos por Cristóvão Colombo entre os anos de 1492 e 1506.

[34] Aqui, a editora acrescenta uma nota de rodapé com a seguinte explicação: "*Parece indicar que Las Casas hizo el translado de este Diario cuando se encontraba em Santo Domingo*" (Varela, 1997, p. 110). – Nossa tradução: Parece indicar que Las Casas fez a transcrição deste Diário quando estava em Santo Domingo (Varela, 1997, p. 110).

[35] Nossa tradução: Às duas horas após a meia-noite, apareceu a terra, da qual estariam a uma distância de duas léguas. [...] temporizaram até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilhota dos lucayos, que se chamava, em língua dos índios, Guanahaní. Logo, vieram pessoas desnudas, e o Almirante desembarcou da barca armada, junto com Martín Alonso Pinzón e Vicente Anes, seu irmão, que era capitão da *Niña*. [...] Logo, avistou-se, ali, muita gente da ilha. Isto que se segue são palavras formais do Almirante no livro de sua primeira navegação e descobrimento destas Índias. "Eu", disse ele, "porque nos tivessem grande amizade, reconheci que era gente que melhor se converteria à nossa fé mais com amor do que por força (Varela, 1983, p. 62-63).

O relato de Colombo, transcrito por Bartolomeu de Las Casas[36], apresenta suas primeiras impressões sobre os nativos de Guanahaní/"*La Española*". A descrição feita revela esses nativos como gente pacífica que tentou estabelecer relações com os estrangeiros, recebendo-os com curiosidade e certo espanto e proporcionando a troca de objetos que eram estranhos entre os dois grupos. Colombo relata, desde esse contato inicial, sua opinião de que este povo não teria nenhuma crença religiosa e, por isso, aceitariam a religião cristã de bom grado, sem necessidade de uso da força, como se vinha fazendo na Espanha, naquele momento histórico, em relação aos mouros e judeus. Nesse sentido, o texto do *Diário de Bordo* expressa:

> […] *les di a algunos d'ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidro que se ponían al pescueço, y otras cosas de poco valor, con que ovieron mucho placer y quedaron tanto nuestros que era maravilla.* […] *todo tomavan y daban de aquello que tenían de buena voluntad, mas me pareció que era gente muy pobre de todo. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mugeres* […]*. Ellos no traen armas ni las cognoçen, porque les amostré espadas y las tomavan por el filo y se cortavan con ignorancia.* […] *Ellos deven ser buenos servidores y de bueno ingenio, que veo que muy presto dizen todo lo que les dezía. Y creo que ligeramente se harían cristianos, que nos pareció que ninguna secta tenían*[37] (Varela, 1997, p. 110-111).

Esse primeiro registro sobre a existência de terras e gentes no caminho Oeste às Índias atesta o contato de Colombo com a população taína de Guanahaní, em outubro de 1492. O texto expressa, como podemos verificar nos fragmentos acima, a recepção amistosa da comunidade nativa aos europeus recém-chegados e a visão

[36] O documento original, entregue à rainha Isabel na ocasião da volta de Colombo de sua primeira viagem, em março de 1493, acabou perdendo-se entre as tantas mudanças da corte itinerante dos reis católicos a essa época. Las Casas encontrou, em muito mal estado, uma cópia do *Diário de Bordo* em um monastério em Salamanca e a usou para recompilar, renarrativizar, reordenar o registro de Colombo. É, pois, a recompilação feita por Las casas, segundo Milton (1992), a que temos acesso atualmente. Conforme explica Varela (1997, p. 15) acerca da redação do *Diário* e sua atual constituição, é necessário diferenciar três linhas discursivas nesse texto: […] *las citas textuales de Colón, las citas indirectas en tercera persona introducidas por Las Casas y las interpelaciones del dominico que a modo de observaciones comenta lo que transcribe.* [Tradução nossa: […] as citações textuais de Colombo, as citações indiretas, em terceira pessoa, introduzidas por Las Casas e as interpelações do dominicano que, a título de observações, comenta o que transcreve].

[37] Nossa tradução: Dei a alguns deles umas toucas vermelhas e umas contas de vidro que se colocam no pescoço, e outras coisas de pouco valor, com as quais tiveram muito prazer e ficaram tão à vontade que era maravilhoso. [...] Tudo davam daquilo que tinham de boa vontade, mas me pareceu que era gente muito pobre de tudo. Eles andam todos nus como sua mãe os pariu, e também as mulheres [...]. Não trazem armas nem as conhecem, pois, ao lhes mostrar espadas, tomavam-nas pelo fio e se cortavam por ignorância. [...] Devem ser bons servidores e bem inteligentes, pois vejo que, muito rápido, eles repetem tudo aquilo que eu lhes dizia. Creio que, facilmente, far-se-iam cristãos, pois nos pareceu que não tinham seita alguma (Varela, 1997, p. 110-111).

que o navegante registrou sobre esses habitantes nativos do Caribe à época de 1492. O marinheiro não deixa de apontar, em sua escrita, os objetivos colonizadores: "*esta gente es muy símplice en armas, como verán Vuestras Altezas de siete que yo hize tomar para le llevar* [...][38]" (Varela, 1997, p. 113). A esse registro da entrada de 11 de outubro, Colombo acrescenta, nas anotações de 15 de outubro de 1492, a seguinte impressão: *"puédenlos todos llevar a Castilla o tenellos en la misma isla captivos, porque con cincuenta hombres los terná(n) todos sojuzgados, y les hará(n) hazer todo lo que quisiere(n)*[39]" (Varela, 1997, p. 113).

Não deixa de apontar, inclusive, os fins catequizadores a que, supostamente, a sua empresa se propunha: "*Y creo que ligeramente se harían cristianos, que nos pareçió que ninguna secta tenían*[40]" (Varela, 1997, p. 110-111). As intenções comerciais e de exploração são frequentes no relato, como podemos observar em: "*son estas islas muy verdes y fértiles y de aires muy dulçes, y puede aver muchas cosas que yo no sé, porque no me quiero detener por calar y andar muchas islas para fallar oro*[41]" (Varela, 1997, p. 115). São, pois, esses os princípios que motivavam Colombo nos contatos com os autóctones. Do outro lado, os povos originários, admirados com a chegada desses seres tão diferentes, buscavam auxiliá-los em suas necessidades, pois, como relata Colombo no seu *Diário*:

> […] *la gente que venía todos a la playa llamándonos y dando gracias a Dios. Los unos nos traían agua, otros otras cosas de comer; otros, cuando veían que yo no curava de ir a tierra, se echavan a la mar nadando y venían y entendíamos que nos preguntavan si éramos venido(s) del çielo. Y vino uno viejo en batel dentro, y otros a bozes grandes llamavan todos, hombres y mugeres: "venid a ver los hombres que vinieron del cielo, traedles de comer y de beber"*[42] (Varela, 1997, p. 112-113).

[38] Nossa tradução: Este povo não possui muitas armas, como Vossas Altezas verão dos sete que eu capturei para levá-los [...] (Varela, 1997, p. 113).

[39] Nossa tradução: [...] podeis levá-los todos para Castela ou tê-los na própria ilha como cativos, porque, com cinquenta homens, terão subjugados todos, e eles farão tudo o que queirais (Varela, 1997, p. 113).

[40] Nossa tradução: Creio que, facilmente, far-se-iam cristãos, pois me pareceu que não tinham nenhuma seita (Varela, 1997, p. 111).

[41] Nossa tradução: Estas ilhas são muito verdes e férteis e com ares muito doces, e pode haver nelas muitas coisas das quais não sei, porque eu não quero passar por muitas ilhas para deixar de encontrar ouro (Varela, 1997, p. 115).

[42] Nossa tradução: [...] as pessoas que vieram à praia nos chamavam e agradeciam a Deus. Alguns nos trouxeram água, outros, outras coisas para comer; outros, quando viram que eu não queria ir para terra, jogavam-se no mar, nadando em nossa direção e entendemos que nos perguntavam se havíamos

Nesse registro do *Diário*, apresenta-se uma suposta compreensão, por Colombo e sua tripulação, sobre o que esses nativos tentavam comunicar, ainda que eles não falassem a mesma língua. Mesmo assim, palavras hipoteticamente proferidas pelos nativos são, até mesmo, apresentadas por meio de um discurso direto, como se elas houvessem sido, de fato, claramente compreendidas por Colombo, que as pode traduzir para a sua rainha. Isso mostra aquilo que Milton (1992b) apresenta como o "discurso da maravilha" americana, presente no *Diário* de Colombo, no qual é estabelecido um espaço de exaltação, edificado sob o signo de uma qualificação estética maximalista, utilizando-se de adjetivos e advérbios de intensidade, assim como metáforas e imagens para designar e comparar, "tornando o desconhecido 'legível'" (Milton, 1992b, p. 177).

Na tentativa de tornar esse "Novo Mundo" compreensível para aqueles que dele ainda não tinham conhecimento, registros como o *Diário* de Colombo apresentam um discurso manipulado, como no exemplo em que a fala desses nativos é, literalmente, traduzida em um momento em que, na verdade, não havia uma via de comunicação possível entre a comunidade local e os exploradores europeus, pois nem o intérprete oficial da frota conseguia entender a língua dos povos originários. Eles não faziam qualquer ideia das intenções colonialistas por detrás das ações amigáveis desse primeiro encontro. Como consequência, tal tradução não é considerada plausível, mas, sim, uma manipulação desse discurso, orientada pelas intenções colonialistas das empreitadas que eram realizadas em busca de novos territórios e riquezas.

As palavras de Colombo, registradas à rainha Isabel, reforçam, assim, a pretensão dos colonizadores de impor sua cultura aos nativos com quem apenas se estabeleceu contato, e podem, ainda, ser entendidas como um apagamento desses seres humanos, de maneira isenta de respeito ou compreensão perante os povos que habitavam essas terras. Isso remete à reflexão de Santiago (2000) sobre a imposição europeia de sua religião e, inclusive, de sua língua aos nativos. Tal aspecto se manifesta, diretamente, nas menções que faz o marinheiro ao apontar que esses nativos pareciam não ter uma religião e "[...] *ligeramente se harían cristianos*[43]*"*

vindo do céu. E vimos um ancião dentro de um barco, e outros chamavam em voz alta a todos, homens e mulheres: "Venham ver os homens que vieram do céu, tragam-lhes algo para comer e beber" (Varela, 1997, p. 112-113).

[43] Nossa tradução: [...] facilmente, far-se-iam cristãos (Varela, 1997, p. 111).

(Varela, 1997, p. 111). Com 50 homens, os reis católicos teriam condições de subjugar todos os habitantes da ilha e "[...] *les hará(n) hazer todo lo que quisiere(n)*[44]" (Varela, 1997, p. 113). Desses homens autóctones, Colombo manifesta, em seu discurso, que havia já capturado sete nativos e lhes enviaria cativos à Espanha para que aprendessem a falar.

Esses argumentos foram, também, os mais convincentes que o escrivão Pero Vaz de Caminha conseguiu reportar ao rei de Portugal, Dom Manuel I, em abril de 1500, quando a esquadra de Cabral aportou na costa sul da Bahia, oficializando, assim, a "descoberta" do Brasil, por parte da coroa portuguesa. Tal registro sobre a total inocência dos nativos dessa região do continente foi o mesmo que Colombo empregou para se reportar à sua rainha sobre os habitantes originários de Guanahaní. Na descrição que faz Caminha (1500) ao rei Dom Manuel I (1495 e 1521), em sua *Carta de Achamento*, ele destaca:

> A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. [...]. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença (Caminha, [1500] 2019, p. 11).

Os propósitos colonialistas que demonstram a superioridade dos europeus sobre os nativos das terras americanas se explicitam já no discurso dos primeiros registros oficializados, fontes históricas e textos considerados inauguradores das literaturas na América, em ambas as escritas. O olhar lançado sobre os povos originários, tanto pelos espanhóis quanto pelos portugueses, evidencia os interesses e as intenções da "conquista" já na primeira ocasião do contato entre as diferentes culturas. No caso dos povos habitantes do território brasileiro,

> [...] segundo o testemunho do escrivão-mor, os índios brasileiros estariam naturalmente inclinados à conversão religiosa, visto que, de longe, imitavam os gestos dos cristãos durante o santo sacrifício da missa. A imitação – imitação totalmente epidérmica, reflexo do objeto da superfície do espelho, ritual privado de palavras –, eis o argumento mais convincente que o navegador pôde enviar a seu rei em favor da inocência dos indígenas (Santiago, 2000, p. 13).

[44] Nossa tradução: [...] e eles farão tudo o que queirais (Varela, 1997, p. 113).

Desse modo, Colombo (1492-1493) e Caminha (1500), com base na gestualidade imitativa dos povos originários, interpretaram e registraram a situacionalidade do primeiro encontro e apontaram, em suas escritas destinadas a seus soberanos, a propensão natural e passiva dos habitantes nativos à aculturação, à aceitação dos rituais católicos, à submissão ao poder político e bélico europeus e, do mesmo modo, à servidão efetuada com prazer e deleite.

Essa manipulação da linguagem está relacionada com o discurso da "maravilha" americana, o qual,

> [...] embora integre o acervo historiográfico sobre as origens da América, presta-se também à abordagem literária. Se, de uma parte, ele oferece dados valiosos à reconstrução histórica dos fatos que marcaram o "descobrimento", é certo também que apresenta uma significativa base ficcional, resultante, dentre outros fatores, de modelos discursivos de imaginação prévios a esse acontecimento histórico. Tais modelos contaminam a expressão verbal da entidade nova "descoberta", perturbando a objetividade do relato, ao mesmo tempo em que nutrem o seu caráter ficcional (Milton, 1992b, p. 169).

Milton (1992b), como o faz Varela (1997), destaca, também, o fato de que o *Diário de Bordo* (1492-1493), de Colombo, sofreu inúmeras interferências – coexistem, nele, as palavras de Colombo, em primeira pessoa e demarcadas pelo uso das aspas; a mediação linguística de Las Casas, que utiliza a terceira pessoa para transcrever os registros originais; além dos comentários inseridos pelo próprio compilador da obra sobre as informações que maneja. Há, ainda, a influência das escolhas de Las Casas ao transcrever o *Diário*, tanto em termos do que era legível para o frei quanto do que ele quis efetivamente transmitir. Segundo Milton (1992b), o trabalho de Las Casas com o texto do *Diário* revela duas intenções principais: a de defesa dos nativos e a de exaltação da imagem de Colombo.

Dessas imagens, voltadas à exaltação da maravilha do "Novo Mundo", como afirma Milton (1992b), encaminhamo-nos, no seguimento deste texto, ao episódio de retorno da frota de Colombo a essa mesma ilha – onde havia deixado 39 espanhóis esperando pela sua volta após o naufrágio da nau *Santa María* –, um ano depois. É nesse contexto que as personagens nativas, que focalizamos neste estudo, aparecem mencionadas pelo navegante. A permanência desse contingente de espanhóis deixados em Guanahaní, em 1492, na ocasião em que Colombo decidiu regressar à

Europa, deu-se pelo fato de que não havia condições de levar toda essa tripulação de volta à Espanha em uma só caravela – a *Pinta* – porque a maior das embarcações – a *Santa María*, embarcação que havia levado esse contingente até ali –, havia se chocado contra um banco de arrecifes, na noite de 24 de dezembro de 1492, naufragando perto das praias de Guanahaní, e a caravela *Niña*[45] havia desaparecido alguns dias antes da decisão de regressar à Europa.

Escrevemos sobre esses acontecimentos com base nos registros aos quais temos acesso – majoritariamente escritos pelos colonizadores europeus sobre a época do expansionismo marítimo. Buscamos, no entanto, levar em conta o que Lourenço[46] (2023) aponta sobre o "mito das descobertas": toda a nossa leitura do passado como digno de memória é permeada por esse "fato" sobre o povo descobridor, construído em uma densa trama de textos que o amparam. Esses "descobrimentos" foram financiados, durante quase duzentos anos, por uma empresa marítima com finalidades universais, por seu caráter espiritual, e nacionais/patrióticas. E, assim, a "descoberta-mito" converteu-se no "mito das descobertas", um texto que se alimenta da exaltação onírica daquilo que não existe mais ou da nostalgia épica que se transforma em epopeia nostálgica. É nesse texto que as "descobertas" entram novamente na história, deixando de lado seu caráter mítico para serem, elas mesmas, um continente revisitado, daquele que, mesmo não sendo mais descobridor nem navegante e, muito menos, senhor dos mares, "[...] precisa da memória de o ter sido para ser quem é. É da realidade que o mito se alimenta, é no mito que a realidade se torna significante" (Lourenço, 2023, p. 40).

Com relação ao contexto histórico sobre o que ocorreu na ilha de Guanahaní/"*La Española*" quando Colombo regressou à Espanha[47], no começo de 1493, e conseguiu o apoio da coroa espanhola para a sua segunda viagem, dessa

[45] Mais tarde, soube-se que o comandante da *Niña*, Vicente Yáñez Pinzón, havia decidido ir, com sua tripulação, por conta própria, em busca das riquezas do Gran Kan – rei de Cipango –, de quem Colombo falava com insistência para sua tripulação.

[46] A primeira edição da obra *A morte de Colombo: metamorfose e fim do ocidente como mito*, de Eduardo Lourenço, foi publicada em 2005. Utilizamos a segunda edição, de 2023.

[47] Esse é o episódio histórico que marca uma guinada na ideologia da escrita do romance histórico sobre a "Poética do 'descobrimento'" da América, tema estudado na dissertação *Diálogos entre o velho e o novo mundo: uma leitura de Vigilia del Almirante (1992) e Carta del fin del mundo (1998)*, de Bernardo Antonio Gasparotto, defendida em 2011, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR. Recomendamos a leitura desse texto que se encontra disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501. Acesso em: 26 ago. 2024.

vez com uma frota de 17 embarcações, concentramo-nos nos eventos relatados nas *Cartas* (1493-1495) que o marinheiro escreveu aos reis após o seu retorno à ilha. Esse é um documento que evidencia o tratamento dado por Colombo aos pacíficos taínos que foram julgados culpados pelo desaparecimento dos espanhóis ali deixados e, em seguida, ao processo de ocupação da ilha pelas tropas espanholas nos anos seguintes, quando houve os enfrentamentos dos nativos, liderados por Anacaona, aos invasores de seu território.

No regresso de Colombo à ilha de Guanahaní, em 1493, a frota espanhola se defrontou com o fato de que não havia nenhum sobrevivente espanhol na ilha. Assim, Colombo declarou o cacique Caonabó (também grafado em diferentes documentos como Cahonaboa/Caunaboa), esposo de Anacaona, culpado da morte desses espanhóis. Isso levou o líder nativo a ser, então, capturado e destinado a ser enviado à Espanha. Na carta para os reis, escrita por Cristóvão Colombo, em 14 de outubro de 1495, quando estava em Guanahaní/"*La Española*", o navegante declarou Caonabó culpado pela morte desses espanhóis que haviam ficado na ilha, no seguinte trecho:

> [...] *allí donde vivía aquel grande caçique Cahonaboa y trabajar que ovedeziese a V. Al., porque me paresçió qu'era verdad que en éste consestía todo lo d'esta isla, no porque no aya otros mayores y tan grandes caçiques, mas no ninguno, mas d'este, en la guerra ni osado ni atrevido. Y dixe que, si con él no pudiese aver concierto, que le faría todo el mal que pudiese, porque, allende lo que yo digo <que> en él consiste <todo> lo de la isla, mató a .20. christianos el primero viaje durmiendo seguros en sus propias casas por roballos* […][48] (Varela, 1997, p. 316).

Logo após este trecho, a editora da obra, Consuela Varela, acrescenta a seguinte nota de rodapé: "*Los puntos de vista de Colón sobre la muerte de los 39 españoles que dejó en la Navidad cambian con el tiempo y sus conveniencias. En un principio echa sobre ellos toda la culpabilidad, a causa de sus demasías; ahora, cuando va a emprender una campaña contra Caonabó, es el cacique taíno el*

[48] Nossa tradução: [...] lá onde morou aquele grande cacique Caonabó e trabalhar para que ele obedeça à Vossa Alteza, porque pareceu-me que era verdade que nele se concentrava tudo da ilha, não porque não havia outros maiores ou tão grandes caciques, mas nenhum, nessa guerra, era tão ousado ou atrevido. Eu disse-lhe que, se com ele não fosse possível ter um entendimento, faria-lhe todo o mal que pudesse, porque, além de eu ter afirmado <que> nele se concentra <todo> o poder da ilha, ele matou vinte cristãos da primeira viagem, que estavam dormindo, seguros, em suas próprias casas, para lhes roubar (Varela, 1997, p. 316).

responsable de todo[49]" (Varela, 1997, p. 316). A pesquisadora pontua essa observação pois, no primeiro relato que temos de Colombo sobre o desastre do forte *La Navidad*, em relação à sua segunda viagem, ele não havia atribuído a culpa de todas as mortes desses espanhóis a Caonabó. O navegante descreve o que havia acontecido conforme o relato que recebeu de Guacanagarí (a quem Colombo se refere como "Ocanaguarí"), cacique que manteve relações de parceria com os colonizadores. Vemos o início de sua descrição no seguinte excerto:

> *Este me dixo [en] cómo la gente que yo avía dexado en la ciudad ovieron entre sí discordia y uno mató a otro y que Pedro, repostero de V. Al., se avía ido con una gran parte de jente para otro rey que se llama Cahonaboa, el cual posee tierra en que ay mucho oro; y un vizcaíno, que se llama Chacho, se avía ido con otros vizcaínos y moços; solamente avía quedado Diego de Arana de Córdova con honze; y que unos tres se avían muerto de dolençia, qu'ellos mesmos deçían que era la causa el gran tracto de las mugeres, diciendo que, cuantos quedaron allí, que cada uno avía tomado <cuatro mugeres>, y no solamente éstas les abastava, que les tomavan las muchachas*[50] (Varela, 1997, p. 243).

Verificamos, pelos registros de Colombo, que os espanhóis que ficaram em Guanahaní/"*La Española*", durante sua segunda viagem, tiveram muitas desavenças entre si. Alguns de seus homens haviam se unido à comunidade de Caonabó e outros partiram em grupo para outra localidade. Segundo essa versão do relato, no forte, ficaram o irmão de Beatriz Henríquez de Arana – companheira espanhola/cordovesa de Colombo –, Diego de Arana, de Córdova – sujeito de plena confiança do marinheiro pelos laços familiares que os uniam –, com mais outros onze homens. Aponta esse relato que, do contingente deixado na ilha, três espanhóis haviam morrido de doenças venéreas, cuja responsabilidade atribuíam às mulheres com quem tinham relações.

---

[49] Nossa tradução: Os pontos de vista de Colombo sobre a morte dos 39 espanhóis que deixou em *la Navidad* mudam com o tempo e suas conveniências. Em princípio, recai sobre ele toda a culpabilidade, por causa de seus excessos; agora, quando irá empreender uma campanha contra Caonabó, é o cacique taíno o responsável por tudo (Varela, 1997, p. 316).

[50] Nossa tradução: Ele me contou [no] como os homens que eu havia deixado no forte tiveram uma discórdia entre si e um matou o outro e que Pedro, oficial de V. Al., havia partido com grande parte dos homens para outro rei, que se chamava Caonabó, que tem terra em que há muito ouro; e um biscainho, chamado Chacho, havia partido com outros biscainhos; apenas Diego de Arana, de Córdova, havia ficado com uns onze [homens]; e que cerca de três deles haviam morrido de doença, que eles mesmos diziam que a causa era o relacionamento com um grande número de mulheres, dizendo que, aqueles que ficaram ali, que cada um havia pegado para si <quatro mulheres>, e, quando não só estas lhes bastavam, pegavam as meninas pequenas também (Varela, 1997, p. 243).

Vemos, ainda nessa versão, que cada um desses homens que permaneceram no forte havia “tomado” para si 4 mulheres, porém, quando essas não lhes eram suficientes, “tomavam”, também, as mais jovens/adolescentes. Enquanto, no primeiro registro de Colombo, no *Diário de Bordo* ([1492-1493] 1997), há apenas uma tímida menção à nudez das mulheres, na entrada de 11 de outubro de 1492, por ser a rainha a receptora do texto, neste relato – quando se trata de impor o poder e a defesa de seu ponto de vista perante toda a comunidade hispânica da época – Colombo já evidenciava qual era o tratamento dado pelos espanhóis às nativas das terras recém-anexadas à coroa espanhola. É, desse modo, visível a objetificação dessas nativas americanas, às quais esses colonizadores impuseram uma relação de posse. Dussel (1977) comenta sobre essa relação de dominação do homem europeu colonizador sobre a mulher nativa americana, na qual tais mulheres eram tratadas como objetos que pertenciam a esses homens.

Na continuação do relato, Colombo descreve como culpados de doze mortes alguns de seus próprios homens, conforme lemos:

> *Y deçían qu’el comienço d’esta discordia fue que, luego que yo partí, cada uno no quiso entrar a obediençia ni apañar oro salvo para sí, sino Pedro, repostero, y Escobedo – a éste avía yo dexado el cargo de todas las cosas –. Y que los otros no entendían salvo con mujeres y moravan en casa d’ellas, y que Pedro y Escobedo mataron /12/ uno que se llamaba Jácome; y después se fueron con sus mujeres a este Cahonaboa; y dende a çierto tiempo bino este Cahonaboa y de noche puso fuego en la villa, la cual quemó toda que no quedó nada, de qu’es de aver piadad, porque otra población tan grande ni de tan hermosas casas e visto en todas las Yndias. Al[o] cual tiempo huyó Ocanaguarí con toda su gente, hombres y mugeres y niños, y requirió a los christianos que fuesen con él, y no le plugo, salvo que se fueron al cana<l>, adonde se afogaron; y fueron ahogados ocho, y los tres murieron durmiendo, según después paresçió por las feridas*[51] (Varela, 1997, p. 243).

[51] Nossa tradução: E diziam que o começo dessa discórdia foi que, depois que eu parti, ninguém quis obedecer nem obter ouro a não ser para si, senão Pedro, oficial de V. Al, e Escobedo – a quem eu havia deixado encarregado de tudo –. E que os outros não se entendiam senão com mulheres e moravam nas casas delas, e que Pedro e Escobedo mataram /12/, um chamado Jácome; e mais tarde, eles foram com suas mulheres para este Caonabó; e, depois de um certo tempo, este Caonabó veio, à noite, e ateou fogo na vila, que queimou por completo e não restou nada, pelo que se deve sentir piedade, porque outra população tão grande ou com casas tão bonitas não havia sido vista em todas as Índias. Nesse momento, Guacanagarí fugiu com todo o seu povo, homens, mulheres e crianças, e pediu aos cristãos que o acompanhassem, e eles não quiseram fazê-lo, por isso foram ao canal, onde se afogaram; e oito foram afogados, e três morreram dormindo, como mais tarde pareceu, devido aos ferimentos (Varela, 1983, p. 243).

Há, aqui, em consonância com o que nos expõe Varela (1997), uma lacuna de informação no discurso apresentado no *Diário* sobre os espanhóis que haviam ficado em Guanahaní/"*La Española*" quando Colombo retornou à Espanha em 1493, pois o navegante manipula sua narrativa, direcionada aos reis, de acordo com suas pretensões de poderio. Nessa primeira descrição, anteriormente exposta, recebida pelo relato de Guacanagarí, Colombo descreve a morte de 12 espanhóis pelas desavenças que surgiram entre eles próprios, como brigas por mulheres, o que os levou a se matarem entre si, e 8 mortes por afogamento para fugir do fogo que, segundo seu registro, havia sido ateado por Caonabó ao forte *La Navidad*. Porém, em uma de suas *Cartas* para os reis, escrita posteriormente, em 14 de outubro de 1495, ele passa a culpabilizar o mais poderoso cacique taíno, Caonabó, pela morte de todos esses espanhóis, possivelmente para justificar sua intenção de capturar esse cacique por seu posicionamento de enfrentamento e rebeldia perante as ações colonialistas.

Vemos, aqui, um exemplo das manipulações do discurso de Colombo para favorecer sua própria empreitada colonizadora, o que evidencia a reflexão da pesquisadora espanhola Celia Fernández Prieto (2003) sobre o modo como os subordinados da coroa espanhola atuavam, escrituralmente, no processo de "conquista" da América sempre que tinham que se reportar a seus superiores, tergiversando os fatos para erigir uma imagem enaltecida de si mesmos. Nesses escritos, os sujeitos investidos do poder colonizador não apenas ocultavam aquilo que lhes traria o desprestígio daqueles que estavam no poder e financiavam as expedições, mas, também, manipulavam seus relatos no intuito de receber a aprovação dos monarcas para certos feitos, como, nessas escritas de Colombo, a prisão do cacique Caonabó.

Sobre a captura do líder nativo pelos espanhóis, Las Casas relata, em *Historia de las Indias*[52] ([1875] 1957), que Caonabó foi capturado por Alonso de Ojeda para ser enviado à rainha Isabel, em Castela, da mesma maneira que muitos outros nativos eram enviados em navios como escravos. Segundo expõe o frei, Caonabó estava preso nesse navio e afogou-se durante a viagem:

[52] Os dois tomos de *Obras escogidas de Bartolomé de las Casas – Historia de las Indias* incluem a obra *Historia de las Indias*, do frei Bartolomeu de Las Casas, além de um estudo preliminar sobre seus escritos, realizado por Juan Pérez de Tudela Bueso, editor desta edição, publicada em 1957, em Madrid, a qual utilizamos para nossa pesquisa. A obra original *Historia de las Indias*, escrita pelo frei, foi publicada, pela primeira vez, apenas em 1875 e contém os registros escritos por Las Casas entre os anos de 1474 e 1566.

> *Hojeda fue también el que por maña y cautela o por manera illícita prendió y trujo a la Isabela preso al rey Caonabo, que se ahogó estando en cadenas en cierto navio para llegar a Castilla, contra toda justicia y razón. Este fue asimismo el que infestó a tierra firme, y a otras destas islas, que nunca le ofendieron, y llevó dellas muchos indios a vender por esclavos a Castilla, como queda en el primer libro dicho*[53] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 151).

Em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*[54] ([1552] 2011), Las Casas também comenta sobre a captura e morte de Caonabó, rei de Maguana, que estava preso nesse navio com destino a Castela e morreu afogado no naufrágio da embarcação por estar acorrentado, pois, naquela noite, houve uma tempestade que afundou todos os navios da frota que partiria para Espanha, e muitos dos homens a bordo morreram afogados, segundo o relato que segue:

> *El tercero reino y señorío fue la Maguana, tierra también admirable, sanísima y fertilísima, donde agora se hace la mejor azúcar de aquella isla. El rey dél se llamó Caonabó. Éste, en esfuerzo y estado y gravedad y cerimonias de su servicio excedió a todos los otros. A éste prendieron con una gran sutileza y maldad estando seguro en su casa. Metiéronlo después en un navío para traello a Castilla, y estando en el puerto seis navíos para se partir quiso Dios mostrar ser aquella con las otras grande iniquidad e injusticia y envió aquella noche una tormenta que hundió todos los navíos y ahogó todos los cristianos que en ellos estaban, donde murió el dicho Caonabó cargado de cadenas y grillos*[55] (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

Las Casas descreve-o como o mais poderoso dos caciques da região. Seus relatos referem-se, ainda, aos irmãos de Caonabó, que, ao saberem da prisão e morte

---

[53] Nossa tradução: Foi também Ojeda, com manha e cautela, ou por via ilícita, que prendeu e trouxe à Isabela o rei Caonabó, que se afogou, pois estava acorrentado em um certo navio para chegar a Castela, contra toda justiça e razão. Foi ele mesmo que infestou a terra firme, e outras destas ilhas, que nunca lhe ofenderam, e levou delas muitos índios para vender como escravos a Castela, como consta no referido primeiro livro (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 151).

[54] Utilizamos, nesta pesquisa, a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552), editada por José Miguel Martínez Torrejón, publicada em 2011.

[55] Nossa tradução: O terceiro reinado e senhorio foi *La Maguana*, terra também admirável, saudabilíssima e fertilíssima, onde agora se faz o melhor açúcar daquela ilha. O seu rei se chamou Caonabó. Este, em esforço, estado, gravidade e cerimônias, excedeu a todos os outros. Prenderam-no com grande sutileza e maldade quando ele estava seguro em sua casa. Meterem-no, depois, em um navio para trazê-lo a Castela e, quando havia no porto seis navios para partir, quis Deus mostrar ser aquela, como as outras, uma grande iniquidade e injustiça, e enviou, naquela noite, uma tempestade que afundou todos os navios e afogou todos os cristãos que ali estavam, onde morreu o dito Caonabó, carregado de correntes e grilhões (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

do cacique e, também, pelas matanças dos colonizadores em diferentes reinos da ilha, armaram-se e atacaram os espanhóis, mas foram por eles massacrados:

> *Tenía este señor tres o cuatro hermanos muy varoniles y esforzados como él. Vista la prisión tan injusta de su hermano y señor y las destruiciones y matanzas que los cristianos en los otros reinos hacían, especialmente desde que supieron que el rey su hermano era muerto, pusiéronse en armas para ir a cometer y vengarse de los cristianos. Van los cristianos a ellos con ciertos de caballo (que es la más perniciosa arma que puede ser para entre indios) y hacen tantos estragos y matanzas que asolaron y despoblaron la mitad de todo aquel reino*[56] (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

O religioso não apenas relata a intensidade dos enfrentamentos entre colonizadores e os povos originários, como também menciona as vantagens que os europeus tinham em relação aos opositores e, entre essas vantagens, cita a presença de cavalos, animais desconhecidos e grandemente temidos pelos nativos. Outra referência de Las Casas à morte de Caonabó é exposta no excerto abaixo, retirado de *Historia de las Indias* ([1875] 1957), no qual reforça a prisão de Caonabó por Alonso de Ojeda e a morte por afogamento do cacique, que estava acorrentado em um dos navios que partiriam à Espanha:

> *Mandó eso mismo el comendador mayor edificar otra villa treinta leguas de Xaraguá y otras treinta o más desta ciudad de Sancto Domingo, entre los dos ríos poderosos llamados Nriba y Yaqní, a que puso nombre San Juán de la Maguana, donde reinaba el rey Caonabo, que dejimos en el libro primero haberle prendido Alonso de Hojeda con cierta maña y ahogarse en los navios que se perdieron en el puerto de la Isabela, estando para partirse a España*[57] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 31).

[56] Nossa tradução: Tinha esse senhor três ou quatro irmãos muito viris e esforçados como ele. Ao ver a prisão tão injusta de seu irmão e senhor e as destruições e matanças que os cristãos faziam em outros reinos, especialmente desde que souberam que o rei, seu irmão, estava morto, armaram-se para combater e se vingar dos cristãos. Vão os cristãos até eles com alguns cavalos (que são a mais perniciosa arma que se pode ter contra os índios) e fizeram tantos estragos e matanças que assolaram e despovoaram a metade de todo o reino (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

[57] Nossa tradução: Mandou esse mesmo comendador superior edificar outra vila há trinta léguas de *Xaraguá* e mais outras trinta ou mais desta cidade de Santo Domingo, entre os dois rios poderosos chamados Nriba e Yagní, ao qual pôs o nome *San Juan de la Maguana*, onde reinava o rei Caonabó, que dissemos, no primeiro livro, foi preso por Alonso de Ojeda com certa manha e se afogou nos navios que se perderam no porto de *La Isabela*, estando para partir para a Espanha (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 31).

Não há qualquer comprovação de como, de fato, deu-se a morte de Caonabó. Temos acesso apenas a registros discursivos como os de Las Casas e os do *Diário* de Colombo. Trata-se, portanto, de discursos atravessados por questões subjetivas de quem os escreve, em concordância com Barros (2013), sobre o intrínseco posicionamento perspectivado do historiador, reconhecido pelos historicistas relativistas da segunda metade do século XIX. Vemos, dessa forma, os modalizadores da linguagem de Las Casas no excerto acima, no qual ele utiliza o pronome de tratamento "*rey*" para se referir a Caonabó, demostrando respeito e reconhecimento à posição que o cacique ocupava em sua terra.

Diferentemente de Las Casas, Colombo não usa tal pronome para se referir a Caonabó; ao invés disso, descreve-o com adjetivos pejorativos e delega esse posicionamento a outros, a "todos", para reafirmar que aquilo que descreve não é apenas seu posicionamento perante o cacique, mas, sim, uma opinião compartilhada por outras pessoas, como quando o descreve como "[...] *aquel Cacique que llaman Caonabo, que es ombre, según relación de todos, muy malo y muy más atrevido* [...][58]" (Varela, 1983, p. 256). Não há como isentar, nessas escritas, as subjetividades, as motivações e os propósitos diferenciados com que cada um registra, de forma proposital, a sua opinião a respeito de um sujeito que, nitidamente, parece fazer-lhes oposição.

Quando Las Casas descreve, ainda no excerto acima, a captura de Caonabó por Alonso de Ojeda, ele afirma que o cacique foi capturado "*con cierta maña*", que pode ser traduzido como "com certa habilidade/destreza" e, possivelmente, retratar um encarceramento ardiloso do cacique. Isso corrobora com os comandos de Colombo para amarrar Caonabó quando fosse capturado e fazer o que fosse necessário para conseguir levá-lo como prisioneiro, conforme apresentamos em análises de excertos do *Diário* apresentadas na sequência desta seção. Não sabemos, por exemplo, se Caonabó sequer embarcou vivo nesse navio, um dos quais Las Casas afirma que "[...] *se perdieron en el puerto de la Isabela*[59]" (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 31), quer dizer, o próprio discurso de Las Casas relativiza o que, de fato, pode ter acontecido com Caonabó e essas embarcações "perdidas". Vallejo

[58] Nossa tradução: [...] aquele Cacique que chamam de Caonabó, que é homem, segundo relato de todos, muito mau e muito mais ousado [...] (Varela, 1983, p. 256).

[59] Nossa tradução: [...] se perderam no porto de la Isabela (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 31).

(2015) aponta que os detalhes da morte de Caonabó são desconhecidos, porém, diferentes registros propõem vários cenários: "*que el barco naufragó, que murió de enfermedad o de tristeza en la travesía, o que se suicidó antes de llegar a España*[60]" (Vallejo, 2015, p. 21).

John Boyd Thacher, em sua obra *Christopher Columbus, His Life, His Works, His Remains – as revealed by original printed and manuscript records – together with an Essay on Peter Martyr of Anghera and Bartolomé de las Casas, the first Historians of America* (1903), descreve o ocorrido com Caonabó, com base nos escritos de Las Casas[61]:

> *Maguana was the third native province of Española. It was the richest of all the lands, and its king, Caonabo, surpassed all other kings in power, wealth and courage. This king had the bravery to oppose the Spaniards, and after many fights was entrapped by Ojeda. On March 10, 1496, he was carried on board a vessel bound for Spain, but died on the voyage. His country was devastated and so great was the slaughter among his people that the region became a desert*[62] (Thacher, 1903, p. 125).

Ao se considerar, assim, a cultura estabelecida em *Guanahaní/"La Española"*, no final do século XV e início do XVI, a importância do reino de Xaraguá e do estado de poder de seu líder, Caonabó, não passa desapercebido pelos europeus que ali buscavam estabelecer os preceitos da colonização espanhola. Em suas releituras dos registros sobre a captura e morte de Caonabó, Thacher (1903) aponta um possível equívoco nos registros de Las Casas sobre o ano da morte de Caonabó, sobre o qual explica em nota de rodapé:

> *Las Casas says this Indian chief perished with one of the vessels in which he was embarked, but it seems as if the good Bishop had confused this with the event which really occurred in the summer of*

[60] Nossa tradução: [...] que o navio naufragou, que ele morreu de doença ou tristeza na viagem, ou que se suicidou antes de chegar à Espanha [...] (Vallejo, 2015, p. 21).

[61] Thacher (1903) baseia sua investigação sobre os registros de Bartolomeu de Las Casas, principalmente, a partir das obras *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552) e *Historia de las Indias* (1875), que apresentam os escritos do frei.

[62] Nossa tradução: Maguana era a terceira província nativa de *La Española*. Era a mais rica de todas as terras, e seu rei, Caonabó, superava todos os outros reis em poder, riqueza e coragem. Este rei teve a bravura para se opor aos espanhóis e, depois de muitas lutas, foi preso por Ojeda. Em 10 de março de 1496, ele foi carregado a bordo de um navio com destino à Espanha, mas morreu na viagem. Seu reino foi devastado e tão grande foi a carnificina entre seu povo que a região se tornou um deserto (Thacher, 1903, p. 125).

> *1502. It is probable that he died during the voyage. The Admiral himself was on board one of the two ships returning to Spain, closing his second voyage by returning with some thirty natives, virtually prisoners, but whom the Admiral asserted he was taking to Spain that he might teach them the power and greatness of the Spanish sovereigns*[63] (Thacher, 1903, p. 125).

As controvérsias existentes entre os diferentes registros sobre a colonização da América não estão apenas nas incertezas quanto às datas ou nomes. Os embates desses escritos envolvem, também, a manipulação do discurso, que, por vezes, contempla ou elimina determinados feitos ou figuras da história. Em nossa análise do *Diário* (1492-1493) e das *Cartas* da segunda viagem de Colombo à América (1493-1495), não encontramos menção direta à figura de Anacaona. Na edição de textos e documentos completos de Colombo, produzida por Varela (1997), não há referência à autóctone, também, no índice de nomes próprios que figura no final da edição. São apresentados, no entanto, vários relatos sobre os feitos de Caonabó, marido de Anacaona – cujo nome é apresentado, nesse índice da edição de Varela, como "Caonabó, cacique († 1496)" (Varela, 1997, p. 545).

Os relatos analisados mostram-nos que a opressão comandada por Colombo sobre esses nativos americanos da ilha de Guanahaní/"*La Española*" teve início pela perseguição e captura a Caonabó, um dos primeiros líderes a combater a invasão europeia no continente americano. Assim como Anacaona, que foi enforcada pelos espanhóis defendendo seu povo, as atitudes de enfrentamento de Caonabó levaram-no a ser capturado pelos colonizadores e, posteriormente, esses acontecimentos desencadearam sua morte.

Segundo os registros de Colombo, após o naufrágio da nau *Santa María*, em 1492, o ataque dos nativos ao forte "*La Navidad*" – construído com os restos da embarcação espanhola naufragada –, primeiro assentamento espanhol em "*La Española*" (nome atribuído por Colombo à ilha de Guanahaní), representou o estopim dos enfrentamentos entre os indígenas e os representantes da colonização espanhola

[63] Nossa tradução: Las Casas diz que este chefe indígena morreu com um dos navios em que embarcou, mas parece que o bom Bispo o confundiu com o evento que, na verdade, ocorreu no verão de 1502. É provável que ele tenha morrido durante a viagem. O próprio almirante estava a bordo de um dos dois navios que voltavam para a Espanha, fechando sua segunda viagem retornando com cerca de trinta nativos, virtualmente prisioneiros, mas que o almirante afirmava estar levando para a Espanha para que pudesse ensinar-lhes o poder e a grandeza dos soberanos espanhóis (Thacher, 1903, p. 125).

na América. Segundo o registro do navegante, "*Cahonaboa, aquel rey o 'cacique', que dizen, no a doze o treze leguas; éste es aquél que dizen que mató a nuestros christianos, que en todos cavos de Cibao los conoçían y que andavan desmandados unos de otros*[64]" (Varela, 1997, p. 277). "Cibao", apresentada nesta citação, refere-se a uma região do Norte da ilha, atualmente território pertencente à República Dominicana, estabelecida geográfica e culturalmente, limitada pela fronteira com o Haiti ao Oeste, a cordilheira central ao Sul e ao Sudoeste, a serra de Yamasá e Los Haitises ao Sudeste, a baía de Samaná ao Leste e o oceano Atlântico ao Norte. Las Casas descreve essa região como profícua em ouro:

> *Y todos los ríos que vienen de la una sierra que está al poniente* […] *son riquísimos de oro, en la cual sierra o sierras se contiene la provincia de Cibao, donde se dicen las minas de Cibao, de donde sale aquel señalado y subido en quilates oro que por aquí tiene gran fama. El rey y señor deste reino se llamaba Guarionex;* […] *Este rey Guarionex era muy obediente y virtuoso y naturalmente pacífico y devoto a los reyes de Castilla*[65] (Torrejón, [1552] 2011, p. 24).

O cronista Pietro Martire d'Anghiera, porém, aponta Caonabó, esposo de Anacaona, como "*rei de Cibao*" (Anghiera, [1530] 1912, p. 123), o que pode significar que essa região de Cibao englobava territórios de diferentes reinos, como o de Maguá, onde Guarionex reinava (com base nos escritos de Las Casas em Tudela Bueso, [1875] 1957); e o de Xaraguá, onde Caonabó comandava e, posteriormente, Anacaona assumiu a liderança.

Vemos que as fontes de informação de Colombo, para se assegurar de que Caonabó foi o responsável pelo desaparecimento dos espanhóis, ficam explícitas na expressão "*que dizen*", reiterada no registro do marinheiro. Diante desse registro, perguntamo-nos: quem o dizia para que fosse compreensível ao europeu se não havia sobrevivente espanhol na ilha e a comunicação entre espanhóis e taínos, à época,

---

[64] Nossa tradução: Caonabó, aquele rei ou 'cacique', que dizem, não a doze ou treze léguas; é esse quem dizem que matou nossos cristãos, que em todos os rincões de Cibao o conheciam e que estavam fugindo uns dos outros (Varela, 1983, p. 277).

[65] Nossa tradução: E todos os rios que vêm de uma serra que fica a oeste […] são extremamente ricos em ouro, nesta serra ou serras está contida a província de Cibao, conhecida como as minas de Cibao, onde são encontrados e carregados quilates de ouro que têm grande fama por aqui. O rei e senhor deste reino chamava-se Guarionex; […]. Este rei Guarionex era muito obediente e virtuoso e, naturalmente, pacífico e dedicado aos reis de Castela (Torrejón, [1552] 2011, p. 24).

nunca foi além da gesticulação, já que um não entendia a língua do outro nesse momento dos enfrentamentos?

Colombo, em seu *Diário*, já havia dado mostras anteriores de sua tamanha incompreensão da fala e dos gestos dos nativos. Uma das passagens do *Diário* em que o navegante interpreta a gesticulação dos taínos expressa: "*Entendió también que lejos de allí había hombres de un ojo y otros con hocicos de perros que comían los hombres y que en tomando uno lo degollaban y le bebían su sangre y le cortaban su natura*[66]" (Varela, 1997, p. 89). Foi também por meio dessa possível "interpretação" gestual daquilo que transmitiam os nativos que Colombo obteve as informações do cacique Guacanagarí, que lhe permitiram acusar Caonabó de haver matado os espanhóis que ele havia deixado no *Fuerte Navidad*, em 1493.

Para Colombo, o líder Caonabó representou uma das ações reacionárias mais significativas perante a invasão espanhola. Isso podemos verificar por meio das várias menções feitas em seus escritos sobre esse cacique taíno, ao enfatizar o quão poderoso e destemido ele era. Tal imagem do nativo resultou em sua captura pelos espanhóis. Fato este que ocasionou a sua morte – assim como a posterior morte de sua esposa Anacaona – a sucessora no comando de seu povo –, personagem sobre a qual não encontramos referências nos registros de Colombo.

Sobre esse mesmo episódio, Las Casas relata os problemas que se instauraram na ilha quando Colombo regressou à Espanha, em 1493, e deixou alguns de seus homens em Guanahaní/"*La Española*". Segundo o registro do frei:

> *Dijeron que luego que el Almirante se partió dellos, comenzaron entre sí a reñir e tener pendencias y acuchillarse y tomar cada uno las mujeres que quería y el oro que podía haber y apartarse unos de otros; y que Pedro Gutiérrez y Escobedo mataron a un Jácome, y aquéllos con otros nueve se habían ido con las mujeres que habían tomado y sus hatos, a la tierra de un señor que se llamaba Canabo, que señoreaba las minas (y creo que está corrupta la letra, que había de decir Caonabo, señor y rey muy esforzado de la Maguana, de quien bay bien que decir abajo), el cual los mató a todos diez o once*[67] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

[66] Nossa tradução: Entendeu, também, que, longe dali, havia homens de um olho só e outros com focinhos de cão que comiam homens e que, quando capturavam algum, degolavam-no, bebiam o seu sangue e cortavam o seu membro sexual (Varela, 1997, p. 89).

[67] Nossa tradução: Disseram que logo que o Almirante partiu, começaram a brigar entre si, criar pendências, golpearem-se e tomavam cada um as mulheres que queriam e o ouro que podia haver, e se apartaram uns dos outros; e que Pedro Gutiérrrez e Escobedo mataram a um tal de Jácome, e

Mais uma vez, o discurso de Colombo reforça seu posicionamento perante as atitudes de embate de Caonabó, acusando-o de haver matado dez ou onze de seus homens. Além disso, o excerto acima também acusa os próprios espanhóis de rebeldia quando Colombo regressou à Espanha, o que confere ao navegante uma imagem de pacificador das terras "descobertas" e reforça a necessidade de seu posto como regente da ilha em nome da corte espanhola.

Las Casas menciona o ataque do forte "*La Navidad*" pelo grupo liderado por Caonabó, sobre o qual Colombo também reporta à coroa espanhola na *Carta* sobre sua segunda viagem (1493), conforme lemos no seguinte excerto dos escritos do frei:

> *Dijeron más, que después de muchos días vino el dicho rey Caonabo con mucha gente a la fortaleza, donde no había más de Diego de Arana, el capitán, y otros cinco que quisieron permanecer con él para guarda de la fortaleza, porque todos los demás se habían desparcido por la isla, y de noche puso fuego a la fortaleza y a las casas donde aquéllos estaban, porque no estaban por ventura en la fortaleza, los cuales, huyendo hacia la mar, se ahogaron. El rey Guacanagarí salió a pelear con él por defender los cristianos; salió malherido, de lo que no estaba sano*[68] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

Os esforços de Guacanagarí para se aliar aos estrangeiros é, mais uma vez, mencionado, assim como as acusações a Caonabó como responsável pela morte desses espanhóis que Colombo deixou na ilha quando regressou à Espanha. Las Casas apresenta, porém, uma informação que pode ser complementar à lacuna apresentada no *Diário*, uma vez que Colombo relata que Caonabó havia assassinado 20 de seus homens, quando, na verdade, 39 espanhóis haviam ficado na ilha: "[...] *allende lo que yo digo <que> en él consiste <todo> lo de la isla, mató a .20. christianos*

aqueles com outros nove haviam fugido, com as mulheres que tinham tomado e seus bandos, à terra de um senhor que se chamava Caonabó, que governava as minas (e acredito que a letra da carta está corrompida, que diria Caonabó, senhor e rei muito esforçado de *La Maguana*, de quem é bom dizer abaixo), o qual os matou a todos os dez ou onze (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

[68] Nossa tradução: Disseram mais, que depois de muitos dias vindo o dito rei Caonabó, com muita gente, à fortaleza, onde estava não mais que Diego de Arana, o capitão, e outros cinco que quiseram permanecer com ele para guardar a fortaleza, porque todos os demais haviam desaparecido pela ilha, e à noite ateou fogo à fortaleza e às casas onde aqueles estavam, porque não estavam, porventura, na fortaleza, os quais, fugindo para o mar, afogaram-se. O rei Guacanagarí saiu a lutar com ele para defender os cristãos; saiu gravemente ferido e não estava bem (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

el primero viaje durmiendo seguros en sus propias casas por roballos […][69]" (Varela, 1997, p. 316). Las Casas apresenta uma possível explicação para esses outros homens, cujas mortes não foram atribuídas a Caonabó pelo discurso de Colombo, quando o frade relata que eles morreram afogados.

Temos, aqui, um exemplo das lacunas que um historiador, em seu encargo de registrar a história, inegavelmente, apresenta em sua narrativa. É por isso que Le Goff (1990) atribui ao historiador, na vertente da nova história, a função de desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção, avaliando quem eram aqueles que detinham, no passado, a produção desses relatos que, de forma voluntária ou involuntária, tornaram-se os documentos da história. "Ao mesmo tempo, é preciso delimitar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios, quanto sobre os cheios que sobreviveram" (Le Goff, 1990, p. 54).

No excerto abaixo, Colombo relata dois perigos aos quais os espanhóis estavam sujeitos na ilha – o de serem atacados pelo cacique Caonabó e a dificuldade de carregar o ouro que encontravam sem contrair nenhuma doença. De acordo com o relato de Colombo,

> […] *seguirse ían dos peligros de allí: el uno de adoleçer allá en la misma obra, do non ay casa ni reparo alguno de aquel Cacique que llaman Caonabo, que es ombre, según relación de todos, muy malo y muy más atrevido, el cual, viéndonos allá así desbaratados y dolientes, podría emprender lo que non osaría si fuésemos sanos, y con ésto mismo se allega otra dificultad, de traer acá lo que llegásemos de oro, porque o avíamos de traer poco e ir e venir cada día e meterse en el riesgo de las dolençias, o se avía de enbiar con alguna parte de la gente, con el mismo peligro de perderlo*[70] (Varela, 1997, p. 256).

As principais preocupações de Colombo, nessas relações, envolvem o perigo iminente de ataques dos nativos, em especial sob o comando de Caonabó, e a aquisição e transporte do ouro que encontrassem. Grande parte desse ouro estava,

---

[69] Nossa tradução: [...] além de eu ter afirmado <que> nele se concentra <todo> o poder da ilha, ele matou vinte cristãos da primeira viagem, que estavam dormindo, seguros, em suas próprias casas, para lhes roubar (Varela, 1997, p. 316).

[70] Nossa tradução: [...] daí viriam dois perigos: o de adoecer ali no mesmo trabalho, onde não há casa ou conserto algum daquele Cacique que chamam de Caonabó, que é homem, segundo relato de todos, muito mau e muito mais ousado, o qual, vendo-nos ali tão arrasados e doentes, poderia fazer o que não ousaria se estivéssemos saudáveis, e com isso, há outra dificuldade, de trazer aqui o que conseguíssemos de ouro, porque ou iríamos trazer pouco e ir e vir todos os dias e correr o risco de adoecer, ou deveríamos enviar um grupo de pessoas, com o mesmo perigo de perdê-lo (Varela, 1983, p. 256).

segundo tais registros, sob o domínio territorial desse mesmo cacique, que tanto preocupava Colombo em seus esforços para estabelecer a colonização espanhola.

O excerto destacado a seguir provém de uma *Carta* de instrução para capturar o cacique Caonabó, escrita por Colombo, em 9 de abril de 1494, endereçada a Pedro Margarite, um de seus subordinados, encarregado, junto a Alonso de Ojeda, de se vingar dos nativos pelo ataque a "*La Navidad"*. Segundo expressa a *Carta* de Colombo, de 1494, podemos inferir o quanto esse cacique preocupava o navegante, a ponto de fazê-lo escrever:

> *D'esto de Cahonaboa, mucho querría que con buena diligençia se toviese tal manera que lo pudiésemos aver en nuestro poder, y por eso debéis tener d'esta manera según mi albedrío* […]. *La manera que se debe tener para prender a Cahonaboa, reservando a lo que allá se hallará después, es esta: qu'el dicho Contreras trabaje mucho con él, e tenga manera que Cahonaboa vaya a hablar con vos, porque más seguramente se haga su prisión*[71] (Varela, 1997, p. 271).

O plano de Colombo consistia em ganhar a confiança de Caonabó para, então, capturá-lo, assim como todo o ouro que, supostamente, encontrava-se nos domínios territoriais do cacique – "*y este Cahonaboa dizen que en la tierra donde vive ay mucho oro, mas es tierra muy montañosa, y que los pedazos y granos son muy grandes*[72]**"** (Varela, 1997, p. 277). A estratégia da aproximação amigável, da falsa parceria e colaboração empregada pelos "conquistadores" espanhóis que, desse modo, ganhavam a confiança e a devoção dos nativos, tornou-se prática consagrada da ação colonialista em território hispano-americano. O mesmo procedimento de falsa parceria, como sabemos, foi usado por Cortés junto às populações mexicanas, para conquistar o império asteca. Estratégia posta em andamento desde o ano de 1519, com os primeiros contatos entre os homens liderados por Cortés, até a sua completa rendição em 1521, fato que custou a todas as comunidades originárias dessa região norte do continente a sua subjugação ao poderio espanhol.

---

[71] Nossa tradução: Sobre Caonabó, eu gostaria muito que, com bom zelo, pudéssemos tê-lo em nosso poder, e por isso, devem fazê-lo como peço [...]. A maneira de prender Caonabó, considerando o que lá vai encontrar depois, é esta: deixe que o dito Contreras lide com ele, e encontre um jeito para que Caonabó vá falar com você, para que, mais seguramente, se faça a sua prisão (Varela, 1983, p. 271).

[72] Nossa tradução: [...] e dizem que, na terra onde vive esse Caonabó, há muito ouro, mas é uma terra muito montanhosa, e que os pedaços e grãos são muito grandes (Varela, 1983, p. 277).

A *Carta* de Colombo destaca instruções para que, quando os encarregados espanhóis capturassem o cacique Caonabó, fizessem-no vestir uma camisa, colocassem um capuz em sua cabeça e amarrassem as suas mãos, para que não pudesse se soltar, além de prender, também, os seus irmãos, que o acompanhariam. Conforme recomenda Colombo em sua missiva,

> […] *e porque él anda desnudo e sería malo de detenerle, e si una vez se soltase e se fuyese, no se podría así aver a las manos por la indispusición de la tierra, estando en vistas con él, hazelde dar una camisa y vestírsela luego, y un capus y çeñille un cinto y ponelle una toca, por donde lo podéis tener e no se vos suelte; e también debéis prender a los hermanos suyos que con él irán*[73] (Varela, 1997, p. 271).

A dissimulação, o engano, a perversão e tantas outras ações que revelam a essência da hipocrisia dos "conquistadores" ficam evidentes nesses registros trocados entre os iguais. A mencionada *Carta* de Colombo a seu subordinado evidencia, do mesmo modo, que, caso Caonabó não aceitasse acompanhá-los, Colombo recomendava enviar um "contrarregra", encarregado de convencê-lo, sem levar muitos homens até o cacique, pois isso poderia deixá-lo desconfiado das intenções dos espanhóis. Essa intenção fica expressa no seguinte fragmento da *Carta*:

> *Y si por caso el dicho Cahonaboa estoviera indispuesto que no pueda ir a estar con vos, tened manera con él que dé por bien vuestra ida a él, e antes que vos a él llegueís, el dicho Contreras debe ir primero por le asegurar, diziéndole que vos váis a él pro le ver e conosçer e tener con él amistad, porque yendo vos con mucha gente prodría ser que tomase reçelo e se pornía a ir por los montes, e herraríades la presa; pero todo se remite a vuestra buena discreción, para que fagais segud que mejor os paresciere*[74] (Varela, 1997, p. 271).

[73] Nossa tradução: [...] E porque ele anda nu e seria ruim detê-lo, e se ele se soltasse e fosse embora, não seria possível ver suas mãos por causa da indisposição da terra, quando encontrá-lo, dê a ele uma camisa e o faça vesti-la logo, e um capuz e amarre um cinto e coloque um gorro nele, assim poderá prendê-lo e não o solte; e, também, devem prender seus irmãos que irão com ele (Varela, 1983, p. 271).

[74] Nossa tradução: E se por acaso o dito Caonabó estiver tão indisposto que não possa ir contigo, faça com que aceite que vás até ele, e antes de que chegues, o dito Contreras deve primeiro ir assegurá-lo, dizendo que tu irás vê-lo e conhecê-lo e estabelecer amizade com ele, porque se tu fores com muita gente pode ser que suspeite e fuja para as montanhas, e o prenda com algemas e, assim, venhas a perder a presa; mas tudo fica ao teu bom critério, para que faças o que te pareça melhor (Varela, 1983, p. 271).

Vemos que Colombo empregava estratégias de dissimulação, de falsidade, de enganos e hipocrisia para alcançar o objetivo de capturar o cacique taíno e seus irmãos e, assim, desmantelar a resistência indígena à supremacia dos brancos invasores de seu território. Tais artimanhas, como mencionamos, foram também empregadas pelo soldado Hernán Cortés, em 1519, na sua empresa de "conquista" do império asteca, articulando as diferentes comunidades nativas para lhe ajudarem na prisão do imperador Monctezuma. Esse fato, ao se concretizar, significou a derrocada do império como um todo, subjugando tanto os que enfrentaram o colonizador quanto aqueles que o conduziram à vitória.

Em nossa leitura desses documentos da época da colonização latino-americana por parte dos espanhóis, ficou evidente que o olhar europeu se dirigiu, nos primeiros momentos do conflito, apenas ao sujeito masculino – Caonabó – como alvo de possíveis embates e enfrentamentos. Supomos que Anacaona, como esposa de Caonabó e irmã de Bohechio, durante todo esse processo, não tenha ficado alheia ao que se passava em seu território. Os europeus, tanto Colombo quanto outros espanhóis à época, centraram suas ações na captura e na eliminação do cacique – sujeito masculino e opositor à altura –, sem se ocupar da cacica – figura feminina vista com menosprezo e sem poderio –, não dando relevância à figura feminina da cacica que, em seguida, estaria em uma posição de liderança durante os embates entre os habitantes originários e os invasores europeus.

Nos anos seguintes à morte de seu marido, Anacaona assumiu a liderança de seu povo e organizou a resistência e a luta contra os espanhóis. Derrotada, a nativa taína foi, da mesma forma como seu marido, julgada insurgente, rebelde e culpada por atos de agressão aos espanhóis. Assim, ela acabou sendo, por eles, enforcada.

Conforme anteriormente apontado em nosso texto, reiteramos que não encontramos, em nossa análise do *Diário* (1492-1493) e das *Cartas* (1493-1495) da segunda viagem de Colombo à América (1493-1495), qualquer menção direta a Anacaona. Na edição de textos e documentos completos de Colombo, produzida por Varela (1997), não há, inclusive, qualquer referência à autóctone no índice de nomes próprios apresentado no final da edição. No entanto, os feitos de Caonabó, capturado por Colombo por suas atitudes de enfrentamento, permeiam grande parte das narrativas do explorador espanhol. Mesmo quando Colombo arquitetou seu plano para capturar o cacique, com a ajuda de Pedro Margarite e Alonso de Ojeda, não há

qualquer vestígio de preocupação, na narrativa registrada no *Diário* (1492-1493) e nas *Cartas* (1493-1495) de Colombo, com uma cacica, esposa de Caonabó, que poderia, também, representar um empecilho à captura de seu marido.

Sobre esse apagamento da existência de Anacaona, cônjuge de Caonabó, o qual tanto preocupava Colombo em sua empreitada de "conquista" no "Novo Mundo", é crucial considerarmos, além das intenções de Colombo ao escrever suas cartas à coroa espanhola, os destinatários dessas cartas: os reis católicos – a rainha Isabel, de Castela, e o rei Fernando II, de Aragão. Não se tratava apenas de um homem, mas, também, de uma mulher, a qual estava no poder e financiava as expedições à América. Por isso, requeriam constante atualização do que seus exploradores encontravam neste território, tanto sobre as conquistas quanto sobre os problemas que enfrentavam. É por isso que as manipulações no discurso de Colombo aparecem, em seus textos, de acordo com suas necessidades no novo continente, como o caso apontado por Varela (1997), em que as explicações do navegante sobre a morte dos 39 espanhóis que haviam ficado na ilha em seu primeiro regresso à Espanha mudam de um relato para o outro: "*En un principio echa sobre ellos toda la culpabilidad, a causa de sus demasías; ahora, cuando va a emprender una campaña contra Caonabó, es el cacique taíno el responsable de todo*[75]" (Varela, 1997, p. 316).

Pesquisas sobre figuras participantes da história da América, que foram subjugadas pela visão perspectivada de exploradores como Colombo, fazem parte do repertório de estudos que fixa essa desconstrução do discurso enaltecedor previamente estabelecido sobre nomes como os desse marinheiro. Apesar de ter sido enaltecido por muitos admiradores ao longo dos séculos, por suas viagens e "conquistas" de territórios na América, essa imagem de Colombo vem sendo desconstruída por um grande número de estudiosos ao longo dos tempos. Isso tem se dado devido às revelações sobre o seu comportamento tirânico e pelos crimes cometidos por ele e seus subordinados contra os nativos indígenas, em especial pelo quase extermínio da população taína de Guanahaní/"*La Española*" por maus tratos, escravidão e matança em grande escala, além da disseminação de doenças

[75] Nossa tradução: Em princípio, recai sobre ele toda a culpabilidade, por causa de seus excessos; agora, quando irá empreender uma campanha contra Caonabó, é o cacique taíno o responsável por tudo (Varela, 1997, p. 316).

europeias entre a população nativa que não tinha quaisquer anticorpos para enfrentar enfermidades comuns na Europa, como a varíola, a varicela, entre outras.

A historiadora espanhola Consuelo Varela, uma das mais reconhecidas estudiosas da trajetória de Colombo, teve acesso a um documento encontrado apenas em 2005 que revela uma face de Colombo como o "tirano do Caribe". Varela expõe em jornais, como, por exemplo, *El País*[76], que esse documento apresenta a "face oculta" do "descobridor" da América.

O documento original, de 46 páginas, integra a exposição *Colón desde Andalucía* (1492-1505), coordenado pela própria investigadora, e apresenta depoimentos de 23 testemunhas, utilizados como prova para o julgamento de Colombo e seus irmãos, Diego e Bartolomeu. Os três foram presos em Santo Domingo, em 1500, pelo novo governador, Francisco de Bobadilla, e levados de volta à Espanha como prisioneiros após a terceira viagem realizada pelo marinheiro ao continente americano. Tal fato ocorrido com o "descobridor" é uma das lacunas que a história tradicional nunca conseguiu explicar com precisão, sendo tratado, por muitos, como uma grande injustiça cometida contra o "descobridor" do "Novo Mundo".

Esse documento foi escrito por Francisco de Bobadilla – enviado à América pelos monarcas espanhóis como Governador Geral da colônia Ibérica na América, destituindo Colombo deste posto –, no ano de 1500, e, entre os inúmeros registros dessa época ainda não catalogados e devidamente estudados, foi mantido arquivado na Espanha até o ano de 2005, quando a arquivista Isabel Aguirre o encontrou no *Archivo General de Simancas*[77] (em Valladolid) e o transcreveu.

De acordo com Varela ([1500] 2006), Bobadilla substituiu Colombo, em 1499, como governador da ilha por um mandato emitido pelos reis. Inicialmente, Bobadilla seria enviado à ilha apenas como um juiz, para investigar algumas reclamações que a corte recebia sobre o governo de Colombo, com relação aos seus gastos exagerados e às suas atitudes descontroladas de fúria. Naquele momento, os reis estavam perdendo a confiança que haviam depositado no marinheiro, mas queriam

[76] BELAUSTEGUIGOITIA, Santiago. Un documento revela la crueldad de Colón en su gobierno de América. *El País*, Sevilla, 13 jul. 2006. Disponível em: https://elpais.com/diario/2006/07/14/cultura/1152828004_850215.html. Acesso em: 26 ago. 2024.

[77] Segundo González Amezúa (1945), o Castelo de Simancas, na província de Valladolid, tornou-se o Arquivo Geral de Simancas (AGS), arquivo oficial da coroa de Castela, em 1540, pois dispunha de espaço suficiente para armazenar a crescente quantidade de documentos que deveriam ser preservados pela coroa.

ouvir as explicações de seu almirante sobre tais acusações. No entanto, antes da viagem de Bobadilla à Guanahaní/"*La Española*", os reis emitiram novas provisões, uma delas nomeando Bobadilla como novo governante da ilha. Conforme explana a investigadora espanhola,

> […] *en un principio, los poderes que este recibió se limitaban exclusivamente a la realización de una investigación judicial sobre el levantamiento de Roldán para proceder según derecho. La provisión, fechada en Madrid el 21 de marzo de 1499, instaba a Colón a que le prestase todo el apoyo posible. Los reyes no hacían más que atender a la solicitud de su almirante. Dos meses más tarde, el 21 de mayo, los reyes emitieron dos nuevas provisiones. En la primera, dirigida a los concejos, justicias, regidores, caballeros, escuderos, oficiales y hombres buenos de las islas y tierra firme, se les comunicaba que el comendador Francisco de Bobadilla había sido nombrado gobernador*[78] (Varela, 2006, p. 52-53).

Varela (2006, p. 53) comenta, ainda, da carta escrita pelos reis, a qual Bobadilla entregaria a Colombo quando chegasse à ilha:

> *Cinco días más tarde, el 26 de mayo, los reyes redactaron una carta para Colón que debía entregarle personalmente Bobadilla a su llegada a las Indias. Una misiva, muy breve, en cuyo encabezamiento también se omite el título de virrey, en la que simplemente le anuncian: "Nos habemos mandado al comendador Francisco de Bobadilla, llevador desta, que vos hable de nuestra parte algunas cosas quél dirá: rogamos vos que le deis fee e creencia y aquello pongáis en obra". El virrey iba a ser destituído*[79]*.*

[78] Nossa tradução: Em um princípio, os poderes que este recebeu limitavam-se, exclusivamente, à realização de uma investigação judicial sobre o levantamento de Rodán para proceder segundo o direito. A disposição, fechada em Madrid em 21 de março de 1499, insistia com Colombo para que lhe prestasse todo o apoio possível. Os reis não faziam mais do que atender à solicitação de seu almirante. Dois meses depois, em 21 de maio, os reis emitiram duas novas disposições. Na primeira, dirigida aos conselhos, justiças, regedores, cavaleiros, oficiais e bons homens da ilha e terra firme, comunicava-lhes que o comendador Francisco de Bobadilla havia sido nomeado governador (Varela, 2006, p. 52-53).

[79] Nossa tradução: Cinco dias depois, em 26 de maio, os reis redigiram uma carta que Bobadilla deveria entregar, pessoalmente, a Colombo quando chegasse às Índias. Uma missiva muito breve, em cujo cabeçalho também se omite o título de vice-rei, na qual simplesmente lhe anunciam: "enviamos ao comendador Francisco de Bobadilla, portador desta, que vos fale de nossa parte algumas coisas que ele lhe dirá: rogamos a vós que dês fé e crença e aquilo ponhais em prática". O vice-rei deveria ser destituído (Varela, 2006, p. 53).

Sobre a destituição de Colombo como governador da ilha, Tudela Bueso[80] (1957) comenta, em seu estudo preliminar sobre os escritos de Las Casas, que

> […] *con el envío de Bobadilla a la Española no sólo se puso término al virreinato colombino, sino que se dirimió aquella lucha al caer por tierra el edificio a duras penas sostenido por el genovés, y que en principio no consistió sino en una explotación estatal en régimen de factoría, servida por un contingente de asalariados*[81] (Tudela Bueso, 1957, p. xi).

Apesar dos feitos de Colombo terem sido exaltados por cronistas e historiadores de sua época – os quais construíram uma narrativa edificadora do navegante "conquistador", o "descobridor" da América –, as explorações e os tratamentos abusivos exercidos pelo navegante com sua própria tripulação, os homens que o acompanharam e o auxiliaram nas empreitadas colonizadoras, mostram uma outra faceta de sua imagem, a qual não foi explorada nos registros sobre ele que contribuíram para o poderio da coroa espanhola como financiadora dessa "conquista/descobrimento" do "Novo Mundo". É por isso que a história que busca registrar uma "verdade", como a rankeana, desconsidera os intentos e pretensões aos quais o historiador encontra-se atrelado, pois, quando escreve, ele o faz a partir de um posicionamento histórico, social e ideológico, motivado por suas próprias intenções e atrelado a seus valores.

Segundo Varela relata na entrevista ao jornal *El País*,

> *Colón dirigía la colonia con mano de hierro. Ejercía el poder de una forma tiránica. A una mujer se le ocurrió decir que Cristóbal Colón era de baja clase y que su padre había sido tejedor. Don Bartolomé, hermano de Colón, se enfadó y ordenó que le cortasen la lengua a la mujer. Antes la pasearon desnuda por las calles montada en un burro. Cristóbal felicitó a su hermano por haber actuado en defensa del honor familiar*[82] (Varela, 2006, apud Belausteguigoitia, 2006, n. p.).

---

[80] Os dois tomos de *Obras escogidas de Bartolomé de las Casas – Historia de las Indias* incluem os textos do frei Bartolomeu de Las Casas, escritos entre os anos 1474 e 1566, além de um estudo preliminar sobre estes escritos, realizado por Juan Pérez de Tudela Bueso, editor da obra, publicada em 1957, em Madrid.

[81] Nossa tradução: Com o envio de Bobadilla à *la Española,* não somente se pôs término ao vice-reinado colombiano, mas, também, assentou-se aquela luta ao cair por terra o edifício a duras penas sustentado pelo genovês, e que, em princípio, não consistiu senão em uma exploração estatal em regime de fábrica, servida por um contingente de assalariados (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. xi).

[82] Nossa tradução: Colombo liderava a colônia com punho de ferro. Exercia o poder de forma tirânica. Uma mulher decidiu dizer que Cristóvão Colombo era de classe baixa e que seu pai havia sido tecelão.

A documentação trazida à luz por Varela, em 2005, além de elucidar um dos mistérios da vida de Colombo, também causa o choque com certas construções laudatórias, exaltadoras e até mistificadoras de Colombo, tanto na literatura quanto na história. A pesquisadora descobriu esses documentos em 2005, mas eles só foram levados ao conhecimento do público em 2006. Como exemplo do primeiro caso, podemos citar um fragmento do romance histórico tradicional brasileiro *A caravela dos Insensatos – uma viagem pela Renascença* (2006), de Paulo Novaes. Na cena desse romance, abaixo destacada, o próprio Papa Júlio II – como máxima autoridade eclesiástica e ficcionalizado na obra – louva o papel de Colombo na América:

> – Meus caros fiéis, eu hoje gostaria de vos falar sobre a fé, força divina que impulsiona pessoas normais a tomar atitudes extraordinárias. Ela é uma das virtudes cristãs, e aqueles que a cultivam têm garantido o caminho de comunhão com o Senhor. Hoje, aqui presente, está o testemunho vivo da força da fé, sua excelência, o Almirante Cristóvão Colombo, descobridor do Novo Mundo e divulgador do evangelho por lá. O papa Júlio II fez uma pausa, e pude notar que todos os olhares convergiam para a figura alta de Colombo. – O que impeliu tamanha aventura? O desejo de servir a Deus, de catequizar os gentios e de expandir as fronteiras cristãs. Devoto da Virgem Maria, a ela dedicou as alegrias de suas descobertas e a ela recorreu nas crises de sua jornada para obter o alento que lhe permitisse enfrentar os terríveis desafios que se lhe deparavam. Estudioso das Sagradas escrituras, nelas buscou o conhecimento e o embasamento de suas crenças. [...] Ele, que traz na etimologia do próprio nome, Cristóvão 'aquele que carrega Cristo' a imagem de sua virtude. Caro Almirante, nós aqui presentes temos convosco uma dívida por tudo o que fizestes em prol da nossa crença, da nossa fé, da nossa salvação (Novaes, 2006, p. 131).

Essas imagens ficcionais do marinheiro têm como origem outras, anteriores, produzidas, também, no âmbito da historiografia, como é o caso, por exemplo, do relato biográfico da vida de Colombo, escrito pelo literato e biógrafo estadunidense Washington Irving ([1827] 1992, p. 12), que produz imagens exaltadoras de quem admira:

> *Tales hombres aprenden a efectuar grandes proyectos con escasos medios, supliendo la falta de éstos los abundantes recursos de su*

Dom Bartolomeu, irmão de Colombo, zangou-se e mandou cortar a língua da mulher. Antes, fizeram-na desfilar pelas ruas nua, montada em um burro. Cristóvão parabenizou seu irmão por ter agido em defesa da honra da família (Varela, 2006, apud Belausteguigoitia, 2006, n. p.).

> *invención y su energía propia. Esta es una de las particularidades que caracterizan la historia de Colón, desde la cuna hasta el sepulcro. En todas sus empresas la ruindad y visible insuficiencia de los medios dan a la ejecución lustre y realce eminentes*[83].

Desse modo, podemos ver que os registros sobre o passado não podem ser definitivos, pois os vestígios, as fontes, os documentos são pequenas partículas sobre a dimensão de um acontecimento ou de um episódio como foi o do "descobrimento" e da "conquista" da América. Informações inéditas – como as reveladas por Varela (2006) – podem alterar o curso já bastante estabelecido, seja sobre um acontecimento ou sobre uma personalidade do passado.

Outro episódio que depõe contra a imagem edificadora do navegante como alguém que levou à salvação cristã os nativos da América é o fato dele haver aprisionado um grande contingente de nativos e os ter enviado à Europa para serem vendidos como escravos, sob o desígnio de que eram bárbaros canibais. Constatamos essa intenção expressa por Colombo pelo excerto apresentado a seguir, retirado do memorial[84] que Colombo escreveu e entregou, em 30 de janeiro de 1494, na cidade de *Isabela*[85], a Antonio Torres[86], para que este o entregasse aos reis católicos, sobre o sucesso de sua segunda viagem às Índias:

> *Item diréis a Sus Altezas que, a cabsa* (sic) *que acá no ay lengua por medio de la cual a esta gente se pueda dar a entender nuestra santa fe, como sus Altesas desean e aun los que acá estamos, como quier que se trabajará cuanto pudieren, se enbía de presente con estos navíos así de los caníbales, ombres e mujeres e niños e niñas, los cuales Sus Altesas pueden mandar poner en poder de personas con quien puedan mejor aprender la lengua, exercitándoles en cosas de servicio* […] *entre las otras islas las de los caníbales son muchas, grandes e harto bien pobladas, parecerá acá que tomar d'ellos e*

[83] Nossa tradução: Tais homens aprendem a realizar grandes projetos com meios escassos, cuja carência é suprida pelos abundantes recursos de sua invenção e sua própria energia. Esta é uma das particularidades que caracterizam a história de Colombo, do berço ao túmulo. Em todos os seus empreendimentos, a mesquinhez e a visível insuficiência dos meios dão eminente brilho e realce à execução (Washingtin Irving, 1992, p. 12).

[84] Retiramos os escritos de Cristóvão Colombo analisados nesta tese da obra *Cristóbal Colón: textos y documentos completos* (1997), organizada pela pesquisadora espanhola Consuelo Varela, que dispõe dos textos e documentos escritos pelo navegante entre os anos de 1492 e 1506.

[85] *La Isabela* foi a primeira cidade fundada por Cristóvão Colombo na América, em 1494.

[86] Antonio Torres era amigo da família de Cristóvão Colombo e do príncipe João de Trastâmara, filho dos reis católicos. Torres acompanhou Cristóvão Colombo em sua segunda viagem à América (em 1493) e foi nomeado, pela coroa espanhola, como capitão da nau *Marigalante*. Ele trouxe de volta, em 1494, a frota de navios que havia ido às Índias nessa segunda viagem de Colombo.

> *d'ellas e enviarlos allá en Castilla non sería sino bien, porque quitarse ían una ves de aquella inhumana costumbre que tienen de comer hombres, e allá en Castilla, entendiendo la lengua, muy más presto rescibirán el bautismo, y farán el provecho de sus almas* […][87] (Varela, 1997, p. 259-260).

Colombo refere-se aos nativos como "canibais" e justifica o envio de homens, mulheres e crianças para servirem como escravos em Castilla com o argumento de que, dessa maneira, eles deixariam esse "hábito desumano que eles têm de comer homens", além de se submeterem à fé cristã, serem batizados e aprenderem a língua de seus colonizadores. A opressão física e cultural a que esses autóctones foram submetidos foi, frequentemente, justificada pelo discurso dos colonizadores, por manipulações da linguagem como esta apresentada por Colombo, com respaldo em motivações de cunho religioso e que, na verdade, muito favoreciam ao processo de colonização da América. Desse modo, subjugavam aqueles colonizados ao destituir suas crenças, suas línguas e seus próprios corpos, o que enfraquecia as tentativas de resistência desses nativos perante o domínio europeu na colônia.

Assim como o documento que relata as atrocidades cometidas por Colombo na América durante o período da colonização – escrito por Francisco de Bobadilla em 1500, mas encontrado apenas em 2005, trazido à luz pela pesquisadora Consuelo Varela – figuras como a de Anacaona mantiveram-se ocultas ou vagamente reconhecidas na história durante séculos, o que representa, de maneira significativa, as manipulações exercidas não apenas sobre a escrita dessa história, mas, também, sobre o acesso a textos que continham relatos confrontantes entre si e que, por razões específicas, não beneficiavam as monarquias de sua época.

Sobre o reconhecimento de Anacaona na atualidade, Vallejo (2015, p. 32-33) afirma que

> […] *hoy se encuentran escuelas, equipos de deporte juvenil, salones de belleza y maquillaje, modas, peluquerías, restaurantes y hostales*

[87] Nossa tradução: Item: direis a Suas Altezas que aqui não há língua por meio da qual essa gente possa compreender nossa fé, como Suas Altezas desejam e ainda, os que aqui estamos, como querem trabalhar o máximo possível, enviam-se, assim, de presente com esses navios, os canibais, homens e mulheres, meninos e meninas, os quais Suas Altezas podem mandar colocar em poder de pessoas com quem possam melhor aprender a língua, exercitando-lhes no trabalho [...] entre as outras ilhas, as dos canibais são muitas, grandes e muito bem povoadas, parecerá aqui que aprisioná-los e enviá-los para Castilla não seria senão um bem, porque iam afastar-se de uma vez daquele costume desumano que têm de comer homens, e em Castilla, entendendo a língua, muito mais rápido receberão o batismo e farão o proveito de suas almas (Varela, 1997, p. 259-260).

> *con el nombre "Anacaona"* […]. *Es en estas re-presentaciones que se ha mantenido vivo el recuerdo de esa mujer histórica, discursivizada, ideologizada y hasta mitificada o "rodeada de extraordinaria estima"* […][88].

Segundo nossas pesquisas, a localidade à qual Vallejo (2015) se refere ao constatar essas representações de Anacaona em nomes de escolas, lojas e salões de beleza, por exemplo, é o território insular das nações do Haiti e da República Dominicana, onde os nativos taínos residiam anteriormente e durante a época da colonização (a ilha de Guanahaní/"*La Española*"). Tal figuração do nome da autóctone não se apresenta como algo recorrente em outras nações, como a brasileira, por exemplo, onde a maioria das pessoas ainda não conhece a história dessa nativa ou suas lutas de resistência perante os colonizadores europeus que a mataram.

Apesar do destaque atribuído aos feitos de Cristóvão Colombo no que concerne à história tradicional sobre a "conquista" do território americano, escrita pelo viés do colonizador europeu, esse discurso enaltecedor de nomes como o do marinheiro vem sendo desconstruído, tanto por meio de produções literárias híbridas críticas quanto pelos pressupostos da nova história, conforme previamente exposto. Os romances híbridos de história e ficção contemporâneos que nesta tese analisamos – que rompem com as imagens cristalizadas dos "conquistadores" – são projetos estéticos decoloniais, cuja leitura pode conduzir, efetivamente, à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano em relação ao passado colonial e à nossa formação identitária, que, em momento algum, pode negar a hibridação cultural e étnica que formou as atuais nações latino-americanas.

Essa desconstrução decolonialista configura, inclusive, uma das premissas principais que justificam nossa pesquisa sobre a resiliência de personagens femininas como a líder taíno Anacaona na história da América Latina. Desejamos, por meio de nosso estudo, demonstrar como o processo de colonização representou não um "des-cobrimento", mas, na verdade, um "en-cobrimento" (consoante a Dussel, 1994), pois aqueles que buscavam colonizar os territórios alheios iniciaram, em sua época, um

[88] Nossa tradução: Hoje existem escolas, equipes esportivas juvenis, salões de beleza e maquiagem, lojas de moda, cabeleireiros, restaurantes e pousadas com o nome "Anacaona" […]. É nessas representações que a memória dessa mulher histórica se manteve viva, discursivizada, ideologizada e até mitificada ou "cercada de extraordinária estima" [...] (Vallejo, 2015, p. 32-33).

processo de encobrir, ocultar, negar a existência do “Outro”, ou seja, do “não-europeu”.

A historiografia tradicional, majoritariamente, enalteceu a figura de exploradores como Colombo, Cortés, Pizarro, Cabral, Souza entre outros, ainda que, hoje, a partir dos estudos decoloniais, que adiante abordamos com mais ênfase e que inspiram esta pesquisa, conhecemos outras perspectivas sobre os feitos de exploradores como Colombo em nosso território. Embora os efeitos de aplicação de tal teoria à análise literária e às demais ações de nosso Grupo de Pesquisa – como todo o movimento em prol da formação de leitores literários decoloniais nas escolas públicas brasileiras, empreendida pelos professores membros do Grupo – sejam ações a longo prazo, elas dão um sopro de esperança na visão de um futuro menos exploratório.

É nesse sentido que Jorge Baracutei Estevez, descendente taíno, relata sua história à revista *National Geographic*[89], e ressalta que os povos taínos não estão extintos, como afirmam, equivocadamente, registros da história. Jorge é líder da Higuayagua, uma organização taína de Nova York e da região do Caribe, e afirma:

> Até hoje eu me lembro de voltar da escola após uma aula em que aprendemos sobre Colombo. Estava muito empolgado e tinha feito um desenho dos três navios. Ao chegar em casa, minha mãe me contou a história verdadeira. Fiquei chocado. Milhões de pessoas morreram por conta da sede de ouro e de reconhecimento daquele homem. É muito gratificante termos chegado a um ponto, hoje, em que a população no geral, e não só os caribenhos ou os indígenas, concorda que ele não é alguém que deva ser celebrado (Estevez, 2019, n. p.).

O relato de Esteves vai ao encontro do que Fleck (2017) descreve sobre as narrativas híbridas de caráter crítico no contexto da América Latina, em que a escrita de romances históricos não significa apenas se dedicar à produção de textos mistos de história e ficção para alimentar um mercado editorial propício para esse gênero, mas, sim, produzir releituras críticas do passado, descontruindo, desmistificando, humanizando ou ridicularizando os heróis construídos pelo discurso historiográfico eurocêntrico e hegemônico do passado. Essas, seguramente, são ações de

[89] ESTEVEZ, Jorge Baracutei. Conheça os “sobreviventes” de um genocídio que nunca existiu. 2019. In: *National Geographic*. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/10/sobreviventes-genocidio-no-papel-indigena-caribe-tainos-extintos-dna. Acesso em: 27 ago. 2024.

desterritorialização e, ao mesmo tempo, de reterritorialização do imaginário coletivo latino-americano.

Para nós, integrantes do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, os romances históricos críticos, planejados como projetos estéticos decoloniais, representam, segundo apontam Dorado Mendez e Fleck (2022, p. 129), as escritas fronteiriças, pois “Mignolo (2000) denomina a base epistêmica desse tipo de obras como o pensamento fronteiriço. Uma perspectiva epistemológica que surge em espaços de conflito, onde mais do que um contato entre culturas distintas, há um embate de concepções universais”.

As palavras de Jorge Baracutei Estevez refletem tal espaço marginalizado ao qual o povo taíno foi relegado pelo discurso historiográfico e materializa, nos dias atuais, esse “embate de concepções universais”:

> O povo que hoje chamamos de taínos descobriu Cristóvão Colombo e os espanhóis. Não foi Cristóvão Colombo que nos descobriu, pois estávamos em casa, e eles, perdidos no mar quando desembarcaram em nossas praias. É assim que encaramos essa questão – na História, porém, somos os descobertos. Os taínos são os povos falantes das línguas aruaques e habitantes da região do Caribe, que migraram da América do Sul ao longo de um período de 4 mil anos (Estevez, 2019, n. p.).

Ao cotejarmos a exposição de Estevez, os documentos da época da colonização e documentos ocultados como os testemunhos sobre as atrocidades que levaram Colombo e seus irmão a serem presos pela coroa espanhola, temos uma maior compreensão do que Santiago (2000) estabelece como um espaço intermediário e paradoxal, denominado “entre-lugar” do discurso latino-americano. Esse local de enunciação, elaborado no âmbito dos estudos decoloniais, apresenta uma particular importância pela sua intenção de descrever uma posição que não é nem central – a qual, em nosso campo de estudo, tem sido, há muito tempo, dominada pelo poder eurocêntrico – e tampouco pode ser simplesmente relegada à margem e ao esquecimento pelos detentores do poder, pois sua produção, intelectual e artística, tem se equiparado – quando não superado – àquela oriunda do “centro”. As teorias da decolonialidade são produzidas, igualmente, neste espaço “intermediário”, metaforicamente denominado por Santiago de “entre-lugar” do discurso latino-americano.

Para entendermos melhor o conceito de entre-lugar, Hanciau (2005) explica que sua compreensão nos auxilia a reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, trazendo respaldo aos realinhamentos globais decorrentes das turbulências ideológicas iniciadas em 1980, quando se enfatiza a necessidade de desmistificação dos imperialismos, do euro colonialismo nas Américas e suas consequências. Segundo a autora,

> [...] entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspace* (revista Chora), *in-between* (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o *hors-lieu*, eis algumas entre as muitas variantes para denominar [...] as "zonas" criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura européia (Hanciau, 2005, p. 3).

Para Santiago (2000), a essência do entre-lugar latino-americano é marcada por conflitos entre opostos, como o "civilizado" e o "bárbaro", o colonialista e o colonizado, a Europa e o "Novo Mundo". Conforme explica o autor, a recorrência de palavras como "animal" e "escravo", nos escritos portugueses e espanhóis, atestam a justificativa da vitória do branco no "Novo Mundo" pelo uso arbitrário da violência e a imposição brutal de uma ideologia, e não por razões de caráter cultural. "Essas expressões, aplicadas aos não-ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer" (Santiago, 2000, p. 11).

A posição marginalizada atribuída à figura do latino-americano como o "Outro" colonizado estabelece-se pelo discurso hegemônico. A partir dele, a maior parte dos documentos da historiografia tradicional foi escrita. Neles, deixou-se de considerar esse discurso alheio em detrimento da edificação de imagens de homens europeus como Cristóvão Colombo, que dão destaque às conquistas de reinos europeus como Aragão e Castela – cuja união solidificou as bases para a Espanha moderna e o império espanhol nos anos posteriores.

Mignolo (2017) aponta que, por trás do processo denominado "modernidade" – ao qual o autor estabelece o par colonialidade/modernidade –, as "práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a

inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis" (Mignolo, 2017, p. 4). A ideia de "modernidade" representou, em sua primeira instância, uma colonização dupla: de tempo e de espaço, os dois pilares da civilização ocidental – "a modernidade veio junto com a colonialidade: a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã" (Mignolo, 2017, p. 4). Para o autor, "pensar descolonialmente" representa um inexorável esforço analítico na tentativa de entender e de superar a lógica da colonialidade que está por trás da retórica da modernidade.

Vallejo (2015) faz alusão a outro importante ponto nos relatos sobre a colonização da América: a perspectiva feminilizada atribuída aos nativos, a partir da qual, registros como os de Cristóvão Colombo, desde seu primeiro contato com esses autóctones, descrevem-nos como inocentes, passivos, generosos, pacíficos e desnudos, fáceis de conquistar e prontos para servir.

> *Los descriptivos usados sobre todo por Colón* [...]*, así como los primeros documentos que nos son legados por los conquistadores y los cronistas, delatan una perspectiva hacia los indígenas que los feminiza, y por lo tanto – según el pensamiento de su época, y aún muy posterior – los considera imperfectos e inferiores*[90] (Vallejo, 2015, p. 26-27).

As características consideradas descritivas do feminino (ou do que se esperava do feminino, de forma normativa e elaborada pela sociedade da época), atribuídas a esses nativos, acabavam por rebaixá-los a um grupo minoritário, inferior, assim como as mulheres eram consideradas inferiores, também um "Outro" perante o homem. Segundo Zamora (1993), na hermenêutica colombiana, a dicotomia entre espanhol e indígena é estabelecida a par do contraste entre o masculino e o feminino, e se consolida pela feminização do termo "índio", prática que também se aplica a todo o continente, nomeado "Índias" ou "América", com sua consequente erotização. Cabe, aqui, destacar "*la especificidad de Anacaona como ser mujer, género humano al que*

[90] Nossa tradução: As descrições utilizadas, sobretudo por Colombo [...], assim como os primeiros documentos que nos são deixados pelos conquistadores e pelos cronistas, revelam uma perspectiva em relação aos indígenas que os feminiza e, portanto – segundo o pensamento de seu tempo, e ainda muito mais tarde – considera-os imperfeitos e inferiores (Vallejo, 2015, p. 26-27).

en su época – y por muchos siglos después – se le idealizaba y demonizaba al mismo tiempo, limitándola siempre[91]" (Vallejo, 2015, p. 27).

Essa limitação, inferiorização, violência perante o gênero feminino continua existindo na sociedade até os dias de hoje, nos quais muitas mulheres são violentadas, mutiladas e assassinadas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS[92] (2021), a violência contra as mulheres é um dos maiores problemas de saúde pública e uma violação aos direitos humanos das mulheres. As estimativas publicadas pela OMS indicam que, mundialmente, 1 a cada 3 mulheres (30%) já sofreu violências físicas e/ou sexuais, sendo que a maioria desses casos são cometidos pelo parceiro sexual da vítima.

Por isso, consideramos relevante trazer à tona, nos dias atuais, histórias de mulheres – como a de Anacaona – que não se submeteram a esse sistema discriminador desde a colonização da América e se enfrentaram, muitas até a morte, com os seus algozes. Segundo defende Lucía Guerra (2007, p. 100),

> […] *las múltiples dislocaciones producidas por la invasión y posesión de otro territorio/cultura implican, sin embargo, un punto de contacto en la coincidencia con respecto a una distribución de roles primarios basada en la desigualdad genérica. Tanto los colonizadores como los colonizados se regían por parámetros patriarcales que suponían una inherente y natural inferioridad de la mujer. Por lo tanto, las mujeres sufrieron una doble colonización y estuvieron expuestas a la confrontación con una modalidad dual de dominación: la de su grupo colonizado y la del colonizador*[93]*.*

Desse modo, buscamos a ainda necessária descolonização das mentes, das identidades, do imaginário e da existência dos sujeitos em suas peculiaridades, uma vez que já está passada a etapa de descolonização territorial da América, todavia, uma outra etapa precisa entrar na agenda das nações latino-americanas. Essa outra

---

[91] Nossa tradução: [...] a especificidade de Anacaona como mulher, gênero humano que, em sua época, – e muitos séculos depois – foi idealizado e demonizado ao mesmo tempo, sempre limitando-a (Vallejo, 2015, p. 27).

[92] WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Violence against women.* 2021. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women. Acesso: 26 ago. 2024.

[93] Nossa tradução: Os múltiplos deslocamentos produzidos pela invasão e posse de outro(a) território/cultura implicam, no entanto, um ponto de contacto na coincidência com respeito a uma distribuição de papéis primários baseada na desigualdade de gênero. Tanto os colonizadores como os colonizados eram governados por parâmetros patriarcais que assumiam uma inferioridade inerente e natural das mulheres. As mulheres sofreram, portanto, uma dupla colonização e foram expostas à confrontação com uma modalidade dupla de dominação: a do seu grupo colonizado e a do colonizador (Guerra, 2007, p. 100).

descolonização, a que vai além das questões política e de posse de um território, é a qual hoje se denomina decolonialidade. É para ela que buscamos, em nossos estudos, as vias para uma efetiva implementação.

Em seguida, avançamos em direção aos registros dos acontecimentos que se sucederam após o primeiro encontro da frota colombiana com os taínos, em 1492, e o estabelecimento dos conflitos, em 1493, que geraram as primeiras revoltas e lutas dos habitantes nativos de Guanahaní/"*La Española*" frente aos recém-chegados europeus, que fizeram de tudo para se apossar desse território e dominar os habitantes que nele viviam.

1.1.2 Pietro Martire d'Anghiera (1530) e Bartolomeu de Las Casas (1552): os discursos históricos sobre Anacaona

Após havermos discorrido, na abertura desta seção, sobre os enfrentamentos entre a história tradicional e as correntes da nova história, e termos lançado nosso olhar sobre o *Diário de Bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo, e sua peculiar forma de registrar o encontro de sua frota, com destino a Cipango (Japão) e Cathay (China), com os habitantes da ilha de Guanahaní/"*La Española*" (taínos), em 1492, voltamo-nos, nesta parte do texto, às análises dos escritos de Pietro Martire d'Anghiera (1530) e Bartolomeu de Las Casas (1552), por se tratar de alguns dos poucos registros encontrados na historiografia tradicional hegemônica europeia que mencionam, ainda que de maneira ínfima, a atuação da cacica Anacaona na história da América.

Os eventos decorrentes dos primeiros enfrentamentos de Colombo com os taínos, em 1493, tiveram vários desdobramentos nos anos seguintes. Tais fatos encontram-se aludidos nos escritos de Pietro Martire d'Anghiera (1457-1526), em sua obra *De Orbo Novo* ([1530] 1912), e constituem o tema da obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), do Frei Bartolomeu de Las Casas (1484-1566). Esses registros serão o nosso foco de leitura na sequência desta pesquisa.

Alguns outros documentos mencionados nesta subseção, como suporte para nossa análise, são os escritos de historiadores como Francisco López de Gómara (1511-1566) sobre a atuação de Hernán Cortés (1485-1547) na colonização da

América. Para além dos documentos já mencionados, valemo-nos, também, de algumas das informações compiladas por Thacher (1903) que, da mesma forma como os diferentes pressupostos da história tradicional e da nova história, respaldam nossas hipóteses.

O estudioso estadunidense John Boyd Thacher (1847-1909) realizou um extenso trabalho investigativo sobre a história da "conquista" da América. Em sua obra *Christopher Columbus, His Life, His Works, His Remains – as revealed by original printed and manuscript records – together with an Essay on Peter Martyr of Anghera and Bartolomé de las Casas, the first Historians of America*[94] (1903), o autor apresenta-nos uma análise minuciosa de relatos oficializados referentes à vida e aos feitos de Colombo, do explorador Pietro Martire d'Anghiera e do frei Bartolomeu de Las Casas.

Segundo Albright (2014), Thacher era fascinado pela história de Colombo e produziu algumas obras sobre a "conquista" da América e o continente americano, bem como uma extensa pesquisa sobre a vida e explorações do navegador. Albright (2014) relata, com relação a Thacher, que

> […] *he was fascinated with the life of Christopher Columbus and owned the famous Castillo lockets containing the bones and dust of Columbus. These were later displayed by his heirs at the New York world's Fair with a value of $500,000. His collection of Indian relics was one of the most valuable in the state*[95] (Albright, 2014, n. p.).

Pela relevância de seu trabalho prévio para a temática desta pesquisa, a obra de Thacher é uma das referências que nos dão suporte na análise dos documentos históricos pertencentes ao *corpus.* Thacher (1903, p. v), em seus estudos sobre a vida e os feitos de Colombo, destaca que "*when we undertake a study of Christopher Columbus and his work, we meet at the outset two historians upon whom we are*

[94] Nossa tradução: Cristóvão Colombo, sua vida, seus feitos, seus legados – como revelado pelos registros originais impressos e manuscritos – juntamente com um Ensaio sobre Pietro Martire d'Anghiera e Bartolomeu de Las Casas, os primeiros historiadores da América.

[95] Nossa tradução: Ele era fascinado com a vida de Cristóvão Colombo e possuía os famosos medalhões de Castillo, contendo os ossos e a poeira de Colombo. Posteriormente, esses artefatos foram exibidos por seus herdeiros na Feira Mundial de Nova York com o valor de US$ 500.000. Sua coleção de relíquias indígenas era uma das mais valiosas do estado (Albright, 2014, n. p.).

dependant, Peter Martyr of Anghera, and Bartolomé de las Casas[96]". Considera, assim, que Pietro Martire d'Anghiera foi o primeiro escritor epistolar de seu tempo e que Bartolomeu de Las Casas é conhecido como "apóstolo dos índios", por seus anos de devoção aos nativos.

Para nossa pesquisa, assim como Thacher, quando esse se refere a estudos sobre a figura de Cristóvão Colombo, encontramos essas duas figuras – o historiador Pietro Martire d'Anghiera e o frei Bartolomeu de Las Casas – também como peças fundamentais para a investigação sobre a atuação de Anacaona na história da América. Os registros desses dois escritores fazem menção direta à autóctone à qual nos voltamos. Eles nos fornecem uma série de informações sobre os contatos entre os espanhóis e os grupos da etnia taína, realizados à época dos conflitos. A leitura e a análise desses legados são, portanto, relevantes para nossa pesquisa.

Apresentamos, em um primeiro momento, a análise dos escritos de Pietro Martire d'Anghiera (1457-1526), historiador italiano a serviço da coroa espanhola durante a era das grandes navegações. Ele escreveu os primeiros registros dos "descobrimentos" da América Central e do Sul pelos espanhóis, em uma série de cartas e relatórios. Tais documentos foram escritos entre 1493 e 1530 e compuseram a obra *De Orbo Novo* ([1530] 1912), originalmente escrita em latim, dividida em 10 capítulos, denominados "décadas", os quais descrevem os primeiros contatos entre europeus e nativos americanos.

Anghiera baseou seus escritos nas *Cartas* (1493-1495) de Cristóvão Colombo à coroa espanhola, entrevistas com o próprio Colombo e com outros viajantes que voltavam do "Novo Mundo" e registros do Conselho das Índias, órgão administrativo colonial espanhol que se encarregava da colonização dos territórios ultramarinos denominados "Índias" (Américas e Filipinas). Em 1520, Anghiera assumiu o cargo de cronista no Conselho das Índias, comissionado por Carlos V (rei da Espanha entre 1516 e 1556), para descrever o que estava acontecendo nas explorações do "Novo Mundo". Consideramos pertinente entender, aqui, como se concebia uma "crônica" naqueles tempos, em contraste com a compreensão que temos do que é um romance histórico atualmente.

[96] Nossa tradução: Quando realizamos um estudo sobre Cristóvão Colombo e sua obra, encontramos, no início, dois historiadores dos quais dependemos, Peter Martyr de Anghera e Bartolomeu de Las Casas (Thacher, 1903, p. v).

Pizarro (2012) analisa três textos que fixaram, em palavras, os relatos sobre as primeiras viagens dos europeus. O primeiro deles é sobre o percurso de Francisco de Orellana, pioneiro dos périplos, a partir da crônica escrita pelo Frei Gaspar de Carvajal, a qual relata o primeiro contato do Ocidente com a natureza e a multiplicidade da riqueza amazônica.

O segundo é sobre a expedição de Pedro de Orzúa, da qual participou também Lope de Aguirre, personagem singular na história da colonização pela carta que envia a Felipe II, rei da Espanha, declarando sua independência dos poderes monárquicos e expondo sua intenção de levar este projeto ao Peru. Os acontecimentos dessa expedição tornaram Lope de Aguirre um dos “conquistadores” mais revisitados pela ficção.

O terceiro escrito é a crônica de viagem de Pedro Teixeira, em uma expedição realizada pela coroa portuguesa à Amazônia, para reconhecimento e posterior posse da região. Devido à rivalidade entre as coroas portuguesa e espanhola, Teixeira foi pressionado a embarcar, com sua expedição, o jesuíta Cristóbal de Acuña, que escreve a crônica da viagem de acordo com os interesses espanhóis.

Sobre a registro do Frei Gaspar de Carvajal, escrito em 1541, Pizarro (2012) expõe que o cronista afirma a veracidade de seu relato com a expressão “eu vi”, próprio do gênero, sendo que “dessa forma, o documento afirma a perspectiva com a qual é narrada: a de alguém que viu diretamente os fatos relatados, o que define um valor frente a quem conheceu somente de ouvido” (Pizarro, 2012, p. 42). A autora destaca que “o relato de Carvajal remete ao imaginário dos viajantes que a Europa leu e incorporou como uma de suas primeiras versões do Outro” (Pizarro, 2012, p. 43). Ou seja, sua crônica foi escrita com base na fantasia, apresentando imagens como as amazonas, as mulheres guerreiras que habitavam uma terra à qual se entrava jovem e se retornava velho, segundo os indígenas com os quais esses exploradores travaram batalhas.

A crônica de Carvajal descreve os indígenas como brancos, com cabelos longos, vestidos em trajes inteiramente de ouro, gentis e que lhes oferecem riquezas, ouro, tudo aquilo que procuravam. Enquanto alguns indígenas eram belicosos e atacavam em massa os tripulantes, um desses grupos parece ter sido uma exceção, em meio à fome e aos sofrimentos com a praga dos mosquitos e os perigos da

navegação que esses europeus enfrentavam. Pizarro (2012) explica que o texto é dominado pela fantasia, a sensação de fome e sua saciedade.

O texto do Frei Gaspar de Carvajal é um dos exemplos que nos levam a compreender melhor o lugar da imaginação europeia nos escritos sobre a América. Para Pizarro (2012), há quatro fatores que condicionam os escritos das crônicas: “a significação da viagem e seu preâmbulo nas cortes europeias, o contexto medieval inquisitorial, a nascente imaginação renascentista e, por fim, o interesse que despertam os textos de viagens” (Pizarro, 2012, p. 63). O período a partir do século XVI representou a abertura de novas fronteiras ao mundo outrora conhecido – momento em que as viagens exploratórias dão espaço a novas formas de expressão humana, social, de espaço e de tempo.

Conforme explica Pizarro (2012), o trajeto dos exploradores, contado pelos cronistas, dava espaço para a fantasia do conhecido-desconhecido, e transformava tanto os viajantes quanto aqueles que liam seus relatos. Para além do território europeu, descobriam-se novas criaturas, vidas, naturezas, que despertavam a curiosidade das mentalidades recém-saídas do espectro da perspectiva medieval. Porém, esse trajeto era construído por longas esperas e conjecturas daqueles que tentavam convencer o poder político e econômico de seus projetos, fazendo alusão a documentos e arquivos para pedir autorizações e fundos.

Pizarro (2012) enfatiza, ainda, que o discurso construído pelo viajante é o da experiência direta, do testemunho. Contudo, essa realidade que acredita enxergar está enquadrada em sua própria bagagem cultural – o que fez as perspectivas europeias sobre seus primeiros vislumbres da Amazônia, por exemplo, serem atravessadas por um imaginário proveniente da Idade Média e do obscurantismo inquisitorial, assim como pelo misticismo do Renascimento, resgatado da Antiguidade greco-latina. Nas palavras da autora, “[o] mundo americano é percebido como um universo de turbulências” (Pizarro, 2012, p. 84), no qual o intento ordenador – modernizador – da colonização avança em todos os sentidos, tanto natural como social, ao intentar incorporar-se ao desconhecido e se impor na confusão, ao mesmo tempo em que luta para que as estruturas herdadas não desapareçam.

As primeiras imagens da Amazônia foram construídas como “um espaço paradisíaco e infernal, caótico, povoado por criaturas estranhas, objeto privilegiado do demoníaco e, portanto, aptas para sua transformação em servos da Igreja Católica”

(Pizarro, 2012, p. 90). É necessário recordar que “a Igreja na América Latina e, em particular, a Inquisição, são essenciais na consolidação do poder do Estado” (Pizarro, 2012, p. 89) e, perante a visão da Igreja, esse novo mundo caótico era a própria expressão do demônio.

As motivações desses cronistas que foram contratados pelas coroas expansionistas de sua época, consciente ou inconscientemente, atravessaram seus escritos e lograram, de maneira geral, ultrapassar seu tempo e local e se tornarem registros que compõem o grande arquivo da historiografia tradicional hegemônica europeia, cujas repercussões no imaginário mundial seguem existindo. Apesar da retórica desses escritos ser regada pelo fictício, influenciada pelas intenções dos viajantes, pelo contexto da Idade Média e da Inquisição, pela arte e mitos renascentistas, pelos desafios encontrados no novo continente – como vemos nas análises de Pizarro (2012) sobre as crônicas das primeiras expedições europeias na América –, as crônicas eram consideradas documentos, como se expusessem uma “verdade”, pois aqueles que as escreviam falavam daquilo que testemunhavam. Questionar esses pontos de vista não era cabível, tendo em vista os próprios objetivos daqueles que patrocinavam tais expedições e registros.

Dessa mesma maneira, protagonizar figuras como a de Anacaona, uma nativa líder que teve sua comunidade dizimada pelos exploradores espanhóis, era algo inviável e que não interessava para os cronistas da época, que trabalhavam para exaltar os domínios dos impérios europeus no continente americano. Seus escritos serviam para exaltar as maravilhas do “Novo Mundo”, as inúmeras possibilidades que provinham de sua “descoberta” e as empreitadas colonizadoras, de uma maneira que enfatizasse os supostos direitos dessas coroas sob os territórios explorados. Esses cronistas não pretendiam, portanto, repercutir, com seus textos, qualquer visão distópica sobre os intentos colonialistas, que pudesse criar uma reputação negativa dessas expedições nas quais estavam, na realidade, massacrando comunidades nativas – como a de Anacaona – e causando a morte, inclusive, de mulheres e crianças.

Como a historiografia oficializada não teve qualquer intenção de oferecer espaço ou voz para esses sujeitos tangenciados na história da colonização de continentes como o americano, é no universo literário que essas figuras encontram um cenário passível para se tornarem vistas, reconhecidas, revisitadas, recontadas e

ressignificadas. A partir das narrativas híbridas de história e ficção, essa ressignificação histórica acontece. A proposta dos romances históricos é, segundo Fleck (2017), manifestar-se a partir da hibridez, ou seja, por sua natureza mista, que entrelaça distintas áreas do saber, em uma perspectiva que oferece ao leitor diferentes alternativas de interpretação.

Assim como Anghiera, vários outros sujeitos cultos da época foram contratados pelos monarcas espanhóis para exercerem a função de cronistas e registrarem à posterioridade os eventos da "conquista" das terras americanas. Alguns deles acompanhavam os próprios exploradores em suas empreitadas, como é o caso de Bernal Díaz del Castillo[97], no século XVI e, mais tarde, no século XVII, pelos "*Cronistas mayores de Indias*", Antonio de León Pinedo e Antonio de Solis[98], sendo este último "'cronista maior das Índias' – nomeado pelo rei Felipe II, Antonío de Solís" (Fleck; Del Pozo González, 2020, p. 21). Outros, como Anghiera (1457-1526) e Gonzalo Fernández de Oviedo (1535), realizaram suas atividades cronísticas desde o próprio espaço Ibérico.

Gonzalo Fernández de Oviedo (1478-1557) foi um historiador e escritor espanhol que participou da colonização no Caribe e escreveu um dos primeiros relatos sobre esse processo, em sua obra *Historia general y natural de las Indias*[99], com seus escritos de 1535, publicada por *La Real Academia de la Historia*, em 1851, em uma edição organizada por José Amador de los Ríos. Segundo o relato de Vallejo (2015), Fernández de Oviedo, primeiro cronista oficial das "Indias", é conhecido por sua atitude negativa com relação aos nativos. Nas palavras da pesquisadora, "*en sus textos, además, coinciden las coordenadas de raza y género y queda la mujer indígena, en general, fuertemente condenada en tonos misóginos* […][100]" (Vallejo, 2015, p. 52).

---

[97] Bernal Díaz del Castillo (Medina del Campo, Espanha 1492 – Guatemala, 1584) foi um dos "conquistadores" e cronista espanhol que escreveu *Historia verdadeira de la "conquista" de la Nueva España*, com publicação póstuma (1632), um relato sobre a "conquista" espanhola do México comandada por Hernán Cortés, a quem serviu durante todo o processo.

[98] Estes foram dois dos mais destacados *Cronistas de Indias*, conforme expõe Luiz A. Arocena (1992, p. 11-13), no seu estudo introdutório à obra *História de la conquista de México*, de Antonio de Solis, publicada pela editorial Plus Ultra, de Buenos Aires-Argentina, em 1992.

[99] Essa obra está disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-general-y-natural-de-las-indias-islas-y-tierrafirme-del-mar-oceano-primera-parte--0/html/014747fa-82b2-11df-acc7-002185ce6064_4.htm. Acesso em: 26 ago. 2024.

[100] Nossa tradução: [...] em seus textos, além disso, as coordenadas de raça e gênero coincidem e a mulher indígena, em geral, é fortemente condenada em tons misóginos (Vallejo, 2015, p. 52).

Cabe, aqui, refletirmos sobre o que Esteves (2010) comenta em relação à tensão existente entre o que conhecemos como história e literatura. De acordo com o autor, é quase consenso generalizado, desde a segunda metade do século XX, as semelhanças entre as duas áreas: “ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que produz infinita proliferação de discursos” (Esteves, 2010, p. 17). Sendo assim, a grande dúvida epistemológica ainda paira no ar: “será possível conhecer ou representar a história de maneira exata? Ou tudo não passa de uma questão de ponto de vista?” (Esteves, 2010, p. 17), perguntas para as quais existem muitas maneiras de responder.

Segundo o autor, uma das respostas possíveis é a de que a história, assim como a ficção, baseia seu discurso a partir do ponto de vista do historiador e, portanto, também é uma invenção. Outra conjectura é a de que se pode chegar a outra versão do passado por meio da literatura, discurso proveniente da criatividade de um escritor historicamente localizado em um determinado tempo e espaço a partir do qual enuncia. Nesse contexto,

> [...] não se trata, entretanto, de substituir a história pela ficção, mas de possibilitar uma aproximação poética em que todos os pontos de vista, contraditórios, mas convergentes, estejam presentes, formando o que Steenmeijer (1991, p. 25) chama de representação totalizadora. Segundo este último ponto de vista, e usamos aqui a feliz expressão de Heloísa Costa Milton (1992), a literatura pode ser considerada uma leitora privilegiada dos signos da história (Esteves, 2010, p. 18).

Parece-nos válida a reflexão sobre a posição de Anghiera como um cronista contratado para criar um repertório dos feitos representativos das conquistas de uma nação europeia, os quais vieram, posteriormente, a representar registros considerados parte da história tradicional, na tentativa de representar um discurso que, apesar de perspectivado, prosperou sobre outras possíveis visões que, talvez, não puderam ser registradas ou não chegaram até nós. Relacionamos essa afirmação com o que White (2010) expõe sobre a relação entre história e literatura, a qual não era problemática até o século XIX. Desde Aristóteles, acreditava-se que a escrita histórica se referia ao mundo real, enquanto a poesia tratava do possível, apesar de tanto a história quanto a literatura serem artes retóricas.

Quando o conceito de história foi reformulado, no século XIX, e a literatura se tornou o "outro lado" da história, costuma-se pensar que o principal inimigo da história seria a mentira, mas, na verdade, existem dois "inimigos" maiores na suposta missão de "dizer a verdade": a retórica e a ficção.

> *La retórica porque, de acuerdo con la doxa philosophica, busca seducir dónde se puede convencer por medio de la evidencia y la argumentación; y la ficción porque, de acuerdo con la misma doxa, presenta cosas imaginarias como si fueran reales y sustituye la ilusión por la verdad*[101] (White, 2010, p. 203).

White (2010) reitera que a história seria contraposta à literatura na medida em que intenta apresentar afirmações "verdadeiras" sobre o mundo real, e não sobre um mundo imaginário. Além disso, a história seria considerada o "outro" da literatura na medida em que a literatura é identificada com a figuração, a linguagem figurativa, a metáfora, a emissão livre ou poética, ao invés de restringida. Porém, a literatura, no período moderno (frente ao qual assumimos o posicionamento de Dussel, ao categorizá-lo como o período da "transmodernidade"), passou a considerar a história não como um outro, mas, sim, como um complemento na identificação e mapeamento de um mesmo objeto: "*un mundo real que se presenta a sí mismo para la reflexión bajo tantos aspectos diferentes que todos los recursos del linguaje – retóricos, poéticos y simbólicos – deben ser utilizados para hacerle justicia*[102]" (White, 2010, p. 204). Não existe lugar, portanto, para a antipatia entre história e literatura, pois, como defende Milton (1992b), ambas são "senhoras de linguagem".

Segundo Thacher (1903), Anghiera foi o primeiro cronista/historiador a denominar as terras encontradas por Colombo como "Novo Mundo", conforme descreve nos seguintes excertos:

> *Therefore Peter Martyr, so far as know, makes use of this expression, the New World, for the first time, and he continues its use in almost every reference he makes to America for the next twenty years and more*. […]. *We again direct attention to the fact that this historian as*

[101] Nossa tradução: A retórica porque, segundo a *doxa philosophica*, ela busca seduzir onde pode convencer por meio de evidências e argumentação; e a ficção porque, segundo a mesma *doxa*, apresenta coisas imaginárias como reais e substitui a ilusão pela verdade (White, 2010, p. 203).

[102] Nossa tradução: [...] um mundo real que se apresenta à reflexão de tantas formas diferentes que todos os recursos da linguagem – retórica, poética e simbólica – devem ser usados para lhe fazer justiça (White, 2010, p. 204).

> *Early as October, 1494, calls the lands discovered by Columbus the New World*[103] (Thacher, 1903, p. 64).

Os escritos de Anghiera também foram uma das primeiras menções, além do *Diário* de Colombo, ao termo "canibal" para se referir aos nativos, os quais, segundo registros do próprio Colombo, comiam carne humana. Anghiera descreve, em *De Orbo Novo* ([1530] 1912), os primeiros contatos dos europeus com os nativos americanos como pacíficos, contradizendo, muitas vezes, os modalizadores discursivos que elaboram o discurso crítico de Las Casas ao descrever o relacionamento entre os estrangeiros provenientes da Europa e os nativos da América. Ao relatar um dos primeiros encontros entre Bartolomeu Colombo[104] e Bohechio (refere-se a Bohechio, irmão de Anacaona, como "Beuchios Anacauchoa"), Anghiera ([1530] 1912) descreve Bohechio como um poderoso cacique da comunidade de Xaraguá, na extremidade Oeste da ilha de Guanahaní/"*La Española*".

Apesar de seu povo residir a trinta léguas do rio Naiba, Bohechio liderava todos os caciques que residiam entre sua comunidade e o rio. Quando Bartolomeu Colombo se encontrou com Bohechio, demandou tributos que fossem possíveis para aquele povo oferecer aos espanhóis, como algodão, linho e outros produtos semelhantes, já que, naquela região, não havia ouro. Segundo o autor, o cacique concordou em lhe oferecer o que quisesse, na quantidade que quisesse, com uma expressão de felicidade em seu semblante: "*the cacique's face expressed joy on hearing these words, and with a satisfied air he agreed to give what he was asked, and in whatever quantities they desired*[105]" (Anghiera, [1530] 1912, p. 119).

---

[103] Nossa tradução: Portanto, Peter Martyr, tanto quanto se sabe, faz uso desta expressão, o Novo Mundo, pela primeira vez, e ele continua seu uso em quase todas as referências que faz à América pelos próximos vinte anos e mais. [...] Voltamos a chamar a atenção para o fato de que esse historiador, já em outubro de 1494, chama as terras descobertas por Colombo de Novo Mundo (Thacher, 1903, p. 63-64).

[104] Bartolomeu era irmão de Cristóvão Colombo, a quem se referiam como "Adelantado" por comando do rei e da rainha da Espanha, conforme aponta Anghiera (1530 [1912]) – Nossa tradução: Eles [rei e rainha da Espanha] ordenaram que, de agora em diante, Colombo fosse chamado de "Præfectus Marinus" ou, na língua espanhola, *Almirante*. Seu irmão Bartolomeu, também muito proficiente na arte da navegação, foi por eles homenageado com o título de Prefeito da Ilha *Española*, que em linguagem coloquial se diz *Adelantado*. Para deixar claro o que quero dizer, empregarei, daqui em diante, essas palavras usuais de Almirante e Adelantado, bem como os termos que agora são comumente usados na navegação (Anghiera, [1530] 1912, p. 66-67).

[105] Nossa tradução: [...] o rosto do cacique expressou alegria ao ouvir essas palavras e, com um ar satisfeito, ele concordou em dar o que lhe foi pedido e em qualquer quantidade que desejassem (Anghiera, [1530] 1912, p. 119).

Na passagem em que Anghiera ([1530] 1912) descreve a chegada de Bartolomeu a Xaraguá, o cronista atribui especial atenção à maneira como os habitantes daquela comunidade não usavam roupas, exceto por uma cinta de algodão no lombo, sendo que as mulheres não aparentavam sentir vergonha da maneira como se vestiam:

> *When they finally arrived at the chieftain's residence in Xaragua, the natives came out to meet them, and, as is their custom, offered a triumphal reception to their king, Beuchios Anacauchoa, and to our men. Please note amongst other usages these two, which are remarkable amongst naked and uncultivated people. When the company approached, some thirty women, all wives of the cacique, marched out to meet them, dancing, singing, and shouting; they were naked, save for a loin-girdle, which, though it consisted but of a cotton belt, which dropped over their hips, satisfied these women devoid of any sense of shame*[106] (Anghiera, [1530] 1912, p. 119).

Podemos notar, nas observações de Anghiera ([1530] 1912), a objetificação da figura feminina no olhar europeu, ao revelar, com minuciosos detalhes, as impressões dos estrangeiros perante as mulheres nativas americanas. O escritor delonga-se muito mais sobre a aparência de seus corpos ao invés de outras características que lhes poderiam ter chocado de igual maneira, como seus costumes, seu idioma, a maneira como interagiam entre si e com os visitantes que chegavam à sua comunidade. Dentre as estratégias escriturais utilizadas pelo cronista para enaltecer a beleza das indígenas está a comparação entre essas mulheres e as ninfas, deusas da mitologia grega, relacionadas com a natureza e o feminino: "*All were beautiful, so that one might think he beheld those splendid naiads or nymphs of the fountains, so much celebrated by the ancients*[107]" (Anghiera, [1530] 1912, p. 119-120).

No excerto a seguir, Anghiera relata a volta de Bartolomeu Colombo a Xaraguá para buscar os tributos demandados aos nativos, e descreve Anacaona, irmã do então

---

[106] Nossa tradução: Quando, finalmente, chegaram à residência do cacique, em Xaraguá, os indígenas foram ao seu encontro e, como de costume, ofereceram uma recepção triunfal ao rei Bohechio Anacaona e aos nossos homens. Por favor, observem, entre outros usos, esses dois, notáveis entre pessoas nuas e incultas. Quando o grupo se aproximou, cerca de trinta mulheres, todas esposas do cacique, marcharam ao seu encontro, dançando, cantando e gritando; estavam nuas, exceto por uma cinta na cintura, que, embora consistisse apenas em um cinto de algodão, caído sobre seus quadris, era suficiente para essas mulheres estarem desprovidas de qualquer sentimento de vergonha (Anghiera, [1530] 1912, p. 119).

[107] Nossa tradução: Todas eram bonitas, de forma que se poderia pensar em estar contemplando aquelas esplêndidas náiades ou ninfas das fontes, tão celebradas na antiguidade (Anghiera, [1530] 1912, p. 119-120).

cacique Bohechio, como “ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, [...] graciosa, inteligente e prudente” (Anghiera, [1530] 1912, p. 123). Nas palavras do cronista, lemos que

> *Bartholomew Columbus marched thither, therefore, and was received with great honours, by the cacique and by his sister. This woman, formerly the wife of Caunaboa, King of Cibao, was held in as great esteem throughout the kingdom as her brother. It seems she was gracious, clever, and prudent. Having learned a lesson from the example of her husband, she had persuaded her brother to submit to the Christians, to soothe and to please them. This woman was called Anacaona*[108] (Anghiera, [1530] 1912, p. 123).

Segundo o relato de Anghiera, Anacaona tentou estabelecer uma convivência pacífica com os colonizadores espanhóis, convencendo seu irmão Bohechio a se submeter a eles, após “ter aprendido uma lição com o exemplo de seu marido”, referência feita à captura de Caonabó, marido de Anacaona. Sobre isso, Vallejo (2015, p. 24) aponta que “*Anacaona pudo establecer relaciones por lo menos cordiales entre los españoles y el cacicazgo de Xaragua, ya el último reino importante de la isla que no se había subyugado o desaparecido, ni sus caciques presos, ejecutados, o enviados a España*[109]”. Salientamos, aqui, a informação de que o reino de Xaraguá foi a última comunidade taína da ilha de Guanahaní/“*La Española*” a ser derrotada pelos colonizadores espanhóis. As tentativas de Anacaona para manter a paz podem ter sido um dos motivos para que seu povo tenha continuado vivo por alguns anos, após a chegada dos exploradores, antes de serem dizimados.

Ainda que Anghiera ([1530] 1912) mencione, em suas crônicas sobre a “conquista” da América – escritas a partir dos relatos de Colombo e de outras testemunhas que viajaram ao “Novo Mundo” –, a beleza e a destreza da líder autóctone, não encontramos, em sua obra, qualquer alusão ao seu assassinato ou ao massacre de todo o seu povo. Assim, vidas e acontecimentos ficam perpetrados,

[108] Nossa tradução: Bartolomeu Colombo marchou para lá, portanto, e foi recebido com grandes honras, pelo cacique e por sua irmã. Essa mulher, ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, era tão estimada em todo o reino quanto seu irmão. Aparentemente, ela era graciosa, inteligente e prudente. Tendo aprendido uma lição com o exemplo de seu marido, ela persuadiu seu irmão a se submeter aos cristãos, para acalmá-los e agradá-los. Essa mulher se chamava Anacaona (Anghiera, [1530] 1912, p. 123).

[109] Nossa tradução: Anacaona conseguiu estabelecer relações pelo menos cordiais entre os espanhóis e o cacicado Xaraguá, já o último reino importante da ilha que não havia sido subjugado ou desaparecido, nem seus caciques presos, executados ou enviados à Espanha (Vallejo, 2015, p. 24).

estáticos, nos registros do passado produzidos sob aquele olhar e aquela intenção que convém a quem os produz ou reproduz, ou àqueles a quem esses privilegiados conhecedores da arte de escrever estiveram, também, subordinados. Na falta de outros registros sobre a "conquista" da América e a subjugação – quando não o extermínio – das populações originárias, nada mais se saberia do destino de Anacaona, a não ser o que esse cronista oficial de Carlos V decidiu registrar sobre ela: a lição aprendida pela perda do marido, a resignação e a obediência, o exemplo perfeito aos demais autóctones frente ao poderio ibérico na América.

No segmento deste texto, apresentamos a análise dos registros feitos pelo Frei Bartolomeu de Las Casas (1474/1484[110]-1566), frade dominicano espanhol, considerado um defensor dos nativos. Las Casas escreveu *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), registros que apresentam suas vivências junto aos exploradores espanhóis, inclusive, nos primeiros contatos que tiveram com os nativos americanos no período da "conquista" e colonização. O relato de Las Casas apresenta a perspectiva mais divergente com relação a outros documentos que apresentam testemunhos de sujeitos participantes das expedições de colonização europeia em território americano. Isso por ser um dos únicos registros provenientes de uma testemunha dessas viagens à América que retratam, com detalhes, vários dos massacres de nativos realizados pelos colonizadores europeus.

Os escritos do frei Las Casas vão ao encontro do documento escrito por Bobadilla (1500) sobre as atrocidades cometidas por Colombo em território americano, a partir de testemunhos sobre maus tratos e escravidão de espanhóis e indígenas, sob o comando de Colombo. Não por acaso, esse documento manteve-se oculto até o ano de 2005[111].

---

[110] Existem divergências com relação à data de nascimento do frei Bartolomeu de Las Casas. Alguns registros, como a pesquisa de Thacher (1903) e a obra *Historia de las Indias* ([1875] 1957), apontam o ano de 1474, enquanto outros, como a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), indicam o ano de 1484.

[111] Esse documento, publicado pela estudiosa Varela ([1500] 2006), expõe depoimentos de 23 testemunhas, utilizados como prova no julgamento de Colombo e seus irmãos com relação às atrocidades que estes cometiam em Guanahaní/"*La Española*", quando o almirante era governador da ilha. Os três foram presos em Santo Domingo, em 1500, e trazidos de volta à Espanha como prisioneiros. A história tradicional nunca conseguiu explicar os motivos dessa situação pela qual passou o sujeito tão glorificado, enaltecido e celebrado pelos seus grandes feitos. Esse vazio no discurso historiográfico ficou inalterado desde 1500 até a inesperada descoberta dessa documentação, trazida à luz por Consuelo Varela, em 2005.

Las Casas veio a Guanahaní/*"La Española"* em uma expedição de Nicolás de Ovando, em 1502. Nessa ocasião, recebeu um pedaço de terra na província de Cibao. Porém, após vivenciar as atrocidades cometidas pelos exploradores espanhóis ao povo nativo, decidiu lutar pela defesa desses autóctones que estavam sendo dizimados em suas próprias terras. Também foi ele quem transcreveu o *Diário* de Colombo.

Las Casas menciona, também, outro frei – Ramón Paner –, que havia viajado ao "Novo Mundo" antes dele, conforme o seguinte excerto, retirado da pesquisa de Thacher (1903, p. 79):

> *The information concerning the religious customs of the natives is derived from the Catalan priest, Friar Ramon Pane of the Order of the Hermits of St. Jerome, who, according to some, accompanied the Admiral on his second voyage, but more probably on his third, since we find Las Casas, who himself certainly arrived at Española in 1502, saying: Frey Ramon el ermitaño...que vino á ella (isla) cinco años ántes que yo*[112]*.*

O frei Ramón foi designado para viajar ao "Novo Mundo" por conselho de Colombo, com o propósito de se familiarizar com os costumes e princípios religiosos dos indígenas. Esse foi o objetivo da maioria dos membros da igreja que vieram ao continente americano na época da colonização.

Segundo Las Casas, em Torrejón ([1552] 2011), quando Colombo chegou à América, foi em Guanahaní/"*La Española*" onde teve o primeiro contato com os povos nativos. Nessa ilha, havia cinco reinos principais, com cinco chefes que eram obedecidos por quase todos os outros senhores. Um desses reinos chamava-se Xaraguá, localizado no centro da ilha, e que se sobressaía aos outros reinos pela polidez, formosura e beleza de seu povo, além da presença de senhores e nobres em grande número.

O rei e senhor desses domínios chamava-se Bohechio, cuja irmã se chamava Anacaona. Esses dois irmãos prestaram grandes serviços aos reis de Castela e imensos benefícios aos cristãos, salvando-os de muitos perigos. Depois da morte de

[112] Nossa tradução: A informação sobre os costumes religiosos dos indígenas provém do sacerdote catalão, Frei Ramón Paner, da Ordem dos Eremitas de São Jerônimo, que, segundo alguns, acompanhou o Almirante em sua segunda viagem, mas é mais provável que isso tenha ocorrido em sua terceira viagem, já que encontramos Las Casas, que certamente chegou à *Española* em 1502, dizendo: Frey Ramón, o eremita... que veio para ela (ilha) cinco anos antes de mim (Thacher, 1903, p. 79).

Bohechio, Anacaona assumiu o comando desse reino. Com base nos escritos de Las Casas, Thacher (1903) descreve Anacaona e seu povo no seguinte excerto:

> *The fourth of these kingdoms was Xaragua, on the south coast and west of this province which had belonged to Caonabo. The people of this province were the most civilized on the island. The king's name was Behechio, and his sister was called Anacaona. This princess became ruler when her brother died. These Indians had always been kind and generous to the Spaniards since their first coming*[113] (Thacher, 1903, p. 125).

Segundo o relato de Las Casas, certa vez, quando estabelecidas as colônias espanholas no território da Ilha, o governador, Nicolas Ovando, que fora designado pela corte para governar a região, dizimou a comunidade chefiada por Anacaona. No relato do frei, lemos:

> *Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más trecientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegáronse más de trecientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona, por hacelle honra, ahorcaron*[114] (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).

De acordo com o registro do frei, durante o sangrento episódio, alguns cristãos tentavam proteger as crianças, colocando-as nas ancas dos cavalos, mas os espanhóis as atingiam pelas costas com lanças e, depois de caídas ao chão, cortavam-lhes as pernas com uma espada. Alguns nativos que conseguiram fugir

[113] Nossa tradução: O quarto desses reinos era Xaraguá, na costa sul e oeste desta província que havia pertencido a Caonabó. O povo desta província era o mais civilizado da ilha. O nome do rei era Bohechio, e sua irmã se chamava Anacaona. Esta princesa tornou-se governante quando seu irmão morreu. Esses índios haviam sempre sido gentis e generosos com os espanhóis, desde sua primeira vinda (Thacher, 1903, p. 125).

[114] Nossa tradução: Certa vez, aqui chegou o governador que governava esta ilha, com sessenta cavaleiros e mais trezentos peões, sendo que apenas os que estavam a cavalo bastavam para destruir toda a ilha e o continente, e mais de trezentos chefes vieram ao seu chamado, seguros, os quais ele mandou colocar a maioria dentro de uma casa de palha muito grande por engano e, quando eles entraram, ordenou que ateassem fogo e os queimassem vivos. A todos os outros alancearam e mataram muita gente com a espada, e a chefe, Anacaona, para honrá-la, enforcaram (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).

dessa desumana crueldade chegaram a uma pequena ilha próxima; o governador, porém, condenou à escravidão todos estes que tentaram fugir.

Outros documentos que fazem parte do acervo da historiografia tradicional são as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), do colonizador do império asteca, Hernán Cortés (1485-1547), para o imperador Carlos V. Elas foram escritas com base nos relatos pessoais de Cortés, soldado explorador a serviço da coroa espanhola – outro nome de destaque na "conquista" da América, assim como o de Cristóvão Colombo, exaltado pela historiografia europeia. Na introdução da obra *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al emperador Carlos V* ([1866] 2019), na qual os escritos de Hernán Cortés foram organizados e ilustrados por Don Pascual de Gayangos[115], encontramos menção à batalha que Diego Velazquez, sob o comando de Nicolás de Ovando, travara contra o povo que Anacaona liderava:

> *'Yo no vine aquí para cultivar la tierra como un labriego,' le contestó Cortés, 'sino para buscar oro.' Esto sin embargo, Cortés aceptó poco después del mismo Ovando un repartimiento de indios en Daiguao, y la escribanía de la recien-fundada villa de Azua, haciéndose muy pronto acreedor á mayores mercedes por sus servicios en la guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía á la sazón Diego Velazquez*[116] (Gayangos, [1866] 2019, p. xi).

Segundo esse registro, a suposta batalha contra a comunidade de Anacaona foi liderada por Diego Velazquez de Cuéllar (1464-1524), explorador espanhol que acompanhou Colombo em sua segunda viagem à América, em 1493, e liderou a colonização do território de Cuba, do qual foi nomeado, pela coroa espanhola, o primeiro governador. Segundo Thomas (2003), Diego Velázquez de Cuéllar foi nomeado subgovernador do território Oeste de Guanahaní/"*La Española*", por Nicolás de Ovando – que, neste momento, assumia o cargo de governador da ilha, designado pela monarquia espanhola –, logo após o massacre de Xaraguá, no qual o grupo de taínos liderado por Anacaona foi executado pela expedição de Ovando, e Anacaona

[115] Don Pascual de Gayangos foi um historiador, arabista e bibliógrafo, membro da Academia Real de História da Espanha. Nasceu em Sevilla, Espanha, em 1809, e morreu em Londres, Reino Unido, no ano de 1897.

[116] Nossa tradução: – Não vim aqui para cultivar a terra como camponês – respondeu Cortés –, mas para procurar ouro. No entanto, Cortés aceitou, pouco depois, do mesmo Ovando, uma divisão de índios em Daiguao, e o escrivão da recém-fundada cidade de Azua, e o escritório da recém-fundada cidade de Azua, tornando-se, imediatamente, credor das maiores doações por seus serviços na guerra que Diego Velázquez liderava, no momento, contra Anacaona, rainha viúva do Haiti (Gayangos, 1866 [2019], p. xi).

foi enforcada, em 1503. Thomas (2003, p. 236) relata que Diego Velázquez de Cuéllar "[*e]stuvo presente en la matanza pero la responsabilidad hay que achacarla a Ovando. Pese a ello, Velázquez había participado en lo ocurrido sin expresar en ningún momento que no estaba dispuesto a cometer tales atrocidades*[117]".

Também encontramos referência às batalhas lideradas por Diego Velázquez em Guanahaní/"*La Española*", pelo historiador espanhol Francisco López de Gómara (1511-1566), o qual escreveu sobre a atuação de Hernán Cortés no processo de colonização da América, no começo do século XVI. Apesar de não ter viajado para o continente americano, López de Gómara viveu na casa de Cortés durante sete anos e escreveu seus registros com base nos relatos do próprio Cortés e da tripulação que o acompanhava em suas expedições. Em sua obra *Historia de la conquista de México* ([1552] 2007), López de Gómara também se refere a Anacaona como "*reina viuda de Haití*" (rainha viúva do Haiti), ao descrever o período de permanência de Cortés em Santo Domingo, desde sua chegada ao "Novo Mundo", em 1504:

> *No estaba el gobernador Ovando en la ciudad cuando llegó Cortés a Santo Domingo; mas un secretario suyo, que se llamaba Medina, lo hospedó, e informó del estado de la isla y de lo que debía hacer. Aconsejole que avecindase allí y que le darían una caballería, que es un solar para casa, y ciertas tierras para labrar. Cortés, que pensaba llegar y cargar de oro, tuvo en poco aquello, diciendo que más quería ir a coger oro. Medina le dijo que lo pensase mejor, que el hallar oro era dicha y trabajo. Volvió el gobernador, y fue Cortés a besarle las manos y a darle cuenta de su venida y de las cosas de Extremadura, y quedose allí por lo que Ovando le dijo; y de allí a poco se fue a la guerra que hacía Diego Velázquez en Aniguaiagua, Buacaiarina y otras provincias que aún no estaban pacíficas, con el alzamiento de Anacoana, una viuda, grande señora*[118] (López de Gómara, [1552] 2007, p. 10).

[117] Nossa tradução: [e]steve presente na matança, mas a responsabilidade deve ser atribuída a Ovando. Apesar disso, Velázquez havia participado do ocorrido sem expressar, em nenhum momento, que não estava disposto a cometer tais atrocidades (Thomas, 2003, p. 236).

[118] Nossa tradução: Não estava o governador, Ovando, na cidade quando chegou Cortés a Santo Domingo; mas um secretário seu, que se chamava Medina, hospedou-o e lhe informou sobre o estado da ilha e do que deveria fazer. Aconselhou-o a se estabelecer ali e lhe disse que lhe daria uma cavalaria, que é um terreno para sua casa, e algumas terras para lavrar. Cortés, que pensava chegar e carregar ouro, fez pouco daquilo, dizendo que o que mais queria era levar ouro. Medina disse-lhe que pensasse melhor, que encontrar ouro era sorte e trabalho. Voltou o governador, e Cortés foi lhe beijar as mãos e lhe dar conta de sua vinda e das coisas de Estremadura, e ficou ali devido ao que Ovando lhe disse; e dali a pouco, foi-se à guerra que travava Diego Velázquez em Aniguaiagua, Buacaiarina e outras províncias que ainda não estavam pacificadas, com a ascensão de Anacaona, uma viúva, grande senhora (López de Gómara, [1552] 2007, p. 10).

Segundo López de Gómara, Ovando presenteou Cortés com "*ciertos indios en tierra del Daiguao, y la escribanía del ayuntamiento de Azúa, una villa que fundara, donde vivió Cortés cinco o seis años, y se dio a granjerías*[119]" (López de Gómara, [1552] 2007, p. 10). Esses registros também evidenciam como se estabelecia o tratamento entre os europeus que se aventuravam no "Novo Mundo", ou em busca da sorte ou sendo designados pelos monarcas europeus à prestação de serviços ao reino na empresa colonizadora. A distribuição de cargos, de terras, de bens e de escravos era uma dessas práticas incentivadoras da lealdade e da dedicação à causa monárquica e religiosa.

Nessa mesma referência de López de Gómara ([1552] 2007, p. 10), o autor refere-se a esse ataque de Ovando à comunidade chefiada por Anacaona e relata que Diego Velázquez de Cuéllar não apenas participou dos ataques a comunidades como Aniguaiagua, Buacaiarina e outras províncias, mas, também, estava no comando dessas expedições ditas "pacificadoras", que garantiram o controle desse território para a coroa espanhola por meio de massacres como o de Xaraguá.

Sobre o governador designado pela coroa espanhola para chefiar a ilha de Guanahaní/"*La Española*" nesse período, Esteban Mira Caballos detalha, em *La gran armada de Nicolás de Ovando 1501-1502* (2014), que o frei Nicolás de Ovando foi designado para substituir Francisco de Bobadilla como governador da ilha "*La Española*"/Guanahaní, pela rainha Isabel, em 1501, em resposta a denúncias feitas, inclusive, pelo próprio Colombo sobre a situação caótica que se instaurava na ilha, ao final do século XV. Tal situação deu-se ali, pois muitos colonos pensavam apenas em buscar ouro e não queriam trabalhar, além das enfermidades que se alastravam pelo local, como a sífilis, que afetava quase um terço da população. Como terceiro governador hispânico da ilha, Nicolás de Ovando esteve no comando de várias expedições que levaram a cabo genocídios de grupos populacionais por toda a ilha de Guanahaní/"*La Española*".

Caballos (2014) também alude à expedição que dizimou a comunidade de Xaraguá, em 1503, e se refere a Anacaona, equivocadamente – com base em nossas

[119] Nossa tradução: alguns índios da terra dos Daiquao, e o tabelionato da localidade de Azúa, uma vila que ele fundara, onde viveu Cortés cinco ou seis anos, e se dedicou à vida de fazendeiro (López de Gómara, [1552] 2007, p. 10).

análises anteriores –, como “viúva de Bohechio e irmã de Caonabó”, conforme lemos no seguinte trecho:

> *El cacicazgo de Xaragua se alzó en otoño de 1503, donde residía la cacica Anacaona, viuda de Beechio y hermana de Caonabo, también difunto. Fernández de Oviedo afirma que junto a Ovando fueron 70 hombres de a caballo, mientras que el padre Bartolomé de las Casas lo reduce a 60*[120] (Caballos, 2014, p. 77).

Caballos (2014) baseia suas afirmações sobre o número de homens a cavalo presentes nesse ataque pelas obras *Historia natural y general de las Indias* (1990), de Fernández de Oviedo, e *Brevísima relación de la destruición de las Indias* (1552), do frei Bartolomeu de Las Casas. Com base em registros como os de Las Casas (1552, 1875) e Anghiera (1530), sabemos que Anacaona era, na verdade, irmã de Bohechio e esposa de Caonabó.

As pesquisas de documentos provenientes da historiografia tradicional, destacadas nesta subseção, fundamentam nossas análises das narrativas híbridas que ficcionalizam Anacaona, apresentadas na terceira seção desta tese, a qual é voltada às representações da autóctone no universo romanesco ibero americano. Buscamos comprovar, a partir de tais investigações, que Anacaona representou a resiliência feminina e o enfrentamento do povo taíno perante a colonização da América e que, mesmo assim, sua imagem foi, frequentemente, subjugada e excluída dos registros historiográficos tradicionais. No entanto, sua figura foi ressignificada no âmbito literário, por meio de narrativas híbridas de história e ficção, que dão espaço à sua representatividade como líder, defensora de seu povo e exemplo de empoderamento feminino na história da América Latina, mesmo antes do período do qual temos conhecimento por meio de registros da história tradicional.

Pelo exposto, vemos que, apesar de ter sido uma figura representativa de poder em suas terras, e de resistência ao colonialismo espanhol, grande parte da historiografia tradicional não apresenta menções significativas, em documentos históricos ou bibliografias de outra natureza, que descrevam as ações de Anacaona. Como resultado desse quase apagamento da personagem na história oficial, e a

[120] Nossa tradução: A comunidade de Xaraguá levantou-se no outono de 1503, onde residia a cacica Anacaona, viúva de Bohechio e irmã de Caonabó, também morto. Fernández de Oviedo afirma que, junto com Ovando, foram 70 homens a cavalo, enquanto o padre Bartolomeu de las Casas reduz [esse número] a 60 (Caballos, 2014, p. 77).

consequente pouca atenção que sua figura recebeu por historiadores até os dias atuais, sua figura é, na verdade, praticamente desconhecida, inclusive em países latino-americanos, como no Brasil, por exemplo.

Recuperar essas imagens e trazê-las à memória hodierna é, desde nosso ponto de vista, uma ação descolonizadora e um dos meios eficientes de, na atualidade, cultivar o pensamento decolonial – e as ações práticas que dele devem derivar –, já que a ação resiliente da personagem Anacaona é traço identitário da mulher que, pelo discurso colonialista, sempre foi subjugada, minimizada e, tantas vezes, silenciada nos registros oficiais. Vejamos, à continuação desta tese, como esses conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade marcam a história da América Latina ao longo dos séculos, em especial, em relação à história das mulheres.

1.2 A COLONIALIDADE, A DESCOLONIZAÇÃO E A DECOLONIALIDADE: ENFRENTAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE

Depois de termos revisado uma parte do material histórico no qual se relatam os primeiros encontros entre os habitantes de Guanahaní/"*La Española*", no Caribe americano, com os marinheiros da frota de Colombo rumo às Índias Ocidentais, em 1492; e termos visto os seguimentos do processo de subjugação dos povos autóctones – com as medidas extremas de enganos, aprisionamentos e extermínio da população nativa em registros que apenas evidenciam os resultados positivos do processo de ocupação da ilha e as atuações opressoras dos espanhóis para se apossar desse território e do ouro que nele havia –, nesta subseção da tese, exploramos os materiais teóricos de autores como Dussel (1994), Quijano (1992), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Mignolo (2007, 2017), Walsh (2009), Dorado Mendez e Fleck (2022), entre outros, para tratar sobre conceitos fundamentais à nossa pesquisa. Tais materiais derivam de estudos e reflexões críticas sobre os efeitos do processo de colonização europeia em continentes como a América: a colonialidade, a descolonização e a decolonialidade.

Neles, revela-se a posição crítica de intelectuais, professores e pesquisadores latino-americanos frente a esse processo desde uma busca pela segunda, e ainda necessária, descolonização da América Latina. Essas posições, oriundas dos espaços

colonizados, representam, no embate teórico, na concepção da história do ocidente, na afirmação da identidade híbrida e mestiça da América Latina, semelhante embate ideológico como foi o corporal e bélico do passado colonial.

É necessário compreendermos, dentro da área dos estudos decoloniais/descoloniais, os conceitos que exploramos nesta parte de nosso texto, derivados de décadas de estudos, de pesquisas e do desenvolvimento de pensamentos críticos que buscam romper com amarras sociais e culturais que persistem em sociedades como as latino-americanas, outrora subjugadas a uma metrópole, a qual se estabeleceu como "superior" ao marginalizar e inferiorizar a cultura alheia daqueles cujo território e população buscava dominar, a colônia. Diante da realidade criada pelo sistema colonialista nas sociedades atuais da América, os intelectuais latino-americanos defendem um ideário que evidencia que

> […] *una implicación fundamental de la noción de 'colonialidad del poder' es que el mundo no ha sido completamente descolonizado. La primera descolonialización (iniciada en el siglo XIX por las colonias españolas y seguida en el XX por las colonias inglesas y francesas) fue incompleta, ya que se limitó a la independencia jurídico-política de las periferias. En cambio, la segunda descolonialización – a la cual nosotros aludimos con la categoría decolonialidad – tendrá que dirigirse a la heterarquía de las múltiples relaciones raciales, étnicas, sexuales, epistémicas, económicas y de género que la primera descolonialización dejó intactas. Como resultado, el mundo de comienzos del siglo XXI necesita una decolonialidad que complemente la descolonización llevada a cabo en los siglos XIX y XX. Al contrario de esa descolonialización, la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político (Grosfoguel, 2005)*[121] (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 17).

Assim, fica evidente que a instauração das nações latino-americanas, politicamente independentes das metrópoles colonizadoras europeias, entre os séculos XIX e XX, não extinguiu o sistema colonialista, implementado-o em todos os

[121] Nossa tradução: […] uma implicação fundamental da noção de "colonialidade do poder" é que o mundo não foi completamente descolonizado. A primeira descolonização (iniciada no século XIX pelas colônias espanholas e seguida, no século XX, pelas colônias inglesas e francesas) foi incompleta, pois se limitou à independência jurídico-política das periferias. Em vez disso, a segunda descolonização – a que nos referimos como decolonialidade – terá que abordar a heterarquia das múltiplas relações raciais, étnicas, sexuais, epistêmicas, econômicas e de gênero que a primeira descolonização deixou intacta. Como resultado, o mundo do início do século XXI precisa de uma decolonialidade que complemente a descolonização realizada nos séculos XIX e XX. Ao contrário dessa descolonialização, a decolonialidade é um processo de ressignificação a longo prazo, que não pode ser reduzido a um evento jurídico-político (Grosfoguel, 2005) (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p.17).

âmbitos da existência desses territórios. Esse tem raízes profundas nas mentalidades cultivadas ao longo de séculos e implicações tanto políticas e econômicas quanto sociais, étnicas e culturais no contexto atual, pois segue havendo uma intensa exploração de grupos minoritários sobre a grande massa populacional nas sociedades aqui constituídas, assim como fortes reminiscências nas questões de gênero, raça e religião.

É dessa relação de exploração social que deriva o que Dussel (1994) denomina "o mito da modernidade". Segundo o autor, a "modernidade" originou-se nas cidades europeias medievais, mas "nasceu", de fato, quando a Europa se confrontou com "o Outro" e tentou controlá-lo, combatê-lo, derrotá-lo, ao mesmo tempo em que se definia com um "ego" de "descobridor", "conquistador", colonizador. Segundo aponta o estudioso,

> […] *de todas maneras, ese Otro no fue "des-cubierto" como Otro, sino que fue "en-cubierto" como "lo Mismo" que Europa ya era desde siempre. De manera que 1492 será el momento del "nacimiento" de la Modernidad como concepto, el momento concreto del "origen" de un "mito" de violencia sacrificial muy particular y, al mismo tiempo, un proceso de "en-cubrimiento" de lo no-europeo*[122] (Dussel, 1994, p. 8).

Nesse movimento ideológico de rompimento com o conceito de "modernidade", historicamente estabelecido por uma elite europeia colonizadora, Dussel (1994) apresenta-nos uma possibilidade de superação do "mito da modernidade": a "transmodernidade", na intenção de inclusão da alteridade negada – "*la dignidad e identidad de las otras culturas, del Otro previamente en-cubierto; para ello habrá que matizar o negar la premisa mayor misma, el 'eurocentrismo'*[123]" (Dussel, 1994, p. 74). Trazer à cena, hodiernamente, personagens autóctones que não se deixaram subjugar, que se enfrentaram com o poderio colonizador, mesmo em condições muito mais precárias que aquelas ostentadas pelos invasores, é, pois, desde nosso ponto de vista, um ato de descolonização das mentes colonizadas ainda persistentes em

[122] Nossa tradução: Em todo caso, esse Outro não foi "des-coberto" como Outro, mas foi "en-coberto" como "o Mesmo" que a Europa sempre foi. Assim, 1492 será o momento do "nascimento" da Modernidade como conceito, o momento concreto da "origem" de um "mito" muito particular da violência sacrificial e, ao mesmo tempo, um processo de "encobrimento" do não-europeu (Dussel, 1994, p. 8).

[123] Nossa tradução: [...] a dignidade e identidade de outras culturas, do Outro anteriormente en-coberto; para isso, será necessário qualificar ou negar a própria premissa maior, o "eurocentrismo" (Dussel, 1994, p. 74).

muitos setores de nossa sociedade. Tal conscientização pode, da mesma forma, levar a outras e novas reflexões sobre o que apontou Uslar Pietri (1990, p. 345-346) sobre os sentimentos latino-americanos frente às identidades aqui constituídas, já que

> […] *sucesiva y hasta simultáneamente muchos hombres representativos de la América de lengua castellana y portuguesa creyeron ingenuamente, o pretendieron, ser lo que obviamente no eran ni podían ser* […]. *Culturalmente no eran europeos, ni mucho menos podían ser indios o africanos*[124] (Uslar Pietri, 1990, p. 345-346).

Esses são exemplos dos enfrentamentos ainda travados na contemporaneidade, na tentativa de decolonizar construtos sociais derivados dos anos em que sociedades como as latino-americanas foram "en-cobertas", ocultadas e exploradas pelos colonizadores. Nas palavras de Dussel (1994, p. 74), "*el 'mito de la Modernidad' es una gigantesca inversión: la víctima inocente es transformada en culpable, el victimario culpable es considerado inocente*[125]". Tal culpabilização daquele que foi subjugado perdura no imaginário coletivo social da sociedade latino-americana, que continua crendo em mitos como o da modernidade e da civilidade, ainda que já existam tentativas de superar esses mitos, como os estudos descolonialistas/decoloniais, cujos pressupostos necessitam ser, ainda, disseminados na sociedade.

Trazemos, na sequência, os desdobramentos das reflexões em torno a esses conceitos – colonialidade, descolonização e decolonialidade –, para uma melhor ordenação lógica de nossa argumentação e esclarecimento de nossos posicionamentos ideológicos e metodológicos.

---

[124] Nossa tradução: [...] sucessiva, e até simultaneamente, muitos homens representativos da América de língua Castelhana e portuguesa acreditaram ingenuamente, ou pretenderam, ser o que obviamente não eram nem poderiam ser [...]. Culturalmente não eram europeus, nem muito menos podiam ser índios ou africanos (Uslar Pietri, 1990, p. p. 345-346).

[125] Nossa tradução: o "mito da Modernidade" é uma gigantesca inversão: a vítima inocente se transforma em culpada, o vitimizador culpado é considerado inocente (Dussel, 1994, p. 74).

1.2.1 A colonialidade imposta à América: aculturação e territorialização do espaço-imaginário

Após havermos discutido como os latino-americanos têm, na contemporaneidade, visto e revisado o passado colonial, e exposto a necessidade de que o processo de descolonização avance do político-territorial também ao mental, cultural e social, tratamos, aqui, do conceito de "colonialidade" e as causas/consequências das apropriações territoriais, históricas, culturais e linguísticas que compactuaram – e continuam existindo, ainda que apareçam na sociedade de maneiras distintas – com o processo de colonização das Américas.

Dentre as respostas descoloniais emergentes estão os estudos latino-americanos do final do século XX e início do século XXI, os quais propõem, segundo Dorado Mendez e Fleck (2022), a partir de diferentes áreas do conhecimento, um novo paradigma para as ciências sociais e humanas na América Latina. Os pesquisadores que formam esse grupo ocupam-se, por um lado, dos signos modernidade/colonialidade[126] e, por outro, das vias de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano[127], a partir dos processos de reconhecimento da territorialização, desterritorialização e reterritorialização dos espaços colonizados. Nesse novo paradigma de investigação, a modernidade não é mais vista como um movimento intrínseco da Europa, mas, sim, como um processo que envolve, necessariamente, o contato entre as comunidades europeias e outras nações. A modernidade estava, previamente, ligada à expansão europeia para fortalecimento da matriz colonial nos espaços colonizados. A essa matriz colonial do poder, referimo-nos como "colonialidade".

[126] O Grupo Modernidad/Colonialidad é formado por pesquisadores da América Latina e seus principais representantes são o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano e o teórico argentino-estadunidense Walter D. Mignolo. Outros membros com contribuições relevantes são Santiago Castro-Gómez, Arturo Escobar, Edgardo Lander, Fernando Coronil, Nelson Maldonado Torres, Ramón Grosfoguel e Catherine Walsh. Esses teóricos criticam o conceito da "modernidade" e o colonialismo epistêmico, a partir do paralelo modernidade/colonialidade e da noção da decolonialidade.

[127] O Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" foi fundado em 2017 e trabalha com o conceito da descolonização, processo de libertação das mentes, das identidades e do imaginário, para além das declarações de independência dos países latino-americanos, a partir de ações decoloniais a médio e longo prazo – como é o caso da formação de leitores decoloniais nos diferentes níveis educacionais da América Latina.

O estudioso peruano Aníbal Quijano (2014) descreve a América como o primeiro espaço e tempo no qual se estabeleceu esse novo padrão de poder, regido pela diferenciação de raças entre conquistadores e conquistados, a qual, supostamente, definiu a superioridade de um grupo sobre o outro. Não há vestígios da ideia de raça, como conhecemos hoje, anterior à América. A formação de relações sociais em torno desse conceito produziu, no território americano, identidades sociais inéditas, como indígenas, negros e mestiços, e redefiniu outras. Com relação a essa nova matriz/padrão colonial de poder estabelecida, Mignolo (2017) aponta que,

> [...] na sua formulação original por Quijano, o "patrón colonial de poder" (matriz colonial de poder) foi descrito como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade. Os eventos se desdobraram em duas direções paralelas. Uma foi a luta entre Estados imperiais europeus, e a outra foi entre esses Estados e os seus sujeitos coloniais africanos e indígenas, que foram escravizados e explorados (Mignolo, 2017, p. 5).

Mignolo (2017) esclarece que esse sistema da matriz colonial de poder é sustentado pelo fundamento racial e patriarcal do conhecimento, e que seu fundamento histórico foi de ordem teológica, regido pelas leis cristãs, que distinguiam os cristãos dos mouros e dos judeus pelo seu "sangue". Foi no "Novo Mundo" que a configuração racial entre espanhol, índio e africano começou a tomar forma. No século XVIII, o marcador de raça/racismo passou do "sangue" para a pele.

Quijano (1992) explica que o processo exploratório europeu na América Latina resultou em uma concentração de recursos para uma minoria europeia que se estabeleceu, por intermédio dessas suas ações colonialistas, como uma nação dominante em escala global. Os continentes americano e africano foram as principais vítimas dessa relação de dominação direta, à qual o autor se refere como "colonialidade" e que envolve aspectos políticos, sociais e culturais. Tal relação exploratória ainda é visível nas matrizes de poder mundial na atualidade, na distribuição de recursos entre diferentes nações e na categorização das populações colonizadas de acordo com sua "raça" ou "etnia" desde a "conquista" da América.

É por isso que, para Quijano (1992), apesar do colonialismo político ter sido superado, a cultura europeia – também chamada de ocidental – segue influenciando outros países a partir de uma relação ainda de dominação colonial. Trata-se, portanto, de uma colonização de culturas, ainda que, certamente, em diferente intensidade e

profundidade. Nesse sentido, o autor expressa que esta "c*onsiste, en primer término, en una colonización del imaginario de los dominados. Es decir, actúa en la interioridad de ese imaginario. En una medida, es parte de él*[128]" (Quijano, 1992, p. 12).

A extensão desse ato de dominação ganha uma dimensão mais ampla quando concebemos, conforme explicita Santiago (2000, p. 14), que "na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua". Foram essas as premissas que nortearam as empreitadas colonizadoras na América, para que fosse garantido o domínio dos territórios geográficos, identitários e imaginários desse continente para a soberania de grandes impérios, como o português e o espanhol. No entanto, enquanto força e poder foram empregados para impor e sustentar as premissas da unidade – política, linguística e religiosa –, as premissas da pureza – que se referiam às proibições emanadas do poder político monárquico europeus em relação à miscigenação – não foram seguidas de forma alguma pelos "conquistadores", pois, de acordo com o romancista argentino Abel Posse (2007, p. 21-24),

> […] *durante siglos la crónica oficial y académica acalló el móvil erótico con todo lo que tenía de destape y de salvaje libertad para gente que no veía desnuda a una mujer ni en la noche de bodas.* […]*. Más que conquista, violación. El grupo ibérico actuó como un verdadero banco de esperma que reparó – por vía erótica y genital – el genocidio imperial*[129]*.*

Tal realidade híbrida e mestiça que se originou desse processo é a realidade cultural que hoje vivenciamos, contaminada, contudo, com os preceitos antigos dessa esperada pureza jamais pretendida pelos subordinados ao poder imperial. Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) elucidam o conceito de "decolonialidade" como uma maneira de transcender a ideia equivocada de que o fim das administrações das colônias implicou em um mundo descolonizado e pós-colonial. Na verdade, a divisão internacional do trabalho entre centros e periferias e a hierarquização étnico-racial das

[128] Nossa tradução: [...] consiste, antes de tudo, em uma colonização do imaginário dos dominados. Ou seja, atua dentro desse imaginário. Até certo ponto, é parte dele. (Quijano, 1992, p. 12).
[129] Nossa tradução: Durante séculos, a crônica oficial e acadêmica silenciou o móvel erótico com tudo aquilo que ele tinha de revelação e de selvagem liberdade para gente que não via desnuda a uma mulher nem na noite de núpcias. […]. Mais que conquista, violação. O grupo ibérico atuou como um verdadeiro banco de esperma que reparou – por via erótica e genital – o genocídio imperial.

populações, derivadas de séculos de expansão colonial europeia e dessa intensa miscigenação por eles instituída nesses territórios, persistem em nossa sociedade. Nas palavras dos autores, "*el fin de la guerra fría terminó con el colonialismo de la modernidad, pero dio inicio al proceso de colonialidad global*[130]" (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 13). Os autores ressaltam, ainda, que

> […] *desde el enfoque que aquí llamamos 'decolonial', el capitalismo global contemporáneo resignifica, en un formato posmoderno, las exclusiones provocadas por las jerarquías epistémicas, espirituales, raciales/étnicas y de género/sexualidad desplegadas por la modernidad. De este modo, las estructuras de larga duración formadas durante los siglos XVI y XVII continúan jugando un rol importante en el presente*[131] (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 14).

É sobre essas estruturas de larga duração, cujas consequências invadem o tempo presente, que Palermo (2019) reitera o conceito de colonialidade como uma organização reguladora da vida em todas as suas esferas: da economia, da autoridade, do gênero, da sexualidade, da natureza, das subjetividades e das formas de conhecer. Derivada do período colonial, essa matriz mantém-se na colonização interna, tanto das sociedades colonizadas como daquelas sujeitas ao domínio dos impérios. É no sistema educacional que se institui e se sistematiza a diferença colonial que hierarquiza e gera valores que atravessam a sociedade, sob um prisma dicotômico de superioridade-inferioridade. Daí resulta vital e relevante todo o esforço do Grupo de pesquisadores que compõe a equipe "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", nos seus esforços empreendidos em relação à formação de leitores literários decoloniais, tanto na esfera dos docentes do Ensino Fundamental – por meio de projetos de formação continuada – quanto junto aos estudantes do Ensino Fundamental, desde os primeiros passos de sua formação leitora. Essa prática de leitura literária decolonial

---

[130] Nossa tradução: O fim da Guerra Fria acabou com o colonialismo da modernidade, mas iniciou o processo de colonialidade global (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 13).

[131] Nossa tradução: A partir da abordagem que aqui denominamos "decolonial", o capitalismo global contemporâneo ressignifica, em um formato pós-moderno, as exclusões provocadas pelas hierarquias epistêmicas, espirituais, raciais/étnicas e de gênero/sexualidade expostas pela modernidade. Desse modo, as estruturas duradouras formadas durante os séculos XVI e XVII continuam a desempenhar um papel importante no presente (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 14).

> [...] opera a desterritorialização do espaço imaginário, também conquistado pelos homens brancos que aqui impuseram suas regras e seus ritos, e possibilita aos sujeitos latino-americanos, híbridos e mestiços, reterritorializar o espaço imaginativo sobre o passado com personagens nativas muito mais atuantes, resistentes e aptas aos enfrentamentos para a manutenção de sua existência (Klock, 2021, p. 307).

Os estudos dos "processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção", como "vias de descolonização" das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano, realizados nos âmbitos de atuação dos pesquisadores que integram o Grupo de Pesquisa acima referido, são de extrema relevância, uma vez que realizados cientes de que, consoante a Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), o mundo do século XXI requer uma decolonialidade complementar à descolonização dos séculos XIX e XX, pois, diferentemente da descolonização, a decolonialidade é um longo processo de ressignificação, e não apenas um acontecimento jurídico ou político. A decolonialidade requer ações de conscientização – entre elas, uma formação leitora literária decolonial – que leve a uma mudança no modo canônico de pensar, que durante séculos foi inculcado nas mentes latino-americanas, atuando nelas como meio de, sistematicamente, produzir sentimentos de inferioridade. Frente a isso, a atualidade requer projetos latino-americanos de reestruturação do pensamento. Entre eles, destacamos as ações da formação do leitor literário decolonial, ou seja,

> [...] aquele que lê textos literários, isto é, que passa pela experiência estética e social proporcionada pela leitura de obras literárias. Por sua vez, usamos o adjetivo "decolonial" para nos referirmos ao sujeito que, ao se desprender da lógica colonialista e vislumbrar outros mundos possíveis, e, mais ainda, reconhecer sua(s) identidade(s) e se rebelar contra o lugar a que sempre foi confinado pelos detentores do poder (ou dos poderes instituídos), acaba por descolonizar seu pensamento, sua mente e seu imaginário, isto é, passa, gradativamente, a pensar em uma lógica outra que aquilo que foi estabelecido como cânones de pensamento (Fleck, 2023, p. 23).

Descolonizar mentes, identidades e imaginários não é, sem dúvida, um projeto a curto prazo, mas estamos certos de que investir no processo de formação leitora e escritora da população latino-americana é uma via privilegiada para se alcançar índices de criticidade necessários à implementação e à efetivação desse (re)conhecimento. Desse modo, descolonizamos, também, o espaço do saber

acadêmico, por nele priorizarmos a base educacional que, em nossa sociedade brasileira, nunca mereceu a devida atenção do Estado.

Por outro lado, Grosfoguel e Mignolo (2008) elucidam algumas das peculiaridades da tríade "modernidade/colonialidade/descolonialidade", sendo que, para esses estudiosos, cada um desses elementos é constitutivo dos outros dois, pois os três surgiram de maneira conjunta, a partir do mesmo processo histórico de "invenção" do que hoje conhecemos como "América", o qual teve início pelas ações expansionistas da Espanha e de Portugal, ao longo dos séculos XVI e XVII. Tal trajetória histórica, da qual deriva a tríade identificada, foi estabelecida a partir da invasão europeia à América e do tráfico de escravos, sob a retórica positiva de salvação dessas almas e do progresso econômico. Esse discurso modernista funcionou como uma justificativa para a lógica destrutiva da colonialidade, em concordância com a afirmação de Grosfoguel e Mignolo (2008, p. 31): "*tanto la lógica positiva impuesta a quienes no desean que les imponga, como la lógica de la destructividad de la colonialidad engegran reacciones y respuestas que, por razones obvias, llamamos des-coloniales*[132]". Essas respostas descoloniais emergiram, em diferentes formas, nas Américas, desde o século XVI, e, posteriormente, na Ásia e na África.

A exemplo das respostas descoloniais emergentes nas Américas, Dorado Mendez e Fleck (2022) mencionam a carta *Nueva Crónica y Buen Gobierno* ([1616] 1980), do indígena Waman Puma de Ayala (1534-data de morte desconhecida). O texto consiste em uma carta dirigida ao então rei da Espanha, Felipe III. Na primeira parte, o autor apresenta um estudo etnográfico da criação e desenvolvimento do universo sob a perspectiva indígena; na segunda, uma crônica da conquista e subjugação do Império Inca pelos espanhóis; na terceira, Waman Puma conta os problemas da colônia, os erros das autoridades representativas da coroa real espanhola, expondo a violência desses funcionários, militares e eclesiásticos. Sua carta abrange uma grande mestiçagem linguística e cultural. Suas características, agregadas ao conteúdo, fazem desse documento histórico uma representação da

[132] Nossa tradução: Tanto a lógica positiva imposta a quem não deseja que lhes imponha como a lógica da destrutividade da colonialidade engendram reações e respostas que, por razões óbvias, chamamos de descoloniais (Grosfoguel; Mignolo, 2008, p. 31).

resistência indígena às opressões colonialistas. Dorado Mendez e Fleck (2022) ressaltam, ainda, que

> [...] esse documento histórico é essencial para a compreensão do pensamento decolonial e sua vinculação ao paradigma modernidade/colonialidade. Trata-se de um dos primeiros registros críticos redigidos na América que parte da perspectiva do sujeito colonial, o que brinda ao texto um potencial epistêmico que em outras obras é escasso ou inexistente (Dorado Mendez; Fleck, 2022, p. 128).

Assim como o texto de Waman Puma, o primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl* (1826), também representa um registro transgressor do paradigma europeu, por seu teor ideológico contestatório, conforme explicam Berndt *et al*. (2023). Segundo os autores, o próprio título da obra contribui com a quebra de paradigmas de sua época, por utilizar o nome de um indígena da história da colonização que foi julgado, pela historiografia do enfoque tradicional, como traidor à causa da dominação do império espanhol, comandada por Hernán Cortés. Há, na diegese dessa obra, uma configuração adversa à da historiografia tradicional, representando Hernán Cortés como o vilão e evidenciando suas falhas, em oposição ao herói Xicoténcatl, enaltecido, representante e voz do melhor do mundo indígena, estabelecido como um exemplo para as futuras gerações.

Vejamos, na sequência de nosso texto, como essas atitudes reacionistas descoloniais representam os enfrentamentos de nações subalternas, como as americanas, asiáticas e africanas, as quais sofreram os percalços dos imperialismos do passado e do presente.

1.2.2 O processo de descolonização política: embates, enfrentamentos e negociações

Buscamos discorrer, nesta parte do texto, sobre os embates teóricos que condizem ao entendimento da descolonização de uma nação, os percalços desse processo disruptivo à colonização e as diferentes atribuições ao termo pelos estudiosos que se voltam ao tema. Quando nos referimos aos estudos descoloniais/decoloniais, é necessário compreender que não há, ainda, um consenso

entre os estudiosos da área com relação a tais termos. Autores como Quijano (1992) e Mignolo (2017) utilizam a terminologia “descolonial” e os termos dela derivados, enquanto outros estudiosos, como Walsh (2009), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), empregam, em suas obras, a nomenclatura “decolonial” e seus derivados.

Nesse contexto, é importante, também, que se possa distinguir, claramente, a diferença entre os termos colonialismo e colonialidade. Para isso, valemo-nos, aqui, das leituras e reflexões do historiador Tairon Villi (2023, p. 39) que, em sua tese *A ficção do indizível: historiografia indisciplinada e memória das ditaduras militares na América do Sul*[133], discute as possibilidades de descolonização na América Latina e, para isso, propõe ler as escritas híbridas de história e ficção como “um veículo produtor de discursos e universos históricos tão ricos e complexos quanto a historiografia disciplinar e/ou tradicional” (Villi, 2023, p. 8). Sua voz junta-se à nossa para, assim, expressarmos que

> Ramón Grosfoguel explica as diferenças entre colonialismo e colonialidade, sendo que a primeira refere-se a situações coloniais no período de administração colonial, enquanto a segunda implica em situações coloniais no período posterior à administração colonial. E por situações coloniais, Grosfoguel entende situações de “opressão/exploração cultural, política, sexual e econômica de grupos subordinados racial ou etnicamente por parte de grupos raciais/étnicos dominantes com ou sem a existência de administrações coloniais” (Villi, 2023, p. 39).

É, pois, a permanência da colonialidade em espaços antes colonizados que impele os intelectuais de diferentes nações latino-americanas a buscar por alternativas possíveis à descolonização. Nesse sentido, apresentamos, no seguinte excerto, algumas reflexões de Palermo (2019) sobre os resultados dos estudos des/decoloniais:

> [...] quem, como nós, vem percorrendo o caminho des/decolonizante, reflete em/sobre o próprio lugar, avançando tanto na crítica ao paradigma eurocêntrico como visibilizando o processo de construção de nossas inscrições territoriais [...], o que é realizado também por pesquisadores radicados fora do lugar físico e/ou da etnia de pertença. (Palermo, 2019, p. 15).

[133] Tese de Villi está disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/86501. Acesso em: 12 abr. 2024.

As reflexões de Palermo (2019) condizem com a postura e a intenção de descolonização de mentes, identidades, imaginários e crenças, à qual pesquisas como a nossa, subsidiadas pelo Grupo “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, voltam-se e para a qual estudiosos em diferentes partes do mundo podem contribuir. Vide, como outro exemplo dessa atitude, a pesquisadora Vallejo (2015), holandesa, residente no Canadá, a qual também realizou uma investigação sobre as ideologizações em torno da cacica Anacaona e a importância desses movimentos ideológicos perante essa figura feminina ocultada pela historiografia europeia. Pesquisas como a de Vallejo, e a que apresentamos nesta tese, são, por conseguinte, figurações materializadas desse processo de descolonização política sobre o qual aqui dialogamos.

Quijano (1992) questiona a ideia de “totalidade” provinda da racionalidade/modernidade europeia-ocidental – a assunção reducionista de uma sociedade/*a* sociedade, estruturada a partir de uma única lógica e, por isso, fechada. Essa perspectiva levou, mais tarde, à ideia sistêmica de totalidade, que condiz com uma sociedade estrutural, na qual as partes se relacionam entre si como diferentes órgãos de um corpo, ainda que uma parte principal (o cérebro) comande as demais. Dessa maneira, outras partes dessa estrutura, em particular as extremidades, não poderiam existir sem estarem subordinadas a essa peça central do sistema. Tais ideias estabelecem o pressuposto de uma totalidade histórica homogênea, ainda que o colonialismo não houvesse funcionado dessa forma, pois a parte colonizada não fazia parte dessa totalidade. Não é necessário, no entanto, recusar, integralmente, a ideia de totalidade para que se possa efetuar o afastamento dos parâmetros estabelecidos pela modernidade europeia.

Castro-Gómez (2007) evidencia que as universidades latino-americanas são, muitas vezes, polos nos quais se reproduzem as reminiscências coloniais e seus paradigmas. Isso, segundo defende o autor, auxilia para reforçar a hegemonia cultural dos agentes colonizadores nesses espaços sociais. Nesse sentido, o autor menciona que tais ações estão inseridas na estrutura triangular da colonialidade: a colonialidade do ser, do poder e do saber. Posicionar-se criticamente frente a essa tríade não significa, para Castro-Gómez (2007), uma negação do conhecimento ocidental. Contudo, essa posição crítica implica em uma ampliação na esfera dos

conhecimentos não admitidos, valorizados, reconhecidos ou considerados como domínios proibidos pelo poder colonialista.

Nesse contexto de descolonização, Grosfoguel (2006) destaca a importância da linguagem no processo, já que, segundo o autor, para pararmos de repetir, incansavelmente, os modelos eurocêntricos, tanto no campo econômico, político quanto no social, nós "a*ún debemos desarrollar un nuevo lenguaje descolonial para dar cuenta de los complejos procesos en el sistema mundo moderno/colonial sin depender del viejo lenguaje liberal de las tres arenas*[134]" (Grosfoguel, 2006, p. 33).

Segundo Quijano (1992), deve-se, de fato, disponibilizar a produção do conhecimento, da reflexão e da comunicação da racionalidade/modernidade europeia. Em todas as culturas, toda cosmovisão, todo imaginário, há uma perspectiva de totalidade. Porém, esse posicionamento implica, também, um reconhecimento de uma heterogeneidade de toda realidade. Ou seja, a ideia de totalidade social apoia-se na diversidade de qualquer sociedade. Não apenas se apoia nela, mas, também, requer a existência desse outro diverso e diferente. Nas palavras de Quijano (1992, p. 19),

> […] *las diferencias no son, necesariamente, el fundamento de la dominación. Al mismo tiempo y por eso mismo, allí la heterogeneidad histórico-estructural, implica la copresencia y la articulación de diversas "lógicas" históricas en tome de alguna de ellas, hegemónica, pero de ningún modo única*[135]*.*

Quando nos referimos à descolonização de territórios, sociedades ou imaginários, levamos em conta essa heterogeneidade social, a existência de um outro distinto, e o estabelecimento de uma relação de dominação-submissão a partir dessa diferença. Porém, assim como nos expõe Quijano (1992), a existência dessa diversidade não implica, necessariamente, a existência de uma relação de poder sobre o outro, mas, sim, uma coexistência. As relações de poder estabelecidas tampouco significam uma hegemonia, ou seja, a existência de apenas uma sociedade

[134] Nossa tradução: [...] devemos, ainda, desenvolver uma nova linguagem descolonial para dar conta dos processos complexos no sistema mundo moderno/colonial, sem depender da velha linguagem liberal das três arenas.

[135] Nossa tradução: As diferenças não são, necessariamente, a base da dominação. Ao mesmo tempo e por isso mesmo, aí a heterogeneidade histórico-estrutural implica a co-presença e a articulação de diversas "lógicas" históricas em algumas delas, hegemônicas, mas, de modo algum, únicas (Quijano, 1992, p. 19).

única, total, uniforme. Descolonizar significa, portanto, uma resistência às relações de dominador e submisso e, também, à noção totalitarista de uma hegemonia.

Esse processo de mudanças precisa perpassar diferentes âmbitos e, entre eles, está o das escolas e das universidades, lugares de produção e compartilhamento de conhecimento. Sobre esse contexto, Castro-Gómez (2007) afirma que um diálogo entre os diferentes saberes só será possível com a decolonização do conhecimento e das instituições produtoras ou administradoras do conhecimento. Segundo o autor, a ideia de que a universidade seria um espaço para as distintas formas de produção de saberes (a medicina indígena e a medicina tradicional, por exemplo) é uma utopia. Ainda que o médico indígena seja contemporâneo de um cirurgião que estudou em Harvard, a *hybris* do ponto zero classifica o primeiro como um habitante do passado, um personagem que produz um tipo de conhecimento "pré-científico". Essa foi a estratégia colonial do ocidente desde o século XVIII:

> [...] *el ordenamento epistémico de las poblaciones en el tempo. Unos pueblos, los más bárbaros, se hallan congelados en el pasado y no han salido todavía de su auto-culpable "minoría de edad", mientras que otros, los europeos civilizados y sus epígonos criollos en las colonias, pueden hacer uso autónomo de la razón y viven por ello en el presente*[136] (Castro-Gómez, 2007, p. 89).

Frente a essa questão, Castro-Gómez (2007) afirma que decolonizar a universidade significa, pelo menos, duas coisas:

a) O favorecimento da transdisciplinaridade, a qual busca modificar a lógica binária exclusiva "isto ou aquilo" por uma lógica inclusiva "isto e aquilo". "*Decolonizar la universidad significa, por ello, luchar contra la babelización y la departamentalización del conocimiento, firmes aliados de la lógica mercantil, a la cual se ha plegado la ciencia en el actual capitalismo cognitivo*[137]" (Castro-Gómez, 2007, p. 90).;

[136] Nossa tradução: o ordenamento epistêmico das populações no tempo. Alguns povos, os mais bárbaros, ficaram congelados no passado e ainda não emergiram da sua autoculpabilizante "minoria de idade", enquanto outros, os europeus civilizados e os seus epígonos crioulos nas colônias, podem fazer uso autônomo do direito e viver, para isso, no presente (Castro-Gómez, 2007, p. 89).

[137] Nossa tradução: Descolonizar a universidade significa, em si, lutar contra a babelização e a departamentalização do conhecimento, firmes aliados da lógica mercantil, para a qual a ciência foi dobrada no atual capitalismo cognitivo.

b) O favorecimento da transculturalidade, a partir da qual a universidade deveria incluir diálogos e práticas que envolvem conhecimentos excluídos do mapa epistêmico moderno por terem sido considerados “místicos”, “supersticiosos”, “pré-racionais”, como os saberes de populações asiáticas, africanas e latino-americanas, que foram submetidas ao domínio colonial europeu.

Para que o processo de decolonização seja possível, é necessário “[...] *desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad/modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres*[138]” (Quijano, 1992, p. 19). Segundo o autor, foi o poder colonial, em uma primeira instância, que distorceu os paradigmas de conhecimento e derrubou as promessas liberadoras da modernidade. A alternativa, portanto, é a destruição da colonialidade do poder mundial. Primeiramente, pela descolonização epistemológica, como um passo para uma nova comunicação intercultural e uma troca de experiências, que podem levar a uma outra racionalidade que almeje, de fato, alguma universalidade, pois “[...] *nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidad universal, aunque tal etnia se llame Europa Occidental*[139]” (Quijano, 1992, p. 20). Para o autor, as relações interculturais aprisionadas pela colonialidade devem ser liberadas, assim como a liberdade para produzir, criticar, trocar culturas e sociedades. Nisso consiste a descolonização política de uma nação.

Grosfoguel (2006) é consoante a Quijano quanto à crítica descolonial e à decorrente necessidade de transcender, epistemologicamente, o cânone e a epistemologia ocidentais. Essa é uma perspectiva crítica dos fundamentalismos, do colonialismo e do nacionalismo eurocêntricos. O pensamento fronteiriço, segundo Grosfoguel (2006), consiste em uma perspectiva epistêmica que funciona como uma resposta crítica tanto aos fundamentalismos hegemônicos quanto aos marginais, sendo que “l*o que comparten todos los fundamentalismos (incluyendo el eurocéntrico)*

[138] Nossa tradução: [...] livrar-se dos vínculos da racionalidade/modernidade com a colonialidade, antes de tudo, e, em última instância, com todo poder não constituído na livre decisão de pessoas livres (Quijano, 1992, p. 19).

[139] Nossa tradução: [...] nada menos racional, finalmente, do que a afirmação de que a visão de mundo específica de um determinado grupo étnico é imposta como racionalidade universal, mesmo que tal grupo étnico seja chamado de Europa Ocidental (Quijano, 1992, p. 20).

es la premisa de que hay sólo una tradición epistémica desde la que se pueden alcanzar la Verdad y la Universalidad[140]" (Grosfoguel, 2006, p. 20).

Grosfoguel (2006) considera o "pensamento fronteiriço crítico" uma possível resposta epistêmica do subalterno perante o conceito eurocêntrico da modernidade. Ao invés de descartar a modernidade, as epistemologias fronteiriças redefinem sua retórica emancipadora em busca de uma liberdade descolonial, ou seja, de um mundo que supera as definições restritivas impostas pelos preceitos modernos europeus e busca ressignificar a compreensão da cidadania, da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas. Nas palavras de Grosfoguel (2006, p. 39), "*el pensamiento fronterizo no es un fundamentalismo antimoderno. Es una respuesta descolonial transmoderna de lo subalterno a la modernidad eurocéntrica*[141]"

Um exemplo mencionado por Grosfoguel (2006) para essa redefinição de conceitos é o caso dos zapatistas, um grupo mexicano que não rejeita totalmente a democracia, nem se restringe ao fundamentalismo indígena. Do contrário, aceitam a noção de democracia, porém a redefinem a partir das práticas e cosmologias indígenas, definindo-a como "*'el que quiera mandar debe obedecer' o 'todos somos iguales porque todos somos distintos'*[142]" (Grosfoguel, 2006, p. 40). Essa é uma exemplificação de redefinição crítica da democracia a partir das práticas, cosmologias e epistemologias do subalterno, o que reflete uma maneira de transcender o monólogo imperial estabelecido pela modernidade eurocêntrica.

Dorado Mendez e Fleck (2022) apontam, ainda, que, para que uma obra seja considerada um exercício do pensamento fronteiriço, ela precisa estar fundamentada em uma ideologia decolonial, com o intuito de atingir a matriz colonial do saber. Por isso, não seria suficiente a utilização de recursos escriturais desconstrucionistas (como a paródia ou a metaficção), ou de estratégias narrativas derivadas das fases críticas do romance histórico (como a focalização ou o pluriperspectivismo) para que um romance histórico intente, de fato, a descolonização epistemológica da história e

[140] Nossa tradução: O que é compartilhado por todos os fundamentalismos (incluindo o eurocêntrico) é a premissa de que existe apenas uma tradição epistêmica, a partir da qual a Verdade e a Universalidade podem ser alcançadas (Grosfoguel, 2006, p. 20).

[141] Nossa tradução: O pensamento fronteiriço não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta descolonial transmoderna do subalterno à modernidade eurocêntrica (Grosfoguel, 2006, p. 39).

[142] Nossa tradução: "quem quer mandar tem que obedecer" ou "somos todos iguais porque somos todos diferentes" (Grosfoguel, 2006, p. 40).

da literatura. Portanto, “esses recursos e essas estratégias só poderão compor um projeto estético decolonial quando a ideologia que perpassa a escrita do romance histórico se articula no paradigma do giro decolonial” (Dorado Mendez; Fleck, 2022, p. 133).

As reflexões apresentadas sobre o processo de descolonização, ainda necessário na atualidade, levam-nos a uma próxima etapa de nosso percurso investigativo de ressignificações: a decolonialidade, cujos pressupostos nos impulsam mais além. Como pesquisadores e indivíduos latino-americanos, os estudos decoloniais nos possibilitam repensar a compreensão sobre nossa própria história e modificar os significados reminiscentes da colonialidade. Refletimos, na continuação de nossa escrita, sobre as resistências e os enfrentamentos do posicionamento decolonial como atitude de reação à colonialidade.

1.2.3 A decolonialidade: resistências e enfrentamentos às reminiscências colonialistas na América Latina

Voltamos, nesta subseção, aos estudos sobre a decolonialidade, lembrando que, conforme já mencionamos, não existe uma unanimidade com relação aos termos descolonial/decolonial, pelos estudiosos da área. Assim como Quijano (1992), acreditamos que a ruptura da colonialidade de territórios, sociedades, mentes, identidades ou imaginários precisa acontecer por um processo de descolonização, que rompa com o paradigma dominação-submissão entre duas partes. Para além dessa transformação, apontamos o questionamento também feito por Grosfoguel e Mignolo (2008, p. 33): *“¿cuál es el sentido más preciso, asumiendo que su sentido general es entendible, del concepto de ‘descolonialidad’? ¿Y de ‘descolonialidad del poder, del saber y del ser’?*[143]”. Ao estabelecer essa indagação, os teóricos explicam que, quando dizemos “decolonialidade”, estamos nos referindo ao terceiro termo do complexo modernidade/colonialidade/descolonialidade, quer dizer, estamos definindo uma atividade (pensamento, giro, opção) de enfrentamento perante a retórica

[143] Nossa tradução: qual é o sentido mais preciso, assumindo que o seu sentido geral é compreendido, do conceito de “descolonialidade”? E a “descolonialidade do poder, do saber e do ser”? (Grosfoguel; Mignolo, 2008, p. 33).

modernista e da lógica da colonialidade. Pensar decolonialmente significa embarcar em um processo de ruptura com as bases eurocêntricas do conhecimento, com o objetivo de aclarar espaços escuros e silêncios produzidos e constituídos pelos imperialismos, sendo que, nas palavras dos pesquisadores,

> [...] *el proyecto de descolonización comenzado en el siglo XVI e intensificado en el siglo XX requiere urgentemente de intervenciones decoloniales a nivel planetario, no para culminar el proyecto inconcluso de la modernidad sino para trascender la modernidad/colonialidad hacia, lo que Enrique Dussel llama, un mundo transmoderno*[144] (Grosfoguel; Mignolo, 2008, p. 35).

Os teóricos, no fragmento acima, compreendem a decolonialidade como uma progressão do projeto descolonial, iniciado no século XVI, que corrobora a possível superação da modernidade/colonialidade, o que nos levará ao que Dussel define como "transmodernidade", uma possibilidade de superação do "mito da modernidade", criado pela retórica hegemônica eurocentrista da historiografia oficializada. Para Dussel (1994), a transmodernidade busca a inclusão da alteridade negada, da dignidade e da identidade das outras culturas, desse "Outro" previamente encoberto.

A pesquisadora Walsh (2009) reflete, em seus estudos, sobre a interculturalidade, compreendida como um processo e projeto social, político, ético e epistêmico, inicialmente proposto por um movimento indígena equatoriano. Esse projeto ideológico aponta para a criação de novas posturas, condições, relações e estruturas de enfrentamento ao colonialismo ainda presente na atualidade. Walsh (2009) refere-se a tal atitude de resistência como uma ação "decolonial" e explica que suprimir a letra "s" desse termo não implica em um anglicismo. Pelo contrário, essa escolha linguística marca uma distinção do significado em castelhano de "des", pois não pretendemos desfazer, desarmar ou reverter o colonial – ou seja, passar de um estado colonial para um não colonial, como se fosse possível apagar todas as marcas de sua existência na história. Conforme explicita a autora,

> [...] *la intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento – una postura y actitud continua – de transgredir, intervenir, in-surgir e*

[144] Nossa tradução: O projeto de descolonização, iniciado no século XVI e intensificado no século XX, requer, urgentemente, intervenções decoloniais em nível planetário, não para culminar no projeto inacabado da modernidade, mas para transcender a modernidade/colonialidade em direção ao que Enrique Dussel chama de um mundo transmoderno (Grosfoguel; Mignolo, 2008, p. 35).

> *incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar "lugares" de exterioridad y construcciones alternativas*[145] (Walsh, 2009, p. 15).

Assim como Walsh (2009), assumimos, em nossa pesquisa, o entendimento do termo "decolonialidade" como "*algo más que la descolonización*[146]" (Walsh, 2009, p. 233). Para a autora, a decolonialidade não se preocupa com o controle político ou de soberania, assim compreendidos pelo colonialismo e pela colonização – conceitos que, antecedidos do prefixo "des", pressupõem uma transição, uma superação dessa relação histórica e política. De maneira ainda mais complexa que a relação de poder estabelecida pela invasão da América (erroneamente denominada "conquista"), a decolonialidade concebe-se, consoante a Walsh (2009), como uma matriz fundamentada no uso e na articulação entre si do trabalho, conhecimento, autoridade e relações entre os sujeitos, mediada pelo capitalismo como relação econômica e social, estrutural e global, e pela noção de "raça" como padrão de dominação e de subordinação. Não se trata de superar essa matriz, pois não é possível nos desprendermos do sistema-mundo decorrente dessa história, nem mesmo de sustentar a igualdade como uma ideia abstrata. A decolonialidade também não compreende a resistência como a única forma de luta e mobilização. A premissa decolonial propõe

> [...] *una postura ofensiva de intervención, transgresión y construcción. Una ofensiva que posibilita, viabiliza y visibiliza, por un lado, las concepciones, prácticas y modos de ser, estar, pensar y vivir de carácter decolonial actualmente existentes, haciendo que ellos abran procesos de enseñanza, des-aprendizaje y reflexión, no como nuevos modelos para ser reproducidos sino como bases para la deliberación, el cuestionamiento y el enfrentamiento con nosotros mismos y con las concepciones, prácticas y modos modernos, capitalistas, occidentales, y crecidamente alienantes – entre otros – del vivir cotidiano. Concebida de esta manera, la decolonialidad no es un nuevo paradigma (o "paradogma"), tampoco una nueva invención*

[145] Nossa tradução: A intenção, na verdade, é apontar e provocar um posicionamento – postura e atitude contínuas – de transgredir, intervir, in-surgir e incidir. O decolonial denota, então, um percurso de luta contínua em que podemos identificar, tornar visíveis e fomentar "lugares" de exterioridade e construções alternativas (Walsh, 2009, p. 15).

[146] Nossa tradução: [...] algo mais que a descolonização (Walsh, 2009, p. 233).

> *teórico-ideológica sino una manera de nombrar un proyecto centenario con su reciente re-in-surgir*[147] (Walsh, 2009, p. 234).

Esse processo de "re-in-surgir", iniciado nas últimas décadas, sustenta as premissas decoloniais que intentam (re)surgir/insurgir para, então, transbordar dos estudos e se estender até o cotidiano da vida social e, assim, reformular o entendimento do/sobre o reconhecimento identitário de "latinidade". Nas palavras de Mignolo (2007a, p. 123), "*la conciencia crítica y la liberación (decolonización) serán el aporte de los actores que han sido excluidos de la idea eurocéntrica de 'latinidade'*"[148]. Consoante ao autor, a luta pela vida é, também, uma luta pela libertação (ou decolonização) das subjetividades outrora controladas pelo poder político, pelo comércio e pelo clero.

Mignolo (2007a) concebe a "perspectiva de colonialidade" como um ponto de vista da história colonial do qual decorre a ideia que temos, até hoje, do que é o continente americano – uma consequência da expansão colonial europeia e dos relatos provindos do ponto de vista europeu, ou seja, da perspectiva moderna. É sobre esse ponto de vista que comenta o autor: "*desde Bartolomé de Las Casas, en el siglo XVI, hasta Hegel, en el siglo XIX,* [...] *los textos que se han escrito y los mapas que se han trazado sobre el lugar que ocupa América en el orden mundial no se apartan de una perspectiva europea que se presenta como universal*[149]" (Mignolo, 2007a, p. 17).

Porém, essa perspectiva colonial não é restrita apenas aos escritos e aos mapas, ela se faz presente tanto em nossos conhecimentos como em nossos desconhecimentos. O desconhecido está, inclusive, na ancestralidade da nação latino-americana, em figuras como Anacaona, seu povo e sua história. Esse ocultamento reflete a necessidade de uma transformação decolonial do

---

[147] Nossa tradução: [...] uma postura ofensiva de intervenção, transgressão e construção. Uma ofensiva que possibilita, viabiliza e torna visíveis, por um lado, as concepções, práticas e modos de ser, estar, pensar e viver de caráter decolonial atualmente existentes, fazendo com que se iniciem processos de ensino, des-aprendizagem e reflexão, não como novos modelos a reproduzir, mas, sim, como bases para a deliberação, o questionamento e o enfrentamento com nós mesmos e com as concepções, práticas e modos modernos, capitalistas, ocidentais e cada vez mais alienantes – entre outros – da vida cotidiana. Assim concebida, a decolonialidade não é um novo paradigma (ou "paradogma"), nem uma nova invenção teórico-ideológica, mas, sim, uma forma de nomear um projeto centenário com o seu recente re-in-surgir (Walsh, 2009, p. 234).

[148] Nossa tradução: [...] a consciência crítica e a libertação (decolonização) serão a contribuição dos atores que foram excluídos da ideia eurocêntrica de "latinidade" (Mignolo, 2007a, p. 123).

[149] Nossa tradução: Desde Bartolomeu de Las Casas, no século XVI, a Hegel, no século XIX, [...] os textos escritos e os mapas desenhados sobre o lugar que a América ocupa na ordem mundial não se afastam de uma perspectiva europeia que se apresenta como universal (Mignolo, 2007a, p. 17).

conhecimento, a qual, segundo Mignolo (2007a), é imprescindível para produzir uma mudança da visão que temos sobre o mundo e a sociedade, atualmente marcada pelos princípios europeus do conhecimento, advindos do Renascimento adiante.

Nossa pesquisa em torno da invisibilidade da figura de Anacaona configura uma atitude investigativa de intervenção, transgressão e construção, que possibilita repensar e visibilizar modos de pensar de caráter decolonial e nos leva a processos de ensino, des-aprendizagem e reflexão (consoante a Walsh, 2009), pois questiona o apagamento dessa figura de resistência feminina na história da América. Nossos estudos propõem, ainda, o exercício de pensamento fronteiriço, mencionado por Dorado Mendez e Fleck (2022), ao considerarmos que nosso *corpus* dispõe de obras críticas construídas em torno de uma ideologia decolonial que atinge, diretamente, a matriz colonial do saber e se articula no paradigma do giro decolonial.

É por isso que os conceitos elucidados até esta parte de nosso texto fundamentam nossas análises comparativas e se mostram vitais para o projeto e para mostrar a resistência e a resiliência de uma mulher nativa frente ao poderio colonialista da Europa do século XV e início do século XVI e, para além, decolonizar a universidade (consoante a Castro-Gómez, 2007) e outros espaços do cotidiano. Assim como Anacaona, outras figuras que perderam suas vidas no embate às nações colonizadoras em continentes como o americano, o africano e o asiático, encontram, na contemporaneidade, um espaço figurativo de re-existência na literatura híbrida de história e ficção. Vejamos, na próxima seção desta tese, como a escrita do romance histórico constituiu-se e se transformou desde seu surgimento, tradicional e colonialista, até as narrativas contemporâneas e seus projetos decoloniais de resistência literária.

2 O ROMANCE HISTÓRICO: DIÁLOGOS ENTRE A TRADIÇÃO/COLONIALISTA E OS ENFRENTAMENTOS IDEOLÓGICOS/DESCONSTRUCIONISTAS RUMO À DECOLONIALIDADE

Após o estudo apresentado anteriormente sobre as primeiras visões discursivas europeias a respeito da colonização americana – no qual analisamos registros oficializados pela historiografia tradicional, contrastada, também, com outras vertentes ideológicas e metodológicas, como a da nova história –, e termos refletido sobre os atuais enfrentamentos discursivos sobre o passado da América a partir das prerrogativas da "colonialidade do poder" (Mignolo, 2017) – em relação aos termos colonialidade, descolonização e decolonialidade –, nesta segunda seção de nossa tese, buscamos elucidar a trajetória das narrativas híbridas que amalgamam história e ficção. Tais narrativas, por um lado, corroboram o discurso hegemônico da historiografia tradicional e, por outro, ressignificam personagens e/ou eventos históricos ao atribuírem novas perspectivas, por meio da literatura, para o discurso perpetuado pela escrita historiográfica hegemônica. Essas duas vertentes de escritas romanescas constituem os dois grupos dicotômicos mais amplos de produções nesse âmbito, conforme aponta Fleck (2017) em seus estudos sobre a trajetória do romance histórico. Esse entendimento pode auxiliar-nos na compreensão da dimensão seja dos alinhamentos ou dos enfrentamentos discursivos presentes nas obras híbridas que elegemos para nossa análise frente aos registros efetuados no passado pelos representantes do poder colonialista.

As narrativas híbridas de história e ficção estão presentes nas sociedades mais longínquas sobre as quais temos conhecimento, desde tempos em que a história e a literatura ocupavam um mesmo espaço de construção da memória coletiva. Elementos imaginários e representações de personagens da história têm convivido desde os primeiros registros escritos aos quais temos acesso. Percorrer a linha diacrônica dessas relações leva-nos a estabelecer as diferentes configurações que a relação entre literatura e história já apresentou ao longo do tempo. Isso até chegarmos à proposta de uma trajetória das expressões híbridas de história e ficção dividida em grupos, fases e modalidades, como fez Fleck, em 2017, cuja base de estudo dá suporte às investigações que aqui procedemos.

Segundo Fleck (2017), fatos reconhecidos como históricos e elementos da ficção têm coexistido desde as grandes epopeias, como *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões, os poemas homéricos sobre a guerra de Troia, ou mesmo histórias extraordinárias sobre semideuses, monstros, magos e gigantes, que acabavam se tornando a própria história de um povo – contextos escriturais nos quais não se delimitava uma fronteira entre o real e o imaginário. Porém, as escritas híbridas produzidas antes do romantismo, no século XIX, não apresentam, segundo Fleck (2017), as características inovadoras das narrativas de Walter Scott (1771-1832), as quais definiram os paradigmas do romance histórico enquanto gênero literário.

O teórico Georg Lukács realizou o primeiro estudo sobre a modalidade clássica, inauguradora do gênero romance histórico, em sua obra *Der historische Roman*[150]. Lukács (2011) considera óbvio que, já nos séculos XVII e XVIII, existiam romances com a temática histórica e podemos, até mesmo, considerar as adaptações de histórias e mitos antigos na Idade Média como "precursoras" do romance histórico. No entanto, não encontraremos, por essa via, nada realmente representativo do fenômeno do romance histórico, surgido no início do século XIX, por volta da época da queda de Napoleão. Foi nesse contexto que Walter Scott publicou *Waverley,* em 1814.

Os chamados romances históricos do século XVII são históricos apenas em sua temática exterior, pela psicologia das personagens e pelos costumes retratados da época do escritor. Desse modo, "o que falta ao pretenso romance histórico anterior ao de Walter Scott é o elemento especificamente histórico: o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo" (Lukács, 2011, p. 33). Foi, pois, a compreensão dessa especificidade que possibilitou a Scott a escrita que consagraria uma das vertentes mais profícuas do romance: as escritas híbridas de história e ficção romanescas.

Conforme explica Fleck (2017), a grande diferença dos textos híbridos anteriores às produções de Walter Scott é a inserção, no passado, de personagens ficcionais completamente adaptáveis às condições psicológicas e sociais das demais personagens, oriundas da história e reconfiguradas pela ficção. Tal fato dificulta a

[150] Obra originalmente publicada em 1955, em alemão: *Der historische Roman*, traduzida ao espanhol, em 1966, por Jasmin Reuter, no México, com o título de *La novela histórica*. Utilizamos, em nossa pesquisa, a tradução de Rubens Enderle para o português, de 2011.

distinção, em suas obras, de personagens puramente fictícias ou aquelas inspiradas e reconfiguradas a partir de sua existência e atuação nos eventos recriados na literatura. Tal estratégia escritural, utilizada de maneira intencional e consciente pelo autor, é apresentada já na primeira publicação de Walter Scott, *Waverley* (1814), cuja diegese envolve as aventuras da personagem Edward Waverley durante os conflitos da rebelião Jacobina de 1745, na Escócia, que buscava reestabelecer a dinastia dos Stuarts na Inglaterra do século XVIII.

Lukács (2011) aponta que a extraordinária habilidade épica de Walter Scott marcou sua época, por estabelecer uma recusa e uma superação do romantismo, assim como um desenvolvimento das tradições literárias do realismo no período iluminista. Para Lukács (2011, p. 50), Scott “se esforça para figurar as lutas e as oposições da história por meio de homens que, em sua psicologia e em seu destino, permanecem sempre como representantes de correntes sociais e potências históricas”.

Fleck (2017) afirma que essa receita “infalível” de Walter Scott – na qual um herói mediano fictício, com o qual o leitor poderia, facilmente, identificar-se, que realizava suas proezas em um ambiente histórico “real” – inaugurou o gênero romance histórico e, prontamente, passou a ser traduzida, copiada e imitada por seus contemporâneos. O autor menciona, ainda, que “tais inovações se estenderam de um continente a outro, atravessaram séculos, despertando paixões, intrigas, rupturas, acordos e desacordos, principalmente entre romancistas e historiadores, e chegaram até nossos dias, ao século XXI, em modalidades diferenciadas” (Fleck, 2017, p. 45). De fato, o romance histórico, depois de haver ocupado a cena principal no romantismo europeu – e, inclusive, como fator relevante às literaturas fundacionais na América Latina –, atravessou os dois últimos séculos e segue em pleno vigor.

Com o surgimento do gênero romanesco, no século XVIII, e sua predominância como forma literária no século XIX – ocupando um espaço anteriormente atribuído às epopeias –, a escrita híbrida de história e ficção ganhou outra dimensão. As rupturas entre história e literatura deram-se também nessa época. Elas surgiram da busca pelo que se tentava estabelecer como um relato “verdadeiro” dos acontecimentos do passado, levando essas duas áreas a serem redefinidas como autônomas ao longo dos séculos, apesar de estarem, simultaneamente, interligadas.

Foi a partir já dos pressupostos de Aristóteles, conforme explica Esteves (2010), que se começaram a demarcar os desdobramentos entre a história e a literatura, apesar dessas duas vertentes sempre terem caminhado juntas.

> Embora Aristóteles tenha estabelecido que cabe ao historiador tratar daquilo que realmente aconteceu, e ao literato, daquilo que poderia ter acontecido, ficando o primeiro circunscrito à verdade e o segundo, à verossimilhança, foi apenas no século XIX que a separação entre ambos os discursos parece ter ocorrido de fato. E mesmo assim, tal divórcio nem sempre foi muito claro ou de longa duração (Esteves, 2010, p. 17-18).

Esteves (2010) ainda considera problemática a questão de deslindar fronteiras entre a história e a literatura. Apesar da ficção ser fruto da imaginação do escritor, é por meio dessa invenção criativa que se torna possível expressar um outro relato, que só poderia vir à luz por meio da literatura.

Para Fleck (2017), história e literatura possuem objetivos distintos, ao mesmo tempo em que estudam um material comum: os vestígios do passado, materializados no presente. A nova história deixa de tentar representar uma “verdade” para tentar mostrar que, nessa nova concepção, segundo Burke (1992), “tudo tem uma história”, sendo que a realidade é social ou culturalmente constituída. Assim,

> [...] o romance histórico, como resultado desse processo de entrecruzamento de ambos os discursos, manifesta-se como um produto híbrido, um gênero que é capaz de despertar um interesse muito maior no homem contemporâneo do que quaisquer outras formas de linguagem mais objetivas. Isso se dá, justamente, por essa sua natureza mista, na qual elementos de distintas áreas do saber, como a narratologia, a reconstrução do tempo passado e a reconfiguração de personagens e fatos, convivem sem o intento sumário de distinção, numa perspectiva que oferece ao leitor alternativas multifacetadas de interpretação (Fleck, 2017, p. 32).

É por essa razão que, ao estudarmos os romances históricos que trazem à tona figuras históricas como a autóctone Anacaona, para a qual nos voltamos nesta investigação, precisamos entender a fundo esse entrecruzamento entre o caráter ficcional e o material histórico que compõem a diegese de uma narrativa híbrida de história e ficção. Para isso, devemos levar em consideração o equilíbrio necessário no amálgama desses elementos na tessitura de um romance histórico, pois “*el autor*

no debe olvidar que en su obra todo ese elemento histórico es lo adjetivo y que lo sustantivo es la novela[151]" (Mata Induráin, 1995a, p. 18).

Segundo Milton (1992a), o romance histórico não está para competir com a história; o romance não invade as dependências da história, mas, sim, atua como um colaborador na compreensão dos feitos do passado, ao atribuir dimensão simbólica à história e ensejar novas formas de reflexão sobre os eventos e as personagens que antecederam a nossa existência. Nesse intento, esse gênero tem traçado uma caminhada de transformações desde suas manifestações primeiras, no romantismo europeu – voltadas às celebrações dos heróis nacionais e seus feitos, em um discurso que se irmanava com os da nascente história tradicional em sua fase de implementação – até aos nossos dias, quando há um convívio simultâneo entre modalidades acríticas de romances históricos e outras que se enfrentam com as perspectivas hegemônicas da historiografia tradicional.

Para entendermos, também, os modos pelos quais a personagem Anacaona foi configurada no *corpus* literário de nossa pesquisa, faz-se necessária uma breve abordagem a essa trajetória das escritas híbridas de história e ficção. A esse tópico, dedicamo-nos a seguir.

2.1 DA TRADIÇÃO ROMANESCA EXALTADORA DO PASSADO ÀS RESSIGNIFICAÇÕES CRÍTICAS DA CONTEMPORANEIDADE: AS FASES E MODALIDADES DO ROMANCE HISTÓRICO

Depois de dialogarmos sobre o surgimento do romance histórico enquanto gênero, em sua fase tradicional não-desconstrucionista e acrítica, e sobre alguns dos pontos de convergência e divergência entre o campo literário e o histórico, organizamos, nesta subseção, nossos estudos sobre a trajetória do romance histórico desde sua tradição exaltadora dos "heróis" do passado até as ressignificações críticas dos tempos atuais. Essa dicotomia fez-se presente nas temáticas que revisitam, pela ficção, o passado da América Latina desde as primeiras manifestações críticas do gênero no espaço da literatura hispano-americana e, conforme aponta Fleck (2021),

[151] Nossa tradução: O autor não deve se esquecer de que, em sua obra, todo esse elemento histórico é o adjetivo e que o substantivo é o romance (Mata Induráin, 1995a, p. 18).

estendeu-se à brasileira, à estadunidense, à canadense e à espanhola, também no espaço restrito da “Poética do ‘descobrimento’”.

Sobre a trajetória do romance histórico, Fleck (2017) explica que as narrativas híbridas produzidas antes do século XIX diferenciam-se das produções híbridas de Walter Scott (1771-1832), escritas durante as primeiras décadas do romantismo, as quais estabeleceram os primeiros paradigmas do gênero romance histórico. Lukács (2011) relaciona a grandeza da narrativa de Scott ao seu limitado conservadorismo. Ele escolhe sua personagem principal, sempre um *gentleman* inglês mediano, em um espaço entre os extremos, e demonstra, assim, sua realidade histórica pela figuração ficcional das grandes crises da história inglesa. Esse herói, em geral, possui uma inteligência prática, não excepcional, firmeza moral e honestidade, sem alcançar, porém, o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção a uma grandiosa causa. Conforme expressa o teórico,

> [...] na construção desses heróis “medianos”, apenas corretos e nunca heroicos, expressa-se o extraordinário talento épico de Walter Scott, talento que marcou toda uma época, ainda que, do ponto de vista psicológico e biográfico, é muito provável que seus preconceitos pessoais, presos à pequena nobreza e ao conservadorismo, tenham desempenhado um grande papel na escolha desses heróis (Lukács, 2011, p. 49-50).

Nessa construção dos heróis de suas diegeses, Scott busca, ainda segundo Lukács (2011), representar as lutas e as oposições da história por meio de homens que representam correntes sociais e potências históricas. As narrativas híbridas anteriores a Scott jamais haviam figurado os traços humanos típicos, em que se evidenciam as grandes correntes históricas, com tanta grandiosidade, univocidade e concisão. O autor enfatiza que, “acima de tudo, jamais essa tendência da figuração havia sido trazida conscientemente para o centro da representação da realidade” (Lukács, 2011, p. 51).

A grande personalidade histórica, para Scott, é o representante de uma corrente significativa, que incorpora boa parte da nação, e que possui uma paixão, um objetivo pessoal, que vai ao encontro dessa grande corrente histórica. É por meio dessas técnicas escriturais – comparações, paralelismos, contrastes, descrições minuciosas, caracterizações precisas – que Walter Scott, cuja produção híbrida

representou um marco inovador para as narrativas romanescas de seu tempo, estabeleceu os paradigmas do romance histórico enquanto gênero literário.

O romance histórico – concebido como uma escrita híbrida consciente que, ao aplicar todas as prerrogativas da arte literária na escrita romanesca, insere, em sua tessitura, materiais oriundos da historiografia que são manipulados para a criação de determinada ideologia e ambientação – representou, desde sua primeira instância, uma das contribuições mais significativas do romantismo para a literatura, pois "*la novela histórica scottiana domina completamente el panorama de la narrativa europea entre 1815 y 1850*[152]" (Mata Induráin, 1995a, p. 24). Isso é notável pelo fato dessa construção híbrida trazer consigo possibilidades de atribuir novas configurações aos modelos literários anteriormente predominantes. Desse modo, "*Scott tuvo, en efecto, infinidad de imitadores entre los escritores del Romanticismo. La novela histórica es un género genuinamente romántico* […][153]" (Mata Induráin, 1995a, p. 24).

Com relação às mudanças sofridas pelas escritas híbridas em sua trajetória, desde o surgimento do romance histórico aos nossos dias, Fleck (2017) estabelece diferentes momentos – períodos de união, separação e conciliação, com ressalvas. Essas fases são distintas de acordo com o ambiente e a época nos quais nascem as diferentes possibilidades de escrita híbrida de história e ficção, como epopeias, crônicas, relações, o romance histórico e suas transformações que, na atualidade, constituem modalidades diferentes. A organização didático-metodológica da trajetória do romance histórico feita por Fleck (2017) pode ser sintetizada no **quadro 1**, abaixo exposto.

Quadro 1 – Trajetória do gênero romance histórico: do romantismo aos dias atuais, segundo Fleck (2017)

2 GRUPOS DE ROMANCES HISTÓRICOS	
Grupo 1: Romances que buscam, por meio da ficção, ampliar e corroborar o discurso historiográfico hegemônico, que, no passado, erigiu heróis e modelos de homem e atitudes louváveis para o indivíduo no tempo presente. Produções nas quais a ficção se une à história para a exaltação do passado e dos sujeitos já consagrados pela historiografia.	**Grupo 2**: Produções que, pela ficção, enfrentam-se com o discurso hegemônico da história e buscam problematizar a representação única e absoluta por meio da qual o passado foi registrado pela historiografia tradicional, atuando sobre as imagens consagradas dos heróis e sobre o discurso enaltecedor, ações que se

[152] Nossa tradução: O romance scottiano domina, completamente, o panorama da narrativa europeia entre 1815 e 1850 (Mata Induráin, 1995a, p. 24).

[153] Nossa tradução: Scott teve, efetivamente, uma infinidade de imitadores dentre os escritores do Romanticismo. O romance histórico é um gênero genuinamente romântico [...] (Mata Induráin, 1995a, p. 24).

		realizam com técnicas escriturais desconstrucionistas e mediadoras.		
3 FASES DO ROMANCE HISTÓRICO				
1ª Fase: acrítica De 1814, com *Waverley*, consolidada em 1819, com o romance *Ivanhoé*, ambos de Walter Scott. Os romances históricos tradicionais – derivados dos scottianos – alcançam os nossos dias.		**2ª Fase: crítica/desconstrucionista** De 1930, com a obra crítica *Mi Simón Bolívar*, de Fernando González Ochoa – tendência consolidada em 1949, com *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier –, até os nossos dias.		**3ª Fase: crítica/mediadora** Desde a década de 1980 – na "Poética do 'descobrimento'" – com *Crónica del descubrimiento*, de Alexandro Paternain, consolidada com as reações do pós-*boom*, até os nossos dias.
5 MODALIDADES DE ROMANCES HISTÓRICOS				
1- Romance histórico clássico scottiano Narrativização de uma história de amor entre personagens puramente ficcionais, narrada em nível extradiegético, com um pano de fundo histórico preciso e personagens de extração histórica em papéis secundários.	**2- Romance histórico tradicional** Renarrativização verossímil de um acontecimento histórico de modo subjetivado, às vezes, em nível intradiegético, com intenções de exaltar a personagem de extração histórica e seus feitos para, assim, ensinar a versão hegemônica da história ao leitor.	**3- Novo romance histórico latino-americano** Reelaboração paródica, carnavalizada – quando não grotesca –, intertextual-izada, multipers-pectivista, experimenta-lista e/ou anacrônica de um episódio passado, a fim de impugnar sua versão oficial e revelar outras possibilidades de seu registro.	**4- Metaficção historiográfica** Narrativa apoiada em recursos autorreferenciais, metaficcionais e intertextuais, na qual as opções escriturais da ressignificação do passado são tão ou mais importantes que a reelaboração crítica do acontecimento ou período histórico em si.	**5- Romance histórico contemporâneo de mediação** Ressignificação crítica e verossímil do passado de forma linear, realizada com linguagem amena e coloquial, centrada em uma perspectiva silenciada, excluída, esquecida ou ignorada pela versão historiográfica.
VIGÊNCIA DAS MODALIDADES				
Desde 1814/1819 até meados do século XX.	Do romantismo até os dias atuais.	De 1930/1949 até os dias atuais.	A partir do *boom* da literatura latino-americana até nossos dias.	Final da década de 1970 e início de 1980 – pós-*boom* – até os dias atuais.

Fonte: Fleck (2017, p. 131 – atualizado em 2021, p. 61).

O autor estabelece, como podemos visualizar no **quadro 1**, acima exposto, dois grupos majoritários de produções: o acrítico e o crítico; três fases para as diferentes expressões do romance histórico: a primeira, de caráter acrítico; a segunda de teor crítico/desconstrucionista; e a terceira voltada à crítica/mediadora. Dentro dessas três fases, podemos identificar cinco modalidades distintas de produções híbridas: o romance histórico clássico scottiano e o romance tradicional (na primeira fase); o novo

romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica (na segunda fase); e o romance histórico contemporâneo de mediação (na terceira fase).

Com base nessa estruturação, vejamos, na sequência, como se deram as relações entre o campo artístico da literatura e o âmbito da ciência, caráter atribuído à história, nas primeiras décadas do século XIX, na preservação e cultivo da memória coletiva dos povos.

2.1.1 História e literatura em seus paradigmas clássicos e tradicionais: a exaltação de heróis e suas ações

Estabelecemos, nesta subdivisão do texto, reflexões sobre as modalidades clássicas e tradicionais da trajetória do romance histórico, cujas narrativas buscavam exaltar personagens de extração histórica e seus feitos, para cristalizar imagens edificadoras da sociedade em que foram produzidas. Decorrente dessa compreensão será o nosso entendimento da forma como a ficção corrobora, na modalidade tradicional do romance histórico, as prerrogativas do discurso histórico sob o qual o passado e as personagens revisitadas pela ficção já haviam sido discursivizadas.

De acordo com a classificação de Fleck (2017), a primeira fase da trajetória do romance histórico, que ocorre no romantismo europeu, período no qual também acontece a ruptura da literatura com a história, engloba as modalidades acríticas – o romance histórico clássico scottiano e o tradicional que dele derivou –, que buscam exaltar grandes nomes já consagrados na historiografia tradicional, reforçando essa visão hegemônica europeia de criar imagens de sujeitos modelos do passado para o cidadão do presente, na busca de seguir mantendo essa corrente como via de ensino da história. Essa primeira fase é simultânea aos períodos literários do romantismo, realismo e das expressões literárias contemporâneas. As duas modalidades pertencentes a essa fase são: o romance histórico clássico scottiano, cujo marco inicial deu-se com a obra *Waverley*, por Walter Scott, em 1814, e deixou de ser recorrente em meados do século XX; e o romance histórico tradicional, reproduzido desde o próprio romantismo até a atualidade, como podemos ver no **quadro 1**, anteriormente exposto.

Baseados em figuras e cenários já enunciados pelo discurso historiográfico, esses romances possibilitaram, ao longo dos séculos, diferentes visões e perspectivas para os discursos da história ao fazer uso do amálgama entre elementos fictícios e históricos. Essa dinâmica fez surgir, ao longo da trajetória entre 1814 e a atualidade, produções romanescas distintas que vão desde aquelas nas quais a história e a literatura compartilham dos mesmos propósitos de exaltação das ações do passado e seus agentes, que são heroicizados e mitificados no discurso romanesco – exemplares acríticos do gênero –, às produções nas quais se revelam um propósito crítico desconstrucionista das versões historiográficas tradicionais, até aquelas nas quais se busca criticar a hegemonia da historiografia tradicional por evidenciar as vivências do passado por meio das experiências dos grupos sociais marginalizados – obras de teor crítico frente ao passado registrado na historiografia tradicional. A essência do romance histórico, em qualquer das suas diferentes modalidades, é a sua configuração como uma narrativa artística híbrida de história e ficção que apresenta outras formas de reflexão sobre as possibilidades de representação do passado.

É por isso que, segundo Mata Induráin (1995a, p. 18),

> […] *la presencia en la novela histórica de este andamiaje histórico servirá para mostrarnos los modos de vida, las costumbres y, en general, todas las circunstancias necesarias para nuestra mejor comprensión de aquel ayer* [...]*, todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y lo sustantivo es la novela*[154]*.*

Assim, todo e qualquer romance histórico é ficção, arte literária, e não se configura como texto “material documental”, embora a nova história já considere, inclusive, essa arte como uma possível fonte para se compreender os modos de vida do passado. Para Esteves (2010), esse gênero literário de escrita híbrida busca proporcionar ao leitor uma espécie de viagem no tempo, o que lhe permite penetrar em um mundo de fantasias, criado por meio de estratégias escriturais específicas, mantendo-se na segurança de seu próprio espaço e tempo.

Desde seu surgimento, o romance histórico vem passando por uma série de transformações significativas em suas temáticas, ideologias, estruturas e técnicas

[154] Nossa tradução: [...] a presença, no romance histórico, desse andaime histórico servirá para nos mostrar os modos de vida, os costumes e, em geral, todas as circunstâncias necessárias para a nossa melhor compreensão daquele ontem [...], todo aquele elemento histórico é o adjetivo, e o substantivo é o romance (Mata Induráin, 1995a, p. 18).

escriturais que estabelecem, ao longo do tempo, as suas diferentes fases. Essa dinamicidade do gênero tem mostrado o quanto ele é capaz de se ajustar, de acompanhar e de revelar as profundas reflexões histórico-sociais decorrentes do passar dos tempos. Tais reflexões alimentam a força motriz das escritas híbridas de história e ficção e propulsionam as transformações que têm feito delas uma das vias mais significativas pelas quais se evidenciam os processos de colonização, de descolonização e da formação do pensamento decolonial no espaço latino-americano, em especial.

Sua trajetória tem início com a obra *Waverley* (1814) e consolida-se com o romance *Ivanhoé* (1819), ambas produzidas por Walter Scott, que utilizou, pela primeira vez, elementos ficcionais e históricos em um mesmo romance de forma proposital, consciente e estrategicamente elaborados para não causar fortes estranhamentos entre os elementos de uma e outra área amalgamados na tessitura romanesca. Essa premissa estabeleceu, também, outros paradigmas que se tornaram recorrentes na modalidade primeira do romance histórico – denominada, por Fleck (2017), de clássica scottiana –, a cuja produção muitos romancistas, em seguida, lançaram-se, imitando, traduzindo e reverberando as propostas de Scott.

Perkowska-Alvarez (2006) aponta que o conceito de “modelo” remete, para estudiosos de qualquer fase do romance histórico, às inovações de Walter Scott, alimentadas pelos numerosos trabalhos sobre sua produção e por sua posterior influência no gênero do romance histórico. Segundo a autora, o maior responsável por essa canonização crítica de Walter Scott foi o estudo *Der historiche Roman* (1955)[155] de Georg Lukács, a qual definiu os parâmetros daquilo que Fleck (2017) denominou de romance histórico clássico, a partir da obra de Scott, como um arquétipo desse gênero.

Dekker (1987) destaca a obra scottiana *Waverley* (1814) como uma das produções intelectuais mais importantes do século XIX, pois transformou o modelo de escrita híbrida de ficção e história. A partir de sua produção, os romances históricos que sucedera a referida obra apresentaram um paradigma flexível, o qual permitia que outros escritores explorassem um conflito histórico particular que fosse, ao mesmo tempo, universal e autenticamente nacional. Além disso, seus aspectos inovadores

[155] Utilizamos, para nossa pesquisa, a tradução de Rubens Enderle para a língua portuguesa, publicada em 2011.

resultaram em uma consciência histórica mais desenvolvida e multiplicaram as possibilidades de forças naturais e sociais que influenciam o comportamento das personagens. Seu pioneirismo inspirou, ainda, historiadores a reestruturar seus métodos de pesquisa e a explorar diferentes interesses e motivos em seus relatos de causalidade histórica

Desde a escrita de *Waverley* (1814), o aspecto inovador da escrita scottiana diferenciou-a dos textos híbridos anteriormente produzidos. Conforme nos explica Fleck (2017), Scott inseriu, em um tempo passado, personagens puramente ficcionais, perfeitamente adaptados às condições psicológicas e sociais das outras personagens de extração histórica[156], o que tornou mais difícil a distinção entre as personagens puramente ficcionais e aquelas de extração histórica. Lukács (2011) descreve que, na diegese de *Waverley* (1814), a personagem que dá nome à obra é um nobre inglês que, apesar de pertencer a uma família que está posicionada a favor dos Stuarts, não demonstra nada além de uma simpatia serena por eles. Enquanto estava na Escócia como oficial, a personagem Waverley é levada, por suas amizades e aventuras amorosas, para o campo dos revoltosos dos Stuarts.

Indeciso quanto a se envolver ou não na rebelião, ele mantém relações com o partido hannoveriano. O destino de Waverley cria o cenário ideal para representar a luta de dois partidos, ao mesmo tempo em que nos aproxima, humanamente, dos representantes mais importantes dos dois lados. O herói trágico dessa obra é Vich Jan Vohr, sentenciado à morte devido à sua fidelidade à dinastia Stuart. Porém, não é em sua figura ambígua que encontramos o heroísmo verdadeiro, mas, sim, em seus partidários do clã escocês. Um dos exemplos mais significativos desse heroísmo simples é a cena em que Evan Dhu, companheiro de Vich Jan Vohr, propõe, durante o julgamento, que ele e alguns outros companheiros de clã sejam executados em troca da liberdade de seu líder.

Apesar de seu sucesso de vendas, esse primeiro romance histórico de Scott, segundo Fleck (2017), não obteve identificação plena do público com o que se tornaria o novo paradigma da escrita de romance híbrido de história e ficção. No entanto, as

[156] Segundo aponta Fleck (2017), o termo “personagem de extração histórica” é uma derivação das proposições de Trouche (2006), empregada pelos membros do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, advindo da expressão “narrativas de extração histórica”, que o autor aplica aos textos que nós chamamos, aqui, de “híbridos de história e ficção”.

contribuições do autor e dessa sua obra inaugural, que entrelaçou história e ficção de forma consciente e planejada, são um marco inquestionável no início da trajetória desse novo tipo de romance que despontava em pleno romantismo europeu. Sobre a consolidação dessa nova modalidade de escrita híbrida, o autor especifica que:

> A sequência de obras mistas de história e ficção escritas por Walter Scott nos anos seguintes à publicação de *Waverley*, em 1814, como os romances *Guy Mannering, or the Astrologer* (1815), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoé* (1819), foram escritas híbridas que consolidaram as premissas do novo gênero, estabeleceram as características básicas dessa nova forma de escrever romances e consagraram o autor escocês como o grande mestre dessa modalidade (Fleck, 2017, p. 41).

A estudiosa Perkowska-Alvarez (2006) alude, de igual maneira, à influência do modelo scottiano na trajetória do romance histórico ao longo dos cem anos, entre a publicação das novelas de Scott e seu firmamento como modelo literário no estudo de Lukács, o que "[...] *muestra un proceso dinámico de ampliación en el que el horizonte de expectativas formado por el modelo es, sin embargo, un constante punto de referencia*[157]" (Perkowska-Alvarez, 2006, p. 179). Em concordância com a autora, o estudo de Lukács sobre esse avanço do romance histórico no século XIX reafirma o uso crítico do conceito de "modelo" e comprova a organização das narrativas híbridas dessa época – tanto as europeias quanto as latino-americanas – construída em torno desse modelo estabelecido, o qual é, posteriormente, adaptado e ampliado, porém sem perder sua posição central.

Segundo Fleck (2017), foi na literatura que a sociedade conseguiu encontrar um espaço para retratar suas crenças, valores, ideais, sonhos e frustrações ao longo dos tempos. Para isso, à medida que alguns modelos de escrita iam se tornando obsoletos, outros, lenta e progressivamente, surgiam. As transformações históricas implicaram mudanças na maneira como as ações humanas foram e continuam sendo registradas e analisadas pela literatura. O autor ressalta que, por meio do universo ficcional que abrange fenômenos histórico-sociais, o ser humano descobre-se, encontra-se e se vê retratado nessa "realidade" reelaborada.

[157] Nossa tradução: [...] mostra um processo dinâmico de ampliação em que o horizonte de expectativas formado pelo modelo é, no entanto, um ponto de referência constante (Perkowska-Alvarez, 2006, p. 179).

Nesse processo de amadurecimento da escrita híbrida, a literatura comprometeu-se com a realidade que buscava retratar, a partir da abrangência de aspectos socioculturais e políticos. Essas alterações resultaram, no início do século XIX, nesse novo gênero híbrido, que teve sua obra inaugural com *Waverley* (1814), mas que estabeleceu as premissas do que conhecemos como romance histórico clássico por meio da obra *Ivanhoé* (1819).

Em *Ivanhoé* (1819), em concordância com Lukács (2011), Scott apresenta o problema central da Inglaterra medieval: a oposição entre os servos saxões e os senhores feudais normandos. O romancista ficcionaliza o fato de que grande parte da nobreza saxã afunda na apatia e na inanição, e outra parte deseja uma oportunidade de firmar um compromisso com as facções mais moderadas da nobreza normanda, representada pelo rei Ricardo Coração de Leão. Segundo Fleck (2017), a diegese de *Ivanhoé* (1819) apresenta a envolvente história de amor entre Ivanhoé e Rowena, seus encontros e desencontros, suas alegrias e tristezas, seus amigos e inimigos, até chegar em um final feliz, consoante ao estilo romântico da época. O que distingue essa obra não é sua diegese em si, mas, sim, ainda segundo Fleck (2017), o fato de que é ambientalizada em um cenário histórico real, que funciona como um grande pano de fundo. No caso dessa obra, trata-se do período de disputa entre o rei Ricardo Coração de Leão e seu irmão John pelo trono da Inglaterra, no século XII, mais especificamente quando Ricardo volta de uma cruzada, em 1194, e se depara com os problemas derivados das ações de seu irmão, que ocupava o poder durante sua ausência. Ivanhoé ajuda o rei a retomar o trono e a livrar o povo britânico das tiranias de John, irmão malvado do rei, que havia instaurado um império de terror nesse período.

Na interação entre o “alto” e o “baixo” de sua narrativa, as tendências históricas recebem uma expressão mais nítida e generalizada neste “alto”, enquanto o verdadeiro heroísmo das lutas incessantes das oposições históricas se mostra, sobretudo, neste “baixo” – como na personagem Ivanhoé, membro da nobreza e herói do romance, ofuscado por outras figuras coadjuvantes, como seu pai, o nobre saxão Cedric, seus servos Gurth e Wamba e, em primeiro plano, o líder da resistência armada contra o domínio normando, Robin Hood, lendário herói popular. Tanto em *Ivanhoé* (1819) quanto em *Waverley* (1814), obras pioneiras na amálgama intencional na escrita de história e ficção, a imagem da vida do povo é representada. Essa escrita

híbrida de forma consciente, inaugurada por Scott, marca a fase inaugural do romance histórico, a qual chamamos, nesta tese, de clássico scottiano – segundo desinência de Fleck (2017). De acordo com Márquez Rodríguez (1991, p. 22-23), o romance histórico dessa fase inaugural estabelece-se a partir de quatro características fundamentais, as quais sumarizamos a seguir:

a) Presença de um “pano de fundo”, de rigoroso caráter histórico, construído a partir de episódios do passado e que apresenta figuras históricas conhecidas como personagens secundárias da diegese;

b) Elaboração de uma diegese, assentada sobre esse “pano de fundo”, ambiente histórico e espaço-temporal de toda as ações narradas dos protagonistas, que são personagens puramente ficcionais e que vivem episódios fictícios, mas que poderiam ser também de extração histórica, por se enquadrarem no contexto histórico e espaço-social da diegese, respeitando a atmosfera e o ambiente histórico nos quais a obra é inserida;

c) O foco do relato está centrado em um episódio amoroso fictício, quase sempre problemático no decorrer do romance, com um desfecho que pode ser feliz ou trágico;

d) A trama amorosa, puramente ficcional, constitui o primeiro plano da diegese, sendo este o enfoque central da obra. O contexto histórico real é, na verdade, somente esse “pano de fundo”. Mesmo assim, isso não significa que seja menos importante, pois é nesse contexto histórico que estão os elementos primordiais para a configuração da atmosfera moral do relato. A relação entre as personagens centrais, fictícias, e as secundárias, de extração histórica, estabelecem algumas das chaves fundamentais para a diegese, as quais justificam os comportamentos das personagens, assim como as soluções encontradas para os conflitos.

Pela tessitura ficcional que amalgama todos os aspectos acima destacados é que surge o romance histórico. Esse gênero segue em vigor desde o romantismo de então até nossos dias. Entretanto, a modalidade clássica scottiana que inaugurou o gênero deixou de ser recorrente na metade do século XX. No nosso continente, segundo as pesquisas de Fleck (2005; 2008; 2017) e de Berndt (2022), só se produziu um único romance que atende plenamente a essas características acima apontadas:

Mercedes of Castile; or the voyage to Cathay[158] (1840), do estadunidense James Fenimore Cooper.

Consoante a Mata Induráin (1995b), foram os escritores românticos que voltaram a produzir obras após o século XVIII, quando não houve uma produção escrita expressiva. Foi por meio do romance histórico que esses autores conseguiram elevar a categoria literária do gênero romance na Espanha. Apesar de suas obras serem inferiores às realistas, foi graças a elas que se pode falar de romances espanhóis das décadas de 1830 e 1840. Essa ascensão do romance histórico espanhol coincide com o movimento romântico da década de 1830, e sua decadência corresponde ao declínio dessa mesma fase romântica, depois de 1844.

Ainda segundo Mata Induráin (1995b), foi com a influência de Walter Scott que se criou um padrão para o gênero do romance histórico, e os escritores que o seguiram utilizavam os mesmos recursos narrativos do escocês. Isso não quer dizer, porém, que todos os romances espanhóis sejam meras cópias desse modelo original, como se costuma afirmar sobre o romance histórico romântico. Na opinião do autor, o maior impacto da escrita de Scott foi possibilitar o ressurgimento do romance espanhol, que padecia de certo desprezo moral e literário. Consoante a Fleck (2017, p. 41),

> [...] a escrita híbrida de história e ficção inaugurada por Walter Scott teve, assim, desde tradutores, imitadores e admiradores até romancistas de renome que se inspiraram nele para introduzir ou desenvolver tal modalidade romanesca em praticamente todos os territórios europeus do século XIX. Submetido a tantas e tão diversas realidades de produção, o novo gênero estava destinado a sofrer transformações que, mais tarde conduziriam à ampliação das modalidades expressivas de romance histórico.

Continua Fleck (2017) expondo que o público leitor se identificava com a narrativa histórica clássica pela ambientação da diegese em tempos passados, facilmente reconhecíveis como sua própria nação, com seus conflitos específicos da

[158] Para conhecer a relação do romance de Cooper com a modalidade clássica scottiana, recomendamos a leitura da dissertação *O Colombo que nasceu na América – figurações do self made man na literatura estadunidense o romantismo de J. F. Cooper em Mercedes Of Castile: or, The Voyage To Cathay (1840)*, de Jorge Antônio Berndt (2022), no contexto do PPGL/Unioeste/Cascavel-PR, integrando as pesquisas sobre o gênero romance histórico promovidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. O texto está disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6466. Acesso em: 7 maio 2023.

época. Além disso, a "receita infalível" do sucesso literário de Walter Scott era a eleição de um herói comum, um sujeito mediano, oriundo da classe popular, com o qual o leitor facilmente se identificava.

Mata Induráin (1995b) explica as estruturas e técnicas narrativas do romance histórico romântico tradicional espanhol. Essas obras não apresentam uma grande complexidade técnica e, tampouco, complicações narrativas. Os escritos desse gênero híbrido entre o histórico e o ficcional utilizam recursos repetitivos e clichês, muitos deles provenientes das obras de Walter Scott. Mata Induráin (1995b) classifica-os em quatro grandes grupos, de acordo com o narrador, a caracterização das personagens, a intriga ou o tratamento do tempo e espaço.

Fleck (2017) esclarece que a grande diferença dos textos híbridos de história e ficção anteriores às obras scottianas é a inserção de personagens puramente ficcionais em um tempo passado. Essas personagens, porém, encaixam-se perfeitamente ao contexto social e psicológico das demais personagens, oriundas da história, o que torna sua distinção uma tarefa mais difícil. Esse é um aspecto já presente na obra scottiana *Waverley* (1814), inaugural do gênero do romance histórico.

Márquez Rodríguez (1991) aponta que Walter Scott e seus seguidores procuraram ser sempre fiéis à história, o que não os impediu de atenuar a importância das personagens e acontecimentos históricos para enfatizar a relevância dos elementos ficcionais ou dos acontecimentos e das personagens reais de menor significação histórica. Essa técnica escritural no romance histórico já foi criticada por apresentar mais a ótica do autor do que a das personagens que atuaram, de fato, na história. É por isso que, para Márquez Rodríguez (1991, p. 32), "[...] *la novela histórica no está exenta del valor interpretativo que es intrínseco del discurso histórico*[159]", quer dizer, não há uma maneira de renunciar totalmente a interpretação do próprio autor quando este escreve e manipula o material histórico, pois,

> […] *su concepción de la vida – que alguna habrá de tener –, sus propias intuiciones, su sentido moral, su ideología, en suma, acabarán por imponerse, aunque sea de manera consciente o no, y hasta en el más pretendidamente inocuo planteamiento tendrá presencia algún*

[159] Nossa tradução: O romance histórico não está isento do valor interpretativo que é intrínseco do discurso histórico (Márquez Rodríguez, 1991, p. 32).

> *elemento interpretativo. Y en éste, como es obvio, algo habrá de personal, es decir, de subjetivo*[160] (Márquez Rodríguez, 1991, p. 33).

É nesse sentido que Villi (2023), com base nos estudos de Hayden White, afirma que o artefato literário pode ser considerado, inclusive, um texto histórico, pois a literatura possui um discurso historiográfico próprio que, nas palavras do autor, "[...] elabora um universo de representação e explicação capaz de fornecer a compreensão sobre os tempos históricos de maneira equiparável ao texto histórico tradicional e/ou disciplinar" (Villi, 2023, p. 12).

A grandeza de Walter Scott é justificada, segundo Lukács (2011), porque o escocês tramitou por um "caminho do meio" entre os extremos, para representar uma realidade histórica por meio da ficcionalização das grandes crises da história inglesa. Sua escolha do herói mediano em seus romances, apenas correto e nunca heroico, reflete seu talento extraordinário, ainda que esse posicionamento seja um reflexo de seus preconceitos pessoais, ligados à pequena nobreza e ao conservadorismo. Isso expressa, sobretudo, uma rejeição e superação do romantismo e um avanço das tradições literárias realistas do período iluminista. Nas palavras de Lukács (2011, p. 102),

> [...] no romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica.

Contudo, muitas alterações deram-se nesse esquema inicial da trajetória do romance histórico. Segundo Fleck (2017), os parâmetros dos romances clássicos de Scott começaram a ser rompidos ainda no romantismo, em 1826, com a publicação do romance *Cinq Mars*, de Alfred de Vigny. Diferentemente dos romances scottianos, na obra de Vigny, os elementos históricos constituem o eixo principal da diegese, não mais o "pano de fundo". Outra obra que rompeu os padrões de Scott foi *Xicoténcatl* (1826), o primeiro romance histórico latino-americano, de autor mexicano anônimo.

[160] Nossa tradução: Sua concepção de vida – que alguma deve existir –, suas próprias intuições, seu sentido moral, sua ideologia em suma, acabarão se impondo, ainda que de maneira consciente ou não, e mesmo na abordagem mais inofensiva, haverá a presença de algum elemento interpretativo. E nisso, obviamente, existirá algo pessoal, isto é, subjetivo (Márquez Rodríguez, 1991, p. 33).

Assim como em *Cinq Mars*, nessa obra, o eixo narrativo principal apresenta o material histórico que compõe sua diegese: as lutas entre os soldados de Hernán Cortés e os astecas durante a "conquista" do México pelos espanhóis.

Fleck (2017) explica, ainda, que a obra *Guerra e Paz*, do escritor russo Tolstoi, publicada entre 1864 e 1869, também apresenta uma mistura de história e ficção em uma narrativa distinta, cuja influência de Scott é mínima. O autor intenta avivar a consciência nacional insurgente em territórios antes ocupados por Napoleão Bonaparte. O romance histórico ganha, então, certas características que vêm se mantendo na atual narrativa latino-americana. Em especial nos relatos sobre as batalhas, Tolstoi utiliza uma função metanarrativa e ideológica pela qual o narrador apresenta uma versão dos fatos que não corresponde àquelas apresentadas pelos historiadores. Há, dessa forma, um descrédito dos registros oficiais pela sua ficcionalização. Sua diegese é estruturada nos padrões do realismo e acaba se opondo ao discurso historiográfico, incitando questionamentos e reflexões sobre os problemas da história, da realidade, da ficção.

Consoante a Fernández Prieto (2003), a relevância dessa obra de Tolstoi na trajetória europeia do romance histórico se deve ao fato de que, pela primeira vez, a narração dos eventos históricos apresenta, para além da diegética, uma nova função metanarrativa e ideológica, pois permite que o narrador desafie as versões históricas e levante, assim, reflexões sobre o sentido da história. Nas palavras da autora, "*la diégesis narrativa, configurada siguiendo los códigos del realismo, por una parte se opone a las mentiras de los historiadores y por otra parte ilustra la imposibilidad de comprender el sentido del devenir humano*[161]" (Fernández Prieto, 2003, p. 121). Segundo a autora, estes são os eixos temáticos do romance histórico:

A) A história narrada é baseada em documentos e textos históricos, os quais Fleck classifica como clássicos scottianos;

B) Os grandes personagens históricos, ainda que não sejam protagonistas, são inseridos na diegese em paralelo com as personagens ficcionais;

C) Os acontecimentos públicos e os assuntos privados são representados;

[161] Nossa tradução: [a] diegese narrativa, configurada segundo os códigos do realismo, por um lado, se opõe às mentiras dos historiadores e, por outro lado, ilustra a impossibilidade de compreender o sentido do devir humano. (Fernández Prieto, 2003, p. 121).

D) A diegese espaço-temporal é, meticulosamente, recriada de acordo com as premissas realistas e intenta representar o real em toda a sua diversidade, multiplicidade e fragmentação.

Márquez Rodríguez (1991) reflete sobre o fato de que os romances históricos de diferentes países, como a Venezuela, apegaram-se, de maneira quase submissa, aos cânones estabelecidos por Walter Scott. Foi apenas com autores geniais como Flaubert, com *Salammbô*, Manzoni, com *Os noivos*, e Tolstoi, com *Guerra e Paz*, entre outros, que o romance histórico se inovou para além de uma simples sucessão de imitações do modelo scottiano. Há, segundo Márquez Rodriguez (1991), duas condições básicas que constituem o romance histórico: a primeira, que seja uma ficção, ou seja, uma invenção do escritor; a segunda, que seja baseada em acontecimentos históricos, não ficcionais ou inventados. Nas palavras do autor,

> […] *esto, a primera vista, parece una contradicción. Lo es, y no lo es. La novela histórica supone, en efecto, que el novelista trabaje con un material histórico, con hechos reales, veraces, ocurridos en la realidad, y con personajes que han sido parte de esos hechos. Pero una vez en conocimiento de éstos – resultado de una rigurosa investigación de los mismos –, el novelista va a trabajarlos, a novelizarlos, a ficcionarlos… Esta última operación puede hacerse de muchas maneras, y convoca al genio del novelista, que es el que ha de resolver los problemas que la misma plantee*[162] (Márquez Rodríguez, 1991, p. 25-26).

A forma como o romancista pode manipular sua ficção pode se dar de diferentes maneiras, ainda segundo Márquez Rodríguez (1991). Pode ser pela simples inserção de acontecimentos ou personagens fictícios em um contexto histórico, que seria a forma mais simplista de fazê-lo, como era recorrente no modelo de Walter Scott. Nesse padrão, o "fundo histórico real" não é modificado; há, apenas, a inserção de uma anedota fictícia nele. A partir dessa inclusão, o escritor pode utilizar outros procedimentos – os quais não alteram a essência dos fatos históricos, mas modificam, em certo nível, alguns de seus elementos –, para melhor adequá-los à parte ficcional do romance.

---

[162] Nossa tradução: Isso, à primeira vista, parece uma contradição. É, e não é. O romance histórico implica, de fato, que o romancista trabalhe com um material histórico, com fatos reais, verídicos, ocorridos na realidade, e com personagens que fizeram parte desses fatos. Mas, uma vez que eles os conhecem – resultado de uma investigação rigorosa –, o romancista vai manipulá-los, romantizá-los, ficcionalizá-los... Esta última operação pode ser feita de várias maneiras e convoca o gênio do romancista, que é aquele que deve resolver os problemas que ela apresente (Márquez Rodríguez, 1991, p. 25-26).

No que condiz às primeiras inovações em relação ao modelo scottiano, Márquez Rodríguez (1991) descreve que todos os romancistas que escreveram romances históricos sob a influência de Walter Scott adotaram seu esquema, mas, ao mesmo tempo, agregaram algo próprio e, por isso, não podemos falar apenas de simples imitações do modelo scottiano nas épocas posteriores. Cada um desses escritores ofereceu contribuições à evolução do gênero do romance histórico. Segundo o autor, as primeiras mudanças afetaram, principalmente, seu conteúdo, em especial com mudanças ideológicas, relacionadas à interpretação da história que cada romancista aplica em sua obra. Há, nesse movimento, influência direta da realidade europeia do século XIX, uma das fases mais complexas da história universal, por seus inúmeros acontecimentos derivados da Revolução Francesa (1789-1799) e do subsequente período das guerras napoleônicas (1803-1815). Esse foi um período de complicações políticas, militares e sociais, que afetaram diversos âmbitos, inclusive o literário.

Márquez Rodríguez (1991) aponta uma importante inovação na obra *Cinq Mars* (1826), de Alfred de Vigny, na qual o autor inverte os termos estabelecidos pelo modelo scottiano, ao voltar a atenção principal aos grandes heróis históricos e deixar em segundo plano as personagens fictícias ou as reais de menor importância, fato que ocorre, igualmente, com o primeiro romance histórico escrito na América Latina: *Xicoténcatl* (1826), anônimo. Essa mesma tendência de Vigny é observada, mais adiante, na escrita de Victor Hugo, cujos romances históricos exaltam certos heróis e, ainda, intentam extrair do passado histórico certas lições de moral, servindo como exemplos para corrigir comportamentos equivocados do presente.

Fernández Prieto (2003) elucida, também, que o romance histórico do final do século XIX e início do XX dá início às grandes transformações estruturais e semânticas desse gênero no novo século, transitando da fase clássica scottiana à tradicional. No final do século XIX, filósofos, sociólogos e historiadores começaram a mostrar a fragilidade de certas noções como a da objetividade, ou seja, as premissas da historiografia dessa época entram em crise,

> […] *desde los sujetos de la historia (individuos/colectividad) a la concepción del tiempo (tiempo linear y hacia el futuro/tiempo circular, tiempo inmóvil, tiempo eterno); desde la supuesta objetividad de lo real hasta la imposibilidad de determinar las causas de las conductas*

> *humanas y de los acontecimientos históricos*[163] [...] (Fernández Prieto, 2003, p. 120).

Isso significa que as relações entre a realidade e a escrita se tornam cada vez mais sensíveis nessa fase do romance histórico, em trânsito da modalidade clássica à tradicional. Segundo Fernández Prieto (2003), as escritas híbridas que seguiram as produções de Scott mantiveram, em sua diegese, estratégias escriturais, como a verossimilhança e a intenção de ensinar a história ao leitor. Apresentaram, porém, inovações que as separam do modelo clássico scottiano, como a subjetivação da história e a ruptura das fronteiras temporais que separam o passado da história e o presente da enunciação, que são premissas da modalidade tradicional do gênero.

Fleck (2017) enfatiza a importância de se lembrar que a passagem do romantismo ao realismo-naturalismo teve grande influência na constituição dessa nova modalidade do romance histórico tradicional, o qual se ajustou aos padrões de escrita realista-naturalista vigentes na época. As poucas obras críticas desse período não foram suficientes para formar um conjunto sólido de publicações híbridas que tratassem do passado a partir de um viés desconstrucionista. Segundo Fleck (2017, p. 50), "elas são casos especiais, como *Cinq Mars* (1826), o romance hispano-americano anônimo *Xicoténcatl* (1826) e *Guerra e Paz* (1864-1869), de Tolstoi, os quais lançariam as sementes para uma produção crítica que ganharia força apenas na metade do século XX".

Segundo Fleck (2017), no processo transitório da modalidade clássica para a tradicional, é preciso mencionar a influência de Victor Hugo, tradutor e imitador de Walter Scott, porém, precursor de um novo elemento do romance histórico europeu: a coletividade. O protagonismo deixa de ser desempenhado por heróis isolados e passa a dar espaço à população. Na América Hispânica, o coletivo compartilha o protagonismo com personagens históricas, como em *Xicoténcatl* (1826), na qual o herói autóctone luta junto a sua nação tlaxcalteca contra a invasão de Hernán Cortés em seu território. As alterações e rupturas surgidas nessa época passaram a ser incorporadas por outros escritores do gênero, e todas essas inovações no modelo scottiano resultaram em um novo tipo de romance histórico. Fleck (2017, p. 50-51)

[163] Nossa tradução: [...] dos sujeitos da história (indivíduos/coletividade) à concepção de tempo (tempo linear até futuro/tempo circular, tempo imóvel, tempo eterno); desde a suposta objetividade do real à impossibilidade de determinar as causas do comportamento humano e dos acontecimentos históricos [...]. (Fernández Prieto, 2003, p. 120).

apresenta-nos as principais características dessa modalidade, o romance histórico tradicional:

> 1- Desaparece a estrutura do ‘pano de fundo histórico’ comum no romance clássico, e o evento histórico e seus protagonistas [...] constituem o eixo único do romance; 2- A ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com o da historiografia na intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado [...].; 3- As ações seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos; 4- A visão onisciente [...] pode ser substituída [...] por visões individualizadas, ancorada em narrações em primeira pessoa, homo ou autodiegéticas [...]; 5- Prevalece [...] a intenção de ensinar a versão histórica hegemônica do passado ao leitor; 6- As personagens romanescas passam a ser [...] aquelas já consagradas como os heróis na historiografia, e as puramente ficcionais podem até desaparecer totalmente da diegese (Fleck, 2017, p. 50).

Ainda que o romance histórico apresente, já na sua primeira manifestação, um “pano de fundo historicamente situado”, não se faz pertinente, como bem expressa Milton (1992a), atribuir-lhe um sentido discursivo realístico ou voltado à veracidade, pois a diegese apresentada é, intencionalmente, ficcional, ela é arte, isenta de sentidos de “realidade”, “verdade” ou qualquer outro termo que habitava o discurso unívoco de “passeidade” hegemônico da história tradicional.

Ao resgatar ou revisitar o passado, tanto o romancista quanto o leitor encontram-se interpelados por formações discursivas provenientes de suas respectivas realidades, assim como afirma Weinhardt (1994, p. 49), pois,

> [...] em vista das novas abordagens da história, a mais corriqueira pergunta diante do romance histórico – esta é a verdade histórica ou não? – perdeu sua razão de ser, uma vez que todas as formas de resgate do passado são permeadas pela consciência de que a construção verbal não é o fato e não é ingênua.

Estudiosos brasileiros como Weinhardt (1994), Esteves (2010), Fleck (2017), entre outros, levantam a mesma reflexão no que se refere à produção de um discurso histórico a partir de uma visão perspectivada, escrito por determinado grupo cuja função de historiadores lhe foi atribuída. São esses os responsáveis pela disseminação de um suposto relato dos acontecimentos da história de uma nação, mediante uma “neutralidade” discursiva, implementada pela história rankeana, que não mais se concebe como plausível. O historiador também atua sobre e reorganiza

o discurso a partir de seu lugar social, que o condiciona consciente ou inconscientemente.

Tais avanços na concepção da construção discursiva, seja ela literária ou histórica, acarretaram uma série de transformações que, no âmbito da literatura, gerou a ruptura com a fase acrítica, e na área da história, a revisão dos paradigmas rankeanos da escrita da história. Nesse sentido, a seguir, dedicamo-nos a refletir sobre algumas das mudanças decorrentes dessas transformações.

2.1.2 Rupturas e enfrentamentos: do tradicionalismo às revisões discursivas – o caminho à mediação

Ao se instalar, na América Hispânica, o movimento da nova narrativa latino-americana[164], na década de 1940, implementada por um grupo já reconhecido de narradores hispano-americanos – Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Julio Cortázar, Miguel Ángel Asturias, Octavio Paz, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, entre outros –, dá-se início ao mais importante movimento de enfrentamento da literatura latino-americana com os preceitos do cânone europeu que instituía a valorização da arte literária também em nosso continente. É nesse contexto que ocorre, também, a ruptura entre as modalidades acríticas de escrita híbrida de história e ficção com as produções altamente críticas/desconstrucionistas que surgem e se solidificam em nações hispano-americanas desde a década de 1930, com *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ocho, com *El reino de este mundo* (1949), de Alejo Carpentier e, daí, para a consagração da literatura latino-americana nos anos do *boom* (1960-1970), com obras híbridas de história e ficção como: *El siglo de las luces* (1962) e *Concierto Barroco* (1974), de Alejo Carpentier, *Yo el supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos, *Terra Nostra* (1975), de Carlos Fuentes, *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier, *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo, entre outras. São os árduos enfrentamentos discursivos da literatura frente ao

[164] Para aprofundar-se na temática da nova narrativa latino-americana, recomendamos a leitura da tese da pesquisadora Ana Maria Klock: *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem* (2021), defendida no contexto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5661. Acesso em: 15 maio 2024.

discurso histórico tradicional, implementado por essas produções, que instauram uma nova fase na trajetória do romance histórico: a fase crítica/desconstrucionista, como foi denominada nos estudos de Fleck (2017).

Esta fase abarca as seguintes modalidades do *boom* latino-americano: o novo romance histórico latino-americano – cujos precedentes ideológicos, experimentalistas e críticos estão presentes na obra precursora *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ochoa (Dorado Méndez, 2021), e consolidam-se em 1949, com a obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier (Aínsa, 1991; Menton, 1993), até os dias de hoje – e a metaficção historiográfica (Hutcheon; 1991, 2013), modalidade de escrita híbrida considerada a mais radical e desconstrucionista – um exemplo de produção dessa modalidade no contexto latino-americano é *Una Lanza por Aguirre* (1984), de Jorge Ernesto Funes.

Foi, simultaneamente, no território latino-americano e no europeu que a escrita de romances históricos encontrou a primeira ruptura com relação às modalidades acríticas anteriores. Com a publicação do primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl*[165]*,* de autor anônimo, supostamente mexicano, e de *Cinq Mars*[166], de Alfred de Vigny, francês, em 1826, que esse gênero narrativo híbrido encontrou, no contexto da América Latina, realidades singulares representativas de personagens históricas que foram subjugadas pelo discurso histórico hegemônico, e, no europeu, um meio de revisar figuras exaltadas pela historiografia.

Assim, após um período de adesão às modalidades acríticas, a América Latina, no final da primeira metade do século XX, propôs outra significativa ruptura com o cânone europeu do romance histórico tradicional acrítico e, no contexto da nova narrativa latino-americana, implementou releituras altamente críticas/desconstrucionistas em relação à consagração de personagens heroificadas

[165] Obra de autoria anônima, escrita no México, publicada na Filadélfia e traduzida ao português por Gilmei Francisco Fleck, em 2020. Narra o encontro, os enfrentamentos ideológicos e bélicos entre os conquistadores europeus e as civilizações americanas nativas, que levaram à "conquista" do império asteca.

[166] Segundo Márquez Rodríguez (1991), a obra *Cinq Mars* (1826), de Alfred de Vigny, é ambientada na época do rei Luis XIII, da França, e inverte o esquema das narrativas de Walter Scott no que concerne ao caráter das personagens. Nesse romance, a ação principal da diegese é estabelecida em torno dos grandes heróis históricos, enquanto o fictício, assim como as personagens reais de menor importância, ficam em segundo plano. Dessa maneira, uma compreensão da história mais fundamentada na individualidade do que no coletivo é estabelecida, uma característica deixada de lado pelo romantismo decadente. A inovação de Alfredo de Vigny na Europa acontece, simultaneamente – porém, não de forma consciente, mas, sim, coincidente – na América Latina, pela obra *Xicoténcatl*.

e exaltadas pelo discurso historiográfico tradicional, hegemônico e patriarcal com o qual o passado da América Latina havia sido perpetrado e com as próprias modalidades acríticas romanescas surgidas no romantismo europeu: a clássica scottiana e a tradicional.

As mudanças ocorridas no gênero do romance histórico ao longo de sua trajetória mostram, segundo Perkowska-Alvarez (2006), que o modelo scottiano-lukacsiano não foi suficiente para apreender, mesmo parcialmente, a realidade e as potencialidades do gênero. Na segunda metade do século XX, as narrativas híbridas apresentaram outras características, dessa vez no território latino-americano, onde o romance histórico destacou-se tanto pela quantidade de obras publicadas quanto pela qualidade e a audácia com que essas produções literárias passaram a questionar os modelos anteriores, não apenas artísticos – como o romance histórico romântico e realista –, mas, também os historiográficos.

Esse viés crítico/desconstrucionista do discurso e dos heróis consagrados na historiografia hegemônica foi instaurado com a modalidade do novo romance histórico latino-americano. Isso possibilitou, pela primeira vez, expressões híbridas de história e ficção que revelassem uma nova compreensão da história de povos latino-americanos por meio da literatura.

Nessa produção literária híbrida que marca a segunda fase da trajetória do romance histórico, segundo Aínsa (1991, p. 83), "*al mismo tiempo que se 'acerca' al acontecimiento real, la nueva novela histórica toma distancia en forma deliberada y consciente con relación a la historiografía 'oficial', cuyos mitos fundacionales se han degradado*[167]". Nessa hibridação com o material histórico, o novo romance histórico, para Aínsa (1991), recupera, por meio de formulações estéticas diversificadas, as origens do gênero, como a oralidade, o imaginário popular e coletivo presente em mitos e tradições, formas arcaicas de subgêneros que também se originam do romance, como parábolas, lendas e baladas, que não tiveram, em sua maioria, expressões americanas. Isso confere a essas escritas parte de seu acentuado experimentalismo linguístico.

[167] Nossa tradução: Ao mesmo tempo em que se 'aproxima' do evento real, o novo romance histórico se distancia, de forma deliberada e consciente, da historiografia 'oficial', cujos mitos fundadores foram degradados. (Aínsa, 1991, p. 83).

Aínsa (1991, p. 82) pontua que "*la nueva narrativa se ha embarcado, así, en la aventura de releer la historia, especialmente crónicas y relaciones, ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial*[168]". Desse modo, o novo romance histórico utiliza-se de uma reescrita irônica, paródica, carnavalesca e até mesmo irreverente da história conhecida, com base, também, em recursos como a hipérbole, o grotesco e as múltiplas intertextualidades. O emprego de tais recursos escriturais incide sobre a complexidade da linguagem empregada nesses romances.

Desde os primeiros contatos entre os povos europeus e as populações autóctones da América, as repercussões históricas na literatura refletem um olhar eurocentrista, ressaltando as "conquistas" decorrentes da expansão de países europeus que navegavam em busca de especiarias, novas terras e escravos. Consoante a Fleck (2007), há pouco mais de meio milênio, os europeus chegaram à América, fundaram suas colônias e exploraram as terras e os povos desse continente. A partir de então, a nossa história passou a ser contada sob a perspectiva dos colonizadores, homens brancos europeus.

O romance histórico, em sua fase crítica, trouxe para a literatura releituras da nossa história outrora escrita apenas sob a perspectiva do colonizador. Essas escritas híbridas têm impacto na recriação de identidades e na reformulação de crenças e atitudes, na reconstrução de valores, hábitos e tradições que permeiam o imaginário coletivo, a partir de narrativas híbridas construídas tanto sobre as versões da história quanto sobre as possibilidades do discurso ficcional. São essas escritas que vemos como meios de reterritorialização dos espaços imaginários também ocupados pela colonização, pois,

> […] *por un absurdo y antihistórico concepto de pureza, los hispanoamericanos han tendido a mirar como una marca de inferioridad la condición de su mestizaje. Han llegado a creer que no hay otro mestizaje que el de la sangre y se han inhibido en buena parte*

[168] Nossa tradução: [...] a nova narrativa embarcou, assim, na aventura de reler a história, especialmente crônicas e relações, exercitando-se em modalidades anacrônicas da escritura, no pastiche, na paródia e no grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial. (Aínsa, 1991, p. 82).

> *para mirar y comprender lo más valioso y original de su propia condición*[169] (Uslar Pietri, 1990, p. 349).

É nesse sentido que Esteves (2007) afirma que as modalidades críticas do romance histórico possibilitam trazer à tona figuras que foram outrora marginalizadas, periféricas ou "ex-cêntricas" – na concepção de Hutcheon (1991) –, rejeitadas ou esquecidas pelas narrativas hegemônicas. Essas são, normalmente, representantes dos povos originários da América ou, então, dos povos africanos escravizados, podendo, ainda, ser representantes marginalizadas dentro do próprio sistema estratificado social das sociedades europeias daquela época, como os degradados, as mulheres, os muçulmanos, os judeus, entre outros.

Nesse universo das produções híbridas de história e ficção e suas modalidades específicas, a nomenclatura de metaficção historiográfica foi proposta por Hutcheon, em sua obra *Uma teoria da paródia* (1985). Fleck (2017) considera essa modalidade a mais crítica e desconstrucionista das escritas híbridas de história e ficção. Nela, abandona-se qualquer intento de verossimilhança com relação à reelaboração do passado ou mesmo de exposição de "outras" possíveis perspectivas, pois se prioriza revelar ao leitor que sobre o passado não há "verdade", mas sim discursos – os quais são produtos de linguagem –, que podem ser adaptados, modalizados, manipulados, etc. As principais características dessa modalidade foram apontadas por Fleck (2017, p. 96), sendo elas:

1) Presença de multiperspectivismo, apresentando um relato com diferentes fios ou eixos narrativos entrecruzados na diegese, sendo que um desses fios deve ser, essencialmente, metaficcional/autorreferencial, para revelar ao narratário a construção discursiva ou narrativa dos demais eixos. Assim, a autorreferencialidade e a metaficcionalidade constituem-se nas estratégias que orientam toda a construção discursiva romanesca;

2) Constante diálogo entre a voz enunciadora do discurso e o narratário/leitor, a fim de mostrar a este os mecanismos e as ideologias que dirigem a construção escritural e suas opções;

---

[169] Nossa tradução: Devido a um conceito absurdo e anti-histórico de pureza, os hispano-americanos viram a condição de sua miscigenação como uma marca de inferioridade. Eles passaram a acreditar que não há outra miscigenação além daquela do sangue e se inibiram, em grande parte, a olhar e a compreender aquilo que é mais valioso e original em sua própria condição. (Uslar Pietri, 1990, p. 349).

3) Confluência de história, ficção e teorias na argumentação da voz enunciadora do discurso, o que estabelece discussões ideológicas e evidencia a relação da literatura com outras áreas do conhecimento na elaboração de discursos;

4) Manifestações, em alguns casos, de personagens e vozes ex-cêntricas – com base em Sharpe (1991) –, o que permite abandonar os grandes heróis anteriormente protagonistas das releituras do passado, abrindo espaço a figuras excluídas dos registros oficiais. Na América Latina, no entanto, a metaficção historiográfica volta-se, também, à desconstrução de grandes heróis consagrados na historiografia;

5) Incorporação da temática contemporânea da problematização sobre a impossibilidade do conhecimento da realidade do passado no tempo hodierno, o que demonstra a natureza linguística dos discursos sobre o passado e sua possível manipulação;

6) Incorporação do passado textualizado na escrita do romance no presente por meio de paródias e intertextualidades.

Fleck (2017) ressalta que a complexidade de escrita das modalidades críticas e desconstrucionistas (novo romance histórico latino-americano e metaficção historiográfica) exigem um leitor mais experiente, o que também levou o mercado editorial a dar espaço para narrativas mais simplificadas em termos de estrutura e linguagem, que se aproximam da realidade de mais leitores. A essas releituras críticas do passado pela ficção, que utilizam uma linguagem mais simplificada e incorporam aspectos da escrita do romance histórico tradicional, aliados a algumas características das modalidades críticas e desconstrucionistas, o pesquisador denominou de romances históricos contemporâneos de mediação. Essa modalidade tem como obra inaugural, no contexto da "Poética do 'descobrimento'" da América, o romance *Crónica del descubrimiento* (1980)[170], do uruguaio Alejandro Paternain.

A ruptura que essas escritas não experimentalistas estabeleceram com as precedentes – críticas/desconstrucionistas – ocasionou uma nova cisão na trajetória das escritas híbridas de história e ficção. Embora as escritas romanescas híbridas

[170] A proposta desse romance é apresentar ao leitor um "descobrimento" ao revés: autóctones americanos que cruzam o Atlântico e "descobrem" a Europa. Tal obra integra o corpus de análise da Tese *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem* (2021), de Ana Maria Klock, cuja escrita e análise feita do romance destacado recomendamos, também, aos nossos leitores. Estudo disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661. Acesso em: 16 jul. 2024.

implementadas no período do pós-*boom* da literatura latino-americana produzidas, simultaneamente, às tradicionais e às desconstrucionistas, deixem de lado os experimentalismos, elas apontam para a terceira fase da trajetória do gênero. Esta, segundo aponta Fleck (2017, 2021), começa a vigorar a partir da década de 1980, com a produção de uma série de obras críticas em relação ao discurso hegemônico tradicional da historiografia, sem o emprego de estratégias desconstrucionistas e sem experimentalismos linguísticos e formais, diferenciando-se, assim, das típicas escritas do *boom* latino-americano.

Na terceira fase, denominada crítica/mediadora (Fleck, 2017), encontramos o romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade que, conforme define Fleck (2017), amalgama algumas características intrínsecas das escritas tradicionais e outras típicas de produções altamente desconstrucionistas, originando uma releitura crítica do passado a partir de narrativas mais lineares e verossímeis, que dispensam as múltiplas perspectivas para fazer uso de visões antes subjugadas ou excluídas dos relatos historiográficos.

Na investigação realizada por Bernardo Gasparotto, em 2011, o autor aponta a obra *Carta del fin del mundo* (1998), de Jose Manuel Fajardo, como um marco dessa modalidade crítica/mediadora na literatura espanhola sobre a temática do "descobrimento" da América e da figura de Cristóvão Colombo. Anteriormente a essa publicação, dois extremos demarcavam-se, conforme explanam Fleck (2005) e Milton (1992a): de um lado, as produções espanholas aludiam a esse período e às figuras que dele participaram de maneira semelhante à do discurso da história tradicional, buscando enaltecer certos acontecimentos e sujeitos; do outro lado, as produções hispano-americanas posicionavam-se de encontro às espanholas, por meio de produções paródicas que acabaram por inovar este gênero de escrita híbrida ao apresentar possíveis reinterpretações em relação ao discurso historiográfico que, até então, imperava e era reforçado pelo cânone europeu.

A partir da produção de *Carta del fin del mundo* (1998), segundo explica Gasparotto (2011), há uma tentativa pioneira, por parte da produção literária espanhola, de estabelecer um diálogo com a literatura latino-americana, o que define uma nova tendência para a literatura espanhola relacionada à temática do "descobrimento": o romance histórico contemporâneo de mediação – proposto por Fleck (2017). Alguns exemplos apresentados por Gasparotto (2011) dessa nova

tendência são: a trilogia *La pérdida del paraíso* (2002), de José Luis Muñoz, e a obra *Colón: el impostor* (2006), de Luis Melero. Assim como a obra pioneira de Fajardo – *Carta del fin del mundo* (1998) –, essas narrativas híbridas espanholas também se distanciam da tendência tradicional das narrativas espanholas, que buscavam exaltar os feitos do período da colonização da América. Na sequência, o estudo de Amanda Maria Elsner Matheus, *Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura*[171], com destaque para os romances *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, *e La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes, comprova o estabelecimento dessa tendência crítica/mediadora, na literatura espanhola hodierna que se volta a essa temática.

Deparamo-nos, aqui, com um discurso decolonialista proveniente do mesmo espaço literário no qual os registros da história tradicional foram escritos. Isso significa um grande avanço para as ressignificações do passado por meio do romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade que tem ganhado cada vez mais espaço na literatura, desde o final da década de 1970 até os dias atuais. Fleck (2021), em sua obra *Imagens escriturais de Cristóvão Colombo: um oceano entre nós – vozes das diferentes margens*[172]*,* apresenta uma lista de quadros que revelam a proliferação de romances que se voltam às ações de Cristóvão Colombo após a primeira ficcionalização romanesca da personagem no romance estadunidense *Mercedes of Castile: or, The Voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper. Para nosso estudo, interessam-nos alguns desses quadros. O primeiro que destacamos é aquele que expõe a produção espanhola sobre a personagem e suas ações, como abaixo expomos:

Quadro 2 – Produções romanescas sobre Cristóvão Colombo na Literatura Espanhola

3 FASES DO ROMANCE HISTÓRICO		
1ª Fase: acrítica – de 1814, com *Waverley*, consolidada em 1819, com o romance *Ivanhoé*, ambos de Walter Scott. Os romances históricos tradicionais – derivados dos clássicos	**2ª Fase: crítica/desconstrucionista** – de 1930, com a obra crítica *Mi Simón Bolívar*, de Fernando González Ochoa – tendência consolidada em 1949, com *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier –, até os nossos dias.	**3ª Fase**: **crítica/mediadora –** desde a década de 1980, com as reações do pós-*boom*, até os nossos dias.

[171] Estudo disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5407. Acesso em: 16 jul. 2024.

[172] Esta obra pode ser acessada pelo seguinte link: https://www.editoranavegando.com/imagens-escriturais. Acesso em: 9 out. 2024.

scottianos – alcançam os nossos dias.		

5 MODALIDADES DE ROMANCES HISTÓRICOS				
1- Romance histórico clássico scottiano	2- Romance histórico tradicional	3- Novo romance histórico latino-americano	4- Metaficção historiográfica	5- Romance histórico contemporâneo de mediação

"IMAGENS ESCRITURAIS DE COLOMBO": OCORRÊNCIAS NA LITERATURA ESPANHOLA	
Romances históricos tradicionais	**Romances históricos contemporâneos de mediação**
- *En Busca del Gran Kan* (1928), de Vicente Blasco Ibáñez;	- *El manuscrito Carmesí* (1990), de Antonio Gala;
- *El caballero de la virgen* (1929), de Vicente Blasco Ibáñez;	- *Cristóbal Colón Llora por ti la tierra* (1992), de Hernández Ramón;
- *Cristóbal Colón* (1940), de J. Poch y Noguer;	- *El último manuscrito de Hernando Colón* (1992), de Vicente Muñoz Puelles;
- *Colón nació en América* (1948), de J. M. Zuloaga e Y. de Marroquín;	- *El secreto de Colón* (1994), de Luís María Carrero;
- *Cristóbal Colón. Evocación del Almirante de la Mar Océana* (1963), de Felipe Ximénez de Sandoval;	- *Carta del fin del mundo* (1998), de José Manuel Fajardo;
- *El enigma de Cristóbal Colón* (1964), de Renato Llanas de Niubo;	- *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras;
- *No serán las Indias* (1988), de Luisa López Vergara;	- *La pérdida del paraíso* – trilogía – (I- *Guanahaní,* II- *El fuerte Navidad,* III- *Caribe*) (2002), de José Luis Muñoz;
- Yo, Colón (1991), de Vicente Muñoz;	- *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes;
- *Isabel, reina de América* (1999), de Sorkunde Frances Vidal;	- *La Tumba de Colón* (2006), de Miguel Ruiz Montañez[*1];
- *Cristóbal Colón – Rumbo a Cipango* (2002), de Edward Rosset;	- *Colón, el Impostor* (2006), de Luis Melero;
- *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua) (1860)*, de Francisco José Orellana.	- *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas[*2].

*1: Escritor espanhol radicado na República Dominicana.
*2: Romancista espanhol residente na República Dominicana desde 2006.
Fonte: Elaborado por Fleck (2021, p. 155-156).

Os romances históricos tradicionais, elencados no quadro acima, ficcionalizam a imagem de Cristóvão Colombo, na literatura espanhola, a partir de uma intenção de exaltação da imagem desse navegante, sobre quem a historiografia tradicional hegemônica europeia edificou um discurso heroificador, ressaltando os seus grandes feitos em nome da monarquia espanhola. Essa construção ficcional de Colombo ainda se faz presente, na literatura, em obras do século XXI, como *Cristóbal Colón – Rumbo a Cipango*, publicada em 2002. Nesse contexto, segundo explicita Gasparotto (2011), foi somente com a publicação da metaficção historiográfica *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos – e todas as produções romanescas

críticas/desconstrucionistas latino-americanas frente às celebrações do "descobrimento" da América, lançadas no mercado editorial no período próximo ao quinto centenário da primeira viagem de Colombo ao nosso continente – que se promoveram as leituras críticas desse passado nas expressões literárias espanholas[173].

Os romances históricos tradicionais, segundo Fleck (2017), surgiram, na Europa, pelo rompimento com os parâmetros estabelecidos anteriormente por Walter Scott, quando Alfred de Vigny publicou o romance *Cinq Mars* (1826) – escrita de cunho crítico que destoa de toda a produção híbrida de história e ficção europeia à época –, no qual, diferentemente dos romances de Scott, os fatos históricos não constituíam apenas um "pano de fundo", mas assumiam os elementos principais da diegese. Dentre as características apontadas por Fleck (2017) sobre o romance histórico tradicional está a consagração dos grandes heróis da historiografia, pela construção de um discurso edificador que exalta e/ou mitifica o herói do passado, revelando-o como um modelo de sujeito para o cidadão/leitor do presente.

Essa exaltação de narrativas europeias sobre a imagem heroificada e laudatória de Cristóvão Colombo intenta apagar discursos que se opõem a essa configuração do navegante como o "descobridor" da América. Desse modo, muitas dessas obras configuram o marinheiro como o representante dos "descobrimentos" e das "conquistas" na América propulsionados por monarquias como a espanhola durante o período da colonização do nosso continente, iniciados no final do século XV.

O estado colonial desses territórios "conquistados" após a chegada de Colombo a Guanahaní/"*La Española*" – em 12 de outubro de 1492 – estendeu-se, para alguns espaços territoriais latino-americanos, até os séculos XVIII e XIX, quando muitas nações alcançaram sua independência política, ainda que as amarras do colonialismo sigam existindo e persistindo em muitas dessas sociedades sob a forma da

[173] Os estudos de Milton (1992) e Fleck (2005; 2008) asseguram a dicotomia da exaltação e heroificação de Colombo da literatura espanhola e da paródia e renovação da literatura hispano-americana nos romances da "Poética do 'descobrimento'". Já o estudo de Gasparotto (2011) revela os primeiros importantes diálogos da literatura espanhola, no final do século XX, com essa vertente crítica/desconstrucionista da literatura hispano-americana em expressões que se configuram como romances históricos contemporâneos de mediação, segundo aponta o autor. Os estudos de Fleck (2005; 2008) estão disponíveis em: http://hdl.handle.net/11449/94126 e http://hdl.handle.net/11449/103668. Acesso em: 26 ago. 2024. A dissertação de Gasparotto (2011) pode ser acessada pelo link: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501. Acesso em: 26 ago. 2024.

colonialidade. Durante todo esse período, deu-se a construção desse ideário discursivo europeu da modernidade que, segundo já mencionamos, é apontado por Mignolo (2017) como artifício que esconde o seu lado mais escuro: a colonialidade.

Alguns exemplos de discursos que são ignorados e refutados por essas narrativas exaltadoras dos "conquistadores" europeus – como Cristóvão Colombo, um grande símbolo desse discurso colonialista – são os estudos descoloniais/decoloniais como os de Consuelo Varela, com a publicação de um documento ocultado por séculos, que mostra a "face oculta" de Colombo, as atrocidades por ele cometidas em território americano, pela publicação de *La caída de Cristóbal Colón: el juicio de Bobadilla*, em 2006.

Podemos citar, também, os estudos realizados em universidades latino-americanas por grupos de pesquisa como o "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". Nesse contexto, entre outras atividades, estudamos sobre as representações de personagens de extração histórica em narrativas híbridas que podem apresentar um viés crítico ou acrítico, na intenção de ressignificar ou reforçar imagéticos construídos por narrativas históricas e literárias que estão intimamente ligados com os preceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade. Assim se vai aprimorando a formação leitora de todos os integrantes dessas atividades.

Os romances históricos tradicionais listados por Fleck (2021), que ficcionalizam Colombo a partir de um viés acrítico, que exaltam sua imagem como homem "conquistador" da América, até os dias de hoje, confrontam-se com os esforços dos estudos descoloniais/decoloniais, por meio dos quais se procura romper as amarras da colonização e da consequente colonialidade (definida por Quijano, 1992) que imperam em sociedades como as da América Latina até os tempos atuais.

Ainda que os descendentes taínos apontem, como mostramos que o faz Jorge Baracutei Estevez (2019), que essa exaltação a homens como Cristóvão Colombo não seja mais uma realidade, vemos, por pesquisas como as de Fleck (2021), que certas ressignificações literárias ainda intentam edificar figuras representativas do poderio social e econômico de nações como as europeias, na tentativa de reforçar essa "superioridade colonial", a qual, segundo Quijano (1992), é dada pela colonização do imaginário daqueles que foram dominados desde o período da

colonização. É por essa razão que as palavras do autor sobre a colonialidade representam, ainda, uma realidade de nossa sociedade:

> *La colonialidad, en consecuencia, es aún el modo más general de dominación en el mundo actual, una vez que el colonialismo como orden político explícito fue destruido. Ella no agota, obviamente, las condiciones, ni las formas de explotación y de dominación existentes entre las gentes. Pero no ha cesado de ser, desde hace 500 años, su marco principal*[174] (Quijano, 1992, p. 14).

Em contraponto, os romances históricos contemporâneos de mediação, também elencados por Fleck (2021), assumem um posicionamento contrário no âmbito literário, ao estabelecerem uma releitura crítica verossímil das configurações de personagens de extração histórica como Cristóvão Colombo. Fleck (2017, p. 119) ressalta que "a escrita de romances históricos críticos é, na América Latina, mais do que uma experiência de prática de produção romanesca híbrida de história e ficção, um possível caminho para a descolonização". É nesse sentido que a obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas, elencada no **quadro 2**, parte da representação ficcional de Anacaona – uma personagem ex-cêntrica, diminuída pelo discurso historiográfico hegemônico tradicional – para ressignificar, também, imagens como a de Colombo na história da América, personagem de extração histórica ficcionalizada na obra de Rojas (2017) a partir de um viés crítico/mediador, que a apresenta ao leitor como um invasor das terras alheias, o qual comandou execuções e dizimou comunidades taínas de Guanahaní/"*La Española*".

Na América Latina, tanto a modalidade do novo romance histórico como a da metaficção historiográfica – ambas modalidades críticas/desconstrucionistas da segunda fase da trajetória do romance histórico, expressões impugnadoras das versões historiográficas inexistentes nessa temática no universo espanhol das releituras ficcionais do "descobrimento" da América, como podemos ver no **quadro 2** – encontram-se inseridas no movimento da nova narrativa latino-americana.

Suas produções deram-se, em especial, no auge das experimentações linguísticas e formais propostas no período que culmina com o *boom* da literatura

[174] Nossa tradução: A colonialidade, portanto, ainda é o modo mais geral de dominação no mundo de hoje, uma vez que o colonialismo, como ordem política explícita, foi destruído. Obviamente, ela não esgota as condições, nem as formas de exploração e dominação que existem entre os povos. Mas não deixou de ser, há 500 anos, seu principal marco (Quijano, 1992, p. 14).

latino-americana (décadas de 1960 a 1970) e alcançam a fase do pós-*boom*, que se estende aos nossos dias. Valemo-nos, abaixo, de mais um dos quadros propostos na obra de Fleck (2021) para visualizarmos as ocorrências de produções romanescas voltadas à temática do "descobrimento", agora na trajetória do romance histórico no âmbito da literatura hispano-americana que abriga, também, parte de nosso *corpus* de análise sobre a personagem Anacaona nesta tese.

Quadro 3 – Produções romanescas sobre Cristóvão Colombo na Literatura Hispano-americana e seus antecedentes sobre a "conquista" da América

3 FASES DO ROMANCE HISTÓRICO		
1ª Fase: acrítica – de 1814, com *Waverley*, consolidada em 1819, com o romance *Ivanhoé*, ambos de Walter Scott. Os romances históricos tradicionais – derivados dos clássicos scottianos – alcançam os nossos dias.	**2ª Fase: crítica/desconstrucionista –** de 1930, com a obra crítica *Mi Simón Bolívar*, de Fernando González Ochoa – tendência consolidada em 1949, com *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier –, até os nossos dias.	**3ª Fase: crítica/mediadora –** Desde a década de 1980, com as reações do pós-*boom*, até os nossos dias.
3- Novo romance histórico latino-americano	4- Metaficção historiográfica	5- Romance histórico contemporâneo de mediação
Antecedentes: obras críticas sobre a colonização da América na literatura hispano-americana *Xicoténcatl* (1826), Anônimo *Isla Cerrera* (1937), de Manuel Méndez Ballester; *El ocaso del quinto sol* (1978), de Adela C. Irigoyen.		
5 MODALIDADES DE ROMANCES HISTÓRICOS		
"IMAGENS ESCRITURAIS DE COLOMBO" OCORRÊNCIAS NA LITERATURA HISPANO-AMERICANA		
Novo romance histórico latino-americano	**Metaficção historiográfica**	**Romance histórico contemporâneo de mediação**
El arpa y la sombra (1979), de Alejo Carpentier;	*Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos.	*Crónica del descubrimiento* (1980), de Alejandro Paternain;
El mar de las lentejas (1979), de Antonio Benítez Rojo;		*Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla;
Los perros de paraíso (1983), de Abel Posse;		*Colombo de Terrarrubra* (1994), de Mary Cruz;
Vida y tiempos de Juan Cabezón de Castilla (1985), de Homero Aridjis;		*La segunda muerte de Colón* (1999), de H. B. Eduardo;
Cristóbal Nonato (1987), de Carlos Fuentes;		*El último crimen de Colón* (2001), de Marcelo Leonardo Levinas;
Maluco (1989), Napoléon Baccino Ponce de León;		*El Conquistador* (2006), de Federico Andahazi;
Memorias del Nuevo Mundo (1991), de Homero Aridjis;		*Tríptico de la infamia* (2014), de Pablo Montoya;
Las puertas del mundo (1992), de Herminio Martínez;		*Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat*.

El libro de los descubrimientos (1992), de Gonzalo Ramírez Cubillán;		
Cristóbal Colón: *vida y pasiones de un descubridor* (1992), de Arnoldo Canclini.		

*Escritora haitiana que escreve em inglês.
Fonte: Elaborado por Fleck (2021, p. 180-181), com inserções da autora em 2024.

Constatamos, a partir do **quadro 3**, exposto acima, uma produção hispano-americana que ficcionaliza a imagem de Cristóvão Colombo – um dos principais nomes enaltecidos pelas narrativas históricas e ficcionais europeias sobre a colonização da América – a partir de um viés estritamente crítico, contemplado pelas modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica (pertencentes à segunda fase do romance histórico, a crítica/desconstrucionista) e do romance histórico contemporâneo de mediação (da terceira fase, crítica/mediadora). As produções mais recorrentes são novos romances históricos latino-americanos, os quais, para Aínsa (1991), distanciam-se, conscientemente, da historiografia oficializada, com o objetivo de reler essa história. O autor explica que o novo romance histórico

> […] *ha recorrido con un renovado interés crítico la historia colonial, el período de la ilustración y la independencia y, posteriormente, el siglo XIX hasta el ingreso a la modernidad. El resultado se ha traducido en una proliferación de novelas históricas* […]*, un género que había caído en desuso y cujas excepciones – varias novelas de Arturo Uslar Pietri, Yo, el supremo de Augusto Roa Bastos y, sobre todo, la obra de Alejo Carpentier – no permitían hablar, como es posible hacerlo ahora, de una dinámica corriente de la novela histórica, de una auténtica y vigorosa tendencia de la ficción latinoamericana que marca el decenio de los ochenta y que, según todo lo indica, seguirá dominando los próximos años*[175] (Aínsa, 1991, p. 82).

Essa desconstrução da história pela ficção, à qual Aínsa (1991) se refere para definir o novo romance histórico latino-americano, também é explorada pelas outras modalidades críticas de escrita híbrida, como, por exemplo, a metaficção

[175] Nossa tradução: [...] com renovado interesse crítico, explorou a história colonial, o período da ilustração e independência e, mais tarde, o século XIX até a chegada da modernidade. O resultado traduziu-se em uma proliferação de romances históricos [...], gênero que havia caído em desuso e cujas exceções – vários romances de Arturo Uslar Pietri, *Yo, el supremo*, de Augusto Roa Bastos e, sobretudo, a obra de Alejo Carpentier – não permitiam falar, como é possível fazer agora, de uma dinâmica atual do romance histórico, de uma tendência autêntica e vigorosa da ficção latino-americana que marca a década de oitenta e que, segundo o que tudo indica, continuará a dominar os próximos anos (Aínsa, 1991, p. 82).

historiográfica – com uma única obra que figura Colombo como personagem, *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos. Contudo, as expressões críticas, no âmbito da modalidade do novo romance histórico, com um número significativo de publicações que apresentam imagens escriturais de Colombo na literatura desde o final da década de 1970 (*El arpa y la sombra* (1979), de Carpentier, e *El mar de las lentejas* (1979), de Benítez Rojo), são as expressões que alcançam a década de 1990 e, gradativamente, vemos um incremento, a partir de então, nas obras críticas/mediadoras, com *Anacaona, golden flower*, de Edwidge Danticat, em 2015.

Mesmo que os registros de Colombo não deem espaço ou qualquer atenção à atuação de Anacaona enquanto líder de sua comunidade, até ser executada pelo exploradores espanhóis que dizimaram seu povo, as ressignificações literárias de Anacaona preenchem uma lacuna deixada pela historiografia tradicional hegemônica europeia, ao estabelecer, ficcionalmente, relações entre essa autóctone e Cristóvão Colombo, o primeiro navegante que teve contato com os povos taínos de Guanahaní/"*La Española*", como se expõe nas obras que compõem nosso *corpus* ficcional.

Nesse sentido, as representações literárias de Anacaona e de Cristóvão Colombo que aqui estudamos podem despertar, nos seus leitores, questionamentos sobre a importância de mulheres como a cacica taína na história, cujas trajetórias foram, frequentemente, defenestradas nos anais da histórica tradicional, mas que podem, por meio de suas ressignificações literárias, abrir diferentes portas para questionarmos sua importância na formação identitária das sociedades atuais. As leituras dessas obras podem auxiliar, também, para indagarmos sobre as razões que levaram mulheres como Anacaona a serem apagadas de discursos como o da história tradicional que se expressa sobre a colonização da América.

Esse apagamento foi a razão pela qual muitas figuras pertencentes à história de nosso continente se tornassem desconhecidas pela maior parte da população, inclusive na própria América Latina. Tal propósito, do apagamento na memória coletiva de eventos e sujeitos resilientes à tomada de posse do território, integrou, portanto, as ações colonialistas amplamente praticadas no espaço latino-americano pelas metrópoles europeias ao longo de séculos.

Já no contexto da literatura produzida em momento posterior ao período historicamente registrado como o da colonização, foram escritas, como ações

decoloniais ainda necessárias, muitas obras críticas/desconstrucionistas com relação ao “descobrimento” da América, pertencentes às modalidades experimentalistas, com destaque para as obras de vários países hispano-americanos. De igual modo, vemos que, desde 1980, essa temática vem se destacando na produção de romances históricos contemporâneos de mediação.

Desse modo, podemos afirmar que a produção literária hispano-americana sobre a temática do “descobrimento” da América, instaurada no *boom* latino-americano, atravessa os tempos desde então e alcança, com vigor, os nossos dias. Já a produção espanhola centrada nessa temática, sintetizada no **quadro 2**, dialoga com a hispano-americana, unicamente a partir da implementação da terceira fase do romance histórico: a crítica/mediadora que, no contexto da Espanha, surge na década de 1990 e se consolida no final dessa década e nas primeiras do século XXI.

Tais obras formam parte do *corpus* de análises dos mais significativos estudos acadêmicos realizados no Brasil até hoje sobre a “Poética do ‘descobrimento’” da América, conforme expõe Klock (2021) em sua tese. Vários desses estudos já estão inseridos no contexto das ações realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. No **quadro 4**, a seguir exposto, podemos observar a abrangência dessa temática e seu potencial na academia brasileira.

Quadro 4 – Pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a “Poética do ‘descobrimento’”

Autor/Ano/Instituição	**Natureza/Título** **Corpus de análise**
Heloisa Costa Milton 1992/USP Disponível em: disponível em: https://repositorio.usp.br/item/000736521	Tese: *Histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo.*
	– *En busca del Gran Kan* (1929), Blasco Ibáñez*;* – *No serán las Índias* (1988), Luiza Lópes Vergara*;* – *El arpa y la sombra* (1979), Alejo Carpentier*;* – *Los perros del paraíso* (1983), Abel Posse.
Jorge L. do Nascimento 1993/UFRJ Obs.: link do estudo não disponibilizado.	Dissertação: *A história e a ficção: os discursos complementados em “El arpa y la sombra”, de Alejo Carpentier e “Los perros del paraíso”, de Abel Posse* (1993).
	– *El arpa y la sombra* (1979), Alejo Carpentier*;* – *Los perros del paraíso* (1983), Abel Posse.

Maria Mirtis Caser 1996/UFRJ Disponível em: https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/ce6a21bc-5783-4765-a37f-d0c5a7db3d0a/content	Dissertação: *O discurso histórico ficcionalizado em "Vigilia del Almirante", de Augusto Roa Bastos* (1992).
	– *Vigilia del Almirante* (1992), Augusto Roa Bastos.
André L. de Lima Bueno 2000/UFRJ Obs.: link do estudo não disponibilizado.	Tese*: A imaginação histórica: inventário da América em Cristóbal Nonato e Viva o povo brasileiro*.
	– *Cristobál Nonato* (1987), Carlos Fuentes*;* – *Viva o provo brasileiro* (1984), João Ubaldo Ribeiro.
Rubelize da Cunha 2001/UFSC Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80073	Dissertação: *Rewriting forgotten histories: the heirs of Columbus and "a coyote Columbus story.*
	– *The heirs of Columbus* (1991), Gerald Vizenor*;* – *A coyote Columbus story* (1992), Thomas King.
Gilmei Francisco Fleck* 2005/UNESP-Assis Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/94126	Dissertação: *Imagens metaficcionais de Cristóvão Colombo: uma poética da hipertextualidade.*
	– *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), Pedro Piqueras*;* – *El último crimen de Colón* (2006), Marcelo Leonardo Levinas.
Gilmei Francisco Fleck* 2008/UNESP-Assis Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/103668	Tese: *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas.*
	– *El mar de las lentejas* (1979), Antonio Benítez Rojo*;* – *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), Stephen Marlowe*;* – *Vigilia del Almirante* (1992), Augusto Roa Bastos*;* – *The discoveries of Mrs. Christopher Columbus:* his wife's version (1994), Paula DiPerna.
Márcia de F. Xavier 2010/UFMG-Belo Horizonte Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-83ZLMC	Dissertação*: Romance e história na literatura latino-americana contemporânea: os casos de Los perros del paraíso* e *El largo atardecer del caminante*, de Abel Posse.
	– *Los perros del paraíso* (1983), Abel Posse*;* – *El largo atardecer del caminante* (2005), Abel Posse.
Bernardo Antonio Gasparotto* 2011/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501	Dissertação*: Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: uma leitura de Vigilia del Almirante* (1992) *e Carta del fin del mundo* (1998).
	– *Vigilia del Almirante* (1992), Augusto Roa Bastos*;* – *Carta del fin del mundo* (1998), Jose Manuel Fajardo.

Douglas W. Machado* 2014/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2384	Dissertação*: Configuração, desconstrução e reconfiguração: Cristóvão Colombo na literatura das Américas.*
	– *Columbia* (1892), John Musick*;* – *Los perros del paraíso* (1983), Abel Posse*;* – *A Caravela dos Insensatos:* uma viagem pela renascença (2006), Paulo Novaes.
Larissa O'Hara Pimenta 2015/UFES-Vitória Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3296/1/tese_8599	Dissertação: A ficção histórica em *Vigilia del Almirante*, de Augusto Roa Bastos.
	– *Vigilia del Almirante* (1992), Augusto Roa Bastos.
Amanda Maria Elsner Matheus* 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407	Dissertação: *Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura*.
	– *Columbus and Beatriz* (1892), Constance Goddard DuBois*;* – *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), Pedro Piqueras.
Jucélia H. de Oliveira Pires* 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5403	Dissertação: *Ressignificações do passado na trilogia de Abel Posse (1978; 1983; 1992) – da crítica desconstrucionista do novo romance histórico ao romance histórico contemporâneo de mediação.*
	– *Daimón* (1978), Abel Posse*;* – *Perros del paraíso* (1983), Abel Posse*;* – *El largo atardecer del caminante* (1992), Abel Posse.
Ana Maria Klock* 2021/UNIOESTE – Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661	Tese: *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940)*: *dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*.
	– *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier; – *Perros del paraíso* (1983), de Abel Posse; – *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; – *Crónica del descubrimiento* (1980), de Alejandro Paternain; – *El conquistador* (2006), de Federico Andahazi.
Jorge Antonio Berndt* 2021-2023 UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6466	Dissertação: *Mercedes Of Castile: Or The Voyage To Cathay (1840), de Cooper: a primeira ficcionalização de Colombo – um romance histórico clássico na América*.
	- *Mercedes Of Castile: Or The Voyage To Cathay* (1840), Fenimore Cooper.

*Pesquisadores que integraram ou integram o Grupo de "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização".

Fonte: Elaborado por Ana Maria Klock (2021, p. 115-16), com inserção da tese da pesquisadora pela autora.

O primeiro impulso às pesquisas sobre as representações ficcionais do "descobrimento" da América no Brasil deu-se em 1992, ano do quinto centenário desse acontecimento histórico. Os primeiros passos na busca de uma compreensão ampla dessa produção romanesca híbrida foram realizados por Heloisa Costa Milton, na Universidade de São Paulo (USP), em estudos de doutoramento.

A professora Costa Milton, na sequência, orientou, nessa mesma área de pesquisa, a dissertação e a tese do professor Gilmei Francisco Fleck (2005; 2008), na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/Assis-SP. Esses estudos expandiram os horizontes apontados por Milton (1992a), não apenas na dicotomia exaltação e paródia, defendida por Milton (1992a), como a respeito do escopo da produção, uma vez que Fleck (2008) inclui, em seu *corpus* de leituras literárias, as obras estadunidenses e canadenses escritas em língua inglesa.

Contudo, observamos que nenhum deles voltou-se às representações de Anacaona na literatura nesse contexto maior da "Poética do 'descobrimento'" da América. Uma das causas para isso pode ter sido a tardia produção literária sobre essa personagem, como mais adiante comentamos.

Nesse contexto inicial das pesquisas sobre as representações ficcionais do "descobrimento" da América, os pesquisadores lidaram com os dois extremos da temática: as produções acríticas da modalidade tradicional do romance histórico, produzidas, em grande parte, nos contextos da literatura espanhola e estadunidense, em oposição às produções altamente críticas e desconstrucionistas das modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, amplamente inseridas no contexto da literatura hispano-americano e, em parte, na canadense, como podemos constatar no **quadro 4**, acima exposto, pelo grande número de romances em língua espanhola escritos na América Latina.

Com a implementação das mudanças nessa narrativa altamente complexa e experimentalista da América Latina, impulsionada pelos defensores do pós-*boom*, também o romance histórico precisou ajustar-se à nova realidade que tem se imposto desde o início da década de 1980. É nesse contexto, de acordo com Fleck (2017), que surge a terceira fase do romance histórico – a crítica/mediadora –, caracterizada pelo

abandono do experimentalismo linguístico e formal cultivado pela narrativa latino-americana no contexto do *boom*.

A escrita crítica/mediadora[176], no âmbito das produções sobre o "descobrimento" da América, foi estabelecida por Fleck (2007) enquanto redigia a sua tese, cujo *corpus* mais amplo inclui romances espanhóis, hispano-americanos, estadunidenses e canadenses que recriam as ações de Colombo, desde 1492 até os anos finais da vida do navegante. Nesse vasto conjunto de obras, o pesquisador brasileiro teve a oportunidade de, primeiramente, teorizar sobre a existência de uma terceira fase na trajetória do romance histórico e supor a existência de uma nova modalidade no já amplo rol dessas produções: os romances históricos contemporâneos de mediação. Desde então, Fleck tem se dedicado, entre outros vários temas, a rastrear e a analisar as produções nessa temática. Esse procedimento forneceu-lhe as bases para, em 2017, finalmente, estabelecer os pressupostos teóricos que, hoje, dão suporte a uma vasta produção de pesquisas e de escritas acadêmicas concernentes ao tema do "descobrimento" da América, e tantas outras já produzidas em alinhamentos a essas peculiaridades. Essa ampla produção acadêmica concentra-se no Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", coordenado pelo próprio professor Gilmei Francisco Fleck.

A terceira fase do romance histórico é composta, até o momento, de acordo com os estudos de Fleck (2017), por uma única modalidade: o romance histórico contemporâneo de mediação, cuja expressão primeira na América Latina, no contexto da "Poética do 'descobrimento'" da América, é, como mencionado, a obra uruguaia *Crónica del descubrimiento* (1980), de Alejandro Paternain. Essa obra faz parte do *corpu*s mais restrito de análise da tese *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940)*: *dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem* (2921), de Ana Maria Klock. Nela, a autora comprova a manutenção da criticidade nessas escritas da terceira fase do romance histórico.

[176] Essas informações foram coletadas a partir das exposições orais do professor Fleck nas atividades de extensão vinculadas ao PELCA/PROEX-Unioeste/Cascavel-PR – Programa de Ensino de Literatura e Cultura – coordenadas por Fleck e ministradas, ao longo do ano de 2021, pelos integrantes do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização".

No Apêndice A, exposto nesta tese, podemos verificar como as teorias de Fleck sobre a existência de uma terceira fase na trajetória do romance, assim como a vasta escrita de romances híbridos dentro dos pressupostos de uma nova modalidade, têm se solidificado. São elas, em grande parte, que alicerçam este nosso estudo.

Confirmamos, pelos dados apresentados no Apêndice A, que, a partir do lançamento da obra *O romance histórico contemporâneo de mediação*: *entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção* (2017), de Fleck, uma série de estudos acadêmicos, no âmbito das pesquisas dos integrantes do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", comprovam a produção de uma considerável quantidade de obras, a partir da década de 1980, que se alinham aos pressupostos estabelecidos nos estudos de Fleck (2005; 2007; 2008; 2017; 2021). Essas teorias evidenciam a importância das obras da terceira fase – a crítica/mediadora – para a trajetória do gênero romance histórico na atualidade.

Destacamos, aqui, algumas das pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos contemporâneos de mediação, realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", que se voltam à figura da mulher, conforme apresentamos no **quadro 5**, abaixo:

Quadro 5 – Pesquisas sobre o estudo de romances históricos contemporâneos de mediação que se voltam à figura da mulher, no âmbito do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização"

Autor/Ano/Instituição	**Natureza/Título** **Corpus de análise**
Bruna Otani Ribeiro 2014/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2385	Dissertação: *Cativas, degregadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americana.*
	– *Lucía Miranda (1860*), Eduarda Mansilla (reeditado por María Rosa Lojo); – *Desmundo* (1996), Ana Miranda; – *Inés del alma mía* (2006), Isabel Allende.
Gislaine Gomes 2019/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4264	Dissertação: *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia Leuchtemberg (1999) – um romance histórico de mediação*.
	Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992), Ivanir Calado.
Beatrice Uber 2018/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471	Dissertação: *A inserção da mulher europeia na conquista do "Novo Mundo" – perspectivas literárias*.
	– *Desmundo* (1996), Ana Miranda;

	– *Bride of New France* (2013), Suzanne Desrochers.
Marina Luiza Rohde 2017/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3468	Dissertação: *Anita Garibaldi: de heroína à mulher - a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro*.
	– *I Am My Beloved*: The Life of Anita Garibaldi (1969), Lisa Sergio; – *A Guerrilheira* (1979), João Felício dos Santos; – *Anita cubierta de arena* (2003), Alicia Dujovne Ortiz.
Patricia de Oliveira 2019/UNIOESTE – Cascavel/PR http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690	Dissertação: *Entre mulheres, a história*: olhares literários sobre a colonização da América.
	– *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), Maria José Silveira.
Amanda Maria Elsner Matheus 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407	Dissertação: *Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura*.
	– *Columbus and Beatriz* (1892), Constance Goddard DuBois; – *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), Pedro Piqueras.
Beatrice Uber 2022/ UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6529	Tese: *As Órfãs da Rainha – The Jamestown Brides – Les Filles du Roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América*.
	– *Desmundo* (1996), de Ana Miranda; – *To have and to hold* ([1900] 2016), de Mary Johnston; – *Dear Canada: alone in an untamed land: the dilles du roi diary of Hélène St. Onge* (2003), de Maxine Trottier.
Marina Luísa Rohde 2022/ UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6530	Tese: *Manuela Sáenz: da história às ressignificações ficcionais – um percurso da colonialidade à descolonização e à decolonialidade*.
	– *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), de Alfonso Rumazo González; – *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), de Victor Wolfang Von Hagen; – *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), de Pamela S. Murray; – *Manuela* (1991 [2000]), de Luís Zúñiga; – *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), de Silvia Miguens.

OBS: Os romances destacados em negrito são considerados, pelos pesquisadores, exemplares da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, segundo os pressupostos teóricos de Fleck (2017).
Fonte: Elaborado pela autora, em 2024.

A grande maioria dessas mulheres pesquisadoras – autoras dessas dissertações e teses – seguem, atualmente, seus estudos de doutoramento, ou pós-doutoramento, vinculadas ao Grupo de Pesquisa mencionado. Aquém da importância

de pesquisas que reconfiguram a imagem da mulher, como os exemplos apontados no âmbito de nosso Grupo de Pesquisa, nenhuma delas, até hoje, centrou-se em personagens autóctones femininas. Isso reitera a crucial relevância de nossa tese, não apenas no cenário do Grupo, mas, também, a nível nacional e latino-americano.

É nesse contexto que se produziram, também, as obras contemporâneas que integram nosso *corpus* de análise. São essas as premissas hodiernas do romance histórico sob as quais a personagem Anacaona, e sua resistência e resiliência frente à invasão e domínio de suas terras e à subjugação e exploração de seu povo, está configurada na ficção do século XX e XXI. A sua posição de cacica, inconforme com as ações exploratórias e depredatórias, fez-se luta, embate bélico, enfrentamento de forças desiguais

As principais características dessa modalidade de romance histórico que surgiu no contexto do pós-*boom* da literatura latino-americana são apontadas na obra de Fleck (2017, p. 109-111) e as transcrevemos abaixo:

> **1- Uma releitura crítica verossímil do passado**: [...] para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas [...];
> **2- Uma narrativa linear do evento histórico recriado**: [...] não se deixa de manipular o tempo da narrativa, [...] tal manipulação temporal não se configura, contudo, em anacronias exageradas ou sobreposições de diferentes tempos históricos ou narrativos na tessitura do romance [...];
> **3- Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico**: [...] comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas "vistas de baixo" (Sharpe, 1992), pois privilegia visões a partir das margens, sem centrar-se nas grandes personagens da história [...];
> **4- Emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial**: [...]. As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência em ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito. [...];
> **5- Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas**: [...] aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia. [...];
> **6- Presença de recursos metaficcionais**: a utilização de esparsos recursos metanarrativos e metaficcionais, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, dá-se nessa modalidade sem que estes se constituam no sentido global do texto [...].

Essas peculiaridades nas produções híbridas da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação explicitam o seu caráter mediador entre as premissas das modalidades acríticas – evidentes em algumas das características

apontadas – e as especificidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, da segunda fase – a crítica/desconstrucionista –, também visíveis em certos traços apontados por Fleck (2017) como inerentes à terceira fase da trajetória do gênero.

O romance histórico de mediação pertence, portanto, à fase crítica da trajetória do gênero romance histórico, inserindo-se, como a segunda fase, no âmbito maior da nova narrativa latino-americana, porém, no contexto do pós-*boom*. Esses romances já não mais contemplam as características predominantes no novo romance histórico latino-americano ou na metaficção historiográfica (voltadas, principalmente à desconstrução de personagens heroicizadas e de discursos cristalizados na historiografia tradicional), conforme aponta Fleck (2017). A essência do romance histórico contemporâneo de mediação está na ação mediadora entre essas modalidades.

Tal especificidade se revela tanto na singeleza da estrutura – muito mais linear, sem sobreposições espaço-temporais concomitantes e multiperspectivismos, optando, geralmente, por um foco fixo que se volta às vivências dos sujeitos alijados do poder – quanto no emprego de estratégias escriturais. Estas congregam a paródia, a polifonia, a heteroglossia, a dialogia bakhtinianas às intertextualidades de Kristevá, (1969) e Genette (2007) – tomadas da segunda fase da trajetória –, e as imbricam com as descrições, com o uso acentuado do discurso direto pela expressão dos diálogos entre as personagens, com o emprego de uma linguagem que se aproxima muito, em termos léxico-semânticos, daquela corrente nos tempos hodiernos – recursos bastante comuns às modalidades acríticas da primeira fase da trajetória do romance histórico.

Todas essas transformações ocorridas no âmbito das escritas híbridas de história e ficção apresentam relação direta, também, com o modo como a sociedade, ao longo do tempo, recebeu a transformação da história em uma ciência habilitada a expressar assertivas sobre o passado. Na sequência deste estudo, direcionamo-nos a essa relação entre história e literatura.

3 ANACAONA – RESILIÊNCIA FEMININA À OCUPAÇÃO EUROPEIA NO CARIBE: RESSIGNIFICAÇÕES DA ATUAÇÃO AUTÓCTONE FEMININA NA COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Depois de havermos explorado, na primeira seção desta tese, as narrativas históricas de documentos como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495) de Cristóvão Colombo e os escritos do cronista Pietro Martire d'Anghiera (1530) e do frei Bartolomeu de Las Casas (1552), que fazem alguma alusão, ainda que mínima, à Anacaona – ou que não o fazem, mas tratam com extensão sobre os feitos de seu marido, Caonabó, como é o caso dos escritos de Colombo –, em diálogo com os estudos descolonizadores/decoloniais; e, na segunda seção, termos revisitado as teorias sobre a trajetória do gênero romance histórico, suas diferentes fases e modalidades e as relações com os paradigmas históricos, voltamo-nos, nesta parte do texto, aos diálogos necessários para este estudo sobre a participação da mulher em processos históricos. Estes foram, majoritariamente, liderados por homens – como as ações colonialistas desempenhadas por europeus nas Américas, as quais trouxeram consigo o apagamento de muitas figuras femininas que participaram, ativamente, das empreitadas rumo ao "Novo Mundo", como é o caso da autóctone Anacaona.

Apontamos, aqui, algumas investigações realizadas sobre essa temática, no contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", que apresentam constatações desse apagamento ao qual muitas mulheres foram submetidas no processo de expansão marítima e territorial europeia. Tais investigações abrangem, por um lado, o papel da mulher branca europeia, enviada ao "Novo Mundo" para ser esposa e mãe dos filhos legítimos dos colonizadores, para manter a hegemonia racial e religiosa no núcleo étnico europeu e, também, para servir a uma "purificação" da população que, indesejavelmente, estava se constituindo de um grande número de mestiços, considerados, pelo poder colonizador, como bastardos, aptos à escravização. Por outro lado, esses estudos

também, com menos ocorrências[177], voltam-se à presença e à sina da mulher africana escravizada no processo de colonização da América.

No rol de investigações do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", temos alguns exemplos de estudos voltados às representações femininas na época da colonização. Vejamos no **quadro 6**, destacado à continuação, para melhor situar a importância de nossa proposta de estudo, algumas das significativas pesquisas já realizadas no âmbito acadêmico brasileiro a fim de dar visibilidade às obras ficcionais que tratam da mulher no período da "conquista" e colonização da América:

Quadro 6 – Pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos que tratam da atuação da mulher na "conquista" e colonização da América

Autor/Ano/Instituição	**Natureza/Título** **Corpus de análise**
Bruna Otani Ribeiro 2014/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2385	Dissertação: *Cativas, degregadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americana*[178]*.*
	– *Lucía Miranda (1860*), Eduarda Mansilla (reeditado por María Rosa Lojo); – *Desmundo* (1996), Ana Miranda; – *Inés del alma mía* (2006), Isabel Allende.
Gracielle Marques 2016/Universidade Estadual Paulista (UNESP)-Assis/SP Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/143106	– Tese: A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de *Desmundo*, de Ana Miranda, e *Finisterre*, de María Rosa Lojo[179].
	– *Desmundo* (1996), de Ana Miranda; – *Finisterre* (2005), de María Rosa Lojo.

[177] Essa temática da inserção da mulher branca no processo de colonização da América pelos reinos europeus das metrópoles colonizadoras é profundamente estudada pela professora Beatrice Uber, pesquisadora do Grupo "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – via para a descolonização", integrando a sua dissertação *A inserção da mulher europeia na conquista do "Novo Mundo" – perspectivas literárias* (2017), defendida no âmbito do PPGL – Unioeste/Cascavel-PR, vinculada ao mencionado Grupo de Pesquisa. O estudo está disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471. Acesso em: 26 ago. 2024. Essa pesquisa foi ampliada em seu escopo de abrangência na tese: *As órfãs na Rainha – The Jamestown Brides – Les filles du Roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América,* também pela pesquisadora Beatrice Uber (2022).

[178] A dissertação de Otani (2014) está disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2385. Acesso em: 26 ago. 2024. A pesquisa traz à tona, em seu estudo, a diversidade de situações nas quais a participação da mulher na colonização da América mostrou-se relevante, com destaque às cativas, às degradadas e às aventureiras. Recomendamos a leitura desse texto para se conhecer a dimensão do papel da mulher nesse contexto de nosso passado.

[179] Pesquisa disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/143106. Acesso em: 7 maio 2023. Nessa tese, a pesquisadora Gracielle Marques realiza uma análise comparativa entre os romances *Desmundo* (1996), da escritora brasileira Ana Miranda, e *Finisterre* (2005), da escritora argentina María Rosa Lojo, para demonstrar como esses romances concebem a reconstrução das heroínas que outorgam às figuras da órfã e da cativa branca, por meio da revisão de episódios históricos traumáticos dos séculos XVI e XIX.

Leila Shaí Del Pozo Gonzáles 2017/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452	Dissertação: *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*. – *Xicoténcatl* (1826; 1999; 2013).
Beatrice Uber 2017/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471	Dissertação: *A inserção da mulher europeia na conquista do "Novo Mundo" – perspectivas literárias*[180]. – *Desmundo* (1996), Ana Miranda; – *Bride of New France* (2013), Suzanne Desrochers.
Tatiana Tonet 2018/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3677	– Dissertação: *Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais - El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende*[181]. – *El reino de este mundo* (1949), Alejo Carpentier; – *La isla bajo el mar* (2009), Isabel Allende.
Patricia de Oliveira 2019/UNIOESTE – Cascavel/PR http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690	Dissertação: *Entre mulheres, a história*: olhares literários sobre a colonização da América[182]. – *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), Maria José Silveira.
Adriana Aparecida Biancato 2019/UNIOESTE-Cascavel/PR Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4138	Dissertação: *A escrita híbrida de história e ficção de Maria Rosa Lojo: Amores insólitos de nuestra história (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados*[183].

[180] Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3471. Acesso em: 7 maio 2023. A pesquisadora Beatrice Uber apresenta, por meio da análise das obras *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *Bride of New France* (2013), de Suzanne Desrochers, como cada uma constrói uma representação simbólica desse processo de deslocamento, estranhamento e adaptação a uma nova realidade da mulher branca europeia no início da colonização brasileira, no século XVI, e na canadense, no século XVII, respectivamente, a partir do romance histórico.

[181] Texto disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3677. Acesso em: 26 ago. 2024. A pesquisadora Tatiana Tonet analisa, nesse estudo, a obra de Allende, *La isla bajo el mar* (2009), e dá ênfase à personagem metonímica Zarité, que, pela sua configuração, amalgama as vivências de muitas das mulheres africanas escravizadas na América. Recomendamos a leitura desse texto aos que buscam conhecer algumas possíveis situações enfrentadas por esse contingente no passado de nosso continente.

[182] Pesquisa disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690. Acesso em: 7 maio 2023. A pesquisadora Patricia de Oliveira apresenta uma análise do romance brasileiro *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira, com a intenção de demonstrar o modo peculiar como essa criticidade se manifesta no romance. A obra conta a história de uma família durante vinte gerações, com foco nas personagens femininas que representam o "olhar visto de baixo".

[183]Estudo disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4138. Acesso em: 7 maio 2023. Adriana Aparecida Biancato revela as possíveis ações da literatura frente ao silenciamento, em especial, da voz feminina nos relatos historiográficos, com ênfase às perspectivas do passado registradas nos anais da história e ressignificadas pela ficção, por meio da aproximação de uma série de contos históricos

	O *corpus* de análise volta-se a uma seleção dos contos da obra *Amores insólitos de nuestra história* (2001), de Maria Rosa Lojo: *"La historia que Ruy Díaz no escribió"* (p. 45-64); *"El Maestro y la Reina de las Amazonas*" (p. 127-145); *"Amar a un hombre feo"* (p. 191-213); *"Otra historia del Guerrero y de la Cautiva"* (p. 215-245).
Amanda Maria Elsner Matheus 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407	Dissertação: *Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura*[184].
	– *Columbus and Beatriz* (1892), Constance Goddard DuBois. – *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), Pedro Piqueras.
Beatrice Uber 2022/ UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6529	– Tese: *As Órfãs da Rainha – The Jamestown Brides* – *Les Filles du Roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América*[185].
	– *Desmundo* (1996), de Ana Miranda; – *To have and to hold* ([1900] 2016), de Mary Johnston; – *Dear Canada: alone in an untamed land: the dilles du roi diary of Hélène St. Onge* (2003), de Maxine Trottier.
Marina Luísa Rohde 2022/ UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6530	– Tese: *Manuela Sáenz: da história às ressignificações ficcionais – um percurso da colonialidade à descolonização e à decolonialidade*[186].
	– *Manuela Sáenz La Libertadora del Libertador* ([1944] 1978), de Alfonso Rumazo González; – *The Four Seasons of Manuela: The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar* ([1952] 1966), de Victor Wolfang Von Hagen;

selecionados da obra *Amores Insólitos de nuestra historia* (2001), de María Rosa Lojo, com os pressupostos teóricos mais recentes sobre o gênero romance histórico contemporâneo de mediação.

[184] Estudo disponível em http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407. Acesso em: 26 ago. 2024. Em sua investigação, Amanda Maria Elsner Matheus analisa a representação ficcional da companheira de Colombo, Beatriz Henríquez de Arana, em sua primeira configuração ficcional como protagonista, realizada no romantismo dos Estados Unidos, em 1892, e uma obra contemporânea espanhola, publicada em 2000, a fim de revelar o quanto a história ignora a participação feminina nos grandes eventos nela celebrados. Esse é um texto recomendado à leitura para quem busca conhecer os meandros nos quais se deram as situações que possibilitaram a viagem de Colombo em 1492 e a importância das mulheres nesse contexto.

[185] Pesquisa disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6529. Acesso em: 7 maio 2023. Neste estudo, Beatrice Uber analisa romances históricos relacionados à temática da inserção da mulher branca na América, por meio de informações disponíveis sobre os programas de casamento *As Órfãs da Rainha*, *The Jamestown Brides* e *Les Filles du Roi*, com a intenção de verificar como a literatura ressignifica essas ações colonialistas.

[186] Texto disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6530. Acesso em: 7 maio 2023. A autora dessa pesquisa analisa as ressignificações da figura de Manuela Sáenz (1795 – 1856) em três biografias, para evidenciar que a arte literária é o espaço em que, potencialmente, as personagens minimizadas pelo discurso histórico positivista são ressignificadas.

	– *For Glory and Bolívar: the remarkable life of Manuela Sáenz* (2008), de Pamela S. Murray; – *Manuela* (1991 [2000]), de Luís Zúñiga; – *La Gloria eres tú* ([2004] 2019), de Silvia Miguens.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2023.

Conforme se observa no **quadro 6**, acima exposto, as pesquisas acadêmicas voltadas às narrativas híbridas que abordam a atuação da mulher na colonização da América tiveram seus primeiros passos, no contexto brasileiro, muito recentemente. No contexto do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", apenas se iniciaram produções específicas nesse tema a partir de 2014.

As pesquisas encontradas sobre essa temática ocupam-se de romances históricos cujas personagens ressignificam a participação de europeias e africanas na colonização da América. Essas mulheres foram, assim como muitas autóctones americanas, apagadas ou diminuídas pelo discurso unívoco da história tradicional hegemônica europeia, em cujos registros manipulados não figuravam, ou não recebiam muita atenção, mulheres como as "órfãs da rainha", de Portugal, e as "filhas do rei", da França, e as "Jamestown Brides", da Inglaterra. Tais jovens europeias que, na sua localidade, já não eram consideradas aptas a contrair bons matrimônios, foram enviadas ao continente americano para, aqui, desposarem os colonos já estabelecidos e fortalecer a "conquista" desse território – com a permanência desses "desbravadores" no continente – ao servirem, assim, aos homens como uma boa esposa, mãe e dona do lar, como elucidado nas pesquisas de Uber (2017; 2022).

No entanto, nesse próprio Grupo de Pesquisa, encontramos apenas o estudo de Leila Shaí Del Pozo Gonzáles (2017), *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*[187], que se volta à participação da mulher nativa americana no processo de "conquista" da América. Isso demonstra o quanto as mulheres nativas seguem sendo excluídas tanto da configuração literária híbrida de

[187] Dissertação defendida em 2017, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR, vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". Esse estudo encontra-se disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452. Acesso em: 20 ago. 2024. Nele, encontramos um primoroso estudo sobre a primeira configuração literária da personagem de extração histórica Malinche e, também, da personagem metonímica Teutila, cuja figuração amalgama todas as mulheres autóctones que não se submeteram à subjugação dos espanhóis.

história e ficção quanto dos estudos acadêmicos que se dedicam ao exame das diferentes modalidades do romance histórico.

O estudo de Del Pozo Gonzáles (2017), desse modo, foi realizado na célula do Grupo que se volta à tradução e seus processos de prática e crítica tradutória. No entanto, nessa dissertação, faz-se um primoroso estudo do papel da nativa Malinche no processo de "conquista" do México pelo soldado espanhol Hernán Cortés – já que a obra analisada, *Xicoténcatl* (1826), em suas versões em língua espanhola (original), em língua inglesa (tradução de 1999) e língua portuguesa do Brasil (tradução experimental de 2013), é a primeira obra na qual essa importante nativa americana é ficcionalizada. Em *Xicoténcatl* (1826), *corpus* de estudo de Del Pozo Gonzáles, temos, também, a configuração da personagem Teutila (puramente ficcional), considerada, pela estudiosa, como personagem metonímica de todas as mulheres nativas que se posicionaram contra os procedimentos de invasão, aculturação, dominação, subjugação e escravização de seus povos.

De forma bastante evidente, esse foi o caso da nativa taína Anacaona, cuja existência histórica não pôde ser totalmente ocultada na vasta documentação que se produziu sobre a "conquista" da América, devido à dimensão de sua atuação, do mesmo modo como ocorreu com Malinche, na "conquista" do México. A representação ficcional de ambas as personagens é, contudo, muito distinta: enquanto Malinche tornou-se uma das figuras mais exploradas na literatura – tanto hispano-americana como fora dela – e nas outras artes – pintura, escultura, cinema, música –, a saga de Anacaona ainda não tem esse alcance.

É na literatura que essas figuras femininas encontram espaço para serem representadas e ressignificadas, por meio de narrativas híbridas que amalgamam o material histórico ao ficcional e apresentam releituras críticas de acontecimentos do passado e da participação da mulher nesse processo histórico. Esse espaço representacional das figuras femininas silenciadas ou minimizadas pela historiografia ganha projeção, de fato, quando essas obras híbridas de história e ficção – romances históricos – encontram acolhida no âmbito das instituições de Ensino Superior e, ali, transformam-se em objetos de estudos.

Um dos estudos apresentados no **quadro 6** é a dissertação de Bruna Otani Ribeiro (2014), *Cativas, degredadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-*

americana[188]. Nessa pesquisa, a autora apresenta uma análise comparativa envolvendo três narrativas de extração histórica: *Lucía Miranda* (1860), de Eduarda Mansilla, reeditado por María Rosa Lojo, *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *Inés del Alma Mía* (2006), de Isabel Allende. A investigação avalia em que medida o texto ficcional se aproxima ou se distancia de textos históricos oficiais e qual seria a relevância desses romances, levando em consideração a participação das mulheres vindas da Europa no período de colonização e "conquista" das terras do "Novo Mundo", mesmo sendo elas consideradas, durante esse momento histórico, inferiores aos homens.

De acordo com Ribeiro (2014), as narrativas híbridas que ficcionalizam a figura dessas mulheres, a partir de uma releitura crítica do passado, revelam a presença de mulheres europeias cativas, degradadas e aventureiras, cuja atuação no processo de "conquista" da América é, frequentemente, omitida pelo discurso tradicional hegemônico da história, o qual prefere destacar a participação masculina nesse processo.

O estudo de Gracielle Marques (2016), *A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda, e Finisterre, de María Rosa Lojo*[189], também é relevante para nossa pesquisa. Em sua tese, Marques (2016) demonstra como tais romances se assemelham na maneira como concebem a reconstrução das heroínas, por meio da revisão de episódios históricos traumáticos entre os séculos XVI e XIX, que apresentam as figuras da órfã e da cativa branca como um ideal do que, futuramente, seriam as modernas nações latino-americanas.

Outro estudo que ressaltamos, aqui, é a dissertação de Beatrice Uber (2017), *A inserção da mulher europeia na conquista do 'Novo Mundo' – perspectivas*

[188] A investigação completa de Bruna Otani Ribeiro, *Cativas, degredadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americana,* encontra-se disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471. Acesso em: 8 nov. 2021. A dissertação foi defendida em 2014, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR, e, à época, estava vinculada ao Projeto de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" que, mais tarde, originou o Grupo de pesquisa que hoje congrega esses estudos.

[189] A tese de Gracielle Marques, *A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda, e Finisterre, de María Rosa Lojo*, encontra-se disponível em: http://hdl.handle.net/11449/143106. Acesso em: 9 nov. 2021. A tese foi defendida em 2016, no contexto da Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Assis (SP).

literárias[190], que propõe reflexões e análises com relação à inserção da mulher europeia no "Novo Mundo". Para isso, a pesquisadora mostra, por meio da análise das obras *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *Bride of New France* (2013), de Suzanne Desrochers, como cada romance constrói uma representação simbólica desse processo de deslocamento, estranhamento e adaptação a uma nova realidade da mulher branca europeia no início da colonização brasileira, no século XVI, e na canadense, no século XVII, respectivamente, sob a égide do romance histórico.

Segundo Uber (2017), desde os primeiros registros sobre o processo de colonização da América, a mulher foi considerada inferior e submissa ao homem pela visão judaico-cristã e eurofalocêntrica presente no discurso da historiografia tradicional, apesar de ter tido um papel crucial na garantia da permanência dos colonizadores nesses territórios. À mulher, era designado, pela ideologia imposta pela Igreja, o papel de cuidadora do lar, esposa e mãe, o que reforçou o posicionamento patriarcal das metrópoles colonizadoras que estavam no poder.

Podemos relacionar tais atribuições socialmente impostas às mulheres nessas sociedades patriarcais com o que Silvia Federici, em sua obra *Calibã e a Bruxa* (2017), afirma: "[...] mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão" (Federici, 2017, p. 28).

Assim como Federici (2017) aponta essas imposições da sociedade patriarcal à mulher, na dissertação *Entre mulheres, a história: olhares literários sobre a colonização da América*[191], Patrícia de Oliveira (2019) apresenta a análise da obra *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira, cujo foco está

[190] Recomendamos a leitura da dissertação de Beatrice Uber, intitulada *A inserção da mulher europeia na "conquista" do 'Novo Mundo' – perspectivas literárias*, defendida em 2017, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR. Esse estudo, assim como o nosso, está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". A dissertação encontra-se disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471. Acesso em: 26 ago. 2024.

[191] O texto de Patricia de Oliveira, defendido em 2019, como dissertação, no contexto do PPGL – Unioeste/Cascavel-PR, estava, à época, vinculado ao Projeto de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", coordenado pelo Prof. Gilmei Francisco Fleck, que, mais tarde, originou o Grupo de Pesquisa que hoje congrega esses estudos. O texto encontra-se disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690. Acesso em: 25 ago. 2024. Nessa dissertação, a autora retoma a importância da oralidade na cultura latino-americana, em especial na brasileira, ao analisar a voz enunciadora da obra de Maria José Silveira (2002). Essa se configura como uma "contadora de histórias", ao transmitir, via oralidade, às descendentes da família, a saga vivida pelas mulheres que a antecederam.

nas mulheres que representam o “olhar visto de baixo”, ou seja, daquelas que foram apagadas nos registros oficiais, como o primeiro Código Civil, de 1916, o qual promulgava a incapacidade judicial das mulheres casadas, sempre subjugadas a uma figura masculina, seja o marido ou o pai; e também a Carta Outorgada do Império (1824) e a Primeira Constituição da República (1891), documentos que vetavam o poder de voto às mulheres.

A dissertação de Tatiana Pereira Tonet, *Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais – El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende*[192], elabora uma análise comparada de releituras da Revolução Haitiana (1791-1804) no escopo literário hispano-americano. Segundo Tonet (2018), a obra de Isabel Allende (2009) reescreve a história sobre a Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804) e apresenta uma escrava como protagonista da diegese. A autora explica que, diferentemente da obra de Alejo Carpentier (1949), “o protagonismo é encenado por uma mulher, que aparece na obra como uma metonímia de todo esse contingente de mulheres que sofreram a exploração e os abusos de poder da época” (Tonet, 2018, p. 70).

A dissertação de Adriana Aparecida Biancato, *A escrita híbrida de história e ficção de Maria Rosa Lojo: Amores insólitos de nuestra história (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados*[193], também se insere no repertório de pesquisas sobre a atuação da mulher no processo de colonização da América. Biancato (2018) evidencia, em releituras do passado de María Rosa Lojo (2001), reações da literatura perante o silenciamento, principalmente, da voz feminina em relatos historiográficos sobre a “conquista”, povoação e administração da América. Os contos analisados pela pesquisadora nos trazem protagonistas de amores insólitos, representativos da própria identidade argentina, que privilegiam as vozes excluídas pela história hegemônica.

---

[192] Recomendamos a leitura da dissertação de Tatiana Pereira Tonet, intitulada *Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais – El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende*, defendida em 2018, no contexto do PPGL, da Unioeste/Cascavel-PR. Esse estudo encontra-se disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3677?mode=full. Acesso em: 8 out. 2024.

[193] A dissertação de Biancato (2018) seleciona alguns dos episódios/contos da coletânea de prosa curta de María Rosa Lojo (2001) e, além de destacar a atuação feminina nos episódios históricos ressignificados pela contística de Lojo, busca aproximar essa escrita híbrida de história e ficção feminina hodierna com os pressupostos teóricos sobre a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (2017). Recomendamos a leitura dessa dissertação que se encontra disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4138. Acesso em: 26 ago. 2024.

Os estudos aqui apresentados são alguns dos exemplos de pesquisas que têm, cada vez mais, evidenciado o apagamento do papel da mulher na história da América Latina. É nesse sentido que Silvia Federici (2017, p. 28) compreende a "mulher" não somente como "uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas". Essa é uma das perspectivas postas à margem, muitas vezes silenciada e ocultada dos registros, mas que, sem dúvidas, está sendo privilegiada pela modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação.

Em nenhum desses estudos o foco centra-se na atuação das mulheres integrantes das comunidades originárias da América frente à invasão espanhola. Isso revela a importância do nosso olhar ao passado do povo taíno, às ações da cacica Anacaona e ao seu trágico desfecho. Nesse sentido, o estudo aqui proposto faz-se, também, meio de reterritorializar o espaço imaginário das comunidades latino-americanas na construção de suas identidades e no cultivo de uma memória coletiva que contemple as ações de resistência e luta dos povos originários contra a invasão territorial, a aculturação e a escravização implementadas no território americano pelas metrópoles colonizadoras europeias.

Na ilha de Guanahaní, à época dos primeiros confrontos entre habitantes originários e os viajantes europeus, viviam comunidades que, a princípio, receberam com entusiasmo os recém-chegados marinheiros comandados por Colombo, em 1492, mas que, à medida que se deram conta das intenções de exploração e subjugação que tais sujeitos representavam, rebelaram-se e se enfrentaram com eles para a manutenção de suas propriedades e de seu modo de vida. Do mesmo modo, neste estudo, ressaltamos o ressurgimento, na literatura do século XX e XXI, de narrativas sobre as ações resilientes dessa personagem, com ressignificações de sua atitude de liderança, de enfrentamento e de coragem.

Buscamos, assim, evidenciar, como se configuram as ressignificações ficcionais do passado colonial americano na ficção, por meio da análise de obras romanescas que dão protagonismo à nativa Anacaona. Para tanto, dedicamo-nos à leitura dos seguintes romances históricos: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana; *Anacaona y las tormentas* (1994), escrito em língua espanhola, por Luis Dario Bernal Pinilla, autor colombiano; *Anacaona, golden*

flower (2015), de Edwidge Danticat, autora haitiana, escrito em língua inglesa; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), por Jordi Díez Rojas, espanhol, residente na República Dominicana, escrito em língua espanhola. Essas obras, produzidas para o público adulto, contudo, são, também, possíveis de leitura para jovens adolescentes em processo de formação leitora, pois, nelas, não identificamos os procedimentos de experimentalismos linguísticos e formais da modalidade desconstrucionista do gênero, o que torna sua linguagem acessível também ao público mais jovem.

Essas escritas híbridas que aqui reunimos – que contemplam um período que vai do século XIX até o final do século XX e início do século XXI – são oriundas de uma longa tradição que, em tempos longínquos, já conviveu pacífica e harmoniosamente com os registros da história e, em outros tempos passados, passou por períodos de enfrentamentos e estabelecimentos claros de fronteiras para, hoje, vivenciar um diálogo de aproximações e complementações. Dessa maneira, revela-se, também, o potencial crítico das obras inseridas na terceira fase da trajetória do gênero romance histórico.

3.1 REPRESENTAÇÕES DE ANACAONA NO UNIVERSO FICCIONAL IBEROAMERICANO: DA MEMÓRIA COLETIVA EXALTADORA DA “CONQUISTA” À RESILIÊNCIA DA DECOLONIALIDADE

Após apontarmos e explorarmos outras pesquisas que ressignificam vozes e imagens de mulheres no processo de colonização da América, como os estudos apresentados no **quadro 6**, exposto na subseção anterior, partimos, nesta divisão do texto, para as representações da figura à qual nos voltamos em nossa pesquisa: a autóctone taína Anacaona e sua representatividade de poder feminino, símbolo de resistência perante a colonização masculina que ocupou os territórios americanos em nome das monarquias europeias dos séculos XV e XVI

Segundo Rouse (1992), a população taína estimada, que residia em Guanahaní/“*La Española*” antes da chegada dos colonizadores europeus, era de 100 mil a um milhão de pessoas. Tais estimativas, porém, variam muito – de algumas centenas até 8 milhões. Segundo Klock (2021), essa destruição dos povos taínos do

Caribe é um dos exemplos do esquecimento imputado pela conquista, que exclui, dos registros oficializados, a visão desses nativos, que também participaram dos eventos do período da colonização da América, mas dos quais não dispomos de referentes discursivos ou orais registrados, porque essas comunidades ainda eram ágrafas à época, e o sistema de perpetuação da memória pelos rituais da oralidade que esses povos mantinham viu-se profundamente afetado pelo massacre das diferentes etnias que compunham o variado universo populacional da América dos tempos anteriores à chegada dos colonizadores europeus.

Um dos principais responsáveis pelo etnocídio do povo taíno foi o governador frei Nicolás de Ovando, que, durante seus anos de comando – de 1502 a 1509 –, dizimou várias comunidades nativas de Guanahaní/"*La Española*" com sua "grande armada colonizadora". Segundo Caballos (1996), Ovando foi considerado responsável direto pelo etnocídio dos taínos de Guanahaní/"*La Española*", inclusive pelo massacre das comunidades de Higüey e Xaraguá. Como já expomos, mas vale a pena lembrar aqui, o grupo étnico chefiado por Anacaona foi massacrado por Diego Velazquez, a mando de Nicolás de Ovando, segundo registros como os de López de Gómara (1552), provavelmente no começo do ano 1503, conforme aponta Vallejo (2015).

A autóctone Anacaona representa um símbolo de resiliência, de bravura, de coragem e determinação feminina do povo taíno, pois, por resistir aos impulsos da colonização que estavam dissipando sua etnia, foi executada, condenada ao enforcamento por insurgência e rebeldia. Isso ocorreu em sua tentativa de defender seu povo dos massacres impetrados pelos "conquistadores" espanhóis, desde a chegada de Cristóvão Colombo ao continente americano, em 1492.

É no universo literário que a memória coletiva taína encontra espaço para ser ressignificada diante desse apagamento histórico ao qual foi submetida. Para termos uma mínima ideia dos projetos estéticos literários contemporâneos, além de um que se reporta à escrita do século XIX, que têm buscado resgatar do esquecimento e da ocultação essas ações da cacica taína, apresentamos, no **quadro 7**, abaixo exposto, obras que revisitam a história da líder Anacaona. Três dessas obras estabelecem uma narrativa híbrida contemporânea crítica, que reforça a representatividade da cultura taína na história da América Latina. Essas são representações que se direcionam em um movimento contrário aos intentos dos registros oficiais sobre a história da América.

O romance de Orellana (1860) apresenta um viés acrítico sobre a história dessa autóctone. Anacaona é ficcionalizada como personagem de extração histórica na diegese das seguintes obras:

Quadro 7 – Romances históricos nos quais a cacica taína Anacaona é configurada como personagem de extração histórica

Nome da obra	**Autora/ autor**	**Nacionalidade da autora/do autor**	**Ano e local de publicação**	**Idioma**
Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)	Francisco José Orellana	Espanhol	1860, Barcelona/ Espanha	Língua espanhola
Anacaona y las tormentas	Luis Dario Bernal Pinilla	Colombiano	1994, Estados Unidos	Língua espanhola
Anacaona, golden flower	Edwidge Danticat	Haitiana	2015, Estados Unidos	Língua inglesa
Anacaona: la última princesa del Caribe	Jordi Díez Rojas*	Espanhol	2017, Estados Unidos	Língua espanhola

*Autor de nacionalidade espanhola, porém residente da República Dominicana.
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme apresentado no **quadro 7**, a publicação ficcional mais antiga por nós encontrada, que alude à representação romanesca de Anacaona como personagem de extração histórica da diegese, foi a obra escrita em1860, por Francisco José Orellana. Tal obra espanhola, pela cronologia da trajetória do romance histórico estabelecida por Fleck (2017), foi produzida no período romântico, quando apenas as modalidades acríticas da primeira fase da trajetória haviam gerado recorrências escriturais que nos possibilitam estabelecer uma modalidade de escrita híbrida. A abordagem a essa produção do século XIX, adiante feita, possibilita a verificação dessa recorrência ou, também, a possibilidade de estarmos diante de uma obra que tenha sido exceção em sua época.

No século XX, é a obra de 1994, *Anacaona y las tormentas*, escrita pelo colombiano Luis Dario Bernal Pinilla, que traz de volta ao âmbito literário essa personagem. Já a obra mais recente que dá protagonismo à cacica taína foi publicada em 2017, *Anacaona: la última princesa del Caribe*, do autor espanhol Jordi Díez Rojas, cuja residência está fixada na República Dominicana.

A única obra que encontramos anterior à de Pinilla (1994), que apresenta Anacaona como personagem da diegese, foi *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*, publicada em 1860, por Francisco José Orellana. Verificamos que foi apenas no final do século XX que as ressignificações das atuações de enfrentamento

da líder taína perante as invasões hispânicas receberam maior atenção por parte de literatos oriundos de diferentes nacionalidades, pois encontramos três obras publicadas entre 1994 e 2017, que reescrevem a história dessa cacica a partir de um tecido ficcional híbrido. Todos esses escritores, contudo, publicam suas obras no espaço editorial dos Estados Unidos da América. Esses motivos podem explicar por que obras sobre a personagem não constam entre os estudos sobre a "Poética do 'descobrimento'" da América, que destacamos no **quadro 7**[194].

Consideramos, para a análise das obras ficcionais do nosso *corpus*, os preceitos da literatura comparada, a qual, segundo Carvalhal[195] (2006), caracteriza uma investigação literária que confronta duas ou mais literaturas, engloba diferentes metodologias e objetos de análise, o que concede um vasto campo de atuação a essa área de estudos. Não existe uma única orientação metodológica a ser seguida, pois o método não antecede à análise, mas, sim, dela decorre. A autora afirma, ainda, que "literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de 'comparação'" (Carvalhal, 2006, p. 7), e que o investigador compara não pelo procedimento em si, mas porque a comparação, como recurso analítico e interpretativo, torna possível uma investigação adequada em um estudo literário. Ou seja, a comparação caracteriza um meio, e não um fim.

De acordo com Coutinho (2004), várias correntes teórico-críticas influenciaram a literatura comparada, como o estruturalismo, a semiologia, a desconstrução e a nova história. Graças a isso, o comparatismo alcançou sua dimensão atual, que dispõe de múltiplos caminhos pelos quais dialoga com a obra literária, e tem reformulado seus cânones de maneira constante. É nessa fase do comparatismo que a América Latina começa a ter um papel mais significativo. A prática de comparar autores, obras e movimentos literários já existia no continente, mas isso se dava com uma base de referências unilateral, dentro de um sistema hierarquizado, no qual o texto fonte ou primário era tomado como referente para a comparação e alocado em uma posição

[194] É possível que existam, ainda, outras obras que ficcionalizam a figura de Anacaona de maneira significativa na literatura. Selecionamos, em nossa tese, aquelas às quais tivemos acesso e que se destacam pela representatividade que oferecem à personagem em questão. Estudos futuros sobre o tema podem incorporar outras narrativas híbridas, além destas que apresentamos.

[195] A primeira edição da obra *Literatura Comparada*, de Tania Franco Carvalhal, é de 1943. Utilizamos, em nossa pesquisa, a quarta edição.

de superioridade, enquanto o outro texto assumia a posição de devedor, em um papel secundário. Nas palavras do autor,

> […] *siempre que este método era empleado en el estudio de la Literatura Latinoamericana el texto fuente era una obra europea, o, más recientemente, norteamericana, y la situación de desigualdad proveniente del proceso se explicitaba de inmediato. El resultado era la acentuación de la dependencia y la confirmación incontestable del estado de colonialismo cultural aún dominante en el continente*[196] (Coutinho, 2004, p. 246).

Coutinho (2004) reforça que não é suficiente inverter esses valores tradicionais para superar seu caráter etnocêntrico, pois o referente nesse processo continua sendo o elemento europeu, e enfatiza a necessidade de desconstruir esse modelo e desestruturar tal hierarquia. É nesse sentido que destacamos a importância de análises comparativas como as que apresentamos nesta tese, que propõem um projeto decolonial a partir de comparações entre textos de extração histórica e ficcional, cuja intenção é visibilizar figuras históricas que foram previamente ocultadas ou marginalizadas pelo discurso historiográfico tradicional, como a cacica Anacaona e seu povo.

Apresentamos, nas divisões propostas nesta subseção, a análise dessas obras e, para isso, amparamo-nos nas teorias referentes ao romance histórico, nos estudos decoloniais, bem como nas teorias literárias que se voltam à narratologia, além das análises dos documentos que aludem à cacica, apresentados na primeira seção desta tese. Buscamos suporte à leitura efetuada desse universo ficcional que ressignifica as ações de Anacaona, ainda, na pesquisa de Catharina V. de Vallejo, materializada em sua obra *Anacaona: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización* (2015).

Passamos, na sequência de nosso texto, à exposição da análise do romance histórico mais antigo encontrado, que ficcionaliza Anacaona como personagem da diegese, escrito em 1860, pelo espanhol Francisco José Orellana.

---

[196] Nossa tradução: sempre que este método era utilizado no estudo da Literatura Latino-Americana, o texto fonte era uma obra europeia, ou, mais recentemente, norte-americana, e a situação de desigualdade decorrente do processo era imediatamente explicitada. O resultado era a acentuação da dependência e a confirmação incontestável do estado de colonialismo cultural ainda dominante no continente (Coutinho, 2004, p. 246).

3.1.1 *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana: enfrentamentos, desavenças e heroísmos na "conquista" da América

Apresentamos, neste tópico, a análise de uma obra da literatura espanhola de 1860: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*, de Francisco José Orellana. Rahola e Estasén (1892) informam que Orellana nasceu em Albuñol, na região de Alpujarra, uma parte histórica da Espanha, entre as províncias de Granada e Almería. Orellana estudou jurisprudência e humanidades em Granada e era companheiro de Fernández y González, Alarcón, Valera, alguns escritores românticos destinados a grande renome nas letras espanholas, todos com ideias inovadoras para exaltar a imaginação dos jovens e dos impressionáveis.

Orellana foi sargento e escrivão na *Capitanía General de Granada*. Passou a maior parte de sua vida na Catalunha, onde trabalhou para o *Instituto Industrial*, escrevendo relatórios e artigos sobre questões industriais para o governo. Em 1867, escreveu o texto "*Demostraciones de la verdad de la Balanza mercantil y causa principal del malestar económico de España*[197]" (Rahola; Estasén, 1892, p. 80), no qual tratava da questão econômica espanhola e explicava que "*no fué* [...] *la abudancia del oro de América lo que destruyó la industria española, y con ella todo su antiguo poderío: fue, sí, primero el abandono de esa misma industria para ir en busca del oro, y la destrucción completa de ella después, por habernos dado á consumir con él productos extranjeros*[198]" (Rahola; Estasén, 1892, p. 81).

O registro de Orellana, autor da obra que analisamos, reforça a análise de Grosfoguel (2006) sobre a expansão colonial europeia desde um ponto de vista

[197] Nossa tradução: Demonstrações da verdade sobre a Balança Mercantil e a principal causa do mal-estar econômico de Espanha. (Rahola; Estasén, 1892, p. 80). Rahola e Estasén (1892) mencionam, em nota, a referência desse trabalho: "*Véase Demostraciones de la verdad de la Balanza Mercantil y causa principal del malestar económico de España por D. Francisco José Orellana—Barcelona, Establecimiento tipográfico de Ramírez, 1867, folleto de 128 páginas. Indudablemente es esta una de las obras más notables de Orellana*" (Rahola; Estasén, 1892, p. 118). Nossa tradução: Ver Demonstrações da verdade da Balança Mercantil e a principal causa do mal-estar econômico em Espanha, de D. Francisco José Orellana – Barcelona, estabelecimento tipográfico Ramírez, 1867, panfleto de 128 páginas. Esta é, sem dúvida, uma das obras mais notáveis de Orellana (Rahola; Estasén, 1892, p. 118).

[198] Nossa tradução: Não foi [...] a abundância de ouro da América que destruiu a indústria espanhola, e com ela todo o seu antigo poder: foi, sim, primeiro o abandono dessa mesma indústria para ir em busca de ouro, e a destruição total disso depois, por nos ter permitido consumir produtos estrangeiros com ele (Rahola; Estasén, 1892, p. 81).

eurocêntrico, origem do que hoje chamamos de sistema mundo capitalista, desenvolvido pela disputa entre impérios da Europa, pois

> [...] o processo colonial inicial projetado para "modernizar", cristianizar e civilizar o mundo, transformou-se no último quartel do século 20 em um processo que objetivava "mercadizar" o mundo, e não mais civilizá-lo ou cristianizá-lo. Nesse domínio global, a colonialidade continua a ser uma silenciosa e anônima força motriz de modernização e de mercado (Mignolo, 2003, p. 300).

Segundo Grosfoguel (2006), esse sistema econômico é guiado pela lógica de obter lucros e de acumular capital em escala global, de forma a privilegiar as relações econômicas sobre as relações sociais. Como resultado, as relações de produção são modificadas e uma nova estrutura social típica do capitalismo é instaurada. A partir dessa premissa, o teórico levanta o seguinte questionamento epistemológico: *"¿cómo se ve el sistema mundo si movemos el locus de enunciación del hombre europeo a una mujer indígena en América, a, digamos, Rigoberta Menchú, en Guatemala, o a Domitila, en Bolivia?*[199]" (Grosfoguel, 2006, p. 24). Sem a pretensão de falar no lugar dessas mulheres autóctones ou de representar seu ponto de vista, o pesquisador propõe deslocar o lugar desde o qual pensamos esses paradigmas e implica que não foi apenas um sistema econômico de capital e trabalho que chegou à América no final do século XV, mas, sim, uma estrutura imbricada de poder muito mais complexa do que sua perspectiva econômica reducionista do sistema mundo. Nas palavras do estudioso,

> […] *desde la ubicación estructural de una mujer indígena en América lo que llegó fue un sistema mundo más complejo que el descrito por los paradigmas de la economía política y el análisis del sistema mundo. Un hombre europeo/ capitalista/ militar/ cristiano/ patriarcal/ blanco/ heterosexual llegó a América y estableció en el tiempo y el espacio de manera simultánea varias jerarquías globales imbricadas* […][200] (Grosfoguel, 2006, p. 25).

[199] Nossa tradução: Como será o sistema mundial se mudarmos o *locus* de enunciação do homem europeu para uma mulher indígena na América, para, digamos, Rigoberta Menchú, na Guatemala, ou para Domitila, na Bolívia? (Grosfoguel, 2006, p. 24).

[200] Nossa tradução: Da localização estrutural de uma mulher indígena na América, o que chegou foi um sistema mundial mais complexo do que aquele descrito pelos paradigmas da economia política e da análise do sistema mundial. Um homem europeu/ capitalista/ militar/ cristão/ patriarcal/ branco/ heterossexual chegou à América e estabeleceu, simultaneamente, no tempo e no espaço, várias hierarquias globais interligadas [...] (Grosfoguel, 2006, p. 25).

As reflexões de Grosfoguel (2006) perante o sistema econômico capitalista são representadas, já no século XIX, nas palavras do escritor e economista Orellana sobre o expansionismo da indústria espanhola, quando este menciona "*la abudancia del oro de América*[201]" e "*el abandono de esa misma industria para ir en busca del oro*[202]" (Rahola; Estasén, 1892, p. 81). Essa incessável busca pelo acúmulo de capital impulsionou a soberania do homem europeu/ capitalista/ militar/ cristão/ patriarcal/ branco/ heterossexual sobre qualquer antítese ao seu perfil social, como as mulheres nativas do continente americano, pertencentes a uma organização social com sua própria cultura, religião, costumes e relações interpessoais. O que aconteceu na história da colonização da América foi um embate ideológico que levou, majoritariamente, ao massacre de uma nação sobre a outra.

Quando nos referimos a esse embate ideológico, levamos em consideração os estudos de Chauí (2008) sobre o conceito de ideologia. Com base nas premissas dos filósofos Marx e Engels, a autora define ideologia como um fenômeno objetivo e subjetivo, produzido involuntariamente pelas condições sociais de cada indivíduo. Ou seja, quando a relação entre o sujeito e sua classe é de submissão às condições de vida em que se encontra, esse indivíduo não consegue se enxergar como criador de sua própria classe. A realidade de uma classe é advinda da atividade dos sujeitos que a ela pertencem. A classe passa a ser, então, um fato, algo que domina. Uma exemplificação desse conceito é a ideologia burguesa, que compreende uma classe social como uma ideia ou objeto científico, tornando-a um fato ao invés de um resultado das atividades humanas. Dessa ideologia burguesa, resultam ideias que comprovam a alienação do sujeito perante esse conceito, como a crença de que as pessoas pertencem a uma determinada classe social por uma questão de natureza ou de desejo próprio, assim como a noção de que a vida social fornece a todas as pessoas o mesmo direito de trabalhar, ocultando o fato de que aqueles que trabalham sem serem donos de seu trabalho não possuem as mesmas "chances de melhorar" em suas vidas, pois isso depende daqueles que possuem, de fato, os meios e as condições de trabalho.

---

[201] Nossa tradução: [...] a abundância de ouro da América [...] (Rahola; Estasén, 1892, p. 81).

[202] Nossa tradução: [...] o abandono dessa mesma indústria para ir em busca de ouro [...] (Rahola; Estasén, 1892, p. 81).

Chauí (2008) continua explanando que, quando forças políticas, religiosas, culturais, etc., são colocadas como forças históricas motrizes, todo o processo histórico é invertido, uma vez que os "acontecimentos históricos posteriores são convertidos na 'finalidade' da história anterior" (Chauí, 2008, p. 77). A autora cita, como exemplo, o acontecimento da "descoberta" da América, explicado como algo que auxiliou o surgimento da Revolução Francesa. É dessa maneira, portanto, que a ideologia burguesa tenta explicar a história a partir da ideia de progresso, algo que, teoricamente, levaria a humanidade a uma evolução, mas que, na realidade, serve para manter o *status quo*. A ideologia consiste, portanto, em um dos instrumentos de dominação de classe, utilizado por aqueles que possuem o poder para continuar garantindo seu controle, de forma que os dominados não tenham consciência do funcionamento desse sistema. Isso, ao longo da colonização da América, representou uma estratégia utilizada pelos detentores do poder, pois, nada mais eficiente nesse sistema do que promover a ideia que "*consiste en hacer que sujetos socialmente ubicados en el lado oprimido de la diferencia colonial, piensen sistemáticamente como los que se encuentran en las posiciones dominantes*[203]" (Grosfoguel, 2006, p. 22).

A ideologia, segundo Chauí (2008), é a suposição de que essas ideias existem e sempre existiram por si próprias. Uma das condições de sua persistência é a alienação da sociedade sobre sistemas como o da luta de classes, assim como a crença de que essas condições de existência social provêm de forças alheias às dos próprios sujeitos, que estão fora de seu controle, como deuses, a natureza, a razão, o estado, o destino, etc. Nas palavras de Chauí (2008, p. 80), "portanto, enquanto a teoria não mostrar o significado da prática imediata dos homens, enquanto a experiência comum de vida for mantida sem crítica e sem pensamento, a ideologia se manterá". A ideologia é, nesse sentido, resultado da luta de classes, e sua função é esconder a própria existência dessa luta.

Após apresentarmos, brevemente, o contexto biográfico e ideológico do autor da obra, Francisco José Orellana, voltamo-nos, neste momento, à diegese e às nossas análises de *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*[204], escrita em 1860, na

[203] Nossa tradução: [...] consiste em fazer com que sujeitos socialmente localizados no lado oprimido da diferença colonial, pensem, sistematicamente, como aqueles que se encontram nas posições dominantes (Grosfoguel, 2006, p. 22).

[204] Ao selecionarmos os excertos dessa obra para nosso estudo, cuidamos para manter, neles, a mesma grafia utilizada pelo autor, na edição de 1860, sem neles intervir para promover adaptações à

Espanha. A obra está dividida em quatro livros, cada um com um número diferente de capítulos. O primeiro livro é chamado "*El Señor de la Casa Dorada*[205]" e contém 21 capítulos. No primeiro capítulo, "*Una espedicion á las montañas de Cibao*[206]", o relato tem início na "[...] *isla de Haiti, llamada Hispaniola, ó Española por Cristóbal Colon*[207] [...]" (Orellana, 1860, p. 5), mais especificamente nas montanhas de Cibao, "[...] *famosas algun tempo por sus riquezas minerales, y objeto de codiciosas exploraciones para los primeiros europeos que las visitaron*[208]" (Orellana, 1860, p. 6). Os primeiros excertos da diegese já nos apresentam a contextualização da busca europeia pelo cobiçado ouro na América, na mesma região que Las Casas registra em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552): "*Y todos los ríos que vienen de la una sierra* […] *son riquísimos de oro, en la cual sierra o sierras se contiene la provincia de Cibao, donde se dicen las minas de Cibao, de donde sale aquel señalado y subido en quilates oro que por aquí tiene gran fama*[209]" (Torrejón, [1552] 2011, p. 24).

Esse registro historiográfico da incessante busca pelo ouro, pelas riquezas exploradas pelos europeus em outros continentes, reflete uma das forças motrizes da forma como essa nação colocou-se perante as comunidades não europeias, assumindo a importância de obter essas riquezas acima do custo de quaisquer outras vidas. É esse o sentido de "capitalismo" ao qual Grosfoguel (2006) refere-se quando explica que, quando usamos esse termo, automaticamente pensamos em economia. Porém, essa denominação refere-se a apenas um dos valores imbricados ao padrão colonial do poder de "*sistema mundial europeo moderno/colonial capitalista/patriarcal*[210]" (Grosfoguel, 2006, p. 28), o qual é, de fato, importante, mas

---

gramaticidade hodierna, pois, cremos que nossos leitores devem contatar a obra tal qual ela foi produzida em sua temporalidade específica.

[205] Nossa tradução: O Senhor da Casa Dourada.

[206] Nossa tradução: Uma expedição às montanhas de Cibao.

[207] Nossa tradução: [...] ilha do Haiti, chamada *Hispaniola*, ou Española por Cristóvão Colombo [...]. (Orellana, 1860, p. 5).

[208] Nossa tradução: [...] outrora famosas pelas suas riquezas minerais e objetos de explorações laboriosas pelos primeiros europeus que as visitaram (Orellana, 1860, p. 6).

[209] Nossa tradução: E todos os rios que vêm de uma serra […] são extremamente ricos em ouro, nesta serra ou serras está contida a província de Cibao, conhecida como as minas de Cibao, onde são encontrados e carregados quilates de ouro que têm grande fama por aqui (Torrejón, [1552] 2011, p. 24).

[210] Nossa tradução: moderno sistema mundial europeu/colonial capitalista/patriarcal (Grosfoguel, 2006, p. 28).

não é o único. Segundo o autor, romper apenas com os aspectos capitalistas do sistema mundo não seria suficiente para transformar o sistema mundo atual. Para isso, seria necessário destruir toda a totalidade heterogênea histórico-estrutural chamada "*patrón colonial del poder*[211]" (Grosfoguel, 2006, p. 28).

Na sequência da diegese, a voz narrativa contextualiza o espaço-tempo no qual os acontecimentos romanescos desenvolvem-se, como podemos observar no excerto destacado a seguir:

> *A principios del año 1494, es decir, uno despues de aquel en que los españoles pusieron la planta por primera vez en la isla de Haiti, los floridos valles de Cibao estaban poblados por multitud de aldeas indianas, en las que residia una tribu guerrera y numerosa. Compuesta en su mayoría de gentes originarias de aquella pacífica isla, era gobernada y regida, sin embargo, por el fiero cacique Caonabó, caribe de nacimiento y sanguinario por naturaleza* […][212] (Orellana, 1860, p. 6).

O relato ficcional de Orellana (1860) contextualiza a primeira viagem dos navegantes espanhóis ao solo americano, no ano de 1493, e a segunda, em 1494, diferentemente do referencial teórico da historiografia tradicional, que aponta os anos de 1492 e 1493 como as primeiras viagens de Cristóvão Colombo à ilha originalmente denominada Guanahaní/"*La Española*" pelos nativos taínos. O nome nativo originário da ilha, Guanahaní, não é registrado em nenhum momento na obra. A nomenclatura "*Española*" – imposta pela situacionalidade da colonização – é a escolha lexical que marca a posição linguística da voz narrativa. Essa preferência epistemológica demarca um posicionamento aculturador e dominante sobre o passado e a colonização da América, pois não estabelece qualquer tipo de processo de caráter decolonial. Ao invés disso, tal posição corrobora e reforça os ditames da história oficial europeia e apaga a memória dos povos erradicados de suas terras, aqueles que, originalmente, viviam em Guanahaní.

O cacique Caonabó é ficcionalizado em consonância com os registros historiográficos do marinheiro Colombo, conforme vemos em seus escritos

---

[211] Nossa tradução: padrão colonial de poder (Grosfoguel, 2006, p. 28).

[212] Nossa tradução: No início do ano de 1494, ou seja, um ano após o ano em que os espanhóis chegaram pela primeira vez na ilha do Haiti, os vales floridos de Cibao eram povoados por uma infinidade de aldeias indígenas, nas quais residia uma numerosa tribo guerreira. Composta, em sua maioria, por pessoas oriundas daquela pacífica ilha, era governada e regida, porém, pelo feroz cacique Caonabó, caribenho de nascimento e sanguinário por natureza (Orellana, 1860, p. 6).

compilados na obra de Varela (1997, p. 256): "[...] *Cacique que llaman Caonabo, que es ombre, según relación de todos, muy malo y muy más atrevido*[213] […]". Caonabó representava uma ameaça tão grande ao avanço dos intentos colonialistas, que Colombo pediu aos reis católicos sua permissão para o prender e o levar à Espanha como prisioneiro, com a justificativa de que havia sido ele o culpado pela morte dos homens que haviam ficado no forte *La Navidad*, ação revelada na viagem de regresso de Colombo ao continente europeu.

O romance continua descrevendo Caonabó como uma figura a ser temida e que tinha o domínio de todos os demais caciques da ilha. Se alguém ousasse faltar-lhe com o respeito, seria dizimado por esse cacique. A voz narrativa apresenta, então, dois personagens: Miguel Diaz e Alonso de Ojeda, conforme expomos no diálogo entre os dois:

> *– Pluguiera á Dios, señor Miguel Diaz, iba diciendo el jefe, que el bárbaro Caonabó se incomodase y nos saliese al encuentro: pocos somos, y á lo que veo, innumerables los vasallos del rey caribe; pero en la Santa Vírgen mi patrona confio, que habríamos de llevarle á la presencia del almirante, atado de pies y manos.*
> *– Mejor fuera llevarle arrastrando desde aquí á la colonia, respondió Diaz; y aun así no pagaba los bárbaros asesinatos que ha cometido en nuestros paisanos del fuerte de la Navidad.*
> *– Yo le prometo que los ha de pagar caros, repuso el jefe. Cuarenta y nueve son las víctimas sacrificadas por el maldito pagano; pero yo le aseguro volverle ciento por uno, que no he de ser menos generoso*[214] (Orellana, 1860, p. 7).

A ficcionalização de Orellana apresenta-nos o mesmo relato de Cristóvão Colombo – uma renarrativização do passado registrada na historiografia tradicional, como aponta Fleck (2017), inerente à modalidade tradicional do romance histórico – quando acusa o cacique de Cibao de matar os estrangeiros que haviam ficado na ilha,

---

[213] Nossa tradução: [...] daquele Cacique que chamam de Caonabó, que é homem, segundo relato de todos, muito mau e muito mais ousado [...] (Varela, 1997, p. 256).

[214] Nossa tradução: – Agradaria a Deus, senhor Miguel Díaz, dizia o chefe, que o bárbaro Caonabó se incomodasse e viesse ao nosso encontro: somos poucos e, pelo que vejo, os vassalos do rei caribenho são inumeráveis; mas confio na Virgem Santa, minha padroeira, que teríamos que levá-lo à presença do almirante, de pés e mãos amarrados (Orellana, 1860, p. 7).

– Seria melhor arrastá-lo daqui para a colônia, respondeu Diaz; e, mesmo assim, não pagaria pelos bárbaros assassinatos que cometeu contra os nossos compatriotas do Forte de *la Navidad*.

– Eu prometo que ele terá que pagar caro, respondeu o chefe. Quarenta e nove são as vítimas sacrificadas pelo maldito pagão; mas garanto-lhe que lhe retribuirei cem vezes mais, pois não serei menos generoso (Orellana, 1860, p. 7).

conforme registra em seu *Diário*: "[...] *allende lo que yo digo <que> en él consiste <todo> lo de la isla, mató a .20. christianos el primero viaje durmiendo seguros en sus propias casas por roballos*[215] […]" (Varela, 1997, p. 316). Destoante ao registro do navegante espanhol, o romance de Orellana (1860) apresenta o montante de 49 vítimas do suposto ataque comandado pelo cacique. Já o pesquisador Báez (2009, p. 58) explica que, com o plano de submeter essa comunidade taína,

> [...] *Colombo dejó a treinta y nueve hombres en la isla durante su primer viaje, que cometieron todo tipo de excesos y al final perecieron, y emprendió su segundo viaje confiado en conseguir oro con mil doscientos o mil quinientos hombres de los más variados oficios, y colocó a sus hermanos en la administración*[216] […].

Assim como Báez (2009), Varela (1997, p. 316) também aponta o montante de 39 homens: "*Los puntos de vista de Colón sobre la muerte de los 39 españoles que dejó en la Navidad cambian con el tiempo y sus conveniencias*[217]". Os registros do *Diário* de Colombo, que acusam Caonabó como responsável por essas mortes, foram algumas das manipulações de informações que se fizeram visíveis na historiografia oficializada da colonização espanhola no Caribe, conforme pontua Varela (1997). Em um primeiro momento, Colombo explica que a morte dos 20 homens que haviam ficado em *La Navidad* aconteceu por desavenças entre eles mesmos e por afogamento; posteriormente, no entanto, Caonabó é acusado pela morte desses 20 espanhóis. No universo ficcional da obra analisada, temos uma quantidade de mortes ainda maior, pelas quais Caonabó também é culpabilizado. Nessas alianças entre ficção e história que se concretizam as premissas que Fleck (2017) estabelece como motivações do romance histórico tradicional: exaltar, pela arte literária, os fatos do passado, consignados nos registros oficializados, e ampliar, pelos recursos da ficção,

---

[215] Nossa tradução: [...] além de eu ter afirmado <que> nele se concentra <todo> o poder da ilha, ele matou vinte cristãos da primeira viagem, que estavam dormindo, seguros, em suas próprias casas, para lhes roubar (Varela, 1997, p. 316).

[216] Nossa tradução: [...] Colombo deixou, na ilha, trinta e nove homens em sua primeira viagem, os quais cometeram todo tipo de excessos e, no final, pereceram, e empreendeu a segunda viagem confiante em obter ouro, com mil e duzentos ou mil e quinhentos homens dos mais variados ofícios, e colocou os seus irmãos na administração [...] (Báez, 2009, p. 58).

[217] Nossa tradução: A opinião de Colombo sobre a morte dos 39 espanhóis que deixou para trás em *La Navidad* muda com o tempo e com as suas conveniências (Varela, 1997, p. 316).

os efeitos desse discurso para construir imagens a serem imitadas e preservadas na memória coletiva dos povos.

Da mesma maneira que outras personagens já apresentadas, Alonso de Ojeda é uma figura de extração histórica. Em *Historia de las Indias* ([1875] 1957), Las Casas relata que Alonso de Ojeda foi quem capturou Caonabó para que ele fosse enviado à rainha Isabel, em Castela: "*Hojeda fue también el que por maña y cautela o por manera illícita prendió y trujo a la Isabela preso al rey Caonabo*[218] [...]" (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 151). Miguel Díaz, também de extração histórica, acompanhou Cristóvão Colombo em sua segunda viagem à América. De acordo com a *Real Academia de la Historia*[219], Díaz casou-se com a filha de um cacique da ilha de Guanahaní/"*La Española*" e foi nomeado comandante do forte de *Santo Domingo*, por Colombo. Quando Francisco Bobadilla destituiu Colombo como governador, Miguel Díaz foi deportado para a Espanha. Fez um acordo com a corte e foi nomeado governador de Porto Rico, em 1512, pelo, então, rei da Espanha.

A voz narrativa da obra de Orellana (1860) é, com base nos preceitos de Genette (2007)[220], heterodiegética e construída em um nível extradiegético, ou seja, o narrador não participa dos acontecimentos que narra. Como demonstrado no excerto previamente analisado, os diálogos são apresentados pela voz narrativa a partir de um discurso relatado, no qual se utilizam transcrições diretas das falas de cada personagem. Com relação ao modo narrativo, ainda conforme Genette (2007), a diegese estabelece uma perspectiva de focalização zero[221], na qual o narrador está

[218] Nossa tradução: Foi também Ojeda, com manha e cautela, ou por via ilícita, que prendeu e trouxe à Isabela o rei Caonabó [...] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 151).

[219] Disponível em: https://dbe.rah.es/biografias/94417/miguel-diaz. Acesso em: 5 out. 2023.

[220] O nível diegético, dimensão da voz definida por Genette (2007), pode ser: a) extradiegético: o narrador não participa da história que narra; b) intradiegético: o narrador é, também, uma personagem da história; c) metadiegético: um narrador introduz uma personagem que se torna o narrador de outra história dentro da diegese. A pessoa narrativa, também uma dimensão da voz, pode ser: a) heterodiegética: narra a história, mas sem fazer parte dela; b) homodiegética: narra a história a partir de uma voz intradiegética, ou seja, de uma personagem; c) autodiegética: quando o narrador conta sua própria história dentro da diegese, como uma personagem.

[221] De acordo com Genette (2007), dentro da dimensão do modo da narrativa, a perspectiva – ou seja, o ponto de vista da narrativa – pode apresentar três diferentes tipos de focalização: a) focalização zero, na qual o narrador tem conhecimento dos sentimentos e pensamentos das personagens; b) focalização externa, quando o narrador não dispõe do conhecimento sobre os sentimentos das personagens; c) focalização interna, na qual o narrador apresenta-se como uma das personagens. A focalização interna pode ser: fixa, que dificilmente abandona seu ponto de vista; variável, na qual diferentes personagens assumem o papel de narrador ao longo do texto; ou, ainda, múltipla, quando um mesmo acontecimento é narrado por diferentes personagens.

consciente dos sentimentos e pensamentos das personagens. Podemos identificar essa característica no excerto apresentado a seguir, que descreve os sentimentos dos exploradores ao chegar em Guanahaní/"*La Española*", com a expectativa de obter muito ouro de maneira fácil, e a imaginação dos grandes feitos que teriam no "Novo Mundo":

> *Colon acababa de llegar á la Española con diez y siete naves unos dos mil hombres de todas clases y condiciones* […] *todos animados de las mas lisonjeras esperanzas, y creyendo que iban a recoger el oro á manos llenas y sin trabajo en aquella tierra de promisión:* […] *también soñaban en la gloria de grandes hazañas, porque su imaginación les representaba el país recién-**descubierto** como un vasto teatro de aventuras caballerescas* […]*. Habian ido también algunos religiosos para cuidar de los intereses espirituales de la colonia y de la **conversión** de los indios á la fé católica*[222] (Orellana, 1860, p. 8, grifo nosso).

Destacamos, nesse trecho, as palavras "*descubierto*" e "*conversión*", que refletem o caráter acrítico da obra, característico de narrativas históricas que intentam exaltar o discurso histórico hegemônico tradicional, o qual descreve a chegada dos europeus à América como a "descoberta" desse continente e o denomina como o "Novo Mundo". Tais usos intencionais da linguagem serviram como ferramentas exitosas para manipular o domínio dos impérios sobre essas sociedades "descobertas", "conquistadas", "convertidas". Segundo Fleck (2017), em romances acríticos como este, pertencentes à primeira fase da trajetória do romance histórico, a ficção é amalgamada à história para exaltar o passado e os sujeitos já consagrados pela historiografia. Além disso, nessas narrativas, não se estabelece qualquer tipo de reflexão crítica acerca das consequências trágicas das ações de figuras históricas como a de Cristóvão Colombo, Alonso de Ojeda, Miguel Díaz e os demais colonizadores europeus perante os nativos americanos; pelo contrário, suas ações são mostradas como exemplos de bravura, de coragem e de heroísmo a serem seguidos pelos leitores hodiernos.

---

[222] Nossa tradução: Colombo acabava de chegar à Española com dezessete navios, cerca de dois mil homens de todas as classes e condições [...] todos animados pelas mais lisonjeiras esperanças, e acreditando que iriam encher suas mãos com ouro sem esforço naquela terra de promessas: […] sonhavam também com a glória dos grandes feitos, porque sua imaginação lhes apresentava o país recém-**descoberto** como um vasto teatro de aventuras cavalheirescas […]. Alguns religiosos também haviam ido para cuidar dos interesses espirituais da colônia e da **conversão** dos índios à fé católica (Orellana, 1860, p. 8, grifos nossos).

Sobre os intentos de conversão forçada às crenças religiosas impostas pelos europeus a esses nativos, Báez (2009) explica que eclesiásticos como o frei Ramón Paner, sob o comando de Colombo, viajaram à América para aprender os costumes e a língua dos taínos. Segundo Báez (2009, p. 59), Paner

> […] *redactó el primer libro de un europeo en las tierras recién descubiertas titulado Relación acerca de las antigüedades de los indios, cuyo original se perdió y fue sospechosamente transcrito por Hernando Colón. Esa obra, en particular, revela datos chocantes de la cultura que tiempo después fue aniquilada*[223].

Chamamos a atenção para o registro de Báez (2009) sobre a destruição do escrito original de Paner e a sua transcrição "suspeita" por Hernando Colombo, filho de Cristóvão Colombo. As comunidades taínas foram submetidas a massacres físicos, pelos quais os colonizadores europeus dizimaram sua população, e, também, a massacres culturais, pelos quais suas memórias identitárias foram, majoritariamente, destruídas, perdidas, apagadas. Esse foi um dos esforços colonialistas concretizados pelas campanhas de conversão da fé desses povos. Em *Relación acerca de las antigüedades de los índios*[224] ([1498] 1974), Ramón Paner escreveu sobre a "*extirpación de idolatrias*[225]" contra os taínos. Paner conta que os cemíes, estátuas de pedra ou madeira, faziam parte dos símbolos espirituais dessa sociedade. Os taínos acreditavam que as árvores se comunicavam com os humanos e pediam para serem entalhadas com determinada forma de ídolo ou diabo. Tinham a crença de que as imagens feitas de pedra ajudavam as mulheres grávidas a parir seus bebês. Outros cemíes eram creditados por fazerem a mandioca crescer na terra. Segundo Báez

---

[223] Nossa tradução: [...] escreveu o primeiro livro de um europeu nas terras recém-descobertas intitulado *Relação sobre as Antiguidades dos Índios*, cujo original perdeu-se e foi suspeitosamente transcrito por Hernando Colón. Essa obra, em particular, revela dados chocantes sobre a cultura que foi aniquilada algum tempo depois (Báez, 2009, p. 59).

[224] Obra recompilada por José Ruam Arrom, com os registros do frei Ramón Paner: "*Compuesta en la isla Española en los primeros días de la conquista, es la única fuente directa que nos queda sobre los mitos y ceremonias de los primitivos moradores de las Antillas. Si se tiene en cuenta que se terminó de redactar hacia 1498, su importancia trasciende los límites insulares: resulta, por su fecha de composición, el primer libro escrito en el Nuevo Mundo en un idioma europeo*" (Arrom, 1974, p. 1). Nossa tradução: Composta na ilha *La Española* nos primeiros dias da "conquista", é a única fonte direta que nos resta sobre os mitos e as cerimônias dos primitivos habitantes das Antilhas. Se tivermos em conta que foi concluída por volta de 1498, a sua importância transcende os limites insulares: é, pela data de sua composição, o primeiro livro escrito no Novo Mundo em língua europeia (Arrom, 1974, p. 1).

[225] Nossa tradução: destruição de idolatrias (Báez, 2009, p. 59).

(2009, p. 59-60), com base nos escritos de Paner, "*este animismo, por supuesto, fue combatido y se quemó vivos a todos los adoradores de tal religión*[226]".

De maneira antagônica aos romances históricos críticos, na obra de Orellana, há o empenho de exaltar e glorificar, constantemente, a personagem Cristóvão Colombo. Como quando descreve a fundação do forte *La Isabela* e nomeia outras localidades como *San Salvador*, *Fernandina*, *Puerto del Príncipe*, *Jardines de la Reina*, *Guadalupe*, etc., conforme evidencia o trecho destacado a seguir:

> *Y aquí es de notar una circunstancia, mil veces repetida, que revela el espíritu noble y generoso, al par que la modestia, del gran marino.* [...] *en los innumerables puntos que exploro y en los establecimientos á que dió ser, jamás empleó su nombre como memoria de lo que era obra sua: los que daba á aquellos lugares recuerdan solo sus afecciones religiosas ó personales, ó los objetos dignos de su gratitud.* […] *siempre, siempre aparecen los objetos de su veneración o agradecimiento; nunca, en ninguna parte el nombre de Colon. Así hasta la region por él descubierta lleva el nombre de otro genovés, que solo siguió sus huellas; el de Américo Vespuccio*[227] (Orellana, 1860, p. 9).

Notamos a acriticidade da obra analisada em torno da figura de Colombo, exaltado, a princípio, também pela historiografia oficial europeia, como o "descobridor" da América. Esse artifício funcionou como uma ferramenta expansionista para o império, para enfatizar os domínios tomados pelas nações europeias em suas colônias e, ainda, para ocultar parte dos feitos desses homens nos territórios alheios. Segundo Báez (2009, p. 57-58), "*lo que iba a suceder en el resto del Nuevo Mundo fue experimentado inicialmente con una crueldad ilimitada e inagotable en la pequeña y replegada isla que Cristóbal Colón bautizó con el nombre de La Española o Hispaniola, residencia natural de los taínos, una tribu tan particular que hasta su*

[226] Nossa tradução: Este animismo, certamente, foi combatido e todos os adoradores daquela religião foram queimados vivos (Báez, 2009, p. 59-60).

[227] Nossa tradução: E aqui vale a pena notar um padrão, mil vezes repetido, que revela o espírito nobre e generoso, bem como a modéstia, do grande marinheiro. [...] nos inúmeros pontos que explorou e nos estabelecimentos que fundou, nunca usou seu nome como lembrança do que foi seu trabalho: os nomes que dava para esses lugares lembram apenas de seus afetos religiosos ou pessoais, ou os objetos dignos de sua gratidão. […] sempre, sempre aparecem os objetos de sua veneração ou gratidão; nunca, em lugar nenhum, o nome de Colombo. Assim, mesmo a região por ele descoberta leva o nome de outro genovês, que apenas seguiu seus passos; a de Américo Vespúcio (Orellana, 1860, p. 9).

nombre significaba 'bueno' en su lengua[228]". O mito do bom selvagem, ainda segundo Báez (2009), surgiu de relatos como os de Pietro Martire d'Anghiera (o autor refere-se a ele pelo nome em castelhano, Pedro Mártir de Anglería), designado primeiro cronista oficial das "Índias", nos quais descrevia os taínos como um povo pacífico, satisfeito com aquilo que a natureza lhes fornecia e, portanto, sem qualquer cobiça por riquezas como ouro. Essa idealização dos taínos fascinou os europeus; "*no obstante, eso no impidió que los primeros hombres secuestrados de América Latina fueran taínos y que fueran sometidos casi a la extinción*[229]" (Báez, 2009, p. 58).

A primeira menção à personagem Anacaona no romance de Orellana (1860) acontece quando ela se encontra com Ojeda. Sua figura é descrita da seguinte maneira:

> *Era una mujer de regular estatura, casi blanca, de talle cimbrador y formas voluptuosas: venia medio envuelta en un manto de algodón de anchos cuadros blancos y azules: se adornaba con brazaletes de oro y con un lindo collar de conchas rojas y amarillas abrillantadas, y en su cabeza, de un perfil correcto, aunque de tipo indio, llevaba por todo ornado dos hermosas flores recién cogidas, una blanca y otra roja, entrelazadas con sus cabellos artísticamente trenzados*[230] (Orellana, 1860, p. 13).

Entre as primeiras características enfatizadas na representação ficcional de Anacaona na obra de Orellana (1860) está a sua beleza. Assim como Vallejo (2015) comenta, os poucos registros historiográficos existentes sobre essa cacica também enfatizam, em um processo de 500 anos de criação de ideologizações em torno de sua figura, sua beleza, além das funções de esposa, mãe, rainha e poeta. Chamamos a atenção ao discurso que efetiva a descrição da personagem como "quase branca", no trecho apresentado. Essa é uma tentativa de aproximá-la às personagens

[228] Nossa tradução: O que iria acontecer no resto do Novo Mundo foi, inicialmente, vivido com crueldade ilimitada e inesgotável na pequena e recuada ilha que Cristóvão Colombo batizou com o nome de *La Española* ou *Hispaniola*, residência natural dos Taínos, uma tribo tão particular que até seu nome significava 'bom' em sua língua (Báez, 2009, p. 57-58).

[229] Nossa tradução: No entanto, isso não impediu que os primeiros homens sequestrados na América Latina fossem taínos e fossem submetidos à quase extinção (Báez, 2009, p. 58).

[230] Nossa tradução: Era uma mulher de estatura mediana, quase branca, de cintura ondulada e formato voluptuoso: estava meio envolta em um manto de algodão com largos quadrados brancos e azuis: estava adornada com pulseiras de ouro e um lindo colar de conchas vermelhas e amarelas polidas e, na cabeça, de forma correta, embora como indígena, estava enfeitada com duas lindas flores recentemente colhidas, uma branca e outra vermelha, entrelaçadas com seus cabelos artisticamente trançados (Orellana, 1860, p. 13).

masculinas espanholas provenientes do território europeu, porque a obra, em certa medida, busca promover a exaltação das qualidades da cacica, sendo estratégica a sua descrição assemelhada ao universo europeu, destacando-se, também, nesse sentindo, o comentário do narrador quando menciona "*de un perfil correcto, aunque de tipo indio"* (Orellana, 1860, p. 13). Esse discurso ajusta-se à intencionalidade do romance tradicional de Orellana de transformar a cacica em uma especial colaboradora dos propósitos espanhóis.

Anacaona é descrita pelo narrador, que assume ideologicamente os preceitos europeus e seus valores, como uma pessoa muito bem apresentável, sem deixar, no entanto, de observar que se tratava de alguém nobre, "embora como indígena". Essa restrição é, pois, empregada para diminuir sua identificação cultural frente a seu próprio povo e, ao mesmo tempo, reduzi-la diante da superioridade europeia. Ela, na ficção de Orellana (1860), torna-se uma nativa diferente, mais semelhante aos modelos europeus, muito bem apresentável, quase branca, fato que favorece ao narrador na sua intencionalidade de a retratar como possível aliada dos europeus. Da maneira como a voz narrativa nos apresenta a personagem, os atributos da cultura dos colonizadores europeus são exaltados – quando atribuídos parcialmente à personagem feminina – e os da cultura autóctone, depreciados – quando se ressalta a etnia e a cultura próprias da protagonista.

Essa apresentação acontece quando a personagem se encontra com Ojeda, enquanto este dormia em uma rede. Anacaona aproxima-se dele com cautela, contempla-o por alguns minutos e "*con la misma suavidade que reinaba en todas sus acciones*[231]" (Orellana, 1860, p. 13), desperta-o. As primeiras palavras da taína são: *"– Español, amiga yo*[232]" (Orellana, 1860, p. 13), e continua em língua haitiana, talvez por não conhecer outras palavras espanholas: "– *Yo amo á los blancos y no quiero su muerte: vengo á salvarte á tí y á los tuyos, porque soy agradecida*[233]*"* (Orellana, 1860, p. 13). As primeiras palavras da personagem complementam sua descrição inicial na diegese: uma mulher submissa aos homens europeus colonizadores, uma nativa que

[231] Nossa tradução: [...] com a mesma suavidade que imperava em todas as suas ações [...] (Orellana, 1860, p. 13).

[232] Nossa tradução: – Espanhol, amiga eu (Orellana, 1860, p. 13).

[233] Nossa tradução: Amo os brancos e não quero a morte deles: venho salvar a você e aos seus, porque lhes sou grata (Orellana, 1860, p. 13).

se identifica mais com os atributos europeus, superiores, do que com os autóctones, inferiores. Além de os amar e de os cuidar, é, ainda, muito agradecida a eles.

Essa construção ideológica em torno da figura feminina é uma das representações à qual o feminismo decolonial se opõe. Segundo Vergès (2020), os feminismos de política decolonial apoiam-se na longa história de luta das mulheres e de suas antepassadas, figuras autóctones durante a colonização, reduzidas à escravidão, negras, racializadas e que lutam, diariamente, até os dias de hoje. Essa construção ficcional de Anacaona, de 1860, reforça uma realidade do século XIX existente até a atualidade, na qual "o complexo racismo/sexismo/etnicismo impregna todas as relações de dominação" (Vergès, 2020, p. 30).

Na ficção de Orellana (1860), a personagem Ojeda conseguia compreender a língua do Haiti, mas não conseguia comunicar-se usando-a. Ele a aprendeu com um dos indígenas batizados em Barcelona, chamado Diego Colon, seu nome de batismo, para contribuir na conversão de outros selvagens. Isso ocorria com todos os nativos batizados pelos espanhóis ou portugueses na América ou mesmo na Europa que, por esse ato cristão – o batismo –, recebiam nomes também europeus/cristãos, fato que reforçava seu aculturamento. Por isso, Ojeda conseguia compreender Anacaona. Essa explicação serve para que se mantenha, assim, a verossimilhança do relato ficcional, já que as personagens interagem sendo de culturas e línguas diferentes. Tal verossimilhança é fundamental, conforme aponta Fleck (2017), na construção do discurso romanesco híbrido da modalidade do romance histórico tradicional.

Na sequência de sua conversa com a taína, a personagem pergunta-lhe: *"– Cómo es posible que tú, mujer de las montañas, y acaso amiga del sanguinario Caonabó, seas tambien amiga de los españoles?*[234]" (Orellana, 1860, p. 14). Anacaona contesta-lhe, explicando-lhe que ela é a esposa favorita de Caonabó, mas que estava sendo honesta com o espanhol, pedindo-lhe para que a seguisse. Ojeda confia na "*bella Flor de Oro (tal era el significado de su nombre)*[235]" (Orellana, 1860, p. 14), segura sua mão, amistosamente, e a segue.

No início do capítulo II, a voz narrativa apresenta a personagem taína novamente como "*Anacaona ó Flor de Oro, (como mas plazca al lector, pues de*

[234] Nossa tradução: Como é possível que você, mulher das montanhas e, por acaso, amiga do sanguinário Caonabó, seja também amiga dos espanhóis? (Orellana, 1860, p. 14).

[235] Nossa tradução: linda Flor de Ouro (tal era o significado do nome dela) (Orellana, 1860, p. 14).

ambos modos habremos de llamarla en esta Historia)[236]" (Orellana, 1860, p. 16). Há, neste momento, a primeira utilização de recursos de metanarração no relato. Fludernik (2009) explica que "*metanarrative statements fulfil a wide variety of functions, most of them hardly noticeable as the phrases are so short*[237] [...]" e podem ocorrer com um simples verbo, "contei". Essa estratégia escritural serve para romper a ilusão da realidade, chamando a atenção do leitor para a figura do narrador e sua função de mediador dos eventos. O diálogo do narrador com seu narratário, ou seja, a metanarração, nasce junto ao romance e, com o tempo, tornou-se uma estratégia tão recorrente e potencial que gerou uma modalidade própria de expressão híbrida de história e ficção: a metaficção historiográfica, na qual o uso dos recursos metanarrativos e metaficcionais é a base mesmo da escrita. Sobre o emprego dessa estratégia, os comentários de Malin Stromberg (2017, p. 91-92) parecem-nos esclarecedores:

> […] *that is not to say, that the introduction of a metaficcional comment in a narrative automatically destroys the aesthetic illusion, especially when they occupy a marginal position in the text. The illusion-breaking potential of both metaficcional and metanarrative commentary can be measured according to their frequency of occurrence, structural position, and their subject matter*[238].

O emprego dessa estratégia por Orellana (1860) reflete o conhecimento do escritor a respeito dos meios disponíveis à criação de um discurso ficcional envolvente e entrelaçado com seus leitores, mas, como aponta a autora, tal uso, nesse romance de 1860, não chega, de fato, a romper com a "ilusão estética", pois prevalece, ao longo da tessitura narrativa, a construção da verossimilhança. No seu relato, a personagem taína leva Ojeda, na sequência das ações, a outro lugar, onde não poderiam ser ouvidos, pois arriscava sua própria vida ao compactuar com o espanhol.

---

[236] Nossa tradução: Anacaona ou Flor Dourada, (como prefira o leitor, pois iremos chamá-la das duas formas nesta história)

[237] Nossa tradução: Afirmações metanarrativas cumprem uma ampla variedade de funções, a maioria delas quase imperceptíveis, pois as frases são muito curtas [...] (Fludernik, 2009, p. 61).

[238] Nossa tradução: […] isso não quer dizer que a introdução de um comentário metanarracional ou metaficcional automaticamente destrua a ilusão estética da obra, especialmente quando eles ocupam uma posição marginal na obra. O potencial de rompimento da ilusão estética [da possível relação entre a realidade com a ficção] por ambos os recursos – o comentário metaficcional e o comentário metanarrativo – pode ser medido de acordo com a frequência de sua ocorrência, a sua posição estrutural e a matéria de seus comentários (Stromberg, 2017, p. 91-92).

Anacaona conta-lhe, então, que seu marido, Caonabó, havia jurado que não descansaria até exterminar o último homem branco na ilha. Ojeda responde à ameaça: "– *Pues mucho há de hacer para cumplir su juramento* […] *porque él no sabe, que los blancos son inumerables como las estrellas del cielo, y mas fuertes que las rocas de estas montañas*[239]" (Orellana, 1860, p. 17). Anacaona revela a Ojeda seus anseios com relação ao próprio marido: "– *Lo sé, bello turey, continuó diciendo Flor-de-oro: mi espíritu ha medido desde el principio toda la estension de vuestro poder y gradeza, y el zemí de mi raza me ha dicho en sueños, que la obcecación de Caonabó traerá sobre la noble Haiti todas las calamidades del cielo*[240]" (Orellana, 1860, p. 17).

Essa culpabilidade de Caonabó pelas desgraças dos povos da ilha, alocada na voz da própria esposa Anacaona, resulta em um ardiloso discurso ficcional em prol da retórica da modernidade/civilidade que a colonização pregava. Ela continua explicando-lhe que já havia tentado convencer seu esposo a estabelecer a paz com os brancos. Nessa parte da narrativa, há duas construções ficcionais: a primeira delas é a edificação das personagens "descobridoras", europeias, homens e brancas, representadas, metaforicamente, como tão numerosas como as estrelas do céu e mais fortes que as próprias montanhas; a segunda construção é a ideologização de Anacaona como uma figura pacificadora, que buscou estabelecer a paz desde os primeiros contatos travados com os colonizadores, bem como a culpabilidade de todas as calamidades ocorridas com os nativos, lançada sobre a figura de seu marido, Caonabó.

Assim como Vallejo (2015) aponta em sua pesquisa sobre as ideologizações da figura de Anacaona, uma das construções imaginárias (ou mitos) em torno dessa mulher taína é a de pacificadora, que tentou estabelecer relações amigáveis com os colonizadores. Essa imagem favorece a idealização da cacica, mesmo no discurso colonialista, em detrimento da depravação da figura de seu marido, o guerreiro Caonabó que, assim, inclusive, edifica-se nesse discurso como alheio às súplicas de sua esposa, tornando-se, dessa maneira, o típico "bode-expiatório" dos colonizadores.

---

[239] Nossa tradução: – Pois ele terá que se esforçar muito para cumprir seu juramento [...] porque ele não sabe que os brancos são incontáveis como as estrelas do céu, e mais fortes que as rochas dessas montanhas (Orellana, 1860, p. 17).

[240] Nossa tradução: – Eu sei, lindo turey, Flor-de-oro continuou dizendo: meu espírito soube desde o início toda a extensão do seu poder e grandeza, e o zemí do meu povo disse-me, em sonhos, que a obsessão de Caonabó trará sobre o nobre Haiti todas as calamidades do céu (Orellana, 1860, p. 17).

A configuração da personagem Anacaona como uma mulher nativa que escolheu apoiar os colonizadores espanhóis ao invés de se manter do lado de seu marido e de seu povo continua sendo construída ao longo da diegese. No excerto a seguir, a nativa justifica seu posicionamento não como um rechaço ao seu povo, mas como uma forma de o proteger do real culpado das mazelas que estariam por acontecer na ilha: Caonabó. Assim, ela expressa:

> [...] *yo no sé mas que amar. Pero amo á mi raza, amo á mi pueblo, amo á mi familia; y como sé que las maquinaciones de Caonabó atraerán sobre todos nosotros las mayores desventuras, yo amaría al hombre que venciese y aprisionase al caribe, imposibilitándole para dañar*[241] (Orellana, 1860, p. 18).

Há, aqui, outras duas construções da diegese: a culpabilidade de Caonabó pelas lutas e mortes que aconteceriam – a força motriz da exterminação do povo taíno pelos colonizadores espanhóis reside na resistência tenaz de Caonabó – e a edificação dos colonizadores como os modernizadores/salvadores perante os cruéis feitos desse inimigo, representante da barbárie, figura contrária a toda a modernização e salvação trazida pelos invasores, como edifica a retórica da modernidade/civilidade que implementou o colonialismo na América. Essa é uma característica do romance histórico tradicional. Segundo Fleck (2017), nessa modalidade das narrativas híbridas de história e ficção, a ideologia presente na obra comunga com a da historiografia, para estabelecer um discurso que exalta o herói do passado, valoriza suas qualidades e o torna um exemplo de sujeito do passado, que deve ser seguido pelo cidadão do presente. Ao comparar as escritas híbridas acríticas da modalidade do romance tradicional às produções críticas, consideradas projetos estéticos decoloniais, Fleck (2023, p. 55) menciona que

> [...] desse enfrentamento, resulta uma clara dicotomia na construção escritural de nosso passado: por um lado, temos a exaltação de certos sujeitos como heróis, promotores do progresso e da salvação; por outro, temos a detração de pessoas que se opunham a essas ações, retratadas como bárbaros, selvagens, antagonistas da civilidade e da modernidade. O leitor que, nesse processo, chegar a dar o "giro decolonial" será aquele que irá rever sua posição frente a essa

[241] Nossa tradução: [...] não sei nada além de amar. Mas amo minha raça, amo meu povo, amo minha família; e como sei que as maquinações de Caonabó trarão sobre todos nós os maiores infortúnios, amaria o homem que derrotasse e aprisionasse o caribenho, impossibilitando-lhe de fazer mal (Orellana, 1860, p. 18).

> dicotomia e, em muitos casos, irá “renativizar/reautoctonizar” e “renegrir” seus heróis, dando-lhes os tons adequados que a bravura em nossas terras sempre teve.

Referente à configuração dos nativos na história e na literatura de cunho tradicional exaltador, o pesquisador aponta, ainda, que

> [...] quando o discurso histórico tradicional refere-se a um nativo ou a um escravizado no contexto da América, esse sujeito é sempre retratado sob a configuração do bárbaro que impedia a implementação do “progresso” e da “civilidade” no espaço colonizado. Exemplos claros disso são os nativos que se enfrentaram com os colonizadores europeus, como o fizeram Caonabó e Anacaona, no Caribe, Sepé Tiaraju, no Sul do Brasil, entre tantos outros [...]. Qual foi o fim de todos eles? Nada difícil de responder: foram “derrotados” pelas forças “civilizatórias”, “modernizantes” e “evangelizadoras” e levados à morte (Fleck, 2023, p. 25).

Essas construções discursivas que remetem à barbárie, relacionadas às imagens do líder mais importante de Guanahaní, o cacique Caonabó, são reforçadas durante o diálogo entre essas duas personagens – Anacaona e Ojeda –, conforme vemos na seguinte fala da nativa:

> *– Yo sé que ese valor es temeridad y orgullo: sé que tu raza es una raza generosa y de un poder incontrastable; que se puede ganar mucho, teniéndola por amiga; que se puede perder todo, teniéndola por enemiga. Si Caonabó no obedeciese á los impulsos de sus pasiones acaloradas; si fuese el caudillo sereno, que pesa en la balanza de su razón el pro y el contra de sus empresas, y seguro del éxito se lanza á sostener la independencia de su patria; yo, débil mujer, olvidaría los ultrajes que me ha hecho, colgaría un carcaj á mi espalda, tomaría el arco y combatiria á su lado*[242] (Orellana, 1860, p. 18).

Para além da exaltação das personagens colonizadoras espanholas que se estabeleciam naquela terra, e da categorização de Caonabó como o verdadeiro culpado – bárbaro e insensível – das malezas que aconteciam na ilha, há, também, a caracterização de Anacaona como uma “mulher fraca”. Isso fica evidente em suas

[242] Nossa tradução: – Sei que esta coragem é imprudência e orgulho: sei que a tua raça é uma raça generosa e de poder inigualável; que se pode ganhar muito tendo-a como amiga; que se pode perder tudo, considerando-a inimiga. Se Caonabó não obedecesse aos impulsos de suas paixões acaloradas; se ele fosse o líder sereno, que pesa os prós e os contras dos seus feitos na balança da sua razão e, certo do sucesso, se propõe a apoiar a independência da sua pátria; eu, uma mulher fraca, esqueceria os insultos que me fez, penduraria uma aljava nas costas, pegaria o arco e lutaria ao seu lado (Orellana, 1860, p. 18).

próprias palavras, sendo ela diminuída apenas aos seus atributos de beleza e de pacificação. Imaginar tal atitude da protagonista em relação ao seu marido, e tal discurso proferido pela própria voz de quem foi resiliente aos invasores que o reduz a um sujeito irracional, sanguinário e vingativo, é chegar ao extremo daquilo que a retórica da modernidade/civilidade pode produzir. Ela, contudo, apoia-se no discurso construído sobre a imagem pré-concebida de Anacaona como uma mulher pacificadora e sensata.

No entanto, cogitar a articulação desse discurso em favor dos colonizadores, nos dias de hoje, e, além do mais, sendo esse discurso proferido pela líder taína, que deu sua vida pela liberdade de seu povo, requer, dos leitores latino-americanos hodiernos, um tanto de imaginação e de conhecimento teórico sobre a construção discursiva do romance histórico tradicional, cuja base ideológica, que se alinha ao discurso colonialista, sustenta a escrita de Orellana (1860). Tal discurso do autor espanhol, enunciado pela voz da personagem Anacaona, serve para degenerar a imagem de seu próprio marido e líder de sua comunidade – o cacique Caonabó –, sendo essa uma estratégia típica do colonialismo – gerar discursos laudatórios sobre suas ações colonialistas, carregadas de uma crueldade extremada – que se prolongou da retórica da modernidade/civilidade à colonialidade do poder e do saber (Mignolo, 2017), e que resiste até nossos dias. A extensão, no próprio romance histórico tradicional, e a continuidade desse mesmo discurso, por séculos após os eventos ocorridos, são provas incontestáveis da atualidade da colonialidade que se estendeu das independências políticas dos territórios colonizados aos nossos dias.

Segundo Vergès (2020), os feminismos de política decolonial reapropriam-se da ciência e da filosofia para revisar a narrativa europeia do mundo, de forma a contestar a ideologia ocidental/patriarcal que rebaixou mulheres, negros(as), indígenas, povos da Ásia e da África a seres inferiores marcados pela ausência da razão, com uma beleza ou espírito naturalmente inclinados à descoberta científica e técnica. Isso se vê, em grande parte, articulado na imagem que faz Orellana (1860) da líder nativa de Guanahaní, Anacaona, mais de três séculos e meio depois de sua existência.

É essa ardilosa manipulação do discurso que edificou, desde o começo do nosso ingresso na história Ocidental, a retórica da modernidade/civilidade que, como aponta Mignolo (2017), sempre escondeu o seu lado mais escuro: as premissas da

colonização e da colonialidade – a exploração, a dominação, a escravização, a desvalorização dos outros, a matança desenfreada de todos que não se ajustassem ao "ideal" colonizador. Essa ideologia desenvolveu as retóricas que estenderam os princípios do colonialismo para a atual colonialidade, remanescente nos territórios antes dominados, causando os efeitos da subjugação psicológica, do racismo estrutural, da autoinferiorização dos não brancos. São efeitos de um discurso e de um processo que levam a muitos dos sujeitos latino-americanos a se considerarem, até hoje, inferiores por questões de etnia, sexismo, religiosidade e sexualidade. Daí resulta a importância de se buscar, no espaço latino-americano, a formação de um leitor literário decolonial, ou seja, um sujeito que, como defende Fleck (2023), reconhece seu passado colonial e o lugar ao qual foi destinado por esse processo e, por se "rebelar contra o lugar a que sempre foi confinado pelos detentores do poder (ou dos poderes instituídos), acaba por descolonizar seu pensamento, isto é, pensar em uma lógica outra que aquilo que foi estabelecido como cânones de pensamento" (Fleck, 2023, p. 23).

As características de um discurso colonialista que produza as imagens de Anacaona são reforçadas ao longo da diegese de Orellana (1860), como na continuação desse diálogo, quando a personagem Ojeda pergunta-lhe como poderia assegurar-se que Anacaona estaria do seu lado e a autóctone lhe responde oferecendo-lhe sua face, conforme exposto: "*La bella indiana se acercó al caballero, y le presentó sonriéndose su fresca y rosada megilla. Ojeda la besó, estremeciéndole á impulsos de un placer nuevo y desconocido*[243]" (Orellana, 1860, p. 19). Nesse momento, o espanhol tenta abraçá-la, mas Anacaona afasta-o, pedindo-lhe que *"– No toques al bien ajeno: yo no soy mia*[244]" (Orellana, 1860, p. 19). Aqui, a personagem feminina apresenta a si mesma de maneira objetificada e sexualizada. Seus atributos são a sua beleza e o seu corpo, o qual não pertence, sequer, a ela mesma, pois, como mulher, ela pertence a outro homem. Essa é uma construção cultural europeia, patriarcal e machista, que é inserida, pelo autor do romance, no contexto caribenho de 1494, usada para configurar uma autóctone taína culta – Anacaona –, unida a um líder temido, para, dessa construção, valer-se discursiva e ideologicamente. Isso para

[243] Nossa tradução: A bela nativa aproximou-se do cavalheiro e, sorrindo, apresentou-lhe a face fresca e rosada. Ojeda beijou-a, estremecendo-se com os impulsos de um prazer novo e desconhecido (Orellana, 1860, p. 18).

[244] Nossa tradução: Não toque no bem alheio: eu não sou minha (Orellana, 1860, p. 19).

isentar da culpa, da responsabilidade e das iniciativas das atrocidades cometidas pelos colonizadores aos nativos caribenhos e lançar sobre o líder do seu próprio povo – o cacique Caonabó – as motivações dessas ações cruéis e sem limites dos invasores.

A personagem Ojeda, após essas cenas do romance, vai, então, até Colombo para lhe contar que haviam encontrado ouro em Cibao. Colombo responde-lhe: "– *Gracias á Dios!* […] *ya no se dirá que ha sido inútil nuestro descubrimiento*[245]*"* (Orellana, 1860, p. 20-21). A palavra "descobrimento" é empregada em diversos momentos da diegese, como este, que enfatiza a busca pelo ouro na colonização da América. Essa ficcionalização da busca incessante pelo ouro no "Novo Mundo" reflete o que Galeano (1971) escreve sobre a febre do ouro e da prata nas colônias exploradas por nações europeias. O autor expõe que

> […] *la división internacional del trabajo consiste en que unos países se especializan en ganar y otros en perder. Nuestra comarca del mundo, que hoy llamamos América Latina, fue precoz: se especializó en perder desde los remotos tiempos en que los europeos del Renacimiento se abalanzaron a través del mar y le hundieron los dientes en la garganta. Pasaron los siglos y América Latina perfeccionó sus funciones. Este ya no es el reino de las maravillas donde la realidad derrotaba a la fábula y la imaginación era humillada por los trofeos de la conquista, los yacimientos de oro y las montañas de plata. Pero la región sigue trabajando de sirvienta*[246] (Galeano, 1971, p. 15).

A construção dessa hierarquia econômica entre império e colônia edificou-se sobre a subjugação dos povos nativos, para possibilitar o acúmulo de riquezas pelos colonizadores. Galeano (1971) segue afirmando que a América Latina, até hoje, continua funcionando para servir, economicamente, ao(s) outro(s).

A voz narrativa, nesse momento, conta que todos receberam a notícia das riquezas daquela região com curiosidade. Porém, a personagem Bernal Diaz de Pisa,

---

[245] Nossa tradução: "– Graças a Deus! […] não se dirá mais que a nossa descoberta foi inútil (Orellana, 1860, p. 20-21).

[246] Nossa tradução: A divisão internacional do trabalho consiste em alguns países que se especializam em ganhar e outros em perder. A nossa região do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os tempos remotos, quando os europeus do Renascimento atravessavam o mar e cravavam os dentes na sua garganta. Os séculos se passaram e a América Latina aperfeiçoou suas funções. Este não é mais o reino das maravilhas onde a realidade derrotou a fábula e a imaginação foi humilhada pelos troféus da conquista, pelas jazidas de ouro e pelas montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como serva (Galeano, 1971, p. 15).

"[...] *hombre de humildes antecedentes, elevado, sin embargo, por favor de la córte al empleo de contador de la flota*[247] [...]" (Orellana, 1860, p. 21), parecia menos crédulo ao ouvir a notícia, e comentou a Martin Cado, "[…] *ensayador de metales*[248] [...]" (Orellana, 1860, p. 21), que "– *Es menester, maese Martin, que entreis desde luego en el ejercicio de vuestra funciones: nosotros, ante todo, debemos fidelidad á nuestros reyes, y no hemos de omitir ninguna diligencia para que la estricta verdad llegue á los oidos de Sus Altezas*[249]*"* (Orellana, 1860, p. 21). A ficção híbrida da obra estabelece, em vários momentos, como nesse, a hipótese de representação de uma "verdade estrita", à qual a corte tem direito, o que reforça os feitos da historiografia tradicional, que, também, intentavam fixar, por meio das crônicas sobre o "descobrimento", uma "verdade" única.

Assim como afirma Weinhardt (1994), todas as formas de revisitar o passado refletem uma construção verbal, a qual não é o fato em si e, tampouco, é ingênua. Há, sempre, uma intenção, condição e situação que perpassam o discurso do escritor. O grupo de colonizadores que chegara à ilha do Haiti, como a voz narrativa refere-se àquela região, começa, então, a sofrer com as adversidades que encontravam, conforme lamenta a personagem Bernal, ao levantar sua inclinação a um motim contra os irmãos Colombo:

> *Con efecto, esos señores Colones son demasiado orgullosos, para suponer que necesiten el dictámen de nadie. Ved ahí que incomoda á todo el mundo, sin contar que nos han engañado, trayéndonos á tierra selvaje, donde no nos aguardan mas que fatigas, privaciones, enfermidades y la muerte, en lugar de los tesoros soñados por el Almirante de nuevo cuño*[250] (Orellana, 1860, p. 21).

As personagens Bernal e Martin chegam ao consenso que não haviam visto tanto ouro quanto esperavam encontrar, e que era crucial que os reis fossem

---

[247] Nossa tradução: [...] homem de origem humilde, elevado, porém, pela corte à função de contador da frota [...] (Orellana, 1860, p. 21).

[248] Nossa tradução: [...] testador de metais/ourives [...] (Orellana, 1860, p. 21).

[249] Nossa tradução: É necessário, mestre Martin, que entre imediatamente no exercício de suas funções: nós, acima de tudo, devemos fidelidade aos nossos reis, e não devemos omitir nenhuma diligência para que a verdade estrita chegue aos ouvidos de Suas Altezas (Orellana, 1860, p. 21).

[250] Nossa tradução: Na verdade, esses Colombos são orgulhosos demais para supor que precisam da opinião de alguém. Veja que isso incomoda a todos, sem falar que nos enganaram, levando-nos para uma terra selvagem, onde nada nos espera além do cansaço, das privações, da doença e da morte, ao invés dos tesouros sonhados pelo recém-nomeado Almirante (Orellana, 1860, p. 21).

informados, por eles, da “verdade”. Assim, eles não seriam mais enganados pelo Almirante e poderiam sair dessa situação deplorável na qual se encontravam.

A personagem Colombo, no entanto, decide que iria enviar algumas das pedras de ouro encontradas por Ojeda às suas majestades, e que não havia necessidade de consultar o ourives, Martin Cado, sobre a qualidade do metal descoberto. Quem as levaria à Espanha seria Antonio de Torres, encarregado dessa frota para contar sobre as expedições de Ojeda e Gorbalan e sobre a fundação do forte *Isabela*. Na mesma carta que enviou aos reis, Colombo pedia suprimentos para a colônia e enaltecia os feitos de várias pessoas, como Pedro Margarit, cavalheiro aragonês, e Juan Aguado, que retornava na frota.

Neste momento do relato, a voz narrativa explica, por meio de um artifício de metalinguagem, sobre essas duas últimas personagens: “*Mencionamos estos dos nombres, porque habrán de figurar en esta historia manchados con la nota de la mas negra ingratitud*[251]” (Orellana, 1860, p. 25). Essa frota parte de regresso à Espanha, com as notícias do descobrimento de ouro, em 2 de fevereiro de 1494.

Na sequência do relato, vemos que a personagem Bernal Diaz começa a incitar seus companheiros para se rebelarem contra o Almirante e encontrar uma maneira de voltarem à Espanha: “*Y de este modo iba formando los elementos para una rebelion contra la autoridad del Almirante y contra los progresos de la naciente colônia*[252]*”* (Orellana, 1860, p. 26). A personagem Colombo, alheia a tais maquinações, consultava seus companheiros, Diego, seu irmão, o padre Boil, Pedro Margarit e Juan de Lujan, sobre como poderia distrair a melancolia dos aventureiros e os levar a novas empreitadas:

> *– Ya sé que dicen que yo les he engañado, contestó Colon tristemente. Yo mismo esperaba encontrar aquí otra cosa. Pero, ¿quién pudo prever la desgracia de mis pobres amigos de la Navidad? Sin embargo, el país es fecundo, la tierra parece estar llena de riquezas. ¿Se ha visto jamás que estas se vengan á las manos, sin el trabajo de buscarlas?*

[251] Nossa tradução: Mencionamos estes dois nomes, porque aparecerão nesta história manchados com a marca da mais negra ingratidão (Orellana, 1860, p. 25).

[252] Tradução: E, deste modo, iam se formando os elementos para uma rebelião contra a autoridade do Almirante e contra os progressos da nascente colônia (Orellana, 1860, p. 26).

> *– Teneis razón, dijo Lujan: pero id á convencerles de que esto es el Paraiso terrenal, como ellos creian*[253] (Orellana, 1860, p. 27).

Vemos, na ficcionalização de Orellana (1860), os mesmos intentos da historiografia tradicional, presentes no "discurso da maravilha" de Cristóvão Colombo sobre o "Novo Mundo", descrito como uma terra promissora de belezas e riquezas infinitas, em suas cartas para a corte espanhola. Milton (1992b) afirma que o *Diário* sobre a primeira viagem de Colombo é um relato verbal privilegiado, no qual o navegante inicia um processo ficcional de apreensão da realidade do "novo" continente. Nessa tentativa, utilizava, incessantemente, superlativos que exprimiam uma exaltação de alegria e prazer na relação com a natureza, construindo a ideia do "Paraíso Terrenal".

Nas palavras de Milton (1992b, p. 176), "sabe-se que Colombo nunca topou com o caudal enorme de riquezas prometido, assim como tampouco conseguiu, posteriormente, manter o apoio total dos Reis". Porém, o explorador é sempre otimista em seus registros e utiliza argumentos para trazer visibilidade às terras encontradas. Durante suas empreitadas pelas várias ilhas da região, coleta matérias-primas, pedras, minerais, animais e grupos de nativos, para levá-los à Corte. Vemos, na ficção de Orellana (1860), essa mesma intenção de convencer seus próprios homens e a Corte das maravilhas que esperavam encontrar no "Novo Mundo", ainda que a realidade lhes mostrasse o contrário, deparando-se com a fome, as doenças e os ataques dos nativos.

Os "*amigos de la Navidad*", aos quais a personagem Colombo refere-se no excerto apresentado anteriormente, remetem aos homens deixados pelo comandante em Guanahaní/"*La Española*", de cujas mortes Caonabó foi acusado. Na continuação do relato, a personagem Bernal Díaz expõe suas insatisfações a seus companheiros, contando-lhes que o ourives, Martin Cado, afirmava que o ouro encontrado na ilha era, na verdade, de baixa qualidade, fundido pelos nativos com outros metais. Sugere que se unam, armados, para tomar os navios ali ancorados e regressar à Espanha, sem o consentimento de Colombo para tal ação. Quando a personagem Colombo

[253] Nossa tradução: – Sei que dizem que os enganei, respondeu Colombo, com tristeza. Eu mesmo esperava encontrar outra coisa aqui. Mas quem poderia prever a desgraça dos meus pobres amigos de *Navidad*? Porém, o país é fértil, a terra parece cheia de riquezas. E como elas poderiam chegar às mãos sem o trabalho de procurá-las? – Você tem razão, disse Lujan: mas vá e os convença de que este é o Paraíso terrestre, como eles acreditavam (Orellana, 1860, p. 27).

desperta, naquele dia, visita as oficinas e construções, e chama seus companheiros para lhes contar que esperava a organização de um motim:

> *– Que hay descontentos, ya lo sabemos, dijo Margarit. Pero, ¿es posible que se pretenda promover un motin?*
> *– Sí, amigos, sí, respondió Colon: es posible. Dentro de algunas horas vereis la playa llena de revoltosos, dispuestos á embarcarse en uno ó dos de nuestros buques, para partir á España. De todo su plan he sido informado esta mañana, y como se resiste á mi naturaleza tener que castigar, pudiendo prevenir el delito, he tomado ya providencias, que espero merecerán vuestra aprobacion. El principal promovedor de la desobediencia está ya preso en este momento con su cómplice mas inmediato*[254] (Orellana, 1860, p. 32).

Exalta-se, aqui, a destreza da personagem Colombo para controlar uma rebelião, assim como sua bondade e aversão à ideia de castigar outra pessoa. Não é revelado, nesse momento, quem é o informante do Almirante. Ele apenas explica que Bernal Díaz de Pisa, chefe da rebelião, e Martin Cado foram detidos com documentos que provavam seu delito, na caravela *Santa Clara*. Colombo pede que seus companheiros enviem seus soldados à praia para render o grupo. "*Esto bastó para desbaratar los descabellados planes de Bernal Díaz*[255]" (Orellana, 1860, p. 33).

Reinstaurada a paz na colônia, Colombo parte para Cibao com 400 homens, e deixa seu irmão no comando da cidade. Quando sua expedição chega à beira de um rio, encontra, ali, uma população numerosa de nativos. A voz narrativa descreve que os habitantes estavam "[...] *recelosos de los caballos, que al principio les parecian monstruo semi-hombres semi-animales; pues creian que el ginete y el caballo eran un solo individuo: así consideraban con asombro la separacion de aquellos dos miembros, y no acertaban á comprender cómo podían dividirse*[256]" (Orellana, 1860, p. 36).

---

[254] Nossa tradução: – Que há descontentamentos, nós já sabemos, disse Margarit. Mas será possível que pretendam promover um motim? – Sim, amigos, sim, respondeu Colombo: é possível. Em poucas horas, você verá a praia cheia de rebeldes, prontos para embarcar em um ou dois de nossos navios, para partir à Espanha. Fui informado esta manhã de todo o seu plano, e como a minha natureza resiste a ter que punir, podendo prevenir o crime, já tomei medidas, que espero mereçam a sua aprovação. O principal promotor da desobediência já se encontra neste momento preso com o seu cúmplice mais imediato (Orellana, 1860, p. 32).

[255] Nossa tradução: Isso foi o suficiente para acabar com os planos malucos de Bernal Díaz (Orellana, 1860, p. 33).

[256] Nossa tradução: [...] receosos dos cavalos, que a princípio lhes pareciam monstros semi-humanos e semianimais; pois acreditavam que o cavaleiro e o cavalo eram um único indivíduo: por isso

Nessa região, Colombo decide construir um forte de madeira, para atender às demandas de mineração e reprimir possíveis invasões do cacique Caonabó. Dá ao forte o nome de *Santo Tomás*, e àquela região, *Vega Real*. Alguns nativos passam a levar as pepitas de metais preciosos para as comercializar com os espanhóis. As personagens Juan de Lujan e Alonso de Ojeda são nomeados por Colombo para realizar expedições exploratórias pela província. Antes de passar a ambientação da diegese para contar o que se passava com o cacique Caonabó, a voz narrativa anuncia ao leitor: "*Mientras aqui reposan nuestros aventureros, vamos a trasladar al lector á otros lugares y escenas diferentes*[257]" (Orellana, 1860, p. 41).

Em outro vale da região de Cibao, na comunidade de Maguana, Caonabó é, então, apresentado ao leitor como

> [...] *el gefe caribe, cuyo aspecto y feroz presencia procuramos delinear en la primera parte de esta historia. Su corpulencia estraordinaria, lo prominente e sus músculos endurecidos por el sol y la fatiga, la fealdad nativa de su rostro, centuplicada por las pinturas marcadas en él, como en otras partes de su cuerpo, le hacian considerar como á un ser formidable, nacido para inspirar terror*[258] (Orellana, 1860, p. 43).

O cacique ameaça matar todos os exploradores que por aquelas terras vagavam: "[...] *la raza maldita de los hombres blancos del oriente no ha de asentar su planta en tierras de Haiti, mientras viva Caonabó; y si yo falto, quieran los dioses que mi ódio se transmita de generación en generación hasta el fin del mundo*[259]" (Orellana, 1860, p. 43-44). A personagem Caonabó é configurada por características de violência, força, vingança e ódio à raça alheia, nesse romance de Orellana (1860).

Outra personagem nativa, Manicaotex, comunica a Caonabó que havia visto os homens brancos entrarem nos domínios do cacique, não muito longe de onde eles

---

consideraram, com espanto, a separação desses dois membros e não conseguiam compreender como podiam ser divididos (Orellana, 1860, p. 36).

[257] Nossa tradução: Enquanto nossos aventureiros descansam aqui, vamos levar o leitor a outros lugares e cenários diferentes (Orellana, 1860, p. 41).

[258] Nossa tradução: [...] o chefe caribenho, cuja aparência e presença feroz tentamos delinear na primeira parte desta história. A sua extraordinária corpulência, a proeminência dos músculos endurecidos pelo sol e pelo cansaço, a feiura nativa do seu rosto, cem vezes maior pelas pinturas nele marcadas, como em outras partes do seu corpo, faziam-no ser considerado um ser formidável, nascido para inspirar terror (Orellana, 1860, p. 43).

[259] Nossa tradução: A maldita raça dos homens brancos do Oriente não firmará suas raízes nas terras do Haiti enquanto Caonabó viver; e, se eu falhar, que os deuses queiram que meu ódio seja transmitido de geração em geração, até o fim do mundo (Orellana, 1860, p. 43-44).

estavam. Informa-lhe que esses homens dispunham de um exército acampado no vale do rio Dorado, onde Colombo estava construindo um forte. O cacique arma um plano para atacar o grupo de espanhóis e explica que "*la raza blanca es temible por el poder de sus armar, y es preciso aguardar que se divida para atacarla por partes*[260]" (Orellana, 1860, p. 45). Caonabó pede que Manicaotex chame todos os outros caciques para lutar, inclusive Behechio, chefe de Jaragua, e Guarionex, grande cacique do vale. Porém, diz que "*con el traidor Guacanagarí no hay que contar; y en cuanto al bravo Cotabanamá, creo escusado pedirle ayuda; pues él hará su deber en sus montañas de Higuey*[261] (Orellana, 1860, p. 45).

Após dar suas ordens, Caonabó recebe a visita de sua esposa Anacaona, "[…] *una bella mujer, y semejante á una hada*[262] […]" (Orellana, 1860, p. 45-46). O diálogo entre as duas personagens é exposto a seguir:

> *– Yo veo tus oscuros pensamientos, señor de mi alma* […]
> *– Anacaona! esclamó el jefe con acento concentrado, levantando la cabeza y mirando con ojos torvos á la bella princesa de Jaragua.*
> *– Sí, Anacaona, repitió ella con dulce voz; la esposa de Caonabó, la madre de tu hija Higuanamota, la mas hermosa de las hijas de los hombres. – Anacaona, que te ama, á pesar de tus desdenes; Anacaona, que tiembla por tu vida y por el porvenir de su patria.*
> *– La patria de Higuanamota, respondió el caribe, será salvada por Caonabó. Las huellas de los blancos serán borradas y lavadas con su propria sangre.*
> *– ¡Pobre iluso! esclamó Anacaona. Yo sé que eres valiente, señor de mi vida; sé que podrás acabar con los extranjeros que han llegado á nuestra tierra. Pero… y después?*[263] (Orellana, 1860, p. 46).

[260] Nossa tradução: A raça branca é temível pelo poder de suas armas, sendo necessário esperar que ela se divida, antes de atacá-la por partes (Orellana, 1860, p. 45).

[261] Nossa tradução: Não há necessidade de contar com o traidor Guacanagarí; e quanto ao valente Cotabanamá, creio que não precisamos pedir-lhe ajuda, pois ele cumprirá seu dever nas montanhas de Higuey (Orellana, 1860, p. 45).

[262] Nossa tradução: [...] uma bela mulher e semelhante a uma fada [...] (Orellana, 1860, p. 45-46).

[263] Nossa tradução: – Vejo seus pensamentos sombrios, senhor da minha alma […] – Anacaona! exclamou o cacique com sotaque concentrado, erguendo a cabeça e olhando com olhos sombrios para a bela princesa de Jaraguá. – Sim, Anacaona, repetiu ela com voz doce; a esposa de Caonabó, mãe de sua filha Higuanamota, a mais bela das filhas dos homens. – Anacaona, que te ama, apesar do seu desdém; Anacaona, que treme pela sua vida e pelo futuro do seu país. – A pátria de Higuanamota, respondeu o caribenho, será salva por Caonabó. Os vestígios dos brancos serão apagados e lavados com o próprio sangue. – Pobre iludido! – exclamou Anacaona. Eu sei que você é corajoso, senhor da minha vida; sei que você conseguirá acabar com os estrangeiros que vieram para nossa terra. Mas… e depois? (Orellana, 1860, p. 46).

Nessa conversa, a filha do casal, Higuanamota, é mencionada. Ainda que Caonabó apresente sentimentos de proteção à sua família, ao seu povo e ao seu lar, Anacaona toma-o como um tolo, que será o culpado pela ruína de sua pátria, apenas por vingança. A princesa de Jaraguá questiona-o: "*¿Qué mal te hicieron aquellos hombres que, hace trece lunas, llegaron á las playas de Marien?*[264] (Orellana, 1860, p. 46). Caonabó acusa sua esposa de estar ao lado de seus inimigos. Anacaona responde-lhe: "– *Contra toda la conveniencia intenta combatir á esos que llamas mis amigos: pero el dia que tomes las armas y comprometas la seguridad de la patria, aquel dia estará a tu lado Anacaona, para pelear como un hombre. Sin embargo,* […] *mi destino, entrelazado al tuyo, me será funesto*[265]" (Orellana, 1860, p. 47).

Quando Anacaona expõe sua intenção de "lutar como um homem", deparamo-nos com uma representação ficcional da feminilidade e da masculinidade na história da América Latina. Potthast (2010) explica que, para muitos europeus e norte-americanos, o continente latino-americano é dominado por machos, um empréstimo linguístico da língua espanhola que descreve muito bem um fenômeno que não está restrito à América Latina. Segundo a autora, o termo "machismo" designa uma exaltação da masculinidade perante as mulheres e outros membros do mesmo gênero. Atualmente, essa palavra possui uma conotação negativa. Os espanhóis reforçaram a noção da masculinidade agressiva do guerreiro e trouxeram ao "Novo Mundo" as representações mediterrâneas da honra masculina, reforçada pela "conquista". Nas palavras da estudiosa, vemos que

> […] *la representación sobre la superioridad de los cristianos y la disponibilidad de las mujeres indígenas, que fueron consideradas en la mayoría de los casos como inferiores y subordinadas, crearon una relación de género marcada por la violencia, las jerarquías sociales y el predominio masculino. Con respecto a las mujeres indígenas, para los conquistadores se trataba no sólo de la dominación física*[266] […] (Potthast, 2010, p. 354).

[264] Nossa tradução: Que mal lhe fizeram aqueles homens que, há treze luas, chegaram às praias de Marien? (Orellana, 1860, p. 46).

[265] Nossa tradução: – Contra todas as conveniências, tenta lutar contra aqueles que você chama de meus amigos: mas no dia em que você pegar as armas e comprometer a segurança do país, nesse dia, Anacaona estará ao seu lado, para lutar como um homem. Porém, […] meu destino, entrelaçado ao seu, será desastroso (Orellana, 1860, p. 47).

[266] Nossa tradução: A representação da superioridade dos cristãos e a disponibilidade das mulheres indígenas, consideradas, na maioria das vezes, como inferiores e subordinadas, criaram uma relação de gênero marcada pela violência, pelas hierarquias sociais e pela predominância masculina. No que

Potthast (2010) continua explanando que a inter-relação entre poder e sexualidade fica clara no conceito do machismo. O macho moderno também está sempre disposto à "conquista", o que, para ele, trata-se de demonstrar sua masculinidade, entendida como sexualidade agressiva. Na ficcionalização de Orellana (1860), esse machismo é representado em todas as personagens masculinas. Todos os homens, amigos ou inimigos do grande herói Colombo, eram seres influentes e poderosos, que conseguiam exercer poder e se sobrepor sobre outros homens e mulheres. Anacaona, ainda que descrita como rainha ao lado de seu marido cacique, é vítima da soberania masculina ao longo de toda a diegese, o que é reforçado nesse discurso proveniente da escrita de um autor homem, pelas suas próprias palavras quando a personagem se inferioriza e confessa que gostaria de poder "lutar como um homem", ser masculino superior dotado das destrezas e permissões necessárias para enfrentar o inimigo. Essas são as visões ideológicas, machistas e patriarcalistas que, na literatura escrita por homens da época – século XIX –, traçam imagens de uma mulher que poderia vir a se tornar valente e admirável caso chegasse a se assemelhar ao homem, a lutar como ele, pois, por si só, sendo ela mulher, não alcançaria o reconhecimento.

A narrativa volta à ambientação das personagens espanholas na fortaleza recém-construída de *Santo Tomás*, cujo comando foi destinado, por Colombo, a Pedro Margarit. As provisões da colônia tornam-se cada vez mais escassas. Nessas circunstâncias, a personagem Colombo reúne todos aqueles que compunham o conselho da colônia e lhes decreta que "[...] *el único médio aceptable es el de reducir las raciones á la mitad para todo el mundo, empezando por mí*[267]" (Orellana, 1860, p. 57). Frente a essa decisão, o padre Boil é o único do grupo que decide expor o que pensa:

> *– Si no hay outro recurso parar conjurar el hambre que amenaza, dijo, sino reducir la colonia á media racion, hágase en hora buena; pero yo creo que tan dolorosa medida no debe hacerse general, sino que*

diz respeito às mulheres indígenas, para os conquistadores, não se tratava apenas de dominação física […] (Potthast, 2010, p. 354).

[267] Nossa tradução: A única maneira aceitável é cortar pela metade as rações para todos, começando por mim (Orellana, 1860, p. 57).

> *convendría escluir de ella á ciertas personas, aunque solo sea por consideracion á sus dignidades y clase*[268] (Orellana, 1860, p. 57).

Colombo, então, explica, em resposta ao padre:

> *– Siento no estar de acuerdo con vuestra reverencia esta vez, respondió Colon. He dicho que, adoptándose esa medida, se debe empezar por mí: considero que ante las calamidades públicas, como ante la muerte, desaparecen por completo las distinciones sociales: la peste y la penuria no escogen al pechero, ni perdonan al magnate. Además, toda exclusion, todo privilegio en este caso no haria mas que irritar al descontento público; y si sobreviene una desgracia que ha de sufrirse en comun, los grandes deben ser los primeros á soportarla, para que los pequeños la lleven con paciencia*[269] (Orellana, 1860, p. 57).

Fica clara, na interação entre as personagens, mais uma vez, a edificação de personagens como a figura histórica de Cristóvão Colombo na obra, representado por uma persona heroica, justa e honesta que sacrifica sua própria vida para salvar seu povo e não distingue raças, classes ou cargos. Perante infortúnios como a fome, todos são iguais e, mais ainda, ele será o primeiro a se sacrificar, diferentemente de outras personagens antagônicas, como o padre Boil, o qual não aceita ter sua porção de comida reduzida nessa situação, ainda que em detrimento das outras pessoas que também padeciam da mesma fome. Descontente, a personagem Boil tenta incitar outros homens a se rebelarem contra o Almirante:

> *Desde aquel dia, el buen religioso, que todo lo habría sufrido menos el ayuno forzado, cobró un odio implacable á Colon, y resolvió en su mente vengarse em cuanto pudiese. Disimulando su encono, concitó en secreto la animosidad de algunas personas de posicion y la del vulgo, harto dispuesto á irritarse por el malestar general, y concibió la*

[268] Nossa tradução: – Se não houver outro recurso para evitar a fome que nos ameaça, disse, além de reduzir a colônia à meia ração, que o faça a tempo; mas acredito que uma medida tão dolorosa não deveria ser generalizada, e que seria aconselhável excluir dela certas pessoas, mesmo que apenas por consideração às suas dignidades e classe (Orellana, 1860, p. 57).

[269] Nossa tradução: – Lamento não concordar com sua reverência desta vez, respondeu-lhe Colombo. Já lhes disse que, ao adotar esta medida, é preciso começar por mim: considero que perante as calamidades públicas, como perante a morte, as distinções sociais desaparecem completamente: a peste e as adversidades não escolhem o plebeu, nem poupam o nobre. Além disso, qualquer exclusão, qualquer privilégio, neste caso, apenas irritaria o descontentamento público; e, se ocorrer um infortúnio que deve ser sofrido em comum, os grandes devem ser os primeiros a suportá-lo, para que os pequenos possam suportá-lo com paciência (Orellana, 1860, p. 57).

> *esperanza de sublevarlos á todos contra la autoridad del Almirante*[270]" (Orellana, 1860, p. 59).

Conforme relata o narrador, apesar de todas as medidas empregadas, o pão torna-se escasso na colônia. Era preciso moer o trigo, e faltava energia àqueles homens. Todos resistiam a trabalhar e Colombo precisa empregar toda a sua energia para fazê-los obedecer. Nesse momento, "*fue preciso rendirse á su voluntad indomable; pero entonces se formó contra él una hostilidad enconada, que mas tarde habia de ocasionarle largos dias de amargura y crueles humillaciones*[271]" (Orellana, 1860, p. 60). Os acontecimentos narrados, valendo-se da manipulação temporal pelo emprego da prolepse, preparam o leitor para o que está por vir, justificando o sofrimento ao qual Colombo será submetido como uma grande injustiça, perpetrada por outros homens, que não eram tão sábios, prudentes ou valentes como ele.

Enquanto isso, na sequência das ações do relato, Colombo recebe uma mensagem da personagem Pedro Margarit, informando-lhe que os nativos das montanhas estavam abandonando suas vilas e indo ao interior, e que se negavam a lhes fornecer suprimentos em troca de outros objetos. Além disso, dizia que Caonabó reunia seus guerreiros e, por isso, pedia reforços de homens e mantimentos. Colombo decide, então, levar seus homens até *Santo Tomás*, deixando apenas os doentes e seus cuidadores, e pedir a Pedro Margarit que recorra à ilha, estreitando laços de amizade com os nativos e deixando claro o poder e a benevolência dos colonizadores. Seu plano consistia em estabelecer vários pontos estratégicos para dominar toda aquela região das montanhas: "[...] *y así, cuando yo vuelva, si Dios quiere, gran parte de la isla podrá estar bajo el dominio útil de España, y se tocarán los frutos que es posible sacar de ella*[272]" (Orellana, 1860, p. 62).

---

[270] Nossa tradução: A partir desse dia, o bom religioso, que teria sofrido tudo menos o jejum forçado, adquiriu um ódio implacável por Colombo e resolveu vingar-se quando pudesse. Disfarçando o seu ressentimento, ele, secretamente, despertou a animosidade de algumas pessoas de poder e do povo comum, que estavam muito dispostos a ficarem irritados com a agitação geral, e concebeu a esperança de revoltar todos eles contra a autoridade do Almirante (Orellana, 1860, p. 59).

[271] Nossa tradução: Foi necessário render-se à sua vontade indomável; mas, então, surgiu contra ele uma amarga hostilidade, que mais tarde, lhe causaria longos dias de amargura e cruéis humilhações (Orellana, 1860, p. 60).

[272] Nossa tradução: e, assim, quando eu voltar, se Deus quiser, grande parte da ilha poderá estar sob o domínio útil da Espanha, e se colherão os frutos que puderem ser dela obtidos (Orellana, 1860, p. 62).

A personagem Ojeda expressa a Colombo o seu desejo de capturar o cacique Caonabó, e o Almirante responde-lhe que, se o fizesse, deveria ser com cautela, sem criar animosidades entre os nativos, conforme vemos no diálogo transcrito a seguir:

> *– Mi deseo era ir yo mismo en busca de Caonabó, puesto que nos provoca, y traerlo encadenado á Isabella.*
> *– Digno propósito de un caballero animoso, dijo Colon: pero en ese caso romperíamos nosotros la paz que deseo conservar con los naturales á todo trance; y tendríais que ser vos quien mandase las fuerzas, rebajando la autoridad de Margarit, cosa que no está bien y crearía conflictos desagradables. Muy bueno fuera apoderarse del fiero caribe; pero guardad por ahora los generosos impulsos de vuestro corazón; y no obstante, concertaos con Margarit para ver el medio de apresar á Caonabó por astucia, no por fuerza*[273] (Orellana, 1860, p. 62).

Novamente, Colombo é configurado como uma personagem prudente, sábia, cautelosa, cujo maior desejo é estabelecer a paz entre os diferentes povos. Na continuação de sua fala, porém, ele revela que sua intenção de manter uma boa relação com os nativos é justificada pelo desejo de que se tornem cristãos e súditos de seus reis:

> *Seria la mayor imprudencia enemistarnos abiertamente con los indios, cuando podemos necesitarlos; y mucho mas, debiendo atraerlos con cariño y bondad, para que se hagan cristianos y buenos súbditos de nuestros reyes. No quita esto que, si ellos cometen cualquier desafuero, se les castigue severamente para infundirles un saludable terror y enseñarles á respetarnos: pero siempre obrando con estricta imparcialidad y justicia*[274] (Orellana, 1860, p. 63).

Apesar de sempre demonstrar preocupação com o bem-estar alheio, a personagem Colombo acaba, em momentos como esse do relato, justificando

[273] Nossa tradução: – Meu desejo era ir eu mesmo em busca de Caonabó, já que ele nos provoca, e trazê-lo acorrentado a Isabela. – Propósito digno de um cavaleiro corajoso, disse Colombo: mas, nesse caso, romperíamos, a todo custo, a paz que desejo preservar com os nativos; e você teria que comandar as forças, diminuindo a autoridade de Margarit, o que não é certo, e criaria conflitos desagradáveis. Seria muito bom dominar o feroz caribenho; mas guarde, por enquanto, os impulsos generosos do seu coração; e, no entanto, converse com Margarit para encontrar uma maneira de capturar Caonabó pela astúcia, não pela força (Orellana, 1860, p. 62).

[274] Nossa tradução: Seria a maior imprudência opor-se abertamente aos índios, quando deles podemos precisar; além disso, você deve atraí-los com carinho e bondade, para que se tornem cristãos e bons súditos dos nossos reis. Isso não exime que, caso cometam alguma violação, devem ser severamente punidos, para incutir neles um terror saudável e ensiná-los a nos respeitar: mas sempre agindo com estrita imparcialidade e justiça (Orellana, 1860, p. 63).

castigos severos caso os nativos não o respeitassem. Ou seja, a personagem edificada apenas deixaria de se comportar como justa e bondosa por culpa de seus inimigos, o que o exime de maiores culpabilidades por tais feitos. Essa imagem é reforçada, ainda, pelo seguinte comentário trazido pela voz narrativa:

> *Tales eran los nobles propósitos de Colon; propósitos que debian salir frustrados completamente por la malicia de otros hombres. Su plan era bueno: los resultados de este plan, bien ejecutado, habrían sido el establecimiento de una dominación soportable y provechosa, utilitaria y civilizadora al mismo tiempo. Mas adelante veremos que no bastan los mejores deseos para alcanzar los mejores fines*[275] (Orellana, 1860, p. 63).

É esclarecido, mais uma vez, que as mazelas enfrentadas pela personagem Colombo foram causadas não pelas suas próprias ações e desejos, mas, sim, pela malícia de outros homens. Isso ocorre por meio de uma conversa estabelecida diretamente com o leitor, como acontece em vários momentos ao longo de toda a diegese pelo emprego da prolepse, que prepara o leitor para a construção de uma imagem edificada, exaltada e heroificada de Colombo.

A personagem Alonso de Ojeda, na sequência das ações relatadas, parte de *Isabela* para *Vega,* em 9 de abril, com um exército de 400 homens. Seis dias depois, oito de seus soldados voltam a Isabela, levando consigo três indígenas que haviam cometido delitos de roubo: o cacique Guamaná, seu filho e seu sobrinho. A voz narrativa explica que

> […] *el señor Alonso de Ojeda mandó registrar la casa del cacique, y habiendo encontrado en ella parte de las prendas robadas y uno de los culpables que estaba escondido, mandó cortar á este las orejas, por sumaria providencia, y enviaros aprisionados el cacique y sus dos personas mas allegadas, tambien cómplice en el delito*[276] (Orellana, 1860, p. 65).

---

[275] Nossa tradução: Tais foram os nobres propósitos de Colombo; propósitos que resultariam completamente frustrados pela malícia de outros homens. O seu plano era bom: os resultados desse plano, bem executado, teriam sido o estabelecimento de uma dominação suportável e proveitosa, utilitária e civilizadora ao mesmo tempo. Mais tarde, veremos que os melhores desejos não são suficientes para alcançar os melhores fins (Orellana, 1860, p. 63).

[276] Nossa tradução: O senhor Alonso de Ojeda mandou revistar a casa do cacique e, tendo nela encontrado parte dos bens roubados e um dos culpados que se escondia, ordenou que lhe cortassem as orelhas, por providência sumária, e levassem aprisionados o cacique e seus dois companheiros, também cúmplices do delito (Orellana, 1860, p. 65).

É apontado, ainda, o fato de que, para esses nativos, não existia a noção de propriedade, conforme o excerto: "*los indios entraron sumamente abatidos: aunque el robo era desconocido entre ellos, puesto que no daban aprecio á la propiedade, sin embargo, sus leyes tradicionales castigaban este raro delito con la pena de muerte*[277]" (Orellana, 1860, p. 65). Não fica claro a quais leis a voz narrativa se refere, se às dos nativos ou às dos espanhóis. Porém, pelo contexto da cena, imaginamos que se trata das leis dos europeus, os quais acabam sentenciando os nativos à pena de morte por essa infração. Esse acontecimento serve, mais uma vez, para exaltar a boa índole de Colombo, o qual opta por perdoá-los, conforme vemos em sua fala ao cacique que implorava pela sua vida e de seus homens:

> *– Quedan libres tus paisanos. Por tu intercesion les concedo la vida: díselo para que agradezcan esta gracia, y sepan que nosotros, aunque rígidos y severos con los delincuentes, somos enemigos de verter sangre. Que se vuelvan á sus casas, y en adelante procuren merecer nuestra amistad.* […] *Podeis volver libres á vuestros hogares: debéis la vida á mi generosidad y á la intercesion de vuestro compañero, á quien yo atiendo y estimo, porque es bueno y fiel con nosotros. Haced lo mismo que él, y tendréis en mí un padre y un amigo*[278] (Orellana, 1860, p. 68-69).

Outra vez, a personagem Colombo reforça que suas ações, sempre generosas e justas, dependiam diretamente do comportamento dos nativos. Não gostaria de derramar sangue, e apenas o faria se fosse o merecido e justo. No dia 24 de abril, Colombo parte para novos descobrimentos no sul da ilha de Cuba e nomeia um conselho para governar a ilha durante sua ausência, composto por seu irmão Diego, o padre Boil, Pedro Fernandez Coronel, Alonso Sanchez Carvajal e Juan de Lujan. Poucos dias após sua partida, três caravelas chegam da Espanha à ilha *Isabela*. Uma das figuras que chegavam nessas embarcações era Bartolomé, irmão de Diego e de

[277] Nossa tradução: Os índios entraram extremamente abatidos: embora o roubo fosse desconhecido entre eles, pois não valorizavam a propriedade, no entanto, suas leis tradicionais puniam esse raro crime com a pena de morte.

[278] Nossa tradução: – Seus compatriotas estão livres. Por sua intercessão, concedo-lhes a vida: diga-lhes para que sejam gratos por esta graça, e saibam que nós, embora rígidos e severos com os criminosos, somos inimigos do derramamento de sangue. Deixe-os voltar para suas casas e, a partir de agora, tentem merecer a nossa amizade. […] Vocês podem voltar livres para suas casas: vocês devem sua vida à minha generosidade e à intercessão de seu companheiro, de quem cuido e estimo, porque ele é bom e fiel para conosco. Façam o mesmo que ele e terão, em mim, um pai e um amigo (Orellana, 1860, p. 68-69).

Colombo, quem não encontravam há anos. Nesse momento, a voz narrativa anuncia a apresentação de uma descrição provinda das crônicas da época sobre Bartolomé:

> *Hé aquí la descripcion de su persona y caráter que hacen los cronistas mas verídicos:*
> *"En su físico se reflejaba su alma: era alto, vigoroso, atlético y con su sola presencia imponia su autoridad… Pronto, activo, de corazón impávido y resuelto, á sus determinaciones sucedia siempre una inmediat ejecucion, que no cejaba delante de dificultades ni peligros… Era tal vez demasiado brusco y severo: su sequedad y despego le atrajeron muchos enemigos. A pesar de estos defectos, mas aparentes que reales, era generoso y benévolo en su fondo, y no menos sensible que valiente*[279]" (Orellana, 1860, p. 72).

O trecho transcrito na diegese é apresentado como um registro dos cronistas mais verídicos, o que demonstra a exaltação da historiografia oficializada escrita pelos impérios europeus sobre suas expansões territoriais a outros continentes, onde estabeleceram suas colônias. A narrativa trata esses escritos como uma representação da suposta "verdade" sobre esses acontecimentos. Tal estratégia escritural de entrelaçar excertos de crônicas à diegese demonstra a provável intenção de reforçar a versão historiográfica hegemônica ao leitor. Fleck (2017) explica que essa característica está presente nos romances históricos tradicionais e que, nessas narrativas, o conteúdo histórico a ser ensinado ao leitor é apresentado de maneira convincente. Vemos o esforço de convencimento do leitor quando a voz narrativa apresenta o excerto como uma descrição feita pelos cronistas "mais verídicos" na obra analisada.

Segundo a sequência do relato, antes de partir, a personagem Colombo designa Ojeda para trabalhar como chefe das forças militares de Margarit, no forte de *Santo Tomás*. Margarit vai, então, a uma das comunidades da região de *Vega Real* e, enquanto o forte era construído, hospeda-se na residência de Guatiguana, cacique que obedecia ao grande chefe de *la Vega*, chamado Guarionex, "[...] *hombre de bello y apacible carácter, que desde el principio se habia mostrado afectuoso con los*

[279] Nossa tradução: Em seu físico, refletia-se sua alma: era alto, vigoroso, atlético, e com a sua simples presença, impunha a sua autoridade... Pronto, ativo, com um coração destemido e determinado, as suas determinações eram sempre seguidas de uma execução imediata, que não desistia diante das dificuldades ou dos perigos... Talvez era muito brusco e severo: sua secura e desapego atraíram muitos inimigos. Apesar desses defeitos, mais aparentes que reais, ele era generoso e benevolente de coração, e não menos sensível que corajoso (Orellana, 1860, p. 72).

blancos, aunque en el fondo de su conciencia no les profesase una sincera amistad[280]" (Orellana, 1860, p. 79).

Durante sua estadia, as personagens Martin e Santiago, dois espanhóis do grupo de Margarit, encontram, próximas ao mar, três mulheres nuas, comparadas a Diana e suas ninfas. A mais bela delas era a filha do cacique Guatiguana. Aquela imagem despertou desejos de luxúria nos aventureiros, os quais não souberam reprimir. No seguinte excerto, referem-se à bela indígena como sua "presa":

> *Sin embargo, eran dos, y el objeto de su codicia uno solo: sin consultarse, miráronse uno á otro y se comprendieron: su primer impulso fué apoderarse de aquella presa, y cediendo á la acción antes que al pensamiento, se lanzaron de improviso hacia el apacible mar, donde la hermosa jóven se bañaba*[281] (Orellana, 1860, p. 81).

O narrador, então, revela como os dois começam a lutar pela jovem. Martim apunhala Santigo no peito e o assassina. Quando cai, Santiago acaba ferindo a filha do cacique: "[...] *del mismo modo el moribundo soldado se precipitó, en su caida, sobre la espantada hija de Guatiguana, y la herió en medio del pecho, profiriendo una horrible blasfemia, con la cual exhaló su último suspiro*[282]" (Orellana, 1860, p. 83). Martin volta correndo até seu grupo e, quando questionado sobre o que havia acontecido, diz-lhes que os nativos haviam atacado a eles e matado Santiago. Guatiguana pede, então, que Margarit responda pelos atos de seus homens.

Guatiguana vai até Guarionex e pede-lhe auxílio para expulsar os espanhóis da ilha. Guarionex responde-lhe: "*Óyeme, Guatiguana* [...]*. No puedes tener tú tanto deseo como yo de ver nuestro hermoso pais libre de esos invasores; pero lo que está decretado por los zemís se cumplirá: tal es la ley del destino*[283]" (Orellana, 1860, p.

---

[280] Nossa tradução: [...] homem de caráter belo e pacífico, que, desde o início, foi afetuoso com os brancos, embora, no fundo de sua consciência, não oferecesse uma amizade sincera a eles (Orellana, 1860, p. 79).

[281] Nossa tradução: Porém, eram dois, e o objeto de sua cobiça era um só: sem se consultarem, entreolharam-se e entenderam: seu primeiro impulso foi agarrar aquela presa, e cedendo mais à ação do que ao pensamento, de repente, lançaram-se para o mar tranquilo, onde a bela jovem se banhava (Orellana, 1860, p. 81).

[282] Nossa tradução: Da mesma forma, o soldado moribundo avançou, em sua queda, sobre a assustada filha de Guatiguana, e a feriu no meio do peito, proferindo uma horrível blasfêmia, com a qual deu seu último suspiro (Orellana, 1860, p. 83).

[283] Nossa tradução: Ouça, Guatiguana [...]. Você não pode desejar mais do que eu ver nosso lindo país livre desses invasores; mas o que for decretado pelos zemís será cumprido: tal é a lei do destino (Orellana, 1860, p. 91).

91). Chamamos a atenção ao fato curioso de que, ao nos depararmos com um conteúdo acrítico sobre a colonização espanhola da América na obra de Orellana (1860), vemos, nessa parte, uma inversão de valores: a voz de uma personagem autóctone refere-se aos colonizadores como “invasores” de seu país. Ao mesmo tempo em que personagens masculinas como Cristóvão Colombo, representativas dos colonizadores europeus, são exaltadas e heroificadas na obra, é apresentada, também, a visão dos nativos, que tiveram seu território invadido e tomado por esses estrangeiros provenientes de outro continente.

Frente aos infelizes acontecimentos na colônia, o padre Boil e Margarit decidem colocar em prática seu plano de regressar à Espanha, e aproveitam o momento em que Colombo não está mais entre eles. A voz narrativa conta que:

> *No eran Caonabó ni Guatiguana los que mas conspiraban contra el establecimiento de la primera colonia en el Nuevo Mundo. Margarit, el padre Boil y muchos nobles descontentos eran, sin pensarlo quizás, los enemigos mas activos de la dominación española en el pais recien descubierto*[284] (Orellana, 1860, p. 94).

As personagens de extração histórica Boil e Margarit partem, então, com seus homens, nas embarcações que estavam atracadas na ilha. Quando descobre o sumiço das caravelas e daqueles homens, Bartolomé expõe suas preocupações a Diego:

> *– Algo mas hay que sentir, dijo don Bartolomé; y es el mal efecto moral que esta deserción causará en la colonia y en España: si efectivamente es Margarit el autor de ese atentado, no estarán léjos de él nuestro reverendo padre Boil y sus frailes: figuraos el daño que esa gente puede hacer en la corte, donde no faltan ya enemigos á nuestra familia, sin contar la indisciplina que acabará de cundir entre los que aquí quedan*[285] (Orellana, 1860, p. 100).

[284] Nossa tradução: Não foi Caonabó ou Guatiguana quem mais conspirou contra o estabelecimento da primeira colônia no Novo Mundo. Margarit, o Padre Boil e muitos nobres descontentes foram, talvez sem perceberem, os inimigos mais ativos da dominação espanhola no país recém-descoberto (Orellana, 1860, p. 94).

[285] Nossa tradução: – Algo mais há que se sentir, disse Dom Bartolomé; e é o mau efeito moral que esta deserção causará na colônia e na Espanha: se Margarit for realmente o autor desse ataque, nosso reverendo Padre Boil e seus frades não estarão longe dele: imagine o dano que essas pessoas podem causar na corte, onde não faltam inimigos para nossa família, sem falar na indisciplina que vai acabar se espalhando entre os que aqui permanecem (Orellana, 1860, p. 100).

A deserção de Margarit leva os homens que ficaram em *Vega Real,* sem um líder, a buscarem todos os tipos de excessos e prazeres, o que incomoda os povos que vivem naquelas terras. À continuação do relato, o narrador expõe que a personagem Miguel Díaz vai até Alonso de Ojeda para lhe comunicar sobre a chegada de Bartolomé, a fuga de Boil e Margarit, a dispersão do exército em *Vega Real,* as ameaças dos nativos a esses homens e a espera de um ataque orquestrado por Caonabó naquele momento. A personagem Ojeda ri da suposta ameaça do cacique, desmerecendo o exército de nativos, ao dizer: "– *Que son muchos? Doscientos para cada uno de nosotros: cálculo aproximado, pues no me he parado á contarlos: pero ellos son simples mortales, y nosotros somos dioses. Jah! Jah! Jah!*[286]" (Orellana, 1860, p. 103).

Na sequência das ações relatadas, Ojeda parte com seu exército para atacar Caonabó e seu povo. Em um momento durante a batalha, Anacaona aproxima-se de seu marido, levada por oito homens que a carregavam em uma espécie de suporte, adornada de flores e ouro, tocando um pandeiro e recitando um romance ou areyto. O grupo de indígenas era liderado por Caonabó e sua esposa, como vemos:

> *Pero el ardor de estos pareció duplicarse ante la muerte: pisando los cadáveres palpitantes a sus compañeros, atropellando los heridos, avanzaron guiados por Caonabó y por la intrépida Anacaona, que se tenie en pié sobre el palaquin, agitando su espada y dando alientos á sus guerreros. Cumplia su palabra: ella, la tierna Flor-de-Oro, la amiga de los españoles, la partidaria de la paz, habia prometido pelear en defensa de su patria, y daba muestras de su valor permaneciendo serena en medio del peligro*[287] (Orellana, 1860, p. 122).

Nesse momento, Anacaona é descrita, novamente, como a mulher pacificadora, terna, amiga, mas, também, como uma líder destemida, que guia seu povo ao lado de seu marido. Ela o faz, porém, visando a um bem maior: manter a paz

[286] Nossa tradução: – Quantos são? Duzentos para cada um de nós: um cálculo aproximado, pois não parei para contá-los: mas eles são simples mortais, e nós somos deuses. Ha! Ha! Ha! (Orellana, 1860, p. 103).

[287] Nossa tradução: Mas seu ardor parecia duplicar-se diante da morte: passando por cima dos cadáveres palpitantes de seus companheiros, pisoteando os feridos, avançavam guiados por Caonabó e pela intrépida Anacaona, que ficava no palanquim, brandindo a espada e encorajando seus guerreiros. Mantinha sua palavra: ela, a terna Flor-de-Oro, a amiga dos espanhóis, a defensora da paz, prometeu lutar em defesa da sua pátria e mostrou coragem ao manter a calma no meio do perigo (Orellana, 1860, p. 122).

e ajudar seus amigos espanhóis. Do outro lado, Ojeda a protegia e pedia a seus homens:

> *– Mirad bien lo que haceis: que ningun tiro alcance á la reina!*
> *Y con efecto, comprendiendo este generoso sentimiento, los guerreros españoles separaban su puntería del parage donde descollaba, como una hermosa bandera, la figura de la bella Flor-de-oro.*
> *Los indios debieron atribuir á un favor del cielo el acaso que hacia invulnerables á cuantos rodeaban á su reina, y todos procuraban agruparse alrededor de ella: su valor rayaba en temeridad*[288] (Orellana, 1860, p. 122).

A voz enunciadora do discurso menciona, então, como o grupo de taínos tenta adentrar o forte de *Santo Tomás*, onde os espanhóis se protegiam. Após várias tentativas, acabam retrocedendo e desistindo do ataque. No entanto, mantiveram-se nas proximidades, impedindo que saíssem do forte. Depois de oito dias, as provisões do grupo espanhol tinham se esgotado. Mendez vai, com um grupo e com o auxílio de um dos nativos, que lhes estava ajudando em segredo, até as instalações dos nativos, para roubar alguns mantimentos. Em uma das tendas, encontram a rainha Anacaona, a qual lhes pede que não a machuquem. Mendez diz-lhe: "*– Ilustre princesa: los españoles sabemos respetar la dignidad y la desgracia. La suerte de las armas os hace mi prisionera: vendreis conmigo, y yo os prometo defenderos de todo ultrage con mi propia vida*[289]" (Orellana, 1860, p. 130). A taína indica que o seguiria, como Caonabó não estava ali para a proteger, conforme vemos: "*Los ojos de Anacaona brillaron de inteligencia, mostrando bien que habia comprendido toda la delicadeza del vencedor. Pero en seguida los bajó resignada, y dijo: – Soy tu prisionera: no lo sería, si estuviese aquí Caonabó. Ya te sigo*[290]" (Orellana, 1860, p. 130).

---

[288] Nossa tradução: – Observem atentamente o que fazem: não deixem nenhum tiro atingir a rainha! E de facto, compreendendo este sentimento generoso, os guerreiros espanhóis afastaram a sua pontaria do local onde a figura da bela Flor de Ouro se destacava como uma bela bandeira. Os índios devem ter atribuído a um favor do céu o fato de tornar invulneráveis todos ao redor de sua rainha, e todos tentaram se reunir em torno dela: sua coragem beirava a temeridade (Orellana, 1860, p. 122).

[289] Nossa tradução: – Princesa ilustre: nós, espanhóis, sabemos respeitar a dignidade e a desgraça. O destino das armas faz de você minha prisioneira: você virá comigo, e prometo defendê-los de todos os ultrajes com minha própria vida (Orellana, 1860, p. 130).

[290] Nossa tradução: Os olhos de Anacaona brilharam de inteligência, mostrando claramente que ela havia entendido toda a delicadeza do vencedor. Mas ela imediatamente os deixou e disse: – Sou sua prisioneira: não seria se Caonabó estivesse aqui. Agora te sigo (Orellana, 1860, p. 130).

As próximas ações relatadas mostram a cena de quando a personagem Ojeda vê Anacaona ser trazida por Mendez, pensa estar sonhando e fica em choque. Ela lhe diz: *"– Soy tu cautiva, por mi gusto. ¿Abusarás de tan fácil victoria?*[291]" (Orellana, 1860, p. 131). E ele lhe responde: "– *En ningun caso* [...] *abusaré de mis ventajas contra una dama de tus prendas. Aunque seas mi cautiva, eres la señora de este castillo*[292]" (Orellana, 1860, p. 131). A personagem taína é tratada, nesse momento do relato, com certo poder pela voz enunciadora do discurso, ainda que sempre em uma posição inferior à de uma figura masculina. Anacaona conta-lhes, nesse momento, que se ofereceu como um símbolo de paz e espera que, assim, seu marido admire e faça amizade com os espanhóis. Além disso, explica: *"– Antes que todo, soy haitiana* […]. *Si fuese posible destruiros, y este poder estuviese en mí, desapareceríais de Haiti, como la niebla cuando el sol sale. Pero como es locura pretender eso, prefiero ser vuestra amiga, y que tratéis á mi pueblo con cariño y amor á mí*[293]" (Orellana, 1860, p. 131-132). Nessa fala, é estabelecida a ideia de que Anacaona sacrifica-se por sua pátria e seu povo porque não tem outra escolha; afinal, o poder daqueles exploradores era inquestionável e eles estavam fadados à vitória.

Quando, no decorrer das ações ficcionais, o cacique descobre sobre a captura de sua esposa, Caonabó fica enfurecido e une seus homens para atacar Ojeda. O capitão espanhol prepara seu grupo para contra-atacar. Anacaona pede a Ojeda que não o faça, e sugere outra atitude: devolvê-la intacta ao seu marido, mostrando-lhe o quão gentil e respeitoso é. Dessa maneira, Caonabó não poderia recusar ser menos honroso que o espanhol. Assim o fazem, e o cacique taíno aceita o trato estabelecido, dizendo:

> *– Acepto y agradezco tu accion generosa, bravo jefe. No puedo ser tu amigo; pero te respeto y aprecio como enemigo de gran valía. Hoy cesan nuestros combates, porque has atado mis manos. Mañana, otro*

[291] Nossa tradução: – Sou sua prisioneira, por vontade própria. Abusará de uma vitória tão fácil? (Orellana, 1860, p. 131).

[292] Nossa tradução: – Em nenhum caso [...] abusarei das minhas vantagens contra uma dama como você. Embora seja minha prisioneira, você é a senhora deste castelo (Orellana, 1860, p. 131).

[293] Nossa tradução: – Em primeiro lugar, sou haitiana […]. Se fosse possível destruí-los, e esse poder estivesse em mim, vocês desapareceriam do Haiti, como a neblina quando o sol nasce. Mas como é loucura imaginar isso, prefiro ser sua amiga, e que vocês tratem meu povo com carinho e amor por mim (Orellana, 1860, p. 131-132).

> *dia nos encontraremos, y podrá empezar de nuevo la guerra, porque así lo exigen mis juramentos*[294] (Orellana, 1860, p. 138).

Nesse dia, taínos e espanhóis comem juntos em uma celebração, enquanto Anacaona entoa um areyto cuja letra seguia da seguinte maneira: "*Hermoso es el valiente, que vuelve de la guerra vencedor: pero es mucho mas hermoso el sosiego de la paz; es mucho mas bello el amor, gozado en las floridas selvas de mi patria*[295]**"** (Orellana, 1860, p. 138).

Após esse episódio, a voz narrativa anuncia, ao início de um novo capítulo, que "*mientras pasaban en santo Tomás los acontecimientos que dejamos apuntados, havia vuelto Colon á Isabela de su expedición exploradora á los mares occidentales*[296]**"** (Orellana, 1860, p. 141). Era 10 de setembro e Colombo estava doente. Depois de cinco ou seis dias, consegue levantar-se e conversar com seus irmãos. Nesse momento, transmite-lhes a relação sobre sua última viagem e a narrativa traz, novamente, excertos entre aspas, como se fossem extraídos dos registros sobre as viagens da figura histórica de Cristóvão Colombo: "*He descubierto una hermosa isla al sur de las costas del continente, á que llaman Jamaica, cuyos habitantes son los mas industriosos y civilizados de cuantos he visto en estas regiones*[297]**"** (Orellana, 1860, p. 146).

O leitor, logo, é informado que Colombo fica sabendo da deserção de Margarit e Boil e, frente à situação que encontra na ilha, decide que precisa nomear outras pessoas para serem seus braços direitos. Intitula Bartolomé como seu Adelantado, Diego como presidente da *Junta de Hacienda y administración* e sugere que seu intendente, Francisco Roldan, seja designado prefeito. Todas essas são, de fato, inserções no relato ficcional, de acontecimentos históricos registrados nos

---

[294] Nossa tradução: – Aceito e aprecio sua ação generosa, corajoso chefe. Não posso ser seu amigo; mas respeito e aprecio você como um inimigo de grande valor. Hoje, nossa luta cessa, porque você atou minhas mãos. Amanhã, outro dia, nos encontraremos e a guerra poderá recomeçar, porque é isso que meus juramentos exigem (Orellana, 1860, p. 138).

[295] Nossa tradução: Belo é o valente que volta vitorioso da guerra: mas a calma da paz é muito mais bela; o amor é muito mais bonito, apreciado nas selvas floridas da minha pátria (Orellana, 1860, p. 138).

[296] Nossa tradução: Enquanto os eventos que mencionamos ocorriam em *Santo Tomás*, Colombo retornou a *Isabela* de sua expedição de exploração aos mares ocidentais (Orellana, 1860, p. 141).

[297] Nossa tradução: Descobri uma bela ilha ao sul da costa do continente, que chamam de Jamaica, cujos habitantes são os mais trabalhadores e civilizados que vi nestas regiões (Orellana, 1860, p. 146).

documentos que se conservam sobre a época, demonstrando, aos leitores instruídos desses registros, o quanto a ficção, nesse romance, transveste-se de historicidade.

A sequência cronológica temporal adotada pelo relato revela que, alguns dias depois, Colombo recebe a visita do cacique Guacanagarí, que lhe adverte sobre um possível ataque que Caonabó orquestrava, com o qual ele optou por não colaborar. Colombo aceita sua demonstração de fidelidade, pois não tinha amizade com nenhum outro cacique. A personagem pergunta a Guacanagarí se todos os outros chefes apoiariam Caonabó nessa guerra, e ele lhe responde que todos, menos um, Guarionex, com quem o espanhol também deveria estabelecer amizade.

No percurso das ações relatadas, nas montanhas de Cibao, Alonso de Ojeda encontra-se, novamente, com Caonabó. Durante a conversa, o cacique informa Ojeda que gostaria de o acompanhar-lhe até *Isabela* para visitar o almirante. Dentro de três dias, marchavam juntos até a colônia. Após uma semana de viagem, Ojeda já havia ganhado a confiança do chefe taíno, e coloca em prática seu plano para o capturar: apresenta-lhe um par de algemas polidas, muito brilhantes, como se fossem uma joia de estimado valor, e lhe diz que, se chegasse em *Isabela* montado em um cavalo e as usando, seria reconhecido como o grande líder que era. Caonabó aceita o presente e, embriagado em uma contemplação profunda de si mesmo, não percebe que estava sendo aprisionado. Quando compreende o que estava acontecendo, já era tarde. Tenta escapar, mas é ameaçado por Ojeda e seus homens. O cacique passa, nessa ocasião, a reconhecer Ojeda como o principal chefe dos brancos, mais poderoso até mesmo que Colombo. Após a captura do chefe taíno e supressão dos exércitos nativos, Colombo passa a ser respeitado na maior parte da ilha e estabelece a dominação espanhola naquelas terras.

Nessa parte da diegese, há a ficcionalização da captura do cacique, presente na *Carta* que Cristóvão Colombo escreveu a Pedro Margarite, em 9 de abril de 1494, na qual fornece instruções para que seu subordinado, junto a Alonso de Ojeda, executem a captura de Caonabó, como punição pelo suposto ataque ao forte "*La Navidad*". Nesse excerto da *Carta*, de maneira semelhante à narrativa de Orellana (1860), Colombo aconselha-os a conquistar a confiança do cacique, amarrá-lo e impedi-lo de se soltar, para que consigam levá-lo como prisioneiro.

Quando o segundo livro da obra começa, a voz narrativa aponta ao leitor que "*han transcurrido algunos meses despues de los acontecimentos que dejamos*

relatados [...]. *Era entrado el otoño de 1496*[298]" (Orellana, 1860, p. 178). Como podemos ver, as ações narradas no romance apresentam uma linearidade cronológica dos eventos históricos, destacando, frequentemente, ao longo de toda a narrativa, as datas exatas em que as ações acontecem, e expondo, também, as elipses temporais que garantem o avanço do relato, seguindo a trilha da historicidade. Fleck (2017) explica que essa organização temporal é uma característica presente nos romances históricos tradicionais e que essa reforça a impressão de que o tempo flui constante e ininterruptamente, atribuindo à história um caráter incontestável por apresentar uma cronologia definida dos eventos, ação imitada/incorporada pela modalidade tradicional do romance histórico.

Colombo, na sequência das ações do romance, recebe a notícia de seu irmão, Diego, que voltava de uma viagem à Espanha, de que um juiz investigativo seria enviado à colônia para confirmar as condutas do governo do Almirante, em especial, devido aos relatos que haviam recebido de Margarit e Boil. O comunicado dos reis seguia com as seguintes palavras: "*Caballeros, escuderos y otras personas que por nuestras órdenes están en las Indias: os enviamos á Juan Aguado, nuestro caballerizo, que os hablará de parte nuestra. Os mandamos darle entera fe y crédito*[299]" (Orellana, 1860, p. 181). Quando chega à ilha, o juiz começa a indagar todos sobre seus descontamentos com o Almirante. A voz narrativa explica que, nessa situação, seria esperado um comportamento diferente de Colombo, mas o nobre comandante é paciente, respeitoso e trata Juan Aguado com muita estima, conforme vemos no seguinte trecho:

> [...] *ni una palabra, ni una queja, ni siquiera un gesto inconveniente, llegaron á revelar el descontento de Colon, ni mucho menos que le animase un espíritu rebelde contra los reyes de España, como esperaban hacerlo constar sus enemigos. Habló con Aguado, como con un igual suyo en autoridad; mostróse complacido de que se le hubiese nombrado para examinar el estado de la colonia y las causas de sus pocos adelantos; y le ofreció toda su cooperacion, á fin de investigar imparcialmente y de un modo seguro los orígenes de los*

[298] Nossa tradução: Alguns meses se passaram desde os acontecimentos que descrevemos [...] Era final do outono de 1496 (Orellana, 1860, p. 178).

[299] Nossa tradução: Cavaleiros, escudeiros e outras pessoas que estão nas Índias sob nossas ordens: enviamos-lhes Juan Aguado, nosso escudeiro, que falará com vocês em nosso nome. Nós ordenamos que deem a ele plena fé e crédito

> *males pasados, y proponer el remedio para en adelante*[300] (Orellana, 1860, p. 185).

Assim como se relata na obra de Orellana (1860), Juan de Aguado[301] foi enviado, em 9 de abril 1495, às supostas "Índias" pelos reis espanhóis com a missão de reportar o que acontecia em "*La Española*", pois não tinham notícias de Cristóvão Colombo há meses. Durante alguns meses, na continuação da narrativa, Aguado segue com suas investigações. Em outra parte da ilha, Miguel Díaz encontra uma vila chefiada por uma cacica chamada Ozema. Ela encanta-se com o espanhol e ele acaba vivendo ali com ela por um tempo. Nesse momento, a voz narrativa explica que: "*segun la ley de sucesion en Haiti, el gobierno y mando se transmitia por las hembras; de modo que los caciques, en general, recibían la investidura de tales de sus esposas*[302]" (Orellana, 1860, p. 190). Vemos que, nesse posicionamento da obra, as mulheres dessa comunidade são descritas como portadoras de certo poder, inclusive para o designar aos chefes homens. O mesmo acontece quando Anacaona luta ao lado de Caonabó e o casal guia seu exército de igual para igual. Em outros momentos, porém, Anacaona rebaixa-se perante a figura masculina, como quando afirma que não é dona de si mesma, e que seu esposo é o senhor de sua alma.

Depois de algum tempo, Díaz começa a questionar se deveria estar ali, sem contato com a Espanha, a colônia, seu povo e seus reis. Quando confessa isso a Ozema, ela lhe indica em que parte daquela região ele poderia encontrar o tão cobiçado ouro, verdadeiro desejo de seu coração. Quando descobre que, de fato, há ouro naquela área, Díaz decide voltar a *Isabela* e contar sua descoberta a Colombo, o que, talvez, poderia garantir seu perdão pelo Almirante. Colombo, ao receber a notícia, fica feliz em saber da descoberta e parte para investigar tais terras. Decide, ali, construir um novo forte. Ozema e seu povo recebem os espanhóis abertamente

---

[300] Nossa tradução: [...] nem uma palavra, nem uma reclamação, nem mesmo um gesto inconveniente, chegou a revelar o descontentamento de Colombo, muito menos que tinha sentimentos de rebeldia contra os reis da Espanha, como os seus inimigos esperavam deixar claro. Falou com Aguado, como com seu igual em autoridade; aceitou que ele havia sido nomeado para examinar o estado da colônia e as causas do fraco progresso; e ofereceu-lhe toda a sua cooperação, a fim de investigar com imparcialidade e segurança as origens dos males passados e propor a solução para o futuro (Orellana, 1860, p. 185).

[301] Disponível em: https://dbe.rah.es/biografias/35536/juan-de-aguado. Acesso em: 3 nov. 2023.

[302] Nossa tradução: De acordo com a lei de sucessão no Haiti, o governo e o comando eram transmitidos através das mulheres; assim, os chefes, em geral, recebiam a investidura de suas esposas (Orellana, 1860, p. 190).

em suas terras. A cacica converte-se ao cristianismo e assume o nome de Catalina para viver com seu amado Díaz, com quem acaba tendo muitos filhos. Notamos que, apesar de nos apresentar o poder feminino de cacicas como Ozema, a relação entre as personagens femininas e masculinas estabelece, majoritariamente, uma submissão e entrega das mulheres perante os homens, assim como acontece com Ozema.

O governador de *Santo Tomás*, Alonso de Ojeda, preocupava-se com a aprovação de Anacaona com relação à captura de seu marido. Para ele, "[...] *la aprobación de Anacaona era la mejor recompensa á que aspiraba*[303]" (Orellana, 1860, p. 203). Quando a encontra, em Maguana, a cacica diz-lhe que seu feito havia trazido apenas mais ódio e desacordo entre seus povos, e que ele deveria libertar seu marido. Ojeda confessa-lhe que o faria, mas que essa decisão não está mais em suas mãos, pois Caonabó agora estava sob o comando de Colombo.

Em março de 1496, partem as duas caravelas que levam Colombo e seu juiz Aguado de volta à Espanha. Junto, parte Caonabó, como prisioneiro. Nessa viagem, Caonabó acaba morrendo, conforme narrado no seguinte trecho: "*el almirante habia llegado á Cádiz despues de una penosísima travesía de tres meses, durante lo cual habia muerto el cacique Caonabó*[304]" (Orellana, 1860, p. 213). A diegese de Orellana (1860) remete aos registros de Las Casas em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), na qual o frei relata que Caonabó foi capturado para ser levado a Castilha e, na viagem, houve uma grande tempestade que afundou os navios e "[...] *ahogó todos los cristianos que en ellos estaban, donde murió el dicho Caonabó cargado de cadenas y grillos*[305]" (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

Ao saber da morte de Caonabó, as personagens Anacaona e seu irmão, Behechio, lamentam pelo desafortunado destino do cacique, mas o justificam por sua sede de vingança aos espanhóis. A personagem Behechio diz, nessa situação, ao Adelantado: "– *Caonabó há sido desgraciado por haceros la guerra: ¿seremos mas*

[303] Nossa tradução: A aprovação de Anacaona era a melhor recompensa a que aspirava (Orellana, 1860, p. 203).

[304] Nossa tradução: O almirante chegou a Cádiz depois de uma viagem muito dolorosa de três meses, durante a qual morreu o cacique Caonabó (Orellana, 1860, p. 213).

[305] Nossa tradução: [...] afogou todos os cristãos que ali estavam, onde morreu o dito Caonabó, carregado de correntes e grilhões (Torrejón, [1552] 2011, p. 27).

felices los que deseamos la paz?[306]" (Orellana, 1860, p. 222). A personagem Bartolomé responde-lhe: "– *Ciertamente podeis serlo, si correspondeis á la proteccion de los grandes monarcas españoles, portándoos como fieles vasallos*[307]" (Orellana, 1860, p. 222). Assim como nesse momento e em outros excertos já analisados, ao longo de toda a diegese, é enfatizado o poderio dos colonizadores espanhóis sobre os nativos indígenas, e o fato de que todas as tragédias vividas pelos autóctones derivam de sua própria desobediência perante aquilo que lhes é imposto pelos seus superiores estrangeiros. Essa ficcionalização muito condiz com os escritos de colonizadores como Cristóvão Colombo que, em suas cartas aos reis, justificava seus feitos no "Novo Mundo" pela desobediência e rebeldia dos nativos.

A personagem Behechio obedece a Bartolomé e, nessa ocasião, concordam em pagar tributos aos espanhóis – o que também condiz com nosso *corpus* de extração histórica, nos quais há registros feitos por Las Casas, Colombo e Anghiera das tributações impostas pelos colonizadores aos nativos. Nos capítulos seguintes, várias desavenças surgem e batalhas são travadas entre os próprios espanhóis e, também, entre nativos e espanhóis. O prefeito, a personagem Francisco Roldan, instiga outros homens a se rebelar com a situação decadente em que a colônia se encontra depois de tantos meses desde a partida do Almirante e sem quaisquer notícias dele. Porém, em meio a esses conflitos, uma caravela espanhola chega à ilha. Pedro Hernandez Coronel é recebido pelo Adelantado Bartolomé Colombo, a quem informa sobre a situação que o Almirante havia encontrado na Espanha.

Segundo o relato de Coronel, a popularidade de Colombo havia sido comprometida pelas intrigas de seus inimigos e as acusações de Aguado, mas, aos poucos, conseguia retomar seu lugar na corte e o apoio dos reis. Coronel informa-lhe, ainda, que: "[…] *llegaron nuevas quejas á oidos del Rey, quejoso ya de que la empresa del Nuevo mundo le diese mas gastos que provechos, y hasta la Reina llevó muy á mal que se esclavizase á los indios; porque S. A. mira á estas gentes con amor, y siente mucho que les maltrate*[308]" (Orellana, 1860, p. 261). Bartolomé responde-lhe:

---

[306] Nossa tradução: – Caonabó teve a infelicidade de fazer guerra contra vocês: seremos mais felizes aqueles de nós que querem a paz? (Orellana, 1860, p. 222).

[307] Nossa tradução: – Certamente o poderão ser, se corresponderem à proteção dos grandes monarcas espanhóis, agindo como fiéis vassalos (Orellana, 1860, p. 222).

[308] Nossa tradução: [...] novas reclamações chegaram aos ouvidos do Rei, o qual já se queixava que o empreendimento do Novo mundo lhe dava mais despesas do que benefícios, e até a Rainha não

> *– S. A. no sabe la mitad de lo que aquí pasa* […] *Yo soy el primero en desaprobar el rigor en el trato de los indios; pero si ellos se rebelan contra nosotros y lo sufrimos, en vez de asegurar estos dominios á la corona de España, solo encontraremos aquí nuestra sepultura*[309] (Orellana, 1860, p. 261).

Outra vez, vemos, na tessitura narrativa analisada, a justificativa dos maus tratos aos autóctones pela sua não obediência e, acima disso, para garantir o domínio da coroa sobre aqueles territórios – ainda que exista uma humanização e simpatia pelo destino desses nativos. Dessa vez, essas preocupações estendem-se diretamente à figura dos reis.

A batalha travada entre os espanhóis e os nativos cessa com a captura dos caciques Guarionex e Mayonabex pelo Adelantado. Logo, Colombo regressa da Espanha e é informado, por Bartolomé, das traições de Roldan, que havia partido com seus homens para viver em Jaraguá, e do estado deplorável que *Isabela* se encontrava, onde os espanhóis sofriam sem mantimentos e pelas enfermidades. Roldan não se rende a Colombo e impõe suas demandas de embarcações e suprimentos para que voltasse à Espanha com seus homens.

Enquanto isso, em Jaraguá, onde Roldan residia com seu grupo, os nativos desse país eram explorados e suas mulheres, tomadas por esses homens brancos. Anacaona, guiada por seu forte instinto materno, tenta proteger sua filha, Higuamota, mantendo-a reclusa e sempre acompanhada, para que não sofresse os mesmos tormentos de outras mulheres de sua tribo ou se deixasse envolver por aqueles estrangeiros.

A personagem Higuamota, filha de Anacaona e Caonabó, é uma figura de extração histórica, à qual encontramos escassas referências em documentos da historiografia europeia. Alguns dos únicos registros que a mencionam foram escritos pelo frei Bartolomeu de Las Casas, que utiliza a grafia “Higueimota” (Las Casas, em Tudela Bueso [1875] 1957, p. 448).

---

gostaria que os índios fossem escravizados; porque S. A. olha para essas pessoas com amor, e lamenta muito que as maltratem (Orellana, 1860, p. 261).

[309] Nossa tradução: – S. A. não sabe da metade do que acontece aqui […] sou o primeiro a desaprovar o rigor no tratamento dos índios; mas se eles se rebelarem contra nós e nós sofrermos isso, ao invés de assegurarmos estes domínios à coroa da Espanha, só encontraremos a nossa sepultura aqui (Orellana, 1860, p. 261).

Na continuação dos relatos ficcionais de Orellana (1860), certo dia, Higuamota encontra Hernando de Guevara enquanto este caçava na mata. A jovem sente-se nervosa na presença do jovem espanhol, o qual lhe confessa que a ama e deseja tomá-la para si. Após o encontro, Hernando afirma, para si mesmo, o seguinte:

> *Si llego á poseerla, ¿quién mas dichoso que yo en el mundo? – Imposible encontrar en España otra mas bella, mas pura, mas angelical que Higuamota. Yo la instruiré, la vestiré para que nadie goce con la vista los tesoros de su hermosura; la haré bautizar, y le pondré un nombre dulce y gracioso: se llamará Emilia, como mi madre: Emilia, sí nombre armonioso, que al pronunciarlo hace mover los labios como para dar un beso*[310] (Orellana, 1860, p. 305).

Nesse fragmento, há, novamente, o processo de subjugamento da figura feminina a uma posse, semelhante a uma mascote, a quem a figura masculina tem o direito de nomear, mandar, batizar, vestir e controlar. Essa redução das mulheres nativas está presente em toda a diegese e conversa com os estudos de autoras como Potthast (2010) sobre a dominação masculina e o conceito do machismo. Potthast (2010) explica que as transformações sociais da época colonial podem nos servir como explicações para alguns comportamentos. Desde então, o espaço destinado à mulher era o do lar e, ao homem, a região do que era público, lugar de enfrentamento e rivalidade, regido pelas regras diferentes às da moral cristã. Os assuntos exteriores ao lar eram designados ao homem, cuja tarefa era proteger sua família e, também, controlá-la. Caso contrário, sua masculinidade estaria em jogo. Nesse sentido,

> […] *por lo tanto, los hombres tenían que empeñarse en controlar a sus mujeres y, en la medida de lo posible, mediante la limitación de sus contactos con el exterior, no exponerlas al riesgo de hacer peligrar el honor del esposo y de la familia mediante comportamientos erróneos (de definición sexual en su mayoría)*[311] (Potthast, 2010, p. 355).

---

[310] Nossa tradução: Se eu vier a possui-la, quem no mundo será mais feliz do que eu? – É impossível encontrar na Espanha outra mais bela, mais pura, mais angelical que Higuamota. Eu a instruirei, a vestirei para que ninguém possa desfrutar com os olhos os tesouros de sua beleza; irei batizá-la e dar-lhe-ei um nome doce e gracioso: chamar-se-á Emilia, como a minha mãe: Emilia, sim, um nome harmonioso, que quando pronunciado faz mover os lábios como se fosse dar um beijo (Orellana, 1860, p. 305).

[311] Nossa tradução: Portanto, os homens tiveram que se esforçar para controlar as suas esposas e, na medida do possível, limitando os seus contatos com o mundo exterior, não as expondo ao risco de colocar em perigo a honra do marido e da família através de comportamentos errôneos (principalmente de definição sexual) (Potthast, 2010, p. 355).

Segundo Potthast (2010), essa é a concepção dicotômica que se arrasta desde a época colonial. Fica clara, no romance de Orellana (1860), essa inferiorização das figuras femininas e seu trato como objetos sexuais, que servem para serem dominadas, vestidas, nomeadas, convertidas e para servir ao seu dono/marido, como no excerto previamente analisado, o qual nos levou a essa discussão.

Apesar dos sentimentos que as personagens Hernando e Higuamota passam a nutrir uma pela outra, Roldan também começa a desejar a filha de Anacaona, encantado com sua beleza. Por esse motivo, Roldan desiste de regressar à Espanha e, quando tem conhecimento dos sentimentos entre Hernando e Higuamota, arma um plano para prender Hernando e, dessa maneira, tirá-lo de seu caminho. Roldan acusa Hernando de desrespeitar sua autoridade e consegue prendê-lo pelo descumprimento da ordem de não se aproximar da filha da cacica. O primo de Hernando, Adrian de Mojica, e seus companheiros rebelam-se e se organizam para tentar libertar Hernando. Seis dos integrantes desse grupo são enforcados a mando de Roldan e ficam pendurados nos arredores da residência de Anacaona.

Roldan promete a Higuamota que a levará até onde seu esposo se encontrava em cativeiro e a acusa como culpada daquelas mortes que haviam ocorrido, quando lhe diz: *"– Mira esos desdichados: todos eran amigos de Hernando de Guevara: como ellos perecerán cuantos pretendan defenderle y arrostrar mis iras. Toda tu familia y el mismo Hernando sufrirán la misma suerte, y de esas muertes nadie será causante sino tú*[312]**"** (Orellana, 1860, p. 370). Além do abuso de poder que Roldan exerce sobre outros homens, como Hernando, ele também usa sua influência para coagir, psicologicamente, a Higuamota com a finalidade de dominá-la. Com tais ameaças, Roldan leva-a consigo com a mentira de que a conduzirá até Hernando e a mantém em cativeiro, escondida. Seu plano era acusar os homens de Hernando de raptar a princesa.

Anacaona entra em desespero pelo rapto de sua filha e pede ao Adelantado que a resgate. Bartolomé pede, então, que Roldan se encarregue de descobrir o paradeiro de Higuamota. Ao mesmo tempo, porém, desconfia que Roldan possa ser o raptor e, por isso, ordena a um de seus homens para que o siga e descubra algo.

[312] Nossa tradução: – Veja esses infelizes: eram todos amigos de Hernando de Guevara: como eles, todos os que tentarem defendê-lo e enfrentar minha ira perecerão. Toda a sua família e o próprio Hernando sofrerão o mesmo destino, e mais ninguém será a causa dessas mortes além de você (Orellana, 1860, p. 370).

Um grupo de rebeldes defensores de Hernando encontra esse espião do Adelantado e o faz levar-lhes até onde havia seguido Roldan. Então, encontram a residência onde a amada de Hernando estava e a resgatam. Um dos insurgentes, chamado Barahona, propõe ao grupo outro plano: agora que tinham a filha de Anacaona, poderiam usar dessa influência para obrigar a cacica a liderar todos os outros indígenas contra Roldan para, assim, conseguir derrotá-lo. O grupo é dividido entre aqueles que querem seguir o plano de Barahona e os que são contra ele. Travam uma batalha entre os dois lados e, enquanto lutavam, Higuamota afasta-se do conflito e encontra Bartolomé e seus homens, que por ali passavam e foram atraídos pelo barulho da batalha. O Adelantado leva a jovem até sua mãe. No entanto, Bartolomé não consegue nenhuma prova de que Roldan seria seu raptor. A própria Higuamota afirma que havia sido sequestrada por um desconhecido, por medo das consequências que a acusação a Roldan poderiam trazer ao seu amado.

As rebeliões na colônia haviam sido contidas e os negócios começam a reestabelecer-se com ordem e justiça quando, em 23 de agosto de 1500, duas caravelas chegam à colônia, na região de Santo Domingo. Um dos homens que desembarca é o comandante D. Francisco de Bobadilla, enviado pelos reis para averiguar quem foram as pessoas que haviam se rebelado contra o Almirante, por quais razões e quais insultos haviam cometido. Trazia, consigo, uma carta dos reis, que lhe dava autoridade para descobrir a verdade e prender quaisquer envolvidos, impondo-lhes multas e castigos. A voz narrativa explica, nessa ocasião, o seguinte:

> *Con efecto, don Francisco de Bobadilla, á quienes los reyes, movidos por apasionados informes y quejas injustas, habían dado facultades mas estensas de lo que hubiera debido aconsejas una política prudente, llegaba á Santo Domingo mas dispuesto á excederse y abusar de sus atribuicones, que á regirse por las reglas de una estricta justicia y conveniencia. En el acto comenzó a tomar informes de aquella gente interesada de lo que pasaba y habia pasado en la isla; y antes de desembarcar ni haber hablado, como debia, con las autoridades allí constituidas, condenó en su mente la conducta de Colon y de cuantos le habían permanecido fieles. No era otro su deseo ni su propósito*[313] (Orellana, 1860, p. 388).

[313] Nossa tradução: Com efeito, Dom Francisco de Bobadilla, a quem os reis, motivados por relatos emotivos e queixas injustas, haviam dado poderes mais amplos do que uma política prudente teria aconselhado, chegou a Santo Domingo mais disposto a exceder e abusar dos seus poderes do que a ser regido pelas regras de estrita justiça e conveniência. Imediatamente, ele começou a receber relatos daqueles interessados sobre o que estava acontecendo e havia acontecido na ilha; e antes de desembarcar ou de ter falado, como deveria, com as autoridades ali estabelecidas, condenou,

Podemos ver que, quando as intenções de Bobadilla são apresentadas ao leitor, é estabelecida a intenção indevida dele em desfavor da personagem edificada de Colombo, quem seria injustamente julgado, mais uma vez, por seus inimigos. A ficcionalização dos inquéritos de Bobadilla faz menção à figura histórica de Francisco de Bobadilla[314], enviado pelos reis católicos para descobrir e julgar as acusações realizadas, na época, ao governo de Cristóvão Colombo em *La Española*. Assim como na ficção de Orellana (1860), Bobadilla chegou em Santo Domingo no dia 23 de agosto de 1500, trazendo consigo uma carta de suas majestades, que lhe garantia os mesmos direitos retratados no romance histórico que analisamos. Mais uma vez, como acontece ao longo de toda a diegese, estabelece-se a verossimilhança ao entrelaçar dados da historiografia ao conteúdo ficcional da obra.

Na sequência da diegese, Diego Colombo explica a Bobadilla que, apesar do mandato dos reis que lhe apresenta, não o considera uma autoridade maior que a do Almirante. Nessa ocasião, explica a Bobadilla o exposto:

> *– No me consta, repuso don Diego, y creo que serán del mismo parecer todos estos caballeros. Siempre se ha dicho, señor comendador: "A largas tierras, largas mentiras;" y como estar no pueden haber llegado muy abultadas á los oídos de nuestros soberanos, que así lo habrán conocido en su alta penetracion, creo solamente que venís autorizado para investigar la verdad de los hechos, y para obrar en consecuencia; mas no para comenzar por el fin, antes de haber investigado nada*[315] (Orellana, 1860, p. 391).

Chama-nos a atenção como, na diegese, ainda que se estabeleça um posicionamento acrítico sobre a história do "descobrimento" da América, há, em momentos como este, o questionamento dos próprios registros que eram considerados fidedignos à sua realidade, como os mandatos dos próprios reis. Nesse excerto, por exemplo, é sugerida a noção de manipulação dos fatos para fins

---

mentalmente, a conduta de Colombo e daqueles que lhe haviam permanecido fiéis. Seu desejo ou propósito não era outro (Orellana, 1860, p. 388).

[314] Disponível em: https://dbe.rah.es/biografias/13807/francisco-de-bobadilla. Acesso em: 20 nov. 2023.

[315] Nossa tradução: – Não sei, respondeu D. Diego, e creio que todos estes senhores terão a mesma opinião. Sempre foi dito, Senhor Comandante: "Para terras distantes, longas mentiras;" e como estas podem ter chegado aos ouvidos dos nossos soberanos, que as receberam na sua alta investidura, apenas acredito que esteja autorizado a investigar a verdade dos fatos e a agir em conformidade; mas não começar pelo fim, antes de ter investigado qualquer coisa (Orellana, 1860, p. 391).

específicos, e a ideia de que nem tudo que é registrado corresponde, necessariamente, a uma "verdade" absoluta. Na diegese, porém, isso acontece para exaltar figuras como a de Colombo, justificando e explicando as injustiças que o navegante sofreu por julgamentos mal-intencionados, como os de Juan de Aguado e Francisco de Bobadilla. Quando a personagem Bobadilla fomenta a revolta dos homens da colônia e tenta assumir o posto de Colombo, a voz narrativa refere-se à personagem como "tirano". A exaltação à personagem Colombo e a isenção de qualquer culpabilidade sua continuam, em especial, com relação às acusações de Bobadilla, conforme observamos no seguinte trecho:

> [...] *la ambicion de mando, favoreciendo las circunstancias, con las armas formidables que el gobierno habia puesto en sus manos, pudiendo disponer sobre seguro del testimonio y el apoyo de una mayoría turbulenta y culpable, le indujo á comenzar por el fin su árduo y espinoso cometido, condenando á Colon antes de oirle para poder juzgarle. Derribar al grande hombre y ocupar su puesto era todo lo que deseaba el comendador Bobadilla: nada le importaban los medios, si alcanzaba su objeto: ¿y qué dificultad encontraría, no ya para destituirle, haciendo valer las patentes reales, sino para probar jurídicamente su culpabilidad?*[316] (Orellana, 1860, p. 397).

Enquanto Bobadilla é descrito pela voz narrativa como "tirano", Colombo é categorizado como "grande homem", vítima das ambições perversas de seu julgador. Colombo, ao saber do que acontecia em *Santo Domingo*, decide partir para encontrar-se com Bobadilla. Quando chega, é preso por ordem deste e obrigado a escrever uma carta ao Adelantado, pedindo-lhe que se apresente, pacificamente, em *Santo Domingo*. Em seus julgamentos e com os testemunhos que coletava, Bobadilla acusa Colombo de infrações como: forças nobres a trabalhar em construções; impor privações de alimento; guerrear com os nativos e impedir sua conversão à fé católica; apropriar-se de preciosidades encontradas na colônia e ocultar seu descobrimento aos reis. Colombo e seus irmãos são levados presos em 3 caravelas que regressariam à Espanha, sob o comando de Alonso Villejo. Nesse momento, a voz narrativa

[316] Nossa tradução: A ambição de comando, favorecendo as circunstâncias, com as formidáveis armas que o governo lhe havia colocado nas mãos, podendo contar seguramente com o testemunho e o apoio de uma maioria turbulenta e culpada, induziu-o a, finalmente, iniciar a sua árdua e espinhosa tarefa, condenar Colombo antes de ouvi-lo para poder julgá-lo. Derrubar o grande homem e tomar o seu lugar era tudo o que o Comandante Bobadilla desejava: os meios nada lhe importavam, se alcançasse o seu objetivo: e que dificuldade encontraria, não só para depô-lo, fazendo valer as patentes reais, mas também para provar legalmente sua culpabilidade? (Orellana, 1860, p. 397).

descreve que: "*en el momento de zarpar las carabelas, toda la playa estaba llena de gente, á pesar de ser muy de madrugada; y desde aquellas se oian los gritos e execracion, con que la maldad triunfante despedia al hombre mas notable de su siglo*[317]" (Orellana, 1860, p. 414). Há, aqui, a ficcionalização do evento histórico no qual Bobadilla ordena a prisão de Cristóvão Colombo e seus dois irmãos, em 1500, com o capitão Alonso de Vallejo no comando.

Durante a viagem, porém, Villejo decide que não quer maltratar uma figura tão importante como Colombo, "*el mejor marino del mundo, el que ha hecho que España sea envidiada de todos los reinos de Europa*[318]" (Orellana, 1860, p. 416), e opta por liberá-lo das algemas. Colombo redige uma carta a doña Juana de la Torre, dama da rainha, contando-lhe o que havia acontecido. Ela comunica a informação à rainha, a qual se espanta com o tratamento de seu protegido, aquele que mais trouxe glória para seu reinado. Colombo é, então, libertado pela rainha e comparado com ela em seu poderio pela seguinte descrição: "[...] *eran ella y Colon las dos primeras potencias de su siglo: ella la mayor reyna de la tierra, por su inteligencia y sus virtudes: él, por su talento y sus empresas, el mejor rey del Océano*[319] […]" (Orellana, 1860, p. 420). A exaltação da influência e poder de Colombo é tamanha que chega a ser comparada com a de um rei e, até mesmo, de um deus.

Depois disso, a voz enunciadora do discurso romanesco anuncia que os reis decidem que o regresso de Colombo ao comando da colônia não seria a melhor decisão no momento e nomeiam Nicolás de Ovando[320] como o novo governador de *La Española*, para que expurgasse a ilha das tragédias causadas pela administração de Bobadilla. Quando Ovando chega à colônia, encontra uma situação catastrófica de completa anarquia. Inicia sua investigação e envia de volta à Espanha mais de 100 homens culpados por tais calamidades, entre eles, Bobadilla e Roldan. Os barcos que os levavam, porém, são devastados por um terrível furacão.

---

[317] Nossa tradução: No momento da partida das caravelas, toda a praia estava cheia de gente, apesar de ser muito cedo; e delas podiam ser ouvidos os gritos e a execração, com os quais o mal triunfante se despedia do homem mais notável do seu século (Orellana, 1860, p. 414).

[318] Nossa tradução: [...] o melhor marinheiro do mundo, aquele que fez da Espanha a inveja de todos os reinos da Europa [...] (Orellana, 1860, p. 416).

[319] Nossa tradução: [...] ela e Colombo eram as duas primeiras potências do seu século: ela foi a maior rainha da terra, pela sua inteligência e pelas suas virtudes; ele, pelo seu talento e suas conquistas, o primeiro rei do Oceano [...] (Orellana, 1860, p. 420).

[320] O frei Nicolás de Ovando, personagem histórico, foi designado para substituir Francisco de Bobadilla como governador da ilha "*La Española*"/Guanahaní pela rainha Isabel, em 1501.

Colombo pede aos reis financiamento para uma quarta viagem, em busca do continente asiático. Viaja por vários territórios, entre eles, algumas ilhas próximas à Jamaica, o sul de Cuba, uma ilha perto da costa de Honduras, a qual os nativos chamavam Guanaga. Nas terras chamadas Veragua, encontram minas de ouro e estabelecem, ali, uma nova colônia durante algum tempo. Porém, conflitos com o cacique daquelas terras os levam à Jamaica, onde têm seus barcos destruídos por uma tempestade e acabam ficando isolados. Permanecem ali por bastante tempo, trocando objetos por suprimentos, com povos daquela região. Os nativos, porém, começam a criar inimizades com os espanhóis, os quais já não dispõem de muitos pertences para comercializar. Como uma tentativa de se salvar da situação em que se encontravam, Hernando de Guevara, Diego Mendez e o piloto italiano Bartolomé Fiesco partem no único bote que tinham, na tentativa de chegar à Española e comunicar à personagem Ovando as circunstâncias em que aqueles espanhóis se encontravam.

Preocupados com sua situação e como alguns homens pretendiam, inclusive, rebelar-se contra o Almirante, Colombo encontra uma solução para os náufragos. Descobre, por sua análise do céu, que, em uma determinada noite, haveria um eclipse lunar. Pede, então, para que os caciques se reúnam com ele para um aviso importante. No momento do eclipse, explica-lhes que os deuses que os espanhóis serviam haviam se enfurecido com os nativos por não fornecerem mais suprimentos necessários à sobrevivência daquele grupo de exploradores. Os nativos, assustados com o súbito desaparecimento da lua, imediatamente buscam provisões e suplicam a Colombo: *"– ¡Perdon, señor, perdon! – ¡Devolvednos la luz del cielo!*[321]" (Orellana, 1860, p. 496). Desde aquele dia, passam a obedecer e até a venerar o Almirante.

Nesse momento do relato, o narrador revela que a expedição de Hernando, Mendez e Fiesco havia conseguido chegar à Española e que as personagens haviam comunicado a Ovando do ocorrido. Nesse ínterim das ações relatadas, a personagem Hernando encontra-se com Miguel Díaz, que lhe conta que outro homem cobiçava sua amada Higuamota: a personagem Julian de las Casas, quem havia partido com Ovando e um exército, alguns dias antes, a caminho de Jaraguá, para suprimir uma rebelião supostamente tramada por Anacaona. Ao saber disso, Hernando parte a Jaraguá.

[321] Nossa tradução: – Desculpe, senhor, desculpe! – Devolva-nos a luz do céu! (Orellana, 1860, p. 496).

O discurso do romance dá a entender que Anacaona acreditava que Hernando já estava morto e, por isso, não rechaça totalmente as atenções que Julian de las Casas demonstra por sua filha, ainda que seu afeto pelos espanhóis já não seja mais o mesmo. Porém, Higuamota ainda ama Hernando e, por sua resistência aos intentos de Julian, o amor deste acaba se transformando em ódio. Anacaona decide expulsá-lo de sua residência para salvar sua filha de tais violências. Julian jura vingar-se dessa decisão. Nesse momento, a ilha encontra-se repleta de caciques descontentes, os quais seriam capazes de organizar uma rebelião para expulsar os espanhóis. Julian idealiza uma conspiração e atribui esse plano a Anacaona e a delata para o governador Ovando, o qual parte para Jaraguá com o objetivo de suprimir supostas ações de rebeldia.

A voz enunciadora, então, comenta que, quando Ovando e Julian chegam a Jaraguá, com mais de trezentos homens e setenta cavalos, Anacaona os recebe com hospitalidade, oferecendo-lhes hospedagem, comida, bailes, cânticos e festas públicas. Ovando chega a acreditar nas boas intenções da cacica, mas Julian o convence de que tudo era uma farsa e que, na verdade, os caciques planejavam assassinar todos os espanhóis. O governador da ilha decide oferecer um ato de simulação de batalha como uma celebração à cacica taína. Julian persuade-o com a informação de que Anacaona desejava aproveitar dessa situação para praticar o ato insurgente que planejava. Diante dessa notícia, Ovando ordena seus homens a irem armados para a apresentação.

Conforme detalha o narrador, no dia da grande festa, 84 caciques estavam reunidos na residência de Anacaona. Durante o torneio, Ovando soa um clarim de guerra como sinal para que seus homens atacassem os chefes indígenas e seu povo, conforme descrito no seguinte excerto:

> *La infantería se desplegó en dos alas y cerco la casa de Anacaona, impidiendo la salida de cuantos habia dentro, y la caballería se precipitó sobre el pueblo indefenso, haciendo en él una espantosa carnicería. Imposible seria describir aquella espantosa escena: hombres, mujeres y débiles niños, atropellados por los caballos, en vano buscaban su salvación en la fuga: las agudas lanzas y las cortantes espadas se cebaban en sus cuerpos desnudos; y los gritos*

> *de horror de las madres y el llanto de los hijos se mezclaban con los tristes ayes de los moribundos*[322] (Orellana, 1860, p. 508-509).

A cena descrita mostra que, enquanto a batalha acontece, Anacaona grita a Ovando questionamentos sobre aquela cruel injustiça. A cacica é acorrentada e aprisionada em uma casa próxima dali, enquanto os homens de Ovando arrancam, violentamente, confissões dos caciques. O recinto onde mantinham os chefes taínos começa a pegar fogo. Nesse momento, Diego Mendez e Hernando de Guevara chegam a Jaraguá e se deparam com o massacre que acontecia. Guiado pelos gritos de Higuamota, que se escondida em uma das casas durante a batalha, Guevara encontra sua amada sendo ameaçada por Julian e o mata para salvá-la. Eles se refugiam na montanha com alguns outros indígenas.

Alguns dias depois, segundo relata o narrador, a personagen Mendez volta a Jaraguá para falar com o governador. Nessa ocasião, a voz narrativa apresenta ao leitor o destino ao qual Anacaona havia sido submetida, conforme apresentado no fragmento abaixo:

> [...] *la bondosa, la noble Anacaona, la fiel amiga de los españoles, habia sido convencida de traicion por las declaraciones que el tormento habia arrancado á varios de sus compatriotas, y acababa de morir en una horca. Muchos españoles la lloraron; pero estas lágrimas no pudieron lavar el borron que Ovando echó sobre su nombre y su memoria*[323] (Orellana, 1860, p. 511).

Como podemos ver, não há uma descrição extensa para o evento da morte de Anacaona no romance de Orellana (1860), supostamente a personagem principal da diegese. Ao invés disso, a morte exaltada é a da personagem Colombo, quando este vem a falecer de uma doença, em Valladolid, na Espanha, junto a alguns membros da corte. Com a saúde cada vez mais precária, deixa um testamento e se despede antes

[322] Nossa tradução: A infantaria desdobrou-se em duas alas e cercou a casa de Anacaona, impedindo a saída de todos os que lá estavam, e avançou em direção ao povo indefeso, executando uma terrível carnificina. Seria impossível descrever aquela cena assustadora: homens, mulheres e pobres crianças, atropelados pelos cavalos, buscavam, em vão, a salvação na fuga: as lanças afiadas e as espadas cortantes atacavam seus corpos nus; e os gritos de horror das mães e das crianças misturavam-se com as tristes angústias das vítimas (Orellana, 1860, p. 508-509).

[323] Nossa tradução: A gentil e nobre Anacaona, fiel amiga dos espanhóis, foi acusada de traição pelas declarações que as torturas haviam extraído de vários de seus compatriotas, e acabara de morrer em uma forca. Muitos espanhóis lamentaram por ela; mas essas lágrimas não conseguiram lavar a mancha que Ovando deixou em seu nome e em sua memória (Orellana, 1860, p. 511).

de partir. Uma das personagens que se despede de Colombo é Higuamota, que havia ido à Espanha junto ao seu amado Hernando. Nessa situação, a filha de Anacaona despede-se do Almirante com grande afeto, conforme o diálogo transcrito abaixo:

> *– Yo no pido mas que verle: yo le amo, porque él no habría consentido la muerte de mi madre, ni la ruina de mi patria.*
> *– Es Emilia, dijo Hernando de Guevara: es mi esposa.*
> *– Haced que entre, repuso Colon.*
> *Higuamota, vestida como las señoras españolas, entró timidamente en la estancia.*
> *– Noble hija de la mas noble princesa de Haiti, le dijo el Almirante; si vienes á perdonar á este anciano moribundo los males que involuntariamente ha causado á tu família y á tu patria, yo te lo agradezco de todo corazon. Perdóname, sí; pues yo también he vertido lágrimas por la memoria de Anacaona, y sobre las ruinas de tu patria.*
> *– Yo, señor, respondió Higuamota, solo he venido á rogar á Dios por vuestra salud*[324] (Orellana, 1860, p. 523).

Para além da elevação da personagem de Colombo do início ao fim da diegese, conforme vimos em nossa análise, há, também, a constante ênfase da inocência do marinheiro com relação aos feitos empreendidos pelos colonizadores espanhóis no continente americano, pois, inclusive sobre a morte de Anacaona, ele é retratado como alguém que haveria impedido tal assassinato e que não dizimaria os nativos como outros homens, seus inimigos, fizeram.

A escolha pela apresentação desse posicionamento pelas palavras da própria filha de Anacaona reforça a fiabilidade desse sentimento e, portanto, o mantenimento da posição de herói da personagem Colombo, a qual poderíamos, até mesmo, considerar como a personagem principal da obra, apesar do próprio título do romance fazer alusão à Flor de Oro, em referência à Anacaona. Essa percepção é reforçada, ainda, pela forma como a diegese termina: após despedir-se de seus irmãos e amigos, deixar seu testamento e receber a extrema unção de um frei, Colombo morre, e a voz

---

[324] Nossa tradução: – Só gostaria de vê-lo: amo-o, porque ele não teria consentido com a morte de minha mãe, nem com a ruína do meu país.
– É Emília, disse Hernando de Guevara: ela é minha esposa.
– Deixe-a entrar, respondeu Colombo.
Higuamota, vestida como uma dama espanhola, entrou timidamente na sala.
– Nobre filha da mais nobre princesa do Haiti, disse-lhe o Almirante; se viestes perdoar este velho moribundo pelos males que ele, involuntariamente, causou à sua família e ao seu país, agradeço-lhe de todo o coração. Perdoe-me, sim; pois eu, também, derramei lágrimas pela memória de Anacaona e pelas ruínas do seu país.
– Eu, senhor, respondeu-lhe Higuamota, só vim orar a Deus pela sua saúde (Orellana, 1860, p. 523).

narrativa descreve que ele "*habia muerto para vivir siempre*[325]" (Orellana, 1860, p. 524).

Podemos traçar uma relação entre o "viver para sempre" e as memórias edificadas em torno da figura histórica de Cristóvão Colombo. As viagens de "descobrimento" de Colombo carregam um carácter mítico. Nas palavras de Lourenço (2023, p. 37), "a mitologia colombina é de essência modernista, por assim dizer. E talvez, mais importante do que tudo: o seu suporte é um *indivíduo*. Em sentido próprio e mais alto, *um aventureiro*". Assim como na diegese de Orellana (1860), foi construído um processo de edificação e exaltação sobre Colombo como o "descobridor do Novo Mundo", uma memória que perdurou na história, por muitos anos, como validadora do poderio dos impérios perante suas (ex-)colônias.

Essa construção ideológica antropocêntrica contrapõe-se, diretamente, à valorização da figura antagônica de uma líder nativa mulher, como foi o caso de Anacaona. Apesar do título da obra de Orellana (1860) fazer alusão à personagem histórica, a participação desta na diegese funciona como subsídio para a valorização de personagens masculinas, em especial, a de Colombo. A construção ficcional da personagem Anacaona pode ser considerada, inclusive, como acessória. Ainda que sua presença seja significativa e marcada, suas ações são sempre voltadas a um homem – seja este alguém que Anacaona venera, como Alonso de Ojeda, ou alguém a quem é completamente submissa, como seu marido Caonabó.

Por meio da análise realizada, nesta parte da tese, constatamos a classificação da obra de Orellana (1860) como um romance histórico tradicional. A ideologia que perpassa a escrita da obra a aproxima dessa modalidade, a qual, consoante a Fleck (2017), corrobora o discurso historiográfico para exaltar e mitificar o herói do passado.

No caso da obra analisada, vemos a edificação do poderio espanhol perante outras nações, representado, em especial, pela personagem Cristóvão Colombo, um herói já consagrado pela historiografia oficial europeia. Colombo é figurado como personagem central da obra, enquanto as outras personagens agem, com maior ou menor impacto, sempre de acordo com as atitudes do Almirante e nunca acima de seu valor e moral inigualáveis. A diegese inicia com Colombo – na "[...] *isla de Haiti,*

[325] Nossa tradução: Havia morrido para viver para sempre (Orellana, 1860, p. 524).

llamada Hispaniola, ó Española por Cristóbal Colon[326] [...]" (Orellana, 1860, p. 5) –, e termina com o foco na mesma personagem – aquele que "*habia muerto para vivir siempre*[327]" (Orellana, 1860, p. 524). Isso mostra a intenção do romance de reforçar e ensinar a versão hegemônica do passado ao leitor.

Além disso, todas as ações da diegese são estabelecidas em torno do evento histórico da colonização da América pelos espanhóis, especificamente em Guanahaní/"*La Española*", outra característica presente nos romances históricos tradicionais. Essa contextualização não é feita apenas como um "pano de fundo histórico", pois são ricos os detalhes provenientes de registros historiográficos sobre a colonização da América inseridos na tessitura romanesca. Todas as personagens, que são inúmeras, são representações de figuras históricas, assim como todos os nomes de lugares mencionados são fatuais.

Como resultado de nossas análises, temos, no caso da narrativa híbrida espanhola de Francisco José Orellana, de 1860, um romance histórico classificado como tradicional. Nossa constatação resulta da presença das técnicas escriturais utilizadas na obra e, em especial, por seu caráter acrítico, que reitera, à sua época, os valores perpetrados e perpetuados pela historiografia oficial escrita pelos cronistas europeus sobre a colonização da América. Na continuação do texto, seguimos para a próxima análise proposta em nossa pesquisa.

3.1.2 *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla: as batalhas da líder taína

Apresentamos, nesta subseção, nossa análise da obra *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla. O autor nasceu em Bogotá, na Colômbia, em 1950. Formado em Direito, pós-graduado em Economia e Ciências Políticas, dedica-se à literatura desde 1979, quando recebeu o *Premio Nacional de Novela Infantil*, com sua obra *Catalino Bocachica*.

[326] Nossa tradução: [...] ilha do Haiti, chamada *Hispaniola*, ou Española por Cristóvão Colombo [...]. (Orellana, 1860, p. 5).

[327] Nossa tradução: Havia morrido para viver para sempre (Orellana, 1860, p. 524).

Primeiramente, especificamos alguns aspectos sobre a diegese e as principais personagens da obra analisada. O relato híbrido tem início com uma menção à província de Xaraguá, na ilha do Haiti, nomeada *La Española* pelos exploradores espanhóis. O narrador conta que o povo taíno, liderado por Anacaona, oferece um ritual pacificador, com apresentações de dança e canto, aos espanhóis que tentavam dominar essas terras para a coroa espanhola. A cacica é apresentada como "[...] *la bella Anacaona – princesa taína, cacica de Xaraguá, viuda del noble y valiente Caonabó, y hermana del indomable Bohechío*[328] […]" (Pinilla, 1994, p. 7) e que, também, é conhecida como "*La Princesa Dorada*[329]" (Pinilla, 1994, p. 8). Segundo relata o narrador, nessa ocasião, a líder taína canta um areíto aos pacificadores, para aplacar sua ira e demonstrar à personagem Nicolás de Ovando, governador da ilha, que ela e seu povo querem reestabelecer a paz, pois já haviam derramado sangue para defender sua terra e "[...] *atravesaron a flechazos a los españoles violadores de sus mujeres y redujeron a cenizas el Fuerte Navidad, primer cobertizo europeo levantado a este lado del océano con los restos de la Santa María*[330]" (Pinilla, 1994, p. 7).

Temos, na obra de Pinilla (1994), a representação de Anacaona como uma mulher bela e conciliadora, que busca estabelecer relações pacíficas com os colonizadores espanhóis. A princesa taína "*busca sellar la paz y recuperar la tranquilidad que desde la llegada de Cristóbal Colón, en diciembre de 1492, desea para su pueblo*[331]" (Pinilla, 1994, p. 14). Em concordância com Vallejo (2015), essa configuração da personagem é uma das ideologizações construídas em torno da figura dessa mulher histórica, a qual teve sua memória discursivizada e, até, mitificada ao longo de mais de 500 anos, tanto no âmbito histórico quanto no literário.

[328] Nossa tradução: [...] a bela Anacaona – princesa Taína, cacica de Xaraguá, viúva do nobre e valente Caonabó, e irmã do indomável Bohechío [...] (Pinilla, 1994, p. 7).

[329] Nossa tradução: A Princesa Dourada (Pinilla, 1994, p. 8).

[330] Nossa tradução: [...] atravessaram, com flechas, os espanhóis que violaram as suas mulheres e reduziram a cinzas o *Forte Navidad*, o primeiro estabelecimento europeu construído deste lado do oceano com os restos da Santa María (Pinilla, 1994, p. 7).

[331] Nossa tradução: Busca estabelecer a paz e recuperar a tranquilidade que, desde a chegada de Cristóvão Colombo, em dezembro de 1492, deseja para o seu povo (Pinilla, 1994, p. 14).

Outra personagem apresentada nesse momento é Alfonso de Torres[332], homem de confiança do governador Ovando. A voz narrativa descreve seu antagonismo aos nativos, exceto com relação aos taínos, conforme expresso no seguinte trecho:

> *Odia a los indios. Con frecuencia exclama con todo su desdén castellano: "Estos salvajes son como los asnos. Sólo andan a palos". Y bien lo cree. Y lo practica. Mas no con los taínos de Anacaona. Su crueldad se ha estrellado con el valor y la organización del cacicazgo de Xaraguá, el más poblado de la isla, el más independiente. También el único cabal pagador de los tributos de oro, cazabe y algodón*[333] (Pinilla, 1994, p. 8).

Consoante à construção da imagem pacificadora da personagem Anacaona que encontramos nessa diegese, sua comunidade é descrita como a única que respeita as tributações impostas pelos colonizadores. Essa configuração ficcional do povo taíno corrobora o que Báez (2009) aponta sobre o mito do *bom selvagem*, proveniente do registro de cronistas que trabalhavam para o império, os quais descreviam as comunidades aborígenes do continente americano de maneira, muitas vezes, idealizada, como foi o caso dos taínos, descritos como um povo pacífico, sem cobiças, que aceitava aquilo que lhes era imposto.

Conforme relata o narrador, à continuação da diegese, os espanhóis oferecem, como retribuição ao ritual de areítos dos taínos, uma demonstração do "*Juego de Cañas*" espanhol. Anacaona estende o convite do governador para os caciques dos 51 reinos liderados por ela. No dia do evento, todos estão dentro de um grande *caney* – uma espécie de cabana – para assistir à apresentação, quando a personagem Ovando sinaliza aos seus homens para que deem início ao ato. Nesse momento, os soldados espanhóis atacam os caciques presentes, conforme é narrado: "*La caballería comienza su particular Juego de Cañas, pero con una modalidad nueva,*

[332] Essa é uma personagem puramente ficcional da obra. Não encontramos referência a esse nome nos registros oficiais dos exploradores europeus da época colonial.

[333] Nossa tradução: Odeia os índios. Exclama, frequentemente, com todo o seu desdém castelhano: "Estes selvagens são como burros. Só andam quando apanham." E ele acredita e pratica isso. Mas não com os taínos de Anacaona. A sua crueldade esbarrou na coragem e na organização da chefia de Xaraguá, a mais populosa da ilha, a mais independente. Também a única pagadora justa dos tributos de ouro, mandioca e algodão (Pinilla, 1994, p. 8).

para la ocasión: en vez de apuntar a las adargas acolchonadas de los contrincantes, los blancos son los cuerpos paganos de los indios[334]" (Pinilla, 1994, p. 22).

Anacaona e sua filha, Aguaimota[335], são capturadas e levadas para longe dali. A narrativa descreve o massacre dos nativos, inclusive, o de mulheres e de crianças, de maneira violenta e sangrenta. O *caney* é incendiado pela personagem Torres e aqueles que estavam dentro dele morrem queimados. Essa ficcionalização do massacre em Xaraguá assemelha-se às descrições históricas de Las Casas, em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), sobre esse episódio sangrento.

Após a derrota dos taínos e a captura de sua líder, a voz enunciadora do discurso romanesco narra que Anacaona é enforcada. Essa voz narrativa descreve que, antes de sua sentença, "*la princesa se ve derrotada pero no vencida, no gime ni se queja, mucho menos va a pedir clemencia. Tiene el rostro adusto pero tranquilo*[336]" (Pinilla, 1994, p. 33). Com a execução da cacica, os espanhóis acreditam que *La Española* havia sido pacificada, e que os nativos, finalmente, haviam entendido a soberania das majestades católicas sobre aquelas terras.

A personagem Torres lamenta a perda de tantas pessoas nessa trajetória de pacificação da ilha, mas a justifica pela necessidade de sufocar as rebeliões e convencer o governador a implantar, novamente, os *repartimientos*, modelo administrativo e econômico no qual centenas de homens, mulheres e crianças seriam *encomendados*[337] – para trabalhar nas minas e nas plantações para os espanhóis, servindo aos donos nesses *repartimientos* e, conforme descreve a voz narrativa,

> […] *a cambio, los indios recibirán protección y comida, y aprenderán el Evangelio; serán distribuidos entre los leales a los consejeros reales*

[334] Nossa tradução: A cavalaria inicia seu Jogo de Cañas particular, mas com uma nova modalidade, para a ocasião: ao invés de mirar nos escudos acolchoados dos adversários, os alvos são os corpos pagãos dos índios (Pinilla, 1994, p. 22).

[335] A obra de Pinilla (1994) traz a grafia "Aguaimota" para se referir à ficcionalização da personagem histórica filha de Anacaona e Caonabó. A maioria das narrativas híbridas de história e ficção utilizam a grafia "Higuamota" para fazer referência a essa personagem. Nos registros da historiografia oficial, a única menção à filha de Anacaona e Caonabó à qual tivemos acesso é a de Las Casas, que utiliza a grafia "Higueimota" (Tudela Bueso [1875] 1957, p. 448).

[336] Nossa tradução: A princesa se vê derrotada, mas não vencida, ela não geme nem reclama, muito menos vai pedir misericórdia. Tem o rosto sério, mas calmo (Pinilla, 1994, p. 33).

[337] No contexto da colonização da América, o termo "*encomendados*" era usado para referir-se aos nativos obrigados a servir os colonizadores espanhóis sob um sistema de exploração do trabalho indígena chamado "*encomienda*".

> *en la Corte, a don Nicolás de Ovando y a él, por supuesto. Torres sonríe, y recuerda que le han contado que así lo hacía en sus tiempos el gobernador Bobadilla, a quien Ovando sustituyó; aquél que deshonró y encarceló a Cristóbal Colón, y secuestró todos los bienes del Almirante de la Mar Océano*[338] (Pinilla, 1994, p. 30).

Como vemos, também há, no romance de Pinilla (1994), a ficcionalização da personagem Cristóvão Colombo, de Nicolás de Ovando e de Bobadilla. O relato híbrido descreve que a personagem Nicolás de Ovando ordena a liberação dos povos nativos quando assume o governo da ilha; não por vontade própria, mas, sim, por ordem real, conforme vemos a seguir: "*Isabel la Católica se lo había ordenado al nombrarlo. La soberana siempre estuvo en contra el sistema impuesto por Cristóbal Colón de asignar una cantidad de tierras y un lote de naturales a determinado beneficiario español*[339]" (Pinilla, 1994, p. 38). A voz narrativa explica, também, que os irmãos de Cristóvão Colombo, Diego e Bartolomeu Colombo, haviam enriquecido com o regime anterior e, pela intermediação de Torres, pressionaram Ovando para realizar a campanha em Xaraguá, ao alegar supostos planos de rebelião da comunidade taína liderada por Anacaona.

A diegese narra, então, a chegada de uma embarcação proveniente da Espanha, onde viaja a família de Torres – inclusive sua filha, Lucía, que ele ainda não conhecia, pois havia partido para explorar o novo continente antes de seu nascimento. Além de Lucía, viajam seus dois irmãos, Carlos e Martín, e a esposa de Torres, Carmen. A família de Torres, assim como ele, são personagens puramente ficcionais da obra. Também estão a bordo os freis enviados pela coroa, que carregam a missão de catequizar os nativos do "Novo Mundo". Um desses religiosos é o frei Antonio de Montesinos[340], que acaba se tornando muito próximo de Lucía e, inclusive, consegue

---

[338] Nossa tradução: Em troca, os índios receberão proteção e alimento, e aprenderão o Evangelho; Serão distribuídos entre os fiéis aos conselheiros reais da Corte, a D. Nicolás de Ovando e a ele, claro. Torres sorri e lembra que lhe disseram que foi isso que fez em sua época o governador Bobadilla, quem Ovando substituiu; aquele que desonrou e aprisionou Cristóvão Colombo, e sequestrou todos os bens do Almirante do Mar Oceano (Pinilla, 1994, p. 30).

[339] Nossa tradução: Isabel, a Católica, assim havia ordenado quando o nomeou. A soberana sempre foi contra o sistema imposto por Cristóvão Colombo de atribuir uma quantidade de terras e uma quantidade de nativos a um determinado beneficiário espanhol (Pinilla, 1994, p. 38).

[340] O frei Antonio Montesino (1480-1540) é uma personagem de extração histórica. Segundo a *Real Academia de la Historia*, Montesino viajou a "*La Española*" em 1510 e realizou um importante sermão em 1511 contra a encomenda e a favor dos nativos.

ajudá-la quando, durante a viagem, ela adoece com escorbuto. Isso leva Torres a ser eternamente grato ao frei.

Desde a apresentação da família, há a construção de uma antítese entre seus dois filhos homens. Carlos representa o lado complacente de Torres, pois preocupa-se com os nativos e, ao longo da diegese, torna-se um defensor desses povos, juntamente aos freis. Martín, pelo contrário, reflete a índole gananciosa e violenta de seu pai e, durante toda a diegese, empenha-se em maltratar e subjugar os nativos. Essa antítese entre as duas personagens é apresentada já no início da tessitura narrativa, no seguinte trecho:

> *A Carlos no le gusta saber que su padre maltrata a los indios, ni que su riqueza ha sido amasada a costa del dolor y del sacrificio de los nativos encomendados a su cuidado. Como una pesadilla que cuenta a Montesinos, el joven recuerda cuando de niño oía hablar sobre la campaña de Xaraguá. Le confía, con lágrimas en los ojos, que ha pasado noches llorando por Anacaona y sus caciques, apesadumbrado de ser el hijo del Maestre de Campo de Ovando. El nombre de la taína y su muerte en la horca son una leyenda en Sevilla. El hermano de Carlos, en cambio, había gozado con la noticia de la pacificación de la isla por su padre; se ufanaba del coraje de don Alonso de Torres. Pensaba, a la par que doña Carmen, que los indios eran unos animales, como los jabalíes, y si atacaban o no se dejaban cazar, había que matarlos*[341] (Pinilla, 1994, p. 56).

Essa construção intencional pode ter sido feita na tentativa de mostrar as diferentes facetas de colonizadores como Alfonso de Torres, o qual, ao longo da diegese, acaba mudando seu posicionamento com relação aos nativos e passa a protegê-los. Essas duas figuras/facetas, extremadas em suas atitudes e pensamentos, são intermediadas por uma personagem feminina, Lucía, quem, assim como Anacaona, também buscava pacificar as relações e era muito querida por outras personagens. Lucía representa esse papel de mulher conciliadora, que se encontra no entremeio de posicionamentos contrários de figuras masculinas – como foi o caso

[341] Nossa tradução: Carlos não gosta de saber que seu pai maltrata os índios, nem que sua riqueza foi acumulada à custa da dor e do sacrifício dos indígenas encomendados para si. Como um pesadelo que conta a Montesinos, o jovem se lembra que, quando era criança, ouviu falar da campanha de Xaraguá. Confidencia-lhe, com lágrimas nos olhos, que passou noites chorando por Anacaona e seus chefes, entristecido por ser filho do Mestre de Campo de Ovando. O nome da taína e a sua morte por enforcamento são uma lenda em Sevilha. O irmão de Carlos, por outro lado, gostou da notícia da pacificação da ilha por parte do pai; vangloriava-se da coragem de Don Alonso de Torres. Pensava, assim como Dona Carmen, que os índios eram animais, como os javalis, e se atacassem ou não se deixassem caçar, tinham que ser mortos (Pinilla, 1994, p. 56).

dos colonizadores espanhóis e a população nativa taína liderada pela cacica. Essa caracterização mais neutra e intermediária de Lucía aparece no trecho apresentado a seguir, que descreve sua chegada à ilha e sua falta de conhecimento com relação aos nativos:

> *Los ojos de Lucía se encienden de alegría.* […] *No puede creer que esté tan cerca de conocer a su padre, de quien oyó hablar tanto en Sevilla, de su riqueza, de su poder, de sus haciendas y, sobre todo, de los muchos indios que tiene a su servicio. Ella jamás ha visto un indio y siente una gran curiosidad de conocerlos. A menudo pregunta a Montesinos si ellos tienen los pies y las manos como ella; si van al infierno igual que los moros y los judíos. Tan sólo sabe que son "unos salvajes y que no tienen alma como los cristianos". Se lo ha escuchado siempre a doña Carmen*[342] (Pinilla, 1994, p. 64).

Não há, portanto, um posicionamento antagônico ou complacente formado por Lucía, diferentemente de seus irmãos. Tudo o que sabe sobre os nativos é o que ouviu de sua mãe, o que mantém a jovem em uma posição mais neutra perante esses novos povos. Na sequência dos acontecimentos, os freis presentes na ilha começam a questionar os comportamentos dos exploradores espanhóis, que pouco trabalham e, conforme é narrado,

> […] *algunos se la pasan en la cama o en la mesa, en la primera acariciando indias, en la segunda acariciando naipes.* [...] *Todo este derroche es posible gracias al trabajo de los indígenas en los socavones de oro, plata y cobre* […]*. Los españoles hacen que sus indios encomendados les trabajen sin descanso, hasta reventar*[343]" (Pinilla, 1994, p. 86).

A crítica ao comportamento desses homens, na ficção de Pinilla (1994), também remete ao tratamento dado às mulheres dessas comunidades. Segundo Potthast (2010), os espanhóis colonizadores trouxeram ao "Novo Mundo" as

[342] Nossa tradução: Os olhos de Lucía brilham de alegria. […] Não acredita que esteja tão perto de conhecer o seu pai, de quem tanto ouviu falar em Sevilha, da sua riqueza, do seu poder, dos seus bens e, sobretudo, dos muitos índios que tem ao seu serviço. Ela nunca viu um índio e está muito curiosa para conhecê-los. Ela costuma perguntar a Montesinos se eles têm mãos e pés como os dela; se vão para o inferno como os mouros e os judeus. Só sabe que eles são "selvagens e que não têm alma como os cristãos". Sempre ouviu isso de Dona Carmen (Pinilla, 1994, p. 64).

[343] Nossa tradução: Alguns passam o tempo na cama ou à mesa, na primeira, acariciando as índias, na segunda, acariciando as cartas. [...] Todo esse desperdício é possível graças ao trabalho dos indígenas nas minas de ouro, prata e cobre [...]. Os espanhóis fazem os índios que lhes foram encomendados trabalharem incansavelmente, até se arrebentarem (Pinilla, 1994, p. 86).

representações mediterrâneas sobre a honra masculina, as quais foram reforçadas pela “conquista”. A representação de superioridade dos cristãos e o trato às mulheres indígenas como inferiores e subordinadas criaram uma relação de gênero marcada pela violência, pelas hierarquias sociais e pela dominação masculina. Para os colonizadores, a dominação física das autóctones também servia para reforçar a suposta superioridade espanhola, inclusive, perante outros indígenas. Ainda segundo a autora, para o macho moderno, sempre disposto à “conquista”, essa atitude serve mais para demonstrar uma masculinidade, representada por uma sexualidade agressiva, do que para sua satisfação sexual em si.

Na continuação da diegese de Pinilla (1994), o primeiro sermão para os nativos, em *La Española*, é proferido pela personagem frei Pedro. Nessa ocasião, um licenciado de leis de Salamanca também participa: a personagem Las Casas, quem, na ficção de Pinilla (1994), viera à ilha com Nicolás de Ovando para fazer fortuna no “Novo Mundo”. A voz narrativa explica o seguinte sobre a personagem Las Casas:

> *También ha recibido algunas órdenes sagradas, que no le impidieran participar en la conquista de Cuba bajo el mando de Diego de Velázquez, el lugarteniente de Alfonso de Torres, que luego del incendio del bohío en donde murieron los súbditos de Anacaona, salió en busca del cacique Hatuey. Como recompensa por sus actuaciones en esa campaña, Las Casas recibió tierras e indios*[344] (Pinilla, 1994, p. 88).

Apesar da personagem Las Casas posicionar-se, na continuação da diegese, em defesa dos nativos, vemos, nesse trecho, a criticidade com relação às atitudes do religioso, pois participou do massacre da tribo de Anacaona e, inclusive, foi recompensado por isso. A voz narrativa ressalta que, apesar de Las Casas também ter explorado os nativos, como os demais *encomenderos*, impressiona-se com o sermão de Pedro e, a partir desse momento, passa a nutrir mais afeto a esses sujeitos, acaba se unindo à causa de defesa aos indígenas, e passa a ser chamado frei Bartolomeu de Las Casas.

A personagem Lucía sofre um acidente quando seu irmão a leva em um passeio a cavalo, sem o consentimento de seu pai. Ela acaba caindo no rio e morre. Nessa

[344] Nossa tradução: Também recebeu algumas ordens sagradas, que não o impediram de participar na conquista de Cuba, sob o comando de Diego de Velázquez, tenente de Alfonso de Torres, que, após o incêndio da cabana onde morreram os súditos de Anacaona, saiu em busca do cacique Hatuey. Como recompensa por suas ações nessa campanha, Las Casas recebeu terras e índios (Pinilla, 1994, p. 88).

ocasião, Martín só a havia levado consigo porque sabia que, caso Torres descobrisse que ele havia saído com a égua de seu pai sem permissão, seu castigo seria amenizado se estivesse acompanhado de Lucía. Essa é mais uma comparação que podemos traçar entre a morte de Lucía e a de Anacaona, ambas tragédias decorrentes de atitudes masculinas de irreverência, que resultaram na morte de mulheres jovens.

O relato híbrido demarca, na sequência, a data específica em que os frades de Santo Domingo pregam seu sermão em defesa dos indígenas:

> *El ciclo litúrgico: Navidad. El tiempo: Adviento. El día: Tercer Domingo. La fecha: Quince de Diciembre de Un Mil Quinientos e Once. Los frailes de Santo Domingo, airados por lo que han visto en esta isla durante el año* […]*, deciden jugársela toda. Su misión en estas tierras es predicar el Evangelio y defender a los naturales*[345] (Pinilla, 1994, p. 104).

Essa ficcionalização do discurso de Montesino – cujo nome é grafado "Montesinos" na diegese de Pinilla (1994) – é uma representação de caráter histórico. Segundo a *Real Academia de la Historia*[346], o frei Antonio Montesino é reconhecido por seu famoso sermão, realizado em 21 de dezembro de 1511, em defesa dos nativos e contra as encomendas. A denúncia do eclesiástico teve duas faces: por um lado, atacava o sistema das encomendas e denunciava as injustiças aos nativos; por outro, reforçava a legitimidade do poder da coroa espanhola sobre o "Novo Mundo". Não há uma transcrição escrita desse sermão, apenas o resumo transmitido por Las Casas, que estava entre os ouvintes, conforme lemos abaixo:

> *Decid, ¿con qué derecho y con qué justicia tenéis en tan cruel y horrible servidumbre aquestos indios? ¿Con qué autoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes que estaban en sus tierras mansas y pacíficas, donde infinitas dellas, con muertes y estragos nunca oídos, habéis consumido? ¿Estos no son hombres? ¿No tienen ánimas racionales? ¿No sois obligados a amallos como a vosotros mismos? ¿Esto no entendéis? ¿Esto no sentís? ¿Cómo*

[345] Nossa tradução: O ciclo litúrgico: Natal. O tempo: Advento. O dia: Terceiro Domingo. A data: Quinze de Dezembro de Mil Quinhentos e Onze. Os frades de Santo Domingo, indignados com o que viram nesta ilha durante o ano [...], decidem julgar toda a ilha. A sua missão, nestas terras, é pregar o Evangelho e defender os nativos (Pinilla, 1994, p. 104).

[346] Disponível em: https://dbe.rah.es/biografias/16504/antonio-montesino. Acesso em: 13 maio 2024.

> *estáis en tanta profundidad de sueño tan letárgico dormidos?...*[347] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. XXVIII).

A representação verossímil do sermão de Montesino no relato ficcional de Pinilla (1994) também enfatiza a crueldade das encomendas e preza pelos nativos da ilha. Na diegese da obra, a personagem Montesinos julga os *encomenderos*, todos espanhóis e cristãos, ao afirmar: "[...] *todos estáis en pecado mortal y en él vivís y morís, por la crueldad y tiranía que usáis con estas inocentes gentes*[348]" (Pinilla, 1994, p. 104-105). Ao ouvir as palavras do padre, a personagem Torres é assombrada pela imagem de Anacaona morta na forca. Nessa visão que o persegue, a cada volta que a cacica dá, pendurada pela corda, seu rosto é transfigurado pela face de outras nativas e, inclusive, pela de Lucía. Essa imaginação que toma conta da personagem Torres apresenta um paralelo: Lucía – personagem ficcional – como uma representação de Anacaona – personagem histórica. Tal relação reflete a representatividade da figura histórica de Anacaona com relação a muitas outras mulheres que foram apagadas, subjugadas, violentadas e assassinadas por figuras masculinas ao longo desse período histórico. Para Martínez Miguélez (1994), as mulheres indígenas vivem uma situação comum: são objetos de uma opressão tripla – sofrem uma repressão genérica, compartilhada por todas as mulheres da nossa sociedade fundamentalmente patriarcal; uma de classe, pois a maioria das mulheres indígenas fazem parte dos grupos mais explorados no campo e na cidade; uma étnica, porque suas comunidades são discriminadas por serem consideradas inferiores a outras culturas.

Após a fala da personagem Montesinos, alguns espanhóis ameaçam denunciá-lo ao rei dom Fernando, e a voz narrativa assinala que as palavras do padre haviam sido um dos acontecimentos mais importantes da história espiritual das Índias e da humanidade. Montesinos vai, então, até à Espanha para falar com o rei e se defender das acusações de Diego Colón, dos *encomenderos* e dos funcionários de La Española

---

[347] Nossa tradução: Digam-me, com que direito e com que justiça os senhores mantêm esses índios em uma servidão tão cruel e horrível? Com que autoridade travaram guerras tão detestáveis contra essas pessoas que estavam em suas terras calmas e pacíficas, muitas das quais, com mortes e estragos de que nunca se ouviu falar, vocês consumiram? Estes não são homens? Eles não têm almas racionais? Vocês não são obrigados a amá-los como a vocês mesmos? Não entendem isso? Não sentem isso? Como estão em um sono tão profundo, tão letárgico, adormecido?... (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. XXVIII).

[348] Nossa tradução: [...] todos vocês estão em pecado mortal e nele vivem e morrem, pela crueldade e tirania que usam com essas pessoas inocentes (Pinilla, 1994, p. 104-105).

que haviam se ofendido com seu sermão em defesa dos indígenas. Nesse momento, roga ao soberano que demonstre caridade com os nativos, pedindo que cesse a exploração e o desamparo desses súditos, "[...] *porque algunas enfermedades, señala, no son atendidas ni curadas y muchas mujeres que se sienten preñadas toman yerbas para echar muertas a las criaturas, y evitarles que soporten ese infierno de dominación*[349]" (Pinilla, 1994, p. 113). Dom Fernando, visivelmente comovido, convoca a Corte de Burgos a um conselho para tratar da questão apresentada por Montesinos.

Na sequência do relato, em *La Española*, a personagem dona Carmen recebe a notícia de que Torres havia entregado suas minas de ouro de Cibao aos netos de Anacaona. Nesse momento, ela expõe sua opinião a Carlos e se queixa sobre o fato de que o trabalho de muitos anos havia sido em vão. A voz narrativa apresenta seu posicionamento crítico decolonial pela seguinte fala de Carlos: "– *Que no hemos perdido nada nuestro si pensáis que lo que el padre ha hecho es devolver lo que había despojado a sus dueños por la fuerza, madre, ¿no sabéis que esos filones eran de los taínos?*[350]" (Pinilla, 1994, p. 120).

Após discutir com seu pai, pois este não quis se posicionar contra Montesinos, como propunham os poderosos da cidade, Martín parte em busca de fortuna, e promete ao pai que retornaria rico e poderoso. A voz narrativa aponta a evolução da personagem Torres desde o início da diegese, como *encomendero* violento e odiador dos nativos, e as mudanças iniciadas com a chegada de sua família, conforme vemos em:

> *Dejó de maltratar a los indios por petición de Lucía y de Montesinos. Cuando la pequeña murió, ya no volvió a adquirir indígenas. No quiso entonces amontonar más riquezas ni odios contra su persona. A partir del primer sermón de Montesinos prometió a sí mismo desprenderse de parte de sus bienes, en especial de sus encomendados. Con el lleno de todas las formalidades legales empezó a hacerlo poco a poco, para no afectar a su familia…*[351] (Pinilla, 1994, p. 131).

[349] Nossa tradução: [...] porque algumas doenças, ressalta, não são tratadas nem curadas e muitas mulheres grávidas tomam ervas para matar os bebês e evitar que eles suportem esse inferno de dominação (Pinilla, 1994, p. 113).

[350] Nossa tradução: – Não perdemos nada nosso se você pensar que o que o pai fez foi devolver o que tirou dos seus donos pela força, mãe, você não sabe que aquelas minas eram dos taínos? (Pinilla, 1994, p. 120).

[351] Nossa tradução: Parou de maltratar os índios, a pedido de Lucía e Montesinos. Quando a menina morreu, não adquiriu mais indígenas. Não quis acumular mais riqueza ou ódio contra si mesmo. Desde o primeiro sermão de Montesinos, prometeu a si mesmo abrir mão de parte de seus bens,

Torres é uma das personagens centrais da diegese, em especial, por suas mudanças ao longo da tessitura narrativa, que retratam a influência que figuras como Anacaona e alguns religiosos que se posicionaram a favor dos indígenas tiveram na história da colonização da América. Esses eclesiásticos viajaram ao "Novo Mundo" com a missão de converter a fé dos nativos e, assim, corroborar a dominação espanhola. Porém, alguns deles, como o frei Bartolomeu de Las Casas, não concordavam com os maus tratos aos quais os nativos eram submetidos e, por isso, tiveram atitudes significativas em prol dessas comunidades autóctones. Os registros de Las Casas, em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), sobre o massacre em Xaraguá e o enforcamento de Anacaona, por exemplo, são a única referência à qual temos acesso sobre a morte dessa cacica.

Nesse momento da diegese, é reafirmada a representação dos sentimentos ambíguos de Torres em seus filhos. Primeiramente, com Lucía: "*Lucía es para Alfonso una herida en el alma, un símbolo de un sueño que reposa en el fondo de las aguas del Ozama, perpetuando su recuerdo*[352]" (Pinilla, 1994, p. 131). A memória da filha de Torres perdura, na ficção de Pinilla (1994), da mesma forma que perdura a de Anacaona, em contextos ainda limitados, como uma mulher que guerreou até a sua morte para defender seu povo. Em seguida, a representação acontece com Carlos: "*Carlos es la voz de su conciencia, el hijo que jamás le ha pedido ni criticado nada, pero quien, sin embargo, le habla con la mirada cada vez que ve algo injusto*[353]" (Pinilla, 1994, p. 131-132). Carlos representa a mudança em Torres, aquela parte que se preocupa com o outro e que reconhece a injustiça do tratamento dado aos habitantes originários da ilha. Carlos representa a esperança e as atitudes de proteção dos nativos que sofriam com as mazelas da colonização imperialista. E, por último, Martín: "*Aventurero, pendenciero, ambicioso, altivo, sin más límites que su propio orgullo.* […] *Martín es el hijo que más se le parece, el espejo de lo que fue él toda la*

especialmente dos que lhe foram encomendados. Cumpridas todas as formalidades legais, ele começou a fazer isso aos poucos, para não prejudicar sua família... (Pinilla, 1994, p. 131).

[352] Nossa tradução: Lucía é, para Alfonso, uma ferida na alma, símbolo de um sonho que repousa no fundo das águas do Ozama, perpetuando a sua memória (Pinilla, 1994, p. 131).

[353] Nossa tradução: Carlos é a voz da sua consciência, o filho que nunca lhe pediu ou criticou nada, mas que, no entanto, fala com os olhos sempre que vê algo injusto (Pinilla, 1994, p. 131-132).

vida, desde niño, cuarenta años atrás[354]" (Pinilla, 1994, p. 132). Martín representa a ganância dos impérios e dos navegantes que buscavam riquezas em continentes alheios, em detrimento de outras vidas.

Torres cumpre sua promessa de arrependimento que fez a si mesmo no dia do sermão de Montesinos: "[...] *liberar a todos sus indígenas, devolverles las tierras que les arrebató, repartirles los frutos que en ella se producen, mirarlos de frente sin avergonzarse*[355]" (Pinilla, 1994, p. 133). É nesse mesmo sentido que, na atualidade, os estudos decoloniais representam uma mudança de posicionamento da sociedade perante as populações exploradas pelas culturas imperialistas dos séculos XV e XVI. A personagem Torres reflete essa evolução de pensamento e atitude ao longo dos séculos e conversa com o que Martínez Miguélez (1994) escreve sobre a população autóctone americana, a qual existe há mais de quinhentos anos e não se extingue, como muitos pensam. São muitos, numericamente falando, mais de 40 milhões de pessoas, mesmo com o etnocídio estatístico que os estados costumam praticar. Nas palavras da autora,

> [...] *hay que añadir que si bien la situación del indígena fue, y sigue siendo, de dominación, también es verdad que aunque desde una posición de desigualdad, los indígenas han contestado, resistiéndose. Esta resistencia indígena ha mantenido una disputa permanente contra las diferentes formas de opresión, que debe considerarse como la clarísima voluntad de permanecer y de pensar su futuro leyendo el pasado, los que les confiere su propia dimensión histórica*[356] (Martínez Miguélez, 1994, p. 9).

Essa resistência autóctone à qual Martínez Miguélez (1994) refere-se é representada na evolução da personagem Torres, por sua tentativa de se redimir do sofrimento que causou aos nativos com suas atitudes violentas. Obras críticas como a de Pinilla (1994), que trazem visibilidade à resistência dos povos indígenas, são

---

[354] Nossa tradução: Aventureiro, briguento, ambicioso, altivo, sem limites além do próprio orgulho. […] Martín é o filho que mais se parece com ele, o espelho do que foi durante toda a vida, desde criança, há quarenta anos (Pinilla, 1994, p. 132).

[355] Nossa tradução: [...] libertar todos os seus indígenas, devolver-lhes as terras que lhes foram tiradas, distribuir os frutos que ali são produzidos, olhá-los na cara sem ter vergonha (Pinilla, 1994, p. 133).

[356] Nossa tradução: É preciso acrescentar que, mesmo que a situação indígena tenha sido, e continue a ser, de dominação, também é verdade que, embora em uma posição de desigualdade, os povos indígenas responderam, resistindo. Esta resistência indígena tem mantido uma disputa permanente contra as diferentes formas de opressão, o que deve ser considerado como a vontade muito clara de permanecer e pensar o seu futuro por meio da leitura do passado, o que lhes confere uma dimensão histórica própria (Martínez Miguélez, 1994, p. 9).

atitudes decoloniais de enfrentamento, que buscam provocar mudanças histórico-sociais e, consequentemente, de crenças e atitudes, para que, assim como Torres, os sujeitos da sociedade contemporânea também se permitam revisitar sua própria história e modificar pensamentos e ações.

A diegese continua com as personagens Antonio de Montesinos e Bartolomé de Las Casas pedindo à corte, novamente, que um fim seja colocado às atrocidades que ainda acontecem com os nativos do "Novo Mundo". As Leis de Burgos, estabelecidas em 1512 nessa tentativa, não haviam sido suficientes para controlar a cobiça e a violência dos *encomenderos*. A corte aprova, então, a proposta do cardenal Cisneros, apoiador das causas que os frades apresentavam aos monarcas da Espanha, que sancionava a substituição dos trabalhadores das minas nas Índias por negros africanos. Las Casas, nesse momento, dá-se conta de que aquilo seria outro erro e "*piensa que ha contribuido a cambiar la explotación de unos hombres por otra más cruel. No le es extraño como los ingleses y portugueses maltratan desde hace más de cincuenta años a los negros que cazan o compran en África*[357]" (Pinilla, 1994, p. 146). Temos, na diegese da obra, a representação ficcional da colonização que também aconteceu no continente africano. Assim como a América Latina, a África, de maneira geral, também padece do que entendemos por colonialidade, definida por Quijano (1992) como uma colonização do imaginário dos povos dominados e que faz parte de seu imaginário até hoje.

A personagem Carlos de Torres junta-se a Bartolomé de Las Casas e os dois passam anos tentando entregar ao rei uma nova proposta para conquistar o "Novo Mundo", para o evangelizar de maneira pacífica. O Conselho das Índias aprova seu projeto de colonização pacífica, no qual pediam à coroa que determinassem extensões de terras nas quais apenas agricultores indígenas e colonos poderiam entrar e, assim, estabelecer uma grande comunidade de paz, mestiçagem de raças e cristianização. Porém, a intervenção de outras figuras do poder e a difícil situação política no reino de Castela acabam frustrando o ideal de pacificação desse território.

Depois de mais de 10 anos, as personagens Bartolomé de Las Casas e Carlos de Torres, agora frades, migram de convento a convento em *La Española*, e Las

[357] Nossa tradução: Pensa que contribuiu para mudar a exploração de alguns homens por uma mais cruel. Sabe como os ingleses e portugueses maltratam os negros que caçam ou compram na África há mais de cinquenta anos (Pinilla, 1994, p. 146).

Casas escreve os manuscritos de sua *História Apologética*, um estudo antropológico sobre os aborígenes do "Novo Mundo". Inspiradas nos escritos de Las Casas, as Leis Novas são estabelecidas, em 1542, por meio das quais se abolia a escravidão dos povos nativos. No entanto, os *encomenderos* não as queriam cumprir, e clamavam: "*– ¡Abajo las Nuevas Leyes! ¡La vida de un índio no justifica la condena eterna de un español! ¡Muera el Obispo!*[358]" (Pinilla, 1994, p. 164).

Durante essa discussão, o frei Carlos expõe aos presentes que deveriam seguir sua fé cristã e não maltratar os indígenas, fazendo-os trabalhar como se fossem bestas. Alguém o responde: "*– ¡Es que son bestias, cura!*[359]" (Pinilla, 1994, p. 166), e os demais riem. Frei Carlos se exalta e começa a gritar que estavam errados, que os nativos também são homens. Nesse momento, o tiro de um arcabuz o atinge e o impede de terminar a frase, conforme é narrado no seguinte trecho:

> *Un arcabuzazo certero impide escuchar la frase iniciada por Carlos, la frase del padre Las Casas, en voz alta, como tantas veces la ha pronunciado fray Bartolomé a ambos lados del océano… En España… En las Cortes… En las Indias… Pero los sacerdotes que auxilian al herido y algunos encomenderos sí la alcanzan a oír. Entre balbuceos… con el último aliento de vida… completa… ¡¡TODOS LOS PUEBLOS DEL MUNDO SON HOMBRES!!*[360] (Pinilla, 1994, p. 166).

Assim termina a diegese, com a morte de Carlos e seu protesto a favor dos autóctones. Na personagem Carlos está representada a esperança de uma comunidade pacífica no "Novo Mundo", pois os intentos de conscientização das atrocidades que os exploradores cometiam na colonização de novos territórios foram, majoritariamente, reprimidos. Segundo Martínez Miguélez (1994),

> […] *las alternativas hacia los pueblos indígenas por parte de los colonizadores fueron desde el principio bien claras: o desaparecían físicamente, como ocurrió en muchos casos, o se les reducía a la*

[358] Nossa tradução: – Abaixo as Novas Leis! A vida de um índio não justifica a condenação eterna de um espanhol! Morra o Bispo! (Pinilla, 1994, p. 164).

[359] Nossa tradução: – É que são bestas, padre! (Pinilla, 1994, p. 166).

[360] Nossa tradução: Um tiro certeiro impossibilita escutar, em voz alta, a frase iniciada por Carlos, a frase do Padre Las Casas, como Frei Bartolomé tantas vezes a pronunciou em ambos os lados do oceano... Na Espanha... Nas Cortes... Nas Índias... Mas os padres que ajudam o ferido e alguns *encomenderos* conseguem ouvi-la. Entre balbucios... com o último suspiro de vida... completa... TODOS OS POVOS DO MUNDO SÃO HOMENS!! (Pinilla, 1994, p. 166).

> *servidumbre desarticulando y aniquilando su organización económica y su personalidad social y cultural*[361] (Martínez Miguélez, 1994, p. 9).

Assim como a morte de Carlos, não se pode modificar a maneira como os acontecimentos se deram na história das relações Europa/América, e tampouco suas consequências. A literatura, porém, abre-nos espaço ao pensar decolonial e ao favorecimento da transdisciplinaridade e da transculturalidade (consoante a Castro-Gómez, 2007), as quais podem nos trazer conhecimento e, consequentemente, conscientização sobre nossa própria história e suas repercussões em nossos pensamentos e atitudes.

Após apresentarmos nossas constatações sobre a diegese e as personagens, passamos, nesta parte da análise, às considerações com relação às estratégias escriturais utilizadas na obra. Constatamos, com base nos excertos analisados da obra de Pinilla (1994), e nos preceitos de Genette (2007), que o tempo narrativo é representado por um relato linear, quer dizer, a narrativa é contada desde um ponto inicial até o seu final, sem manipulações temporais significativas, como prolepses ou analepses. Com relação à duração da narrativa, há, em poucos momentos, o uso de elipses temporais, como quando a promulgação de leis de burgos é apresentada apenas anos após elas já terem sido aprovadas e estarem em vigor, pelo seguinte excerto: "*Las leyes de Burgos de 1512, que três años atrás arrancara el predicador a la junta convocada por el monarca zaragoceño, han sido débiles para controlar la codicia y violência de los encomenderos*[362] [...]" (Pinilla, 1994, p. 136). Outro exemplo é quando a passagem de tempo é demarcada por descrições como: "*hace más de diez años Bartolomé de las Casas y Carlos de Torres, ahora frailes, viven de convento en convento, aquí en La Española*[363]**"** (Pinilla, 1994, p. 153). Esses saltos/elipses temporais, porém, não são recorrentes na narrativa, e tampouco remetem a períodos de tempo tão extensos. A frequência narrativa é estabelecida por meio de um relato

[361] Nossa tradução: As alternativas perante os povos indígenas, por parte dos colonizadores, eram muito claras desde o início: ou desapareciam fisicamente, como aconteceu em muitos casos, ou eram reduzidos à servidão, desmantelando e aniquilando a sua organização econômica e a sua personalidade social e cultural (Martínez Miguélez, 1994, p. 9).

[362] Nossa tradução: As leis de Burgos de 1512, que, três anos atrás, o pregador obteve da reunião convocada pelo monarca de Zaragoza, têm sido fracas no controle da ganância e da violência dos *encomenderos* (Pinilla, 1994, p. 136).

[363] Nossa tradução: Faz mais de dez anos que Bartolomé de las Casas e Carlos de Torres, agora frades, vivem de convento em convento, aqui em *La Española* (Pinilla, 1994, p. 153).

singulativo, pois os acontecimentos são contados apenas uma vez, sem o uso de múltiplas percepções sobre um mesmo acontecimento ou qualquer outra perspectivação deste tipo.

A diegese é apresentada com focalização zero, na qual o narrador possui conhecimento dos sentimentos e pensamentos das personagens, como podemos observar no trecho a seguir, que descreve o que Anacaona sente e pensa quando é levada presa pelos espanhóis, após o massacre de Xaraguá:

> *Anacaona, reina cautiva pero no cobarde, no va a llorar delante de los traidores. Los dioses cemíes no se lo perdonarían, no a ella, cacica de Xaraguá, hermana de Bohechío y mujer de Caonabó. Por eso mentalmente se maldice, y maldice una y mil veces, con todas sus entrañas taínas, a Ovando, el nuevo Guaimiquina de los cristianos; a Torres y a los soldados castellanos que quemaron vivos a sus caciques y masacraron a su pueblo*[364] (Pinilla, 1994, p. 25).

A narrativa é contada por meio de uma voz heterodiegética, em um nível extradiegético, ou seja, que narra a história, sem fazer parte dela. As falas das personagens são transcritas de maneira direta, com o uso de travessões. O tempo da narração é simultâneo, pois ocorre no presente, de forma síncrona com os acontecimentos e verbos conjugados, majoritariamente, no presente simples do indicativo.

A criticidade do romance histórico de Pinilla (1994) é expressa desde o início, em momentos como o canto do areíto por Anacaona, por meio do qual a cacica conta a história de seus povos, caribe e taíno, conforme descrito no excerto abaixo:

> [...] *la magnitud de sus hazañas, la razón de sus luchas, la tragedia de sus derrotas; sucesos en los cuales ellos y los españoles, que llegaron antes por la Mar Océano, son protagonistas: al aparecer con sus barbas enmarañadas, atemorizar con el fogonazo de sus arcabuces y sembrar enfermedades mortales en las mujeres indígenas; al hacer cundir el pánico entre los naturales cuando, montados a caballo en medio del fragor de las batallas, se separan de sus corceles, que*

[364] Nossa tradução: Anacaona, rainha cativa, mas não covarde, não vai chorar na frente dos traidores. Os deuses cemíes não a perdoariam, não a ela, cacica de Xaraguá, irmã de Bohechío e esposa de Caonabó. Por isso, amaldiçoa mentalmente, e amaldiçoa mil vezes, com toda a sua coragem taína, Ovando, o novo Guaimiquina dos cristãos; a Torres e aos soldados castelhanos que queimaram vivos os seus chefes e massacraram o seu povo (Pinilla, 1994, p. 25).

> *aquéllos creen una sola pieza con el conquistador; al delirar y asesinar por una moneda de oro*[365] (Pinilla, 1994, p. 11).

Vemos, aqui, um viés crítico com relação à historiografia oficial hegemônica europeia sobre a colonização da América, pois a narrativa menciona os assassinatos realizados pelos exploradores espanhóis e as doenças por eles trazidas ao continente americano. No entanto, ainda perdura a denominação “conquistador” como referência ao colonizador.

A morte do grupo de espanhóis deixados em Guanahaní/“*La Española*” por Cristóvão Colombo, em sua viagem de regresso à Espanha em 1492, assim como a captura e morte do cacique Caonabó, são ficcionalizadas na obra de Pinilla (1994). A voz narrativa descreve que, quando a nau do Almirante encalhou na costa do Haiti, suas partes foram utilizadas para construir o forte que abrigou os 33 marinheiros deixados por Colombo durante sua viagem. Porém, esses homens, comandados por Diego de Arana, não duraram muito. Afetados pela fome, abandono e desejos sexuais, passaram a roubar e a tomar as mulheres dos nativos para si. Caonabó, então, decide tomar uma atitude e mata os tripulantes da nau *Santa María*. Por isso, é capturado por Alonso de Ojeda, o que resultou em sua morte, conforme vemos a seguir:

> *Fue perseguido y apresado por Alonso de Ojeda, lugarteniente de Colón en el segundo viaje, quien de forma habilidosa engañó al cacique ofreciéndole unas joyas de parte del Almirante. Era un par de esposas de latón reluciente que colocó en las muñecas del ingenuo esposo de Anacaona. Luego lo invitó a montar en las ancas de su caballo, para que luciera mejor las alhajas, hasta que logró alejarlo de su gente. Finalmente lo amordazó y llevó al campamento español, en donde fue encarcelado y embarcado en un buque que lo conduciría a la Península. Pero la nave naufragó en alta mar y el cacique caribe murió con todos los tripulantes*[366] (Pinilla, 1994, p. 14)

[365] Nossa tradução: [...] a magnitude das suas façanhas, a razão das suas lutas, a tragédia das suas derrotas; acontecimentos em que eles e os espanhóis, que chegaram antes pelo Mar Oceano, são protagonistas: ao aparecerem com suas barbas emaranhadas, assustando com o brilho de seus mosquetes e espalhando doenças mortais nas mulheres indígenas; por causar pânico entre os nativos quando, montados a cavalo no meio do calor da batalha, são separados de seus corcéis, para que formem uma peça única com o conquistador; ao delirar e assassinar por uma moeda de ouro (Pinilla, 1994, p. 11).

[366] Nossa tradução: Foi perseguido e capturado por Alonso de Ojeda, tenente de Colombo na segunda viagem, que habilmente enganou o cacique oferecendo-lhe algumas joias do Almirante. Foi um par de algemas de latão brilhante que ele colocou nos pulsos do ingênuo marido de Anacaona. Depois o convidou a montar nas ancas de seu cavalo, para que pudesse exibir melhor as joias, até conseguir afastá-lo de seu povo. Por fim, amordaçou-o e levou-o para o acampamento espanhol, onde foi preso e embarcou num navio que o levaria para a Península. Mas o navio afundou em alto mar e o chefe caribenho morreu junto com toda a tripulação (Pinilla, 1994, p. 14).

Apesar de não existir um consenso para a maneira como a figura histórica Caonabó, de fato, faleceu, a ficcionalização de Pinilla (1994) acontece em concordância com os escassos registros aos quais temos acesso, provenientes da historiografia escrita majoritariamente por europeus. Esses escritos relatam a morte do cacique por afogamento durante essa viagem na qual era levado como prisioneiro à Espanha, após ter sido julgado como culpado da morte dos espanhóis deixados por Colombo na ilha.

A criticidade dessa narrativa híbrida também se apresenta no posicionamento assumido pela rainha Isabel, a qual, supostamente, seria contra a escravidão dos nativos, porém, continuava a receber as riquezas extraídas do "Novo Mundo", conforme aparece na seguinte fala de Alfonso de Torres: "– *Que nuestra amadísima Isabel de Castilla no ha gustado nunca de la esclavitud de los indios… pero jamás se ha enojado cuando recibe barras de oro o marcos de perlas*[367]" (Pinilla, 1994, p. 40).

Ainda que a obra expresse, ficcionalmente, o papel que alguns evangelizadores tiveram na defesa dos povos nativos da América, a voz narrativa também ressalta a intenção que esses religiosos tinham de impor sua religião sobre a dos autóctones. Esse posicionamento crítico é ressaltado em descrições como a do excerto abaixo, que descreve as pretensões do frei Pedro ao conhecer, pelas explicações do índio Guarionex, os cemíes, figuras esculpidas de ouro ou barro que representam os deuses dos taínos:

> *Fray Pedro, gran observador y estudioso, contempla todo el rito sin escandalizarse, pero piensa lo difícil que será evangelizar a estos hombres, quitarles unas creencias tan fuertes como la suya, enseñarles que el único Dios verdadero es el Dios cristiano, crucificado en Jerusalén y resucitado al tercer día. El Dios de don Fernando y el de Santo Domingo de Guzman, el Dios que él, fraile de la Orden de Predicadores, viene a proclamar en estas tierras*[368] (Pinilla, 1994, p. 83).

[367] Nossa tradução: – Que a nossa querida Isabel de Castela nunca gostou da escravidão dos índios… mas nunca se irritou quando recebe barras de ouro ou marcos de pérolas (Pinilla, 1994, p. 40).

[368] Nossa tradução: Frei Pedro, grande observador e estudioso, contempla todo o rito sem se escandalizar, mas pensa como será difícil evangelizar estes homens, tirar crenças tão fortes como as suas, ensinar-lhes que o único Deus verdadeiro é o Deus cristão, crucificado em Jerusalém e ressuscitado ao terceiro dia. O Deus de Dom Fernando e de Santo Domingo de Guzmán, o Deus que ele, frade da Ordem dos Pregadores, vem proclamar nestas terras (Pinilla, 1994, p. 83).

Nessa descrição da diegese, é visível o apagamento intencional da crença alheia em prol da pregação cristã, definida como a única e verdadeira religião. Sobre essa "conquista espiritual", Dussel (1994) aponta a contradição de uma religião que pregava o amor ao mesmo tempo em que empregava uma conquista violenta, por meio da qual os indígenas tiveram seus direitos, cultura, deuses e sua própria civilização negada, em nome de um deus estrangeiro.

A obra de Pinilla (1994) desconstrói, ademais, a imagem do frei Bartolomeu de Las Casas, reconhecido pela historiografia oficializada como o "defensor dos nativos", por seus registros sobre os maus tratos a esses povos nas obras *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957). O relato ficcional de Pinilla (1994), porém, apresenta a personagem Las Casas como um dos beneficiados pelo sistema colonialista, pois havia participado dos conflitos exploratórios comandados por Diego de Velázquez para dominar Cuba e, como recompensa pela sua participação, recebera algumas terras e alguns nativos. Essa desconstrução da imagem de Las Casas na ficção de Pinilla (1994) denuncia outro "lado escuro" da colonialidade/modernidade (consoante a Mignolo, 2017), mascarado com um discurso religioso que, de fato, mostra que eclesiásticos como Las Casas, muitas vezes, lucravam tanto quanto qualquer outro colonizador.

Não obstante, há, também, a ficcionalização dos padres como alguns dos primeiros sujeitos a perceberem os maus tratos aos nativos pelos exploradores espanhóis, conforme é apresentado no seguinte trecho:

> *Por todas las partes los padres dominicos ven la prosperidad de los antiguos soldados, de los hombres que llegaron del otro lado del mar desde hace dieciocho años, y advierten la ruina y sufrimiento de los nativos que llevan siglos en estas tierras, dueños naturales de la isla*[369] (Pinilla, 1994, p. 86).

Essa é uma das frases mais críticas que destacamos na diegese de Pinilla (1994), por apontar o fato de que esses nativos seriam, na realidade, os verdadeiros donos da ilha. Tal posicionamento reescreve e ressignifica a história oficializada pelos registros dos cronistas, que trabalhavam para enfatizar o poderio espanhol sobre

[369] Nossa tradução: Por todas as partes, os padres dominicanos veem a prosperidade dos antigos soldados, dos homens que chegaram do outro lado do mar há dezoito anos, e alertam a ruína e o sofrimento dos nativos que estão nestas terras há séculos, proprietários naturais da ilha (Pinilla, 1994, p. 86).

esses territórios e ocultar os massacres realizados nas empreitadas colonizadoras, como foi o caso do massacre de Xaraguá.

A violência contra a mulher nativa durante o período da colonização da América também é representada na obra de Pinilla (1994). Um exemplo é a confissão de um dos *encomenderos* sobre como ele trata as autóctones:

> *Acúsome, Padre... Mas, por Jesús, perdonadme, por haber enviado a las minas a mis indios desposados para juntarme con sus mujeres y gozarlas… Y por secar la leche de las tetas de las indias recién paridas, para que en muriendo las criaturas pudiera holgarme de nuevo con ellas*[370] (Pinilla, 1994, p. 99).

Em muitos momentos da diegese, encontramos ficcionalizações como essa, nas quais as mulheres nativas são tratadas como objetos sexuais e de maneira violenta. A última frase da diegese, proferida pelo frei Carlos – "*¡¡TODOS LOS PUEBLOS DEL MUNDO SON HOMBRES!!*[371]*"* (Pinilla, 1994, p. 166) – pode ser um indício da inferiorização da figura feminina que ainda persiste na obra, apesar de sua criticidade com relação ao passado histórico da América e da visibilidade que traz à imagem de Anacaona e das mulheres indígenas. Ao mesmo tempo em que a narrativa denuncia os maus tratos dos colonizadores a essas autóctones, há, em momentos como esse, a exclusão da mulher como ser humano.

Essa escolha discursiva reflete o que Martínez Miguélez (1994) evidencia sobre o feminino, em especial no âmbito religioso. Segundo a autora, a religião cristã elaborou uma representação de deus desde um ponto de vista biológico, o qual, normalmente, imaginamos como um homem, com barba, o que acontece porque vivemos em uma sociedade na qual o poder está diretamente relacionado ao masculino. Não o imaginamos como uma mulher, porque às mulheres não foi concebido tamanho prestígio. Quando falamos de deus, pensamos em um pai, em um filho e, onde deveria existir uma mãe, a cultura mediterrânea coloca outra figura

[370] Nossa tradução: Acuso-me, Padre... Mas, por Jesus, perdoa-me, por ter mandado os meus índios casados para as minas para me juntar às suas mulheres e desfrutá-las... E por secar o leite dos seios das índias que haviam parido, para que, quando as criaturas morressem, eu pudesse voltar a desfrutar com elas (Pinilla, 1994, p. 99).

[371] Nossa tradução: TODOS OS POVOS DO MUNDO SÃO HOMENS!! (Pinilla, 1994, p. 166).

masculina: o espírito santo – "[...] *es decir, un hombre, mas otro hombre mas outro hombre*[372]" (Martínez Miguélez, 1994, p. 25). A autora, ainda, agrega que

> […] *esto se acompaña con otro mito según el cual un dios padre fabrica al hombre a su imagen y semejanza, y de la costilla de éste saca a la mujer. Es decir, se invierte al proceso normal del parto y en lugar de salir los hombres de la mujer sale la mujer del hombre, a través de la vida de otro hombre. Esto en términos ideológicos es una negación clarísima del papel de la mujer en la sociedad. A esta mujer que sale de un hombre se le acusa de todos los males del mundo. Eva es culpable de tentar al bueno de Adán. A partir de ahí surgen todos los problemas del mundo*[373] (Martínez Miguélez, 1994, p. 25).

Para a autora, "*podría afirmarse, con seguridad, que no habrá una concepción más machista de dios que la cristiana*[374]" (Martínez Miguélez, 1994, p. 25). É por isso que apontamos, aqui, essa reflexão sobre a fala de Carlos. Não por acaso, esse apagamento do feminino é colocado nas palavras de um homem religioso, figura sobre a qual existe um estereótipo de suposto "defensor dos indígenas". Talvez essa exclusão seja, na verdade, intencionalmente representada dessa maneira, o que pode refletir outra faceta do aspecto crítico da obra analisada – uma criticidade à subjugação das mulheres na história e à cristalização desse estereótipo do eclesiástico protetor dos nativos.

A diegese de Pinilla (1994) estabelece sua verossimilhança pela conjunção de suas personagens ficcionais (como Alfonso de Torres, sua esposa, dona Carmen, e seus filhos, Martín, Carlos e Lucía) com personagens de extração histórica (como Anacaona, Caonabó, Cristóvão Colombo, Diego Colombo, Nicolás de Ovando, Francisco de Bobadilla, Bartolomeu de Las Casas, a rainha Isabel e o rei Fernando). A narrativa torna-se verossímil ao leitor, ainda, pela descrição de datas e localidades (como Xaraguá, La Española, Santo Domingo e Castela), que coincidem com os

---

[372] Nossa tradução: [...] ou seja, um homem, mais outro homem, mais outro homem (Martínez Miguélez, 1994, p. 25).

[373] Nossa tradução: Isto é acompanhado por outro mito segundo o qual um deus pai faz o homem à sua imagem e semelhança, e de sua costela produz a mulher. Ou seja, o processo normal do parto se inverte e, ao invés do homem sair da mulher, a mulher sai do homem, por meio da vida de outro homem. Isto, em termos ideológicos, é uma negação muito clara do papel das mulheres na sociedade. Essa mulher que vem de um homem é acusada de todos os males do mundo. Eva é culpada de tentar o bom Adão. A partir daí, surgem todos os problemas do mundo (Martínez Miguélez, 1994, p. 25).

[374] Nossa tradução: Poderíamos afirmar, com certeza, que não há uma concepção de deus mais machista do que a cristã (Martínez Miguélez, 1994, p. 25).

registros historiográficos europeus sobre a colonização da América. Segundo Rosenfeld (2007), com base nos estudos de Aristóteles, a verossimilhança no romance não significa aquilo que aconteceu, mas, sim, o que poderia ter acontecido.

Essa construção verossímil é reforçada, também, pelo apêndice da obra, no qual José Rubén Romero Galván[375] explica uma série de eventos relacionados à "conquista", à evangelização e à defesa dos nativos. Seu texto é iniciado com a descrição da viagem de Colombo ao "Novo Mundo", pelas palavras: "*El 12 de octubre de 1492 se inició una larga historia*[376]" (Pinilla, 1994, p. 169). Galván (1994) explica os intentos do império espanhol para encontrar novas rotas ao Oriente e o início das expedições europeias no continente que encontraram nessa primeira viagem à América. Detalha, também, no que consistiam as encomendas, pelo seguinte trecho:

> *Consistía en una cesión de derechos realizada por el Rey en favor de algún señor, según la cual un pueblo o un número de vasallos debía reconocer, en él una autoridad y pagarle los tributos que estaba obligado a pagar originalmente al soberano. A cambio de ello, el señor se comprometía a brindarles protección.* […] *A cambio del tributo que en forma de trabajo recibían los encomenderos, quedaban obligados a pagar a un "doctrinero", un fraile misionero que instruyera en la fe católica a los indígenas de su encomienda*[377] (Galván, 1994, p. 172).

O autor descreve como o sistema de encomendas ocasionou a morte de muitos indígenas. Sobre essa conversão forçada dos nativos à fé cristã, Galván (1994) expõe o seguinte:

> *La conquista tuvo pues dos caras, como las monedas. Por un lado, la guerra propiamente dicha y, por el otro, la evangelización. Ambos aspectos están de tal manera ligados que resulta imposible referirse a uno sin hacer alusión al otro. Así, las tierras americanas fueron*

[375] José Rubén Romero Galván é doutor em Etnologia pela Escola Superior de Ciências Sociais de Paris e obteve o diploma de Estudos Especializados em Antropologia Social e Cultural pela mesma instituição. Também é licenciado em História pela Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM, onde também concluiu o mestrado em História do México.

[376] Nossa tradução: Em 12 de outubro de 1492, começou uma longa história (Pinilla, 1994, p. 169).

[377] Nossa tradução: Consistia numa transferência de direitos feita pelo rei a favor de algum senhor, segundo a qual uma cidade ou um número de vassalos deviam reconhecer-lhe autoridade e pagar-lhe os impostos que, originalmente, eram obrigados a pagar ao soberano. […] Em troca do tributo que os *encomenderos* recebiam em forma de trabalho, eram obrigados a pagar um "doutrineiro", um frade missionário que instruía os indígenas de sua *encomienda* na fé católica (Galván, 1994, p. 172).

> *ganadas para Dios y para el Rey, con la espada y con la cruz*[378] (Galván, 1994, p. 174).

O texto de Galván (1994), apresentado no apêndice, reforça dois aspectos da obra: sua criticidade, conforme vemos nos apontamentos críticos com relação à "conquista" pela violência e pela evangelização, e sua verossimilhança, pois se trata de um historiador que narra sobre acontecimentos da colonização, com um aspecto supostamente mais informativo, como se ali apresentasse dados de como tudo aquilo, de fato, aconteceu. Essa configuração paratextual do discurso crítico inserido na obra literária evidencia, outra vez, a necessidade que se tem na América Latina de um sistema educacional descolonizador, por meio da formação de um leitor literário decolonial, instruído sobre a colonização e a colonialidade. Vemos isso como uma aposta que faz o autor, já na década de 1980, daquilo que Fleck (2023) hoje defende como um dos procedimentos da formação leitora decolonial:

> [...] pelo confronto de diferentes posições ideológicas apresentadas pelos autores, materializadas em escritas históricas, literárias, informativas, didáticas e artísticas, de teor tanto acrítico quanto crítico, o estudante em formação leitora literária decolonial é aquele sujeito que, mediado por um professor também leitor decolonial, passa a compreender que a linguagem é material manipulável e que, por meio de seu uso, é possível constituir diferentes ideias e conceitos sobre o mesmo tópico (Fleck, 2023, p. 49-50).

Desse modo, em conformidade às análises realizadas, vemos que a narrativa híbrida de Pinilla (1994) apresenta as características estruturais que a aproximam à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, proposta por Fleck (2017). Sua diegese propõe uma releitura crítica verossímil do passado, a qual, segundo Fleck (2017), confere autenticidade aos acontecimentos históricos ressignificados a partir de perspectivas periféricas. Apresenta um relato linear dos eventos históricos recriados, desde um ponto inicial até o seu final, sem manipulações temporais significativas. O foco narrativo comparte dos propósitos da nova história, ao evidenciar perspectivas "vistas de baixo", com base em Sharpe (1992), como é o caso

[378] Nossa tradução: A conquista teve, portanto, dois lados, como moedas. Por um lado, a própria guerra e, por outro, a evangelização. Ambos os aspectos estão ligados de tal forma que é impossível referir-se a um sem referir-se ao outro. Assim, as terras americanas foram conquistadas para Deus e para o Rei, com a espada e com a cruz (Galván, 1994, p. 174).

de Anacaona e seu povo taíno. A linguagem utilizada não é rebuscada, o que a torna amena, fluída e coloquial, de fácil acesso aos diferentes tipos de leitores.

O emprego de algumas estratégias bakhtinianas é percebido na dialogia, por exemplo, expressa na relação antagônica entre os dois filhos de Torres, Carlos e Martín. Conforme mostramos em nossa análise, Carlos representa um posicionamento decolonial, que intenta questionar e ressignificar a história a partir de um viés crítico com relação aos maus tratos aos nativos pelos colonizadores. Por outro lado, Martín reflete o posicionamento imperialista das nações colonizadoras, as quais eram a favor das encomendas e da escravização de povos como os indígenas e os africanos. A família de Torres pode ser considerada como metonímica, uma vez que carrega cargas discursivas de determinadas coletividades, como as de Carlos e de Martín.

Outras estratégias bakhtinianas presentes na obra são a polifonia e a heteroglossia, por meio das quais são apresentadas vozes múltiplas que se expressam na tessitura do relato e elucidam as diferentes compreensões da realidade, atravessadas por experiências, costumes, valores e conhecimentos derivados da relação entre diferentes ideologias e sistemas linguísticos. Um exemplo é quando a voz narrativa conta que Carlos havia aprendido várias palavras da língua taína com os nativos, e que também lhes havia ensinado o castelhano, conforme vemos em:

> *Los propios indios se las han contado. A menudo conversa largas horas con ellos, para enseñarles castellano y aprender el lenguaje taíno. Le agrada mucho, especialmente algunas palabras: canos, batata, cacique, iguana, caoba, maní, caníbal, bohío, caney, batea, guayacán, hamaca, huracán, maguey, ceiba, cocuyo, macana, tabaco, maíz y yuca*[379] (Pinilla, 1994, p. 108).

Devido a todas essas características verificadas em nossa análise, consideramos possível a aproximação aqui proposta da obra à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, elaborada por Fleck (2017). Segundo o autor, esses romances abandonam o multiperspectivismo, as manipulações temporais extremas, os desconstrucionismos altamente paródicos e carnavalizados

[379] Nossa tradução: Os próprios índios contaram-lhe. Muitas vezes, conversa longas horas com eles, para lhes ensinar espanhol e aprender a língua taína. Ele gosta muito, principalmente de algumas palavras: canos, batata, cacique, iguana, caoba, maní, caníbal, bohío, caney, batea, guayacán, hamaca, huracán, maguey, ceiba, cocuyo, macana, tabaco, maíz e yuca (Pinilla, 1994, p. 108).

das modalidades críticas/desconstrucionistas instituídas na fase anterior da trajetória do romance histórico na América Hispânica. No romance de mediação, a verossimilhança volta a ser essencial, ao mesmo tempo em que a obra apresenta criticidade e perspectivas marginalizadas.

A obra de Pinilla (1994), assim como as outras obras críticas apresentadas neste estudo, corroboram essa atitude de revisionismo crítico do passado, a qual, para Fleck (2017), dá espaço, pela arte literária, às classes subjugadas à margem das sociedades mestiças latino-americanas, que têm seu domínio político e econômico quase totalmente centralizado na minoria de descendentes europeus brancos e patriarcalistas.

Na continuação do texto, apresentamos nossa próxima análise da única obra escrita em língua inglesa que encontramos na literatura adulta, e que protagoniza Anacaona.

3.1.3 *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat: uma releitura da história da Rainha Flor de Ouro

A obra *Anacaona, golden flower* (2015), cuja análise apresentamos nesta parte da tese, foi escrita por Edwidge Danticat, autora com dupla nacionalidade, haitiana e estadunidense. Danticat atua como docente no Departamento de Estudos Afro-Americanos e da Diáspora Africana da Columbia University, nos Estados Unidos. A obra faz parte da coleção *The Royal Diaries*, uma série de 20 livros que protagonizam diferentes figuras femininas de poder ao redor do mundo: Anacaona, de Guanahaní; Cleópatra, do Egito; Elizabeth I, da Inglaterra; Anastasia, da Rússia; Kaiulani, do Hawai; Victoria, da Inglaterra; Maria, da Escócia; Sŏndŏk, da Coreia; Leonor da Aquitânia, da França; Kristina, da Suécia; Nzingha, da África; rainha Isabel, da Espanha; Lady of Ch'iao Kuo, da China; Isabel da Baviera, da Áustria; Weetamoo, nativa americana; Maria Antonieta, da França; Yax Ahau Xoc, rainha maia, da Mesoamérica; Chikako, do Japão; Jahanara, da India; Catarina II, da Rússia.

A proposta dessa coleção caracteriza, por si só, uma atitude consoante ao conceito do "giro decolonial", representado, consoante a Mignolo (2007b, p. 29-30), pela "[...] *apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida-otras (economías-*

otras, teorías políticas-otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia[380]". Traçamos essa relação pois tal coleção de obras sobre mulheres ao redor do mundo rompe com as formas eurocêntricas de disseminação do conhecimento.

Além de nela se protagonizar personagens femininas, essa coletânea propõe visibilizar mulheres no poder que não se limitam aos grandes impérios europeus, como Elizabeth I, rainha da Inglaterra e da Irlanda entre 1558 e 1603; Victoria, rainha do Reino Unido entre 1837 e 1901; e Isabel II, rainha da Espanha entre 1833 e 1868. Figuras femininas representativas de poder, provenientes de outras nações, ainda não tão conhecidas ao redor do mundo, também nos são apresentadas, como Nzinga Ana de Sousa Mbande, uma rainha guerreira africana que, assim como Anacaona, lutou contra a ocupação europeia em seu território. Nzinga liderava seu povo mbundu e era rainha das regiões de Ndongo e Matamba, no sudoeste de África. Viveu entre 1583 e 1663 e combateu os colonizadores portugueses que chegaram em Ndongo, em 1575, em busca de ouro e prata, no local que passaram a referir-se como Angola. Figuras históricas como Nzinga, na África, e Anacaona, na América, são representativas da resistência nativa perante o domínio imperialista colonial dos séculos XV e XVI.

Ainda sobre a importância de uma universalização de conhecimentos que rompa com o paradigma da modernidade/colonialidade, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) criticam a disseminação do saber restrita aos pressupostos eurocêntricos. Segundo os autores, as culturas e os ensinamentos subalternizados foram excluídos, omitidos, silenciados e ignorados nos registros eurocêntricos ao longo do tempo. Somente o que era gerado pela elite científica e filosófica da Europa era considerado conhecimento "verdadeiro". Os estudiosos referem-se a uma "resistência semiótica" capaz de ressignificar as formas hegemônicas do saber desde um ponto de vista da racionalidade pós-eurocêntrica das subjetividades subalternas, as "epistemes de fronteira", críticas implícitas à modernidade. Nas palavras dos teóricos,

> […] *todo esto tiene importantes implicaciones para la producción de conocimiento. ¿Vamos a producir un conocimiento que repita o*

[380] Nossa tradução: [...] abertura e liberdade de pensamento e outros modos de vida (outras economias, outras teorias políticas); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o distanciamento da retórica da modernidade e do seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia (Mignolo, 2007b, p. 29-30).

> *reproduzca la visión universalista y eurocéntrica del punto cero? Desde la perspectiva del grupo modernidad/colonialidad, el análisis de los procesos del sistema-mundo se hace tomando en cuenta los conocimientos sometidos/subalternizados por la visión eurocéntrica del mundo, es decir, el conocimiento práctico de los trabajadores, las mujeres, los sujetos racializados/coloniales, los gays y los movimientos anti-sistémicos*[381] (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

Obras como a de Danticat (2015) transgridem essa disseminação eurocêntrica do conhecimento, por amalgamar, em seu relato, a figura histórica de Anacaona e seu povo taíno, exemplo de grupo submetido/subalterno às monarquias colonialistas. Assim como outras obras de viés crítico, apresentadas nesta tese, a obra analisada nesta subseção apresenta-nos uma literatura que se aproxima do conceito de universalidade e, consequentemente, afasta-se de uma visão eurocentrista, fixada em um suposto "ponto zero", explicado por Castro-Gómez (2005, p. 18) como um

> […] *imaginario según el cual, un observador del mundo social puede colocarse en una plataforma neutra de observación que, a su vez, no puede ser observada desde ningún punto.* [...] *Los habitantes del punto cero (científicos y filósofos ilustrados) están convencidos de que pueden adquirir un punto de vista sobre el cual no es posible adoptar ningún punto de vista*[382].

O estudioso caracteriza essa visão ilusória do "ponto zero" dos cientistas e filósofos como a "*hybris del punto cero*", que supõe o desconhecimento de uma espacialidade de maneira arrogante e desmedida. Esse observador hipotético seria capaz de olhar para o mundo de maneira soberana, com um suposto poder de neutralidade em sua análise. Castro-Gómez (2005) aponta, justamente, a inconsistência desse lugar imaginário de investigação.

---

[381] Nossa tradução: Tudo isso tem implicações importantes para a produção de conhecimento. Vamos produzir um conhecimento que repita ou reproduza a visão universalista e eurocêntrica do ponto zero? Na perspectiva do grupo da modernidade/colonialidade, a análise dos processos do sistema-mundo é feita tendo em conta os saberes submetidos/subalternizados pela visão eurocêntrica do mundo, ou seja, os saberes práticos dos trabalhadores, das mulheres, dos sujeitos racializados/coloniais, dos gays e dos movimentos antissistêmicos (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

[382] Nossa tradução: […] imaginário segundo o qual um observador do mundo social pode ser colocado sobre uma plataforma de observação neutra que, por sua vez, não pode ser observada de nenhum ponto. [...] Os habitantes do ponto zero (cientistas e filósofos esclarecidos) estão convencidos de que podem adquirir um ponto de vista sobre o qual não é possível adotar qualquer ponto de vista (Castro-Gómez, 2005, p. 18).

Nas notas da autora, apresentadas no início da obra de Danticat (2015), a resistência da memória dos taínos é reforçada pelo seguinte relato, que explica como seus conhecimentos e cultura eram transmitidos entre as diferentes gerações:

> *Unlike most other young women of the Royal Diary series, Anacaona did not read or write and would not have kept a diary* […]. *Anacaona's Taíno people, however, had many other ways of recording things crucial to them. They passed on their stories, myths, cultural practices, and ways of healing through songs, dances, ballads that were performed at their feasts and celebrations, called areitos. Even though the Taínos had no written language, they had petroglyphs – rock paintings and pictographs through which they kept records of their lives*[383] (Danticat, 2015, p. 4).

A autora também explica que os taínos mediam o tempo por meio das estações de plantio e de um calendário lunar. Por isso, para apresentar a história de Anacaona, a obra estabelece o registro dos dias com base em um calendário lunar de 21 dias. A narrativa da obra é apresentada, portanto, na forma de diário, por meio de uma voz autodiegética, em nível intradiegético (consoante a Genette, 2007), pela narração da própria personagem Anacaona. Segundo Brait (1985, p. 61), "quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior", e cada um desses discursos busca expor a interioridade da personagem e diminuir a distância entre o escrito e o "vivido". No recurso do diário, a voz narrativa não pressupõe um receptor, e cada página busca expor o relato da personagem sobre momentos decisivos de sua existência.

A diegese inicia na "*tobacco harvest season first quarter moon, day 1*[384]" (Danticat, 2015, p. 5), com a apresentação da personagem principal: "*I am Anacaona. In my language, the Taíno language, ana means 'flower' and caona means 'golden'. Thus I am called the 'golden flower'*[385]" (Danticat, 2015, p. 5). O relato híbrido

[383] Nossa tradução: Ao contrário da maioria das outras jovens da série Diário Real, Anacaona não lia nem escrevia e não teria mantido um diário […]. O povo taíno de Anacaona, porém, tinha muitas outras maneiras de registrar coisas que eram cruciais para eles. Eles repassavam suas histórias, mitos, práticas culturais e formas de cura por meio de cantos, danças e baladas, que eram performadas em suas festas e celebrações, chamadas de areítos. Embora os taínos não possuíssem língua escrita, eles possuíam petróglifos – pinturas rupestres e pictogramas por meio dos quais mantinham registros de suas vidas (Danticat, 2015, p. 4).

[384] Nossa tradução: Temporada de colheita do tabaco, primeiro quarto minguante, dia 1 (Danticat, 2015, p. 5).

[385] Nossa tradução: Eu sou Anacaona. Na minha língua, a língua taína, *ana* significa "flor" e *caona* significa "dourada". Por isso sou chamada de "flor dourada" (Danticat, 2015, p. 5).

apresenta alguns episódios rotineiros da vida dessa mulher taína, como seus afazeres diários, trabalhos na plantação e descrições de Xaraguá, reino onde vive. Anacaona explica que o direito à liderança desse reino será herdado, um dia, por ela e por seu irmão, Behechio, pois sua avó havia sido líder. O atual chefe é Matunherí, tio de Anacaona e Behechio.

Em vários momentos da diegese, a sucessão de Anacaona ou Behechio à liderança é descrita como equivalente, sem a menosprezar perante a figura masculina de seu irmão. Podemos notar essa igualdade no seguinte questionamento de Anacaona: "*When telling a story like this, I often ask myself, What will I be called in the future? Will I be ruler of Xaraguá, or Toa? As my uncle's days grow close to their end, will he choose me to rule Xaraguá or will he favor Behechio? All I know is whether as cacica or mother, whatever I do will always be for the good of my people*[386]" (Danticat, 2015, p. 15). Outro exemplo desse posicionamento é exposto no seguinte excerto: "[…] *harmony can be maintained whether my uncle rules Xaraguá or Behechio or I do*[387]" (Danticat, 2015, p. 16).

Ao mesmo tempo em que Anacaona se posiciona como possível herdeira para chefiar Xaraguá, em igualdade com seu irmão, ela também difere os dois papeis que uma mulher pode assumir: o de chefe e/ou o de mãe. A construção dessa personagem enfatiza, durante toda a diegese, seu empoderamento como mulher, sua liberdade de escolha e sua relação de igualdade perante outras figuras masculinas. Essa representação literária é uma atitude de enfrentamento ao que as mulheres, não apenas as indígenas, já foram e ainda são submetidas. Sobre a opressão sofrida pelas mulheres nativas americanas, Martínez Miguélez (1994) afirma que

> […] *los conquistadores y colonizadores provenían de culturas de opresión de las mujeres, de tal manera que lo sucedido en este proceso histórico ha significado para las mujeres una suerte de sincretismo patriarcal. En este sentido, la cultura occidental impuesta*

[386] Nossa tradução: Ao contar uma história como essa, muitas vezes me pergunto: como serei chamada no futuro? Serei a chefa de Xaraguá, ou Toa? À medida que os dias de meu tio se aproximam do fim, ele me escolherá para governar Xaraguá ou favorecerá Behechio? Só sei que, como cacica ou como mãe, o que eu fizer será sempre para o bem do meu povo (Danticat, 2015, p. 15).

[387] Nossa tradução: [...] a harmonia pode ser mantida se meu tio governar Xaraguá, ou Behechio, ou eu (Danticat, 2015, p. 16).

> *solo sería culpable de profundizar relaciones de opresión hacia las mujeres previamente existentes*[388] (Martínez Miguélez, 1994, p. 21).

A voz narrativa segue descrevendo a ilha onde as personagens vivem como "*Quisqueya, of which Xaraguá is only one part. Quisqueya, which we also call Ayiti and Bohio*[389] [...]" (Danticat, 2015, p. 16), e apresenta, também, o reino liderado por Caonabó: "*then there is, aside from Xaraguá, my most favorite region, Maguana, ruled by the handsome Caonabó, whose name means 'Ruler of the House of Gold'*[390]**"** (Danticat, 2015, p. 16).

Anacaona posiciona-se, sempre, como uma mulher que reconhece sua força, seus direitos e deveres perante seu povo. Ela confessa que gostaria de se casar com alguém que lhe oferecesse as mesmas condições que teria que renegar caso deixasse Xaraguá, conforme lemos em:

> *I pray there will never be a battle between Behechio and myself for authority over Xaraguá, but I must accept that should he marry, he will stay here among our people and close to our uncle, but should I marry – as I eventually will – I will have to leave Xaraguá. In light of Behechio's marriage, I have decided that I will only marry on the condition that the status of the man I am joined with is equal to my own, one with powers that are equal to those I must surrender here in Xaraguá*[391] (Danticat, 2015, p. 33).

A personagem reforça seu lugar de poder, mesmo diante de um matrimônio, o qual apenas aceitaria se isso não a destituísse dessa posição de liderança que possui. A proposta de casamento entre Anacaona e Caonabó é feita para unir forças entre Maguana e Xaraguá, e a taína considera as duas opções em suas mãos: caso decida

---

[388] Nossa tradução: Os conquistadores e colonizadores vieram de culturas de opressão das mulheres, de tal forma que o que aconteceu neste processo histórico significou, para as mulheres, uma espécie de sincretismo patriarcal. Nesse sentido, a cultura ocidental imposta só seria culpada de aprofundar as relações de opressão anteriormente existentes em relação às mulheres (Martínez Miguélez, 1994, p. 21).

[389] Nossa tradução: Quisqueya, da qual Xaraguá é apenas uma parte. Quisqueya, que também chamamos de Ayiti e Bohio (Danticat, 2015, p. 16).

[390] Nossa tradução: Então há, além de Xaraguá, minha região preferida, Maguana, governada pelo belo Caonabó, cujo nome significa "Governante da Casa de Ouro" (Danticat, 2015, p. 16).

[391] Nossa tradução: Rezo para que nunca haja uma batalha entre Behechio e eu pela autoridade sobre Xaraguá, mas devo aceitar que, caso ele se case, ficará aqui entre nosso povo e perto de nosso tio, mas se eu me casar – como eventualmente farei – terei que sair de Xaraguá. À luz do casamento de Behechio, decidi que só me casarei com a condição de que o status do homem com quem eu me una seja igual ao meu, com poderes iguais aos que devo entregar aqui em Xaraguá (Danticat, 2015, p. 33).

deixar Xaraguá e se unir a Caonabó, seu marido seria um cacique e ela o ajudaria a liderar; caso fique em Xaraguá e não se case, pode continuar liderando por si mesma ou com seu irmão. Ao considerar suas opções, reflete sobre o fato de que, em Maguana, ela apenas poderia ser a esposa, ou uma das esposas, do chefe.

Anacaona decide, então, aliar-se a Caonabó e fortalecer ambos os reinos. Porém, ela toma essa decisão de maneira consciente e por escolha própria, conforme explica:

> *At that moment, I realized it was Behechio and not I who would rule Xaraguá. In my mind, I surrendered sole authority to him, just as I would something I was holding in the palm of my hand. Xaraguá was now Behechio's to rule, not mine. And I was glad it was I who had made that decision, not him not Matunherí*[392] (Danticat, 2015, p. 70).

Esse posicionamento consciente da personagem reforça sua configuração como uma mulher livre para fazer suas escolhas, que não está submissa a uma figura masculina e não depende de nenhum homem para sobreviver. Tal construção ficcional discursiva é reforçada ao longo de toda a diegese. Outro exemplo que pode ser mencionado é a cena em que Caonabó pede que alguns de seus homens vigiem Anacaona para que nenhum mal lhe aconteça, e a cacica, quando toma conhecimento, afirma: "*I thought this very insolente of their chief. Haven't I lived my whole life without his protection? What made him think I would need it now?*[393]" (Danticat, 2015, p. 75). Esse empoderamento da personagem também está presente no momento em que ela aceita o matrimônio com Caonabó, conforme apresentado abaixo:

> *"Chief Caonabó has asked to marry our treasured Anacaona", he continued. "And we have accepted. But since it is also Anacaona's fate to rule Xaraguá along with Behechio, she must accept Chief Caonabó's offer herself."* […] *I had never felt so much like a cacica, more like a mature person, more like a woman, in my entire life.* […] *And though neither Xaraguá nor Matunherí was the sole reason I chose to link my*

[392] Nossa tradução: Naquele momento, percebi que seria Behechio e não eu quem governaria Xaraguá. Em minha mente, entreguei a autoridade exclusiva a ele, assim como faria com algo que segurava na palma da minha mão. Xaraguá agora era de Behechio para governar, e não minha. E fiquei feliz por ter sido eu mesma quem tomou essa decisão, não ele, não Matunherí (Danticat, 2015, p. 70).

[393] Nossa tradução: Achei isso muito insolente da parte do chefe deles. Não vivi toda a minha vida sem a proteção dele? O que o fez pensar que eu a necessitaria agora? (Danticat, 2015, p. 75).

> *fate to Chief Caonabó's, they were both why I hastened to say those words so quickly, "Anacaona accepts"*[394] (Danticat, 2015, p. 78-79).

Em Maguana, Anacaona é recebida com entusiasmo. Alguns de seus dias como esposa do cacique não possuem muitos afarezes, o que a leva à seguinte reflexão: "*not that I didn't know this before, but my suddenly empty days are reminding me that to be the wife of the cacique is not at all the same as being the cacica*[395]**"** (Danticat, 2015, p. 97). Ela também se junta a outros guerreiros e guerreiras em treinamentos militares e valoriza suas próprias habilidades de combate.

Na continuação da diegese, o tio de Anacaona morre e ela engravida de Caonabó. Sua filha nasce e é nomeada Higuamota. Anacaona continua seus treinamentos e afirma para si mesma: "*I am well trained. The more I escape harm during these exercises, the better I want to be. For Maguana, for myself, for my daughter, I want to be a true warrior*[396]**"** (Danticat, 2015, p. 123).

Anacaona conta que sua avó havia previsto a chegada de homens de pele branca à ilha, conforme lemos em: "[...] *my grandmother who, during her time on Earth, had dreamt that men with skins as white as air would come to Quisqueya*[397]**"** (Danticat, 2015, p. 127). A narrativa apresenta, então, a chegada desses homens:

> *The pale men have reached our shores. We were awakened at dawn by clamorous voices like none I have ever heard and the sight of men unlike any I have ever seen. They were tall, nearly twice our size. Their heads were as round as the full moon and what we could see of their skin – for they were covered in dark, heavy-looking materials from their*

[394] Nossa tradução: "O cacique Caonabó pediu em casamento a nossa preciosa Anacaona", continuou. "E nós aceitamos. Mas como também é destino de Anacaona governar Xaraguá junto com Behechio, ela mesma deve aceitar a oferta do cacique Caonabó." […] Nunca me senti tanto uma *cacica*, mais madura, mais mulher, em toda a minha vida. […] E embora nem Xaraguá nem Matunherí tenham sido os únicos motivos pelos quais escolhi vincular meu destino ao do cacique Caonabó, foram ambos os motivos pelos quais me apressei em dizer essas palavras tão rapidamente: "Anacaona aceita" (Danticat, 2015, p. 78-79).

[395] Nossa tradução: Não que eu não soubesse disso antes, mas meus dias, repentinamente vazios, estão me lembrando que ser a esposa do cacique não é a mesma coisa que ser a cacica (Danticat, 2015, p. 97).

[396] Nossa tradução: Estou bem treinada. Quanto mais eu escapo do perigo durante esses exercícios, melhor eu quero ser. Por Maguana, por mim, por minha filha, quero ser uma verdadeira guerreira (Danticat, 2015, p. 123).

[397] Nossa tradução: [...] minha avó que, durante seu tempo na Terra, sonhou que homens com a pele branca como o ar viriam para Quisqueya (Danticat, 2015, p. 127).

> *shoulders down to their hide-clothed feet – was indeed pale, though not as pale as I had imagined*[398] (Danticat, 2015, p. 127).

Segundo relata a narradora, quando os homens pálidos encontram os habitantes de Maguana, apontam para eles alguns bastões de metal que pareciam ocos, dos quais atiram explosões de luz no ar e assustam as pessoas. A voz narrativa autodiegética de Anacaona conta que "*for a moment I thought I was dreaming. It was as if we were suddenly at war with gods*[399]" (Danticat, 2015, p. 128). Quando Caonabó ordena que seu grupo permaneça em formação, os homens pálidos baixam suas armas e começam a se aproximar dos taínos, tocando em alguns ornamentos de ouro que os guerreiros usavam em torno de seus pescoços e braços. Esses estrangeiros falavam uma língua que não era compreensível ao povo local. Ao apontar suas armas aos guerreiros, pedem que lhes entreguem os objetos de ouro que levavam.

Caonabó pede, então, para servirem comida àqueles homens. Nesse momento, Anacaona reflete sobre suas impressões de advertência com relação aos visitantes, conforme lemos em:

> *Whoever they were, they were not familiar with our customs. For then the servants brought them Caonabó's most beautiful chair, they did not receive this great honor by immediately sitting on the chairs, but walked around them and greedily tried to wrench pieces of gold from them with their bare hands. This is when our visitors' intentions became clear to me. They were neither spirits not gods. They were not looking for courtesies, allies, or friends. They were only looking for gold*[400] (Danticat, 2015, p. 131).

No discurso do relato fica claro que, com medo do que está por vir, Anacaona pergunta a si mesma: "*What if there are more of them? Many, many more of them?*

---

[398] Nossa tradução: Os homens pálidos chegaram à nossa costa. Fomos acordados de madrugada por vozes clamorosas como nenhuma que já havia ouvido e pela visão de homens diferentes de todos que já vi. Eles eram altos, quase o dobro do nosso tamanho. Suas cabeças eram tão redondas quanto a lua cheia e o que podíamos ver da sua pele – pois estavam cobertos de tecidos escuros e de aparência pesada, desde os ombros até os pés, protegidos por couro – era, de fato, pálida, embora não tão pálida quanto eu havia imaginado (Danticat, 2015, p. 127).

[399] Nossa tradução: Por um momento eu pensei que estava sonhando. Foi como se de repente estivéssemos em guerra com deuses (Danticat, 2015, p. 128).

[400] Nossa tradução: Quem quer que fossem, não conheciam os nossos costumes. Pois quando os criados lhes trouxeram as cadeiras mais belas de Caonabó, eles não receberam esta grande honra sentando-se imediatamente nas cadeiras, mas andando em volta delas e tentando, avidamente, arrancar-lhes peças de ouro com as próprias mãos. Foi então que as intenções dos nossos visitantes ficaram claras para mim. Eles não eram espíritos nem deuses. Eles não procuravam cortesias, aliados ou amigos. Eles estavam apenas buscando ouro (Danticat, 2015, p. 131).

Even more of them than there are of us, just waiting to attack and destroy us for our gold?[401]" (Danticat, 2015, p. 136). Na sequência do relato, as personagens Anacaona e Caonabó partem para o reino de Marién para encontrar o chefe Guacanagarí, em quem eles não depositavam mais sua confiança, pois ele compactuava com os homens brancos que haviam chegado à ilha.

Quando chegam em Marién, assustam-se com alguns corpos que se encontravam pendurados, e Anacaona se questiona o que eles haviam feito para merecer uma morte como aquela. Quando se encontram com Guacanagarí, o chefe lhes conta o que havia acontecido: os homens pálidos haviam desembarcado em Quisqueya com três navios. Um dos navios havia sido destruído pelos ventos durante a viagem. O chefe Guacanagarí recebe-os e oferece-lhes alguns presentes, como pássaros, algodão e um cinto de ouro, como faria com qualquer outro cacique que recebesse em suas terras. Em troca, o líder daqueles homens brancos presenteia-lhes com novos tipos de comida e bebida. O chefe taíno ordena que seus homens construam um abrigo para os visitantes. Porém, segundo conta-lhes Guacanagarí,

> […] *soon after the supreme leader departed and left these men here in Marién, the men began beating and killing the people of Marién, forcing the women – including his own daughters – to disappear with them at night. Through hand signals, they continually expressed their desire for gold, forcing his people to dig in the mountains and mine the rivers from dusk to dawn*[402] (Danticat, 2015, p. 145).

A diegese da obra de Danticat (2015) estabelece sua verossimilhança com os registros históricos do repertório europeu sobre a colonização da América em momentos como este. Assim como as personagens históricas inseridas no relato, também os eventos históricos que recria em sua ficção são documentados. Quando Guacanagarí conta o que aconteceu quando o líder dos homens brancos deixa seu grupo na ilha, há uma intertextualidade com o relato do frei Bartolomeu de Las Casas

[401] Nossa tradução: E se houver mais deles? Muitos, muitos mais deles? Ainda mais deles do que nós, apenas esperando para nos atacar e nos destruir pelo nosso ouro? (Danticat, 2015, p. 136).

[402] Nossa tradução: Pouco depois do líder supremo ter partido e deixado estes homens aqui em Marién, os homens começaram a espancar e matar a população de Marién, forçando as mulheres – incluindo as suas próprias filhas – a desaparecerem com eles à noite. Através de gestos, eles expressavam, continuamente, seu desejo por ouro, forçando seu povo a cavar nas montanhas e explorar os rios do anoitecer ao amanhecer (Danticat, 2015, p. 145).

sobre os problemas que se instauram quando Cristóvão Colombo parte para a Espanha, em 1493, e deixa alguns de seus homens na ilha, segundo o excerto:

> *Dijeron que luego que el Almirante se partió dellos, comenzaron entre sí a reñir e tener pendencias y acuchillarse y tomar cada uno las mujeres que quería y el oro que podía haber y apartarse unos de otros; y que Pedro Gutiérrez y Escobedo mataron a un Jácome, y aquéllos con otros nueve se habían ido con las mujeres que habían tomado y sus hatos* […][403] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

A ficção recria eventos como este para preencher vazios dos acontecimentos passados e levantar outras hipóteses sobre a maneira como esses episódios poderiam ter ocorrido. Essa reconstrução imaginária de personagens e eventos só é possível pelo entrelaçamento do material histórico e as liberdades da escrita ficcional, o que garante a verossimilhança de obras como as que analisamos e, ao mesmo tempo, dá espaço a ressignificações do passado por meio dos romances históricos das modalidades críticas.

A diegese segue com a tentativa dos taínos de trabalhar para encontrar ouro e entregar o que encontrassem aos homens brancos, ao mesmo tempo em que se organizam para lutar contra eles. Anacaona questiona-se, nesse momento: "*as they worked in the hot sun looking for gold, I wondered if our people were not tiring themselves too much. Would they be able to fight later?*[404]*"* (Danticat, 2015, p. 149). Guacanagarí reafirma que não vê outra alternativa, pois estavam sendo ameaçados pelas armas de fogo dos estrangeiros, com as quais eles já haviam matado muitos taínos e deixado seus corpos à mostra, como um aviso para que ninguém tentasse combatê-los outra vez. A voz narrativa descreve a imagem dos cadáveres deixados, conforme lemos em:

> *All around us, burial plots had been dug up, bones thrown aside, and golden objects removed from their sacred soil. Nearby, a pregnant woman lay dead, her still bulging belly leaning slightly away from her body. Corpses were strewn all along our path, heads separated from*

[403] Nossa tradução: Disseram que logo que o Almirante partiu, começaram a brigar entre si, criar pendências, golpearem-se e tomavam cada um as mulheres que queriam e o ouro que podia haver, e se apartaram uns dos outros; e que Pedro Gutiérrrez e Escobedo mataram a um tal de Jácome, e aqueles, com outros nove, haviam fugido, com as mulheres que tinham tomado e seus bandos [...] (Tudela Bueso, [1875] 1957, p. 250).

[404] Nossa tradução: Enquanto trabalhavam sob o sol quente em busca de ouro, perguntei-me se nosso povo não estava se cansando demais. Eles seriam capazes de lutar mais tarde?

> *bodies. The body of one dead child was leaning against a post, as if he had been carefully hooked there*[405] (Danticat, 2015, p. 148).

Em descrições como esta, vemos, mais uma vez, a criticidade da obra com relação aos genocídios sofridos pelos nativos americanos, decorrentes das ações colonialistas. Consoante a Báez (2009, p. 56), "*desde el primer momento, la invasión de América fue una empresa destinada a salvar a la aristocracia naciente en España de la situación de caos que se avecinaba, y todo fue lícito: el genocidio de indios y negros, el tráfico de esclavos y el pillaje confeso*[406]".

Em seguida, conforme relata a voz narradora, depois de trabalharem o dia todo buscando ouro, os taínos juntam-se à noite, armados, e se preparam para o ataque, liderados por Caonabó, Anacaona e Manicaotex. Eles ateiam fogo no forte onde os homens brancos dormiam e, apesar de perderem muitos taínos no combate, destroem o alojamento e não deixam quase ninguém vivo. Quando retornam a Managua, não recebem mais notícias de Behechio ou de Guacanagarí. Anacaona expressa seu desejo de que os homens brancos não voltem para se vingar, pois seu povo taíno continuará defendendo-se para sobreviver, assim como fazem com outros grupos que os atacam, como seus inimigos Kalinas. Pelo menos por enquanto, os taínos haviam sido vitoriosos. Anacaona conta a seu povo sobre a batalha e a vitória contra os homens brancos. No entanto, expressa seu desejo de que a história dos taínos continue sendo ouvida pelas próximas gerações, não somente pelos combates que travaram, conforme vemos no excerto a seguir:

> [...] *I did not want our battle with the pale men to become the only story our people would ever recite from now on. For we had other stories, too, happy as well as sad ones. Our encounter with the pale men was only a small piece of that story. Surely an important piece, but not the most important*[407] (Danticat, 2015, p. 155).

---

[405] Nossa tradução: Ao nosso redor, covas haviam sido escavadas, ossos jogados fora e objetos de ouro removidos de seu solo sagrado. Perto dali, uma mulher grávida jazia morta, com a barriga ainda saliente, ligeiramente inclinada para longe do corpo. Cadáveres estavam espalhados por todo o nosso caminho, cabeças separadas dos corpos. O corpo de uma criança morta estava encostado em um poste, como se tivesse sido, cuidadosamente, enganchado ali (Danticat, 2015, p. 148).

[406] Nossa tradução: Desde o primeiro momento, a invasão da América foi uma empresa destinada a salvar a nascente aristocracia espanhola da situação de caos que se aproximava, e tudo era lícito: o genocídio de índios e negros, o tráfico de escravos e a pilhagem declarada (Báez, 2009, p. 56).

[407] Nossa tradução: Eu não queria que nossa batalha com os homens brancos se tornasse a única história que nosso povo contaria de agora em diante, pois também tivemos outras histórias, tanto felizes como tristes. Nosso encontro com os homens brancos foi apenas um pequeno pedaço dessa história. Certamente uma peça importante, mas não a mais importante (Danticat, 2015, p. 155).

Com esse pedido, a diegese finaliza, enfatizando a importância de valorizarmos as culturas ancestrais de diferentes povos, como a dos taínos. Essa atitude reflete o posicionamento decolonial da obra e dialoga com os pressupostos de Castro-Gómez e Grosfoguel (2007). Segundo os autores, o conceito de modernidade/colonialidade ancora-se em uma reestruturação, decolonização ou pós-ocidentalização das ciências sociais, área de estudos que ainda não encontrou uma maneira de incorporar saberes provenientes de culturas subalternizadas. Sem isso, não existirá qualquer tipo de decolonização do conhecimento para além do ocidentalismo. Em suas palavras, "*la cumplicidade de las ciencias sociales con la colonialidad del poder exige la emergencia de nuevos lugares institucionales y no institucionales desde donde los subalternos puedan hablar y ser escuchados*[408]" (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

Ao final da obra, há um epílogo, narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético, que se volta ao material histórico sobre a colonização de Guanahaní/"*La Española*" pelos espanhóis, segundo os registros da historiografia tradicional, conforme lemos:

> *Unfortunately, this was not the last that Anacaona saw of the Spanish invaders. A few months later, their supreme leader, Christopher Columbus, returned from Spain with seventeen ships, 1700 men, ammunition, hunting dogs, and horses. In revenge for the attack on Columbus's settlement in Chief Guacanagarí's territory – a settlement the Spaniards had named La Navidad (The Nativity), since it was established on Christmas Day – Chief Caonabó was captured by Columbus's men*[409] (Danticat, 2015, p. 157).

A amálgama de material ficcional e histórico construída na obra de Danticat (2015) sobre o período da colonização evidencia as pretensões decoloniais desse projeto literário. Segundo Mignolo (2007b, p. 30), "*el pensamiento decolonial tiene*

[408] Nossa tradução: A cumplicidade das ciências sociais com a colonialidade do poder exige o surgimento de novos lugares institucionais e não institucionais de onde o subalterno possa falar e ser ouvido (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 21).

[409] Nossa tradução: Infelizmente, esta não foi a última vez que Anacaona viu os invasores espanhóis. Poucos meses depois, seu líder supremo, Cristóvão Colombo, retornou da Espanha com dezessete navios, 1.700 homens, munições, cães de caça e cavalos. Em vingança pelo ataque ao forte de Colombo no território do cacique Guacanagarí – assentamento que os espanhóis chamavam *de La Navidad* (A Natividade), por ter sido estabelecido no dia do natal – o cacique Caonabó foi capturado pelos homens de Colombo (Danticat, 2015, p. 157).

como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder (es decir, de la matriz colonial de poder)[410]". Ainda no século XXI, obras como a que analisamos reforçam esse pensamento decolonial e, por conseguinte, rompem com ideologias colonialistas que continuam mantendo matrizes centralizadoras do poder, até os dias de hoje, no imaginário e na identidade de muitas nações.

Com base nas leituras e análises apresentadas, classificamos a obra *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, como um romance histórico contemporâneo de mediação, pois apresenta as características postuladas por Fleck (2017) como pertencentes a essa modalidade. Sua diegese é construída a partir de um posicionamento crítico e decolonial com relação à história da colonização da América, o que caracteriza uma releitura crítica verossímil do passado, a qual, para Fleck (2017), reforça a autenticidade do material histórico da obra e apresenta visões periféricas dos acontecimentos.

A narrativa é contada de maneira linear, inclusive por sua intenção de simular um diário escrito por Anacaona, com as entradas que demarcam cada dia, como lemos em "*tobacco harvest season first quarter moon, day 1*[411]" (Danticat, 2015, p. 5). Seu foco narrativo é centralizado na personagem Anacaona, que narra os acontecimentos a partir de uma voz autodiegética, em nível intradiegético, o que possibilita, de maneira ficcional, oferecer um espaço a essa figura histórica feminina e a seu povo taíno, figuras marginalizadas, menosprezadas pelas vertentes do poder (consoante a Sharpe, 1992) que foram dizimadas pelos colonizadores espanhóis em 1503, no massacre de Xaraguá.

A narrativa apresenta, como é inerente à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017), uma linguagem amena, fluida e coloquial, que se aproxima do leitor, conforme verificamos em comentários da voz narrativa, como o seguinte: "*What difficult work it is to be a healer! I am glad I was born in my family and not Bayaci's, but I don't know what we would ever do without him. How would a family of rulers survive without a family of healers?*[412]" (Danticat, 2015, p. 11).

---

[410] Nossa tradução: O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (isto é, da matriz colonial do poder) (Mignolo, 2007b, p. 30).

[411] Nossa tradução: Temporada de colheita do tabaco, primeiro quarto minguante, dia 1 (Danticat, 2015, p. 5).

[412] Nossa tradução: Que trabalho difícil é ser um curador! Estou feliz por ter nascido na minha família e não na de Bayaci, mas não sei o que faríamos sem ele. Como uma família de governantes sobreviveria sem uma família de curandeiros? (Danticat, 2015, p. 11).

Vemos que a personagem Anacaona expressa seus questionamentos de maneira direta e enfática, utilizando pontos de exclamação e, inclusive, de interrogação, direcionando-se, diretamente, ao narratário. O mesmo acontece no seguinte trecho: "*A flock of Caonabó's beautiful birds were also released. But fear not, they have been trained to return*[413]" (Danticat, 2015, p. 96). A voz narrativa dialoga com seu narratário quando lhe pede que "não tema".

Verificamos, ainda, o emprego de estratégias escriturais bakhtinianas, como a heteroglossia, que aparece, frequentemente, no decorrer da diegese por meio de palavras de origem taína, como "[...] *tuob, the Marién word for gold*[414]" (Danticat, 2015, p. 145). Outra estratégia escritural utilizada é a dialogia, que está presente quando a voz narrativa constrói enfrentamentos ideológicos, como os diferentes papeis da mulher na sociedade taína. Temos, por um lado, Anacaona, uma mulher, líder, que detém o poder herdado de sua família e expressa sua liberdade de escolha e sua igualdade perante as personagens masculinas.

Em paralelo, temos uma construção social na qual os homens têm mais de uma esposa e podem ordená-las a fazer certos serviços, enquanto o contrário (uma mulher com mais de um esposo, que a servem) não acontece. Podemos ver um exemplo dessas visões discursivas antagônicas na descrição da cerimônia em que Anacaona se tornaria mulher diante de um ritual no qual seu cabelo é cortado pela segunda vez em sua vida:

> *I have grown taller in the last period. I am even taller now than Behechio. So with the first sighting of the next full moon, I will have my haircutting celebration. This is the second time my hair will be cut since I was born. The first time was when I had just begun walking and I can't even remember it now. This time when my uncle uses his ceremonial ax to cut my hair from waist length to my shoulders, I will become a woman.* […] *I will also be expected to perform my first dance as a woman. Matunherí has put some of his wives at my disposal, the ones most skillful at dancing*[415] (Danticat, 2015, p. 20).

[413] Nossa tradução: Um bando de belos pássaros de Caonabó também foi solto. Mas não tema, eles foram treinados para retornar (Danticat, 2015, p. 96).

[414] Nossa tradução: [...] tuob, a palavra Marién para ouro (Danticat, 2015, p. 145).

[415] Nossa tradução: Eu fiquei mais alta nos últimos tempos. Estou até mais alta que Behechio. Assim, com a primeira aparição da próxima lua cheia, terei minha celebração de corte de cabelo. Esta é a segunda vez que meu cabelo será cortado desde que nasci. A primeira vez foi quando eu estava começando a andar e nem consigo mais me lembrar. Desta vez, quando meu tio usar seu machado cerimonial para cortar meu cabelo da cintura até os ombros, eu me tornarei uma mulher. […] Também

Chama-nos a atenção o fato de que, ainda que a voz narrativa enfatize o empoderamento de Anacaona ao longo da diegese e a coloque sempre em igualdade com as personagens masculinas, outras mulheres taínas são “colocadas à sua disposição”, por ordem do marido. Além disso, o próprio ritual ao qual Anacaona precisa sujeitar-se é, também, uma representação da repressão masculina e social perante as mulheres, pois ficcionaliza cerimônias semelhantes que, de fato, existem nas mais variadas culturas, como as “*quinceañeras*”, eventos sociais comuns em países latino-americanos, nos quais as jovens que atingem 15 anos são, tradicionalmente, apresentadas à sociedade como mulheres.

A origem de rituais como esses tinha como intenção apresentar a entrada da jovem à puberdade e prepará-la para o matrimônio. A ficcionalização de um ritual semelhante, por meio do qual Anacaona se tornaria, de fato, uma mulher, pela ação de um homem, que performaria a celebração, é contradizente com a intenção de empoderamento feminino presente na fala e nas ações dessa mesma personagem na diegese de Danticat (2015), mas, por outro lado, evidencia ao leitor hodierno os ritos sociais que demonstram a cultura do povo taíno.

Ressaltamos, aqui, a importância singular da obra de Danticat (2015) haver sido o único romance encontrado sobre a história de Anacaona e seu povo taíno que foi escrito em língua inglesa. As outras obras analisadas em nossa tese são escritas em língua espanhola e não possuem tradução a outras línguas. Não há, ainda, uma obra da literatura adulta em língua portuguesa[416] sobre a trajetória dessa líder taína, ainda que ela tenha sido uma das únicas mulheres nativas líder na história da colonização do continente americano. A inexistência de obras ou traduções em língua portuguesa que evidenciem os feitos e, até mesmo, a existência dessa figura feminina de resiliência reflete a contínua necessidade de expansão dos estudos decoloniais sobre essa temática, em busca de uma maior compreensão sobre a história da

esperam que eu faça minha primeira dança como mulher. Matunherí colocou à minha disposição algumas de suas esposas, as mais habilidosas na dança (Danticat, 2015, p. 20).

[416] A única obra encontrada em língua portuguesa que protagoniza a figura de Anacaona é intitulada *1492, Anacaona: A Insurgente do Caribe*, de Paula Anacaona, publicada em julho de 2024. Essa obra, porém, é voltada a um público mais jovem, e não pertence à literatura reconhecida como adulta, à qual nos voltamos nesta pesquisa.

América e, em especial, para evidenciar personagens participantes dessa história, mas que tiveram suas memórias e culturas majoritariamente silenciadas.

A reflexão sobre o acesso a romances históricos que protagonizam figuras como Anacaona, subjugadas pela historiografia hegemônica europeia, condiz com o que Fleck (2023) afirma sobre a necessidade de traduções decoloniais. Segundo o autor, a tradução decolonial tem como objetivo possibilitar o acesso de diferentes pessoas a obras nas quais os processos de desterritorialização e reterritorialização sejam visíveis. Nas palavras de Fleck (2023, p. 256), “sempre que uma obra de teor decolonial é alvo de uma prática tradutória, podemos dizer que estamos diante de um momento de descolonização, cujo resultado vai depender, em boa parte, da ação e das possibilidades dadas ao tradutor na efetivação de seu ofício”. Ressaltamos, portanto, a necessidade, ainda existente, de práticas tradutórias decoloniais, que possibilitariam maior acesso a narrativas híbridas como as que ficcionalizam a cacica Anacaona, escritas, até então, exclusivamente, em língua espanhola e inglesa.

Apresentamos, na sequência deste nosso texto, a próxima análise de uma obra em língua espanhola, que também protagoniza a figura de Anacaona em sua diegese.

3.1.4 *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas: uma trajetória da princesa guerreira

Passamos, nesta subdivisão da tese, para a análise da obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. O autor nasceu em Terrassa, na Catalunha, e se apaixonou pela América Latina desde que passou a residir na República Dominicana. Rojas escreve sobre os subúrbios e prostíbulos caribenhos, para que seu leitor conheça um mundo oculto aos olhos do turismo. Seu primeiro romance, *La virgen del sol* (2007), cativou milhões de leitores na Europa e na América. Sua segunda obra, *El péndulo de Dios* (2012), figura entre os romances em língua espanhola mais vendidos em plataformas digitais ao redor do mundo.

A obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017) é resultado de um trabalho de 5 anos do autor, durante os quais ele viajou e documentou os locais onde os acontecimentos ficcionalizados ocorreram, durante a colonização da América, nos anos que precederam e seguiram a chegada de Cristóvão Colombo na ilha de

Guanahaní, em 1492. Nesse relato híbrido que amalgama personagens e acontecimentos históricos e fictícios, Rojas ficcionaliza as vivências da autóctone Anacaona, figurando-a como uma grande líder taína, que assumiu o comando de seu povo e resistiu aos feitos coloniais, até ser estuprada e morta pelos colonizadores. A personagem Anacaona é exaltada, ao longo da diegese, por sua beleza, inteligência e atitude de liderança. Apesar dos intentos dessa cacica para manter uma relação amigável com os espanhóis, o discurso romanesco evidencia que a ambição desses homens para dominar não apenas territórios, mas, também, outros povos – e outros corpos, como o de Anacaona – resultou na destruição e no massacre que se instauraram nas relações entre nativos e exploradores.

A obra de Rojas é composta por 47 capítulos, entre os quais a voz enunciadora do discurso se alterna. A narrativa se inicia pelo relato do regresso da personagem Frei Ramón Paner – de extração histórica – à Espanha. Esse foi um frade catalão, da Ordem de São Jerônimo, que acompanhou Cristóvão Colombo em sua segunda viagem à ilha de Guanahaní/"*La Española"*, em 1494, com a tarefa de compilar as crenças e os costumes dos povos indígenas do lugar. Esse fato, registrado nas poucas reminiscências documentais da época, é lido por Dussel (1994), que se refere à dominação pela religião – dada pela imposição do cristianismo aos nativos americanos e da qual os frades, como o Frei Ramón Paner, eram encarregados pela monarquia – como uma "conquista espiritual", por meio da qual os europeus exerciam domínio sobre o imaginário dos nativos, anteriormente conquistados pela violência das armas dos colonizadores. Para Dussel (1994), esse é um processo extremamente contraditório, uma vez que se pregava o amor de uma religião no contexto de uma conquista violenta e irracional. No discurso de Dussel (1994, p. 56), expõe-se que,

> […] *los indios ven negados sus propios derechos, su propia civilización, su cultura, su mundo... sus dioses en nombre de un "dios extranjero" y de una razón moderna que ha dado a los conquistadores la legitimidad para conquistar. Es un proceso de racionalización propio de la Modernidad: elabora un mito de su bondad ("mito civilizador") con el que justifica la violencia y se declara inocente del asesinato del Otro*[417].

[417] Nossa tradução: Aos índios são negados seus próprios direitos, sua própria civilização, sua cultura, seu mundo... seus deuses em nome de um "deus estrangeiro" e de uma razão moderna que deu aos conquistadores a legitimidade para conquistar. É um processo de racionalização típico da Modernidade: elabora um mito de sua bondade ("mito civilizador") com o qual justifica a violência e se declara inocente do assassinato do Outro (Dussel, 1994, p. 56).

Nesse caso, o “Outro” ao qual Dussel (1994) se refere são os povos originários da América, em contraposição ao colonizador, assim descrito pela narrativa desse último, por se considerar superior àquilo que era diferente. O nativo, o outro, diferente, inferiorizado, subjugado, teve sua cultura, religião, língua e nação dominados pelo colonizador europeu. Conforme aponta Silviano Santiago (2000, p. 14), na colonização da América Latina

> [...] a doutrina religiosa e a língua européia contaminam o pensamento selvagem [...] na terra descoberta, o código linguístico e o código religioso se encontram intimamente ligados, graças à intransigência, à astúcia e à força dos brancos. Pela mesma moeda, os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu. Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso, significa também impor o poder colonialista.

Nesse sentido, defendemos, coletivamente, como Grupo de Pesquisa, a necessária descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano que, da mesma forma violenta e sem escrúpulos, apossou-se dos valores, das crenças, dos signos do sagrado, da própria consciência de ser e, gradativa, mas violentamente, manipulou o modo de pensar e conceber o mundo daqueles que, antes já pelas armas e ações desumanas, haviam sido, corporalmente, subjugados. Fazemos isso, entre outros modos, por meio da expansão, promoção e desenvolvimento de sujeitos leitores decoloniais nesse espaço antes colonizado, usando, como via privilegiada para isso, as narrativas críticas híbridas de história e ficção, seja no âmbito da leitura, da escrita, da tradução ou da análise literária e produção teórico-crítica a respeito dessas manifestações, que, desde nosso ponto de vista, são consideradas como projetos estéticos decoloniais.

Os dois primeiros capítulos marcam o tempo presente ou primeiro da enunciação, quando, no relato ficcional, a personagem frei Ramón Paner regressa ao Monastério de San Jerónimo de la Murtra, na Espanha, em 1519. Nessa ambientação é onde ele confessa seus pecados, deixa os seus escritos e morre. Esse tempo primeiro da enunciação é narrado no nível extradiegético, por uma voz heterodiegética, ou seja, uma voz narrativa que não participa da história contada como uma personagem e narra as ações que compõem a diegese, portanto, em terceira pessoa, como podemos observar no excerto destacado abaixo:

> *Barcelona, año del Señor de 1519. El olor del puerto de la ciudad más importante del Mediterráneo lo devolvió a casa.* […] *Ya había desembarcado todo el pasaje* […]. *Con ellos habían bajado a tierra algunos 'indios', como todavía los llamaban, atados por los tobillos a una cadena de grilletes y lacerados por los latigazos regalados durante la travesía. Solo ocho habían resistido la navegación de los más de cincuenta que capturaron en las playas de La Hispaniola, y por Dios que para los supervivientes hubiese sido mejor perecer en el mar*[418] (Rojas, 2017, p. 7).

Esse eixo narrativo apresenta focalização zero, a partir da qual a voz narrativa compartilha os sentimentos e pensamentos das personagens sobre as quais narra, de acordo com os preceitos de Genette (2007). A focalização zero desse eixo narrativo faz-se visível no seguinte fragmento: "*Levantó con esfuerzo su cabeza pegada a los hombros, encorvada por la joroba que había brotado grotesta de la parte superior de su espalda fruto de su vergüenza, y lo vio, el Monasterio de San Jerónimo de la Murtra*[419]" (Rojas, 2017, p. 9). Desse modo, constatamos que, em um primeiro momento, a diegese é apresentada ao leitor por meio dessa perspectiva em nível extradiegético e em uma voz heterodiegética, não integrante de qualquer ação relatada no entrecho. A opção por esses recursos narrativos associa-se à gênese do romance histórico que, na modalidade clássica – a qual buscava aproximar-se, ao máximo, da escrita historiográfica – celebrava esse nível e essa voz em todas as suas produções.

O excerto também elucida a precisão temporal do relato, ou seja: o presente da enunciação – o tempo primeiro –, sobre o qual outros tempos pretéritos irão, gradativamente, incidir: "ano do senhor de 1519". Esse foi um ano marcante na história da "conquista" da América, pois, além dos acontecimentos recuperados na diegese de Rojas, sabemos que, nele, o soldado Hernán Cortés, liderando uma tropa de outros soldados ibéricos a eles subordinados, chegou às terras do império asteca e começou

---

[418] Nossa tradução: Barcelona, ano do Senhor, 1519. O cheiro do porto da cidade mais importante do Mediterrâneo trouxe-o para casa. […] Todos os passageiros já haviam desembarcado […]. Haviam desembarcado com eles alguns "índios", como ainda eram chamados, amarrados pelos tornozelos a uma corrente de algemas e dilacerados pelas chicotadas dadas durante a travessia. Apenas oito haviam resistido à navegação dos mais de cinquenta que capturaram nas praias de Hispaniola, e, por Deus, teria sido melhor que os sobreviventes houvessem perecido no mar (Rojas, 2017, p. 7).

[419] Nossa tradução: Com esforço, levantou sua cabeça colada aos ombros, curvada pela grotesca corcova que lhe brotava da parte superior das costas, fruto de sua vergonha, e viu o Mosteiro de San Jerónimo de la Murtra (Rojas, 2017, p. 9).

suas artimanhas e embustes para chegar ao domínio dessa grande e rica nação de habitantes originários de nosso continente. O leitor, conhecedor dos fatos históricos, já sabe que, nesse ano, a cacica Anacaona, assim como a quase totalidade de sua comunidade, já havia sido exterminada pelos invasores espanhóis. Desse modo, a expectativa – gerada pelo título do romance – pelas prováveis anacronias já se instaura na mente do leitor e não produz grandes estranhamentos.

Assim, o momento da volta do frei à Espanha representa, na temporalidade da obra, o tempo presente ou o tempo primeiro da enunciação, e os relatos anteriores a esse ponto fixado no universo diegético e que conduzem à sua morte são narrados a partir de um tempo ulterior, ou seja, um passado em relação a essa marca temporal inicial. Nesse jogo temporal, relatam-se acontecimentos sobre o passado que antecedeu o retorno e a morte do frei Ramón Paner, por meio de uma analepse. Após essa enunciação, que marca o tempo primeiro do amálgama de ações do passado que serão revisitadas pela ficção, a diegese passa a ser narrada em um relato linear. Esse segue a ordem cronológica estabelecida desde o ponto de referência do regresso do frei e de sua morte, ocasião na qual deixa seus registros escritos – ponto inicial desse relato linear que deflagra a enunciação dos acontecimentos experenciados pelo frei no continente americano.

Essa linearidade do romance contempla uma das características estabelecidas por Fleck (2017) para a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, no qual o evento histórico, ficcionalmente recriado, segue a linearidade cronológica dos eventos. Contudo, segundo Fleck (2017), essa modalidade romanesca também faz manipulações temporais na narrativa, por meio de analepses e prolepses, ainda que estas não sejam anacronias exageradas ou sobreposições de diferentes tempos históricos, recurso escritural utilizado nas modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, por exemplo.

O dispositivo inicial para a retrospectiva que elucida os eventos do passado aos olhos do leitor ocorre em um diálogo entre as personagens frei Ramón Paner e o prior do Monastério de *San Jerónimo de la Murtra*, frei Pene Benejam – de extração histórica –, antigo conhecido da personagem que acabara de regressar do “Novo Mundo”. Vejamos, no fragmento destacado abaixo, como o narrador possibilita, no universo ficcional, essa volta ao passado:

> *– ¿Tenéis mi estuche? – el prior asintió –. Bien, encontraréis lo que debéis saber. Actuad como Dios os dicte.*
> *Así lo haré – le respondió el prior también en idioma catalán –. empezad, hermano.*
> *Padre, he pecado, soy un asesino – el prior fray Pene Benejam lo miró con más curiosidad que reproche.*
> *¿Cómo podéis decir eso, hermano Ramón?*
> *Padre, soy culpable de haber destruido la obra de Dios, de haber profanado su gran creación, de haber derramado la sangre de sus hijos en el Edén de nuestros ancestros – y fray Ramón Paner comenzó la confesión por la que había cruzado medio mundo*[420] (Rojas, 2017, p. 13).

O teor da confissão e os escritos do frei Ramón Paner são, dessa maneira, "assegurados" pela voz da igreja no rito da confissão, na intenção de os reproduzir como uma "verdade", registrada nessa esfera de poder que a igreja católica representava. Para tanto, a personagem frei Ramón Paner é caracterizada como "[…] *el gran intérprete del Almirante, el primer conocedor de la lengua taína, el primer sacerdote en bautizar a un indio del Nuevo Mundo*[421]" (Rojas, 2017, p. 15). Ou seja, os escritos do frei são marcados como um relato de quem vivenciou os acontecimentos que se deram nos primeiros contatos entre o povo taíno e o "almirante", Cristóvão Colombo, navegante que trouxe as primeiras comitivas de exploradores espanhóis à América, em 1492 e 1493.

Na sequência do relato, após deixar seus escritos ao frei Pene Benejam, Ramón Paner morre no monastério. No discurso do romance, a trajetória do frei é exposta, em parte, pela personagem frei Pene Benejam na celebração da manhã após a morte do amigo, como podemos observar no trecho a seguir exposto:

> *En la misa de la mañana, el prior destacó la vida del hermano Ramón, un hombre que había llevado la Palabra más lejos que cualquier otro ser humano conocido, que había convertido a la fe a los primeros*

---

[420] Nossa tradução: – Tens a minha mala? – o prior assentiu. – Bem, encontrarás o que precisa saber. Age como Deus lhe disser.
– Assim o farei – respondeu o prior também em catalão –. Comece, irmão.
– Padre, eu pequei, sou um assassino – o prior frei Pene Benejam olhou para ele com mais curiosidade do que reprovação.
– Como você pode dizer isso, irmão Ramón?
– Padre, sou culpado de ter destruído a obra de Deus, de ter profanado sua grande criação, de ter derramado o sangue de seus filhos no Éden de nossos ancestrais – e Frei Ramón Paner começou a confissão pela qual havia atravessado meio mundo (Rojas, 2017, p. 13).

[421] Nossa tradução: [...] o grande intérprete do Almirante, o primeiro conhecedor da língua taína, o primeiro padre a batizar um índio do Novo Mundo (Rojas, 2017, p. 15).

> *hombres del Nuevo Mundo y que en tamaña labor encomendada por el Padre había entregado su propia vida*[422] (Rojas, 2017, p. 16).

Exalta-se, em diversos momentos da diegese, o papel que o frei Ramón Paner teve na história da conquista: além de ter vivenciado os feitos exploratórios promovidos pela coroa espanhola na América, Ramón Paner foi o primeiro sacerdote a atuar em nome do império espanhol e da igreja católica nos intentos de dominação cultural e linguística das populações indígenas com as quais haviam se deparado no "Novo Mundo". Dussel (1994) reitera, sobre esse processo de dominação cultural, a manipulação dos colonizadores para propagar o relato de que os deuses dos nativos também haviam sido derrotados – como fez Hernán Cortés na ilha de Cozumel[423] ao derrubar os monumentos autóctones e os suplantar pelo símbolo cristão da cruz –, assim como foram vencidos, na terra, os seus exércitos, com a intenção de fazer esses autóctones aceitarem os deuses "vencedores". Conforme afirma Dussel (1994, p. 57),

> […] *todo el "mundo" imaginario del indígena era "demoníaco" y como tal debía ser destruido. Ese mundo del Otro era interpretado como lo negativo, pagano, satánico e intrínsecamente perverso. El método de la tabula rasa era el resultado coherente, la conclusión de un argumento: como la religión indígena es demoniaca y la europea divina, debe negarse totalmente la primera, y, simplemente, comenzarse de nuevo y radicalmente desde la segunda enseñanza religiosa*[424].

Esse encargo atribuído aos eclesiásticos – de converter os nativos à sua religião, por meio da demonização e diminuição das crenças desses autóctones – reflete o papel que a igreja teve nas empreitadas colonizadoras da época: enquanto

---

[422] Nossa tradução: Na missa da manhã, o prior destacou a vida do irmão Ramón, um homem que levou a Palavra mais longe do que qualquer outro ser humano conhecido, que converteu os primeiros homens do Novo Mundo à fé e que, a esse trabalho, confiado a ele pelo Pai, havia dado sua própria vida (Rojas, 2017, p. 16).

[423] Algumas informações relevantes sobre essa ilha podem ser acessadas em: https://web.archive.org/web/20080414174715 e /http://www.islacozumel.com.mx/esp/dest-history.asp. Acesso em: 26 ago. 2024. Hernán Cortés, ao chegar nessa ilha, em 1519, derrubou os monumentos religiosos ali existentes e sobre eles plantou a cruz cristã.

[424] Nossa tradução: [...] todo o "mundo" imaginário dos indígenas era "demoníaco" e, como tal, tinha que ser destruído. Esse mundo do Outro foi interpretado como negativo, pagão, satânico e intrinsecamente perverso. O método da tabula rasa foi o resultado coerente, a conclusão de um argumento: como a religião indígena é demoníaca e a europeia, divina, a primeira deve ser totalmente negada, e simplesmente recomeçada radicalmente a partir do segundo ensinamento religioso (Dussel, 1994, p. 57).

os homens colonizadores possuíam o poder e a permissão de fundar fortes, matar indígenas, nomear territórios, tudo em nome da coroa à qual serviam, cabia aos religiosos o poder do conhecimento, do saber, por meio do qual justificavam a conquista espiritual dos nativos, peça fundamental para o domínio dos territórios que almejavam, habitados por esses indígenas, territorializando, assim, suas mentes, suas identidades e seus imaginários.

Segundo Mignolo (2007a), o conceito de colonialidade é operado pela dominação de quatro aspectos: 1) econômico, pelo controle de terras e da mão de obra; 2) político, pelo controle da autoridade; 3) social, pelo domínio do gênero e da sexualidade; 4) epistêmico e subjetivo/pessoal, que corresponde ao controle do conhecimento e da subjetividade. O papel dos religiosos no controle do "Novo Mundo" estava relacionado a esses quatro aspectos, pois, assim como outros exploradores, eles também recebiam parcelas de terras, escravos e poder político para auxiliar nas empreitadas colonialistas sob o comando da coroa espanhola. A dominação social, epistêmica e pessoal se dava pela manipulação do saber e a influência que exerceram sobre a subjetividade dos nativos que tentavam converter ao catolicismo.

Frente ao desafio de reterritorializar esse espaço do pensamento e do imaginário – que também foi, abruptamente, invadido e submetido a esses processos coloniais –, vemos na leitura, escrita e tradução de narrativas híbrida de história e ficção uma via a essa desejada descolonização na América Latina hodierna. Os romancistas latino-americanos, conscientes dessa necessária descolonização, fazem opções – como se pode verificar, claramente, no romance de Rojas (2017) – por projetos estéticos decoloniais, pois,

> [...] nesse sentido, não bastaria a utilização de recursos escriturais desconstrucionistas – como a paródia ou a metaficção – ou o emprego de estratégias narrativas próprias das fases críticas do gênero – como o jogo de focalização ou o pluriperspectivismo – para a constituição de um romance histórico que busque a descolonização epistemológica da história e da literatura. Esses recursos e essas estratégias só poderão compor um projeto estético decolonial quando a ideologia que perpassa a escrita do romance histórico se articula no paradigma do giro decolonial. Isso não indica que a criticidade dos projetos estéticos desconstrucionistas, paródicos ou mediadores seja em maior ou menor grau enfática, mas evidencia uma alteração nos paradigmas de pensamento que, articulados dentro da diegese ficcional, buscarão efetuar a descolonização intelectual. Nesse sentido, um novo romance histórico latino-americano, uma metaficção historiográfica ou um romance contemporâneo de mediação podem compor projetos

> estéticos decoloniais, articulando a práxis do pensamento fronteiriço a suas funções desconstrucionistas, metaficcionais e/ou mediadoras (Dorado Mendez; Fleck, 2022, p. 133).

Esse projeto estético decolonial de Rojas (2017) fica visível, também, no mecanismo da enunciação do romance que é, então, estabelecido pela entrega e leitura dos relatos deixados pelo frei Ramón Paner ao frei Pere Benejam. Essa já antiga metáfora do manuscrito (o passado) que deve vir à luz (no presente) ganha, desse modo, na proposta estética de Rojas (2017), todo o sentido descolonizador – na proposta decolonial deflagrada pela escritura –, na sua leitura. A personagem – como se espera, também, do leitor empírico –, assim que tem a primeira oportunidade, começa a ler os escritos após a morte de Paner. O relato evidencia a ansiedade da personagem por conhecer o conteúdo do legado deixado pelo colega falecido, como é notável no excerto abaixo exposto:

> *Después de la misa, el prior [Fray Pere Benejam] regresó a su celda.* [...] *Apartó con cuidado la manta de algodón que cubría su cama y recuperó los escritos del hermano Ramón, cuya sola presencia lo quemaba como el mayor de los pecados, sin conocer ni una sola letra de lo que en ellos había escrito el monje. Constaban de cuarenta y seis capítulos, numerados en la parte superior izquierda de la hoja solo los veintiséis primeros. Los que el propio fray Ramón Paner había reconocido en confesión haber entregado, según el mandato expreso del señor Cristóval Colón, a su hijo Hernando. Los otros veinte era un misterio que el fallecido monje no había querido desvelar*[425] (Rojas, 2017, p. 17).

A personagem Pere Benejam começa, então, a ler os vinte e seis capítulos deixados por Ramón Paner. Os trechos desses escritos são apresentados, nesse primeiro momento, em itálico, para demonstrar que se trata do início da leitura desses capítulos e, dessa maneira, alertar o leitor desse mecanismo, pelo qual se insere o passado no presente da enunciação. Esse procedimento paratextual desvincula a obra de Rojas (2017) daquelas altamente desconstrucionistas e experimentalistas da

[425] Nossa tradução: Depois da missa, o prior [Fray Pere Benejam] voltou à sua cela. [...] Tirou com cuidado o cobertor de algodão que cobria sua cama e recuperou os escritos do irmão Ramón, cuja mera presença o queimava como o maior dos pecados, sem saber uma única letra do que o irmão havia escrito neles. Consistiam em quarenta e seis capítulos, numerados no canto superior esquerdo da folha apenas os primeiros vinte e seis. Aqueles que o próprio Frei Ramón Paner reconheceu, em confissão, ter entregado, segundo o mandato expresso do senhor Cristóvão Colombo, a seu filho Fernando. Os outros vinte eram um mistério que o monge falecido não quis revelar (Rojas, 2017, p. 17).

segunda fase do gênero romance histórico, nas quais a sobreposição de tempos, espaços e discursos era enunciada sem qualquer sinalização ao leitor, contando com que este, de posse de uma formação leitora adequada, fosse capaz de estabelecer, por inferências e outras estratégias, as necessárias relações para que os significados fossem atribuídos ao conteúdo apresentado.

Conforme apresentado pelo narrador, os registros do frei falecido inserem-se na tessitura do romance da seguinte forma:

> *Yo, Fray Ramón, pobre Heremita del Orden de San Jerónimo, escribo lo que he podido entender y saber de la creencia e idolatría de los indios, y cómo observaban sus Dioses, de orden del ilustre señor el Almirante, virrey y gobernador de las islas, y tierra firme de las Indias, de lo cual trataré en la presente escritura*[426] (Rojas, 2017, p. 17).

Aqui, já temos uma voz testemunhal, expressa claramente em "Eu, frei Ramón", ou seja, uma perspectiva de quem acompanhou os acontecimentos e deles dá sua versão. Essa subjetivação do discurso, por meio de uma voz enunciadora em primeira pessoa, foi uma das transformações que levaram o modelo clássico scottiano a derivar para o tradicional, ainda no romantismo europeu. Tais mudanças operaram inovações "*formales y temáticas que las separan del modelo clásico y que se concretan en la subjetivación de la historia y en la disolución de las fronteras temporales entre el pasado de la historia y el presente de la enunciación*[427]" (Fernández Prieto, 2003, p. 154). Constroem-se, assim, no romance de Rojas (2017), as estratégias de mediação escriturais e discursivas que levaram os romances históricos, após a década de 1980, a se desvincular dos experimentalismos expressivos do período do *boom* e dar passo à mediação inerente à terceira fase do gênero romance histórico, adotando, em sua tessitura, algumas das premissas das modalidades clássica e tradicional.

A partir do capítulo seguinte à enunciação da personagem Frei Ramón, que demarca um tempo ulterior, enunciado a partir da leitura dos escritos que ele deixou aos cuidados de seu colega, os eixos narrativos passam a se alternar entre duas

---

[426] Nossa tradução: Eu, Frei Ramón, pobre eremita da Ordem de San Jerónimo, escrevo o que pude compreender e saber sobre a crença e idolatria dos índios, e como observavam seus deuses, por ordem do ilustre Senhor Almirante, vice-rei e governador das ilhas e do continente das Índias, de que tratarei neste escrito (Rojas, 2017, p. 17).

[427] Nossa tradução livre: [...] formais e temáticas que as separam do modelo clássico e que se concretizam na subjetivação da história e na dissolução das fronteiras temporais entre o passado da história e o presente da enunciação (Fernández Prieto, 2003, p. 154).

vozes narrativas: um desses eixos é narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético – segundo as definições de Genette (2007) –, ou seja, uma voz narrativa que não participa da história contada como uma personagem e que narra as ações do relato, portanto, em terceira pessoa –, e o outro eixo concentra-se na voz de enunciação do frei Paner.

O eixo narrativo extradiegético é demarcado, ao início de cada capítulo, pela contextualização do lugar e da data em que os acontecimentos narrados ocorrem. Isso acontece, na tessitura romanesca, da seguinte maneira: "*Capítulo III – Isla de Ahíti, Yaguana, capital del reino de Xaragua, quince años antes del reino del mal*[428]" (Rojas, 2017, p. 24). O número de "anos antes do reino do mal" muda a cada capítulo e, a partir do capítulo IX, passa a ser: "*primer año del reino del mal*[429]*"* (Rojas, 2017, p. 76), demarcando o encontro entre os nativos e os navegantes espanhóis que chegam à ilha do Haiti (Guanahaní/"*La Española*"), na embarcação de Cristóvão Colombo.

Essa demarcação temporal outra é um indício claro de criticidade e da ideologia que habita e perpassa a ressignificação literária desse passado – o projeto estético decolonial –, como um enfrentamento, no universo ficcional, aos apagamentos de mulheres, homens, crianças, cativas e cativos que, na verdade, participaram dessa história narrada univocamente pela historiografia europeia sobre o "descobrimento". Sob essa narrativa, segundo Mignolo (2007b), estão enterradas essas vivências, relatos e imagens das figuras, que foram silenciados por terem sido categorizados, pela narrativa hegemônica europeia, como não-humanos e, portanto, não pertencentes a essa história unívoca.

O outro eixo narrativo, como já enunciamos, é aquele que contempla a expressão da voz autodiegética do frei Ramón Paner. Esse eixo narrativo dá conta de informar ao leitor sobre as vivências pessoais da personagem que assume a função de narrador de uma parte da diegese e apresenta, portanto, uma focalização interna. Isso, além de subjetivizar o material histórico e o próprio discurso, confere, também, ao relato a necessária verossimilhança para que se instaure o pacto de leitura da ficção com seu narrador. Nesse sentido, Fleck (2005, p. 162) aponta que "o romancista

[428] Nossa tradução: Capítulo III – Ilha do Haiti, Yaguana, capital do reino de Xaraguá, quinze anos antes do reino do mal (Rojas, 2017, p. 24).

[429] Nossa tradução: primeiro ano do reino do mal (Rojas, 2017, p. 76).

tem a liberdade de dar a voz a qualquer um de seus personagens, revelando sua subjetividade, aprofundando-se no seu caráter e explorando a sua intimidade, passando de dados históricos a um exercício de imaginação". Essa é uma das primeiras premissas que Fleck (2017) destaca como inerentes às escritas críticas/mediadoras, recuperada das primeiras modalidades do gênero.

No contexto da literatura híbrida de história e ficção, García Gual (2002, p. 30) comenta que "[...] *sólo el protagonista mismo puede aportar con su propia voz la confianza necesaria para lograr que el oyente se sienta implicado en la fantástica historia*[430]". Alcançar essa verossimilhança e estabelecer esse pacto de leitura, ou seja, guiar o leitor a cogitar a possibilidade de que aquela versão possa, de fato, haver acontecido, é uma das premissas do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017). Tal característica, que havia sido, em grande parte, abandonada pelas construções críticas/desconstrucionistas, é revalorizada nas produções críticas/mediadoras e estabelece a junção de algumas características das modalidades anteriores acríticas com as mais críticas/desconstrucionistas.

Na tessitura romanesca de Rojas, vemos que há a intencionalidade de imbricar ambos os níveis narrativos (extradigético e intradiegético), assim como a presença da enunciação bipartida, em uma voz heterodiegética (de fora do universo diegético) e outra autodiegética (inserida na diegese como personagem), estabelecendo, dessa maneira, o diálogo entre diferentes perspectivas. Essa opção materializa, no romance, a hibridez do universo da escrita da historiografia (cujo nível de enunciação é, via de regra, extradigético e em voz heterodiegética) com o da ficção (com possibilidades de enunciação em nível intradiegético e voz homo ou autodiegética, recuperando a oralidade). Isso dota a escrita do romance com a característica da dialogia, outra faceta do romance histórico contemporâneo de mediação.

Esses dois eixos narrativos – um em nível extradiegético e outro, intradiegético, que se materializam por suas diferentes vozes enunciativas (heterodiegética e autodiegética) – alternam-se em diferentes capítulos da obra, sempre sendo demarcados pela contextualização inicial dicotômica apresentada entre o "reino do mal" e o "ano do Senhor". O eixo extradiegético, narrado por uma voz heterodiegética, relata os acontecimentos a partir da perspectiva das vivências dos nativos da ilha. Isso

[430] Nossa tradução: [...] somente o próprio protagonista pode fornecer, com sua própria voz, a confiança necessária para fazer o ouvinte se sentir envolvido na fantástica história (García Gual, 2002, p. 30)

significa que, na obra de Rojas, a voz desses nativos não é reproduzida – não há um narrador nativo que se expressa em voz autodiegética ou homodiegética –, ou seja, sua história é contada a partir de uma outra voz.

Contudo, a voz enunciadora da ficção não age como aquela que se perpetuou na história tradicional, pois, na escrita dos documentos reconhecidos pela historiografia, a enunciação é, exclusivamente, europeia, sem inserções de discurso direto ou indireto livre que dariam espaço à manifestação da voz de outros que não fossem aqueles engajados aos trabalhos de escrita e transcrição que serviam aos interesses expansionistas das cortes europeias. Essa opção de relatar as vivências do povo taíno ágrafo por uma voz não demarcada pode representar, no projeto decolonial do romance, a necessidade de que nós, leitores, precisamos voltar a "contar" o passado, como faziam as antigas civilizações originárias da América, fora do espaço da escrita, no qual se manifesta a outra linha narrativa do romance, comandada pela voz espanhola assinalada de frei Ramón, metaforicamente simbolizando a "historiografia", afirmada na escrita. Assim, na contemporaneidade, a oralidade ancestral pode dividir o espaço expressivo com a escrita da "modernidade".

Tais estratégias escriturais são lícitas à ficção e são, como os fragmentos já expostos do romance revelam, amplamente empregados no relato. Todas esses são recursos narrativos e estratégias escriturais que se adequam às produções críticas/mediadoras do romance histórico contemporâneo de mediação.

Sobre o apagamento linguístico e cultural imposto pelos colonizadores aos nativos, Santiago (2000) aponta que os exploradores e os jesuítas que vieram ao "Novo Mundo" dedicaram-se a impor não apenas a representação religiosa, mas, também, a língua europeia. Segundo o ensaísta,

> [...] a doutrina religiosa e a língua europeia contaminam o pensamento selvagem [...] de agora em diante, na terra descoberta, o código linguístico e o código religioso se encontram intimamente ligados, graças à intransigência, à astúcia e à força dos brancos. [...] os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu. Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista (Santiago, 2000, p. 13-14).

Esse intento colonialista de imposição da sua cultura, que utilizou a religião e a língua como instrumentos de dominação – além de tecnologia bélica superior[431] –, reflete a imposição, também, de uma história, aquela que serviu como referência global sobre os acontecimentos que marcaram a época da colonização do continente americano. É nesse sentido que Fleck (2012) destaca, com relação à história da América e a formação da latino-americanidade, a dominância do olhar e da voz dos responsáveis pelo registro dessa narrativa histórica:

> *Durante muchos años la historia oficial cerró los ojos para la participación activa de los autóctonos y de los africanos traídos a nuestro continente en los hechos que constituyeron las naciones híbridas y mestizas que nos configuran hoy y el racismo consecuente postergaron que se tomase en cuenta la versión de los vencidos*[432] (Fleck 2012, p. 394-395).

Fleck (2012) ressalta, ainda, que, como herdeiros desse passado de submissão aos ditames europeus, a produção literária latino-americana possui, hoje, outros fundamentos, representa outra realidade e se configura a partir de elementos distintos àqueles do cânone ocidental, dominado pelo modelo europeu. Narrativas contemporâneas, como as obras analisadas nesta investigação, fazem parte do escopo da produção latino-americana que encontrou, no campo da literatura, um âmbito profícuo para ressignificar, por meio da ficção, os primeiros textos sobre a história do continente americano.

Segundo Coutinho (1995), contrariamente ao que antes ocorria, o texto segundo – representado pelas produções posteriores e externas a esse cânone ocidental – é, no processo da comparação, também responsável pela revitalização do texto primeiro – os escritos iniciais que compõem esse cânone produzido por europeus sobre os feitos da colonização –, e a relação entre ambos, antes

---

[431] Sobre o uso de tecnologia bélica superior, Vallejo (2015, p. 22) aponta o uso de armas, cavalos e cachorros pelos espanhóis durante a colonização: "*Aquí aparece ya la importancia de tres elementos de los cuales los españoles supieron aprovechar en la conquista: el uso de armas y armaduras de metal, el manejo de los caballos, y la provocación de perros*". – Nossa tradução: Aqui já aparece a importância de três elementos de que os espanhóis souberam aproveitar-se na conquista: o uso de armas e armaduras de metal, o manejo de cavalos e a provocação de cães (Vallejo, 2015, p. 22).

[432] Nossa tradução: Por muitos anos, a história oficial fechou os olhos para a participação ativa dos indígenas e dos africanos trazidos ao nosso continente nos acontecimentos que constituíram as nações híbridas e mestiças que hoje nos compõem e o consequente racismo que postergou a consideração da versão dos vencidos (Fleck, 2012, p. 394-395).

unidirecional, adquire um sentido de reciprocidade, de forma mais rica e dinâmica. Nas palavras do autor,

> [...] o que passa a prevalecer na leitura comparativista não é mais a relação de semelhança ou continuidade, sempre desvantajosa para o texto segundo, mas o elemento de diferenciação que este último introduz no diálogo intertextual que estabelece com o primeiro (Coutinho, 1995, p. 626).

O início da narrativa de Rojas (2017), que é construído no eixo extradiegético, no capítulo III – que narra a história dos nativos da ilha –, intitulado "*Isla de Ahíti, Yaguana, capital del reino de Xaragua, quince años antes del reino del mal*[433]" (Rojas, 2017, p. 24) – apresenta o nascimento de Anacaona: "*Era ya noche cerrada cuando el llanto de una niña rompió la espera. El segundo hijo de Hatuana y Totumao, una hermana para el primogénito príncipe Boechío*[434]" (Rojas, 2017, p. 25).

De acordo com o discurso do narrador – que segue de perto os registros historiográficos –, o reino de Xaraguá era o maior dentro dos cinco da ilha: "*El batey estaba a rebosar de participantes y animadores de cada uno de los veintiséis territorios que conformaban el reino de Xaragua, el mayor de los cinco de la isla*[435]" (Rojas, 2017, p. 27). A palavra "batey" significa "*plaza central del poblado, normalmente usada para juegos de pelota y cerimonias*[436]" (Rojas, 2017, p. 423) e é apresentada em um glossário no final da obra, no qual Rojas (2017) faz a escolha linguística de manter certos termos provenientes da língua taína – o que podemos considerar como outra recusa à invisibilidade imposta sobre esses povos. Se, por um lado, a língua nativa foi suprimida e replantada na época da colonização, aqui, nesta obra literária, ela é realçada e sua presença é marcada. Outras palavras que aparecem nesse glossário e que são bastante utilizadas ao longo da diegese são: "*Ahíti: nombre originário de la isla de La Hispaniola.* [...] *Bohíque: chamán, el líder espiritual, médico, conocedor de*

[433] Nossa tradução: Ilha do Haiti, Yaguana, capital do reino de Xaraguá, quinze anos antes do reino do mal (Rojas, 2017, p. 24).

[434] Nossa tradução: Já estava escuro quando o choro de uma menina interrompeu a espera. O segundo filho de Hatuana e Totumao, uma irmã do primogênito príncipe Boechío (Rojas, 2017, p. 25).

[435] Nossa tradução: O *batey* transbordava de participantes e animadores de cada um dos vinte e seis territórios que compunham o reino de Xaraguá, o maior dos cinco da ilha (Rojas, 2017, p. 27).

[436] Nossa tradução: [....] praça central da cidade, normalmente usada para jogos de bola e cerimônias (Rojas, 2017, p. 423).

las plantas y los espíritus. […] *Caney: casa grande, vivienda del jefe, anciano o rey*[437]**"** (Rojas, 2017, p. 423-424). O emprego de lexias específicas da língua taína assegura ao texto a sua heteroglossia, definida por Bakhtin (1981) como a interação de múltiplas vozes do indivíduo e da sociedade, o que nos mostra que não somos autores das palavras que proferimos.

De acordo com Klock (2021, p. 73), o emprego, pelo romancista, da estratégia da heteroglossia está vinculado à presença simultânea de "conjuntos múltiplos e heterogêneos de discursos e línguas ou no uso de diferentes tipos de discursos dentro de uma linguagem cujo efeito acaba por revelar a presença de distintas camadas ou níveis sociais e pontos de vista específicos sobre o mundo". Na obra de Rojas (2017), essa estratégia escritural materializa a presença de dois universos linguísticos e culturais distintos que se entrecruzam e causam os confrontos e os enfrentamentos sentidos pelos estranhamentos que isso gera no leitor. Essa constituição heteroglóssica é, segundo Bakhtin (1998, p. 74), inerente ao gênero romanesco, espaço artístico no qual convivem

> [...] uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, […], enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco.

Como já mencionamos, essa hibridação de linguagem no romance de Rojas (2017) vem acompanhada de um glossário no final da obra, facilitando, assim, a tarefa do leitor de compreender os significados expressos na linguagem literária, ato que interpretamos, também, como uma via de mediação entre esses mundos em confronto. Esse é um procedimento bastante comum nos romances históricos contemporâneo de mediação que, ao se valerem de um nível considerável de imbricações de diferentes línguas ou níveis de linguagem, empregam recursos paratextuais para assegurar ao leitor a compreensão.

---

[437] Nossa tradução: Ahíti: nome original da ilha de Hispaniola. [...] Bohíque: xamã, líder espiritual, médico, conhecedor de plantas e espíritos. […] Caney: casa grande, casa do chefe, ancião ou rei (Rojas, 2017, p. 423-424).

Isso é bastante distinto do que ocorre com o emprego do recurso da heteroglossia no período do *boom,* no qual a fase crítica/desconstrucionista do romance histórico alcançou seu apogeu. Nas obras dessa época – e ainda naqueles que, hodiernamente, seguem essa tendência experimentalista – ela ocorre sem qualquer auxílio ao leitor. Exemplo claro desse emprego está no romance paranaense *Mar Paraguaio* (1992), de Wilson Bueno, no qual o português, o espanhol, o guarani e o portunhol selvagem se harmonizam num relato plurilinguístico que combate a unidade e a pureza das línguas europeias transplantadas à América.

No relato de Rojas, segundo expressa o narrador, desde seu nascimento, algumas das qualidades ressaltadas na personagem da cacica são sua beleza e pureza: *"– Anacaona – repitió el rey, y sonrió –, la belleza de una flor y la pureza del oro*[438]" (Rojas, 2017, p. 26). A referência à Anacaona como "Flor de ouro", na literatura, faz transparecer, de maneira figurativa, a busca incessante dos colonizadores pelo ouro, o qual, naquela época, representava o poder. A ganância desses homens levou-os à perseguição não somente de bens materiais – como a posse de territórios ou do próprio ouro – mas, também, de outros seres humanos, como foi o caso de Anacaona, cuja vida foi tomada por esses exploradores.

É nesse sentido que Vallejo (2015) comenta sobre o nome "Flor de ouro", atribuído à Anacaona na literatura:

> *La traducción aceptada de su nombre lo señala como particularmente pertinente con respecto a la historia que sufrió: a los indígenas se les ha representado como viviendo un ambiente y una vida edénica en medio de una naturaleza abundante y florífera; el oro, aunque no abundante, sí se daba, pero sobre todo fue el motivo principal porqué los españoles quisieron apoderarse de esa tierra y esos habitantes. En su nombre, 'flor de oro' se integran, pues, los dos elementos que dominaban en las dos culturas diferentes y, casi de inmediato antagónicas participantes del "descubrimiento"*[439] (Vallejo, 2015, p. 19-20).

[438] Nossa tradução: '– Anacaona' – repetiu o rei e sorriu –, 'a beleza de uma flor e a pureza do ouro' (Rojas, 2017, p. 26).

[439] Nossa tradução: A tradução aceita de seu nome marca-o como particularmente pertinente à história que sofreu: os indígenas foram descritos como vivendo em um ambiente edênico e em uma vida em meio à natureza abundante e florescente; o ouro, embora não abundante, sim, existia, mas foi, acima de tudo, a principal razão pela qual os espanhóis queriam se apoderar daquela terra e daqueles habitantes. Em seu nome, 'flor de ouro', estão integrados os dois elementos que dominaram as duas culturas diferentes e, quase imediatamente, participantes antagônicos do 'descobrimento' (Vallejo, 2015, p. 19-20).

Na sequência dos capítulos, ainda no eixo extradiegético, Caonabó é apresentado como um guerreiro forte e valente, rei de Maguana, reino vizinho de Yaguana. Caonabó é casado com Onaney, com quem teve um filho. O cacique é descrito como aquele cujos

> [...] *guerreros, escogidos tras duras pruebas de iniciación, eran los mejores, el último bastión al que todos acudían para protegerse de los ataques de los pueblos salvajes del sur. Eso lo convertía, sin gobernar sobre el mayor territorio ni ser el pueblo más habitado, en el reino con el que ningún otro deseaba enemistarse*[440] (Rojas, 2017, p. 37).

O rei de Xaraguá, Totumao, pai de Bohechio e de Anacaona, falece devido a uma enfermidade. Hativex era o bohíque desse reino, o único que realizava rituais como o que performaram com o corpo de Totumao, que envolve um canto ao deus dos mortos, Maquetauri Guayaba, e a decapitação do corpo falecido, realizada pelo seu próprio filho:

> *Boechío abrió los ojos y miró al sacerdote. Entonces, agarró el hacha afilada con conchas de lambí y golpeó con todas sus fuerzas sobre el cuello de su padre. Necesitó varios hachazos para cercenar su cabeza del fuerte cuerpo, que giró decapitado a los pies de su hijo mientras la cabeza rodaba hasta el bohíque como prueba de que el espíritu había sido liberado. Hativex la recogió y se encargó de enterrarla lejos del cuerpo del gran Totumao. Después, vendría el proceso de secar los huesos y cubrirlos con algodón de primera hilada para convertir al gran rey en un cemíe digno de recuerdo*[441] (Rojas, 2017, p. 48).

A diegese de Rojas (2017) estabelece, assim, um embate discursivo com relação às afirmações proferidas pelos registros oficializados, como o *Diário* de Cristóvão Colombo, no qual o navegante afirma, sobre a população taína que encontrou em Guanahaní/"*La Española*", que "*nos pareçió que ninguna secta*

---

[440] Nossa tradução: [...] guerreiros, escolhidos após duras provas de iniciação, eram os melhores, o último refúgio a que todos se dirigiam para se proteger dos ataques dos povos selvagens do sul. Isso tornou-o, sem dominar o maior território ou o povo mais habitado, o reino de quem ninguém queria ser inimigo (Rojas, 2017, p. 37).

[441] Nossa tradução: Bohechio abriu os olhos e olhou para o sacerdote. Então, ele pegou o machado afiado com conchas de lambí e golpeou com toda a força no pescoço de seu pai. Foram necessários vários golpes de machado para separar sua cabeça do corpo forte, que ficou sem cabeça aos pés de seu filho enquanto a cabeça rolou para o bohíque como prova de que o espírito havia sido liberado. Hativex pegou-a e encarregou-se de enterrá-la longe do corpo do grande Totumão. Mais tarde, viria o processo de secar os ossos e cobri-los com algodão de primeira linha para transformar o grande rei em um cemitério digno de memória (Rojas, 2017, p. 48).

tenían[442]" (Varela, 1997, p. 110-111). A exposição pormenorizada dos rituais religiosos da etnia taína vai de encontro à construção de um discurso da "dominação cultural" à qual Dussel (1994) se refere. Muito diferentemente da narrativa de Colombo, a diegese aqui apresentada constrói a imagem de Hativex, um sacerdote que performa rituais religiosos de acordo com as crenças de seu povo taíno. Essa é uma maneira de "des-cobrir" esse "Outro", os nativos americanos, anteriormente "en-cobertos" pela narrativa europeia tradicional (com base em Dussel, 1994), cujos registros chegaram a negar a existência de uma religião própria desses autóctones, como vemos na escrita de Colombo e, também, claramente, na de Pero Vaz de Caminha.

Nesse episódio, a atuação de Anacaona como pacificadora de conflitos começa a ser apresentada:

> *Fue una tarde triste, sin duda la más triste de su corta vida hasta entonces. Intentó mudar los pensamientos, olvidar el chasquido seco del filo del hacha contra el cuerpo de su padre, y se concentró en su hermana, que ya contaba con trece años. Su rostro le devolvió la paz necesaria para dejarse vencer por el sueño, y se durmió*[443] (Rojas, 2017, p. 48).

A construção da imagem de Anacaona – como apaziguadora de desavenças – é uma das construções ideológicas arquitetadas ao longo dos 500 anos de ideologização sobre sua figura, apontada por Vallejo (2015). Segundo a autora, Anacaona conseguiu estabelecer relações minimamente cordiais entre os colonizadores e sua comunidade taína, até ter seu povo dizimado por esses exploradores. Essa imagem é, também, como apontamos anteriormente, cultivada na obra de Francisco Orellana (1860), na qual a personagem Anacaona dirige-se aos colonizadores da seguinte maneira: *"– Español, amiga yo* [...] *– Yo amo á los blancos y no quiero su muerte: vengo á salvarte á tí y á los tuyos, porque soy agradecida*[444]*"* (Orellana, 1860, p. 13). O mesmo acontece na obra de Pinilla (1994), cuja voz narrativa relata que a cacica taína "*busca sellar la paz y recuperar la tranquilidad que*

[442] Nossa tradução: [...] pareceu-nos que não tinham seita alguma (Varela, 1997, p. 110-111).

[443] Nossa tradução: Foi uma tarde triste, sem dúvida a mais triste de sua curta vida até então. Ele tentou mudar seus pensamentos, esquecer o clique agudo da lâmina do machado contra o corpo de seu pai, e se concentrou em sua irmã, que já tinha treze anos. O seu rosto devolveu-lhe a paz de que necessitava para se deixar vencer pelo sono, e adormeceu (Rojas, 2017, p. 48).

[444] Nossa tradução: – Espanhol, amiga eu [...] – Amo os brancos e não quero a morte deles: venho salvar a você e aos seus, porque lhes sou grata (Orellana, 1860, p. 13).

desde la llegada de Cristóbal Colón, en diciembre de 1492, desea para su pueblo[445]" (Pinilla, 1994, p. 14). Tais construções ficcionais reforçam o que Vallejo (2015) aponta com relação às ideologizações construídas sobre Anacaona, cuja imagem foi reconfigurada a partir de discursos antagônicos, com propósitos específicos.

Outro momento da diegese em que as crenças taínas são representadas e ganham espaço no mundo literário é quando Hativex performa a cerimônia descrita como a "iniciação da jovem Anacaona à sua fase de mulher", que acontece logo após a morte de Totumao. Esse seria o último ritual que performaria, pois já sentia que sua vida estava chegando ao fim:

> *Ese día, sintió que debía mostrarlo, que debía presidir la ceremonia de iniciación de la joven Anacaona a su estado de mujer. Hativex sabía que esa semana acontecería la primera menstruación de la hermana del actual rey, hija del gran Totumao, y supo que sería su último regalo. La última aparición antes de reunirse con él en los dominios de Maquetauri Guayaba, en el Coiaibay donde descansaban todos sus antepasados*[446] (Rojas, 2017, p. 64).

Assim como em diversas sociedades, antigas e atuais, a fase fértil da mulher representa um ritual, um marco em sua vida, também celebrado na comunidade da protagonista. Federici (2017) reflete sobre como o fenômeno denominado "caça às bruxas" serviu de instrumento para a colonização de diferentes sociedades, e aponta o fator reprodutivo, restrito ao feminino, como uma das razões para levar os homens a querer exercer o controle sobre as mulheres. Assim, ela expressa que

> [...] as acadêmicas feministas desenvolveram um esquema que lança bastante luz sobre a questão. Existe um acordo generalizado sobre o fato de que a caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor (Federici, 2017, p. 31).

---

[445] Nossa tradução: Busca estabelecer a paz e recuperar a tranquilidade que, desde a chegada de Cristóvão Colombo, em dezembro de 1492, deseja para o seu povo (Pinilla, 1994, p. 14).

[446] Nossa tradução: Nesse dia, sentiu que tinha que mostrá-lo, que deveria presidir a cerimônia de iniciação da jovem Anacaona à sua fase de mulher. Hativex sabia que esta semana seria a primeira menstruação da irmã do atual rei, filha do grande Totumao, e sabia que este seria seu último presente. A última aparição antes de encontrá-lo nos domínios de Maquetauri Guayaba, em Coiaibay, onde todos os seus ancestrais descansavam (Rojas, 2017, p. 64).

Na obra de Rojas (2017), a personagem Anacaona é construída em torno de algumas características principais: sua atitude de liderança, sua serenidade e, principalmente, sua beleza, o que, por vezes, ao longo da diegese, representa uma objetificação de seu corpo perante personagens masculinas. Nessa diegese, ela acaba sendo, inclusive, sexualmente abusada por uma das personagens dos colonizadores, que cobiça seu corpo desde o primeiro momento em que a vê. Essa representação ficcional não difere das palavras de Federici (2017, p. 378) sobre os relatos do que aconteceu na colonização da América: "Na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar". A autora afirma, ainda, que "em certos momentos, eram os próprios homens 'índios' que entregavam suas parentes aos sacerdotes ou aos *encomenderos* em troca de alguma recompensa econômica ou de cargo público" (Federici, 2017, p. 378). As vozes femininas silenciadas ao longo da história, como a de Anacaona, representam a persistência dessa luta contra o controle exercido sobre os corpos das mulheres, que perpassa séculos, culturas distintas, gerações e perdura até os dias atuais.

Quando Caonabó vai até o reino de Xaraguá e conhece Anacaona, a beleza da cacica é, mais uma vez, exaltada, de maneira a encantar o cacique: "*Caonabó se reprochó de inmediato haber caído de esa forma ante los encantos de la princesa y trató, sin éxito, de contestar. Sus ojos no podían dejar de recorrer su cuerpo con mucho más interés del que intentaba demostrar*[447]" (Rojas, 2017, p. 74).

Na sequência do relato, Caonabó e seus guerreiros avistam a chegada da caravela espanhola à ilha: "*Una especie de gran canoa entraba por la boca de la bahía ayudada por la corriente.* [...] *Los veinte hombres se estremecian al ver aquella bestia gigantesca que violaba la bahía ante sus propios ojos*[448]" (Rojas, 2017, p. 80). Caonabó decide, então, atacar, com seu arco e flecha, um dos homens que desembarca daquela canoa. Os estrangeiros revidam e matam Mayobanex, um dos guerreiros que acompanhavam o cacique, com uma arma de fogo. Assustados com

[447] Nossa tradução: Caonabó, imediatamente, censurou-se por ter caído assim diante dos encantos da princesa e tentou, sem sucesso, responder. Seus olhos não podiam deixar de percorrer seu corpo com muito mais interesse do que tentava demonstrar (Rojas, 2017, p. 74).

[448] Nossa tradução: Uma espécie de grande canoa entrou na foz da baía, ajudada pela correnteza. [...] Os vinte homens estremeceram quando viram aquela besta gigantesca que cortava a bahía diante de seus próprios olhos (Rojas, 2017, p. 80).

aquela arma estranha, que descreveram como "*lanzas que guardan el maldito Juracán dentro*[449]" (Rojas, 2017, p. 83), o grupo de Caonabó retorna para contar ao seu povo o que haviam presenciado.

Os caciques dos diferentes reinos da ilha – Higuey, Maguana, Marién, Xaraguá e Maguá – reúnem-se, então, para ouvir de Caonabó sobre a chegada da grande canoa. As palavras do cacique, apresentadas no trecho a seguir, são narradas por meio de um discurso direto, que apresenta a fala das personagens deste eixo narrativo extradiegético: *"– Hace unos meses, cuando el gran Boechío celebró la ceremonia de la edad fértil de la hermosa Anacaona, el bohíque Hativex me advertió, antes de retirarse al mundo de los espíritus, que un mal peor que el de Juracán sobrevolaría nuestras vidas*[450]" (Rojas, 2017, p. 89). Nessa fala, Caonabó compara o reino do mal, que estava por começar, com a destruição que um furacão havia causado na ilha em que seu povo vivia, algum tempo antes da chegada dos espanhóis. Assim como o furacão, os desastres trazidos pelos colonizadores fugiriam do controle dos guerreiros taínos, que tentavam proteger seu lar e seu povo.

Guacanagarí, rei de Marién, torna-se aliado dos castelhanos e fica encarregado de os proteger durante o regresso de Colombo à Espanha. Guacanagarí explica aos outros reis da ilha: "*–¡Los hombres de la gran canoa se llaman 'castellanos' – dijo con dificultad –, su rey, 'almirante Colón', y nos entregarán todo el latón que queramos a cambio de guanín!*[451]" (Rojas, 2017, p. 92). O termo "guanín", da língua taína, refere-se a um tipo de ouro que era encontrado no território americano.

Enquanto Guacanagarí deseja ajudar os castelhanos, Caonabó não confia na índole desses estrangeiros. Em relação à sua desconfiança, Anacaona indaga-o sobre a possibilidade de ouvir o julgamento de Guacanagarí:

> *– Gran Caonabó, ¿no habéis pensado ni por un momento que quizá Guacanagarí tenga razón y que esos hombres no sean los enemigos que decís, sino un pueblo amigo con quien crecer de la mano? Vos*

[449] Nossa tradução: [...] lanças que guardam o maldito furacão dentro (Rojas, 2017, p. 83).

[450] Nossa tradução: Há alguns meses, quando o grande Boechío celebrou a cerimônia da idade fértil da bela Anacaona, o bohíque Hativex avisou-me, antes de se retirar para o mundo dos espíritos, que um mal pior que o do furacão sobreviria a nossas vidas (Rojas, 2017, p. 89).

[451] Nossa tradução: – Os homens da grande canoa chamam-se 'castelhanos' – disse com dificuldade –, seu rei, 'almirante Colombo', e eles nos darão todo o bronze que queremos em troca de guanín (Rojas, 2017, p. 92).

> *mismo afirmasteis que al verlos llegar os escondisteis y les atacasteis – se acercó Anacaona*[452] (Rojas, 2017, p. 94).

Aqui, mais uma vez, a personagem Anacaona é construída, discursivamente, com base em sua virtude de pacificadora. Atributos de prudência e cautela são, dessa maneira, integrados à figuração da nativa no romance. A tessitura romanesca não faz distinção entre a opinião masculina de dois líderes autóctones e a intervenção questionadora da personagem feminina, esposa de um deles, produzindo, no leitor, a ideia de valorização da opinião feminina nesse contexto sócio-histórico.

Quando Colombo regressa à Espanha e deixa seus homens na ilha, os conflitos entre nativos e exploradores têm início. Segundo expõe o narrador, "*todo había cambiado desque la nave del almirante Colón desapareciera tras el horizonte en su despedida; entonces, aquellos hombres amables y educados se transformaron en poco menos que animales*[453]" (Rojas, 2017, p. 100).

Os homens de Colombo haviam construído um forte com a madeira da nau *Santa María* que ali tinha naufragado e o nomearam *Fuerte Navidad*. Ainda que tivessem recebido comida e, inclusive, algumas mulheres dos reinos nativos, não pareciam se satisfazer. "*Asaltos a los bohíos*[454]*, destrozos, y abusos que parecían no tener fin*[455]" (Rojas, 2017, p. 101), em especial à noite, quando "*tomaban una bebida que los trastornaba*[456]" (Rojas, 2017, p. 100). De acordo com o relato romanesco, quando parte, o almirante Colombo designa três castelhanos com quem Guacanagarí poderia conversar: Diego de Arana, chefe do yucateque castelhano, e dois nitahínos[457] de sua confiança, Pedro Gutiérrez e Rodrigo de Escobedo.

---

[452] Nossa tradução: – Grande Caonabó, você não pensou por um momento que, talvez, Guacanagarí tenha razão e que esses homens não sejam os inimigos que você diz, mas um povo amigo com o qual crescer de mãos dadas? Você mesmo afirmou que quando os viu chegar escondeu-se e os atacou – Anacaona aproximou-se (Rojas, 2017, p. 94).

[453] Nossa tradução: Tudo havia mudado desde que o navio do almirante Colombo desaparecera no horizonte em sua despedida; então, esses homens bondosos e educados transformaram-se em pouco menos que animais (Rojas, 2017, p. 100).

[454] Bohío: *cabaña hecha de madera y ramas, cañas o pajas* (Rojas, 2017, p. 423) – Nossa tradução: "Bohío/Choupana: cabana feita de madeira e galhos, juncos ou palha" (Rojas, 2017, p. 423).

[455] Nossa tradução: Assaltos às choupanas, destruição e abusos que pareciam não ter fim (Rojas, 2017, p. 101).

[456] Nossa tradução: [...] tomavam uma bebida que os transtornava (Rojas, 2017, p. 100).

[457] Nitahíno: *en la composición jerárquica de los taínos, subjefe. Sería el equivalente a gobernadores o alcaldes* (Rojas, 2017, p. 427). – Nossa tradução: Nitahíno: na composição hierárquica dos Taínos, vice-chefe. Seria o equivalente a governadores ou prefeitos (Rojas, 2017, p. 427).

Conforme relata o narrador, em um desses ataques empreendidos pelos espanhóis aos yucateques[458] dos nativos, a esposa de Caonabó, Onaney, e seu filho, Tuobabó, são assassinados. Caonabó encontra seus corpos e, com isso, nutre seu remorso e desejo de vingança perante os invasores. O narrador é bastante detalhista na descrição dessa cena, como podemos observar no excerto abaixo destacado:

> *La tumbó y trajo a su hijo junto a ella, los unió en posición fetal y se acostó también. Los abrazó como si nada hubiera ocurrido, como si aquella maldita canoa no hubiera fondeado jamás en la bahía de las caobas, recorrió su cuerpo con las yemas de los dedos y sintió todas las cicatrices que aquellos hombres le habían infligido*[459] (Rojas, 2017, p. 109).

Após esse momento do relato, o narrador menciona que o cacique vai em busca dos espanhóis que haviam assassinado sua família e, quando os encontra, ataca o grupo um a um, até o último homem morrer, conforme a descrição destacada abaixo revela:

> *Caonabó retiró la lanza del cuerpo del castellano, y un chorro de sangre le salpicó la cara. Agarró la cabeza del hombre con una mano y la echó hacia atrás, después clavó su puño en la herida hasta que sus dedos sintieron las débiles palpitaciones de un músculo viscoso y atemorizado. Lo apretó con furia, y se bañó con los gritos de dolor y la sangre de su enemigo*[460] (Rojas, 2017, 117-118).

É nesse entrecho do romance que vemos como a ficção busca meios de preencher os vazios deixados pela história na falta de fontes que atestam uma versão materialmente comprovável. Não há nenhum registro, nenhuma fonte que possa comprovar o que aconteceu com os 39 espanhóis deixados na ilha por Colombo quando regressou à Espanha, após sua primeira travessia ao Atlântico.

---

[458] Yucateque: *pueblo* (Rojas, 2017, p. 428). – Nossa tradução: Yucateque: povo (Rojas, 2017, p. 428).

[459] Nossa tradução: Ele a deitou e trouxe seu filho para junto dela, juntou-se a eles em posição fetal e deitou-se também. Abraçou-os como se nada tivesse acontecido, como se aquela maldita canoa nunca tivesse ancorado na baía das caobas, passou as pontas dos dedos pelo seu corpo e sentiu todas as cicatrizes que aqueles homens lhe haviam infligido (Rojas, 2017, p. 109).

[460] Nossa tradução: Caonabó retirou a lança do corpo do castelhano e um jato de sangue respingou em seu rosto. Ele agarrou a cabeça do homem com uma mão e a puxou para trás, então enfiou o punho na ferida até que seus dedos sentiram as pulsações fracas do músculo viscoso e assustado. Agarrou-o furiosamente, banhando-se nos gritos de dor e no sangue de seu inimigo (Rojas, 2017, 117-118).

Ao retornar à Guanahaní, em sua segunda viagem, o marinheiro depara-se com o fato de que não havia nenhum sobrevivente espanhol que pudesse lhe relatar o ocorrido em sua ausência. Diante disso, temos as suposições que o marinheiro registrou em suas cartas para os reis sobre sua segunda viagem. Nelas, Colombo acusa Caonabó como responsável pela morte desses espanhóis que haviam ficado em Guanahaní/"*La Española*". Segundo expõe o marinheiro em sua missiva, "*allende lo que yo digo <que> en él consiste <todo> lo de la isla, mató a .20. christianos el primero viaje durmiendo seguros en sus propias casas por roballos* […][461]" (Varela, 1997, p. 316).

Varela (1997) reitera que as explicações de Colombo sobre a morte desses espanhóis, que haviam ficado na ilha durante seu regresso à Espanha, mudam de um relato ao outro, de acordo com suas intenções. Em um primeiro momento, afirma que a culpa havia sido dos próprios espanhóis. Depois, quando deseja capturar o cacique, responsabiliza-o pela morte de todos esses espanhóis.

Da mesma forma, a ficção lança suas suposições e preenche esse vazio de informações de modo plausível, verossímil. O romance de Rojas (2017), como vimos no excerto destacado anteriormente, recorre a uma explicação plausível, já outros romancistas espanhóis, como José Manuel Fajardo, no romance *Carta del fin del mundo* (1998), e Jose Luis Muñoz, na trilogia *La pérdida del paraíso* (2002) – (I-*Guanahaní*; II-El *Fuerte Navidad*; III-*Caribe*)[462], apostam em outras hipóteses.

Igual como ocorre nos romances de Fajardo (1998) e Muñoz (2002), no relato de Rojas (2017), tanto os ataques dos espanhóis quanto os dos nativos são, ao longo de toda a diegese, narrados de forma violenta, com minúcias sobre o sangue e a dor da cena. Na obra em estudo, nesses momentos do relato, enfatiza-se, ao mesmo tempo, as destrezas de batalha do líder Caonabó.

Do capítulo III até o capítulo XV, a voz que narra a história se mantém no nível extradiegético e relata os acontecimentos que se deram com os nativos antes da chegada dos espanhóis à ilha, o contato inicial que tiveram com os navegantes e as

[461] Nossa tradução: [...] além de eu ter afirmado <que> nele se concentra <todo> o poder da ilha, ele matou vinte cristãos da primeira viagem, que estavam dormindo, seguros, em suas próprias casas, para lhes roubar (Varela, 1997, p. 316).

[462] Os romances de Fajardo – *Carta del fin del mundo* (1998) – e de Muñoz (2002) – especificamente, o volume II, *Fuerte Navidad*, da trilogia – são o *corpus* estudado por Gasparotto, em sua dissertação, defendida em 2011 na Unioeste/Cascavel-PR; Reiteramos a recomendação da leitura dessa dissertação, disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501. Acesso em: 26 ago. 2024.

batalhas que travaram após a partida de Colombo em regresso à Espanha. No capítulo XVI, o eixo intradiegético é apresentado, pela primeira vez, por meio da voz autodiegética da personagem Ramón Paner, que narra, em primeira pessoa, sua viagem com Colombo ao "Novo Mundo".

Essa voz inicia o capítulo com a seguinte introdução: "*Indias, mes de noviembre del año del nascimento de Nuestro Salvador Jesucristo de mil cuatroçientos noventa e tres. Algunos dellos habían acompañado al Gran Almirante en su primer viaje* […] *y decíanse maravillas de la tierra que íbamos a encontrar*[463]" (Rojas, 2017, p. 125). A partir desse momento, os capítulos são alternados igualmente: a cada um deles, ocorre a mudança entre o eixo narrativo extradiegético – que narra os acontecimentos da perspectiva dos nativos, a partir de uma voz heterodiegética – e o eixo narrativo intradiegético – narrado pela voz autodiegética da personagem frei Ramón Paner.

Após o ataque de Caonabó aos espanhóis culpados pela morte da família do cacique, Colombo regressa da Espanha e questiona por que Guacanagarí não havia protegido seus homens: *"– ¿Quién mató a los castellanos, Guacanagarí? – gritó el Almirante, que comenzaba a perder la paciencia–, ¿por qué no los defendiesteis como os ordené?*[464]" (Rojas, 2017, p. 138).

A voz narrativa da personagem Ramón Paner especifica que Colombo havia deixado, na ilha, 39 espanhóis, quando partiu à Espanha, em 1492: "[…] *La Hispaniola, la isla en la que el Almirante había dejado a treinta e nueve de sus hombres al embarrancar la Santa María en la víspera de la Natividad de Nuestro Señor del año de mil cuatroçientos noventa e dos*[465]" (Rojas, 2017, p. 127). Quando Paner chega ao "Novo Mundo", junto a Colombo em seu regresso à ilha, o frei demonstra, desde seus primeiros contatos com os nativos, sua inclinação a se socializar de maneira humanizada com esses povos:

> *– Dejad que explique cómo fue herido – dije, y yo mismo aturdime al escuchar mi voz apostando por el indio que podía ser el asesino de los*

[463] Nossa tradução: Índias, mês de novembro do ano do nascimento de Nosso Salvador Jesus Cristo de mil quatrocentos e noventa e três. Alguns deles haviam acompanhado o Grande Almirante em sua primeira viagem […] e contavam maravilhas sobre a terra que iríamos encontrar (Rojas, 2017, p. 125).

[464] Nossa tradução: "– Quem matou os castelhanos, Guacanagarí? – gritou o Almirante, que começava a perder a paciência – por que não os defendeu como mandei? (Rojas, 2017, p. 138).

[465] Nossa tradução: […] *Hispaniola*, a ilha onde o Almirante havia deixado trinta e nove de seus homens quando a nau *Santa María* encalhou na véspera do Natal de Nosso Senhor no ano de mil quatrocentos e noventa e dois (Rojas, 2017, p. 127).

> *treinta e nueve castellanos*. *El indio comprendió, por mi tono de voz, que la mía era la única réplica a su favor que iba a escuchar aquella mañana, y comenzó a gritar y a escenificar una gran batalla* […][466] (Rojas, 2017, p. 138).

Verificamos, pelo tom das falas de Colombo ao questionar Guacanagarí sobre quem havia assassinado aqueles espanhóis, a impaciência do navegante para tentar comunicar-se com o nativo e ser por ele compreendido. Assim como na ficção de Rojas (2017), até esse momento histórico, não havia intérprete capaz de estabelecer uma comunicação entre eles. Esse será o papel de Ramón Paner na sequência dos fatos históricos. Ele aprendeu a língua taína e, muitas vezes, atuou como intérprete na interação entre nativos e estrangeiros.

Segundo Ángel Rodríguez, editor da obra *Mitología Taína o Eyeri Ramón Paner y la Relación sobre las antigüedades de los Indios: el primer tratado etnográfico hecho en América*[467] ([1494-1498] 2011), quando Paner chegou em Guanahaní/"*La Española*", ele residiu, primeiramente, no forte Magdalena e aprendeu a língua de Macorix. Porém, devido à limitação dessa língua, restrita àquele território e a poucos falantes, mudou-se, por ordem de Colombo, à região na qual vivia o cacique Guarionex, onde uma população maior residia e o idioma utilizado era mais conhecido pelos habitantes de toda a ilha. Segundo Rodríguez Álvarez (2011), o frei Bartolomeu de Las Casas relata este acontecimento em sua obra *Apologética historia de las Indias*, capítulo CCXX, pelo seguinte excerto:

> *A este Ramón Pané mandó el Almirante que saliese de aquella provincia de Macorix de abajo, cuya lengua él sabía por ser lengua que se extendía por poca tierra, y que se fuese a la Vega y tierra donde señoreaba el rey Guarionex, donde podía hacer más fruto por ser la gente mucho más, y la lengua universal por toda la isla, y así lo hizo,*

[466] Nossa tradução: – Deixe que ele explique como foi ferido – eu disse, e eu mesmo fiquei pasmo ao ouvir minha voz apostando no índio que poderia ser o assassino dos trinta e nove castelhanos. O índio entendeu, pelo meu tom de voz, que a minha era a única resposta a seu favor que ele iria ouvir naquela manhã, e começou a gritar e encenar uma grande batalha (Rojas, 2017, p. 138).

[467] Esta é uma edição do Relato escrito pelo frade catalão da Ordem de São Jerônimo, Ramón Paner. Esses escritos são considerados o primeiro documento etnográfico compilado no "Novo Mundo" e contêm os registros de Ramón Paner sobre os acontecimentos que testemunhou em Guanahaní/"*La Española*", quando veio com Cristóvão Colombo em sua viagem de regresso à ilha, em 1494. O frade Paner recebeu a tarefa de recompilar as crenças e costumes dos indígenas do lugar. Essa relação foi terminada e trazida de volta ao território da coroa espanhola em 1498. A organização, análise histórica e notas desta edição do relato de Paner foram feitas por Ángel Rodríguez, publicada em 2011.

> *donde estuvo dos años no más e hizo lo que allí pudo* […][468] (Las Casas, 1566, p. 1648).

O frade Ramón Paner atuou, portanto, como intérprete a serviço dos colonizadores, assim como o fez o padre Nóbrega com a língua nativa guarani no Brasil. A relação que esses membros da igreja estabeleceram com os povos que habitavam o continente americano na época da colonização europeia figura uma das principais fontes históricas provenientes de sujeitos que testemunharam os feitos colonialistas nesse território – como no caso dos escritos do frei Ramón Paner e do frei Bartolomeu de Las Casas.

Na continuação da diegese, quando Guacanagarí confessa-lhes que o ataque havia sido empreendido por Caonabó, o frei refere-se ao cacique com o nome de um inimigo do qual voltaria a escutar muitas vezes. Após a morte de Onaney, Caonabó casa-se com Anacaona, pois, além de se sentir atraído por ela, sua união seria uma maneira de fortalecer os reinos de Xaraguá e Maguana:

> *El matrimonio había sido idea de Boechío, quizás influido por su hermana, y, aunque había cogido por sorpresa a Caonabó, la respuesta no pudo ser otra que aceptar una unión que convertiría a sus reinos en el más grande de toda la isla. La riqueza de Xaragua y el coraje de Maguana*[469] (Rojas, 2017, p. 140).

Nos capítulos seguintes, o narrador dá conta de relatar várias batalhas que foram travadas entre os exploradores espanhóis e os nativos taínos. As batalhas são detalhadamente descritas e a construção da narrativa dessas cenas são cheias de surpresas e reviravoltas. Em uma dessas batalhas, Caonabó poupa a vida de Ramón Paner, ainda que o frei não reconheça os motivos para assim tê-lo feito. Como o cacique era quem liderava os ataques nas batalhas contra os invasores, Cristóvão Colombo tem a ideia de aproveitar a confiança que Caonabó havia demonstrado ter

[468] Nossa tradução: O Almirante ordenou que este Ramón Paner deixasse aquela província baixa de Macorix, cuja língua ele já conhecia, porque era uma língua que se estendia por pouca terra, e fosse para Vega, terra onde o rei Guarionex governava, onde poderia ter mais resultados, pois havia uma população muito maior e a língua era universal em toda a ilha, e assim o fez, onde ficou pouco menos de dois anos e fez o que se podia (Las Casas, 1566, p. 1648).

[469] Nossa tradução: O casamento fora ideia de Boechío, talvez influenciado por sua irmã, e, embora tivesse pegado Caonabó de surpresa, a resposta não poderia ter sido outra senão aceitar uma união que faria de seus reinos os maiores de toda a ilha. A riqueza de Xaraguá e a coragem de Maguana (Rojas, 2017, p. 140).

com Paner e pede a ajuda do frei para garantir que o líder taíno continue confiando nele:

> *– Desto de Caonabó – interrumpió don Cristóbal Colón* […] *–, es evidente que confía en vos, mosén, así que por mucho querría que con buena diligencia pudiésemoslo haber en nuestro poder.* […] *Atendedme, iréis con diez hombres que sean discretos, llevaréis presentes y lo halagaréis mostrándole que tengo mucha gana de su amistad. Decidle que enviarele otras cosas y que él envíenos oro. Hacedle ver que vais con mucha gente y que más habrá de venir de Castilla con presentes que regalarle, si bien habéis de acercaos solo vos al principio. Tratadlo así hasta que tengáis amistad con él*[470] (Rojas, 2017, p. 224).

Colombo instrui ao frei Ramón Paner que, após garantir a confiança do cacique, ajude-o a capturar Caonabó, por meio das seguintes instruções, fornecidas pelo próprio almirante:

> *Acercaos después con la compañía del hidalgo De Ojeda y del espadero De Contreras, una y otra vez hasta que el dicho Caonabó esté asegurado y sin recelo de que le habéis de hacer mal – giró la vista al hidalgo Alonso de Ojeda y siguió con sus instrucciones –. Cuando ya se haya confiado en vuestra presencia y amigado, hacedle una camisa y vestídsela luego, y un capuz, y ceñidle un cinto, y ponedle una toga por donde podáis tenerlo sin que se os suelte. También deberéis prender a los que vayan con él. Si por lo que fuera, el dicho Caonabó estuviera indispuesto de estar a solas con vos, tened manera de que os acompañe mosén Paner, no vaya a ser que tomase recelo y escondiésese de nuevo en los montes. Remítome a vuestra buena discreción para que hagáis según lo que mejor os pareciese*[471] (Rojas, 2017, p. 224-225).

---

[470] Nossa tradução: – Sobre Caonabó – interrompeu Dom Cristóvão Colombo […] –, é evidente que ele confia em você, Mosén, por isso gostaria que, com diligência, pudéssemos tê-lo em nosso poder. […] Ouça-me, você irá com dez homens, discretamente, levará presentes e o bajulará, mostrando a ele que eu realmente quero sua amizade. Diga-lhe que enviarei outras coisas e peça-lhe que nos envie ouro. Faça-o ver que você está indo com muitas pessoas e que haverá mais por vir de Castela com presentes para dar a ele, embora você tenha que se aproximar dele sozinho no início. Trate-o assim até ter amizade com ele (Rojas, 2017, p. 224).

[471] Nossa tradução: Então aproxime-se, com a companhia do fidalgo De Ojeda e do espadachim De Contreras, mais do que uma vez, até que o dito Caonabó esteja seguro e sem medo de que você lhe faça mal – voltou os olhos para o fidalgo Alonso de Ojeda e continuou com suas instruções –. Quando ele já houver confiado em sua presença e se tornado seu amigo, leve uma camisa para ele e peça-o para vesti-la, junto a um capuz, e coloque um cinto em volta dele e uma toga da qual ele não consiga se soltar. Você também deve prender aqueles que vão com ele. Se, por qualquer motivo, o dito Caonabó não quiser ficar a sós com você, providencie para que Mosén Paner o acompanhe, para que ele não suspeite e se esconda novamente nas montanhas. Confio em sua discrição para que possa fazer de acordo com o que lhe parecer melhor (Rojas, 2017, p. 224-225).

A construção escritural ficcional de Rojas (2017) faz alusão à *Carta* em que Colombo fornece instruções para a captura do cacique, cujo teor, aqui, já mencionamos, mais especificamente na subseção 1.1.1. Essa intertextualidade explícita e intencional estabelecida na tessitura narrativa da obra aponta para o frei Ramón Paner como participante da captura de Caonabó, apesar de sua atuação não aparecer nos escritos de Colombo, mas ser considerada plausível nesse contexto, em que Paner acompanhou Colombo em sua segunda viagem à Guahananí/"*La Española*", em 1494.

O frei tinha uma relação mais próxima com os nativos e, inclusive, atuava como tradutor, por compreender a língua dos taínos. Ele poderia ter sido, inclusive, o "Contreras" ao qual Colombo se refere como amigável para o cacique que tentavam capturar. Temos, assim, uma possibilidade estabelecida pela literatura para preencher, ficcionalmente, as lacunas deixadas pelas narrativas históricas.

Essa intertextualidade, como várias outras presentes no romance, evidencia a eficiência e o poder do mecanismo da escrita em mãos dos colonizadores espanhóis. Conforme aponta Fernández Prieto (2003, p. 156), "*precisamente este uso fraudulento de los discursos de verdad pone de relieve como los conquistadores españoles contaban la historia de acuerdo con sus intereses políticos, silenciando cuanto podía acarrearles desprestigio ante sus superiores*[472]". O recurso da intertextualidade, frequentemente utilizado na tessitura do romance, é outra característica das escritas híbridas de história e ficção críticas, amplamente empregada nas produções críticas/desconstrucionistas da segunda fase da trajetória do gênero e incluída, da mesma forma, nos recursos escriturais do romance histórico contemporâneo de mediação da terceira fase dessa trajetória. O processo de inserção de inusitadas informações no contexto de um documento histórico, como operado por Rojas (2017), revela o potencial da intertextualidade, pois ela

> [...] introduz um novo modo de leitura que solapa a linearidade do texto. Cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa: seguir a leitura encarando-a como um fragmento qualquer que faz parte da sintagmática do texto ou, então, voltar ao texto de origem [...]. Estes dois processos operando simultaneamente semeiam o texto

[472] Nossa tradução livre: [...] precisamente este uso fraudulento dos discursos da verdade coloca em relevo como os conquistadores espanhóis contavam a história de acordo com os seus interesses políticos, silenciando tudo quanto pudesse lhes trazer desprestigio frente a seus superiores (Fernández Prieto, 2003, P. 156).

> com bifurcações que ampliam o seu espaço semântico (Nitrini, 2000, p. 164-165).

Desse modo, a ficção, com suas maneiras próprias de preencher as lacunas do passado, revela ao leitor, nesse momento do relato, qual o motivo do tamanho peso que carregava na alma o frei Ramón Paner ao regressar à Espanha, em 1519, em busca de se confessar, como comentamos que ocorre no início do relato, por se sentir culpado de "*haber derramado la sangre de sus hijos en el Edén de nuestros ancestros* [...][473]" (Rojas, 2017, p. 13).

Na sequência das ações relatadas, vemos que, quando vão em busca de Caonabó, o fidalgo Alonso de Ojeda conhece Anacaona e seu desejo carnal pela nativa é despertado, ainda que soubesse que ela estava casada com Caonabó e grávida do cacique. Ojeda chega, inclusive, a tocar no corpo de Acacaona e, neste momento, Caonabó aparece e dá um chute no invasor:

> *Entonces posó su mano sobre uno de los pechos de la india, y un gemido escapose de la garganta poseída del hidalgo. Dejó la espada y cogió el otro pecho en un bramido denso y grave mientras hacía arrumacos para levantarla del asiento. Miré a su hermano, Boechío, que había pintado su rostro duna profunda decepción, y en aquel momento, sin que nadie viera de dónde apareciera, una patada en los lomos del hidalgo estrellolo contra el suelo a varios pasos, haciendo que cambiara el gemido de placer por otro de dolor tan intenso que mantúvolo aullando por varios segundos*[474] (Rojas, 2017, p. 245).

Assim como a descrição desse primeiro contato entre Ojeda e Anacaona, o desejo do fidalgo pelo corpo da nativa cresce ao longo da narrativa, até o momento em que ele consegue estuprá-la. Essa cena é, ficcionalmente, construída de forma a ressaltar seus ímpetos instintivos de desejo masculino, que almeja o prazer sexual, independente da dor que causa ao outro – neste caso, a dor que causa a uma mulher. Essa representação ficcional remete à exploração física que a mulher nativa americana, de fato, sofreu perante a invasão colonizadora. Dussel (1977) dialoga

[473] Nossa tradução: […] haver derramado o sangue de seus filhos no Éden de nossos antepassados [...]. (Rojas, 2017, p. 13).

[474] Nossa tradução: Então, ele colocou a mão em um dos seios da índia, e um gemido escapou da garganta possuída do fidalgo. Ele largou a espada e segurou o outro seio em um berro profundo e baixo enquanto tentava levantá-la. Olhei para seu irmão, Bohechio, que demonstrava uma expressão de profunda decepção, e, nesse momento, sem que ninguém visse de onde surgiu, um chute na virilha do fidalgo que o jogou no chão a vários passos de distância, fazendo com que o gemido mudasse de prazer por outro de dor tão intensa que o fez uivar por vários segundos (Rojas, 2017, p. 245).

sobre a “erótica simbólica” latino-americana, relação na qual o sujeito europeu “conquistador”, possuidor do poder, é um sujeito masculino e expressa sua varonilidade opressora para dominar a mulher, a qual era, em certos casos, praticamente igualada a uma “coisa”. Nas palavras de Dussel (1977),

> […] *esta era la erótica amerindiana, un orden o Totalidad establecida y estableciéndose a partir de una milenaria tradición. Sobre ella cae como ave de presa el “yo conquisto”, con carabelas y armas de hierro y fuego, con devoradores perros y lujuria largamente retenida (ya que el conquistador venía solo, sin mujer hispánica)* [...]. *El varón hispánico mata al varón indio o lo reduce a su servidumbre por la encomienda, la mita, etc.; la mujer del indio pasa al “servicio personal” o al simple amancebamiento (concubinato adulterino) con el conquistador* […][475] (Dussel, 1977, p. 53).

À mulher era estabelecida uma relação de dominação pelo homem, na qual ela, também como um “Outro” – em paralelo com a definição de Dussel (1994) sobre o “Outro”, compreendido como aquele que foi inferiorizado, subjugado, apagado por ser diferente do colonizador –, aos olhos do sujeito masculino, deveria servi-lo e era passível de ser comercializada, reduzida a uma mercadoria e passada de um “dono” a outro, o que representa a objetificação do feminino. À mulher, enquanto “mercadoria”, eram conferidos os atributos de beleza, simpatia e companheirismo, os quais faziam dela uma utilidade ao homem “solitário” do “Novo Mundo”. Essa dominação ultrapassa o aspecto físico e invade a representatividade dessas mulheres/mercadorias/objetos/servas nos registros da história, uma vez que dispomos de descrições sobre o feminino nos escritos dos homens colonizadores. Os relatos de Cristóvão Colombo, por exemplo, enfatizam a nudez do povo que encontrou em Guanahaní/“*La Española*”, – “*Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mugeres* […][476]” (Varela, 1997, p. 110) –, e a primeira referência ocidental sobre a mulher brasileira, nos registros de Pero Vaz de Caminha, registra a atenção

[475] Nossa tradução: [...] esta era a erótica ameríndia, uma ordem ou Totalidade estabelecida e se estabelecendo a partir de uma tradição milenar. O “eu conquisto” cai sobre ela como uma ave de rapina, com caravelas e armas de ferro e fogo, com cães devoradores e com a luxúria há muito reprimida (já que o conquistador veio sozinho, sem mulher hispânica) [...]. O homem hispânico mata o homem indígena ou o reduz à servidão por meio da “encomenda”, da mita, etc.; a mulher do índio vai para o “serviço pessoal” ou para a simples coabitação (concubinato adúltero) com o conquistador (Dussel, 1977, p. 53).

[476] Nossa tradução: Eles andam todos nus como sua mãe os pariu, e também as mulheres [...] (Varela, 1997, p. 110).

do olhar do colonizador europeu com relação ao corpo feminino desnudo: “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam” (Caminha, [1500] 2019, p. 27). Porém, nas palavras de Dussel (1977, p. 54), “*difíciles de encontrar son, sin embargo, las descripciones del varón hechas por una mujer*[477]”.

Na continuação do relato romanesco, Caonabó propõe ao fidalgo Ojeda entregar sua própria vida em troca de proteção para Anacaona e todo o seu povo: “*Mi vida por la de nuestros hombres, nuestras mujeres y nuestros niños. Y tú escúchame bien – girose hacia el hidalgo –, si vuelves a poner tus manos sobre mi esposa Anacaona, yo mesmo te las arrancaré* […][478]” (Rojas, 2017, p. 250). Caonabó é levado, então, ao forte *La Isabela*[479], onde é mantido prisioneiro em uma cela. Os nativos tentam resgatar o líder taíno, mas não obtêm êxito em suas tentativas. Quando o frei Ramón Paner encontra Caonabó preso há algum tempo, espanta-se com o aspecto do cacique:

> *Su aspecto era de verdadero espanto. Las heridas del flagelo habíanle dejado la carne abierta como carnero para asado. El semblante de la úlcera era de repulsa.* […] *El indio estaba caído de rodillas en el suelo, abrazado a un madero al que tenía atadas las manos y sobre el que había soportado los cuerazos con mayor entereza que la que cualquier otro hubiera aguantado. Que Dios perdóneme, pero cada vez que veía ese castigo no podía evitar pensar en el sufrimiento de Nuestro Señor Jesucristo, y la misericordia atábase a mi corazón en forma tal que si hubiera tenido el valor suficiente habría puesto mi propia espalda para recibir tal inhumano castigo.* […] *de su boca nació un murmullo, un susurro al que hube de acercarme hasta poner casi mi oreja en su*

[477] Nossa tradução: São difíceis de encontrar, no entanto, descrições do homem feitas por uma mulher (Dussel, 1977, p. 54).

[478] Nossa tradução: Minha vida pela de nossos homens, nossas mulheres e nossos filhos. E me escute bem – voltou-se para o fidalgo –, se voltar a pôr as mãos em minha mulher Anacaona, eu mesmo te as arrancarei [...] (Rojas, 2017, p. 250).

[479] *La Isabela* foi a primeira cidade fundada pelos exploradores espanhóis em solo americano, por Cristóvão Colombo, em 1493, também ficcionalizada na obra de Rojas: “*– Aquí tenéis vuestra iglesia – rompió la voz del Almirante abarcando con sus brazos la explanada yerma –. Bendecid pues esta tierra de la India donde edificaremos la primera ciudad en honor a la reina Isabel de Castilla, Sicilia y Aragón, y que emplazo, desde hoy, con el nombre de La Isabela*”. (Rojas, 2017, p. 151). – Nossa tradução: – Aqui está sua igreja, – soou a voz do Almirante, abraçando o terreno com seus braços. – Abençoe, então, esta terra da Índia onde construiremos a primeira cidade em honra à Rainha Isabel de Castela, Sicília e Aragão, e que chamo, a partir de hoje, com o nome de La Isabela (Rojas, 2017, p. 151).

> *boca para escuchar lo que decía. – Anacaona, Anacaona…*[480] (Rojas, 2017, p. 317-318).

O relato do narrador dá conta de informar ao leitor que, enquanto Caonabó é mantido prisioneiro, nasce sua filha com Anacaona, a qual ganha, como nome, Higuamota. Após seu nascimento, os nativos são atacados pelos castelhanos e Bohechio é morto nessa batalha. Caonabó é, então, julgado culpado pela morte dos homens que haviam ficado no forte *La Navidad* quando Colombo regressou à Espanha:

> *– Se os acusa de la muerte de los castellanos que quedaron bajo mi protección y mis órdenes en el Fuerte Navidad, y que vos y vuestros salvajes asesinasteis a traición. Se os acusa de alzar un motín en la isla y de levantar al resto de los indios en contra de Su Católica Majestad doña Isabel de Castilla, señora de todas estas tierras, y se os acusa de dar falso testimonio con la única intención de alejarnos de La Isabela para que una horda de salvajes asaltárala sin contar con nuestra protección. Por todo ello, se os someterá a un juicio del que definirase vuestro castigo. Traducidle, fray Paner – señaló entonces el virrey con un movimiento de cabeza hacia mi persona*[481] (Rojas, 2017, p. 334).

Vemos, mais uma vez, as interterxualidades estabelecidas entre a narrativa de Rojas (2017) e o discurso de Cristóvão Colombo, quando o navegante acusa Caonabó de haver matado os espanhóis que haviam ficado em Guanahaní/"*La Española*" durante sua viagem de regresso à Espanha, argumento que utilizou em uma de suas *Cartas* aos reis católicos, em 14 de outubro de 1495, para descrever a ameaça que esse cacique representava às empreitadas colonizadoras e, possivelmente, justificar

[480] Nossa tradução: Sua aparência era realmente assustadora. As feridas do flagelo deixaram sua carne aberta como carneiro assado. O semblante da úlcera era repulsivo. […] O indígena estava ajoelhado no chão, abraçado a um pedaço de madeira ao qual tinha as mãos amarradas e no qual havia suportado as chicotadas com maior força do que qualquer outro o faria. Que Deus me perdoe, mas cada vez que eu via aquele castigo eu não conseguia deixar de pensar no sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a misericórdia entrava em meu coração de tal forma que, se eu tivesse coragem o suficiente, teria virado minhas próprias costas para receber tal punição tão desumana. […] um murmúrio saiu de sua boca, um sussurro do qual eu tive que me aproximar até quase encostar o ouvido em sua boca para ouvir o que ele dizia. – Anacaona, Anacaona... (Rojas, 2017, p. 317-318).

[481] Nossa tradução: – És acusado da morte dos castelhanos que permaneceram sob minha proteção e minhas ordens no Forte *Navidad*, os quais tu e teus selvagens assassinaram traiçoeiramente. És acusado de provocar um motim na ilha e de levantar o resto dos índios contra Sua Majestade Católica Dona Isabel de Castilla, senhora de todas essas terras, e és acusado de dar falso testemunho com a única intenção de nos afastar de La Isabela para que uma horda de selvagens a atacasse sem nossa proteção. Por tudo isso, serás submetido a um julgamento que definirá sua punição. Traduza para ele, irmão Paner – então o vice-rei apontou com um aceno de cabeça para mim (Rojas, 2017, p. 334).

a captura de Caonabó para o levar preso à Espanha. As intertextualidades do texto de Rojas (2017) garantem a verossimilhança de sua narrativa que contempla, desse modo, uma das características apresentadas pelo romance histórico contemporâneo de mediação.

Na continuação da diegese, a personagem Cristóbal Colón, perante o silêncio do cacique preso, na situação degradante em que se encontrava, afirma que o nativo é, sem dúvidas, culpado de todos os crimes dos quais o acusa e, portanto, condena-o "*a muerte por el destierro a Castilla en la primera nao que para allá zarpe, como muestra de nuestra lealtad a Sus Majestades doña Isabel de Castilla y don Fernando de Aragón*[482]" (Rojas, 2017, p. 337). O frei Ramón Paner pede, então, que Caonabó tenha a chance de se redimir dos seus pecados, antes de sua sentença. Porém, quando questiona o cacique se assim deseja fazer, Caonabó responde-lhe:

> *– Arrepentirme de qué, bohíque – dijo el indio con un hilo de voz –, de defender a mi familia, a mis hijos, a mis hermanos, de honrar el espíritu de nuestros antepasados, ¿de eso he de arrepentirme?*
> *– Un arrepentimiento verdadero os permitirá afrontar el Juicio Supremo y dar explicaciones de vuestras aberraciones ante el Altísimo, que decidirá si ha o no de permitiros entrar al Cielo – dije extendiendo la cruz que colgaba en mi pecho hacia el indio.*
> *– ¿En ese lugar que decís hay más como vosotros? – preguntó Caonabó.*
> *– Por supuesto – contesté casi con orgullo.*
> *– No os preocupéis entonces, bohíque, porque jamás querría ir a un lugar como ese – y dejó caer su rostro sobre el pecho*[483] (Rojas, 2017, p. 338-339).

Vemos, nesse trecho, outra vez, a criticidade da obra de Rojas (2017) ao questionar os intentos dos eclesiásticos para converter os nativos americanos à sua fé cristã, à qual religiosos como o frei Ramón Paner eram devotos e, por isso, a comando da monarquia, foram enviados ao "Novo Mundo" para cooperar na

[482] Nossa tradução: [...] à morte por exílio em Castela no primeiro navio que para lá zarpe, como sinal de nossa lealdade a Suas Majestades Dona Isabel de Castela e Dom Fernando de Aragão (Rojas, 2017, p. 337).

[483] Nossa tradução: – Arrepender-me de quê, bohíque – disse o índio com voz baixinha – de defender minha família, meus filhos, meus irmãos, de honrar o espírito de nossos ancestrais, tenho que me arrepender disso? – Um verdadeiro arrependimento permitirá que enfrentes o Juízo Supremo e explique suas aberrações perante o Todo-Poderoso, que decidirá se permite ou não que tu entres no Céu – disse estendendo a cruz que pendia de meu peito para o índio. – Naquele lugar que dizes há mais gente como tu? – perguntou Caonabó. – Claro – eu lhe respondi, quase orgulhosamente. – Não se preocupe então, bohíque, porque eu nunca gostaria de ir a um lugar assim – e deixou o seu rosto cair sobre o peito. (Rojas, 2017, p. 338-339).

dominação desses povos e territórios também pela manipulação de sua fé. Diferentemente do discurso histórico registrado nos escritos de Colombo, por exemplo, que excluíam, inclusive, a existência das crenças dos nativos, a narrativa fictícia de Rojas (2017) embate, diretamente, esse posicionamento, criando personagens como Caonabó, que se nega, em um discurso direto em primeira pessoa, a aceitar a religião alheia que os colonizadores tentam impor-lhe. Isso só se faz possível no universo literário, uma vez que não temos acesso a registros sobre o posicionamento desses taínos que tenham sido elaborados por eles mesmos sobre os acontecimentos da época da colonização europeia nesse território. Dispomos, apenas, dos registros da história tradicional, preservados pelos cronistas e historiadores europeus. É nesse sentido que a ficção pode nos auxiliar a descolonizar as mentes, as identidades e o imaginário na América Latina, pois exemplifica outras possibilidades de se imaginar, representar e conceber o passado do qual apenas temos a versão oficializada dos colonizadores.

Em outra parte da diegese, há a ficcionalização das mutilações que colonizadores como Colombo usavam como punição aos habitantes originários. A personagem do almirante ordena que os nativos que houvessem pagado os tributos impostos pelos colonizadores deveriam ser marcados com uma medalha de cobre. Essa tarifa deveria ser paga com algodão quando eles não encontrassem ouro. Mais uma vez, Rojas (2017) constrói uma narrativa verossímil que lança um olhar crítico sobre os homens exaltados pelo discurso historiográfico tradicional do passado, ao trazer a imagem de Cristóvão Colombo como ordenador de tributos e mutilações, que serviam como castigo enquanto tentava se estabelecer como governador da ilha. Na trama ficcional de Rojas (2017), os homens comandados por Colombo recebem a ordem de castigar, dessa maneira, aos “infratores”,

> […] *de modo que cualquiera que viera a uno sin orejas y sin nariz supiera que ese era el castigo por no cumplir con las ordenanzas. Esta disposición fue en realidad una carta blanca para que todos los hombres capaces de portar un filo salieran a la jungla a cortar narices y orejas que después contaban entre las valentías de la batalla*[484] (Rojas, 2017, p. 339).

[484] Nossa tradução: [...] para que quem visse alguém sem orelhas e sem nariz soubesse que esse era o castigo por não cumprir as ordens. Esta provisão era, na verdade, uma carta branca para todos os homens capazes de carregar uma lâmina para sair pela selva para cortar narizes e orelhas, ações que, mais tarde, contavam entre as bravuras da batalha. (Rojas, 2017, p. 339).

O primeiro ponto que estabelece, aqui, a construção da verossimilhança na diegese da obra é a referência aos tributos que os colonizadores exigiam dos nativos, que, segundo Anghiera, ([1530] 1912), eram substituídos por algodão, linho e produtos semelhantes quando não havia ouro na região. O segundo ponto é a representação dos castigos por mutilação, sobre os quais reportam os documentos encontrados por Varela, somente em 2005, ao descreverem as ações tirânicas dos colonizadores a mando de Colombo na América.

Após a personagem Caonabó partir, como prisioneiro, na nau para a Espanha, o frei Ramón Paner narra, em primeira pessoa, no capítulo "*Indias, La Isabela, mes de mayo del año del nascimento de Nuestro Salvador Jesucristo de mil cuatroçientos noventa e cinco*[485]" (Rojas, 2017, p. 348), sua jornada com o fidalgo Alonso de Ojeda, em uma comitiva que "*pasaba por entre los pueblos de los indios exigiendo el pago impuesto por el virrey, y ejecutando sin piedad a aquellos que osaban plantar cara o no portaban la medalla de chapa que acreditábalos como acreedores del pago*[486]" (Rojas, 2017, p. 351). Antes de partir, o fidalgo conta ao frei que iriam até Xaraguá para "buscar ela", e Paner sabia que ele se referia à esposa de Caonabó. Ao chegar no território de Anacaona, o fidalgo ordena a seus homens para dispararem naquele povo, agarra a autóctone e a leva a cavalo para longe. Quando Paner encontra Huarín, seu pequeno amigo indígena, é levado por este até o lugar onde Ojeda

> […] *cabalgaba sobre la india Anacaona con una mano en su cuello y otra recorriendo con violencia todas las carnes de su cuerpo. Huarín señalolo para que fuera a apartar al hidalgo del cuerpo con el que había soñado hasta la enfermedad desde la primera vez que viola, y a fe de mi propia vida, os doy palabra de que armeme de valor e hice caso del niño, y acerqueme con la cruz alzada*[487] (Rojas, 2017, p. 354).

[485] Nossa tradução: Índias, La Isabela, mês de maio do ano do nascimento de Nosso Salvador Jesus Cristo mil quatrocentos e noventa e cinco. (Rojas, 2017, p. 348).

[486] Nossa tradução: [...] percorria as cidades dos nativos exigindo o pagamento imposto pelo vice-rei e executando, impiedosamente, aqueles que ousassem se levantar ou não levassem a medalha de metal que os credenciava como credores do pagamento. (Rojas, 2017, p. 351).

[487] Nossa tradução: [...] cavalgava sobre a índia Anacaona com uma mão em seu pescoço e a outra percorrendo violentamente toda a carne de seu corpo. Huarín apontou-o para que separasse o fidalgo do corpo com o qual havia sonhado até à loucura desde a primeira vez que a estuprou, e por fé em minha própria vida, dou-lhes minha palavra de que tomei coragem e ouvi o menino, e me aproximei com a cruz levantada. (Roajs, 2017, p. 354).

Essa cena em que Alonso de Ojeda viola Anacaona sexualmente é, também, uma maneira da literatura nos apresentar outra possibilidade à história dessa autóctone, da qual pouco sabemos, por meio do discurso de terceiros. Ainda que não haja registro dessa violação, é possível que ela tenha ocorrido, como, de fato, aconteceu com muitas indígenas violentadas pelos colonizadores europeus, como Dussel (1977) pontua sobre as relações estabelecidas entre nativas americanas e europeus. Verificamos, ainda, no excerto acima, a presença do recurso da metanarração, quando a voz narrativa do frei se volta ao leitor: "*os doy palabra de que armeme de valor e hice caso del niño, y acerqueme con la cruz alzada*[488]" (Rojas, 2017, p. 354). Reiteramos, aqui, que as características postuladas por Fleck (2017, p. 109-110) para definir o romance histórico contemporâneo de mediação encontram-se contempladas na escrita de *Anacaona*: *la última princesa del Caribe*, de Jorge Díez Rojas (2017), a exemplo do emprego de recursos metaficcionais, conforme elucidado acima.

No capítulo seguinte, "*Isla de La Hispaniola, Marolís, finales del año del nascimento de Nuestro Salvador Jesucristo de mil quinientos dos*[489]" (Rojas, 2017, p. 359), alguns anos depois, o frei Ramón Paner, já vivendo no reino de Marolís, entre os nativos, recebe a notícia, por um espanhol que o buscava, de que havia um novo governador de *La Española*:

> *– Querréis decir el virrey, don Cristóbal Colón – aclaré, provocando algunas chanzas entre los soldados.*
> *– El virrey, como vos lo llamáis, fue arrestado y enviado por don Francisco de Bobadilla, anterior gobernador de la isla, a Castilla para pagar por sus muchas faltas.*
> *¡Otro gobernador! En el tiempo que había convivido entre mi nueva familia, habíanse sucedido dos gobernadores a juzgar por las palabras del soldado.*
> *– ¿Y quién decís que es ese nuevo gobernador? – pregunté.*
> *– Su señoría don Nicolás de Ovando*[490] (Rojas, 2017, p. 360).

[488] Nossa tradução: [...] dou-lhes minha palavra de que tomei coragem e ouvi o menino, e me aproximei com a cruz levantada. (Rojas, 2017, p. 354).

[489] Nossa tradução: Ilha de Hispaniola, Marolís, final do ano do nascimento de Nosso Salvador Jesus Cristo de mil quinhentos e dois (Rojas, 2017, p. 359).

[490] Nossa tradução: "Queres dizer o vice-rei, Don Cristóvão Colombo" – esclareci, provocando algumas piadas entre os soldados. "O vice-rei, como você o chama, foi preso e enviado por Dom Francisco de Bobadilla, ex-governador da ilha, a Castela para pagar suas muitas faltas." Mais um governador! No tempo em que vivi com minha nova família, dois governadores se sucederam, a julgar pelas palavras do soldado. "E quem você diz que é esse novo governador?" – perguntei. "Sua Excelência Dom Nicolás de Ovando" (Rojas, 2017, p. 360).

Vemos, aqui, a referência de Rojas (2017) ao julgamento de Colombo e seus irmãos, Diego e Bartolomeu, presos em Santo Domingo, em 1500, pelas atrocidades cometidas em Guanahaní/"*La Española*". Os três foram absolvidos posteriormente, pela interseção da rainha, e o caso foi tratado, por muitos, como uma grande injustiça cometida ao "descobridor" do "Novo Mundo". Porém, essa releitura literária sobre a história de Anacaona, que engloba os feitos de Cristóvão Colombo na América, apresenta-nos outras possibilidades sobre as relações entre colonizadores e nativos americanos, levando o leitor, consciente dessas estratégias narrativas, a questionar essas lacunas deixadas pela historiografia tradicional.

Na diegese, o leitor acompanha a ação que se volta, nesse momento, ao fato do novo governador espanhol, Nicolás de Ovando, mandar buscar o frei Paner para pedir sua ajuda como tradutor para estabelecer comunicação com os nativos. Quando Paner vai até Ovando, recebe a notícia de que Caonabó havia morrido durante sua viagem como cativo à Espanha, conforme vemos: "– *Si os referís al indio Caonabó, este fue enviado a Castilla – alcancé a decir ante la sorpresa por las palabras del gobernador. – El indio del que habláis jamás llegó a Castilla, murió en alta mar y fue lanzado por la borda – aclaró el capitán Juan de Esquivel*[491]" (Rojas, 2017, p. 369). Vemos que, na narrativa híbrida de Rojas (2017), o destino de Caonabó é esclarecido, sem deixar lacunas para que o leitor deva inferir sobre o que possa ter acontecido. Essa, também, é uma característica que aproxima a obra à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, pois essa modalidade não deixa esse tipo de lacunas interpretativas. Do contrário, tenta ser suficientemente clara, sem deixar informações em aberto, sobre o destino das personagens e os acontecimentos da diegese. Além disso, esse é outro exemplo de material ficcional que intenta preencher as lacunas dos registros históricos, apresentando possíveis respostas para espaços que não foram esclarecidos nos relatos sobre as relações estabelecidas entre os colonizadores e os nativos americanos desta época – como é o caso de Caonabó, cuja morte é cercada de controvérsias nos registros da história e não se sabe, ao certo como, onde e em que momento dos eventos ocorridos o cacique morreu.

[491] Nossa tradução: – Se estás te referindo ao índio Caonabó, ele foi mandado para Castela – consegui dizer surpreso com as palavras do governador. – O índio de que falas nunca chegou a Castela, morreu em alto mar e foi lançado ao mar – esclareceu o capitão Juan de Esquivel (Rojas, 2017, p. 369).

A personagem Nicolás de Ovando comunica, então, suas pretensões ao frei Ramón Paner para resolver a situação com Anacaona, a única cacica que ainda se recusava a pagar os tributos que demandavam, como vemos em suas palavras:

> *La india Anacaona es la única cacica de los indios, tras la caída de los rebeldes de Higüey, que niégase a reconocer nuestra autoridad organizando rebeliones, emboscadas, y negándose a pagar los tributos exigidos por la corona.* […] *– Hemos pensado – dijo su señoría don Nicolás de Ovando obviando lo soez – que un gesto de buenas intenciones con los indios valdríanos su reconocimiento y pondría fin a las rebeliones dellos, y quién mejor que un viejo conocido de la india como vos para tender ese puente*[492] (Rojas, 2017, p. 369-370).

Ovando, então, na sequência do relato, envia Paner, junto ao capitão Juan de Esquivel, o estremenho Dom Francisco Pizarro e o frei Bartolomeu de Las Casas, sendo que este último conhecia, assim como Paner, a língua dos nativos, pois seu pai, Pedro de Las Casas, havia lhe presenteado com alguns nativos capturados em Guanahaní/"*La Española*" e levados até Castela. Ramón Paner parte, dessa maneira, com esse grupo, para as terras onde Anacaona reina. Levam, então, a mensagem de Nicolás de Ovando à cacica, com o auxílio de Paner e Las Casas como tradutores, questionando sua recusa a cumprir com os tributos impostos pelas suas majestades Dom Fernando de Aragão e Dona Isabel de Castela. Anacaona pede que Ovando vá até seu reino, para que estabeleçam um acordo sobre tais demandas. Paner e Las Casas são convidados pela líder taína a ficarem em sua comunidade até a chegada de Ovando e aceitam o convite.

Durante sua hospedagem nas terras de Anacaona, Paner passa a admirar ainda mais a cacica, conforme vemos em suas palavras após um comentário da autóctone sobre o ódio que cresce em uma terra em que sangue foi derramado:

> *– La rabia se alimenta de nuestro dolor. No merece la pena seguir luchando toda la vida, matar no es digno ni siquiera para defenderse, y la tierra que se riega con sangre se marchita mientras los espíritus de nuestros antepasados se retuercen de dolor. Solo el odio crece en tierra ensangrentada, bohíque.*

[492] Nossa tradução: A índia Anacaona é a única cacica dos índios, após a queda dos rebeldes de Higüey, que se recusa a reconhecer nossa autoridade, organizando rebeliões, emboscadas e recusando-se a pagar os impostos exigidos pela coroa. […] – Pensamos – disse Sua Senhoria Dom Nicolás de Ovando, ignorando a grosseria – que um gesto de boas intenções com os índios valeria o seu reconhecimento e poria fim às suas rebeliões, e quem melhor que um velho conhecido da índia como você para construir essa ponte (Rojas, 2017, p. 369-370).

> *No atrevime a decir una sola palabra que estuviera a la altura de las de Anacaona, mujer prudente y entendida, amén de portadora duna hermosura que todavía hacía temblar las palabras en boca del sevillano y que hacíame voltear la vista cuando hablaba con ella para no fijarla en las redondeces de su cuerpo*[493] (Rojas, 2017, p. 392-393).

Ao longo do romance de Rojas (2017), vemos essa ideologização construída em torno da personagem de Anacaona, de mulher pacificadora, sábia e de inigualável beleza, que se faz aparente no excerto apresentado, pelas próprias palavras da personagem, que intentam estabelecer a paz, evitar confrontos e mortes que só trazem sofrimento, e pelas palavras do frei, que não considera qualquer resposta sua à altura das palavras de Anacaona e enfatiza a beleza da autóctone, referindo-se, especificamente, à de seu corpo. Vallejo (2015) aponta que essas são algumas das ideologizações criadas em torno da figura quase desconhecida de Anacaona, pelos escassos escritos dos cronistas do século XVI que a mencionam, os quais "*al atribuir diferentes valores, motivaciones y evaluaciones a las acciones de Anacaona, construyen un personaje diferente, y también dan inicio (fundamentan) al proceso de ideologización – a veces en términos de oposición binaria – de esa vida* […][494]" (Vallejo, 2015, p. 32).

O governador Nicolás de Ovando chega, então, com seus homens, às terras de Anacaona, a qual os recebe com banquetes, apresentações de dança e de areítos[495]. Ovando diz que, também, havia preparado um jogo de lanças, como o chamavam em Castela, para a recepção de Anacaona. Para o performar, Ovando diz à cacica que seria necessário que estivessem em algum lugar fechado, para que todos vissem o jogo sem qualquer perigo. Anacaona prepara, então, o maior *caney* do povoado. Quando todos entram, os homens de Ovando começam o massacre ateando fogo ao *caney*.

---

[493] Nossa tradução: "A raiva se alimenta da nossa dor. Não vale a pena lutar a vida inteira, matar não vale nem para se defender, e a terra que é regada de sangue murcha enquanto os espíritos de nossos ancestrais se contorcem de dor. Só o ódio cresce no chão sangrento, bohíque." Não ousei dizer uma única palavra que cabia às de Anacaona, mulher prudente e sábia, além de portadora de beleza que ainda fazia as palavras tremerem na boca do sevilhano e que me fazia virar os olhos quando falava para ela para não olhar nas curvas do seu corpo (Rojas, 2017, p. 392-393).

[494] Nossa tradução: [...] ao atribuir diferentes valores, motivações e avaliações às ações de Anacaona, constroem um caráter diferente, e, também, iniciam (fundamentam) o processo de ideologização – às vezes em termos de oposição binária – dessa vida [...] (Vallejo, 2015, p. 32).

[495] "*Areíto: Baile, celebración tradicional en que se cantaba y se recitaban historias y poemas*" (ROJAS, 2017, p. 423). – Nossa tradução: Baile, festa tradicional em que histórias e poemas eram cantados e recitados (Rojas, 2017, p. 423).]

> *En unos segundos, un humo intenso negro como la muerte elevóse al cielo de Yaguana envuelto en gritos de terror infinitos. La cabaña, que parecía que iba a deshacerse de la presión de los que en ella hacinábanse, era pasto de las llamas y de los tiros de flechas de los arqueros y ballesteros que el gobernador había dispuesto a su alrededor.* […] *Vi cómo los cuerpos ennegrecidos que salían por los huecos que el fuego dejaba eran masacrados por flechas, y vi cómo la vida consumíase en los pocos minutos que duró el exterminio*[496] (Rojas, 2017, p. 406-407).

A ficção de Rojas (2017) propõe uma releitura do evento sobre o qual temos poucas referências na historiografia tradicional hegemônica europeia, como o relato de Gayangos ([1866] 2019, p. xi) à "*guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía á la sazón Diego Velazquez*[497]" (Gayangos, [1866] 2019, p. xi), e a alusão de Las Casas, anteriormente apresentada, ao massacre dos taínos presos em uma grande cabana na qual atearam fogo, assim como na ficção de Rojas (2017). Nessa releitura da história da líder taína, o ataque é descrito como um "extermínio" que, em poucos minutos, dizima, com fogo e por flechadas, toda sua comunidade. Assim como Las Casas descreve que Anacaona foi enforcada, Rojas (2017) também retrata, em seu romance, o enforcamento da cacica, conforme lemos abaixo:

> *Miré a los ojos de Anacaona. Ya estaban muertos mucho antes de que aquel animal diérale un empujón y dejárala colgando ante la vista depravada de los cristianos que cocíamonos al sol, y que vitoreaban cada movimiento pendular de Anacaona. No tardó su cuerpo en acompañar a su alma muerta, como la mía, sin más posibilidad de salvación que aguantar un par de sacudidas más antes de que su corazón dejara de latir*[498] (Rojas, 2017, p. 418).

---

[496] Nossa tradução: Em poucos segundos, uma intensa fumaça negra como a morte subiu ao céu de Xaguará, envolta em infinitos gritos de terror. A cabana, que parecia que ia explodir da pressão dos que nela se amontoavam, era alimentada pelas chamas e pelas flechas dos arqueiros e atiradores que o governador havia colocado em volta dela. […] Vi como os corpos enegrecidos, que saíam pelas brechas deixadas pelo fogo, foram massacrados por flechas, e vi como a vida foi consumida nos poucos minutos que durou o extermínio (Rojas, 2017, p. 406-407).

[497] Nossa tradução: [...] guerra que Diego Velázquez liderava, no momento, contra Anacaona, rainha viúva do Haiti. (Gayangos, 1866 [2019], p. xi).

[498] Nossa tradução: Olhei nos olhos de Anacaona. Já estavam mortos muito antes daquele animal lhe dar um empurrão e deixá-la pendurada diante da visão depravada dos cristãos que assavam ao sol e que aplaudiam cada movimento pendular de Anacaona. Não demorou muito para que seu corpo acompanhasse sua alma morta, como a minha, sem outra chance de salvação a não ser suportar mais alguns tremores antes que seu coração parasse de bater (Rojas, 2017, p. 418).

Após o enforcamento da personagem Anacaona, o último capítulo da obra retoma o tempo presente ou primeiro da enunciação: "*Barcelona, Monasterio de San Jerónimo de la Murtra, año del Señor de 1519*[499]"(Rojas, 2017, p. 420), quando o frade Pene Benejam termina de ler o testemunho de Ramón Paner, como vemos abaixo:

> *Fray Pere Benejam cruzó los brazos detrás de su espalda y caminó por el interior de su minúscula celda mientras todos los fantasmas de la lectura se agolpaban en su corazón. Había sentido el dolor de la india, y el terror que infligían los ojos de Caonabó, así como la llamada que fray Ramón hacía de justicia para sus "hermanos", pero también conocía a algunos de aquellos hombres que el frayle relataba en sus escritos. Sabía que el conquistador Alonso de Ojeda había tenido relaciones con una india y que sus últimos años los había pasado intentando deshacer todo el mal que en sus primeros tiempos había causado. También le era conocida la mala relación entre fray Bartolomé de las Casas, que cada vez se alzaba con mayor peso, y la orden de los jerónimos después de acusarlos aquel por permitir la opresión y la esclavitud de los indios.* […] *Sabía además de las muchas cartas que el dominico había enviado al emperador Carlos I y al propio Papa quejándose por el trato que se daba a los indios, un trato que tras leer los escritos de fray Ramón Paner, le había extraído lágrimas al pensar en aquellos hombres y mujeres puros como niños que habían sido masacrados sin mayor culpa que haber sido los pobladores del Edén*[500] (Rojas, 2017, p. 420-421).

Aqui constatamos, novamente, as características que classificam o romance de Rojas (2017) como um romance histórico contemporâneo de mediação, pois apresenta uma releitura crítica verossímil da histórica de Anacaona – uma personagem marginalizada, menosprezada, subjugada pelos registros da história tradicional, escrita pelos cronistas e historiadores europeus sobre as empreitadas colonizadoras na América –, além de instaurar uma narrativa linear, claramente

[499] Nossa tradução: Barcelona, Mosteiro de San Jerónimo de la Murtra, ano do Senhor, 1519 (Rojas, 2017, p. 420).

[500] Nossa tradução: O frei Pere Benejam cruzou os braços, atrás das costas, e caminhou pelo interior de sua pequena cela enquanto todos os fantasmas da leitura se amontoavam em seu coração. Ele havia sentido a dor da autóctone e o terror que os olhos de Caonabó infligiam, bem como o apelo que frei Ramón fazia por justiça para seus "irmãos", mas, também, conhecia alguns desses homens que o frade mencionava em seus escritos. Ele sabia que o conquistador Alonso de Ojeda tivera relações com uma nativa e que seus últimos anos haviam sido gastos tentando desfazer todo o mal que causara em seus primeiros dias. Ele, também, estava ciente da má relação entre o frei Bartolomé de las Casas, que tinha cada vez mais peso, e a ordem dos Jerónimos, depois de acusá-los de permitir a opressão e escravização dos índios. [...] Ele, ademais, sabia das muitas cartas que o dominicano havia enviado ao imperador Carlos I e ao próprio Papa reclamando do tratamento dado aos autóctones, tratamento que, depois de ler os escritos do frei Ramón Paner, trouxe-lhe lágrimas ao pensar naqueles homens e mulheres, puros como crianças, que foram massacrados por culpa não maior do que terem sido os habitantes do Éden (Rojas, 2017, p. 420-421).

estabelecida a partir dos escritos do frei Ramón Paner, que reportam os massacres cometidos aos nativos e testemunhados por esse eclesiástico, assim como o fez o frei Bartolomeu de Las Casas, por meio de seus escritos sobre a destruição cometida pelos colonizadores no "Novo Mundo". Conforme verificamos pelos excertos da obra analisados, Rojas (2017) apresenta-nos essa releitura da história a partir de uma linguagem hodierna, fluída e coloquial, a qual se aproxima da linguagem empregada por seus leitores, conforme os pressupostos de Fleck (2017) sobre o romance histórico contemporâneo de mediação.

A criticidade do romance de Rojas (2017) possibilita reinstaurar, no imaginário de seus leitores, a importância de figuras como Anacaona na história da América, por ter sido uma representação de poder, resistência e liderança feminina, que foi, majoritariamente, excluída e manipulada nos registros oficializados sobre a história americana. Segundo Vallejo (2015, p. 30), "*las creaciones literarias en torno de Anacaona nos presentan con mucho más 'hecho' sobre su vida que los pocos datos que se tenían de los cronistas, y así las construcciones discursivas son mayores que la 'historia' ofrecida por las crónicas*[501]".

É por isso que ressignificações literárias críticas, como o romance de Rojas (2017), agem a favor da descolonização/decolonização do pensamento latino-americano e operam "como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados" (Mignolo, 2017, p. 2), assim como outros romances históricos contemporâneos de mediação também o fazem. Esse processo de desconstrução do pensamento colonizado é compreendido como necessário, pois ainda perdura na construção identitária latino-americana, decorrente dessa história tradicional unilateral perpetuada sobre a história de nosso continente, escrita univocamente por aqueles que se declararam "conquistadores" desse território.

[501] Nossa tradução: [...] as criações literárias em torno de Anacaona nos apresentam muito mais "fatos" sobre sua vida do que os poucos dados disponíveis dos cronistas, e assim, as construções discursivas são maiores do que a "história" oferecida pelas crônicas (Vallejo, 2015, p. 30).

3.2 ANACAONA: FIGURAÇÕES LITERÁRIAS DE RESILIÊNCIA FEMININA – AS OUTRAS FACES DA MULHER NA “CONQUISTA” DA AMÉRICA

Feitas as leituras dos romances selecionados como *corpus* literário desta tese – analisados em relação aos conteúdos apresentados nas seções um e dois deste texto –, procedemos, nesta subseção, à comparação dessas imagens de Anacaona a partir das análises literárias acima expostas com os dados obtidos em documentos históricos. Por meio disso, torna-se possível estabelecermos aproximações e/ou distanciamentos entre as menções à Anacaona tanto nesses documentos historiográficos quanto nas suas ressignificações em romances históricos que a retratam como personagem de extração histórica dentro do escopo da literatura híbrida de história e ficção.

A possibilidade de ressignificar participantes da história, no universo ficcional, é de especial importância para as mulheres que, assim como Anacaona, foram perspectivadas por uma escrita alheia e imperativa, como aconteceu com muitos sujeitos marginalizados pela historiografia tradicional sobre a colonização dos territórios americanos, africanos e asiáticos pelas metrópoles europeias. Vallejo (2015) evidencia, sobre a personagem de nosso estudo, que

> […] *en toda la información que tenemos, se trata de una ‘representación’ de Anacaona; de ella no tenemos nada que nos haya sido legado de manera directa; siempre han sido ‘otros’ que la han retratado y representado, casi exclusivamente hombres, y hombres de la cultura que la extinguió y masacró su raza – retratos siempre creados también para ‘otros’*[502] (Vallejo, 2015, p. 29).

É por isso que pesquisas como a de Vallejo (2015) e nossa tese intentam reconfigurar esse passado unilateral eurocentrista e falocêntrico, com a pretensão de reconstruir imagens de mulheres dominadas física e/ou ideologicamente por atitudes e discursos masculinos, como aconteceu com Anacaona e tantas outras mulheres ao longo da história. Nesse intento, apontamos o potencial descolonizador de produções literárias que dão espaço a essas mulheres e o pensamento decolonial que delas

[502] Nossa tradução: Toda a informação que temos se trata de uma ‘representação’ de Anacaona; não temos nada dela que tenha chegado até nós diretamente; sempre foram ‘outros’ que a retrataram e representaram, quase exclusivamente homens, e homens da cultura que a extinguiu e massacrou sua raça – retratos sempre criados também para ‘outros’ (Vallejo, 2015, p. 29).

emana quando se pensa na situação histórica dos nativos americanos no processo de colonização do continente e, mais ainda, da mulher nativa nesse contexto.

Esses são processos ativos de leitura, movidos pelos princípios do pensamento decolonial, ações concretas de incentivo à formação do leitor crítico, da formação continuada dos docentes e de expansão da qualidade de vida, que são impulsionados pelas ações de pesquisa e extensão promovidas pelo Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" e acolhidas na linha de pesquisa "Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados", do PPGL – Unioeste/Cascavel-PR.

Constatamos, a partir da análise dos materiais históricos que compõem nosso *corpus*, que os registros da historiografia oficial hegemônica escrita pelos colonizadores e cronistas europeus ocultam, majoritariamente, as ações de Anacaona como chefe de sua comunidade taína em Guanahaní/"*La Española*", após a morte de seu irmão, Behechio, e de seu marido, Caonabó. No *Diário* (1492-1493) e nas *Cartas* da segunda viagem de Colombo à América (1493-1495), não encontramos qualquer alusão à figura dessa cacica. Nesses registros, as menções ocupam-se de seu marido, Caonabó, com quem Colombo travou embates e a quem culpabilizou pela morte de um grupo de espanhóis deixados por ele na ilha, ao regressar à Europa após a sua primeira viagem ao Caribe. Entretanto, o discurso desse explorador espanhol sobre o cacique taíno mostra manipulações e divergências em seus registros, conforme apresentamos em nossa análise.

Pietro Martire d'Anghiera, o primeiro cronista/historiador a se referir ao continente americano como o "Novo Mundo", descreve, em *De Orbo Novo* ([1530] 1912), os primeiros contatos entre nativos indígenas e estrangeiros europeus na América. Em seus registros, Anacaona é apresentada como a "ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, [...] graciosa, inteligente e prudente" (Anghiera [1530] 1912, p. 123). O cronista afirma que a cacica havia aprendido a lição com o exemplo da morte de seu marido e, por isso, persuadiu seu irmão a se submeter aos cristãos. Temos, no registro feito por Anghiera ([1530] 1912), uma das primeiras construções ideológicas de Anacaona como uma mulher pacificadora e submissa aos colonizadores espanhóis. Cabe reiterar que, apesar da descrição dedicada à cacica taína, Anghiera ([1530] 1912) não faz referência ao assassinato da líder taína e de

seu povo, diferentemente do frei Bartolomeu de Las Casas, um dos únicos registros da historiografia tradicional que descreve o massacre de Xaraguá. Em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), Las Casas diverge dos outros documentos oficializados e denuncia os maus tratos sofridos pelos nativos em decorrência das campanhas colonizadoras nos séculos XV e XVI. O relato de Las Casas é o único registro da história tradicional oficializada, escrita por navegantes e cronistas europeus, em que encontramos alusão ao enforcamento de Anacaona e mais detalhes sobre o extermínio de sua comunidade pelos espanhóis.

Assim como no material histórico pertencente ao nosso *corpus*, as três obras ficcionais analisadas, escritas por autores homens, também criam uma construção ideológica em torno da imagem de Anacaona como uma mulher bela e pacificadora. A obra *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), do escritor espanhol Francisco José Orellana, é considerada um romance histórico tradicional e apresenta um viés acrítico com relação à historiografia tradicional europeia. Dentre as quatro obras de nosso *corpus* ficcional, a diegese de Orellana (1860) é a que configura a personagem Anacaona da maneira mais submissa perante as figuras masculinas, especialmente às dos colonizadores espanhóis. A voz narrativa descreve-a como "quase branca", "*de un perfil correcto, aunque de tipo índio*[503]" (Orellana, 1860, p. 13), para aproximá-la aos padrões do colonizador europeu, com destaque à pele clara e ao perfil "correto".

Nesse relato ficcional, a cacica apresenta-se como amiga dos espanhóis e lhes pede ajuda para controlar os ímpetos de violência do seu marido, Caonabó, afirmando, ainda, que "– *Yo amo á los blancos y no quiero su muerte: vengo á salvarte á tí y á los tuyos, porque soy agradecida*[504]" (Orellana, 1860, p. 13). Ela também é caracterizada, em muitos momentos, como uma mulher fraca, como quando afirma: "*Si Caonabó no obedeciese á los impulsos de sus pasiones acaloradas* [...] *yo, débil mujer, olvidaría los ultrajes que me ha hecho, colgaría un carcaj á mi espalda, tomaría*

[503] Nossa tradução: de forma correta, embora como indígena (Orellana, 1860, p. 13).

[504] Nossa tradução: Amo os brancos e não quero a morte deles: venho salvar a você e aos seus, porque lhes sou grata (Orellana, 1860, p. 13).

el arco y combatiria á su lado[505]" (Orellana, 1860, p. 18). Em outros, é representada como uma líder destemida, conforme vemos em:

> […] *avanzaron guiados por Caonabó y por la intrépida Anacaona, que se tenia en pié sobre el palaquin, agitando su espada y dando alientos á sus guerreros. Cumplia su palabra: ella, la tierna Flor-de-Oro, la amiga de los españoles, la partidaria de la paz, habia prometido pelear en defensa de su patria, y daba muestras de su valor permaneciendo serena en medio del peligro*[506] (Orellana, 1860, p. 122).

Essa construção fictícia da personagem taína como uma mulher bela e pacificadora também está presente nas obras *Anacaona y las tormentas* (1994), do autor colombiano Luis Dario Bernal Pinilla, e *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), do espanhol Jordi Díez Rojas, ambas classificadas como romances históricos contemporâneos de mediação, que apresentam um viés crítico sobre a história tradicional referente à colonização. Essas obras são por nós consideradas projetos estéticos decoloniais.

Para analisar a construção dessa personagem nos romances analisados, consideramos o que Rosenfeld (2007) aponta sobre a importância que a personagem tem para estabelecer o caráter fictício ou não-fictício de um texto. Um romance pode iniciar com descrições de lugares, assim como apresentar uma carta, diário ou obra histórica, mas é o surgir de um ser humano que estabelece, de fato, uma situação concreta em um relato ficcional. Segundo Rosenfeld (2007), no caso dos romances históricos, as pessoas (históricas) podem se tornar um ponto zero de orientação ou serem focalizadas pelo narrador e, assim, passam a ser personagens – deixam de ser objetos para se tornar sujeitos que podem se referir a si mesmos. Vale lembrar que "em todas as artes literárias e as que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente 'constitui' a ficção" (Rosenfeld, 2007, p. 27).

Em Pinilla (1994), a voz narrativa explica que a personagem Anacaona "*busca sellar la paz y recuperar la tranquilidad que desde la llegada de Cristóbal Colón, en*

[505] Nossa tradução: Se Caonabó não obedecesse aos impulsos de suas paixões acaloradas [...] eu, uma mulher fraca, esqueceria os insultos que me fez, penduraria uma aljava nas costas, pegaria o arco e lutaria ao seu lado (Orellana, 1860, p. 18).

[506] Nossa tradução: [...] avançavam guiados por Caonabó e pela intrépida Anacaona, que ficava no palanquim, brandindo a espada e encorajando seus guerreiros. Mantinha sua palavra: ela, a terna Flor-de-Oro, a amiga dos espanhóis, a defensora da paz, prometeu lutar em defesa da sua pátria e mostrou coragem ao manter a calma no meio do perigo (Orellana, 1860, p. 122).

diciembre de 1492, desea para su pueblo[507]" (Pinilla, 1994, p. 14), e que sua comunidade taína era a única da ilha que respeitava as tributações impostas pelos colonizadores. Na diegese de Rojas (2017), essa característica de pacificadora é apresentada em diversos momentos, como quando ela pede a seu marido, Caonabó, que considere a possibilidade de que os exploradores espanhóis não sejam inimigos, conforme lemos em:

> *– Gran Caonabó, ¿no habéis pensado ni por un momento que quizá Guacanagarí tenga razón y que esos hombres no sean los enemigos que decís, sino un pueblo amigo con quien crecer de la mano? Vos mismo afirmasteis que al verlos llegar os escondisteis y les atacasteis – se acercó Anacaona*[508] (Rojas, 2017, p. 94).

Ambas as narrativas, de Rojas (2017) e de Pinilla (1994), exaltam, ainda, a beleza da personagem. Em Rojas (2017), há a construção de uma beleza pura, que remete à de uma flor, como em *"– Anacaona – repitió el rey, y sonrió –, la belleza de una flor y la pureza del oro*[509]" (Rojas, 2017, p. 26), e, ao mesmo tempo, uma constante objetificação de seu corpo, em momentos como: "*Caonabó se reprochó de inmediato haber caído de esa forma ante los encantos de la princesa y trató, sin éxito, de contestar. Sus ojos no podían dejar de recorrer su cuerpo con mucho más interés del que intentaba demostrar*[510]" (Rojas, 2017, p. 74).

Na diegese de Pinilla (1994), Anacaona é apresentada como "*la bella Anacaona*[511]" (Pinilla, 1994, p. 7) e, assim como na ficção de Rojas (2017), também é objetificada e sexualizada, como na cena em que está sendo levada como prisioneira e "*sus lábios, jugosos, se destacan, provocan*[512]" (Pinilla, 1994, p. 26), e um dos

---

[507] Nossa tradução: Busca estabelecer a paz e recuperar a tranquilidade que, desde a chegada de Cristóvão Colombo, em dezembro de 1492, deseja para o seu povo (Pinilla, 1994, p. 14).

[508] Nossa tradução: – Grande Caonabó, você não pensou por um momento que, talvez, Guacanagarí tenha razão e que esses homens não são os inimigos que você diz, mas um povo amigo com o qual crescer de mãos dadas? Você mesmo afirmou que quando os viu chegar escondeu-se e os atacou – Anacaona aproximou-se (Rojas, 2017, p. 94).

[509] Nossa tradução: '– Anacaona' – repetiu o rei e sorriu –, 'a beleza de uma flor e a pureza do ouro' (Rojas, 2017, p. 26).

[510] Nossa tradução: Caonabó imediatamente censurou-se por ter caído assim diante dos encantos da princesa e tentou, sem sucesso, responder. Seus olhos não podiam deixar de percorrer seu corpo com muito mais interesse do que tentava demonstrar (Rojas, 2017, p. 74).

[511] Nossa tradução: a bela Anacaona (Pinilla, 1994, p. 7).

[512] Nossa tradução: Seus lábios, suculentos, se destacam, provocam (Pinilla, 1994, p. 26).

soldados tenta agarrá-la e a beijar à força. Em contraste às escritas literárias de homens analisadas, temos, em Danticat (2015), obra escrita por uma mulher, o único romance que apresenta uma voz narrativa autodiegética da personagem Anacaona, e que não enfatiza sua beleza nem objetifica seu corpo. Os acontecimentos dos relatos ficcionais de Orellana (1860) e de Pinilla (1994) são contados por uma voz narrativa heterodiegética, que apresenta a fala de Anacaona e de outras personagens por meio de um discurso relatado, no qual se utilizam transcrições diretas das falas. O mesmo acontece em um dos eixos narrativos de Rojas (2017), também narrado em um nível extradiegético. O outro eixo da diegese de Rojas (2017) é apresentado por uma voz narrativa autodiegética, em um nível intradiegético. Essa voz, porém, não é a da personagem Anacaona, mas, sim, do Frei Ramón Paner, outra personagem de extração histórica. Notamos, na escolha da voz e nível narrativos, outro contraste entre as obras de autores homens e mulheres. As três obras escritas por autores homens configuram a personagem Anacaona a partir de relatos alheios, por uma voz narrativa heterodiegética ou uma voz autodiegética de outra personagem masculina. A obra escrita por uma autora mulher é a única que escolhe apresentar o relato da personagem Anacaona como a voz narrativa da diegese.

Segundo Brait (1985), a escolha de uma narração feita em nível extradiegético, por uma voz enunciadora heterodiegética (em terceira pessoa, como se refere a autora), simula um registro contínuo, que focaliza a personagem nos momentos que interessam ao andamento dos acontecimentos e à materialização dos seres envolvidos. Essa escolha narrativa carece de recursos que confiram verossimilhança às personagens e aos acontecimentos narrados – como acontece em Orellana (1860), em Pinilla (1994) e em um dos eixos narrativos de Rojas (2017). Já na narrativa em nível intradiegético e em voz autodiegética, ou mesmo homodiegética (em primeira pessoa, como expressa a autora), a personagem está envolvida nas ações e, portanto, as descrições, definições e construções fictícias que dão a impressão de vida chegam ao leitor por meio do relato de uma personagem – como ocorre na diegese de Danticat (2015) e no eixo narrativo intradiegético de Rojas (2017).

Ainda que as obras de Rojas (2017) e Pinilla (1994) apresentem uma perspectiva crítica decolonial sobre a história de Anacaona e o povo taíno, suas diegeses reforçam algumas das ideologizações construídas em torno da imagem dessa autóctone pelos cronistas e colonizadores espanhóis que escreviam sobre o

"Novo Mundo". Por meio de manipulações textuais, os autores da historiografia tradicional reforçavam o "discurso da maravilha" americana (com base em Milton, 1992b) e apresentavam os nativos sob o prisma do "mito do bom selvagem" (consoante a Báez, 2009). Anacaona, figura histórica majoritariamente ocultada, possui poucas menções nesses registros oficializados, as quais reforçam sua imagem de mulher pacificadora e bela – assim como as obras escritas por homens apresentadas nesta tese também o fazem, em diversos momentos de suas diegeses.

Já em Danticat (2015), a configuração ficcional de Anacaona diverge desse padrão exaltador de características socialmente relacionadas ao feminino, da mulher bela e conciliadora. A personagem é apresentada como forte, independente e em nível de igualdade com as personagens masculinas. A única referência, nesta obra, a Anacaona com o adjetivo "linda" é feita no prólogo, que é narrado por uma voz heterodiegética, como lemos a seguir: "*At the feast, to which the beautiful Anacaona is reported to have arrived covered only in flowers*[513] [...]" (Danticat, 2015, p. 159).

Essa representação literária condiz com o que Lobo (1997) afirma sobre a literatura de autoria feminina, a qual precisa ganhar maior espaço no universo da literatura mundial, permitindo que a mulher se posicione a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, os quais constituem um olhar da diferença. Segundo a autora, o texto literário feminista apresenta um sujeito de enunciação consciente de seu papel social, uma consciência que a autora pode colocar na voz de personagens ou no narrador, por exemplo, e que demarca uma posição de confronto social. Na literatura de autoria feminina, existe espaço para um discurso de alteridade político, por meio de obras nas quais a literatura é construída por uma tomada de consciência de um papel social. Do contrário, há um apagamento das diferenças, e não a existência de uma voz alternativa ou da expressão de uma minoria.

Outro aspecto constatado na análise comparativa das obras estudadas, e que também difere no romance escrito por uma autora mulher, é o protagonismo da personagem Anacaona. Para Brait (1985), a protagonista é a personagem principal, aquela que recebe o primeiro plano. No relato ficcional de Danticat (2015), a líder taína pode ser considerada personagem protagonista, o que se justifica não apenas pela escolha da voz narrativa autodiegética dessa personagem, mas, também, por suas

[513] Nossa tradução: Na festa, à qual a bela Anacaona teria chegado coberta apenas de flores (Danticat, 2015, p. 159).

ações, perspectivas e relatos, que situam sua figura sempre no primeiro plano da diegese. As obras escritas por homens, porém, apesar de receberem o próprio nome da cacica como título, constroem um relato ficcional no qual Anacaona divide o protagonismo com outras figuras.

Em Rojas (2017), um dos eixos narrativos principais é narrado em um nível intradiegético e protagoniza os relatos autodiegéticos da personagem Ramón Paner, que conta suas experiências desde sua viagem ao "Novo Mundo", suas vivências na *Isla de Ahíti/La Hispaniola* (nomenclatura utilizada no romance para o território de Guanahaní/"*La Española*"), até a sua morte no Monastério de *San Jerónimo de la Murtra* – cena que caracteriza o marco inicial e final da diegese. O segundo eixo narrativo de Rojas (2017), narrado em nível extradiegético, por uma voz heterodiegética, protagoniza as ações de Anacaona e de seu marido Caonabó. Não é possível, portanto, considerar Anacaona como a protagonista dessa obra, apesar de ela figurar como uma dessas personagens principais do romance.

Na ficção de Pinilla (1994), o evento do massacre de Xaraguá e o enforcamento de Anacaona são ficcionalizados logo no início da diegese, e a voz narrativa é centralizada, especialmente, nas atitudes da personagem Torres e nas mudanças que sofre com relação ao tratamento que tem com os nativos do "Novo Mundo", pois, no início, é cruel e violento com os indígenas e, no final, defende-os. Anacaona não tem um papel protagonista nessa obra, mas sua imagem é um dos símbolos que reflete as mudanças na personagem Torres ao longo da diegese, em especial por seu assassinato, que segue sendo memória recorrente nos pensamentos de Torres e é projetado na morte de outra personagem feminina, Lucía, filha de Torres.

No romance histórico tradicional de Orellana (1860), conforme apresentado em nossa análise, consideramos possível classificar a personagem Cristóvão Colombo como protagonista. Apesar de Anacaona receber bastante foco ao longo da diegese, Colombo é representado como um herói, o qual, consoante a Brait (1985), é a que recebe a tinta emocional mais viva e marcada. Essa constatação fica clara na análise comparativa das descrições das mortes dessas personagens, por exemplo – enquanto o enforcamento de Anacaona é descrito sem muitas alegorias ou detalhes, o falecimento de Colombo recebe grande enaltecimento, não apenas provenientes da voz narrativa, a qual afirma que ele "*habia muerto para vivir siempre*[514]" (Orellana,

[514] Nossa tradução: Havia morrido para viver para sempre (Orellana, 1860, p. 524).

1860, p. 524), mas, também, pelas palavras da própria filha de Anacaona, Higuamota, outra figura feminina submissa à soberania masculina neste romance, que o visita em seu leito de morte e tece comentários enaltecedores ao navegante espanhol.

Por outro lado, as três obras escritas por homens analisadas denunciam a violência contra a mulher autóctone na América colonial. Em Orellana (1860), a figura feminina é sempre subjugada à masculina e reduzida a uma posse, a quem um homem poderia atribuir, inclusive, um novo nome – como a personagem Higuamota, batizada como “Emilia” pelo espanhol Hernando. No relato ficcional de Pinilla (1994), as mulheres são configuradas como um entretenimento aos homens e comparadas a um jogo de cartas: os homens alternam-se entre a mesa, onde acariciam os naipes, e a cama, onde acariciam as nativas. Os *encomenderos* confessam que secavam o leite das nativas que estavam amamentando, para que seus filhos morressem e, assim, pudessem violentá-las sexualmente outra vez. De maneira análoga, a voz narrativa de Rojas (2017) descreve a cobiça dos homens perante as nativas e o estupro de Anacaona pela personagem Alonso de Ojeda.

A narrativa de Danticat (2015), porém, não apresenta denúncias a esse tipo de violência às mulheres nativas do continente, sobre a qual existem alguns registros na historiografia oficializada, como os do frei Bartolomeu de Las Casas. A voz narrativa desse romance apenas levanta a questão desigual da possibilidade dos homens taínos serem casados com mais de uma esposa – Anacaona seria uma das esposas de Caonabó, e não a única. O contrário, no entanto, não é representado; ou seja, não há a criação ficcional de uma personagem mulher que tenha mais do que um marido. Esse seria um direito exclusivo dos homens.

Vemos, nessa análise comparativa, que as obras de escritores homens analisadas apresentam uma maior criticidade com relação à maneira como as mulheres autóctones eram tratadas pelos homens no período da colonização da América pelo império espanhol. As diegeses de Orellana (1860), Pinilla (1994) e Rojas (2017) são muito mais explícitas quando ficcionalizam a violência sofrida pelas nativas de Guanahaní/“*La Española*”. A narrativa de Danticat (2015) também recria, ficcionalmente, as atrocidades sofridas pelos povos aborígenes, como quando descreve o encontro de Anacaona e Caonabó com vários corpos decapitados, crianças assassinadas e uma mulher grávida morta, com seu ventre separado do corpo, vítimas dos homens brancos recém-chegados em suas terras. Sua diegese,

porém, não se aprofunda tanto nessa temática, o que pode ser justificado pela escolha de narrar os primeiros encontros e o início dos confrontos travados entre os nativos americanos e os colonizadores europeus. A obra de Danticat (2015) é a única das quatro analisadas que não ficcionaliza o massacre de Xaraguá, mas indica, em seu epílogo, que Cristóvão Colombo voltaria com mais homens, prenderia Caonabó, como vingança pelo ataque ao forte *La Navidad*, e escravizaria os taínos para trabalhar em minas de ouro e plantações de tabaco e algodão. A voz narrativa descreve que

> […] *overworked and malnourished, and often flogged and tortured, the Taínos succumbed to starvation as well as such European diseases as smallpox, malaria, yellow fever, influenza, and measles. Others burned down their villages, fled to the mountains, or killed themselves*[515] (Danticat, 2015, p. 158).

Com relação à figura de Caonabó, as quatro obras analisadas ficcionalizam o ataque liderado pelo cacique taíno ao grupo de espanhóis deixados por Colombo em Guanahaní/"*La Española*", em sua primeira viagem de regresso à Espanha. As narrativas críticas de Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017) recriam esse ataque de Caonabó e seus homens ao forte espanhol como uma vingança à invasão e aos massacres previamente realizados pelos espanhóis em terras taínas. A voz narrativa de Rojas (2017) relata, inclusive, o assassinato de Onaney, esposa de Caonabó antes de Anacaona, e de seu filho, Tuobabó, fato que leva o cacique a buscar vingança e a atacar os espanhóis culpados da morte de sua família.

Em contrapartida, a diegese de Orellana (1860), obra acrítica, não justifica o ataque do líder taíno pelas ações prévias dos colonizadores e aponta, ainda, a morte de 49 espanhóis neste evento, um número maior do que aquele apresentado nos registros oficializados para a quantidade de espanhóis mortos neste ataque, os quais variavam entre 20 e 39, segundo diferentes relatos feitos, em distintos momentos, por Colombo para os monarcas espanhóis, financiadores das expedições marítimas.

As diferentes representações fictícias de Anacaona e Caonabó refletem a criticidade dos romances aos quais nos voltamos nesta tese. O romance histórico tradicional de Orellana (1860), o único romance histórico acrítico do nosso *corpus*,

[515] Nossa tradução: Sobrecarregados de trabalho e desnutridos, e muitas vezes, açoitados e torturados, os taínos sucumbiram à fome e às doenças europeias como varíola, malária, febre amarela, gripe e sarampo. Outros incendiaram as suas vilas, fugiram para as montanhas ou suicidaram-se (Danticat, 2015, p. 158).

corrobora o discurso disseminado durante séculos pela historiografia tradicional hegemônica europeia. Para isso, a voz narrativa utiliza técnicas escriturais como a verossimilhança, ao apresentar registros que foram escritos pelos "*cronistas mas verídicos*[516]" (Orellana, 1860, p. 72), e a exaltação de heróis nacionais criados, como Cristóvão Colombo, intensamente exaltado na diegese de Orellana (1860) como o homem mais sábio, prudente, generoso, humilde, de quem sempre nos lembraremos pelos seus grandes feitos na história.

As representações de Anacaona nas três obras de viés crítico que apresentamos – de Pinilla (1994), de Danticat (2015) e de Rojas (2017) –, configuram a personagem, por meio de diferentes estratégias de escrita, como uma mulher detentora de poder, uma líder que não se rendeu àqueles que representavam uma ameaça à sua nação e, por isso, viu seu povo ser massacrado e foi enforcada pelos colonizadores espanhóis. Essas diegeses exaltam esse caráter de resistência, embate, enfrentamento e resiliência da autóctone, que era muito respeitada entre os taínos. Tal construção literária possibilita a identificação de leitoras com Anacaona, a qual pode ser considerada um símbolo de força e resistência feminina, uma vez que a personagem romanesca, para Candido (2007), possibilita uma adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência, por exemplo.

A escritora Torres (2019), autora da obra *Anacaona: the golden flower queen/la reina flor de oro*, que ficcionaliza Anacaona na literatura infantil/juvenil, utiliza o recurso da metanarração para reforçar a importância dessa identificação dos leitores, em especial das mulheres, com a personagem Anacaona. A voz narrativa de sua obra declara o seguinte: "*Su historia dice a todos, y en especial a las mujeres, que no dejes que nadie tome control de ti y que seas fiel a quien eres. Siempre deberíamos recordar a Anacaona, la Reina Flor de Oro*[517]" (Torres, 2019, s. p.). É nesse sentido que Candido (2007) reitera que o romance se baseia, especialmente, na relação que estabelece entre o ser vivo e o ser fictício, construída por meio da personagem.

A verossimilhança nos romances analisados é garantida pelo entrelaçamento do material histórico ao material ficcional. As quatro narrativas híbridas apresentam

[516] Nossa tradução: cronistas mais verdadeiros (Orellana, 1860, p. 72).

[517] Nossa tradução: Sua história fala por todos, principalmente pelas mulheres, para que não deixem ninguém ter o controle de você. Para ser fiel a quem você é. Devemos sempre nos lembrar de Anacaona, a Rainha Flor de Ouro (Torres, 2019, s. p.).

várias personagens de extração histórica e, também, um relato linear, demarcado por datas que se aproximam dos registros da historiografia oficializada, como a da chegada de Colombo e seus homens a Guanahaní/"*La Española*", registrada em 12 de outubro de 1492, pelo próprio navegante em seu *Diário de Bordo* ([1492-1493] 1997). O relato ficcional de Orellana (1860) faz alusão ao ano de 1493 para a chegada do grupo de espanhóis liderado por Colombo ao continente americano, como vemos em: "*A principios del año 1494, es decir, uno despues de aquel en que los españoles pusieron la planta por primera vez en la isla de Haiti*[518] (Orellana, 1860, p. 6). A diegese de Pinilla (1994) aponta o ano de 1492, como no excerto: *"desde la llegada de Cristóbal Colón, em diciembre de 1492*[519]" (Pinilla, 1994, p. 14). A obra de Danticat (2015) demarca, em seu prólogo, a contextualização de tempo e espaço nos quais o relato ficcional será construído: "Haiti, 1490", e, após a narrativa detalhada pelos dias e as fases da lua, que representam cada entrada no diário de Anacaona, o epílogo da obra indica o ano de 1493, alguns meses depois do primeiro encontro entre taínos e espanhóis, como o retorno de Cristóvão Colombo para Guanahaní. O eixo narrativo extradiegético da diegese de Rojas (2017) apresenta o ano de 1492, conforme lemos em: "*La Hispaniola, la isla en la que el Almirante había dejado a treinta e nueve de sus hombres al embarrancar la Santa María en la víspera de la Natividad de Nuestro Señor del año de mil cuatroçientos noventa e dos*[520]" (Rojas, 2017, p. 127).

Conforme descrevemos previamente em nossa análise, os registros do frei Bartolomeu de Las Casas são os únicos do nosso *corpus* historiográfico que mencionam o enforcamento de Anacaona. No universo literário, os romances históricos analisados revisitam, de diferentes maneiras, o evento do massacre de Xaraguá, sobre o qual encontramos referências ínfimas na historiografia tradicional, como a menção de Las Casas, que descreve esse evento como, de fato, um massacre, e a de Hernán Cortés, que apenas cita uma guerra liderada por Diego Velazquez contra Anacaona.

---

[518] Nossa tradução: No início do ano de 1494, ou seja, um ano após o ano em que os espanhóis chegaram pela primeira vez na ilha do Haiti (Orellana, 1860, p. 6).

[519] Nossa tradução: [...] desde a chegada de Cristóvão Colombo, em dezembro de 1492 [...] (Pinilla, 1994, p. 14).

[520] Nossa tradução: La Española, a ilha onde o almirante havia deixado trinta e nove dos seus homens quando a *Santa María* encalhou na véspera da Natividade de Nosso Senhor no ano mil quatrocentos e noventa e dois (Rojas, 2017, p. 127).

Em Orellana (1860), há a tentativa de inocentar a personagem Ovando pelo massacre, culpabilizando a personagem Julian pela falsa acusação de que os caciques taínos reunidos em Xaraguá estavam planejando assassinar todos os espanhóis. A voz narrativa conta que Ovando quer acreditar nas boas intenções da cacica Anacaona, que os havia recebido em suas terras, mas acaba sendo convencido por Julian do contrário e, por isso, leva a cabo o ataque àquela comunidade taína e a posterior execução de Anacaona. A culpabilização de outra personagem pelo rumor da traição dos taínos é uma estratégia de edificação também da personagem Ovando, assim como a diegese faz com a imagem de Cristóvão Colombo.

A ficcionalização da morte de Anacaona na obra de Orellana (1860) não recebe muita atenção e se reduz a um parágrafo. Em contraposição, a morte de Colombo é narrada com pormenores, por meio de uma narrativa romantizada, que fortalece a edificação da imagem dessa personagem. A representação ficcional do genocídio dos taínos liderados por Anacaona e do enforcamento da cacica, nesse romance histórico tradicional, é uma das exemplificações mais claras do caráter acrítico da obra, assim como o enaltecimento de personagens igualmente exaltados na historiografia tradicional europeia.

Os romances históricos contemporâneos de mediação de Pinilla (1994) e de Rojas (2017) descrevem o massacre de Xaraguá e o enforcamento de Anacaona de maneira mais crítica perante a historiografia tradicional. A diegese de Pinilla (1994), porém, ocupa-se mais dos eventos que acontecem depois do massacre, e levanta críticas às violências e aos abusos sofridos pelos nativos da América colonial, por meio de personagens ficcionais como Torres e sua família. Por outro lado, temos, em Rojas (2017), um maior foco aos acontecimentos do massacre, à captura e morte de Caonabó e de Anacaona, e uma maior desconstrução da imagem edificada pela historiografia oficial de colonizadores como Cristóvão Colombo, o qual, na ficção de Rojas (2017), impõe tributos e aplica mutilações aos nativos.

Já no romance histórico contemporâneo de mediação de Danticat (2015), a diegese prepara o leitor para o que acontecerá à comunidade liderada por Anacaona quando os invasores espanhóis regressarem a Guanahaní e, apenas em seu epílogo, descreve o massacre de Xaraguá, pelo seguinte excerto:

> *To quell the last remaining sparks of resistance, Columbus's men carried out regular raids, capturing and killing hundreds of Taíno fighters. In 1503, the new Spanish governor, Nicholas Ovando, requested a meeting with Anacaona. At the feast, to which the beautiful Anacaona is reported to have arrived covered only in flowers, Ovando ordered his men to kill the more than eighty Taínos she had assembled to greet him. These Taínos were either shot, clubbed to death, or set on fire. Because of her high standing, Anacaona was spared a fiery or bloody end. Instead she was hanged at twenty-nine years old*[521] (Danticat, 2015, p. 158-159).

Como podemos ver, as obras ficcionais analisadas revisitam e recriam os acontecimentos decorrentes das relações estabelecidas entre os nativos taínos e os colonizadores espanhóis, por meio de narrativas literárias que são manipuladas a partir de diferentes intenções. O romance histórico tradicional de Orellana (1860) descreve o genocídio sofrido pelas comunidades nativas, mas, ao mesmo tempo, reforça o caráter exaltador da "conquista" espanhola na América, da mesma maneira que faziam os cronistas e exploradores dos séculos XV e XVI.

Os registros de Cristóvão Colombo, por exemplo, constroem uma imagem dos autóctones de Guanahaní/"*La Española*" como submissos, ingênuos, sem uma cultura ou religião própria e, portanto, propensos a aceitar as imposições culturais, religiosas e linguísticas que a coroa espanhola desejava impor, com a pretensão de dominar aquelas terras e seu povo. Já sobre os nativos que não se mostravam complacentes, como foi o caso do cacique Caonabó, marido de Anacaona, os escritos de Colombo alertavam a necessidade de reprimir tais rebeldias, que poderiam representar um impedimento no avanço da tomada de territórios e riquezas pelo império espanhol.

Assim como os registros da historiografia tradicional hegemônica manipulavam seu discurso para assegurar os domínios imperialistas de suas nações europeias – como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), de Cristóvão Colombo, as *Cartas de Relaciones* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés, e *De Orbo Novo* ([1530] 1912), de Pietro Martire d'Anghiera –, o romance de Orellana (1860) também manipula sua narrativa para exaltar as "conquistas" desses mesmos

[521] Nossa tradução: Para reprimir as últimas faíscas de resistência, os homens de Colombo realizaram ataques regulares, capturando e matando centenas de guerreiros taínos. Em 1503, o novo governador espanhol, Nicolás de Ovando, solicitou um encontro com Anacaona. Na celebração, à qual teria chegado a bela Anacaona coberta apenas de flores, Ovando ordenou a seus homens que matassem os mais de oitenta taínos que ela havia reunido para recebê-lo. Esses taínos foram baleados, espancados até a morte ou incendiados. Por causa de sua posição nobre, Anacaona foi poupada de um fim violento ou sangrento. Em vez disso, ela foi enforcada aos vinte e nove anos de idade (Danticat, 2015, p. 158-159).

impérios europeus. A voz narrativa da obra diferencia as personagens autóctones entre aquelas que eram submissas e respeitosas, que reconheciam a superioridade da raça branca sobre a própria – como Anacaona – e as que representavam uma ameaça à ascensão do império – como Caonabó.

A maneira como esse romance tradicional configura essas diferentes personagens ficcionais assemelha-se às manipulações presentes no discurso de exploradores como Colombo e de cronistas como Anghiera, que registravam suas perspectivas sobre o "Novo Mundo" de acordo com suas intenções de dominar esses territórios para os impérios que os contratavam. Os registros dos séculos XV e XVI tornaram-se o que foi considerado, por muitos séculos, uma representação da "história oficial", uma suposta representação da "verdade", mas que se limita a uma narrativa unilateral que subjugou figuras como a da cacica Anacaona e de seu povo taíno.

Apesar dos registros do frei Bartolomeu de Las Casas (1552, 1875) apresentarem denúncias às violências sofridas pelos nativos no período da colonização, os escritos de eclesiásticos como os dele ao império também manipulavam seu discurso com a intenção de seguir com a conversão dos autóctones à fé cristã. Assim como os exploradores e navegantes, os religiosos que viajavam ao "Novo Mundo" também desempenhavam funções sob ordens dos impérios europeus, como a missão de catequizar os nativos, uma atitude colonialista que ignorava a existência das crenças próprias desses povos. Muitos deles acabavam, também, alinhando-se às medidas exploratórias de terras e gentes, tornando-se *encomenderos* e donos de escravos que exerciam as funções produtivas para o seu enriquecimento.

As manipulações verificadas nos documentos da história tradicional nos mostram que os exploradores, cronistas e eclesiásticos que escreviam sobre o "Novo Mundo" intentavam apagar a cultura de civilizações como a dos taínos, com a premissa de que seria possível (e, inclusive, aconselhável) impor a doutrina religiosa e a língua ibérica a esses nativos, os quais, segundo alguns registros da historiografia eurocentrista, como os de Colombo, não possuíam uma religião própria e estavam dispostos a acatar o código linguístico do estrangeiro. Os romances de Orellana (1860), Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017) apresentam heteroglossias por meio de vocábulos provenientes de línguas taínas, como *búcio/bohíque*, que se assemelha à figura de um sacerdote; *zemí/cemíe*, representações de espíritos, deuses, fenômenos da natureza ou personalidades; *areyto/areíto*, histórias e poemas

como as que Anacaona compunha e cantava; *caney*, uma casa grande destinada ao(à) chefe(a), dentre outras.

Entretanto, é apenas nos romances contemporâneos de mediação, que apresentam um viés crítico, que verificamos dialogias que constroem enfrentamentos ideológicos entre diferentes discursos, como o discurso dos navegantes, soldados, eclesiásticos e monarcas hispânicos – registrado e propagado pela história tradicional – e o das populações aborígenes americanas – majoritariamente silenciado e ocultado nos registros oficializados, e que busca maneiras de resistir até os dias de hoje. O universo literário é um desses espaços de resistência. Por outro lado, o romance tradicional de Orellana (1860) corrobora a versão unilateral da historiografia tradicional e exalta as “conquistas” ibéricas em suas colônias.

Os romances históricos contemporâneos de mediação de Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017) reconfiguram os eventos do passado a partir de uma perspectiva crítica/mediadora sobre o discurso hegemônico tradicional da historiografia. Cada obra constrói sua criticidade por meio de diferentes técnicas escriturais, que culminam em um espaço da literatura no qual há o enfrentamento à colonialidade e a possibilidade de descolonizar imaginários e crenças previamente estabelecidos por perspectivas coloniais sobre a identidade latino-americana.

Após as comparações mais relevantes entre as obras apresentadas nesta subseção, seguimos à última parte deste texto, na qual expressamos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, dedicamo-nos ao estudo dos romances históricos que revisitam eventos do passado sobre a história da América Latina, em especial, nos séculos XV e XVI, quando reinos europeus, como o espanhol e o português, investiam em expedições marítimas com o intuito de colonizar outros territórios. Essas narrativas híbridas de história e ficção podem corroborar ou confrontar o discurso historiográfico hegemônico tradicional sobre a colonização do continente americano, uma versão escrita exclusivamente pelos europeus, que detinham o conhecimento dessa ferramenta à época, a partir de uma perspectiva europeia sobre os acontecimentos. Esses registros, feitos por exploradores e cronistas contratados pelos reinos ibéricos de seu tempo, foram concebidos como a história oficializada. Tal discurso unívoco perpetuou-se durante séculos, em detrimento de outras visões, consideradas, por essa ótica colonialista, como minoritárias. Estas correspondem às perspectivas outras de sujeitos que tiveram suas vozes reprimidas e foram ocultadas dos escritos oficializados, como é o caso dos povos nativos da América, cujas comunidades, em grande parte, foram exterminadas pelos colonizadores hispânicos.

Um desses grupos subjugados pelos europeus colonizadores e silenciados pela historiografia tradicional é o povo taíno, da ilha de Guanahaní, nomeada "*La Española*" por Cristóvão Colombo, que aportou, em 1492, pela primeira vez, no continente americano, quando tentava chegar às Índias pelo Oeste, em uma expedição financiada pelos reis católicos – Isabel, de Castela, e Fernando II, de Aragão, os quais unificaram o território, atualmente, reconhecido como a Espanha. A região insular de Guanahaní/"*La Española*" corresponde, hoje, às nações do Haiti e da República Dominicana. Os registros sobre os encontros entre colonizadores espanhóis e nativos taínos nessa região restringem-se àqueles escritos pelos espanhóis, como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), de Cristóvão Colombo, a obra *De Orbo Novo* ([1530] 1912), do cronista Pietro Martire d'Anghiera, e a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), do Frei Bartolomeu de Las Casas, as quais constituem o *corpus* das escritas historiográficas desta tese.

No âmbito dos países que sofreram um processo de colonização, os estudos decoloniais têm ganhado espaço nas últimas décadas, a partir de teóricos como Dussel (1942), Quijano (1992), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Mignolo (2007, 2017), Walsh (2009), entre outros, que refletem, na América Latina, sobre essa problemática proveniente do discurso hegemônico europeu sobre a época conhecida como "descobrimento" e "conquista" da América. Essa narrativa, posteriormente reconhecida como a história oficializada – referida nos estudos decoloniais como a retórica da modernidade/civilidade –, foi construída pelos cronistas, navegantes, religiosos e soldados. Eles reportavam aos monarcas os resultados de suas expedições, por meio de diferentes gêneros textuais como cartas, tratados, crônicas, diários, relatos, etc. Os estudos decoloniais ocupam-se dessas inconsistências histórico-sociais e nos apresentam diferentes possibilidades para olhar ao passado com um posicionamento mais crítico, que dá espaço, também, aos sujeitos excluídos ou subjugados por essa narrativa histórica tradicional.

No universo literário, as narrativas híbridas de história e ficção também se ocupam dessas questões. O romance histórico, em suas diferentes fases e modalidades (consoante a Fleck, 2017), apresenta estratégias escriturais que podem corroborar esse discurso histórico oficializado – como é o caso dos romances da fase acrítica, que podem ser tradicionais ou clássicos –, ou confrontar essa narrativa hegemônica tradicional, a partir de um viés decolonial – como os romances da fase crítica/desconstrucionista e da crítica/mediadora[522].

Nesse contexto, voltamo-nos, nesta investigação, a uma das únicas figuras históricas femininas representantes da resistência autóctone perante a colonização europeia na América: a cacica taína Anacaona, que foi enforcada e teve sua comunidade dizimada, em 1503, pelos colonizadores espanhóis, no evento que ficou conhecido como o "massacre de Xaraguá". No universo literário, a nativa taína Anacaona figura como personagem de extração histórica nos seguintes romances: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), por Francisco José Orellana;

[522] São a essas releituras ficcionais que se voltam, também, os estudos do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da Unioeste/Cascavel-PR, espaço no qual esta pesquisa doutoral se insere. Esta investigação também está inserida no contexto do Programa de Doutoramento em Estudos Literários da Faculdade de Filologia e Tradução da Universidade de Vigo (UVigo), na Espanha, sob a cotutela do professor doutor Burghard Baltrusch, diretor do departamento de Filologia Galega e Latina da UVigo, em uma ação de cotutela entre as instituições.

Anacaona y las tormentas (1994), por Luis Dario Bernal Pinilla; *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas – todos esses relatos híbridos escritos em língua espanhola – e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, em língua inglesa. Essas obras correspondem ao nosso *corpus* de extração ficcional que foi analisado nesta pesquisa, cujo intuito foi comprovar ou refutar a hipótese de que a figura de Anacaona foi subjugada, excluída ou minimizada pela historiografia tradicional hegemônica, pois sua atuação não figura nesses registros de maneira significativa, como personagem antagônica ao colonialismo hispânico na América dos séculos XV e XVI. Buscamos revelar, portanto, pela análise das fontes históricas e das releituras ficcionais dessas pelo romance histórico, que os movimentos de embate, resistência e confronto dos nativos americanos foram liderados pelas atitudes de reação e combate lideradas pelo cacique Caonabó – marido de Anacaona – e, posteriormente, pela própria cacica taína Anacaona. Para comprovar nossa tese, realizamos os estudos, as pesquisas e a escrita da qual resultou este texto.

Nosso estudo teve como objetivo geral a intenção de analisar os registros históricos que mencionam a líder taína Anacaona em comparação às ressignificações ficcionais dessa personagem em romances históricos. Esse propósito possibilitou estabelecer aproximações e divergências entre as narrativas históricas e ficcionais sobre a autóctone e, assim, demonstrar como sua imagem é ressignificada pelo universo literário – comprovando-se, dessa maneira, a nossa tese –, espaço que possibilita visibilidade a essa figura histórica representativa do poderio feminino e da resistência frente à colonização europeia na América. Tal desafio foi desenvolvido no estudo realizado e exposto neste texto ao longo de todas as seções de que se compõe nossa escrita, e ancorado pelos pressupostos teóricos que, desde o início, expressamos serem basilares para nosso estudo.

Os encaminhamentos para a efetivação do objetivo geral deram-se pela atenção dada aos objetivos específicos, que incluíram, primeiramente, comparar dados bibliográficos históricos que fazem menção às ações de Anacaona como chefe de sua comunidade taína durante o período de estabelecimento das colônias hispânicas na América, por meio de documentos da historiografia tradicional. Tal objetivo foi realizado na primeira seção da tese, na qual colocamos nosso *corpus* documental em diálogo com pressupostos de Le Goff (1978), Burke (1991, 1992), White (2010) e Fleck (2017), sobre a escrita da história como ciência e do romance

histórico como gênero híbrido de história e ficção. Esses conceitos foram apresentados nas subseções nas quais consta nossa análise do *corpus* de extração histórica, dentre outras referências de estudiosos e historiadores que consideramos relevantes para nosso estudo.

Revisitamos, ainda na primeira seção da tese, os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade, que apoiam nosso cotejo das narrativas históricas e ficcionais analisadas, pelos estudos de teóricos como Dussel (1994), Quijano (1992), Walsh, Linera e Mignolo (2006), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Mignolo (2007, 2017), Walsh (2009), Restrepo e Rojas (2010), Dorado Mendez e Fleck (2022), entre outros. Os procedimentos realizados nessa primeira seção revelaram-nos que a figura da nativa taína Anacaona foi, majoritariamente, ocultada e subjugada nos documentos pertencentes à história tradicional hegemônica escrita pelos exploradores e cronistas que reportavam suas expedições ao “Novo Mundo” durante os séculos XV e XVI.

Nosso segundo objetivo específico foi compreender as diferentes fases e modalidades pelas quais o gênero romance histórico passou, de acordo com as intenções propostas para cada uma dessas expressões e suas técnicas escriturais, as quais decorrem do contexto histórico-social no qual cada autor estava inserido ao produzir esse gênero literário híbrido. Esse objetivo foi atendido na segunda seção, na qual apresentamos a trajetória das diferentes fases e modalidades desse gênero literário, em diálogo com as transformações ocorridas na escrita do discurso historiográfico ao longo dos séculos. Isso se deu com base nas teorias expostas por estudiosos como Aínsa (1991), Márquez Rodríguez (1991), Menton (1993), Weinhardt (1994), Fernández Prieto (2003), Esteves (2007, 2010), Fleck (2007; 2017; 2021), Del Pozo Gonzáles (2017), dentre outros. A compreensão da evolução desse gênero literário híbrido possibilitou-nos analisar com mais clareza as intenções de escrita nos textos analisados nesta investigação.

Nosso terceiro objetivo específico, centrado nas análises comparativas dos romances históricos que ficcionalizam a figura da líder taína Anacaona na literatura adulta, foi cumprido na terceira seção, na qual apresentamos nossa análise comparativa das obras: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana; *Anacaona y las tormentas* (1994), de Luis Dario Bernal Pinilla; *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat; *Anacaona: la última princesa*

del Caribe (2017), de Jordi Díez Rojas. Nessas análises, tecemos comparações com os registros históricos apresentados na primeira seção da tese, assim como os diálogos do nosso *corpus* com a teoria revisitada sobre o romance histórico, as vertentes da história e os conceitos de colonialidade, descolonização e decolonialidade. Para além dos pressupostos teóricos previamente mencionados, baseamos nossa análise em autores como Candido (2007), Rosenfeld (2007), Brait (1985) e Genette (2007), no que diz respeito à configuração da personagem ficcional e à análise da diegese. A análise realizada revelou-nos de que maneira diferentes obras colaboram ou diferem entre si na criação da imagem fictícia de Anacaona, por meio das técnicas escriturais utilizadas em diferentes modalidades do romance histórico.

A primeira hipótese comprovada por meio desta tese foi a de que a atuação de Anacaona foi subjugada e, majoritariamente, excluída ou minimizada pelos registros da historiografia tradicional hegemônica europeia, ao não ser representada, nessas fontes escriturais, como uma figura significativa de embate, ainda que essa personagem histórica seja um dos símbolos da resistência dos nativos perante os massacres e os genocídios identitários, culturais e linguísticos levados a cabo pelos navegantes hispânicos. Nesta tese, revelamos, a partir da análise de fontes históricas e de releituras ficcionais dessas pelo romance histórico, em suas modalidades tradicional e contemporâneo de mediação, que as resistências dos nativos perante a exploração dos colonizadores espanhóis aconteceram, em primeira instância, pelos enfrentamentos liderados pelo cacique Caonabó – marido de Anacaona – e, em seguida, pela própria cacica taína Anacaona, no território insular de Guanahaní/"*La Española*", no final do século XV e início do século XVI.

Essa primeira hipótese apresentada em nossa tese, relacionada à subjugação e à exclusão, nos registros da historiografia tradicional, dos atos de enfrentamento da cacica taína Anacaona, é contemplada, em especial, na análise desses registros oficializados, como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), do explorador Cristóvão Colombo, os escritos do cronista Pietro Martire d'Anghiera, em *De Orbo Novo* ([1530] 1912), e a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011), do Frei Bartolomeu de Las Casas.

Conforme apresentamos em nossa análise, nos relatos de Colombo, por exemplo, existem extensas menções a Caonabó, marido de Anacaona, porque este

representava uma ameaça ao avanço das empreitadas exploratórias nesse território. Não encontramos, no entanto, nenhuma alusão à figura de Anacaona no *Diário de Bordo* (1492-1493) e nas *Cartas* (1493-1495) escritas por Colombo. Os registros de Anghiera mencionam a líder taína, porém, restringem-se a apresentá-la como ex-esposa de Caonabó, bela e inteligente, que era complacente às exigências dos colonizadores hispânicos. O relato de Las Casas é o único que faz alusão a um massacre no reino de Xaraguá e à condenação à forca de sua líder, Anacaona, pelos colonizadores espanhóis.

Comprovamos, portanto, a partir da análise apresentada neste estudo, nossa hipótese do apagamento e subjugação dos feitos de Anacaona nos principais registros da historiografia tradicional sobre os combates travados durante os primeiros contatos entre exploradores espanhóis e nativos no continente americano. Esses documentos são alguns dos textos que poderiam ter apresentado a atuação dessa nativa, que liderou seu povo após a morte de seu irmão, Behechio, e de seu marido, Caonabó, um dos caciques mais influentes da sua região – o que indica que Anacaona também era uma figura de grande importância entre os taínos. A maioria desses relatos, porém, não a representam como esse símbolo de resistência feminina autóctone, pois, em sua maioria, nem sequer mencionam a atuação dessa nativa nas relações estabelecidas entre europeus e nativos em sua época.

Além da previamente citada, algumas outras hipóteses que levantamos neste estudo foram comprovadas. Uma delas é a de que os romances históricos possibilitam revisitar o passado e preencher lacunas para um mesmo evento da história e, assim, ressignificar os registros da historiografia tradicional hegemônica, construída, exclusivamente, pelas narrativas dos colonizadores europeus. Essa hipótese é contemplada na análise comparativa realizada entre nosso *corpus* de extração histórica e ficcional, a partir da qual constatamos, em diversos momentos, lacunas deixadas pelos registros da historiografia tradicional para acontecimentos como a morte do cacique Caonabó, o massacre de Xaraguá e a atuação e assassinato de Anacaona.

Essas lacunas são verificadas, nos registros oficializados, nas divergências dos discursos que relatam os combates e desavenças entre colonizadores hispânicos e nativos taínos, e na maneira como esse discurso historiográfico se restringe aos relatos unilaterais de homens europeus que reportavam seus feitos e percepções à

monarquia. Enquanto a maior parte dos documentos da história tradicional não menciona o assassinato dessa líder nativa e de sua comunidade, o universo literário fornece espaço a essas figuras excluídas da narrativa historiográfica tradicional.

A reconfiguração das lutas e combates entre taínos e espanhóis acontece nos romances históricos apresentados neste estudo, os quais recriam, ficcionalmente, eventos como a chegada dos exploradores europeus ao continente americano, as primeiras convivências entre esses navegantes hispânicos e os nativos taínos da região. Neles, dá-se destaque às batalhas travadas e aos acordos estabelecidos entre esses povos, a captura e morte do cacique Caonabó, o genocídio da comunidade taína do reino de Xaraguá e o enforcamento da cacica Anacaona.

Ainda sobre as fragilidades encontradas no discurso da historiografia tradicional, constatamos, por um lado, as manipulações nas acusações de Colombo ao cacique Caonabó pelo ataque ao forte *La Navidad*, quando Colombo regressa à Espanha, em 1493. Deparamo-nos, por outro lado, com a inexistência de registros do povo taíno ou do próprio cacique Caonabó sobre como esses embates aconteceram, quais teriam sido as ações prévias a esse ataque e qual foi, de fato, o número de homens mortos nesse evento – informação sobre a qual o próprio Colombo diverge em suas *Cartas* aos reis católicos.

As obras literárias analisadas representam um espaço ficcional no qual essas lacunas são contempladas sob diferentes perspectivas, possibilidades e significados para acontecimentos históricos como esses, sobre os quais não é possível redigir um suposto relato “verídico”, mas, sim, somente narrativas subjetivadas, guiadas pelas motivações e crenças pessoais de indivíduos alocados em um espaço histórico, social e ideológico específico. Consideramos, portanto, essa hipótese como comprovada, com base nas divergências e hiatos apontados nos registros históricos e ressignificados pelas narrativas literárias analisadas.

Outra hipótese comprovada nesta pesquisa é a de que o novo romance histórico latino-americano teve grande relevância nas ressignificações literárias dos sujeitos que participaram da colonização da América Latina – não apenas aqueles detentores do poder, autores da historiografia oficializada, mas, também, os grupos minoritários que foram subjugados ou excluídos desse discurso tradicional da história, como a nativa Anacaona e seu povo taíno. Contemplamos essa hipótese pela análise

das técnicas escriturais utilizadas nos romances de Orellana (1860), Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017).

As quatro obras constroem um discurso verossímil, por meio da ativação de personagens históricas – como Cristóvão Colombo, Nicolás de Ovando, Anacaona, Caonabó, Behechio, Bartolomeu de Las Casas, Alonso de Ojeda, e os reis católicos, Isabel e Fernando –, de lugares – como Guanahaní/"*La Española*" e os reinos de Xaraguá, Higuey, Maguana, Marién e Maguá, no continente americano, e o reino da Espanha, no continente europeu –, e de datas que correspondem às mesmas ou se aproximam daquelas registradas na historiografia tradicional – como a da chegada da frota comandada por Cristóvão Colombo à América, em 1492. A partir dessa verossimilhança, que possibilita estabelecer um pacto de leitura e apresentar o relato fictício como uma possibilidade de ressignificação do passado, esses romances reativam conhecimentos sobre as populações originárias do continente americano, ao apresentar aspectos de sua cultura, língua e religião.

Enquanto os registros da historiografia tradicional manipulam e ocultam a identidade cultural, linguística e religiosa de povos aborígenes como os taínos, os romances de Orellana (1860), Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017) reativam, no universo literário, conhecimentos sobre esses autóctones, por meio da ressignificação de personagens históricas que representam a nacionalidade taína, e das heteroglossias que representam a língua desses povos. No caso dos romances críticos de Pinilla (1994), Danticat (2015) e Rojas (2017), temos, ainda, o emprego da dialogia, construída pelo embate ideológico entre o discurso eurocentrista e o discurso decolonial. Constatamos, portanto, que essas técnicas escriturais – construídas a partir de um viés crítico/decolonial –, recorrentes nas modalidades do novo romance histórico latino-americano e do romance histórico contemporâneo de mediação, possuem um papel fundamental nas ressignificações literárias da colonização do continente latino-americano, pois possibilitam que os sujeitos participantes dessa história sejam reconfigurados a partir da literatura. Consideramos comprovada, portanto, essa hipótese apresentada.

Como última hipótese, também comprovada, temos a manipulação do discurso dos "conquistadores" espanhóis sobre os acontecimentos na América, com o objetivo de edificar sua própria imagem perante os membros da monarquia espanhola. Essa hipótese é atestada a partir das constatações feitas na análise do *corpus* de extração

histórica, como as crônicas sobre a “conquista” da América, que exaltam personagens como os exploradores Cristóvão Colombo e Hernán Cortés, sobre os quais existem, porém, discursos que contradizem o enaltecimento construído pela historiografia tradicional a esses supostos “heróis” nacionais. Um exemplo dessas contradições é o documento *Colón desde Andalucía* (1492-1505), encontrado por Consuelo Varela, em 2005, que apresenta denúncias à violência que Colombo e seus irmãos, Diego e Bartolomeu, promoviam aos nativos de Guanahaní/“*La Española*”. Essa outra face de Colombo, porém, como o “tirano do caribe”, não foi explorada pela historiografia tradicional, que servia para reforçar os domínios de impérios expansionistas da época, como Espanha e Portugal.

Outro exemplo dessa manipulação dos registros oficializados é a inconsistência existente sobre as denúncias feitas por Colombo ao cacique Caonabó, pelo ataque ao forte *La Navidad*, sobre o qual o marinheiro modifica seu próprio discurso quando escreve aos reis e diverge, em diferentes momentos, na quantidade de espanhóis que o cacique taíno, supostamente, teria assassinado. Temos, ainda, a construção do “mito do bom selvagem”, uma edificação de sujeitos como os taínos, representados como um povo pacífico, sem cobiças, que aceitariam tudo que lhes fosse imposto, segundo cronistas como Pietro Martire d’Anghiera, com base nos relatos de Colombo e seus homens. Esse perfil descrito aos nativos, porém, não condiz com os massacres dessas comunidades, levados a cabo pelos colonizadores, nem com as acusações feitas a certos taínos, como Caonabó, pois essas ações indicam que os “bons selvagens” não foram totalmente submissos ou pacíficos perante as imposições do povo espanhol.

A partir dos resultados alcançados pelas ações que levaram à concretização dos objetivos propostos e à confirmação de nossas hipóteses, a tese por nós defendida está confirmada. Este resultado aponta para a relevância deste estudo, já que a figura de Anacaona ainda é, majoritariamente, desconhecida em quaisquer territórios alheios à região insular que abriga, atualmente, as nações do Haiti e da República Dominicana. É apenas nessas duas nações que a memória dessa líder nativa persiste de maneira significativa, como representação do poder feminino de resistência perante os genocídios sofridos pelos nativos do continente americano durante o período da colonização da América, projeto expansionista executado por grandes impérios dos séculos XV e XVI, como o português e o espanhol.

A limitação do conhecimento sobre a atuação da cacica taína Anacaona a um espaço geográfico e social pontual é, por si só, outro indício de comprovação da nossa tese, pois pouco se conhece, em especial, no território latino-americano, sobre a nossa própria história e seus personagens. Em contraposição, muito se conhece sobre a atuação de personagens consagradas pela historiografia tradicional hegemônica europeia, como os exploradores Cristóvão Colombo e Hernán Cortés.

Tal fato reforça a necessidade, ainda existente, de romper com os padrões estabelecidos durante séculos sobre a história latino-americana, a partir de leituras críticas/decoloniais, que apresentam ao seu leitor ressignificações literárias de personagens que foram ocultadas ou subjugadas nos registros oficializados pela história tradicional, como é o caso da autóctone Anacaona. Essa cacica caribenha é uma das únicas figuras representativas de poder feminino autóctone na história da América Latina, que foi assassinada junto à sua comunidade taína e sobre a qual existem escassos registros.

A memória de Anacaona persiste na cultura popular e oral, por meio de canções, lendas e estudos como o que apresentamos. Um dos espaços nos quais a imagem da cacica taína persiste é no universo literário, que possibilita a transformação do pensamento latino-americano sobre sua própria história, ainda repleto de reminiscências do colonialismo na atual colonialidade. Pesquisas como a que realizamos nesta tese representam contribuições auspiciosas para a descolonização e decolonialidade do imaginário latino-americano e para a formação de leitores críticos decoloniais em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, p. 82-85, 1991.

ALBRIGHT, Timothy. Thacher was a man of ideas and action. *The Altamont Enterprise – Opinion*, 19 jun., 2014. Disponível em: https://altamontenterprise.com/opinion/letters-editor/regional/06192014/thacher-was-man-ideas-and-action. Acesso em: 26 ago. 2024.

ANGHIERA, Pietro Martire d'. *De Orbe Novo, the eight decades of Peter Martyr D'Anghera (volume I).* Tradução de Francis Augustus MacNutt. New York: Knickerbocker Press, 1912.

BÁEZ, Fernando. *El saqueo cultural de América Latina*: de la conquista a la globalización. Barcelona: Editorial Debate, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination*: four essays by M. M. Bakhtin. Tradução de Caryl Emerson e Michael Holquist. United Stated: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. A estilística contemporânea e o romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética:* a teoria do romance. Tradução de Aurora F. Bernadini *et al*. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 72-84.

BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. *Revista Diálogos*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set./dez. 2013. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/35976/18595. Acesso em: 26 ago. 2024.

BELAUSTEGUIGOITIA, Santiago. Un documento revela la crueldad de Colón en su gobierno de América. *El País*, Sevilla, 13 jul. 2006. Disponível em: https://elpais.com/diario/2006/07/14/cultura/1152828004_850215.html. Acesso em: 26 ago. 2024.

BERNDT, Jorge Antonio; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí; OLIVEIRA, Marcio da Silva; CANDIDO, Weslei Roberto. Uma Leitura Decolonial de Xicoténcatl [1826; 2020]. *A Cor das Letras*, v. 24, n. Esp., p. 280-297, jul., 2023. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/9341. Acesso em: 27 set. 2023.

BIANCATO, Adriana Aparecida. *A escrita híbrida de História e Ficção de María Rosa Lojo* – Amores Insólitos de nuestra historia (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/4138. Acesso em: 26 ago. 2024.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia*: a Escola dos Annales (1929-1989). Tradução de Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CABALLOS, Esteban Mira. Algunas precisiones en torno al gobierno de Fray Nicolás de Ovando en la Española (1502-1509). *Revista de estudios extremeños*, v. 52, n. 1, 1996, p. 81-98. Disponível em: https://www.dip-badajoz.es/cultura/ceex/reex_digital/reex_LII/1996/T.%20LII%20n.%201%201996%20en.-abr/RV11113.pdf. Acesso em: 26 ago. 2024.

CABALLOS, Esteban Mira. *La gran armada colonizadora de Nicolás de Ovando, 1501-1502*. 1. ed. República Dominicana: Academia Dominicana de la Historia, 2014.

CAMINHA, Pero Vaz de. (1495 e 1521). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2019.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. *El giro decolonial*: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. *El giro decolonial*: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Siglo del Hombre Editores: Bogotá, 2007. p. 79-92.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero*: ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COUTINHO, Eduardo. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? In: *ANAIS do 2º Congresso Abralic*, Belo Horizonte, 1995, p. 621-633.

COUTINHO, Eduardo. La literatura comparada em América Latina: sentido y función. *Voz y escritura. Revista de estudios literarios*, Venezuela, n. 14, jan./dez. 2004, p. 237-258.

DANTICAT, Edwidge. *Anacaona*: Golden Flower. New York: Scholastic Inc., 2005.

DEKKER, George. *The American historical romance.* Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1987.

DEL POZO GONZÁLES, Leila Shaí. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013].* 212 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2017.

DORADO MENDEZ, Hugo Eliecer Dorado. *Nuestro Bolívar*: da heroificação à humanização da sua figura na ficção. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade da Integração Latino-americana-UNILA, Foz do Iguaçu. 2021.

DORADO MENDEZ, Hugo Eliecer; FLECK, Gilmei Francisco. Projetos decoloniais na América Latina: o romance histórico latino-americano e a dupla descolonização epistemológica. *Nova Revista Amazônica,* v. 10, n. 1, junho-2022. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/12763. Acesso em: 26 ago. 2024.

DUSSEL, Enrique. *1492 – El encubrimiento del otro*: hacia el origen del “mito de la modernidad”. Buenos Aires: Docencia, 1994.

DUSSEL, Enrique. *Filosofía ética latinoamericana*: de la erótica a la pedagógica de la liberación. Mexico: Editorial Edicol, 1977.

ESTEVES, Antônio R. O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 114-136, dezembro 2007.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Unesp, 2010.

ESTEVEZ, Jorge Baracutei. Conheça os “sobreviventes” de um genocídio que nunca existiu. 2019. *National Geographic*. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/10/sobreviventes-genocidio-no-papel-indigena-caribe-tainos-extintos-dna. Acesso em: 27 ago. 2024.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-general-y-natural-de-las-indias-islas-y-tierrafirme-del-mar-oceano-primera-parte--0/html/. Acesso em: 26 ago. 2024.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela*: poética de la novela histórica. 2.ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, 2. sem. 2007.

FLECK, Gilmei Francisco. *Imagens metaficcionais de Cristóvão Colombo*: uma poética da hipertextualidade. 311f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/94126. Acesso em: 26 ago. 2024.

FLECK, Gilmei Francisco. Literatura comparada: visões teóricas e práticas desde uma perspectiva brasileira. *Línguas e Letras*, Cascavel – PR, v. 13, n. 25, p. 389-410, 2. sem. 2012.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco; LANGNER, Alceni Elias. O novo romance histórico latino-americano: a desconstrução de um perfil demonizado construído a partir das crônicas de 1559-1561. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 121-135, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2017v22n2p121. Acesso em: 27 ago. 2024.

FLECK, Gilmei Francisco; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. A tradução no contexto latino-americano: vias para a descolonização – diálogos entre culturas e épocas. In: Anônimo. *Xicoténcatl:* o primeiro romance histórico latino-americano. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

FLECK, Gilmei Francisco. Tradução e decolonialidade na América Latina. *Revista A Cor das Letras*, v. 24, n. Esp., p. 247-267, jul. 2023. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/9330. Acesso em: 2 abr. 2024.

FLECK, Gilmei Francisco. Leituras de narrativas híbridas de história e ficção: A formação do leitor literário decolonial no Ensino Fundamental – vias à descolonização. In: FLECK, Gilmei Francisco; CORBARI, Clarice Cristina (Orgs.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras*: leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 13-61.

FLUDERNIK, Monika. *An Introduction to narratology*. Translated from the German by Patricia Häusler-Greenfield and Monika Fludernik. England: Routledge, 2009.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1971.

GARCÍA GUAL, Carlos. *Apología de la novela histórica y otros ensayos*. Barcelona: Península, 2002.

GASPAROTTO, Bernardo Antonio. *Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo:* uma leitura de *Vigilia del Almirante* (1992) e *Carta del fin mundo* (1998). 215f. Dissertação

(Mestrado em Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2011.

GAYANGOS, Don Pascual de. *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V.* 1519-1526. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0974782. Acesso em: 27 ago. 2024.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 2007.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GONZÁLEZ AMEZÚA, Agustín. El archivo general de Simancas y la historia de España. *Revista nacional de educación*, Madrid, 1945, n. 54; p. 11-30. Disponível em: https://redined.mecd.gob.es/xmlui/handle/11162/69647. Acesso em: 26 ago. 2024.

GREENBLATT, Stephen. *Marvelous possessions*: the wonder of the new world. University Of Chicago Press: Chicago, 1991.

GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, n. 4, enero-junio, 2006, p. 17-46, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600402. Acesso em: 29 jul. 2023.

GROSFOGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones decoloniales: una breve introducción. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 9, p. 29-37, julio-diciembre, 2008.

GUERRA, Lucía. *Mujer y escritura:* fundamentos teóricos de la crítica feminista. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

HANCIAU, Nubia Jacques. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*: ensinamento das formas de arte do século XX. Tradução de Tereza L. Peres. Lisboa: Edições 70, 1985.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IRVING, Washington. *Vida del Almirante Cristóbal Colón*. Tradução de José García Villata e N. Fernández Cuesta. Madrid: Istmo, 1992.

KLOCK, Ana Maria. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latinoamericana (1940)*: dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade

Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2021. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5661. Acesso em: 26 ago. 2024.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAS CASAS, Fray Bartolomé de. *Apologética historia sumaria*. [S. l.]: Fundación El Libro Total, 1566. Disponível em: https://www.ellibrototal.com/ltotal/?t=1&d=4072. Acesso em: 26 ago. 2024.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. 1552. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. *A morte de colombo*: metamorfose e fim do ocidente como mito. Lisboa: Gradiva, 2005.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARQUES, Gracielle. *A voz das mulheres no romance histórico latino-americano*: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda, e Finisterre, de María Rosa Lojo. 242 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2016.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MARTÍNEZ MIGUÉLEZ, Angeles. *Mujeres indígenas:* entre la opresión y la resistencia. Madrid: Asociación Mujeres por La Paz, 1994.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, Kurt; ARELLANO, Ignacio; MATA, Carlos (Orgs.). *La novela histórica*: Teoría y comentarios. Pamplona, EUNSA, 1995a. p. 13-63.

MATA INDURÁIN, Carlos. Estructuras y técnicas narrativas de la novela histórica romántica española. In: SPANG, Kurt; ARELLANO, Ignacio; MATA, Carlos (Orgs.). *La novela histórica*: Teoría y comentarios. Pamplona, EUNSA, 1995b. p. 145-198.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*: 1979-1992. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, Walter D. *La idea de América Latina*: La herida colonial y la opción decolonial. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007a.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. *El giro*

decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Siglo del Hombre Editores: Bogotá, 2007b. p. 25-46.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 ago. 2024.

MILTON, Heloísa Costa. *As histórias da história*: retratos literários de Cristóvão Colombo. 189f. Tese (Doutorado de Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992a.

MILTON, Heloísa Costa. O Diário de bordo de Cristóvão Colombo: discurso da "maravilha" americana. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 32, p. 169-183, 1992b.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*: teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 2000.

NOVAES, Paulo. *A caravela dos insensatos*: uma viagem pela Renascença. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ORELLANA, Francisco José. *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*. Barcelona: Imprenta del Porvenir, 1860.

PALERMO, Zulma. ¿Por qué vincular la Literatura Comparada con la Interculturalidad? In: CROLLA, Adriana Cristina (Org.). *Lindes actuales de la literatura comparada*. 1. ed. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 126-134.

PALERMO, Zulma. Zulma Palermo: a opção decolonial como um lugar-outro de pensamento. Tradução de Bruna Macedo de Oliveira. *Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 2, p. 44-56, 2019. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/2466/2132. Acesso em: 17 abr. 2023.

PANER, Frei Ramón. *Relación acerca de las antigüedades de los indios*: nueva versión con notas, mapas y apéndices por José Juan Arrom. 3. ed. México: Siglo XXI, 1974.

PERKOWSKA-ALVAREZ, Magdalena. La novela histórica contemporánea: el cuestionamiento y la explosión del modelo. In: *América*: Cahiers du CRICCAL, n. 34, 2006. Les modèles et leur circulation en Amérique latine, v. 2, p. 177-185. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_2006_num_34_1_1759. Acesso em: 7 maio 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINILLA, Luis Darío Bernal. *Anacaona y las tormentas*. México: Fondo de cultura económica, 1994.

PIZARRO, Ana. *Amazônia*: as vozes do rio: imaginário e modernização. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

POOLE, Robert M. Who Were the Taíno, the Original Inhabitants of Columbus' Island Colonies? *Smithsonian Magazine*, October, 2011. Disponível em: https://www.smithsonianmag.com/travel/what-became-of-the-taino-73824867/. Acesso em: 26 ago. 2024.

POSSE, Abel. *La santa locura de los argentinos*. Buenos Aires: Emecé, 2007.

POTTHAST, Barbara. *Madres, obreras, amantes... protagonismo feminino en la historia de América Latina*. Tradução de Jorge Luis Acanda. Madrid: Iberoamericana, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes*: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Revista Perú Indígena*, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf. Acesso em: 26 ago. 2024.

RAHOLA, Federico; ESTASÉN, Pedro. *D. Francisco José Orellana, literato y economista*. Barcelona: Imprenta Barcelonesa, 1892.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial*: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RIBEIRO, Bruna Otani. *Cativas, degredadas e aventureiras*: mulheres na colonização latino-americana. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Ángel (ed.). *Mitología Taína o Eyeri – Ramón Paner y la Relación sobre las antigüedades de los Indios*: el primer tratado etnográfico hecho en América. Porto Rico: Editorial Nuevo Mundo, 2011.

ROJAS, Jordi Díez. *Anacaona*: la última princesa del Caribe. Scotts Valley, California, US: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al*. *A personagem de ficção.* São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 9-50.

ROUMAIN, Maryse Noël. *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti*. Estados Unidos: Trafford Publishing, 2012.

ROUSE, Irving. *The Tainos:* Rise and Decline of the People Who Greeted Columbus. New Haven, US: Yale University Press, 1992.

SANTIAGO, Santiago. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 39-62.

STROMBERG, Malim. *What makes metafiction meta*? A comparative study of literary self-reflexivity from Sterne to Winterson. 102f. Dissertação (Mestrado) – Masteroppgave i Allmenn litteraturvitenskap ved ILOS – Universitas Osloensis, Oslo, 2017.

THACHER, John Boyd. *Christopher Columbus, His Life, His Works, His Remains*. New York: Knickerbocker Press, 1903.

THOMAS, Hugh. *El Imperio español*: de Colón a Magallanes. Tradução de Víctor Pozanco. Madrid: Planeta, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TONET, Tatiana Pereira. *Revolução Haitiana*: da história às perspectivas ficcionais – El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2018. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3677. Acesso em: 26 ago. 2024.

TORREJÓN, José Miguel Martínez. *Bartolomé de Las Casas*: Brevísima relación de la destrucción de las Indias. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

TORRES, Viviane. *Anacaona*: the golden flower queen/la reina flor de oro. New York: Cayena Press, 2019.

TUDELA BUESO, Juan Perez de. *Obras escogidas de Fray Bartolome De Las Casas:* Historia de las Indias. Madrid: Atlas, 1957.

UBER, Beatrice. *A inserção da mulher europeia na conquista do "Novo Mundo" – perspectivas literárias.* 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

USLAR PIETRI, Arturo. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.

VALLEJO, Catharina Vanderplaats de. *Anacaona*: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización. Santo Domingo: Banco Central de la República Dominicana, 2015.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón*: textos y documentos completos. Ed. Consuelo Varela e Juan Gil. 3. ed. Madrid: Alianza, 1997.

VARELA, Consuelo. *La caída de Cristóbal Colón*: el juicio de Bobadilla. Ed. Isabel Aguirre. Madrid: Marcial Pons, 2006.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

VILLI, Tairon. *A ficção do indizível*: historiografia indisciplinada e memória das ditaduras militares na América do Sul. 221 f. (Tese de Doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/86501. Acesso em: 10 abr. 2024.

WALSH, Catherine*. Interculturalidad, estado, sociedad*: luchas (de)coloniales de nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala: Ecuador, 2009.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. *Letras*, Curitiba, n. 43, p. 11-23, 1994.

WHITE, Hayden. *Ficción histórica, historia ficcional y realidad histórica*. Tradução de María Inés LaGreca *et al*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Violence against women. *World Health Organization,* March, 2024. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women. Acesso em: 26 ago. 2024.

ZAMORA, Margarita. El descubrimiento de la diferencia sexual en los textos colombinos. In: ZAVALA, Iris M. *Breve historia feminista de la literatura española*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 101-126.

APÊNDICE A – Pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos contemporâneos de mediação

Autor/Ano/Instituição	**Natureza/Título** **Corpus de análise**
Bernardo Antonio Gasparotto 2011/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501	Dissertação: *Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: o descobrimento da América na ficção*.
	– *Vigilia del Almirante* (1992), Augusto Roa Bastos; – ***Carta de fin del mundo*** (1998), Jose Manuel Fajardo.
Adenilson de Barros de Albuquerque 2013/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2380	Dissertação: *Narrativas canudenses: conflitos além da guerra*.
	– *Os jagunços* (1898), Afonso Arinos; – *João Abade* (1958), João Felício dos Santos; – *A casa da serpente* (1989), José J. Veiga; – *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), Ayrton Marcondes; – *Veredicto em Canudos* (2002), Sándor Márai; – ***Luzes de Paris e o fogo de Canudos*** (2006), Angela Gutiérrez; – *La guerra del fin del mundo* (1981), Mario Vargas Llosa; – ***O pêndulo de Euclides*** (2009), Aleilton Fonseca.
Bruna Otani Ribeiro 2014/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/2385	Dissertação: *Cativas, degregadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americana*.
	- *Lucía Miranda* (1860), Eduarda Mansilla (reeditado por María Rosa Lojo); - ***Desmundo*** (1996), Ana Miranda; - ***Inés del alma mía*** (2006), Isabel Allende.
Gislaine Gomes 2019/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4264	Dissertação: *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia Leuchtemberg (1999) – um romance histórico de mediação.*
	– ***Imperatriz no fim do mundo*****: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg** (1992), Ivanir Calado.
Tatiana Tonet 2018UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3677	Dissertação: *Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais - El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende*.
	– *El reino de este mundo* (1949), Alejo Carpentier; – ***La isla bajo el mar*** (2009), Isabel Allende.
Beatrice Uber 2017/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: *A inserção da mulher europeia na conquista do "Novo Mundo" – perspectivas literárias.*

Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471	– ***Desmundo*** (1996), Ana Miranda; – *Bride of New France* (2013), Suzanne Desrochers.
Marina Luiza Rohde 2017/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3468	Dissertação: *Anita Garibaldi: de heroína à mulher - a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro.*
	– *I Am My Beloved*: The Life of Anita Garibaldi (1969), Lisa Sergio; – *A Guerrilheira* (1979), João Felício dos Santos; – ***Anita cubierta de arena*** (2003), Alicia Dujovne Ortiz.
Adriana Aparecida Biancato 2018/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4138	Dissertação: *A escrita híbrida de história e ficção de Maria Rosa Lojo: Amores insólitos de nuestra história (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados.*
	Contos extraídos da obra ***Amores Insólitos de nuestra historia*** (2001), María Rosa Lojo: – *La historia que Ruy Díaz no escribió*; – *El Maestro y la Reina de las Amazonas*; – *Amar a un hombre feo*; – *Otra historia del Guerrero y de la Cautiva.*
Patricia de Oliveira 2019/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690	Dissertação: *Entre mulheres, a história: olhares literários sobre a colonização da América.*
	– ***A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*** (2002), Maria José Silveira. –
Adenilson de Barros de Albuquerque 2020/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/4708	– *Tese: A "palavra armada": ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870).*
	– ***No robarás las botas de los muertos*** (2002), de Mario Delgado Aparaín; – *Caballero* (1986), de Guido Rodríguez Alcalá; – *Los papeles de Burton* (2012), de Mercedes Rubio; – ***Menina*** (2012), de Paulo Stucchi; – ***A solidão segundo Solano López*** (1892), de Carlos de Oliveira Gomes; – ***Cuanhataí*** (2003), Maria Filomena Lepecki; – ***Águas atávicas*** (2013), de Marcos Faustino; – ***Pancha*** (2000), de Maybell Lebron; – Río escarlata (2016), de María Eugenia Garay; – ***Aquel sagrado suelo*** (2000), de Federico Peltzer; – ***El piano de Chopin*** (2017), de Zelmar Acevedo Díaz.
Amanda Maria Elsner Matheus 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em:	Dissertação: *Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura.*
	– *Columbus and Beatriz* (1892), Constance Goddard DuBois;

http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407	– ***Colón a los ojos de Beatriz*** (2000), Pedro Piqueras.
Jucélia H. de Oliveira Pires 2021/UNIOESTE-Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5403	Dissertação: *Ressignificações do passado na trilogia de Abel Posse (1978; 1983; 1992) – da crítica desconstrucionista do novo romance histórico ao romance histórico contemporâneo de mediação.*
	– *Daimón* (1978), Abel Posse; – *Perros del paraíso* (1983), Abel Posse; – ***El largo atardecer del caminante*** (1992), Abel Posse.
Ana Maria Klock 2021/UNIOESTE – Cascavel Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661	– Tese: *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem.*
	– *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier; – *Perros del paraíso* (1983), de Abel Posse; – *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; – ***Crónica del descubrimiento*** (1980), de Alejandro Paternain; ***El conquistador*** (2006), de Federico Andahazi.
Thiana Nunes Cella 2022 UNIOESTE-Cascavel (em andamento)	– *Tese: Retratos literários do Paraná* – do clássico ao contemporâneo: uma trajetória do romance histórico paranaense.
	– *O drama da fazenda Fortaleza* (1941), de David Carneiro; – *Origens* (1961), de Pompília Lopes dos Santos; – *Guayrá* (2017), de Marco Aurélio Cremasco; – *O herói provisório* (2017), de Etel Frota; – ***Terra vermelha*** (1998), de Domingos Pellegrini; – ***Um amor anarquista*** (2005), de Miguel Sanches.
Tatiane Cristina Becher 2021/2024 UNIOESTE-Cascavel (em andamento)	Tese: *Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no Caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina.*
	– ***Anacaona y las tormentas*** (1994), Luis Dario Bernal Pinilla; – ***Anacaona, golden flower*** (2015), Edwidge Danticat; – ***Anacaona: la última princesa del Caribe*** **(2017),** Jordi Díez Rojas.
Beatrice Uber	Tese: *As órfãs da rainha – the Jamestown brides – les filles du roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América.*

2020/2024 UNIOESTE – Cascavel/PR (em andamento)	– ***Desmundo*** (1996), Ana Miranda; – *To have and to hold* ([1900] 2016), Mary Johnston; – ***Promised to the crown*** (2016), Aimie K. Runyan.
Marina Luísa Rohde 2019/2023 UNIOESTE – Cascavel Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6530	Tese: *Manuela Sáenz: da história às ressignificações ficcionais – o percurso da colonialidade à descolonização e à decolonialidade.*
	– ***Our Lives Are the Rivers*** (2006), de Jaime Manrique; – *Manuela* (1991), de Luís Zúñiga; – ***La Gloria eres tú*** (2000), de Silvia Miguens.

OBS: Os romances destacados em negrito são considerados, pelos pesquisadores, exemplares da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, segundo os pressupostos teóricos de Fleck (2017).
Fonte: Elaborado com base em Klock (2021, p. 190-192), com inclusões da autora.